Autora best-seller da Revista Veja

J. MARQUESI

Millos

OS KARAMANLIS
LIVRO 4

Autora best-seller da Revista Veja
J. MARQUESI

PLAYLIST

Para ouvir a *playlist* de “*Millos*” no *Spotify*, abra o app no seu celular, selecione buscar, clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo.

Ou clique aqui -> ***Spotify***

PRÓLOGO

Oh mother, tell your children
Not to do what I have done
Spend your lives in sin and misery
In the house of the rising Sun[1]

Atenas, 1997

Os sons sempre eram os mesmos, não importava onde quer que eu estivesse, dentro de um armário, debaixo da cama, deitado na banheira vazia do banheiro no final do corredor ou num quarto de motel barato. Não havia modo de fazer cessar o barulho dentro de mim.

Demorei muitos anos para entender o que me acordava no meio da noite quando criança, isso só foi possível à medida que fui crescendo. Meu sono era interrompido por algo que me assustava, mas eu acabava voltando a dormir, ou pelo menos foi assim até os seis anos de idade.

Talvez, se eu tivesse mantido sons e imagens em separado, conseguiria voltar a dormir normalmente, mas, em uma noite qualquer, fui despertado com o coração disparado e a boca seca. Levantei-me da cama e resolvi caminhar pela casa a fim de descobrir o que era aquela barulheira toda.

Foi aí que os sons mudaram para mim.

Antes, eu os ouvia e associava a alegria, a festas e logo voltava a relaxar. No entanto, não depois daquela noite em que fui atrás de respostas. Dizem que a curiosidade matou o gato, mas naquele momento percebi que, na verdade, a curiosidade matou minha inocência e meus sonhos.

Nada mais foi como antes! Nem eu nem minha família.

De certa forma, a ignorância me protegia, permitia que eu estivesse afastado de toda a podridão à minha volta. Eu era um inocente em seu mundo de sonhos, um Éden particular no meio do inferno. Então, assim como aprendi com *giagiá*[2] que, ao comer a maçã, Adão e Eva foram contaminados pelo pecado, naquela noite, ao não voltar a dormir, fui jogado no meio do esgoto.

Tudo ruiu, o véu se rasgou, e as máscaras foram ao chão.

Quando o tormento se tornou insuportável, quando chorar já não era mais opção para um garoto de pouca idade, recebi consolo através da dor e me refugiei nela para fingir que nada anormal acontecia em minha vida.

A cada novo "evento", eu criava uma lembrança dolorosa e focava nela e não nas atrocidades que via; a cada grito, a cada gargalhada, lembrava-me da dor e do sangue do meu próprio corpo, tentando esquecer as memórias atrozes do dia em que fui até o porão de nossa casa e minha inocência morreu.

O grito soa mais alto em minha memória, sobrepondo-se à música ensurdecedora que toca, e relembro as vozes embriagadas, as risadas nefastas como os ganidos de uma hiena. Sou transportado a um tempo em que, ao ouvir esse som, tampava os ouvidos e ficava com olhos arregalados, ressequidos pela mistura de medo e ódio que se acumulava a cada dia dentro de mim. Todos os músculos do meu corpo franzino ficavam tensos, minha pele se tornava pegajosa, embora fria, mesmo quando eu estava todo embolado em mim mesmo num canto escuro qualquer.

Endureci em meses o que deveria ter acontecido apenas a um velho que

viu muita desgraça em sua vida. Aprendi a ser esperto e me manter longe dos olhos de pessoas que poderiam me prejudicar, a calar minha boca e fingir demência sempre que alguém tentava descobrir até onde eu sabia. Entretanto, minha falta de atitude teve um preço, e estou pagando por ela até hoje.

Minhas notas do colégio de repente ficaram todas negativas, as amizades que cultivava desde que usava fraldas se foram, e comecei a arrumar briga com quem quer que fosse apenas para aliviar um pouco o tormento que me consumia.

Quando tudo isso começou, há 10 anos, mamãe foi chamada à escola, mas ela já não tinha mais coragem para me repreender ou ensinar, ela mal me olhava. Meu pai provavelmente ficou sabendo, mas, como nunca se meteu nos assuntos domésticos – e minha educação era responsabilidade de sua esposa –, ignorou qualquer reclamação que uma "diretorazinha puta" ousou fazer sobre um Karamanlis.

Um Karamanlis era sempre intocável!

Um Karamanlis era sempre irrepreensível!

Pois é, sou um Karamanlis, o segundo neto de Geórgios, o homem mais rico da Grécia, e isso não tornou minha vida mais fácil ou agradável, apenas me destruiu lentamente. O velho *pappoús*[3] achou que, me tirando à força daquela casa dos infernos, iria conter o monstro que eles plantaram dentro de mim, mas estava enganado. O monstro estava no meu sangue, e nada poderia contê-lo.

À medida que fui crescendo, fui engolido pela raiva, atropelado pela fúria, forjado pela violência. Sentia que nada poderia me atingir, pois toda merda que fazia era imediatamente limpa, e assim me tornava mais sujo e mais astuto.

Bem que tentei ser parecido com Theodoros, o garoto prodígio, certinho, o sucessor do grande Geórgios, o filho mais velho de Nikkós Karamanlis. *Sinceramente, invejei Theodoros por um tempo!*

Crescemos juntos na casa de *pappoús*, dois fodidos, cada um a seu modo.

Theo aprendeu a se curvar diante da vontade do velho e se esmerava em ser aquilo que nosso avô desejava que ele fosse.

Eu não!

Nossas férias em família foram espetaculares até um tempo atrás, quando os netos do todo-poderoso Geórgios Karamanlis se reuniam na mansão para conviverem, ao menos um pouco, e cada um encenava seu papel de criança feliz, ainda que todos soubéssemos que tudo era fingimento.

Konstantinos vinha de Londres, um garoto grandalhão, três anos mais novo que eu, que parecia um peixe fora d'água no meio dos outros; uma dúzia de garotos da nova geração de Karamanlis, cada um tentando parecer menos fodido que o outro, mas todos tão podres por dentro quanto eu mesmo.

Apesar de não ter sido de todo ruim a convivência com meus primos, uma hora tudo desmoronou, e nossa maldição nos deixou expostos, quando Theo, o neto amado, criado por *pappoús* como se fosse um filho, surpreendeu a todos ao se mostrar a reencarnação do próprio Édipo e quase matou o velho Karamanlis de desgosto.

Confesso que ri bastante da situação, porque me senti menos *errado* dentro daquela família, embora soubesse que, em algum momento, todos passaríamos pelo inferno de ter nascido um Karamanlis.

Enfim, chega de história, chega de me lembrar do passado, enquanto meu presente continua podre. Não tenho muito mais a falar de mim ou da minha história, a não ser que enumere todas as merdas que deixei pelo caminho nesses meus poucos anos de vida.

Este sou eu: um verdadeiro retalho humano, fodido de pai e de mãe, Millos Panagiotopoulos Karamanlis.

— Millos! — A voz esganada me faz parar de viajar nos pensamentos e voltar à realidade da maldita noite de foda em um motel barato nos arredores de Atenas.

Olho para o rosto da mulher com quem estou fodendo desde ontem, quando entramos neste quarto há 12 horas. Ela está praticamente

irreconhecível, toda roxa, marcada em vários lugares, os olhos esbugalhados, a boca aberta buscando ar.

— Millos! — suplica de novo, a voz cada vez mais fraca, e é preciso uma força enorme para eu parar de mover meus quadris e tirar a mão de sua garganta.

Porra!

Pulo da cama e acabo batendo de costas contra um móvel vagabundo e bambo. Olho ao redor, notando a destruição que promovi no quarto, a sujeira ao redor, as garrafas de bebidas deixadas no chão, os pacotes de *fast food* abertos e espalhados com restos de sanduíches e molhos caídos pelo carpete.

Mal consigo respirar, não sei há quantos dias estou virado, entrando de quarto em quarto com mulheres diferentes, causando dor e destruição. Olho para a que está na cama, cujo nome não faço ideia, vejo-a massagear o pescoço dolorido, mas sem reclamar dos chupões, mordidas e marcas pelo seu corpo.

Filho da puta desgraçado!, o resto de consciência que me resta me acusa ao imaginar a dor que lhe infligi enquanto trepávamos. E tudo isso para quê? Para causar prazer e saciar o tesão? Porra nenhuma! Há muito tempo não sei o que é sentir alguma coisa, vou no automático, enfio meu pau em qualquer buraco quente, soco até gozar, tomo algumas pílulas de sedativo com bebida na esperança de que consiga dormir, mas só fico ainda mais agitado e volto a trepar de novo.

— Seu porco desgraçado! — a mulher grita ao se olhar no espelho. — Olha o que você fez comigo! Eu te amei, e olha o que você fez comigo! Você está me matando!

Encaro-a de volta através do espelho, tento ignorar os olhos verdes cheios de lágrimas, o corpo coberto de hematomas, o sangue escorrendo do lábio inferior e a cara lavada de porra enquanto ela chora e tenta chegar perto de mim para me implorar por sua vida, por sua segurança e proteção.

Crispo minhas mãos, tentando não me deixar ir por esse caminho,

tentando não lembrar, então afundo minhas unhas na palma da mão até que a dor comece a me puxar de volta para a realidade.

Eu sou a porra de um monstro, sou podre, condenado ao inferno, filho do capeta, uma aberração.

Ela avança para perto de mim, e a mando ficar onde está, ignorando seus apelos de socorro, o sangue a escorrer por seu corpo todo.

Olho para os lados em busca de qualquer coisa que possa usar como arma; arranco um pedaço da madeira do móvel atrás de mim e o finco em meu braço. A dor lancinante me faz arregalar os olhos e gemer alto. Olho para o teto, a dor física levando-me às alturas ao mesmo tempo em que afundo ainda mais o objeto na minha carne.

— Millos! — Ouço um grito. — Ah, caralho! — Alguém segura minha mão e a tira da lasca de madeira. — Olha para mim! Millos, olha para mim!

Consigo fazer o que a voz desesperada me pede e novamente me assusto ao perceber que todas as marcas e machucados sumiram do rosto e do corpo da mulher nua à minha frente.

Ela parece entender minha confusão, olha para os lados nervosa, morde os lábios e então fala devagar:

— Estávamos fazendo sexo, e você começou a surtar. Chamei você várias vezes, mas parecia que não estava ali, então me segurou pelo pescoço. — Ela olha para meu braço, ainda com a pequena estaca improvisada fincada nele. — Você pulou da cama, quebrou o móvel e começou a falar com alguém... — Ela se afasta de mim. — Quem é Allegra? O que você fez com ela?

O simples fato de ela tocar nesse nome faz uma ferida muito pior do que a que acabei de me fazer no braço voltar a sangrar, o cheiro podre chegando às minhas narinas, lembrando-me de que ela está ali há muito tempo, sangrando, gangrenando, sem nunca cicatrizar.

Tive mais um surto, mais uma perda de controle e, embora tenha me afastado, poderia muito bem ter matado essa mulher!

Você precisa de ajuda, e, quando se der conta disso, estarei aqui para ajudá-lo!, a voz do terapeuta ao qual meu avô me obrigou a ir desde que me envolvi em uma briga na porta de uma boate volta aos meus ouvidos, e estremeço. Meus joelhos se dobram, e busco o mínimo de equilíbrio para permanecer de pé.

Quem é Allegra? O que você fez com ela?

Quem é Allegra? O que você fez com ela?

Nego com a cabeça, tampo os ouvidos como se isso me impedisse de ouvir meus pensamentos. Quero sumir e penso que deveria ter enfiado a estaca no meu peito, e não no antebraço.

Respiro fundo, busco o mínimo de controle e sanidade e acabo arrancando a madeira do meu corpo. Travo os dentes, reprimindo qualquer gemido de dor, aceitando que mereço passar por cada espasmo, e tampo o ferimento com a mão, o sangue escorrendo por entre os vãos dos dedos.

Olho para a moça bonita, que me encara assustada e muito pálida, e faço sinal em direção à porta.

— Vá embora! — O som baixo da minha voz soa mais ameaçador do que tive intenção, e ela não espera que eu repita o pedido, apenas junta suas coisas o mais rápido que pode e corre em direção à saída.

Antes de fechar a porta e sumir pelo corredor, titubeia, suspira e decide dizer:

— Você é um garoto muito gostoso, mas, com certeza, precisa de ajuda.

A porta é batida, e escuto os passos apressados dela, correndo para longe de mim.

Garoto!, penso, ironizando a palavra, e me sento no chão gasto do quarto. Há muito não sou um garoto! Posso ter pouco mais de 17 anos, mas não sou mais um menino, como também não sou um homem.

Eu sou um monstro, apenas isso!

Quem é Allegra? O que você fez com ela?

O que você fez com ela?

A pergunta martela minha cabeça, e, depois de muitos meses, soluço e banho meu rosto com lágrimas, admitindo a verdade que tenho tentado ocultar desde que ouvi esse nome pela última vez.

O que você fez com ela?, minha mente volta a repetir a pergunta, e, desta vez, respondo:

— Eu a matei!

01

The highway won't dry your tears
The highway don't need you here
The highway don't care if you're coming home
But I do, I do.[4]

Minas Gerais, tempos atuais – final de janeiro

Nunca, nunca mesmo, saia da sua programação!

Anoto essa frase em um guardanapo no barulhento bar da cidade onde estou preso há oito dias, esperando pelo conserto da minha moto, amaldiçoando minha sorte e tentando entender por que tive vontade de conhecer mais deste lugar a ponto de parar aqui, sendo que não estava no maldito roteiro da viagem.

A verdade é que não incluí Carrancas porque, como é um município pequeno, pensei apenas em "passar" por ele, mas, quando descobri as belezas naturais deste lugar, decidi que poderia arranjar uma pousada qualquer e ficar pelo menos um dia inteiro aproveitando suas lindíssimas cachoeiras.

Bom, reajustei meu roteiro porque estendi meus dias em algumas cidades do meu itinerário ao decidir que iria aproveitar todo o meu mês de férias nesta viagem. Então, quando parei aqui, dispunha de um dia ou dois para explorar as maravilhas do lugar. E fiz isso! Visitei duas cachoeiras, lavei meu corpo e minha alma com a água gelada das quedas d'água, depois jantei em um restaurante mineiro esplêndido, com comida típica e bem do jeito que gosto: pesada! Comi costelinhas de porco, angu, couve, farofa de ovo e tantos outros acompanhamentos que faria qualquer um dos meus primos – ou amigos – arregalarem os olhos. Comida de verdade, caseira, deliciosa, acompanhada de cachaça artesanal da branca e da escura.

Cheguei ao hotel completamente morto de cansaço, tomei um banho e desmaiei na cama do jeito que vim ao mundo, minha forma preferida de dormir. Acordei cedo no dia seguinte, tomei um café reforçado, pois queria visitar mais lugares da cidade antes de voltar a pegar estrada, mas não consegui nem mesmo sair da garagem do hotel.

Susanna, minha moto preferida, minha Harley companheira, simplesmente não pegou. Fiquei puto, louco mesmo, tive que voltar ao quarto, tomar um banho e buscar controle para não deixar que a frustração me fizesse perder a cabeça. Segui o ritual metódico de colocar uma roupa, ajeitar meu cabelo e só então fui até a recepção e pedi informação sobre um bom mecânico.

Meus anos de aficionado por motocicletas me deram alguma experiência, e esperava que os sinais que a moto me deu não fossem verdade. Acontece que mais uma vez a sorte não estava comigo! Consegui um bom mecânico, um senhor que também era louco por Harleys, e meus temores se confirmaram.

Um sensor, responsável pela partida, queimou e precisava ser reposto, coisa que seria simples em São Paulo, mas que, nesta pequena cidade, significava uma espera de dias. Encomendamos a peça – adivinhem onde? São Paulo! –, e, desde então, estou aguardando a chegada.

Seria bem mais fácil ter colocado a pobre Susanna em cima de uma prancha de um guincho e ido para casa, não? Pois é, seria, mas eu ainda tinha

a esperança de conseguir seguir meu itinerário e continuar minhas férias antes de voltar à rigidez e à tensão do trabalho, mas, a cada dia que passa, a cada hotel do itinerário que cancelo, penso que vou ficar preso aqui por muito tempo mais!

Contudo, mesmo com esse revés, não posso reclamar das minhas férias. Até o dia da deserção de Susanna, tudo correu maravilhosamente bem, desde o Réveillon até a visita às cachoeiras de Carrancas.

Passei a virada do ano no Rio de Janeiro, no Copacabana Palace, com alguns conhecidos cariocas que fiz desde que vim morar no Brasil. A maioria deles é empresário com quem tive algum tipo de negócio e se estabeleceu alguma constância de contato. Foi uma noite badalada, bebi bastante, conversei muito e fiz até um certo *networking*, já que vendemos e compramos propriedades no Brasil todo.

Fiquei hospedado em uma das *Penthouses* do Copa, algo que tive que reservar com quase um ano de antecedência, e, do alto da minha varanda, assisti à queima de fogos na praia, aproveitando o momento de solidão para meditar, avaliar tudo o que aconteceu no ano que se findou, traçar novos objetivos e torcer para que o ano novo pudesse vir realmente com muitas mudanças benéficas.

No dia seguinte, antes de pegar a estrada para Minas – a primeira parada seria em Juiz de Fora, na zona da mata mineira –, fui até a Barra da Tijuca, onde visitei um amigo que conheci há pouco mais de dois anos, através de Sâmi.

Sâmela Ortega é minha grande amiga, a pessoa que mais me conhece aqui neste país, uma das poucas pessoas que vê além da minha pose fria e calma. Ela é agente da polícia federal, uma das pessoas mais capacitadas de que eu já tive notícia e, por isso mesmo, foi responsável pelo esquema de segurança de um juiz federal jurado de morte, durante uma conferência em São Paulo. Benício Maldonado sobreviveu a vários atentados e, atualmente, é o principal alvo de uma quadrilha internacional. Jurado de morte depois do julgamento e condenação de um dos maiores traficantes da América do Sul, o homem se tornou um prisioneiro, escoltado 24 horas, sem paradeiro ou vida própria.

Nós nos tornamos amigos porque Sâmela decidiu que o juiz precisava de um descanso e, durante o tempo em que ficou em São Paulo, conseguiu levá-lo a vários locais de entretenimento, inclusive a um restaurante que costumo frequentar. Foi lá que nos conhecemos e onde nos tornamos amigos, e, desde então, mantemos contato.

Marcar a visita à casa dele foi quase como fazer uma preparação para receber um chefe de estado, tamanha burocracia, principalmente por ele nunca revelar em qual residência está, uma forma de tentar evitar um atentado. Encontramo-nos em uma casa em um condomínio fechado, altamente guardado, e pude perceber o quanto minha escolha de ter ido vê-lo pessoalmente foi benéfica.

Já estive preso, não em um local, mas dentro de mim mesmo. Já lidei com o medo frequente, com a falta de confiança nas pessoas ao meu redor e com o medo de morrer. Sei que minha condição psicológica era bem diferente da que ele passava. Contudo, sabia que podia ajudá-lo um pouco com todos os seus problemas, mesmo que ele não admitisse.

Almocei com Benício, conversamos por algumas horas e depois peguei a estrada. Levei um bom tempo somente passeando pelas cidades da zona da mata, hospedando-me em pequenas pousadas e fazendo "turismo" calmamente. Depois subi até Diamantina e comecei a fazer o caminho do ouro até Ouro Velho. Fiquei muitos dias nesta cidade histórica, cheia de ladeiras e obras de arte arquitetônicas.

Uma viagem assim, solitária, pode parecer chata para muitas pessoas, mas não para mim. Preciso desse tempo sozinho, avaliando minhas escolhas e as consequências delas. Sou muito consciente de tudo o que faço, porém nem sempre as coisas vão pelo caminho que planejo.

Recorrentemente minha cabeça me culpa por jogar com a vida alheia, manipular e fazer estratagemas. Admito que sigo por esse caminho, não sou do tipo que entrega de bandeja, gosto de pensar que, mesmo com meu "empurrãozinho", as pessoas chegam aonde deveriam estar naturalmente.

Não brinco de ser "Deus", como a Sâmi, por vezes, acusa-me, só tento fazer o possível para que as pessoas que me são caras sejam felizes. Acho que

o ciclo do sofrimento e do inferno dos Karamanlis tem que terminar.

Cansa, não vou mentir, estar sempre atento a tudo. Seguir com o propósito de findar essa maldição familiar tem duas faces: por um lado, sinto que essa “missão” me fortalece, preenche minha mente e me afasta dos meus próprios demônios. É uma forma que encontrei de expiar meus próprios pecados, tudo de atroz que fiz e que tento controlar para não fazer mais. Entretanto, ela me esgota, exige de mim um nível de controle e paciência que muitas vezes me consome.

Todavia, pago por isso, e, quando tudo se torna demais, subo na moto, *como estrada*, vou conhecer mais do país onde moro, onde me sinto em casa, integrar-me a novas culturas e novas pessoas, e assim renovo a energia para voltar e segurar meus propósitos com mais força.

Foi isso que fiz durante essas semanas em Minas Gerais, aproveitei o clima, a simpatia das pessoas deste lugar, o acolhimento, o tempo, que parece passar mais devagar, e a riquíssima gastronomia mineira.

Gastronomia... a simples menção dessa palavra me traz um rosto à memória: Duda Hill!

A última vez que vi a chef foi quando armei um encontro entre Theo e ela no... Meu telefone começa a tocar, e gargalho sozinho ao ver o nome na tela. É como diz o ditado: *pensa no diabo, que aparece o rabo!*

Levanto-me da banqueta de madeira na qual estou sentado desde que cheguei a este bar, próximo ao Centro da cidade, e atendo o telefone, caminhando em direção à saída.

— Theo! — saúdo-o.

— Millos...

Não consigo ouvir direito o que ele fala por causa da música alta, então saio do bar e paro na calçada.

— Oi, Theo, agora te ouço bem!

— Ei! Como vão as coisas por aí? — fala quase gritando ao telefone, e tenho vontade de rir, mas me lembro do motivo pelo qual estou neste bar barulhento.

— Uma merda, Theo! — sou sincero. — Tive um problema com a moto. Estou numa cidade do interior de Minas esperando o parecer da oficina mecânica sobre a peça que encomendaram via internet. Sinceramente, se não fosse a Susanna, eu já teria voltado para casa de carro.

O filho da puta gargalha do meu infortúnio, mas não o mando tomar no cu porque algo na calçada do outro lado da rua chama minha atenção. Franzo a testa ao ver um carro parando de repente e uma mulher sair – praticamente pulando para fora dele – e logo ser alcançada por um homem.

— Você já fez rotas bem maiores sem nenhum problema, parece até proposital passar por essa situação justo em uma rota de poucos dias! — Theo volta a falar, e paro de olhar para o casal, que parece tenso, e volto a conversar com meu primo.

— Nem fala, porra! Estou muito puto, muito mesmo! — Bufo. — Já era para eu estar terminando a viagem, e não tenho nem certeza mais se vou concluir a rota. Já cancelei dois hotéis do percurso. Só saio daqui com a Susanna! Provavelmente eu demore para voltar mais do que o previsto.

— Oh, Susanna, não chores por mim... — Theo cantarola, e não me seguro mais.

— Vai tomar no cu, Theodoros!

Ele gargalha, mas não entro no clima descontraído, pois estou novamente focado no casal do outro lado da rua.

As vozes alteradas me despertam sentimentos que não quero que acordem, então me afasto para não prestar atenção a eles. Caminho para longe, passo em frente a outro bar com música ao vivo muito alta, mas cujo gênero nem consigo distinguir, tamanha a tensão em meu corpo.

— Millos? — Theo me chama, e percebo sua voz preocupada.

— Desculpe, estou aqui — falo tentando não demonstrar meu nervosismo. — Estava tendo uma briga de casal, e eu me afastei. — Escuto-o respirar fundo e sei que ele está se lembrando do quanto tudo isso me afeta. Theo esteve por perto durante as fases mais pesadas da minha vida e sabe muito sobre minhas feridas e minhas culpas. Decido que é melhor não ir por esse assunto e tento amenizar o clima pesado provocando-o um pouco: — Sobre seu deboche com minha situação, eu queria que você estivesse em meu lugar, com seus amados discos de vinil, que, por sinal, ninguém pode tocar, nas mãos de outra pessoa.

Ele fica mudo. A princípio penso que ele ainda está preocupado comigo, mas não acho que seja o caso. Há muitos anos recobrei o controle de mim mesmo, e ele sabe disso, acompanhou essa fase também.

Provavelmente algo na minha provocação atingiu um ponto frágil dele, e isso, para um ser estrategista como eu, é algo muito interessante para ser descoberto.

— Theo? — chamo-o depois de um bom tempo em silêncio. — Está aí?

— Sim. Só um pouco cansado, nada de mais.

Hum!, penso, ainda mais desconfiado de que está acontecendo algo e que ele não quer me dizer. Sorrio ao pensar na reação que teve ao conhecer a Maria Eduarda e torço para que, mesmo por meus caminhos tortos, tudo se encaixe.

Não vou forçar a barra por enquanto, sei que em algum momento Theo irá me contar o que está acontecendo, e, se for preciso, posso muito bem dar mais empurrões na direção certa.

— Eu também. Vou desligar e seguir para o hotel. — Viro-me na calçada e percebo o casal ainda discutindo. Gemo, querendo que aquilo termine bem e que eles voltem a entrar no maldito carro. — Talvez faça algum turismo fora da rota, não sei. Porra, desanimei!

— Boa sorte com a Susanna, Millos!

— Valeu! — respondo de qualquer jeito, desligando rápido o telefone e

correndo, às cegas, até o outro lado da rua, onde o homem que discutia com a moça agora está sacudindo-a.

A raiva em mim chega a níveis estratosféricos quando ele desfere socos, com toda a força, bem no meio do rosto da mulher, pequena e frágil, antes de pegá-la novamente pelo braço e tentar fazer com que entre com ele no carro.

O desgraçado me vê assim que me aproximo, fecha a cara e, ciente de que meus olhos pedem o seu sangue, arremessa a moça bruscamente para o lado.

O jeito que ela bate na parede de uma loja e depois cai na calçada faz meu corpo todo gelar. Meu coração salta, minha garganta seca, travo os dentes e olho para o agressor, que, covardemente, entra no carro – guiado por outra pessoa –, que sai cantando pneu.

Meu desejo por sangue cessa ao ver o dela escorrendo de sua testa. O barulho que fez quando ela chocou a cabeça na parede gela meus ossos, e a primeira coisa que confiro ao chegar perto são seus sinais vitais.

Não ouso mexer nela, sei que isso pode causar mais danos do que aquele filho da puta causou, apenas procuro por sua pulsação e ligo do meu celular para o número do SAMU.

— O que houve? — uma mulher pergunta ao se aproximar.

— Um cara estava batendo nela... — ouço outra falar.

— Se esse homem não tivesse corrido para ajudar, provavelmente teríamos mais uma vítima de feminicídio hoje.

Ergo os olhos e vejo o grupo de mulheres ao nosso redor, mas não tenho tempo de dizer nada, pois sou atendido pela emergência. Rapidamente falo o que aconteceu e peço ajuda, dando o nome do bar, pois não sei o endereço.

Olho mais uma vez para a mulher caída, desacordada, com um enorme hematoma na testa, um corte no sobrolho e o olho já arroxeando, e sinto meu estômago se contrair e minha testa ficar molhada de suor.

Não!, nego diante do pensamento de que ela pode morrer.

Não de novo...

Fecho os olhos e, mesmo sem ter um credo, faço uma prece para que ela aguente e eu não tenha que lidar com mais uma morte em minha consciência.

02

The anger swells in my guts
And I won't feel these slices and cuts
I want so much to open your eyes
Cause I need you to look into mine[5]

O bipe-bipe frequente me traz uma certa calma, ainda que misturada com a tensão da incerteza. Odeio hospitais e todas as lembranças que eles trazem de volta. Não precisava ter que lidar com minhas merdas, não lido com elas há muito tempo, já as enterrei todas, cada uma em uma caixa com bastante areia higiênica.

Ando de um lado para o outro, contando – sim, malditamente contando! – cada som da máquina de monitoramento. Não tenho outra coisa a fazer, senão isso, além de esperar.

Uma enfermeira passa na porta do quarto e sorri solidária para mim.

Merda!

Todos devem me achar um tanto louco, afinal, nem sei quem é a mulher que jaz na cama, desacordada há dois dias, com a cara toda inchada, mas não

saí do seu lado em nenhum momento sequer desde que a ambulância do SAMU apareceu e segui junto a ela.

— Qual o nome da vítima? Qual a idade? Tem alergia a algum medicamento?

A cada pergunta que o médico fazia dentro da maldita ambulância, eu sentia o desespero crescer, pensando em todas as possibilidades de aquela menina ter pais que não sabiam o que lhe acontecera, ter irmãos ou mesmo filhos.

Olharam no bolso da calça jeans que ela usava, mas não tinha nenhuma pista de sua identidade, então me perguntaram como se eu soubesse. No hospital, foi a mesma enxurrada de perguntas para as quais eu não tinha as respostas.

— O carro nem chegou a parar quando ela pulou para fora, e o homem a agarrou. Discutiram. Achei que era briga de namorados. Saí correndo para ajudá-la quando percebi que ele a estava agredindo. Homem alto, moreno, tipo comum. Não me atentei às roupas dele. Não lembro se tinha alguma marca ou cicatriz. Não, não anotei a placa do carro. Era preto, mas não prestei atenção ao modelo ou marca. — E por aí seguiu o interrogatório da polícia, que respondi assim que os médicos a estabilizaram.

Os policiais haviam passado pelo bar, falaram com algumas pessoas, inclusive com o grupo de mulheres que se aglomerou perto dela quando liguei para a ambulância.

— Turista? — perguntou-me uma policial.

— Não, residente — respondi, cansado, mas com a adrenalina ainda a mil. — Moro em São Paulo há dez anos. — Peguei minha habilitação e a mostrei a ela.

— Grego. — Sorriu e me encarou. — Sotaque bonito.

— Obrigado. — Respirei fundo.

— Aqui entre nós... — ela começou a falar mais baixo do que antes, e a

olhei sem entender. — Obrigada por sua atitude hoje. — Fez sinal para o quarto onde a moça passava por exames. — Se não fosse sua intervenção, ela poderia não estar mais viva. Muitas pessoas ainda têm aquele ditado na cabeça, sabe? — Como não respondi, ela continuou: — Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher. — Balançou a cabeça. — Por isso temos tantas vítimas de violência. Você salvou uma vida hoje.

Não respondi, não tinha tanta certeza. Sim, fiz o que fui impelido a fazer ao vê-la ser agredida, mas talvez devesse ter sido mais cuidadoso, ter controlado mais a raiva. Sinto que assustei o agressor e que, por causa disso, ele a jogou contra a parede, e a culpa não sai da minha cabeça.

Sei que posso até ter evitado coisa pior a ela, mas tenho plena consciência de que, se tivesse colocado as mãos naquele filho da puta, provavelmente seria ele internado, e eu prestando depoimento com Kostas ao meu lado na delegacia.

Crispo as mãos com força.

Se eu tivesse encostado naquele desgraçado, não pararia até que ele estivesse inconsciente e jorrando sangue. Não, do jeito que estava descontrolado, só teria parado se alguém me tirasse de cima do sujeito.

Depois que o interrogatório terminou, notei que os médicos estavam tentando conseguir vaga, pelo SUS, em um hospital com mais recursos, então me dispus a pagar por todo o tratamento médico.

Conseguiram vaga em Lavras, uma cidade próxima, e, chegando lá, logo a colocaram para fazer uma tomografia computadorizada. Acompanhei tudo, pedi que me pusessem como acompanhante, pois me sentia responsável por ela, e assim pude ficar quando a colocaram no semi-intensivo.

A tomografia acusou o edema cerebral, mas, segundo parecer médico, não estava nada além do esperado para o tipo de trauma que ela sofreu.

A mulher não está em coma, está sedada enquanto seu corpo se recupera. Era o melhor a se fazer, explicaram-me, porém, toda vez que a olho, vejo-a entubada, imóvel, com o rosto todo arroxeado. Não consigo afastar o temor

de que ela irá morrer a qualquer instante.

Mal dormi nas duas noites que passei aqui, cochilava e acordava assustado, olhando para o monitor a fim de confirmar se o coração dela ainda batia. Percebia, então, o quanto ela era pequena, os cabelos longos e muito claros, de um tom loiro lindo – não sei se natural –, e a pele clara toda marcada pelas mãos daquele maldito.

— Eu não sei nada de você — falei ao lado de sua cama na primeira manhã que passei aqui, vendo o dia clarear através das janelas com persianas do hospital. — Você também não me conhece, mas saiba que estou aqui para garantir que vai acordar e que ficará bem. Não se sinta só, não vou sair nenhum minuto do seu lado, pode apostar nisso!

E estou cumprindo minha promessa, mesmo enlouquecendo um pouco a cada dia.

Sento-me novamente na poltrona do quarto e tomo um gole de água, louco para ter o poder divino de poder transformar o líquido incolor em dourado e tomar um belo gole de cerveja. Acho que ajudaria a passar o tempo e a entorpecer um pouco meus sentidos, baixando a adrenalina maldita que não me deixa relaxar.

Sorrio quando penso que tentei adivinhar o nome dela, e o primeiro que me veio à cabeça foi o de uma cerveja.

— Stella! — Analisei seu rosto – pelo menos o que dava para ver dele por baixo das manchas roxas – e neguei. — Não, você não tem cara de Stella. Laura, talvez? Não sei. — Ri de mim mesmo. — O que acha de algum nome grego? É de onde venho, talvez eu tenha mais sorte em encontrar algum que se encaixe. — Pensei um momento, observando seus longos cabelos claros, o corpo pequeno sob o lençol, seu nariz tão delicado, e me veio o nome perfeito: — Ariadne!

A princesa de Creta, aquela que, com astúcia, ajudou Teseu a matar o Minotauro e, mais tarde, se tornou a esposa de um deus! Ariadne, cujo significado é “a mais pura”.

Sim, concluí, Ariadne era perfeito, e, enquanto ela não despertasse para me contar seu verdadeiro nome, ela seria Ariadne para mim.

— Boa tarde! — O médico entra, tirando-me das lembranças. — Já começamos a diminuir a sedação hoje, os últimos exames mostraram melhora.

O alívio que me toma é algo que não posso definir com palavras.

— Alguma notícia sobre a família dela? — pergunto cheio de esperança de que alguém a tenha procurado.

— Aqui no hospital, não veio ninguém.

Respiro fundo e assinto. Saio do quarto para que o procedimento do dia seja feito com ela e aproveito para fazer uma ligação.

— Millos, o motoqueiro fantasma, está de volta! — Rio da brincadeira de Sâmi, mas meu humor não está muito para brincadeira, e ela logo percebe. — O que houve?

— Ainda estou em Minas.

— Ainda? Pela rota que você me mostrou, já estaria chegando a São Paulo!

É, eu sei... Primeiro o problema com Susanna, e agora isso.

— Aconteceram algumas situações inusitadas. — Bufo e ando até a pequena cafeteria do hospital. — Primeiro, houve um problema no sensor de partida de Susanna. — Ela xinga, pois, assim como eu, adora motos. — Agora me envolvi em uma confusão e não me vejo saindo dela tão cedo, por isso te liguei.

— Porra, Millos, o que você fez?

— Socorri uma mulher que estava sendo agredida por um homem. — Sâmela fica muda, pois compreende a dimensão do estrago que isso causa em mim, mesmo que não conheça toda a minha história. — Ela está internada, sedada. Estou com ela, mas ninguém sabe quem é.

— Sem documentos? — Confirmo. — Ninguém a procurou?

— Até agora, nada.

Ela suspira audivelmente.

— Se o agressor era o familiar, ele vai esperar um tempo para acalmar a situação. Toma cuidado, você não sabe em que merda isso pode dar.

— Eu sei, mas não posso simplesmente largá-la sozinha aqui. Na cidade onde tudo aconteceu, o hospital não estava conseguindo transferi-la, e sabe o que poderia ter acontecido a ela se não tivesse tido um rápido atendimento.

— Só tome cuidado. O que eu posso fazer para ajudar?

Tiro o telefone da orelha e envio uma foto que tirei da desconhecida para o aplicativo de mensagens de Sâmi.

— Te mandei uma foto, talvez não ajude muito, mas...

— Que filho da puta desgraçado! — Ela xinga indignada, e entendo que acabou de ver a foto e o estrago que o arremedo de homem fez no rosto da moça. — Se eu encontro um mano desses, Millos, faço retalhos do seu pau, retiro suas bolas e as cozinho como almôndegas!

Faço careta, mesmo concordando que o sujeito merece, e não duvido nada de que ela seja capaz disso. Sâmi é forte, treinada em artes marciais, em autodefesa, nenhum *mano* a venceria em vias de fato. E, quando ela fica puta com alguém, ninguém é capaz de segurá-la.

— Bom, preciso encontrar respostas sobre ela para saber como agir quando acordar. — Ela concorda. — Não sei com o que estou lidando, mas, se ela precisar da minha ajuda, a ajudarei.

— Millos, você não pode salvar todas as...

— Sâmi, faça o que eu pedi, por favor. Sei que você consegue.

— Nem precisa adular! — debocha. — Faço isso por sororidade[6],

esperando fervorosamente que esse macho filho da puta tenha o que merece.

— Obrigado!

— Me agradeça arrumando essa situação e saindo bem dela.

Despedimo-nos, mas resolvo não voltar por agora ao quarto. Não comi e não dormi decentemente nesses últimos dias. Estou um bagaço, com a mesma roupa, embora tenha comprado, numa farmácia daqui perto, alguns itens de higiene.

Liguei para o hotel onde estou hospedado em Carrancas, bem como para a oficina mecânica onde minha moto está e inventei uma desculpa para meu sumiço por alguns dias. Paguei mais uma semana de diárias e fiquei aliviado quando o mecânico disse que a peça da moto estava chegando.

Os médicos diminuíram a sedação, o que me leva a crer que em breve ela acordará, eu poderei resolver esta bagunça e seguir meu caminho.

— Onde estou?

Ao ouvir a voz rouca e falha fazendo a pergunta, dou um pulo na poltrona onde acabei cochilando. Olho para a cama e encaro duas enormes esferas azuis. Os olhos dela transmitem toda a confusão e o medo que sente.

Aproximo-me devagar, mas ela se encolhe, por isso congelo meus movimentos, temendo assustá-la ainda mais.

— No hospital — pronuncio devagar, tentando controlar o timbre rouco da minha voz para não parecer sinistra demais. Ela olha tudo em volta, franze a testa e volta a me encarar. — Você foi agredida em Carrancas há alguns dias...

— Agredida? — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Eu... — Ela toca seu rosto e faz uma expressão de dor. — Não entendo.

Respiro fundo, temeroso de pressioná-la demais, afinal, acabou de acordar, e aperto a campainha para chamar uma enfermeira. Ela não fala mais nada, seus olhos ficam fixos no teto do quarto. Noto que engole com dificuldade, por isso vou até o aparador onde fica o frigobar e pego um pouco de água.

O dia já está quase amanhecendo, e eu sabia que a qualquer momento ela despertaria. Começou a fazer uns sons quando a tiraram do respirador, mexeu-se a noite toda, por isso tentei ficar acordado.

Olhos azuis! Lembro-me de quando nossos olhares se encontraram e dou um pequeno sorriso, pois os tinha imaginado exatamente assim, para combinarem com o tom de pele e com seus cabelos claros.

A enfermeira chega ao quarto antes mesmo que eu consiga entregar o copo de água para ela, e as escuto conversar.

— Quem é ele? — ela questiona baixinho.

— Ele foi quem a salvou e a trouxe para cá — a enfermeira conta, e isso me constrange, pois não combino nada com o título de salvador. — Consegue se lembrar do que aconteceu?

A moça nega e volta a me olhar enquanto a enfermeira confere seus sinais.

— Seu nome? — o médico pergunta.

Sinto meu corpo gelar quando ela arregala os olhos, assustada.

— Vocês não sabem? — O som do monitoramento cardíaco aumenta, e a enfermeira pede a ela que mantenha a calma. — Ele não sabe? — pergunta agitada.

Venço a distância entre mim e a cama e estendo o copo d’água, mas ela nega, olhos cheios de lágrimas, respiração rápida e coração acelerado.

— Eu... não consigo me lembrar de nada. — Chora. — Estou tão cansada, tão perdida e sinto dor...

Prontamente a enfermeira se afasta rápido até a estação de enfermagem do lado de fora do quarto, e penso que vá pegar algum medicamento ou falar com alguém.

— Fique calma, você acabou de acordar. — Tento acalmá-la sem sucesso.

— O que está acontecendo? — Encara-me, olhos vermelhos, rosto molhado de lágrimas. — Por que estou aqui? Por que me bateram? — Soluça. — Quem sou eu?

Sento-me na poltrona ao lado da cama, sem saber como agir ou pensar, porque a possibilidade de ela acordar e não se lembrar de nada nunca passou pela minha cabeça.

E agora?!

03

Yeah, I don't wanna hurt
There's so much in this world
To make me bleed
Stay with me, you're all I see[7]

— Qualquer coisa que você quiser, é só pedir para o serviço de quarto — digo, mostrando o cardápio. — Eles vão trazer a cama extra hoje e...

— Por que você está fazendo isso? — a pergunta vem tão à queima-roupa que seguro o fôlego por um momento.

Dou de ombros, sem saber o que responder. Certamente ela não entenderia minhas motivações, nem eu conseguiria explicá-las sem passar pelos momentos da minha vida que já estão enterrados no passado.

— Eu quero te ajudar, só isso — respondo sério.

Ela balança a cabeça assentindo, mas não parece muito convicta de minhas intenções.

— Você cantou para mim?

Novamente a questão me pega desprevenido, e preciso de um tempo para racionalizá-la. Antes mesmo que eu consiga explicar qualquer coisa ou questionar como ela sabe disso, afinal, estava desacordada, ela esclarece a curiosidade:

— Eu ouvia sua voz. — Sorri sem me olhar. — Todos os dias. Esperava por ela e, quando a ouvia, sentia-me menos perdida. — Encara-me com seus olhos cheios de lágrimas. — Era como se eu estivesse à deriva e, quando ouvia a voz, conseguia retomar o controle. Achei que era fruto da minha imaginação, mas, desde que acordei e temos conversado, sei que era você.

— Eu não sabia o que fazer. — Sou franco com ela.

— Então cantou. — Suspira longamente, mas não emite um só som. Sei que o suspiro foi profundo pelos movimentos do seu corpo. — A sedação tinha diminuído, eu estava voltando, e era como se estivesse em um rodamoinho. Eu... — Engasga-se. — Eu lhe agradeço por tudo o que fez por mim desde o início.

A sinceridade do agradecimento me constrange. Não sei como reagir à transparência que vejo nela. É como se eu pudesse ver sua alma através de seus olhos ou pela entonação de sua voz.

Ariadne...

— Eu o faria por qualquer outra pessoa — disparo a frase clichê e vou até o banheiro da suíte verificar se há itens de higiene para nós dois.

Paro um momento e apoio a mão no gabinete do lavatório, encarando o espelho, ainda incrédulo por saber que, mesmo desacordada, ela me ouvia. Falei muito com ela durante os dias em que ficou sedada, principalmente lhe dando forças para se curar.

Uma mulher tão jovem merecia muito mais da vida do que ficar sobre um leito de hospital, e eu lhe dizia isso o tempo todo. Não obstante, cantar, naquela noite, foi para afastar de mim os sentimentos conflitantes, as sombras e a culpa que carrego.

Escolhi “Just Breathe”, do Pearl Jam, pois sempre a toco quando estou

sozinho, quando preciso respirar, pensar. A melodia me acalma, o arranjo me faz ficar concentrado, então, quando ela começou a se debater, acordando da sedação, fiquei angustiado, fechei os olhos e cantei a música baixinho.

Não imaginava que ela pudesse ouvir ou mesmo se lembrar.

Jogo água em meu rosto, aliso a barba, avalio a situação na qual estou.

Hoje, pela manhã, o médico que estava de plantão no hospital me chamou para conversar. Ele estava visivelmente preocupado, e pensei que, embora acordada há mais de 24 horas, ela tivesse ficado com alguma sequela.

— Eu vou dar alta a ela — informou-me. — Pensei em acionar o serviço social ou alguma entidade que possa recebê-la enquanto recupera as lembranças e...

— Ela está bem para sair do hospital?

Ele assentiu.

— Não há nenhum motivo clínico para mantê-la internada. Os exames feitos hoje mostram que o edema regrediu. Ela tem escoriações e hematomas pelo corpo, mas nenhuma fratura ou contusão. — O médico respirou fundo. — A falta de memória é passageira, em alguns dias deve normalizar, mas estamos muito cheios aqui e concentramos praticamente toda a região.

Entendi o que quis dizer. Não havia motivos para mantê-la hospitalizada, mas para onde ela iria?

A enorme sensação de responsabilidade e a necessidade de protegê-la falaram mais alto. Liguei para a Sâmi, esperando que ela conseguisse respostas, mas minhas esperanças foram frustradas.

— Nada. A foto não é boa, não veio nada! Tentei reduzir a busca com um dos meus parceiros que consegue filtrar melhor para concentrar a pesquisa apenas em Minas, mas nada apareceu.

Xinguei.

— Sâmi, ela acabou de receber alta.

Minha amiga bufou.

— Millos, você fez tudo o que podia. Eu fiquei aliviada quando você mandou mensagem dizendo que ela tinha acordado, pensei que a história iria terminar por aí, então veio essa falta de memória. — Ela fica um tempo muda antes de continuar: — Não sei se você deve se envolver tanto. Pode ser que o que você viu não tenha passado de um macho violento que gosta de bater em mulher, mas também pode ter coisa pior por trás.

— Eu sei, por isso me preocupo ainda mais com ela. — Passei a mão pelo cabelo. — Não posso deixá-la sozinha.

— Millos...

— Eu tenho consciência de que estou andando no escuro, mas não posso simplesmente abandoná-la à própria sorte agora. Passei quatro noites neste hospital com ela enquanto se recuperava, não vou deixá-la antes de saber que está em segurança.

— O que você pretende fazer? — Sâmi perguntou desanimada, pois já sabia minha resposta.

Retornar para Carrancas era a melhor opção! Foi lá que a encontrei, então esperava que fosse sua cidade ou um local onde alguém pudesse procurá-la. A delegacia da cidade estava investigando o ocorrido, o que me fazia querer estar perto para descobrir o que aconteceu naquela noite. Neste raciocínio, retornar para o local onde tudo se deu era a melhor opção.

Liguei para o hotel onde estava hospedado e averiguei se havia algum quarto vago. Obviamente, por ser o melhor da cidade e estarmos em período de férias de verão, o local estava lotado. Pedi, então, que providenciassem uma cama extra no meu quarto, e logo eles se mostraram prontos a me atender.

Eu poderia trocar de hotel, tentar outro que tivesse dois quartos *separados* vagos, contudo o em que eu já estava parecia a melhor opção dentre todos os outros que pesquisei ao chegar aqui.

Voltei para o quarto e a encontrei assustada, pois uma das enfermeiras lhe disse que teria alta.

— Não se preocupe com isso. — Tentei acalmá-la.

— Como não vou? — Eu via seu queixo tremer, mas as lágrimas represadas em seus olhos azuis não vertiam. — Ela me disse que as lembranças vão voltar aos poucos, mas e se...

— Vão voltar, não se preocupe! — assegurei, sentando-me na poltrona perto de sua cama.

— E se, quando voltarem, eu descobrir coisa pior do que não saber quem sou? Quem era o homem que me bateu a ponto de apagar minha memória?

Aproximei-me dela e peguei sua mão fria e trêmula.

— Eu não vou deixar que nada de mal te aconteça. Você vai se recuperar, e eu vou deixá-la em segurança com sua família.

Ariadne sorriu.

— Você tem sido muito bom, obrigada.

Afastei-me dela e me levantei da poltrona, indo até o frigobar para me servir um copo d'água.

— Você vai voltar para Carrancas comigo — declarei sem olhá-la. — Estou hospedado em um bom hotel, e, até que você se lembre de tudo, estará comigo.

Esperava ouvir alguma reação dela, mas seu silêncio fez com que eu me virasse para encará-la.

— Por quê? Pelo que me disse ontem, você nem mora aqui, está só de passagem. Por quê?

— Porque eu quero. — Tentei não soar ríspido, mas acho que não consegui, a julgar pela expressão dela. — Eu socorri você, estive ao seu lado todos esses dias, então quero ter certeza de que ficará bem.

Saí do quarto para avisar ao médico que não precisaria buscar um local para ela ficar, que eu já tinha providenciado. Assim, quando voltei ao quarto onde ela estava, encontrei-a à minha espera, vestida com as mesmas roupas que usava quando a socorri.

Aluguei um carro, e seguimos direto para o hotel. A princípio, ela ficou tensa quando descobriu que iríamos compartilhar o mesmo quarto, mas relaxou quando falei que havia pedido uma cama extra e que iria dormir na pequena sala da suíte.

Balanço a cabeça, desejando manter o foco e esquecer que irei compartilhar meu quarto e minha intimidade com uma desconhecida, e procuro pelos itens de higiene sobressalentes, mas não os acho.

Merda!

Olho para o relógio no meu pulso e fico desanimado, pois a cidade não tem sequer uma farmácia 24 horas, muito menos alguma loja aberta onde eu possa comprar roupas para a moça.

Ouço uma batida à porta e saio do banheiro para atender, mas a vejo assustada e encolhida em um canto. Seu olhar encontra o meu, e o medo que vejo em seus olhos azuis me traz angústia e uma vontade enorme de protegê-la, de garantir que sempre estará segura.

Refreio meus sentimentos, movidos por todo meu passado, e tento tranquilizá-la:

— Deve ser o pessoal com a cama extra — esclareço, e ela parece relaxar, assentindo devagar, empertigando seu corpo novamente.

Abro a porta para uma camareira, com roupa de cama extra nos braços, e dois auxiliares entrarem, um com a base da cama, e o outro com o colchão. Aguardo-os terminar a tarefa de arrumar a cama de solteiro perto das poltronas da sala de estar da suíte e decido arriscar a sorte de encontrar algo aberto a essa hora da noite.

— Onde eu posso encontrar roupas e acessórios femininos aqui na cidade?

A camareira olha de soslaio para a mulher sentada na minha cama e responde sem me olhar:

— Na rua virando a esquina do hotel, mas só abrirá amanhã. — Termina de arrumar minha cama. — Mais alguma coisa?

— Não, por enquanto é só. — Entrego-lhes uma gorjeta e os acompanho até a porta.

Viro-me para olhar a pequena cama que, provavelmente, não vai me caber esticado e olho na direção da enorme cama *king size*. A suíte onde estou é grande e tem um arco no teto dividindo a área onde fica a sala com duas poltronas, mesinha e a mesa de café da manhã, do local onde fica a cama e um armário de madeira maciça, formando assim dois ambientes, mesmo que integrados. A única porta aqui dentro é a do banheiro.

Suspiro, pensando em como será essa convivência entre nós. Falamos pouco um com o outro no hospital, porque ela passou a maior parte do tempo dormindo ou fazendo exames, e, quando conversávamos, era sobre o que houve e o que ela conseguia lembrar.

Ela não está mais encolhida na cabeceira da cama como a vi antes de abrir a porta, mas sim de pé, olhando pela vidraça da porta-balcão da sacada. Sua expressão triste, marcada ainda com o arroxeado no local em que foi atingida pelos socos, faz-me perceber que ela parece tão perdida, tão sozinha e indefesa que me sinto um inútil por não poder ajudar mais.

— Quer tomar um banho antes de pedirmos algo para comer?

Ela me olha.

— Não tenho fome, obrigada. — Desvia o olhar para as próprias mãos. — Mas um banho seria muito bom.

Assinto, concordando, mesmo que eu ainda vá insistir para que ela coma algo depois. Não quero que adoeça e sei como a falta de apetite é um indício de depressão. Imagino que ela esteja extremamente confusa, sem lembranças, sem saber o motivo de ter sido agredida e de quem deve se proteger, mas é

meu dever não permitir que a tristeza a consuma.

Aponto para o banheiro e caminho até o armário de madeira.

— Há toalhas e um roupão extra no banheiro. — Ela sorri em agradecimento. — Vou separar uma camisa limpa minha para você.

— Eu não tenho roupas... — comenta baixinho, como se só tivesse se dado conta disso neste momento. — Não quero ser um fardo para você.

Ah, porra!

Encaro-a, balanço a cabeça negando e tento sorrir. Sou bom em não demonstrar o que sinto ou penso, mas tem sido uma tarefa difícil de fazer com ela. Realmente a situação não é a mais confortável para mim, afinal, não nos conhecemos, não sei com o que estou lidando nem quanto tempo essa situação permanecerá indefinida. Preciso voltar para São Paulo, era para eu já estar terminando minha viagem, e ainda estou nesta cidade, em que nem tinha previsão de parar.

— Não está sendo.

Ela assente e passa por mim, entra no banheiro e, pelo barulho na maçaneta, tranca a porta.

Fico um tempo parado no mesmo lugar, mesmo depois de ouvir o som do chuveiro elétrico funcionar. Minha pequena *Ariadne* também não confia em mim. Compartilhamos o sentimento de insegurança com relação um ao outro, mas, assim como eu, ela não tem escolha a não ser esperar que o tempo restabeleça sua memória e sua vida.

Abro o armário, onde minhas camisas estão todas lavadas, passadas e penduradas. Escolho uma, não de propósito, do Pearl Jam, preta e um tanto desbotada de eu tanto usar, pois já a tenho há anos, desde o último show a que fui assistir. A malha é leve, fresca, e, como a camisa é grande, penso que deva ficar como um vestido nela.

Rio da ironia de ter uma mulher vestindo minha roupa, coisa que nunca aconteceu, e, mesmo não sendo ligado a sexo, não deixa de ser clichê. Coloco

a camisa em cima da cama e resolvo ir para o pátio interno do hotel, onde há um jardim com uma fonte no meio e um enorme gramado.

Mesmo que minha cabeça alerte o tempo todo que tudo isso que está acontecendo não é boa ideia, não me arrependo de ter feito o que fiz. Muitos poderiam dizer que eu já a havia socorrido, que não tinha mais nenhuma responsabilidade sobre sua internação ou mesmo agora, mas não me sinto assim.

De alguma maneira – provavelmente uma bem torta –, o que aconteceu aqui me ligou novamente ao que aconteceu no passado, e sinto que ajudá-la é uma forma de redimir em parte meus pecados.

O que está feito, está feito!

Não dá para simplesmente passar uma borracha no que aconteceu com um bom feito agora, mas sinto que dá, pelo menos, para aliviar minha alma.

— Bom dia!

Um perfume suave, gostoso, chega até minhas narinas, e o aspiro devagar. Não reconheço o cheiro, não é do sabonete ou do xampu, é diferente, único e incrivelmente feminino.

Tomo um gole do café preto que foi servido na suíte a meu pedido e me viro para cumprimentar minha “hóspede”.

Engasgo-me e começo a tossir como um cachorro magro.

A moça arregala os olhos, os cabelos levemente desgrenhados e minha camiseta delineando cada parte de seu corpo. *Maldita malha fina!* Fecho os olhos e respiro fundo, tentando entender onde estavam escondidos esses peitos cheios, cujos mamilos marcam a camisa de forma completamente tentadora.

Porra, Millos, ela é uma menina!, repreendo-me.

— Tudo bem? Eu assustei você?

Volto a abrir os olhos, mas a encaro e me obrigo a não olhar para nada além de seu rosto.

— Não, o café estava muito quente — justifico, a voz rouca por causa do engasgo.

Ela sorri, seus olhos se iluminam, e, mesmo com todo o roxo meio esverdeado em seu rosto, percebo o quanto é bonita.

— O cheiro do café me acordou. — Ela suga um canto do lábio inferior e olha para a mesinha com a bandeja do desjejum. Meu corpo reage ao movimento da sua boca, acompanhando a garganta dela se mexendo quando engole a saliva.

Bufo, afastando-me da mesa, imaginando uma porrada de cenas eróticas e sujas que me fazem ter vergonha de mim mesmo.

Caralho, Millos, a garota está com fome, e você excitado como um velho tarado!

— Sirva-se à vontade — digo de costas para ela.

— Obrigada, estou com água na boca só de olhar quanta coisa gostosa há aqui nesta mesa. — Escuto-a emitir sons de pura satisfação ao morder um biscoito crocante.

Gemo baixo e olho o café, sem interesse nenhum na minha bebida preferida, imaginando sua boca molhada e esses mesmos sons sendo emitidos por outro motivo.

— Preciso ir comprar algumas coisas — falo rápido e deixo a xícara de café na mesinha baixa entre as poltronas da salinha. — Não devo demorar!

Passo por ela sem ao menos olhar em sua direção e pego minha carteira, disposto a sumir do quarto, mas, antes que eu consiga dar cabo da minha debandada providencial, ela pergunta:

— Vou ficar aqui sozinha? — Sua voz trêmula me faz parar.

Que merda estou fazendo?, questiono quando a olho.

Ela está de pé, um pão de queijo na mão e os olhos arregalados. Consigo sentir o medo e a tensão daqui de onde estou. Relaxo, o tesão inapropriado deixa meu corpo, e novamente a vontade de protegê-la se sobrepõe a qualquer outra.

— Você estará segura aqui. — Ela balança a cabeça, mas uma lágrima rola em sua face. *Porra!* Pego minha carteira, tiro um cartão de visitas com meu nome e anoto meu celular. — Eu prometo não demorar, e, se você quiser que eu volte, basta me ligar.

Vou até ela e lhe entrego o cartão.

— Desculpe-me por reagir assim... — Ela parece sem jeito, mas ainda treme. — É horrível não saber nada, me sentir tão sozinha e insegura.

— Não me peça desculpas. — Respiro fundo. — Acho que posso deixar para ir outra...

— Não — interrompe-me e seca o rosto. — Eu estou exagerando, você não precisa ficar de babá aqui comigo, já fez muito! Eu vou trancar a porta e ficar bem.

Ela sorri, e reconheço nesse sorriso a força de quem, mesmo desmoronando, não quer se render.

— No hospital eu te nomeei de Ariadne — confesso. — Mas percebo algo de Atena em você. — Sua expressão é confusa. — São deusas gregas, da minha terra. É difícil estar com alguém sem saber o nome, sem saber do que chamar ou pensar.

— Millos P. Karamanlis. — Ela lê meu nome no cartão que acabei de lhe dar, e novamente sinto uma atração incômoda. — Você não me disse seu nome, mas já sabia, porque ouvi o policial falar contigo no dia em que ele foi ao hospital e dei meu depoimento.

Franzo a testa, pois realmente não me lembro de ter me apresentado a ela. Rio.

— Isso é imperdoável. — Passo a mão pela minha barba, sem jeito. — Eu invento nomes para você, mas não digo o meu.

— Obrigada por tudo, Millos Karamanlis.

O agradecimento me pega desprevenido, e não sei o que dizer, então aponto para o cartão de visitas antes de cumprimentá-la com a cabeça e seguir para a porta de saída.

— Eu gosto de Ariadne.

Ela sorri para mim antes de eu fechar a porta, e prendo a respiração por um momento, agarrado à maçaneta pelo lado de fora, buscando controle, lembrando a mim mesmo que isso não acontece assim, que não sou dominado por meus instintos, eu os domino!

Caralho!

04

No one knows what it's like, to be the bad man
To be the sad man, behind blue eyes[8]

— O P. significa o quê?

Ergo meu olhar do livro que estou lendo, deitado na minha cama depois de um longo dia quando desejei, pela primeira vez em anos, voltar a fumar.

O dia não foi fácil, como eu não pensei que seria. Em algum momento, esta história na qual me envolvi ia se tornar um gatilho para mim, e, pela falta de controle que demonstrei de manhã, penso que esse gatilho não está muito longe de ser disparado.

Entrei em cinco lojas diferentes hoje cedo e passei à torturante missão de conseguir comprar roupas para a mulher que, até vê-la com minha maldita camiseta, era apenas uma menina magricela. As vendedoras não me ajudaram, pedindo que eu descrevesse o corpo e o tamanho da mulher para quem estava comprando roupas e acessórios.

Fui burro, confesso. Poderia ter facilitado minha vida e perguntado a ela o tamanho das roupas que vestia e o número dos tênis que calçava. *Maldito*

tesão inapropriado! Estou sempre me gabando de ser um bom estrategista, de pensar em tudo, calcular tudo, mas não consegui raciocinar direito diante da confusão do que senti.

Comprei três vestidos diferentes, porque a vendedora me disse que era quase impossível errar com esse tipo de roupa e que era muito mais complicado comprar blusas e calças. Confiei nela, encontrando sentido no que falava, e escolhi os vestidos mais soltos e compridos que achei na loja.

Como não sabia o número que ela calçava, comprei cinco números diferentes de chinelos, para que parasse de andar descalça dentro do quarto, pois o piso era frio.

Entretanto, a tortura começou quando pensei que ela precisava de roupa íntima, afinal, não podia ficar usando a mesma calcinha. Foi muito complicado de novo escolher algo, porque nunca estive em uma situação dessas e era atraído por todo tipo *errado* de lingeries.

— Eu queria alguma coisa básica e confortável — pedi, pensando em evitar problemas ao imaginá-la usando alguma peça que me atraísse.

— De algodão? — Ela pegou um conjunto bem feio, marfim. Neguei. — Microfibra? — O outro conjunto era mais moderno, com uma cor mais feminina, então pedi que separasse três daquele modelo de cores diferentes. — Nós temos esse que chegou essa semana, é novidade.

Fiquei parado, travado, quando vi o tal conjunto *novidade*. Imediatamente a imaginei usando-o, a cor escura contrastando com sua pele clara, o azul-marinho tão forte que, para alguém com problemas com cores, passaria por negro.

— Azul noite, com esses detalhes que...

Detalhes!, pensei ao pegar a peça e sentir a textura das cordinhas que se cruzavam entre os bojos do sutiã e nos quadris da calcinha. Nada muito elaborado, dois fios de veludo entrelaçados com um tipo de fio brilhoso, prata. Toquei o tecido levemente, deixando meu tato se acostumar à maciez do veludo, deixando minha mente vagar à procura de uma textura como essa

entre minhas coisas.

— Vou levar — afirmei quase hipnotizado, ainda tocando a peça e a fantasiando no corpo de uma mulher com a qual não deveria sequer pensar em imaginar.

Comprei dois pijamas com short e blusa bem comportados, pedi que a peça *especial* fosse embalada separada – o que me rendeu um olhar curioso e julgador da vendedora –, paguei e passei pela farmácia antes de seguir para o hotel.

Ao retornar, encontrei a menina vestida com a mesma roupa com a qual estava quando foi agredida, uma camisa de malha simples com uma estampa aleatória na frente, calça jeans e tênis. Nada que ela usava parecia caro ou mesmo de boa qualidade. Não sou um entendido de moda, mas faço questão de estar sempre bem-vestido e alinhado na empresa, por isso minhas roupas de trabalho são todas de grifes caríssimas, diferente do que uso quando estou de folga, principalmente quando estou pilotando.

Sobre a moto prefiro jeans, blusas de malha, camisas largas e compridas, jaqueta de couro ou um casaco jeans. Não faço questão de que sejam de grife, embora a maioria seja de marcas famosas. Gosto das roupas surradas, que contêm alguma história, que fizeram parte de alguma aventura.

É o caso, por exemplo, da camisa que ela usou na noite passada para dormir. Sem grife, comprada em um show, usada há anos e, mesmo assim, com um valor inestimável para mim.

Não uso camisetas e, mesmo tendo um corpo trabalhado com exercícios pesados e muita disciplina com a prática de *kenjutsu*[9], não fico sem camisa em público, exceto, às vezes, quando vou à praia ou algum rio. Como ainda não sei a reação da minha *hóspede* quando vir minhas tatuagens nos braços, tenho usado camisas de manga longa, mesmo assando com o sol de verão.

Pode parecer bobagem eu me preocupar com o que ela irá pensar ao ver as tatuagens que cobrem meus dois braços, mas sei que muitas pessoas julgam mal o caráter de alguém quando veem as pinturas em sua pele. Aqui no Brasil, isso parece até muito comum, e, quanto mais fechados forem os

desenhos, mais preconceito há.

Toco o foda-se para preconceitos em geral. Contudo, minhas tatuagens são um ponto sensível. Não estão marcadas em meu corpo por estética, cada uma tem uma história, boa ou ruim, mas que fazem de mim o homem que sou.

Entreguei as sacolas – menos a da lingerie embalada separadamente – para a moça e notei que ela ficou muito constrangida com minhas compras.

— Não sabemos quanto tempo você ficará comigo, e não dá para ficar usando a mesma roupa todos os dias.

— Eu não tenho como pagar por isso — informou sem me olhar. — Já estou ficando aqui no seu quarto, sendo alimentada e...

— Não se preocupe — voltei a repetir. — Não é nenhum sacrifício eu fazer nada disso por você, eu posso.

Ela engoliu em seco, assentiu e aceitou, mas não sem antes de me constranger com seu agradecimento.

— Eu vou experimentar. Obrigada mais uma vez por...

— Não precisa ficar me agradecendo, já sei que você é grata e fico feliz em poder ajudar.

Ela ficou vermelha, e quis dar um soco na minha cara por tê-la deixado ainda mais envergonhada. Observei-a ir ao banheiro com todas as sacolas e passei a mão no meu cabelo, sem saber o que fazer.

Liguei para a empresa, conversei com Luiza, assistente da diretoria, e perguntei como estavam as coisas por lá. Soube que Theo sumiu em uma sexta-feira, cancelando todos os seus compromissos, e que estava se formando um bolão na empresa sobre quanto tempo duraria a paz entre Kostas e Kika – Theo tinha seguido meu conselho e designado que eles trabalhassem juntos.

— Aposta para mim. — Ri, divertido, sentindo-me relaxar na varanda da

suíte. Pensei no gênio de Kika e na arrogância do meu primo. — Mais três semanas!

— É uma aposta arriscada. Tem certeza de que não é muito tempo?

Gargalhei, pois as brigas entre os dois eram épicas.

— Não, acho que vou perder, mas pode apostar.

Luiza riu, dizendo que eu ia perder mesmo, porque ela não apostava em mais uma semana de boa convivência entre os dois.

Eu aposto que vai ser muito mais!, pensei antes de me virar para dentro do quarto e perder o rumo do pensamento ao ver *Ariadne* saindo do banheiro com um sorriso enorme por causa de um vestido florido.

Puta que pariu!

Vi a peça no cabide, achei que era *segura*, comportada. Não que não fosse, afinal a saia era levemente rodada e ia até os joelhos dela, mas a parte de cima deixava seus ombros de fora e se ajustava perfeitamente em seus peitos, ressaltando seu volume e firmeza.

As cores vibrantes do vestido, de estampa azul e vermelha em vários tons, destacaram-se contra a pele alva e sedosa que se mostrava em seu colo. Talvez, por conta da vidraça da porta, ela não tenha me visto, por isso rodopiou de frente para o espelho de corpo inteiro perto da cama, depois voltou ao banheiro e veio segurando um cordão – ou um cinto fino.

Comecei a suar ao ver que era uma fita de couro que eu sempre usava amarrada em meu punho e que, antes do banho, tirei e deixei no gabinete do banheiro. Observei quando ela passou a fita por sua cintura e depois a atou com um laço, uma forma de cinturar o vestido largo e lhe dar forma.

Gemi excitado, tostando no sol inclemente, mas completamente imóvel, puto demais comigo mesmo para me mover.

Somente quando ela voltou para o banheiro e fechou a porta é que entrei na suíte, agradecido pelo ar-condicionado ligado e saí o mais rápido possível

do quarto.

Só voltei tarde da noite, depois de andar pela cidade, passar na delegacia para pressionar o delegado e conversar com o médico que fez o pronto-atendimento dela. Pedi que o serviço do hotel lhe levasse o almoço e insisti para que o gerente me avisasse assim que liberasse mais um quarto. Passei a tarde na oficina mecânica, acompanhando o serviço em Susanna, cuja peça havia chegado.

Comprei uma pizza antes de retornar para o hotel, mas ela alegou que não estava com fome, então também não comi. Tomei banho assombrado por uma calcinha lavada e disfarçadamente estendida no toalheiro, descoberta quando puxei a toalha e quase a derrubei.

Segurei a pequena peça de renda, totalmente diferente daquelas que comprei para ela, todas básicas e sem graça. Fechei os olhos para tentar não a imaginar usando-a, mas foi impossível. Queria cheirá-la, tentar encontrar na peça ainda algum vestígio do cheiro íntimo da mulher que a vestiu, mas me controlei, voltei a estendê-la no toalheiro e entrei no banho gelado.

A água fria serviu para apaziguar meu tesão, mas também azedou meu humor, por isso agradeci quando saí do banheiro e a vi deitada na cama, quieta, como se dormisse.

Deitei-me na cama pequena e desconfortável, tentei dormir, mas a cabeça parecia cheia de merda e o corpo fervendo, mesmo com o quarto fresco pelo ar-condicionado. Acendi o abajur da mesinha da sala e peguei um livro que trouxe na mochila para a viagem.

Estava tentando ler até o momento em que ela disparou a pergunta e deixou meu corpo todo em alerta.

Penso em ignorá-la, fingir que dormi com o livro na mão, mas seria idiotice demais, por isso é que agora respiro fundo e pergunto de volta:

— Que P.?

— No seu cartão. — Franzo o cenho e olho na direção da cama onde ela está, sentada, iluminada pela claridade da lua, rodando o cartão que lhe dei

entre os dedos. — Millos P. Karamanlis.

Deixo o livro de lado e me sento para poder conversar com ela.

— Panagiotopoulos.

Quase gargalho quando ela arregala os olhos e me encara, mas me seguro, esperando a próxima pergunta que sei que irá fazer.

— É nome ou sobrenome isso?

Não consigo mais segurar e rio.

— Sobrenome — respondo, divertindo-me com as expressões no rosto dela e com sua boca a se mexer, provavelmente tentando replicar meu complicado sobrenome.

— Panagia...

— Não, Panagiotopoulos — corrijo-a.

Ela tenta mais duas vezes e falha em ambas.

— Céus, agora entendo por que abreviou! É um palavrão impronunciável! — Gargalho com seu comentário, e ela também começa a rir. — Sabe, estou começando a me arrepender de não ter comido aquela pizza.

Aponto para a mesa maior, perto de mim.

— Ainda está ali, na caixa.

Ela se levanta, e tenho vontade de rir ao ver o pijama tão careta que comprei, mas o riso morre quando passa pela claridade do abajur e o tecido fino fica transparente, revelando todo o contorno de seu corpo.

Paro de pensar, não consigo desviar os olhos da delicadeza de seus seios, a cintura marcada, os quadris levemente arredondados, proporcionais, perfeitos. *Pijama desgraçado! Devia ter comprado uma mortalha!*

— Hum... — ela geme ao morder uma fatia da pizza. — Acabei de descobrir que...

Ela mesma se interrompe e me olha. Pulo da cama, assustado, com medo de que esteja se engasgando, sem ar e...

— Acabei de me lembrar de algo! — exclama empolgada e sorri. — Minhas mãos sujas de farinha e vários bolos.

— Bolos? — Ela assente e fica um tempo parada, olhar fixo, como se estivesse tentando lembrar mais.

— Eu sei cozinhar, gosto de cozinhar e sei fazer pizza! Consigo sentir o cheiro de bolo assando, o sabor dos recheios, a delicadeza das coberturas.

— Será que é essa sua profissão? — tento ajudá-la, animado com a perspectiva de sua memória retornando.

— Não sei. — Ela franze a testa. — Mas, se for, eu estou feliz com ela, porque senti uma emoção muito forte quando me lembrei dos bolos.

— Você consegue se lembrar de seu nome? — tento forçá-la um pouco mais.

Observo-a tentar, concentrar-se, fechar os olhos, mas, quando torna a abri-los, sei que não conseguiu nada. Ela nega. Posso sentir sua frustração, sua vista está marejada, e me sinto um idiota por tê-la forçado tanto.

— Tudo a seu tempo — consolo-a. — O importante é que as memórias estão vindo.

— Sim. — Não há mais a mesma diversão em sua voz. — Você quer um pedaço de pizza?

Não! Eu queria apenas poder voltar para aquela cama dos infernos e fazer de conta que não tem uma mulher que mexe comigo nesta porra de quarto!

— Sim. — Contrario a mim mesmo e pego um pedaço na caixa.

Mastigamos a pizza em silêncio por um tempo. A massa é fina, porém não está crocante. Murchou por ter ficado tampada muito quente, mas o

recheio é bom, saboroso, o molho bem-feito. Também gosto de cozinhar, embora nunca tenha feito um bolo na vida.

Fiquei animado com o retorno dessa memória, mesmo que pareça insignificante; renovou minha esperança de que ela se lembre de quem é e que eu possa seguir meu caminho.

05

I spit out like a sewer hole
Yet still receive your kiss
How can I measure up to anyone now
After such a love as this?[10]

Eu preciso voltar a São Paulo e ir direto para o clube!

Bebo mais um longo gole da cerveja *long neck* que peguei no frigobar, assistindo ao nascer do sol da varanda da suíte onde estou hospedado. Passei a noite aqui, encostado no parapeito, olhando a rua deserta.

Quer dizer... não todo o tempo!

Entrei no quarto várias vezes, sem fazer barulho, fiquei parado ao pé da cama, observando, como um maldito tarado, as formas do corpo da mulher que me fez perder o sono – e um pouco da razão.

Sinceramente, não consigo compreender de onde vem essa atração. As coisas não funcionam assim comigo desde o começo da fase adulta, quando comecei minha jornada por controle e as reabilitações necessárias para livrar-me de todos os vícios que possuía, dentre eles a compulsão sexual.

Fiquei muito tempo sem fazer sexo, anos, acho. Quando sentia vontade ou algo me excitava, buscava outras atividades, geralmente exaustivas, para tirar a vontade do meu corpo e do meu pensamento. Vi o sexo como algo ruim por muito tempo, até compreender que eu não devia evitá-lo, mas sim o controlar.

Eu o fiz e posso dizer que hoje domino meu corpo, meu prazer e gosto de fazer o mesmo com minhas parceiras. Não é porque sexo é instintivo que precisa ser irracional. Parece ser chato pensar assim, afinal, muitos associam o ato à impulsividade e ao descontrole, mas não. Como tudo em nossa vida, quanto mais controle e habilidade, melhores ficam os resultados.

Experimentei de tudo desde que voltei a fazer sexo, até encontrar algo que se encaixasse na minha necessidade e que extraísse da minha parceira o mesmo prazer que me proporcionava. Por isso, a atração que sinto por essa *menina* – sim, menina! Porque, mesmo que não seja menor de idade, é muito mais jovem que eu – é completamente inesperada.

Isso me irrita, me assusta, faz minha adrenalina subir, meu corpo ficar mais motivado, e a cabeça, um caos. Eu deveria ter previsto esse acontecimento, afinal, estou há semanas na estrada, sem fazer nada para aliviar meu apetite sexual.

Até tentei encontrar locais seguros para uma interação sexual, mas não encontrei nenhum que valesse a pena a exposição. Achei que um mês não seria muito, mesmo porque estaria ocupado viajando de lugar em lugar e aproveitando minha adorada solidão junto a Susanna.

É o inesperado que te desarma, Millos!

Bufo, virando a última gota de cerveja na boca, refletindo mais uma vez como eu poderia estar caso não tivesse parado aqui nesta cidade; caso Susanna não apresentasse defeitos, e eu não tivesse saído do bar para atender Theo. Provavelmente já estaria em São Paulo, terminando minhas férias e voltando a pensar em vestir a roupa e o personagem de executivo.

Paro um momento as considerações e me viro na direção do quarto. Os cabelos loiros e longos estão espalhados pelo travesseiro, sobre a fronha branca. A moça, que chamei de *Ariadne,* dorme de lado, de costas para onde

estou. O lençol a cobre e delineia a curva de sua cintura e a montanha de seus quadris.

Se eu não tivesse parado aqui, como *ela* estaria? Alguém a teria socorrido? E quem estaria cuidando dela enquanto não recupera a memória?

Não era problema meu, eu a havia socorrido, feito minha parte, não precisava ficar!, meu lado racional vive repetindo isso, mas ele está errado. É inglorioso imaginar que muitos pensaram assim no passado, vendo atrocidades acontecerem com mulheres e se esquivando, alegando que não era de sua conta. Se eu posso ajudar, por que me evadir?

Bocejo, meio bêbado depois de passar a noite acompanhado por garrafas e mais garrafas de cerveja, e decido tentar dormir pelo menos por umas duas horas. Virá outro dia em que terei de conviver com minha falta de controle, com o tesão nível *hard* e a consciência acusando-me.

Recolho minha camisa de cima do guarda-corpo da sacada – tirei-a no meio da noite, suado pela brisa morna de verão – e entro no quarto. Pego uma garrafa de água para diluir todo o álcool que ingeri e sigo para o banheiro, pé ante pé, para escovar os dentes.

Dividimos uma pizza no começo da noite, conversamos um pouco, nada muito específico, apenas sobre o que ela fez durante o dia em que passei fora do hotel e como se sentiu.

— Vi TV — respondeu sorrindo. — Filmes e montes de filmes!

— Eu gosto de cinema — pontuei. — Prefiro ler, mas curto um filme bem-feito.

— Eu vi um livro na mesinha da cama, mas fiquei sem jeito de pegá-lo sem pedir.

O livro em questão é o primeiro volume de uma série policial que comecei a acompanhar há pouco, do escritor T. F. Grey. Fui surpreendido com algumas passagens, geraram-me uma curiosidade enorme, e não consegui largá-lo enquanto não terminei.

Comecei – ou tentei – a ler o segundo volume, mas ainda não avancei muito, porém, a cada dia, tenho a sensação de conhecer a história. O jeito de escrever me parece familiar, embora nunca tenha lido nada desse autor.

— Podia ter lido, já terminei e não ficaria chateado.

Ela agradeceu e disse que iria fazer isso.

— Eu também prefiro ler a... — Arregalou os olhos, e o sorriso se expandiu. — Eu adoro ler! Adoro cheiro de livro, odeio emprestá-los, porque eles são raros e preciosos para mim! — Mesmo sorrindo, seus olhos ficaram rasos de lágrimas. — Frequento livrarias ou bibliotecas, porque me veio a imagem perfeita de estantes abarrotadas de livros!

Ela parecia tão animada com mais essa descoberta que isso reacendeu o tesão que eu tinha sentido anteriormente, e decidi que seria melhor parar a conversa.

Olhei meu relógio e disse que era melhor dormirmos, porque já estava tarde. Ela parou de sorrir, ficou sem jeito e concordou com minha observação. Foi ao banheiro, enquanto eu me chamava de idiota troglodita, e, quando saiu, apenas acenou para mim e se enfiou debaixo do lençol.

Fiquei um tempo ainda sentado na cadeira, a caixa com a pizza pela metade e uma garrafinha de cerveja esquentando na minha mão. Tomei a bebida num gole só, pois nunca me incomodei com ela quente, era assim que era tomada quando foi inventada. Adoro fabricar cerveja e tomo todas em temperatura ambiente.

Fui para a cama improvisada para mim, mas não consegui dormir. Levantei-me quando tive certeza de que ela ressonava e passei a maldita noite na sacada... ou quase.

Jogo-me na cama após voltar do banheiro, recriminando-me por ter sentido vontade de me masturbar segurando a calcinha de renda, que ainda está no toalheiro. Não o fiz; seria o fundo do poço.

Pelo menos eu não estaria com o pau doendo de duro, esmagado pela calça jeans!

O barulho de louça me desperta, mas minha vontade é pegar o travesseiro e tampar minha cara para continuar a dormir. Quase faço isso, mas o cheiro de café e ovos mexidos me convence a abrir os olhos.

— Porra!

Volto a fechá-los com força ao ver um par de pernas de pele macia e sedosa, que seguem para dentro de um vestido florido e rodado. A imagem da bunda dela com a aquela calcinha abandonada no toalheiro preenche a parte que não pude ver por causa do vestido.

Meu pau, quietinho por causa do sono gostoso, começa a pulsar com força, e amaldiçoo minha previsão feita ao dormir. *Mais um dia torturante!*

— Tudo bem?

Tomo ar antes de sentar-me – para mudar o ângulo de visão – e abrir os olhos.

— Tudo — respondo seco, sem olhá-la.

Um silêncio constrangedor toma conta do ambiente, e, quando a olho, noto que observa a mesa, montada para um café da manhã a dois.

— Eu... — ela começa e engole em seco. — Achei que seria boa ideia pedir o café. — Encara-me. — Não mudei nada do que você pediu ontem e...

— Está ótimo! — Levanto-me. — Estou mesmo com muita fome.

Ela novamente faz essa coisa com o lábio inferior que a deixa malditamente sexy *pra caralho*. Saio de perto, entro no banheiro e abro a calça em desespero.

Mijar de pau duro é a pior experiência que um homem pode ter, podem acreditar! É difícil controlar o jato, a direção, a intensidade, e, se der mole,

ainda toma mijo na cara! Por isso, levo o dobro do tempo para fazer minha necessidade fisiológica e, mesmo depois de terminada, ainda fico com o membro na mão, acariciando-o, louco para pôr para fora toda a frustração sexual que essa atração está me causando.

Dou descarga e guardo o *dito cujo* – ainda em prontidão – na cueca. Vou para o lavatório, imaginando minha cara amassada, olhos vermelhos por ter dormido pouco e...

— Puta que pariu!

Fico me olhando no espelho, tentando lembrar o motivo pelo qual não coloquei a porra da camisa para dormir. *Sem camisa!* Todas as minhas tatuagens, e não são poucas, estão à mostra, contando uma história que um bom entendedor conseguiria ler facilmente.

Bufo, jogo água gelada na cara e tento encontrar a sanidade de volta. Terei que sair do banheiro, encontrar uma camisa e, como se não tivesse nada de mais na minha pele, sentar-me com ela para tomar o desjejum, torcendo para não ver medo e desconfiança em seus olhos por causa dos desenhos em meu corpo.

— Eu já comecei a comer, espero que não se importe — ela informa assim que saio do banheiro, mas não respondo, visto a camisa e vou até ela.

— Não, não me importo. Obrigado por ter pedido o café. — Sirvo-me da bebida. — Dormi mal à noite, por isso não acordei mais cedo.

Ela sorri compreensiva.

— É normal você estar cansado depois de tudo isso que nos aconteceu. — Encaro-a, e ela mantém seu olhar no meu. — Você tem sido um anjo para mim, Millos.

Nego.

— Não sou um anjo. Apenas quero vê-la bem e seguir meu caminho.

Ela bebe um pouco de suco e assente.

— Eu sei. Lembrei-me de mais coisas desde que acordei. — A expressão animada que vi quando ela começou a se lembrar ontem não está mais em seu rosto. — Eu não moro aqui. — Franzo a testa, sem entender. — Nesta cidade. Moro em São João Del Rei, acho que é aqui perto.

Meu corpo se agita ao ouvir isso, sinal importante de que sua memória está mesmo voltando e que, em breve, poderemos seguir caminhos separados. É uma notícia ótima! Eu deveria agora estar forçando-a a se lembrar mais, porém tudo em que penso é que talvez ela se lembrar não seja suficiente para eu deixá-la ir, afinal, o agressor pode ser um familiar!

— Vi um jornal na mesinha do quarto, e, quando o abri, tinha notícias de São João Del Rei, então me lembrei da cidade e me senti em casa. Eu sou de lá, acho que estava aqui a passeio ou visitando alguém, porque não me vem nada à memória quando você diz o nome desta cidade.

— Se lembrou do seu nome? — pergunto devagar, dúbio em relação à resposta que quero ouvir.

— Não. — Ela parece ainda mais frustrada. — Eu tento, tento muito, até minha cabeça doer, mas...

Pego sua mão por cima da mesa, mas a solto rápido, impactado com as sensações que o simples toque me desperta.

— Não se force tanto — aconselho-a, ignorando que ela encara sua mão com a testa franzida, como se tentasse entender algo. — Como o médico disse, as memórias vão voltar, seu caso não é permanente.

— Não quero prender você aqui... — confessa, ainda olhando para sua mão. — Não quero ser um estorvo.

Merda!

Ela se levanta da mesa e se afasta. Eu a deixaria em paz se sentisse que ela quer ficar longe, que precisa de um tempo, mas vejo seus ombros balançarem, de costas para mim, e sei que está chorando.

Não posso com esse choro!

Não chora!, imploro mentalmente, a arma apontada, o gatilho pronto para ser apertado e disparar o projétil bem no meu peito. Pulo da cadeira e a alcanço, ponho minha mão em seu ombro esquerdo com a simples intenção de chamá-la e voltar a lhe garantir que não é um estorvo para mim, quando ela se vira e se joga em meus braços.

Ela.

Me.

Abraça!

A surpresa do gesto me deixa imóvel. Meu corpo inteiro treme como gelatina, minhas mãos gelam, e começo a suar. Eu queria que fosse tesão, porque com ele sei lidar, mas não é.

Não abraço ninguém e não permito que ninguém me abrace. Não ligo para cumprimentos, tapinhas nas costas, no ombro, mas abraço é algo que está fora dos meus limites.

Ainda me lembro do último abraço que recebi e...

Afasto-a devagar, tenso, para controlar o turbilhão de lembranças e emoções, nenhuma boa. Ela seca o rosto molhado pelas lágrimas, seu lábio inferior treme. Ainda sinto seu corpo no meu, e as escoras que me mantêm de pé balançam forte.

Não posso me permitir desmoronar agora, não posso perder o controle emocional, já que o físico já perdi há muito tempo!

Ela me olha, seus olhos mais azuis do que o normal, o nariz avermelhado, os cílios escuros e molhados. Minha vontade é de afastá-la, quebrar tudo ao nosso redor, causar-me uma dor maior do que a que sinto agora, a dor evocada pela lembrança de um último abraço.

Sempre lidei melhor com a dor física, sempre foi mais suportável sangrar quase até a morte a lidar com o passado.

Aperto os ombros dela, mas não se afasta, volta a sugar de leve o lábio

inferior, sem perceber que estou por um fio, que o caos e o descontrole são ameaças iminentes para mim e para ela.

Não, porra!

Respiro fundo e fecho os olhos, tentando me lembrar de tudo o que pode me acalmar e...

Abro os olhos assustado quando sinto os seus lábios sobre os meus. Nossos rostos a milímetros um do outro, seu cheiro, a maciez de sua boca... Correspondo, perdido, entregue à candura e inocência desse gesto. Não volto a fechar os olhos, quero vê-la, quero ver a emoção que sinto com seu toque.

E vejo!

Minhas mãos afrouxam o aperto em seus ombros, uma desliza por suas costas, e a outra segue para sua nuca. O sabor de suco de laranja se mistura ao de café na minha boca quando nossas línguas se encontram. Puxo-a para mais perto de mim, mas não a encosto em meu corpo.

Ela geme baixinho, e não resisto mais. Fecho os olhos e aprofundo o beijo, esfomeado, jogando fora toda minha lucidez e racionalidade, entregando-me sem reservas ao beijo despretensioso e completamente fatal dessa menina que apareceu em minha vida.

O tesão, sobrepujado pelo desespero, volta com força, enche minha boca com mais saliva, e meu pau endurece como pedra. Seguro firme seu rosto, os dedos enroscando seus cabelos, os fios de seda deslizando por entre os vãos.

Ela volta a me tocar, dessa vez me abraça pela nuca e se cola a mim. Meu reflexo natural a quer repelir, afastá-la de mim e de tudo o que me marcou e causou dor, mas a necessidade que tenho no momento é de me fundir a ela, algo que há muito não sinto.

A raiva cessa, o descontrole emocional deixa de existir, e tudo o que importa são nossas carnes queimando de desejo, nossas línguas roçando uma na outra e nossas mãos, que conseguem transformar energia sexual em algo quase palpável de tão intensa.

Enrolo seus cabelos em meu punho, firme, e puxo sua cabeça para trás. O beijo é interrompido por um momento, mas sigo no propósito de voltar a beijá-la, muito, em todos os locais possíveis.

— Não me lembro de ter sentido nada igual antes — ela comenta, e a realidade bate como raio sobre minha cabeça.

Solto-a e me afasto.

— *Gamaúto*[11]! — xingo, fechando os olhos e balançando a cabeça.

Vi a expressão de assombro nos olhos dela antes de me afastar. Lamento tê-la assustado, tê-la beijado... *Porra, não lamento!* Um beijo inocente teve mais resultado do que todo exercício que já pratiquei para não me afundar na minha própria merda, e isso, ao invés de me deixar bem, está fodendo minha mente neste momento!

O que aconteceu?

— Desculpe-me — falo, soltando o ar devagar pelas narinas, mas ainda não a olho. Meu corpo está todo tenso, não por causa dos traumas e das lembranças, não como antes, mas sim de pura insatisfação sexual. — Isso não deveria ter acontecido.

— Sou eu quem pede perdão... — Sua voz está trêmula, e eu, por fim, encaro-a.

Merda!

Ela está sem jeito, agita o pé esquerdo, batendo a ponta dele no chão, para onde olha fixamente. Posso sentir o desconforto, o clima pesado que se instalou entre nós, e isso me preocupa, pois ainda não sabemos quanto tempo mais iremos dividir este quarto.

Tenho que arrumar outra suíte nem que, para isso, precise pagar um hóspede para liberar uma! Como vou conseguir ficar aqui sem desejá-la deste jeito? Isso me tira completamente do meu centro, desnorteia-me, e não quero lidar com essas sensações que não tenho há anos.

— Eu não queria ter me aproveitado de você. Não espero esse tipo de coisa entre nós, não precisa temer.

Ela me encara parecendo surpresa e com a face muito vermelha.

— Fui eu quem beijou você — declara, queixo erguido apesar do rubor. — Não fiz isso como agradecimento ou “pagamento” pelo que tem feito por mim, essa possibilidade nunca passou pela minha cabeça, eu apenas quis. — Dá de ombros, e sua expressão parece mais de mágoa do que de constrangimento. — Você não se aproveitou de mim, fui eu quem se aproveitou de você, e isso não irá se repetir. Peço desculpas.

Agora sou eu quem está com os olhos arregalados enquanto a vejo ir para o banheiro. *Ela se aproveitou de mim?! De mim?!* Dou uma risada nervosa, imaginando se essa garota ainda não percebeu que sou bem maior e muito mais forte que ela e que poderia facilmente, se quisesse, forçá-la a algo.

...essa possibilidade nem passou pela minha cabeça, eu apenas quis. As palavras dela ressoam em minha mente sem parar, fazendo com que eu perceba que ela não só *confia* em mim, como também sente a atração que sinto.

Puta que pariu, Millos! Bufo, passo a mão nos cabelos e penso em como vou fazer para ficar perto dela pelo tempo em que ainda precisar de mim. Sinto que estou por um fio e não quero perder o controle; não sei o que pode acontecer e não vou correr o risco de machucá-la.

Tremo só de pensar no que eu poderia fazer. Não quero perder o pouco da sanidade que conquistei ao longo dos anos; foi caro, doloroso e lento todo o processo para que eu conseguisse achar um jeito de não me perder, de não usar o sexo para extravasar minhas merdas, por isso, não vou correr o risco.

Nem querendo muito!

E, porra, como eu quero!

06

I can beat your street machine
I'm taking risks, that's what I mean
'Cause I'm a motorcycle man
We get our kicks just when we can
When we can.[12]

Interrompo a leitura do jornal ao ouvir o quinto suspiro seguido da minha companheira de quarto. *Companheira de quarto!* Sinto-me a merda de um adolescente ao falar assim, mas não há outra expressão que traduza o que somos.

Dividimos o quarto, as refeições, conversamos coisas rasas e banais e mais nada.

Desde que nos beijamos, há dois dias, um constrangimento incômodo se instalou entre nós, e temos falado ou feito coisas mínimas juntos. A suíte, a maior do hotel, foi dividida – tacitamente, mas foi – em dois ambientes: eu fico na sala, e ela, na parte com a cama.

O único local que compartilhamos ainda é o banheiro, e tenho sofrido bastante com isso, principalmente porque ela ainda acha que não vejo as

calcinhas estendidas entre as toalhas no toalheiro.

A verdade é que tento ficar fora do quarto o máximo de tempo possível. Não estou mais tomando o café da manhã com ela. Tenho acordado cedo, descido para o restaurante do hotel, pedido o desjejum dela e feito o meu na área comum. Depois do café, geralmente passo no quarto para saber se ela precisa de algo do Centro da cidade – já que convencionamos que é melhor não sair, pois não sabemos o que aconteceu naquela noite, nem quem era aquele homem –, e ela geralmente nega.

Passei duas manhãs seguidas na oficina e, ontem à tarde, recebi Susanna de volta, potente e renovada, pronta para pegar estrada.

— Agora sou só eu quem te prende aqui — ela disse quando contei que a moto tinha ficado pronta. — Não seria melhor se...

— Não! — cortei-a antes que dissesse algo que eu não iria fazer. Deixá-la sozinha sem que recuperasse a memória e se lembrasse do que aconteceu não era opção. — Você tem se lembrado de muitas coisas, tenho certeza de que não irá demorar a se recordar de quem é.

Ela concordou, sabendo que era verdade.

Todos os dias eu compro jornais e revistas aqui da região, esperando que ela reconheça alguém. Entramos no Facebook, uma recomendação da Sâmi, e vasculhamos grupos de moradores de São João Del Rei, cidade onde ela acha que mora, mas não tivemos nenhum êxito.

Avisei ao delegado sobre a possibilidade de ela ser dessa outra cidade, e ele entrou em contato com a delegacia de lá, porém também não teve nenhum registro de pessoa desaparecida.

Mandei uma foto dela e pedi a ele que tentasse acionar veículos de comunicação. Mesmo com receio de que isso possa alertar o homem que a machucou, achei que seria uma forma rápida de encontrar seus familiares. Conversei com ela sobre esse assunto, e concordou comigo.

— Se alguém me reconhecer, você pode seguir sua viagem, mesmo que eu não tenha me lembrado de nada. — Neguei, pronto para dizer que isso

seria perigoso, que o ideal era ela lembrar, mas ela não me deixou falar. — Estou me sentindo mal por manter você aqui.

— Não sinta — pedi sério. — Estou aqui porque quero estar. Não vou abandonar você à própria sorte, nem agora nem depois. — Aproximei-me dela. — Eu quero que você se lembre disso: se precisar de ajuda, não protele em me procurar.

— Eu não vou! Tenho certeza de que tudo será resolvido e que poderemos seguir nossas vidas.

Dito isso, ela se trancou no banheiro, e eu, frustrado por não poder fazer mais nada para ajudá-la e ainda tendo que lidar com a enorme vontade de ser beijado e abraçado por ela novamente, saí do quarto.

Voltei há algumas horas e a encontrei anotando coisas no bloquinho que o hotel geralmente deixa no quarto para sugestões. Ela tem feito isso todos os dias, escreve cada coisa de que se lembra e vai juntando, tentando fazer com que sua memória volte.

É um bom exercício, segundo o médico, e ela tem se empenhado muito.

— Trouxe mais jornais — avisei depois de passar um bom momento aproveitando-me da sua distração para admirá-la. — Avançou em alguma coisa?

Ela me olhou, e eu gelei. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, inchados, como se tivesse chorado muito já. Corri até ela, mas parei em seco antes de tocá-la.

— O que houve?

— Cristiano e Eduardo — pronunciou os nomes como se pudessem significar algo para mim. — Crianças... — Chorou. — Não sei se são meus filhos, mas me lembrei deles com muito carinho e senti uma saudade enorme... Senti preocupação também. E se aquele homem for o pai deles? E se ele for meu marido?

Engoli em seco, não pela possibilidade de que ela seja casada, pois isso já

passou pela minha cabeça, mas por causa das crianças. *Crianças! Meninos!* Tentei focar nela e em sua situação e não trazer de volta as velhas feridas do meu passado.

— Você está se lembrando, e, quando conseguir juntar todas as peças, pensaremos no que fazer. Não se preocupe por agora, isso não vai fazer bem a você.

Ela assentiu.

— Eu preciso lembrar. — Fechou os olhos com força, e uma lágrima caiu. — Quero que isso tudo acabe e eu saiba quem sou e o que essas crianças significam. Preciso voltar para a realidade, seja qual for... — E me olhou. — Antes que eu sinta o que não devo sentir.

A última afirmação me deixou intrigado, mas não tive coragem de perguntar o que significava. Ela se levantou, disse que ia tomar um banho, e eu me sentei no sofá, peguei um jornal e comecei a ler para distrair a mente.

Notei quando ela saiu do banheiro, quando se sentou na cama, e, desde então, tenho ouvido suspiros de impaciência.

— Acho que você precisa sair daqui um pouco — declaro, deixando a leitura de lado e me pondo de pé.

Ela arregala os olhos, assustada.

— Mas...

— Vou pegar um capacete emprestado na oficina onde consertaram minha moto — aviso de uma vez só, antes que possa pensar melhor e me arrepender da sugestão. É uma ideia ótima, afinal, quem irá reconhecê-la com a cabeça tampada? — Vou rápido, antes que fechem, e saímos amanhã bem cedo.

Não espero que me responda, saio marchando, focado, travando minha racionalidade, porque, se eu pensar bem, levá-la em minha garupa, tê-la encostada no meu corpo não é a ideia mais brilhante que já tive.

Certamente, é a mais torturante!

— Eu queria ter câmera para registrar tudo isso! — ela exclama animada, mesmo depois de mais de 15 minutos andando por uma trilha e com um guia turístico falando sem parar. Não sei o que me deu na cabeça ao pensar em contratar um, já que não utilizei o serviço nos primeiros dias em que estive aqui na cidade.

Talvez, inconscientemente, eu o tenha contratado para servir como uma espécie de "empata-foda", uma "dama de companhia" que garantisse que a ideia *brilhante* que tive não se mostrasse tão idiota.

Não adiantou muito, mas ver a animação dela tem me deixado mais tranquilo, e, mesmo com a previsão de que a ideia se mostre péssima, estou feliz em tê-la trazido.

Ontem à tarde, quando saí do quarto e fui até a oficina *alugar* um capacete, não pensei bem em aonde ir com ela. Queria apenas que ela saísse do quarto um pouco, pois já estava enfurnada lá havia quase uma semana. Só tive a ideia de ir até as cachoeiras de Vargem Grande quando cheguei à oficina, e o senhor João Márcio – o mecânico que consertou Susanna – me apresentou o guia turístico que nos leva agora por entre as cachoeiras deste complexo.

— É um pouco mais longe da cidade e tem que fazer trilhas a pé, mas tem estacionamento seguro para sua moto, é um local pago, ou seja, não fica tão cheio — ele explicou, e fiquei animado, pois não tinha conseguido ir até essas cachoeiras.

— Tem poço para nadar?

Ele riu.

— O mais lindo! A Esmeralda fica lá, água verdinha e cristalina.

Saí da oficina com um passeio agendado, guia contratado e a cabeça martelando que eu era um masoquista quando entrei na mesma loja onde comprei os conjuntos básicos em busca de um maiô.

Sim, maiô!

Nada de biquini de duas peças ou pequeno – como aquela maldita calcinha de renda que ela pendurou uma vez no toalheiro –, queria uma coisa mais *comportada*, sem revelar demais e me deixar em maus lençóis, andando de pau duro pelas trilhas.

Adiantou porra nenhuma, essa é a verdade!

Comprei um maldito maiô que a vendedora me garantiu que era confortável e seguro para as quedas d'água das cachoeiras e o entreguei a ela para experimentar.

— Vamos nadar? — E abriu um enorme sorriso ao questionar. — Eu sei nadar! Eu adoro nadar!

Mais uma lembrança!, pensei ao vê-la escrever no bloquinho.

Não vi como o maiô ficou, escolhi-o entre tantos porque achei que as cores fortes da estampa iriam se sobressair contra a pele clara dela e que faria uma imagem bonita.

Hoje de manhã, acordamos muito cedo, nem tomamos o café no hotel, porque ainda não era o horário, e seguimos para encontrar o guia no estacionamento do complexo de cachoeiras.

Ela estava usando um dos vestidos que comprei, largo, comprido, bem fechado, por isso não vi o maiô de novo.

— A roupa de banho serviu? — perguntei assim que chegamos à garagem onde Susanna estava estacionada.

— Serviu, sim, ficou ótima. Obrigada.

Balancei a cabeça, mas não falei mais nada.

— Você se lembra de já ter andado de moto? — Ela negou. — Bem, relaxe e deixe seu corpo seguir os movimentos que eu fizer e... — Tossi. Imagens do corpo dela seguindo meus movimentos na cama, e não na moto, fizeram com que eu me engasgasse com minha própria saliva. — Relaxe, ok?

Subi na moto, liguei o motor, o ronco forte me fazendo sorrir. Estendi o capacete para ela, ajudei-a a colocá-lo e indiquei como subir no veículo enquanto colocava o item de segurança em mim.

Por um momento me esqueci de como afivelava o capacete no pescoço e tive que respirar fundo algumas vezes. As pernas dela estavam em volta dos meus quadris. O vestido solto subiu até a metade das coxas, deixando-me uma visão deliciosa. Era apenas eu olhar de soslaio para ver a pele sedosa, coberta por pelos finos e loiros que brilhavam contra a luz da garagem.

Então ela me abraçou pelas costas, e fiquei paralisado.

Não gosto de abraços, seja por frente ou por trás, por isso mesmo *nunca* ofereço garupa!

— Tudo bem? Me sentei certo?

A tensão pelo abraço foi imediatamente substituída pela tensão sexual. Meu corpo respondeu ao dela na hora, de pronto. Conseguia sentir os contornos dos peitos dela nas minhas costas, sua respiração morna na minha nuca, as coxas ao alcance das minhas mãos.

Se se sentou certo? Claro que não! Nem em um milhão de anos esse seria o jeito certo de ela se sentar... pelo menos, não em mim. Balancei a cabeça, afastando o pensamento e as imagens dela sobre meu colo, mexendo-se, rebolando e... *Porra!*

— Tudo bem — respondi, engatando a primeira marcha e levantando o descanso. — Segure firme.

Ela segurou, e eu fiquei uns bons minutos sentindo suas mãos no meu abdômen bem onde a cabeça do meu pau toca quando estou duro e deitado. Remexi-me algumas vezes em cima da moto, buscando uma posição mais confortável, amaldiçoando-me por não ter nada mais leve do que jeans para

vestir.

Achei que a tortura ia terminar quando nos encontramos com o guia no estacionamento, mas estava engando. Caminhamos juntos, e, em algumas partes, tive que auxiliá-la, tocando-a ou a erguendo.

Agora, estamos chegando à famosa Esmeralda, sobre a qual ele já avisou que seria o local ideal para nadarmos, já que passamos por outros dois lugares – Beija-flor e Três Irmãos – onde havia pequenas quedas, mas nenhum poço –, e, só de ele falar isso, já comecei a suar frio, imaginando como ela ficou no maldito maiô.

— Ah, que lindo!

Presto atenção ao local, parando um pouco de sofrer por antecedência, e concordo com ela. A Esmeralda é linda, a mais bonita que vi até agora, apesar de não ter uma grande queda d'água.

Entendi a insistência do guia para virmos o mais cedo que pudéssemos, pois o sol ilumina todo o poço, e a água faz jus ao nome da cachoeira. O guia conta alguma história sobre o local, mas não presto atenção, desfrutando do canto dos pássaros, da brisa fresca e do som da água caindo.

Vivo na selva de pedra, mas sou completamente louco por esses locais com esta tranquilidade. Já viajei para muitos lugares do mundo buscando exatamente esta paz, um sentimento que não tenho normalmente dentro de mim e que usufruo apenas quando entro em contato com a natureza.

Olho para o lado a fim de ver, em sua expressão sempre tão clara sobre o que sente, o que achou da cachoeira, mas esqueço qualquer tranquilidade ou mesmo a paz encontrada no natural quando a vejo tirar o vestido pela cabeça e revelar seu corpo dentro do maiô.

— *Gamiménos*![13]

Ela me olha curiosa e franze a testa.

— O que você disse?

— Nada de mais. — Dou de ombros, mas não consigo desviar os olhos do seu corpo.

Vendedora filha da puta!

O maiô é, sim, comportado, de alças, as costas completamente tampadas, mas na frente ele tem uma espécie de abertura bem na área do abdômen que faz com que pareça um biquini. Não consigo desviar os olhos do umbigo dela e fico imaginando minha língua enfiada nele e minha boca descendo por sua barriga lisinha em direção à sua boceta.

— Tudo bem? — Fecho os olhos e balanço a cabeça quando ela me faz a pergunta. — Não vai nadar?

Tenho vontade de rir de mim mesmo ao pensar na *situação* na qual me encontro. Procuro o guia com os olhos e percebo que ele se afastou de nós, já que ainda não tem ninguém na cachoeira, para nos dar privacidade.

Foda-se!, penso, puto, ao tirar a camisa, expondo minhas tatuagens, e ao arrancar a calça do corpo, sabendo que há um enorme volume na minha sunga.

Caminho para a beirada do poço e, sem olhar para ela, entro na água gelada de uma só vez, esperando que o frio consiga esfriar minha cabeça e meu corpo, já que nada que minha razão argumenta faz efeito.

Incomoda-me parecer um velho – sim, velho, porque ela é uma garota! – safado. Além disso, há a questão das crianças das quais ela se lembrou ontem, e isso pesa em minha consciência demais. Os questionamentos não me deixam, e, desde então, pego-me pensando se são filhos dela, se há um marido preocupado em algum lugar, e como essas crianças estão.

— Ai, tá muito gelada! — Ela ri.

Mergulho, querendo que a água cristalina limpe minha mente um pouco e me permita aproveitar esse dia com ela, e, quando volto, vejo-a ainda toda encolhida na beira da cachoeira. Pensando em quebrar o clima pesado que eu mesmo impus, jogo-lhe água gelada.

— Millos! — grita meu nome rindo. — Não, que maldade!

— Entra logo, para de ser medrosa! — provoco-a e atiro mais água.

Ela faz uma cara de enfezada e pula de uma vez só, afundando na água límpida e esverdeada.

— Ai, caramba! — Emerge batendo o queixo. — É uma delícia, mas está muito fria!

Rio, pois, quente como estou por causa dela, a água nem está me incomodando.

— Daqui a pouco você se acostuma! Movimente-se!

Ela olha para as pequenas quedas d'água e me olha desafiante.

— Quer ver quem chega primeiro até lá?

Gargalho.

— Você já viu meu tamanho e envergadura?

Imediatamente fica vermelha com minha pergunta, que, inicialmente, não tinha malícia alguma, e meu pau pulsa na água gelada quando penso que ela o notou e que, ao invés de pensar no meu corpo genericamente, está se lembrando de uma parte específica.

Concordo em competir com ela com um aceno de cabeça, e, sem nenhuma contagem, dispara à frente, mergulhando fundo, deixando-me com o vislumbre de sua bunda deliciosa afundando na água como uma calda de sereia.

Merda!

Dou braçadas vigorosas para alcançá-la e, quando o faço, decido usar de trapaça para vencê-la, puxando-a pelo pé e a retardando. Ela xinga alto – nunca a tinha ouvido xingar, e isso me faz rir –, mas não impede que eu ganhe a competição.

Subo numa pedra, sento-me ao sol, deixando que o grande astro aqueça minha pele. Uma sensação de paz, de relaxamento, me invade, pelo menos até que ela me jogue água.

— Você roubou! — reclama. — Quero revanche!

Pisco e me reclino sob a queda d'água, sentindo a deliciosa pressão que faz sobre meus ombros.

— Na volta, prometo jogar limpo — prometo, mantendo meus olhos fechados, disposto a aproveitar cada momento agradável que a natureza está me proporcionando.

Mesmo sem vê-la, sinto quando se senta ao meu lado na pedra e a ouço suspirar.

— Você tinha razão. — Abro os olhos e a encaro sem entender a que se refere, e ela explica: — Eu precisava sair um pouco. Obrigada.

Sorrio e ponho minha mão na dela.

— Não precisa me agradecer por tudo. — Acho melhor deixar isso claro e espero que ela entenda, porque todos os seus agradecimentos me deixam constrangido.

— Preciso, sim — teima. Nego, mas ela completa: — Eu nunca vou esquecer o que você está fazendo por mim. — Olha para longe. — Nem esses dias que estamos passando juntos.

A afirmação dela toca fundo em mim. Sinto um aperto estranho na garganta, como se estivesse sufocando. Estamos vivendo uma situação incomum, ela e eu, pois, por mais que eu seja um tanto protetor com as pessoas a quem quero bem, é a primeira vez que me vejo fazendo tudo isso por uma desconhecida.

— Vai, sim. — Tento soar descontraído. — Você é muito jovem, vai voltar para sua vida, fazer suas coisas e nem se lembrar que essa situação difícil aconteceu contigo.

Ela respira fundo e volta a me olhar.

— Eu não vou esquecer você, Millos. — Não sei o que responder quando a escuto dizer isso, mas meu coração acelera como se eu tivesse feito uma corrida. — Nem este momento.

Posso usar uma desculpa esfarrapada como dizer que o clima da cachoeira, da brincadeira inocente e essas palavras são o que me movem até ela, mas não sou hipócrita a esse ponto.

Ergo meu tronco, puxo-a pela nuca e a beijo simplesmente porque não há outra coisa que eu queira fazer. Quero-a muito, e é hora de parar de me enganar, mesmo que essa constatação não mude nada entre nós.

07

Whenever I say your name,
Whenever I say your name,
I'm already praying, I'm already praying
I'm already filled with a joy that I can't explain.[14]

— Tivemos sorte de não ter muitas pessoas na cachoeira hoje — o guia comenta. — Geralmente ela enche rápido, e hoje foi tranquilo.

Pelo sorriso enorme que vejo no rosto da minha companheira de aventuras, a falta de pessoas na cachoeira e o tempo em que a tivemos só para nós dois foram muito bem-vindos.

E, porra, como foram!

— Foi uma ótima ideia, e sua dica sobre ir até lá foi muito providencial. Tivemos sorte — concordo com o guia, desejando que ele pare de conversa e siga logo seu caminho para a agência onde trabalha para que eu possa entrar no hotel e ficar a sós com ela.

— Sim! Bom, acontece que estamos com previsão de chuva para a partir de amanhã, e isso amedronta um pouco as pessoas, por conta de possíveis

trombas d’água. — Olho-o sério, esquecendo momentaneamente minha pressa de despachá-lo, pois não tinha nem pensado nessa possibilidade. Ele fica assustado com minha expressão e se defende: — Não havia risco hoje, mas sabe como é, quando não se tem alguém experiente por perto, é um risco enorme se aventurar em cachoeiras.

Sim, ele tem razão, e concordo com a cabeça. A previsão marcando chuva não é um bom agouro para passeios em cachoeiras, porque não sabemos de onde vem a água que forma a queda, e, se nesse local estiver chovendo, pode significar problemas.

— ...e, desde os desastres ambientais ocorridos aqui no estado, todos temos medo de chuvas muito fortes, seja em cachoeiras ou perto de barragens de minérios — continua seu discurso a fim de me acalmar.

— Sim, eu acompanhei o que aconteceu em Mariana há alguns anos, uma tragédia sem precedentes. Ainda bem que não choveu. Muito obri...

— Mariana?

Olho para minha companheira, que, até o momento, não tinha falado uma só palavra, e assinto.

— É uma cidade aqui de Minas onde aconteceu... — interrompo-me ao ver sua expressão perturbada. — Algum problema?

Ela fecha os olhos e balança a cabeça, mas não responde.

— Bom, foi um prazer guiá-los hoje — o guia volta a falar, e desvio os olhos dela um momento. — Quando quiserem conhecer outros lugares, você tem meu cartão.

— Sim! — respondo e lhe mostro o pequeno cartão de visitas que me deu assim que voltamos do passeio. — Obrigado.

Despeço-me dele, que acena para minha companheira, e, quando se afasta, volto a falar com ela.

— Você está bem?

Ela assente.

— Tive uma tontura e estou um pouco enjoada. — Sorri para mim. — Acho que preciso de um banho quente, a temperatura caiu um pouco agora à tarde.

Meu corpo inteiro se agita ao pensar em como posso aquecê-la, principalmente depois da manhã tórrida que tivemos naquele poço verde-esmeralda.

Respiro fundo e estendo minha mão para ela a fim de entrarmos no hotel.

— O dia hoje pareceu um sonho. — Ela sorri um tanto sonhadora ao dizer isso e se achega mais a mim. — Obri...

— Nada de agradecimentos — interrompo-a. — Combinamos isso, lembra?

Ela fica vermelha e suga o cantinho do lábio inferior – coisa que faz sempre que fica sem jeito –, e a resposta do meu pau a esse simples gesto é imediata e dolorosa.

— Você vai acabar me matando...

Somente quando ela arregala os olhos é que percebo que pensei em voz alta, e começo a rir. Paro antes de subirmos a escada que leva à nossa suíte e seguro seu rosto.

— O que aconteceu hoje, lá na cachoeira...

— Nos beijamos. — Sorri ao dizer isso, e seus olhos brilham intensamente, cheios de sentimentos que acho loucura sequer cogitar, e isso me deixa assustado.

Ai, caralho!

Ela está certa, nos beijamos, nos beijamos muito, e agi como um garoto irresponsável, movido por tesão, sem me preocupar com o que viria depois, só com aquele momento.

Não vou negar que foi bom. *Foi bom pra caralho!* Entretanto, não foi a coisa mais inteligente que fiz. Não quero ter a sensação de que estou me aproveitando dela, e, mesmo que demonstre o quanto gostou da nossa intimidade na cachoeira, ela não tem condições psicológicas de julgar, não sabe quem é, e o que me preocupa, é como vai se sentir quando souber.

De manhã, na cachoeira, eu me deixei levar. Nunca tinha sentido essa vontade louca com ninguém. Fiz muito sexo na adolescência e quando jovem, mas como uma forma de escape, não por vontade ou tesão. Comecei a trepar muito cedo, assim que entrei na puberdade, contratando mulheres mais velhas em busca de algo que só mais tarde compreendi.

Foi apenas quando consegui domar meu gênio e canalizar melhor meus traumas e gatilhos que aprendi a usar o sexo como um meio de ter alívio e, claro, de exercer poder sobre mim mesmo, a partir das técnicas que aprendi.

Essa atração, esse desejo louco por ela, não é algo que eu tenha experimentado antes. Vocês perceberam que eu falo de sexo – do ato – e não de tesão e vontade? É isso! Nunca trepei com alguém porque queria essa pessoa, trepo porque quero fazer sexo, não importa com quem.

Então, agora, nesta altura da minha vida e, principalmente, na situação na qual estamos, ter essa inversão em meu agir é assustador. Eu sei que não estou desesperado por sexo, afinal, nem pensei nisso a viagem toda. O simples fato de estar de férias, pilotando, conhecendo novos lugares, já estava me satisfazendo, e, ademais, já estava com meus arranjos prontos para extravasar toda a necessidade que estivesse acumulada quando voltasse a São Paulo.

À minha maneira.

Do jeito que sempre fiz.

No meu controle.

Mais um plano frustrado!

Esta viagem está sendo uma sucessão de imprevistos, descontrole e novidades.

Novidades!

Quem diria que o calado, misterioso e taciturno Millos Karamanlis passaria uma manhã *brincando* na água gelada de uma cachoeira, tomando e dando "caldos", apostando corrida ou competindo pelo salto mais bonito e, o mais assustador de tudo, agarrado a uma mulher desconhecida, devorando-a com a boca, arrependido de ter levado a porra do guia, louco para se enterrar todo naquele corpo lindo, jovem e absurdamente quente?

Se ela quer encarar tudo como "nos beijamos", que seja! Porém é bom deixar a loucura lá, nas águas verdes daquele paraíso, e voltarmos para a realidade deste hotel.

— Sim, mas não acho que continuarmos com isso seja boa ideia. — Sou direto com ela, e vejo o sorriso morrer.

— Entendo. — Olha para baixo e se afasta. — Você tem razão, nos deixamos levar...

Porra!

— Eu ainda quero beijar você — confesso e noto que ela prende o fôlego, mas não volta a me encarar. — Quero mais do que beijar você, essa é a verdade. — Dou uma risada amarga e passo a mão nos cabelos.

— Mas não sabemos nada de mim — ela completa, e concordo.

— Eu não quero me aproveitar de você, muito menos vê-la machucada ou arrependida depois que se lembrar de quem é.

Ela sorri.

— Você, mesmo negando algo que nós dois queremos, ainda está cuidando de mim.

Fico um tanto chocado com a sua confissão. Não por saber que ela me quer tanto quanto a quero, apenas por ouvi-la admitir isso de forma tão direta, sem jogos.

Sinceridade! Sorrio ao constatar que a característica que mais valorizo em alguém está presente nessa mulher perdida e confusa que está revirando minha vida.

Volto a oferecer minha mão a ela, que a pega, mas dessa vez não se aproxima muito, e, contra tudo o que acabei de decidir, percebo que sinto falta do seu contato.

— Previsão para chover amanhã! — comento com ironia, vendo o temporal cair lá fora. — Aquele guia é maluco, e eu, mais maluco ainda por ter ido para aquela cachoeira com ele.

Escuto uma risada às minhas costas e olho para trás, disposto a mostrar a ela, que estava no banho, o verdadeiro dilúvio que está caindo, mas me engasgo ao vê-la com o roupão do hotel e com os cabelos molhados.

— Eu comecei a sentir o cheiro da chuva quando estávamos voltando para cá — ela diz, como se não notasse o estado petrificado do meu corpo – de *todo* o meu corpo – ao vê-la. — Por isso estava ventando tão frio, porque estava chovendo perto daqui.

Engulo em seco, pois ainda consigo sentir o sabor de sua boca, a forma gostosa como moveu seus lábios contra os meus, o jeito que seu corpo se encaixou em mim, aqueceu-me e me enlouqueceu. As risadas – *risadas, quem diria!* – que demos juntos durante nossas brincadeiras, as carícias, o jeito que me olhava, tão transparente que eu podia enxergar o quanto me desejava.

Quero tudo isso novamente, toda aquela entrega, algo que nunca me permiti ter com ninguém. Ela me abraçou de frente, pelas costas, com os braços e com as pernas, e não senti vontade alguma de rechaçá-la – o que seria normal –, pelo contrário, retribuí cada carícia.

Toquei seu corpo debaixo d'água, senti como seus seios são firmes, como suas pernas e coxas são macias – suspiro ao me lembrar de como estavam

apertadas em volta da minha cintura –, e sua bunda, deliciosa. Foi uma pena que a água translúcida tenha me impedido de ir mais fundo e afastar seu maiô para tocar sua boceta e, quem sabe, assistir ao primeiro orgasmo dela comigo.

Fervi de raiva por saber que o maldito guia estava em algum lugar ali perto e que poderia vê-la, algo que eu queria única e exclusivamente para mim. Por isso, não a toquei intimamente, protegendo-a de olhares alheios e da exposição desnecessária, afinal, dividíamos uma suíte, e, na loucura daquele momento, pensei que poderíamos fazer tudo o que tínhamos vontade quando retornássemos ao hotel.

Sou um homem paciente e gostei daquelas preliminares tão fora da minha curva de ação. Gostei de "namorar" como uma pessoa normal antes de poder levá-la ao ápice do prazer com meu corpo. Fantasiei cada coisa que queria fazer, inclusive sorri ao pensar na fita de couro que ela pegou para usar como cinto e na utilidade que ela teria depois.

No afã do tesão, planejei cada lugar do corpo dela onde eu estaria com mãos, boca e pau e antevi suas reações, seus gemidos e o sabor único de seu prazer em minha língua.

Antes que a racionalidade voltasse a reinar na minha cabeça, pensei em dividir a cama dela – e a minha – as poltronas, a mesa e até o tapete com ela. Imaginei-nos no banho quente, aproveitando a água tépida, espantando a friagem da cachoeira e deixando tudo mais quente entre nós.

Seria fácil realizar tudo o que imaginei, basta ir até ela, jogar a porra da razão pela varanda e dar vazão a todo esse tesão que sinto desde que chegamos aqui.

Millos, porra, acorda! Balanço a cabeça para voltar a raciocinar e espantar essa ideia idiota de abrir esse robe atoalhado para poder contemplar seu corpo nu, e ela acaba entendendo que estou negando sua afirmação.

— É sério, eu consigo mesmo sentir quando vai chover. — Sorri, alheia à confusão na minha cabeça. — Sempre que os meninos estão no quintal e eu sinto cheiro de chuva, os aviso para entrarem na casa antes mesmo que a primeira trovoada *ronque.*

A lembrança sobre as crianças, o jeito carinhoso que ela fala delas me faz bloquear qualquer fantasia sexual e alerta meu cérebro sobre sua memória estar voltando, por isso não me manifesto, continuo calado e atento a cada palavra.

Vejo-a servindo-se de um pouco de café – que pedi enquanto ela tomava banho –, pegar um pão de queijo quentinho e mordê-lo, gemendo de prazer.

— Já comeu requeijão mineiro? — pergunta, e apenas assinto, temeroso que ela não volte a falar de sua vida. — Costumo rechear os pães de queijo lá de casa com ele, e os meninos adoram. — Ela ri. — É uma verdadeira briga, porque, se um comer mais do que o outro, rolam no chão se socando. Aqueles meninos são pestes, *uai*! — Mastiga mais um pouco, e tenho medo de piscar, e ela “acordar” de suas memórias. — Só tenho paz quando vão para a escola, então consigo adiantar minhas encomendas e fazer algum serviço de casa, mas, depois que escuto o primeiro “tia Mari!” vindo do portão, sei que meu tempo de paz acabou. — Ela me olha. — Mas eu gosto, amo aqueles meninos!

Acho que minha expressão deve estar muito estranha, porque ela para com o pão de queijo na metade do caminho até sua boca e franze a testa.

— O que foi?

Respiro fundo, indeciso sobre se digo a ela o que me contou, temeroso de que não se lembre ou que isso a faça ficar ansiosa, sem saber o que fazer. Sinto que não posso deixar passar, pois parece que não se tocou de ter dito um nome que pode ser o dela.

Tia Mari!

Lembro-me de que ela ficou estranha quando o guia disse o nome da cidade onde aconteceu o desastre ambiental há alguns anos e decido arriscar:

— Mariana?

Ela arregala os olhos, suas mãos começam a tremer, e corro antes que derrame café quente em cima de si mesma. Tiro a xícara de sua mão e a ajudo a se sentar. Sinto-a tremer da cabeça aos pés, e lágrimas começam a rolar por

suas bochechas.

— Você me chamou de Mariana?

— Você disse que, quando os meninos chegam da escola, gritam por “tia Mari” do portão e...

Ela soluça.

— Cristiano e Eduardo! — exclama os nomes das crianças e sorri, mesmo chorando. — Meus sobrinhos. — Olha-me. — São meus sobrinhos!

Agacho-me ao seu lado.

— E você é a tia Mari.

Concorda, balançando a cabeça para cima e para baixo várias vezes.

— Eu sou. — Seca o rosto e aperta minha mão que está sobre sua coxa. — Mariana Valadares.

Sorrio, gostando do nome, percebendo o quanto combina com ela.

— É um prazer, Mariana!

08

I'd hold you
I'd need you
I'd get down on my knees for you
And make everything alright
If you were in these arms.[15]

— Eu moro em São João Del Rei com meu irmão mais velho, minha cunhada e meus dois sobrinhos — ela revela enquanto anda de um lado para o outro, e eu a acompanho, quieto, deixando que se lembre de tudo. — Trabalho em casa, com Kátia, a minha cunhada. — Sorri, para e suspira. — Ela é mais do que somente isso, é minha amiga, uma irmã...

Aproveito que ela toma fôlego e faço a pergunta que martela minha cabeça desde que Mariana começou a me contar sua história.

— Quanto anos você tem?

Mariana para um instante, como se estivesse tentando se lembrar, e cruza os braços, olhando-me divertida.

— Quantos anos você me deu, Millos?

Remexo-me na cadeira, incomodado, porque sei que falar a idade de uma mulher é como brincar com uma espada: ou você se acerta com a parte cega e sai bem ou passa o gume afiado e sai machucado. O inteligente é sempre jogar para menos do que se pensou, porque agrada, mas, nesse caso, se eu fizer isso, significará que estive – não, ainda estou – atraído por uma menina, e isso é inconcebível.

— Uns 18 a vinte anos. — Sou sincero e espero – desesperadamente – ter pensado certo e ela não ser menor.

— Você é esperto, não chutou uma idade, deu um espaço de tempo. — Balança a cabeça. Penso que está negando, mas depois ri. — Tenho 19 anos, viu? Pode respirar, não sou menor.

Puta que pariu!

Levanto-me da cadeira, nervoso, fazendo as contas que, até então, estava me recusando a fazer ou a sequer imaginar. *20 anos mais nova que eu!* Mariana pode até não ser menor de idade – o que já agradeço demais! – mas não deixa de ser uma menina!

— Millos? — ela me chama, e eu bufo, a impaciência me ganhando como há muito não o faz.

Preciso distrair minha cabeça do fato de uma mulher com menos de 20 anos de idade ter mexido comigo do jeito que ela tem feito desde que saiu do hospital. Viro-me para ela e mudo de assunto:

— O que aconteceu naquela noite? Quem era aquele homem? — inquiro de uma vez só, e a vejo arregalar os olhos.

Toda a expressão divertida que ela tinha no rosto some assim que faço a pergunta com a voz ríspida. Não queria que tivesse sido assim, tinha pensado em deixá-la me contar naturalmente, com a conversa que estávamos tendo, mas a descoberta de que estou abalado desta maneira por uma garota de apenas 19 anos foi demais.

Mariana me dá as costas, e fico preocupado. Meu corpo, tenso como a corda de uma guitarra, relaxa, e tenciono pedir desculpas pelo modo como

falei com ela, porém não tenho oportunidade, pois logo responde:

— Eu não sei.

Franzo o cenho, não entendendo como a memória dela voltou para coisas tão banais, mas não para isso. Minha cabeça parece girar, tamanha confusão de pensamentos, possibilidades, conforme tento avaliar se ela está mentindo para proteger alguém ou se realmente não se lembra.

— Não é que não me lembre — continua, como se tivesse lido meus pensamentos. — Eu lembro! — Volta a me olhar. — Me lembro do rosto, da sensação de tê-lo encostando em mim dentro do carro e de tudo o que se seguiu, mas não sei quem *ele* é.

Mariana está me dizendo que estava dentro de um carro com um desconhecido? Isso não faz o menor sentido para mim!

— E por que estavam juntos no carro? — resolvo externar minha dúvida.

Ela suspira e fecha os olhos.

— Eu vim até aqui para fazer uma entrega. Nunca tenho tempo para sair e para frequentar lugares. — Percebo que ela está nervosa, pois a todo momento torce as mãos. — Meu irmão é superprotetor, ele me vê como uma filha e... bem, eu não saio muito, sabe?

Ergo a sobrancelha, já compreendendo aonde ela quer chegar com essas voltas todas que está dando.

— Então saiu para algum lugar e conheceu aquele homem. — Ela assente. — E entrou no carro dele...

Ela me encara, os olhos cheios de lágrimas.

— Eu não queria entrar! — Soluça. — Ele estava com um outro moço, que é amigo do meu irmão, então fiquei nervosa ao pensar que podiam contar pra ele que eu estava num bar, quando já deveria ter voltado para casa. — Mariana põe a mão no rosto. — Saí do bar, já ia pegar um táxi, quando ele me agarrou pelo braço e me jogou dentro do carro.

— Sem dizer nada?

Nega.

— Ele me ameaçou, disse coisas horríveis...

Posso sentir o medo dela e, sem pensar muito, vou até onde está para lhe oferecer conforto e a abraço. As convulsões provocadas pelo choro fazem com que me sinta um babaca por tê-la pressionado a me contar tudo isso assim que recobrou a memória.

— Eu estava encolhida no carro quando nos aproximamos daquele lugar cheio de bares — continua a contar, ainda em meus braços. — Ele pediu para o outro moço parar, porque queria comprar bebida, e então aproveitei para pular do carro. — Chora mais um pouco e confessa baixinho: — Queria pedir ajuda!

— Eu sei... — Passo a mão por seus cabelos, tentando confortá-la.

— Eu me senti culpada por aquilo estar acontecendo, por eu estar sendo levada por um homem que nunca tinha visto. — Soluça contra meu peito. — Meu irmão sempre disse que uma mulher não deveria andar sozinha, e eu sempre brigava com ele por causa disso...

Sinto meu sangue ferver ao pensar no tipo de irmão que ela tem e no mal que ele lhe fez ao fazê-la ter medo de tudo, não experimentar a vida e ainda se sentir mal quando encontra um macho babaca, sentindo-se culpada pela estupidez do homem.

— Você não teve culpa alguma, Mariana — falo devagar, baixinho, esperando que ela entenda isso como verdade. — Nenhuma mulher deveria sentir medo ao andar sozinha, ao ir a um bar sozinha ou de fazer o que quer que queira fazer. A culpa não é sua, é nossa! — Ela me encara sem entender, e explico melhor: — A culpa é dos homens que se acham no direito de fazer o que quiser, que veem a mulher como um objeto a ser tomado de qualquer maneira e, muitas vezes, à força.

— Você não é assim!

A inocência dela sobre mim me deixa incomodado, afinal ela não conhece meu passado, não sabe as coisas que já fiz, das quais me arrependo e pelas quais irei me condenar até o resto dos meus dias.

Ergo seu rosto, querendo gravar cada detalhe dele. As marcas da violência que ela sofreu são apenas pequenas sombras em sua pele jovem e perfeita, ainda assim não me saem da memória. Traço com o dedo o topo de seu nariz até a ponta, e ela fecha os olhos.

Tão inocente, tão ingênua!

Uma verdadeira *Ariadne*, entregando-se sem reversas a um homem que já viu muitas coisas atrozes, como eu, o Teseu desta história, que, muito embora deseje levá-la às aventuras comigo, sei que devo renunciar a ela.

— Eu preciso voltar para casa — Mariana informa baixinho, ainda de olhos fechados. — Eles devem estar preocupados com minha demora.

Analiso o que me contou sobre seu irmão, e uma questão se forma.

— Por que será que eles não deram queixa sobre seu desaparecimento? Se seu irmão é tão protetor assim, ele...

Ela soluça de novo, mas sem chorar.

— Eu vim porque ele não estava em casa e não ia retornar tão cedo. — Sua face fica rubra. — Ele nunca permitiria que eu viesse, entende? Então convenci a Kátia a me deixar vir no lugar dela, e combinamos que não iríamos contar a ele.

Que merda! Tento traçar um perfil do irmão dela, mas o desenho que se forma é péssimo! Que tipo de homem controla a vida de outra pessoa assim? Ela correu um risco enorme porque queria sair um pouco, saiu escondida e, por isso, sua cunhada não deu queixa do seu desaparecimento!

— Kátia deve estar louca de preocupação!

Concordo, então me afasto e pego meu celular.

— Ligue para ela.

Mariana se nega e aponta o telefone fixo do hotel.

— Eu prefiro fazer isso por aqui, para que seu número não fique registrado lá.

O medo na voz dela me faz gelar.

— Ele te maltrata, Mariana?

Ela arregala os olhos ante minha pergunta.

— Meu irmão? Não! Ele é maravilhoso comigo, me criou desde muito pequena, e depois, quando se casou com a Kátia, senti que fazia parte de uma família de verdade. — Ela soa extremamente triste ao dizer isso. — Ele só é muito protetor comigo.

Não me sinto convencido do que ela me diz, mas não a contradigo. Fico parado, ouvindo-a falar com a cunhada, contar que houve um problema, que esteve hospitalizada e voltaria para casa.

— Está tudo bem, de verdade. Amanhã estarei de volta, eu prometo.

Amanhã!

Amanhã ela voltará para casa, e eu poderei seguir viagem, sem conseguir fazer a rota planejada pelo litoral sul do Rio de Janeiro e litoral norte de São Paulo, mas ao contrário de como me sentia no começo, sem nenhum arrependimento de ter ficado ao seu lado durante esses dias todos.

Estou bem por ter ficado, por tê-la conhecido e ficarei ainda melhor depois de deixá-la em casa, com sua cunhada, em segurança.

Mariana desliga o telefone e respira fundo, sem conseguir me olhar.

— Eu disse a ela que amanhã vou para casa.

— Eu ouvi.

Ela me olha.

— Não tenho nem como lhe agradecer por tudo o que você... — Venço a distância até ela e coloco o indicador em sua boca, silenciando-a. — Desculpa.

Ri sem jeito, mas não há alegria em seu olhar.

— Sem agradecimentos ou desculpas. — Assente. — Eu gostei de ter conhecido você, Mariana.

— Eu também, Millos. — Sorri. — Embora ainda não consiga falar seu sobrenome complicado.

A tentativa de descontração dela não me passa despercebida, e eu rio.

— A que horas você quer que eu a leve amanhã?

Mariana deixa de sorrir.

— Você vai me levar? — Assinto. — Por quê?

Rio da pergunta óbvia.

— Porque eu disse que só ia embora depois de te deixar em segurança com seus familiares.

— Não precisa...

— Faço questão. — Minha seriedade a faz assentir, entendendo que não há mais discussão sobre esse assunto. — Bom, agora vou tomar banho e, se estiver com fome, podemos pedir algo para comer no quarto.

Mariana não responde, apenas balança a cabeça, e sigo para o banheiro, tentando me convencer de que foi melhor tudo ter acontecido desse jeito e não focar na questão de ela não ser casada nem mãe de duas crianças sozinhas em algum lugar.

Não importa mais! Não a toquei durante todos os dias em que estivemos juntos neste quarto, não será agora, que ela está prestes a ir embora, que irei tocá-la.

Soco a parede do boxe assim que entro, a dor se espalhando pelo meu punho, e ligo o chuveiro no jato mais forte que tem, sem me importar muito com a água fria.

Minha decisão está tomada! Vamos dormir cada um em sua própria cama, e amanhã irei levá-la para casa de seu irmão e seguirei meu caminho até São Paulo. Com essa resolução, espero que tenha um pouco mais de controle sobre mim mesmo e volte a ser o homem racional que sempre fui.

Acabo demorando mais tempo do que o habitual no banho e, quando saio, a encontro sentada, embolada em si mesma em uma poltrona, vendo televisão. Já não está mais de roupão, mas sim com um dos pijamas largos e sem graça que comprei.

— Decidiu o que vamos comer? — pergunto, colocando uma camisa de mangas compridas e calça jeans enquanto ela está de costas.

— Pode ser pizza de novo? Foi a primeira coisa que comemos juntos, naquela primeira noite aqui, e eu... — ouço-a soltar o ar devagar — eu gostaria de comer pizza.

Bufo e encosto a cabeça no armário de madeira, prevendo uma noite de clima pesaroso, longa e insone.

— Vou pedir a pizza — informo ao pegar o telefone.

— Podíamos beber algo, o que acha?

Paro de discar o número do restaurante do hotel.

— Vinho? — sugiro, mesmo achando uma péssima ideia.

Ela se vira na poltrona, olha-me e assente.

— Ótima ideia!

Peço a pizza – metade marguerita e metade calabresa – e uma garrafa de vinho tinto. Sento-me na cama onde Mariana tem dormido enquanto espero a refeição, sem prestar atenção à TV, folheando o livro que ela leu quase completamente.

— Você ainda não terminou o livro; não está gostando? — resolvo puxar assunto e quebrar o clima *fúnebre* entre nós.

Mariana se vira de novo. Reparo em seus olhos vermelhos e um tanto inchados. Aperto os olhos para enxergar melhor, pois as luzes da parte da sala estão apagadas, e ela só conta com a iluminação da tela da televisão, mas logo volta a olhar para a TV.

— É ótimo. — A voz anasalada não me engana, sei que esteve chorando. — Vou tentar comprar quando chegar em casa para terminar de ler.

Merda! O fato de ela estar chorando por ter de voltar para casa mexe demais comigo, pois não sei se está assim por receio de voltar ou porque não *quer* voltar.

— Leve esse e, se gostar do final, compre os demais — sugiro, gostando da ideia de ela levar o livro consigo quando for para casa.

Vejo a cabeça dela balançar em concordância, mas Mariana não volta a olhar na minha direção. Eu não esperava sentir tanto por saber que ela vai partir e que, provavelmente, nunca mais iremos nos encontrar de novo, e isso está me deixando ansioso, sem saber como agir.

— Mari...

A campainha toca no exato momento em que eu ia puxar conversa para tentar melhorar as coisas entre nós, e a vejo pular da poltrona e receber o serviço do hotel.

— A pizza está cheirosa e quente — diz tentando parecer animada, mas noto o sorriso forçado.

Vou até a pequena mesa onde dividimos algumas refeições, pego o vinho – um reservado chileno –, abro-o e o sirvo nas taças que deixaram junto à garrafa.

— Obrigada — agradece quando lhe entrego sua taça e me oferece um prato com uma fatia de pizza. — Calabresa, sua escolha.

— Vamos brindar antes — convido-a, e ela se põe de pé. — À sua vida, que seja maravilhosa daqui para frente!

Mariana não se move, seus olhos fixos nos meus, a expressão triste.

— A Deus, por ter colocado você no meu caminho.

Rio.

— Não sei se eu seria a escolha dele, mas... — Toco sua taça.

Mariana bebe o vinho com um só gole, esvaziando a taça, que enchi até a borda, e, quando termina, tosse um pouco.

— Opa! — Rio, coloco minha taça na mesa e me aproximo dela para ajudá-la. — Tudo bem?

— Sim... Eu só... — Mariana me olha — me engasguei. — Assinto e começo a me afastar, porém ela me segura pela camisa. — Millos... você... — respira fundo — poderia me beijar uma última vez?

09

At night I wake up with the sheets soaking wet
And a freight train running through the
Middle of my head
Only you can cool my desire
I'm on fire[16]

Puta que pariu!

Como dizer não a esse pedido? Como impedir que meus braços a puxem para mais perto de mim? Como não a abraçar apertado, sorver todo o perfume de seus cabelos, sentir a maciez de sua pele?

Como posso me furtar de algo tão diferente de tudo o que já vivi antes?

O beijo não era para ser intenso, mas se torna. Um desespero total de bocas unidas, línguas exploradoras e mãos buscando sustento em qualquer lugar que achem em nossos corpos.

O sabor pungente do vinho misturado à doce saliva de sua boca inebria meus sentidos, sinto-me completamente bêbado de tesão, afogado no desejo de tê-la completamente em mim, bem como a mim nela.

Fodam-se todas as razões que tenho – e listei várias vezes – para não a tocar! Eu a quero, ela vai embora, nunca mais nos veremos, e tudo em que penso é que, talvez, junto à sua partida, eu não volte a sentir-me como neste momento.

Descobri que preciso de Mariana, e isso é aterrador, porque nunca precisei de ninguém. Ela faz com que eu sinta que há esperança, como se estivesse realmente vivo, não apenas sobrevivendo, e tudo o que passei em minha vida, de alguma forma, parece se amenizar.

Tê-la em meus braços, ter-me em *seus* braços, dentro desta demonstração de carinho com que eu não conseguia lidar há anos, faz-me ter a sensação de que não escuto mais os monstros em minha cabeça, pois, de alguma forma, ela descobriu um modo de os fazer calar.

Afasto-me um pouco, buscando ar, tentando conter o caleidoscópio de sensações que perpassa por mim. Abro os olhos, mas a visão de seu rosto corado, da boca molhada, ainda com evidências do beijo fogoso que trocamos, toma conta de toda minha racionalidade, e simplesmente deixo apenas a carne comandar meu cérebro.

A boca avermelhada e inchada parece me hipnotizar. Toco-a, passando meu polegar por seu lábio inferior, sentindo a umidade que minha saliva deixou sobre ele. Mariana sorri e suga o lábio levemente, tornando a molhá-lo. Gemo e sinto meu corpo, *meu pau*, pulsando completamente fora de controle, irradiando energia sexual de forma tão palpável que enche todo o quarto do hotel.

Minha mão desliza pela pele macia de seu rosto, contorna o maxilar marcado, o queixo levemente pontudo e para sobre sua garganta. Posso senti-la engolindo e a pulsação de seu coração em alguma artéria na base do pescoço. Rio e me afasto um pouco, o que faz com que ela abra os olhos assustada.

Puta que pariu!

Sempre percebi quando minhas parceiras me desejavam. Na verdade, venho usado esse feeling para conduzir meus encontros sexuais desde que

comecei a frequentar os clubes. Não era só porque a mulher estava lá que estava disponível para foder. Eu andava pelas salas, corredores, bebia no bar, até encontrar a parceira ideal através do olhar.

Porém o que vejo agora me surpreende! Não por não ver o desejo recíproco em seus olhos, mas por perceber muito mais, algo muito intenso que não sei definir o que é, mas sei que quero compartilhar.

Puxo-a mais para perto, aperto sua cintura – tão estreita – e a mantenho firme contra meu corpo. Respiro tão forte que posso ouvir o ar sendo expelido dos pulmões, e ela sorri matreira, seu rosto tão angelical refletindo um pouco da devassidão de todos os meus pensamentos, mostrando-me que ela me quer tanto quanto a quero.

Não tem mais volta!

Ergo-a em meus braços, e Mariana enlaça minha cintura com suas pernas. Minhas mãos seguram firmes em suas nádegas – nessa bunda gostosa do caralho que quase me enlouqueceu hoje na cachoeira – e caminho com ela até a cama.

Não volto a beijá-la, tenho necessidade de olhá-la.

O tesão me consome de uma forma tão intensa que mal consigo coordenar minhas ações, não sou capaz de ser racional e meticuloso, quero apenas devorá-la, perder-me nela e fazer com que esse momento seja único nos meus 39 anos de vida.

Não a coloco na cama, sou eu quem se senta sobre o colchão. Mariana treme quando nossos corpos se encaixam e ela pode sentir a evidência marcante do meu pau completamente duro entre suas coxas. Suas unhas arranham minha nuca quando a faço rebolar em meu colo. Vejo-a fechar os olhos para seguir se esfregando em mim, e jogar a cabeça para trás.

Sou atraído como uma presa fácil até seu pescoço e inspiro seu perfume, o cheiro de sua pele, e posso dizer com certeza que é a droga mais alucinante que já provei. Meus sentidos todos estão ligados a ela, às reações de seu corpo. Lambuzo-me de sua essência, do seu desejo, arrasto a língua,

molhando seu colo, os ombros, explorando sua pele macia e tenra.

Escuto os gemidos ecoando pelo quarto e sou surpreendido com dedos explorando meu rosto, metendo-se entre os fios longos da minha barba, massageando, apertando, puxando-a.

Dessa vez é ela quem me afasta de si e me encara como se estivesse em um mais louco transe.

— Eu quero ver... — geme, ainda se contorcendo sobre mim. — Você sempre as está escondendo. — Mariana pega a bainha da minha camisa, e fico tenso ao entender o que quer.

Minhas tatuagens!

Tenciono negar, porque *nunca* fodo sem camisa. Minhas tatuagens são simbólicas para mim, apenas para mim. Não as fiz para que outras pessoas pudessem admirá-las, elas não são motivos de admiração, são marcos. Cada desenho em mim representa um *quando, por que* e *onde*.

— Hoje, na cachoeira, eu fiquei totalmente hipnotizada por elas, querendo conhecer um pouco mais de você através da tinta no seu corpo. — Mariana fica séria. — Eu sei que elas devem ter algum significado, por isso me atraem tanto.

Mariana não tem noção do que me pede! Seguro seus braços, impedindo-a de subir mais a camisa, dividido entre a vontade de me proteger ou de tornar esta noite ímpar de vez e deixá-la ver minha alma.

Ela se aproxima do meu rosto e me beija devagar, explorando, sentindo. Minha mandíbula se contrai, um nervo da minha perna tem um espasmo, mas, contrariando tudo isso, apenas fecho os olhos e relaxo, gostando da sensação de sua boca sobre a minha, seus dentes resvalando meus lábios, a língua – aparentemente tímida – tocando-os com sua ponta úmida e quente.

Por fim, solto seus braços, decidido a deixar que ela faça o que tem vontade, porém, surpreendentemente, Mariana solta minha camisa e volta a meter seus dedos entre os fios da minha barba.

Quero senti-la, mas ela ainda veste o pijama largo que comprei, por isso me contento em colocar as mãos por baixo da blusa, estremecendo ante à quentura de sua pele.

Ela está em chamas!

Enquanto sou beijado, cortejado por sua boca de maneira suave e completamente sensual, sigo até seus seios – livres, sem o sutiã – e os afago devagar, roçando o polegar nos bicos túrgidos. Minha boca saliva apenas com a ideia de chupar cada um dos mamilos que – pelo tom da pele dela – sei que são rosados.

Mariana geme contra minha boca, e seu rebolado fica mais lento e forte, pressionando meu pau de maneira torturante, mas gostosa, arranhando-o no zíper da calça. Ela reclina seu corpo, seus peitos se encaixam ainda mais em minhas mãos, e busca apoio em meus joelhos.

— Linda! — elogio, levantando a blusa e descobrindo cada pedacinho dela que ficou semiexposto naquele maiô que usou mais cedo.

Mariana ergue os braços para que eu a livre da peça, e, quando o faço, preciso respirar fundo um momento para não cometer a loucura de rasgar o que restou de tecido em seu corpo – short e calcinha – e tomá-la sem nenhum pensamento que não seja o de me perder em seu corpo.

Toco-a reverente, adorando-a, apenas as pontas dos dedos traçando a distância entre seus ombros, entre o seio esquerdo e o direito, da auréola até a ponta do mamilo. Isso não é comum para mim, não é assim que funciono, mas descobri há pouco que nada nesta noite está seguindo o caminho padrão, por isso nem penso mais, apenas sigo com a exploração.

Mariana estremece, sua pele se arrepiando, seus pelos loirinhos se eriçando, os bicos protuberantes de seus peitos implorando por minha boca, por minha saliva, desejosos por serem chupados e lambidos à exaustão.

Primeiro, esfrego meu nariz na parte sensível de seus seios, brincando com um mamilo de cada vez, dobrando-o, apertando-o, para então arrastar minha língua molhada com força. Mariana arfa e segura firme em meus

cabelos, seu corpo ondulando sobre o meu.

Sorrio contra os montes macios e quentes e os lambo todos, sentindo seu contorno perfeito, seu peso em minha língua e a firmeza de sua pele quando passo pelo vale que os formam, fazendo um caminho até o umbigo. Ela dobra o corpo todo para trás a fim de facilitar meu acesso e volta a se aprumar quando retorno com a lambida para seus peitos e ataco, sem nenhum aviso, um dos mamilos rosados.

— Millos! — geme e se agarra ao ombro da minha camisa, puxando-a.

Mariana está se dando toda, entregando-se, vibrando comigo a cada investida como se fosse a primeira vez. Xingo, porque sei que o que vou fazer é algo que nunca tencionei realizar. Afasto-me, arranco a camisa que uso, jogo-a no chão de qualquer maneira e volto a chupar, morder, apertar os seios lindos da mulher deliciosa em meu colo.

Foda-se!

Sinto-me livre, sem amarras, aproveitando este momento e essa vibração tão diferente entre nós. Mariana arranha minhas costas com suas unhas. Meu corpo reage, meu sangue ferve, a cabeça parece girar.

Levanto-me apenas para mudar nossas posições. Coloco-a sobre o colchão e fico por cima. Agora sou eu quem rebola entre suas pernas, que prende suas mãos no alto de sua cabeça e desliza a língua por todo seu abdômen, sentindo cada músculo ali pulando de excitação.

Mantenho as mãos dela para o alto com uma só das minhas e, com a outra, puxo o short de algodão, levando junto a insossa calcinha que comprei como um escudo, tentando não desejá-la, não imaginá-la vestindo peças íntimas tão sensuais, sem saber que eu a desejaria ainda que estivesse envolta em pano de saco.

Porra, eu a quero, apenas isso!

É um desejo primitivo, instintivo, uma atração quase tão magnética quanto os polos da Terra. Eu *só* a quero, não importa como, e todas as defesas físicas que levantei para tentar bloquear essa necessidade só

comprovam que eu não tinha nenhuma salvação em relação a esse tesão todo.

Mariana está nua, mas não olho para seu corpo. Quero mais do que ver, preciso sentir, explorar, conquistar, ser parte dele. Por isso fecho os olhos e a toco. Sigo com as mãos por cada sinuosidade de suas curvas, por cada relevo e reentrância.

Os pelos sobre sua pélvis são outra novidade para mim, tão acostumado a mulheres totalmente depiladas, mas a suavidade, a textura, faz com que seja muito sexy descobrir o segredo que eles protegem.

Abro os olhos e encontro os dela, completamente focados em mim. Seu peito sobe e desce rapidamente, completando o quadro de excitação que todos os seus sons já haviam me anunciado.

— Toque-me... — pede. — Por favor.

Afundo a mão entre suas coxas, a umidade empapando meus dedos, a sedosidade de seus lábios contrastando com a minha pele, tão calejada pela manopla da moto.

Sinto-a e a vejo sem olhá-la. Em minha cabeça se forma o desenho completo do que meu tato está captando, sua boceta pequena, porém de lábios salientes e clitóris bem protegido. Abro-a devagar, adorando, refestelando-me com o quanto ela está molhada, sentindo-me acolhido pelo calor que emana do seu interior.

Do interior onde eu quero estar!

Mariana se contorce quando massageio firme seu clitóris, e a vejo sorrir de apreciação quando acerto o ritmo que gosta.

— Você costuma brincar consigo mesma? — pergunto e fico ainda mais excitado quando a vejo corar.

Ela apenas balança a cabeça, assentindo, e quase explodo de gozo, mesmo sem ejacular. Meu corpo inteiro parece estar desmoronando, os músculos tremem, as mãos suam, e meu abdômen se contrai. Um prazer filho da puta me consome quando penso que ela se masturbou em algum momento aqui,

enquanto estava sozinha, pensando em mim.

— Fez isso aqui, Mariana? — Ela morde o lábio, mas não responde. — Nesta cama? Fantasiando o que faço agora?

Ela nega, mas o rubor em sua face delata sua mentira. Percebo que está constrangida com minha pergunta, então incentivo:

— Quero saber. — Paro de tocá-la. — Você se masturbou pensando em mim?

— Fiz isso uma vez quando você estava no banho... — Geme quando volto a acariciá-la, porém devagar, como uma pequena tortura para que me conte tudo, e ela compreende e confessa: — Eu fiquei olhando para a porta do banheiro... e imaginando você lá dentro.

Perco a respiração por um momento, fico sem reação, apenas olhando-a, a mão parada sobre sua boceta deliciosa.

— Eu estava no banho?! — Minha voz treme, o tesão me acertando na cara, bambeando-me, levando-me a nocaute, ao perceber que, enquanto eu resistia a “tocar uma” pensando nela, Mariana simplesmente se entregou ao desejo. — E você gozou para mim?

— Gozei — ela responde entre gemidos.

— *Gamiménos*!

Mariana sorri e fecha os olhos quando volto a esfregar seu clitóris, disposto a fazê-la gozar da mesma forma com que fez quando esteve se masturbando nesta cama, fantasiando comigo.

— Mostre-me!

No exato momento em que ordeno, ela goza, seu corpo se retesando, o tronco erguendo-se na cama, os olhos fechados. Solto seus punhos, e ela agarra a colcha da cama como se estivesse necessitando de apoio enquanto encharca meus dedos, que deslizam ainda mais fácil, sem parar, extraindo o máximo do êxtase que sente.

Espero que se acalme um momento, levanto-me, tiro a calça, porém permaneço de cueca, e me deito entre suas pernas. Sinto o cheiro delicioso de seu prazer e não espero para abocanhá-la, recebendo em minha língua o sabor de seu gozo, descobrindo o seu gosto.

Gosto de Mariana!

Abro bem suas pernas para poder ir mais fundo com minha língua, disposto a não lhe dar nenhum segundo de trégua entre um orgasmo e outro. Esta, com certeza, é minha forma favorita de torturar minhas parceiras, levando-as ao limite antes mesmo de começar a foder.

Desde que descobri uma forma segura de continuar minha vida sexual, tenho feito isso, aprimorado cada vez mais meu empenho em extrair o máximo de prazer das mulheres com quem me relaciono carnalmente. Talvez seja uma forma de compensar a todas com quem fodi anteriormente e que só usei para preencher vazios.

Minha expiação é fazer minhas parceiras alcançarem o êxtase de todas as formas possíveis.

— Oh, meu Deus! — Mariana exclama quando volta a se contorcer.

Sugo devagarinho, em ritmo constante, bem em cima do seu ponto de tensão, esse feixe nervoso tão pequeno, mas capaz de deixar o corpo todo de uma mulher bambo. As coxas dela me apertam a cabeça, e sinto que Mariana está prestes a ter mais um orgasmo, então paro de sugar e arrasto minha língua para baixo, para a entrada pequena e molhada de sua boceta.

Fodo-a com a língua, desejoso de atravessá-la toda com esse órgão, mas satisfeito quando a escuto implorar para que eu continue onde estava.

Porra, como eu gosto disso!

— Eu não ouvi direito... — sussurro, a boca praticamente encostada em seu clítoris pulsante.

Ela geme e tenta me pegar pelos cabelos, mas não permito, desviando a cabeça.

— Eu quero... gozar de novo.

Aproximo-me mais de seu clitóris.

— O quanto você quer gozar, Mariana?

— Muito! — Ela me olha. — Por favor... faz isso de novo!

O jeito que ela me pede, o desespero que ouço em sua voz faz parecer que nunca gozou antes.

— Gosta de ser chupada? — Esfrego a língua sobre a parte sensível, e ela dobra os joelhos. — Do que mais você gosta? — Encaro-a sem parar de movimentar a língua. — Sua boca está salivando com vontade de me chupar enquanto faço isso? — Sugo com força seu clitóris, e ela grita, agarrada à colcha. — Quer que eu foda sua boca antes de foder sua boceta?

— Eu quero tudo, Millos... por favor!

Não a faço implorar de novo e volto ao ritmo que percebi que gostou no início, e Mariana explode novamente em gozo, descontrolada, gemendo alto e movimentando os quadris, literalmente esfregando toda sua boceta na minha cara.

— Delícia! — gemo, estremecendo de prazer ao sentir o dela. — Isso! — Seguro seus quadris e a faço se esfregar com mais força, percebendo que o atrito a deixa ainda mais excitada.

É somente quando ela relaxa, arfante, corada, suada, que volto a subir pelo seu corpo e a faço cheirar minha barba, completamente encharcada do seu gozo. Beijo-a, e corresponde agarrada aos meus ombros.

— Se você deixar, eu vou passar a noite inteira com sua boceta na minha boca — confesso. — Mas, por agora...

Sorrio e me ergo, querendo me afundar em seu corpo, já antecipando a deliciosa tortura de entrar em sua pequena boceta molhada e quente, contudo ela me para ao passar a mão sobre as tatuagens no meu peito.

Tento não pensar que ela deve estar sentindo os relevos por baixo dos

desenhos, principalmente quando contorna as que tenho nos braços, então a deixo me explorar, aproveitando o tempo para colocar meus sentidos no lugar e não ser precipitado como um adolescente sem freio.

A verdade é que estou muito acelerado, e tê-la me tocando assim, tão admirada, reverente, é algo bom para que eu encontre meu ritmo a fim de, quando fodê-la – porque, mesmo com minha racionalidade, não consigo não querer me enterrar todo nela –, estar em condições de prologar nosso prazer ao máximo.

— Obrigada por esta noite...

Nego, achando um absurdo que ela esteja me agradecendo.

— Não me agradeça ainda. — Pisco para descontrair mais o clima. — Faça isso depois de eu ter satisfeito você de todas as maneiras que gosta.

Ela assente e fica ainda mais vermelha que o normal.

— Eu gostei do que você fez agora. — Mariana soa tão inocente que um alerta dispara em minha consciência ao me lembrar da idade dela. — De tudo, na verdade, desde o começo.

Meus batimentos cardíacos aceleram. Tento ignorar minha cueca molhada de tanto me esfregar em seu corpo, meu pau esticado ao máximo, duro, cheio, as bolas doendo de vontade de liberar toda a porra que andou produzindo nesses dias de tesão acumulado.

Não pergunta nada, Millos, deixa para conversar depois!, é o que meu corpo parece gritar, mas me sinto congelado, a mente apontando inúmeras situações diante do jeito que ela falou agora, e todas são estarrecedoras.

Millos, esquece isso e... meu corpo continua a digladiar com minha consciência, mas é calado e vencido pela voz dela:

— Eu nunca fiz nada disso antes. — Noto que está constrangida e me sinto gelar. — Estou feliz que seja com você que isso vai acontecer, porque...

Levanto-me rapidamente, sufocado, sem conseguir coordenar os

pensamentos. Sinto dor, meu corpo clama por satisfação, por ela e...

— Você nunca fez sexo?

Ela me encara e nega.

— *Gamiménos*! — xingo, muito puto, trêmulo.

Eu não vou deflorar uma virgem!

Não vou ser o homem de quem ela vai se lembrar toda vez que pensar em sua vida sexual, não quero ter esse peso, nem mesmo esse papel! Só me envolvo com mulheres experientes, bem-resolvidas, que entendem bem o jogo no qual estamos, por isso frequento os clubes e...

Não estou na porra do clube!

Eu deveria saber que essa situação não iria acabar bem e me questiono, a todo momento, onde eu estava com a cabeça! Ela tem 19 anos, mora no interior, com um irmão superprotetor e toma conta de crianças. Mesmo que não fosse... (não consigo nem dizer a palavra) mesmo que ela não fosse *inexperiente*, também não entenderia minha forma de ver o sexo e poderia envolver mais do que somente seu corpo.

É loucura continuar isso! Mesmo com meu corpo em brasa, querendo-a ainda mais depois do gozo, dos beijos, da entrega, não posso simplesmente ignorar minha...

Mariana me toca, e eu gemo.

O toque é tímido, leve, um carinho em minha coxa. Olho-a, sentada na beirada do colchão, bem perto de mim. Seus olhos azuis brilham de curiosidade, seu corpo nu, perfeito e intocado me tenta além do que posso suportar.

Ela pousa a mão sobre o volume na minha cueca, e eu estremeço. Vejo-a sorrir divertida quando meu pau pulsa sob sua mão e, então, me apertar mais. Fecho os olhos e ergo o rosto para o alto, culpado demais por deixá-la prosseguir com as carícias, mas totalmente impotente diante do desejo de

deixá-la me tocar inteiro.

Sinto que sou medido em largura e comprimento por dedos inexperientes e curiosos, que passam de lá para cá na extensão do meu membro, circulando-o, pegando-o, mesmo sob a roupa íntima.

Travo os dentes quando o tecido é afastado e sua mão firme pega meu pau com vontade. Minha consciência grita para que eu pare, afaste-me, impeça-a de continuar, mas os movimentos que faz masturbando-me devagar são impossíveis de serem ignorados.

— Mais rápido! — rosno baixinho, e ela me atende.

Eu sou um fodido, filho da puta, desgraçado e... gemo quando sinto algo molhado e quente tocar a cabeça do meu pau. Mal consigo respirar tamanha expectativa, ansiando por sentir a boca de Mariana em volta do meu membro, então, quando sinto a ponta de sua língua, parece que sou lambido por chamas prestes a me consumirem.

A princípio, Mariana apenas dá um beijo sobre minha glande, e esse pequeno gesto alvoroça tudo em mim. Ela consegue me torturar – docemente, claro – como se tivesse a técnica necessária para colocar-me de joelhos, porém sei que é somente a sua inexperiência que a torna mais hesitante. Acho que estou sentindo isso tão forte porque sei que é natural dela, não está sendo premeditado, apenas acontecendo.

Mariana age por impulso, provavelmente nunca fez um boquete antes! Essa constatação eleva o nível do meu tesão, levando-o a um patamar até então desconhecido e completamente delicioso. Deixo-a me explorar mais, quando na verdade já me sinto pronto a implorar para ser mamado com vontade até derramar todo meu gozo em sua garganta.

Não me lembro de ter uma experiência igual ou até meramente parecida com isso. Mariana passa a língua devagar sobre a cabeça do meu pau, provando o gosto da minha excitação, testando a dureza em contraste com a maciez conforme o aperta e alisa. Acho graça quando percebo que ela encontrou o pequeno furo bem na base da cabeça e esfrega a língua por ele várias vezes, provavelmente tentando entender o que é.

Abro os olhos e a noto olhando com curiosidade. Espero que me pergunte algo, mas fica quieta e volta a me lamber lentamente, como se chupasse um sorvete bem saboroso.

Ah, porra, vê-la fazer isso é ainda mais gostoso do que só sentir!

A pequena língua rosada contorna todo o meu membro, chega até a base, depois explora minha virilha e desce em direção às bolas. Gemo alto e a seguro pelos cabelos.

— Está gostoso? — Mariana pergunta, e eu rio.

Porra! A inocência dela salta aos olhos, e não entendo como não percebi. Não tenho nenhuma dúvida agora de que nunca encostou a boca em pau nenhum antes do meu, e isso, além de aterrador, é bom *pra caralho*!

— Abra a boca — ordeno baixo, buscando controle para não me enterrar até sua garganta quando o faz. — Vou até onde consigo ir, mas, se te incomodar, é só recuar um pouco, que eu tiro.

Ela assente, boquinha linda aberta, pronta para receber meu pau. Deslizo devagar, sentindo arrepios ao deslizar por entre os lábios macios, quentes e molhados. Mariana deixa a língua parada, mas, como a abertura de sua boca é menor que a grossura do meu pênis, sinto tudo ser pressionado, os dentes o arranham levemente, e travo a mandíbula, adorando o aperto, imaginando como seria fazer essa investida dentro de uma boceta inexplorada.

Não, Millos! Tento não pensar em sua virgindade, em como seria a sensação de romper suas barreiras e marcá-la para sempre como o primeiro homem em sua vida. *Não quero isso!*, volto a repetir, tentando convencer a mim mesmo. Ela merece mais do que apenas um cara aleatório que lhe tire a inocência e suma.

Mariana merece muito mais!

Entro o máximo que consigo, pois sei que não é fácil, para quem não tem experiência, ter um pau como o meu na boca. Ela deve estar sentindo os lábios esticados e a mandíbula no limite de sua abertura. É excitante saber que ela é tão pequena, mas que quer tudo de mim e não recua, mesmo que eu

já sinta a cabeça batendo no começo de sua garganta.

Aproveito a sensação de penetração e gemo quando a sinto tentando engolir, o movimento de sua boca, a sucção leve de sua garganta apertando-me ainda mais. Mexo-me um pouco, e ela, instintivamente, começa a me sugar.

Caralho! Preciso segurar mais firme sua cabeça, travo os dedos dos pés no chão e sinto meu abdômen se contrair como se eu estivesse fazendo exercícios pesados. Ela continua a me sugar, e sinto sua língua vibrando na parte de baixo do meu pau, como se quisesse se mexer. Mariana move a cabeça, buscando um ângulo mais confortável e consegue uma posição para me chupar com mais força.

Meto com mais vontade, atento às reações dela, temeroso de machucá-la. Não consigo ir muito fundo, mas estoco com velocidade e sinto pingos de suor caindo do meu corpo, escorrendo pelas costas e indo para o chão do quarto.

A vontade de fodê-la é tão grande que minha consciência briga com meu corpo o tempo todo. Sinto tensão, tesão, desespero, avaliando os prós e contras sobre afundar-me em sua carne jovem e pura.

Mariana se afasta, para de me lamber e, sem que eu possa prever, segura meu pau com força, masturbando-me como eu a ensinei. Volto a fechar os olhos, o gozo iminente, mas o controle permitindo que eu desfrute mais da sensação de sua mão em mim e...

— *Ái gamísou*![17] — urro quando ela suga minhas bolas sem fazer ideia de que meu saco é um dos pontos em que mais sinto prazer.

Todo o controle se vai, não consigo mais ter poder sobre meu corpo, que só quer liberação, prazer, e deixo que alcance o que quer. Antes, porém, afasto-a, seguro eu mesmo o meu pau e vejo os jatos de porra irem longe, caindo sobre os peitos perfeitos dessa menina/mulher que fodeu com meus miolos.

E agora?!

10

Woke up to soothing sound of pouring rain
The wind would whisper and I'd think of you
And all the tears you cried, they called my name
And when you needed me, I came through[18]

São Paulo, meses depois

Seguro a *shinai*[19], atento a cada movimento do meu oponente. Controlo minha respiração, que, de tanto treino, já está ofegante, para não demonstrar fraqueza ou mesmo cansaço. Sei que em breve serei atacado e, ainda em minha defesa, tentarei dar o golpe final para acabar com a luta.

Estamos empatados, e é sempre assim quando lutamos, nunca conseguimos uma grande vantagem um sobre o outro. Isso a enfurece, eu sei, e eu me divirto, porque a prática do *kenjutso* é mais do que a competição, é uma arte, são técnicas usadas pelos samurais japoneses há mais de 600 anos, cujas escolas e estilos se propagaram por todo o mundo.

A luta é terapia para mim, assim como a ioga, e eu as utilizo não só para

equilibrar o corpo, mas a mente. Sou competitivo em todo o resto em minha vida, mas, nesse momento, não me importo com o resultado da arte marcial, apenas quero fazê-la.

Cansar meu corpo, usar a concentração, controlar a adrenalina é tudo o que necessito para lidar com situações que têm tirado meu sono e elevado minha ansiedade a níveis que há muitos anos não chegam.

Sâmi avança sobre mim, tentando encontrar o ponto em que o *bogu*[20] não protege, e tento me esquivar, defender e contra-atacar. O som de seu grito de ataque reverbera por todo o galpão, indo até a parte de cima, onde fica minha casa e onde estão as malditas pastas que estão tirando meu sono.

Ouço mais um grito, mas não estou concentrado o suficiente e sinto a ponta da espada de bambu, protegida com couro, atingir minha virilha.

Merda!

Sâmi se afasta, cumprimenta-me e arranca a proteção da cabeça, ostentando um sorriso muito convencido.

— Eu nem devia estar tão alegre, porque claramente você não estava com a cabeça na luta — diz. — Mas, quer saber? — Sorri. — Eu não sou orgulhosa: GANHEI!

Bufo, frustrado, e começo a tirar o *bogu* sem reagir à provocação dela, muito menos à “dancinha” ridícula que faz, agora só vestida com o quimono e a *hakama*[21] azul-escura. Os cabelos negros de Sâmi estão suados, e ela os bagunça com os dedos para desgrudá-los da cabeça.

Olho para o relógio na parede, perto da oficina onde ficam minhas motos, e atesto que o combate durou mais de uma hora de intensos movimentos. *Ela é osso duro, realmente!*

— O que está acontecendo? — Sâmi pergunta quando me escuta bufar de novo.

Dou de ombros e pego meu equipamento para guardar.

— Nada de mais, eu resolvo.

Ela balança a cabeça.

— Está preocupado com a auditoria? — Nego, pois realmente não há nada contra meu primo pelo qual eu precise me preocupar. — Então é Tessa. Eu achei que o transplante tivesse sido um sucesso.

Não estou com nenhuma disposição de conversar, mas Sâmela tem essa facilidade de extrair de mim confissões. Talvez seja alguma técnica que aprendeu no seu trabalho ou seja apenas porque confio demais nela.

— Ela ainda está no hospital, deve ter alta em breve. — Olho-a. — E se tivesse dado tudo errado? E se Kyra não fosse compatível e ela...

Engasgo-me, e Sâmi assente, entendendo aonde quero chegar com essas indagações.

— Você não poderia adivinhar que a menina ficaria doente desse jeito!

Rio, cheio de amargura, a consciência acusando-me fortemente.

— Mas que direito eu tinha de esconder de Theo que ele tinha uma filha?

Sâmi caminha até onde estou e põe a mão sobre meu ombro.

— Millos, a forma como você lidou com isso foi a melhor, creia-me. Se você tivesse contado ao Theodoros, tudo o que faria era com que ele e Duda entrassem numa briga sem fim pela menina, e eles não estariam felizes como estão agora.

Eu sei! Tento justificar minhas ações alegando exatamente isso! Porém, basta pensar na possibilidade de Tessa ter morrido que sinto um enorme nó nas tripas por achar que poderia ter dado a ela e ao pai mais tempo juntos.

— Foi um risco muito alto!

— Foi, mas deu certo. — Sorri. — Eles estão melhores do que você havia imaginado que ficariam.

Lembro-me do Theo no bar no dia em que descobriu toda a verdade sobre Duda e Tessa, o desespero nos olhos dele, sem entender como aquilo aconteceu e como eles voltaram a se encontrar. A menina já estava doente, e eu, sentindo-me extremamente culpado por tudo.

Nunca achei que deveria contar ao Theo sobre a possibilidade de Tessa ser sua filha, isso caberia à Duda quando ela achasse que era hora, mas, caso não tomasse essa decisão, certamente eu daria um "empurrãozinho" nessa direção. Parece frio e manipulador esse meu jeito de intervir na vida deles, sem interferir diretamente, mas acho o melhor.

Pelo menos, achava, até ver o que aconteceu com Tessa e a possibilidade real de Theo ter descoberto que tinha uma filha tarde demais. No bar, conversando com ele, fiz questionamentos para entender se ele tinha notado a dimensão da verdade, que ia muito além da paternidade de Tessa, e fiquei feliz ao saber que, sim, ele tinha enxergado as coisas sem nenhum movimento meu nesse sentido.

Acabei contando a ele que já havia me encontrado com Duda algumas vezes usando o cabelo colorido, em um ato falho, uma autossabotagem do meu cérebro. Contudo, Theo estava tão impressionado com o que descobriu que não percebeu a verdade por trás do que eu disse.

Há nove anos eu o escuto falar, de tempos em tempos, da trepada louca que teve no banheiro de uma boate na Grécia. Geralmente esse assunto sai quando já estamos bêbados e ele tenta descobrir o que eu faço no clube que frequento. Acho que ter dito a ele que frequentava esses locais, mas nunca ter dado detalhes do que acontecia lá mexeu com a curiosidade de meu primo, que, sempre que tem oportunidade, usa essa meia informação para me provocar.

Theo costuma tentar me pegar desprevenido – algo do tipo: "Você não trepa!" ou "Como vão suas submissas?" etc. – no meio de qualquer conversa sobre sexo. O que ele não tem noção é de que sou muito discreto para cair nesse joguinho e me denunciar.

Mantenho minha vida sexual como ela deve ser: privada. Ninguém precisa saber qual clube frequento e que tipo de sexo faço lá. Eu faço sexo,

como qualquer outra pessoa adulta, e é só o que eles – meus primos – precisam saber. Como, onde e com quem não é de interesse de ninguém!

É por isso, por causa dessa curiosidade, que ele falava da mulher do cabelo rosa, dizendo ser a maior loucura que já tinha feito.

— Eu não me lembro de nada sobre ela, apenas dos seus cabelos cor-de-rosa, do jeito gostoso que dançava e da trepada louca, bêbada e apressada no banheiro. — Ria.

Eu ria junto e o provocava dizendo que ela era a fantasia de masturbação dele. Todo homem que se preze tem uma foda para lembrar. Pode não ter sido a melhor, a mais envolvente ou a que mais marcou, mas é a que ele usa como "imagem" para se excitar quando está sozinho. É fantasia, geralmente a ilusão supera a realidade, e nada melhor do que uma foda fora do padrão – como a num banheiro com uma desconhecida – para ser usada dessa forma.

A "cabelo rosa" era isso!

Theo nunca soube nem o nome dela, nada, então era perfeita para ele fantasiar sem nenhum tipo de ligação, vínculo ou memória sobre a mulher, apenas a transa. Era uma fantasia segura e muito melhor do que pornô.

Foi por isso que, dois anos atrás, quando vi Duda com os cabelos pintados de rosa, senti logo o impacto das lembranças dele, porém achei coincidência e não levei a situação para qualquer avaliação racional, afinal, muitas mulheres colorem os cabelos.

Só comecei a ficar incomodado há quase um ano, quando compramos a promissória, e eu fui até ela para tentar negociar. Ainda não tínhamos nenhuma tensão entre nós. Ela sabia que eu estava interessado em comprar o bar, dispensava-me gentilmente, e eu seguia com a negativa para a empresa, afinal, nunca vi sentido em tirá-la de lá e demolir tudo se não tínhamos clientes interessados na área.

Então, nesse dia em que a procurei, a vi com os cabelos cor-de-rosa de novo. Lembro-me de que o Hill ainda não tinha aberto, e eu a encontrei entrando no bar levando umas caixas e acabei ajudando-a com as coisas

pesadas.

Duda foi guardar as compras na cozinha e me disse que seus funcionários em breve começariam a chegar.

— Vocês abrem a partir de que horas? — indaguei.

— Depende do dia, hoje abriremos às 18h — respondeu, parando no balcão de bebidas. — Quer uma água?

Aceitei o oferecimento, e, enquanto eu bebia, ela questionou:

— Seu sotaque é bonito. — Sentou-se ao meu lado, em uma banqueta alta. — De onde "Os Karamanlis" são?

Ri.

— Da Grécia, Atenas, especificamente. Mas eu não tenho tanto sotaque! — Pisquei para ela. — *Tá me tirando, mano*! Eu falo como vocês!

Duda gargalhou da minha imitação sofrível do sotaque paulistano e negou.

— Você se esforça, mas não fala, não. — Suspirou. — É difícil ser estrangeira no país dos outros, não é? Estar longe de casa. — Olhou para longe, parecia cheia de memórias. — Eu morei fora por uns anos e achei que nunca voltaria ao Brasil, mas fico feliz por ter voltado. — Riu e me olhou. — Não há lugar como o nosso lar![22]

— Aqui é meu lar agora — confessei. — Sinto-me mais à vontade aqui em São Paulo do que em Atenas. Acho que sou um brasileiro que nasceu no país errado. — Ela gargalhou. — Onde você morou?

— Paris. Estudei gastronomia lá. — Ela notou que fiquei surpreso com isso, que nunca tinha esperado que a dona de um boteco fosse formada em gastronomia numa escola francesa. — Le Cordón Bleu! — revelou orgulhosa, e a cumprimentei.

— Não quis seguir carreira por lá mesmo? — Ela deu de ombros, mas não

respondeu, e sua fisionomia mudou, tornou-se sombria. — Viajou pela Europa, pelo menos, enquanto esteve morando lá ou só estudou?

O sorriso voltou ao rosto.

— Viajei muito! Em feriados ou durante os recessos, inclusive conheci Atenas.

— Ah... talvez por isso você ficou atraída pelo meu sotaque!

Duda negou.

— Não entendo nada de grego, durante o tempo em que viajamos pelo seu país, falamos em inglês ou francês.

— Conheceu o que da Grécia? Foi turismo gastronômico ou apenas em férias?

— Férias, total! — Riu como criança. — Tínhamos acabado o curso de gastronomia e decidimos passar um tempo viajando pelas ilhas gregas antes de começarmos a vida profissional. Minhas amigas do curso e eu visitamos os locais mais importantes da Grécia e as ilhas mais lindas, como Zante. — Suspirou. — Ainda vou voltar lá um dia, porque não conseguimos ir até Navagio.

Foi nesse momento que me vi sem ação.

Cabelos rosa.

Grupo de mulheres.

Francesas.

Zante.

Não, era coincidência demais!

Continuamos conversando normalmente, ela me contando algumas das aventuras vividas no meu país, quando, de repente, uma menina entrou no bar com uma mochila nas costas, e gelei ao olhá-la.

— Mamãe, cheguei! — anunciou a pequena. — A van do colégio pegou um engarrafa...

A criança parou de falar quando viu que a mãe estava ocupada, ficou vermelha e me cumprimentou, porém não correspondi, embasbacado demais com o rosto dela, principalmente seus olhos verdes.

Eu já tinha visto aquela cor de olhos antes!

Tessa estava com os cabelos pintados de rosa também, usava duas tranças, uma de cada lado do rosto, e, quando entrou, sorrindo, vi as mesmas covinhas que minha prima Kyra tinha quando pequena e a mesma cor dos olhos de minha *giagiá*.

Você está louco, Millos!, pensava enquanto via Duda falar com a filha, e a menina sumir para dentro da cozinha do restaurante.

— Ela deve estar morta de fome — disse. — O que você queria mesmo falar comigo?

Tentei não parecer tão chocado e intrigado com a aparição de sua filha – que eu nem sabia que existia – e respirei fundo antes de falar:

— O de sempre, mas já sei sua resposta, só estou cumprindo o protocolo da empresa.

Duda gargalhou alto.

— Eu gosto de sua sinceridade.

Minha cabeça já estava maquinando como ter as respostas que eu queria sem parecer muito interessado.

— E eu gosto de conversar com você, Maria Eduarda Hill. Fiquei contente em saber que esteve em meu país, nós poderíamos ter nos conhecido lá. — Ela ficou sem jeito, provavelmente achando que eu estava interessado nela. *Ossos do ofício!* Eu queria respostas. — Mas estou no Brasil há quase dez anos, então já devia estar por aqui.

Ela concordou.

— Vai fazer nove anos que estive lá, então, sim, provavelmente você já estava aqui, atormentando meu pai.

Fiz uma careta, fingindo-me de ofendido, e ela gargalhou. Conversei mais um pouco com ela, despedi-me e, somente quando entrei no carro, xinguei todos os palavrões que conhecia, porque, definitivamente, tinha achado a mulher da boate, e, se meu feeling estivesse certo, aquela noite não havia resultado apenas na fantasia de masturbação do Theo.

Tessa era a cópia da minha avó quando era criança!

— Millos, relaxa! — Sâmela chama minha atenção, e paro de pensar naquele dia. — Deu tudo certo, melhor ainda do que você havia planejado. Eles vão se casar!

Assinto e subo até a parte do galpão que chamo de casa.

— Eu sei, Sâmi, isso alivia, mas foi um risco enorme.

Ela fica parada perto do móvel onde sabe que guardo todas as pastas que montei ao longo dos anos e suspira.

— Eu me lembro do seu desespero quando me pediu para investigar a vida da Maria Eduarda Hill. — Olhamo-nos em silêncio, a compreensão da tensão e da surpresa de volta. — Você achava que ela era a mulher da boate, lembra? Por isso, se tivesse contado ao Theo quem era ela e que Tessa era filha dele, os dois não estariam juntos agora, tenha certeza. Você fez a coisa certa, Millos!

— É, eu pensei muito em como aproximar os dois enquanto não descobríamos tudo. Não contava que houvesse possibilidade de uma química tão grande entre eles, só esperava que Theo a reconhecesse naquele restaurante, e, quando isso não aconteceu, tive certeza de que havia algo errado na história.

— As coisas se desenrolaram por si mesmas, você só aproximou os dois. — Sâmela ri. — Acho que você, por ter esse nome, estava predestinado.

— Porra, Sâmi, não vem com essa merda de novo!

Ela gargalha, vai até minha geladeira de cervejas e pega uma *long neck*.

Detesto quando ela diz que sou o cupido dos meus primos. Sim, quero vê-los bem, ajudá-los a superar todas as merdas que aconteceram no passado, assim como eu mesmo tive ajuda para aprender a lidar com as minhas. Entretanto, ser cupido de três marmanjos barbados? Não!

Maldita hora em que contei a ela de onde veio a inspiração para meu nome! Milos é uma ilha grega cuja lenda conta que foi lá onde acharam a Vênus de Milos, nossa Afrodite. E, segundo a mitologia, o Cupido é filho de Afrodite, então... *Tomar no cu!* Onde já se viu ser comparado com um menino gordinho, pelado, que fica flechando corações alheios!?

Arranco o quimono e entro no banheiro para me livrar do suor da luta que tivemos há pouco, e ela me segue.

— Essa calcinha ainda está aqui! — Ri e pega a pequena peça de renda.

— Tira a porra da mão da calcinha, Sâmi! — rosno, puto. — Que caralho você tem que ficar mexendo nas coisas? Enxerida da porra!

Ela gargalha.

— Millos, a calcinha fica pendurada aqui e ali desde que você voltou de Minas Gerais. Eu não preciso mexer em nada, basta entrar na sua casa. Até já jantei com essa peça em cima do balcão da cozinha!

Ela gargalha, e eu bufo, puto, questionando-me o motivo pelo qual não a proíbo de vir aqui também, afinal, desde que voltei, não deixei ninguém mais me visitar simplesmente por causa da maldita calcinha.

Pode parecer idiotice, afinal, é só guardá-la em algum local e pronto. Todavia, apenas a ideia de tirá-la da minha vista é um sacrilégio. Tomo banho com a porra da calcinha pendurada ali, e, à noite, quando vou dormir, a peça vai comigo para a cama.

Eu sempre soube que sou descompensado, faço terapia não é à toa, mas

ficar agarrado a uma peça de renda minúscula e levá-la para todo lado como um amuleto é demais! Falei sobre isso com meu psicanalista, e ele me pediu para tentar entender os motivos pelo qual não suporto me separar da calcinha. Até hoje não cheguei a uma conclusão.

— Você quer que eu volte a investigá-la? — Sâmela pergunta, sentada sobre o sanitário, olhando para a calcinha.

— Não — respondo seco. — Mariana tem a vida dela, está segura com a família, não há nenhum indício de que ela precise de mim, então vigiá-la não tem lógica, parece apenas perseguição.

— Millos, mas você...

Fecho os olhos e enfio a cabeça debaixo do jato potente do chuveiro, deixando de ouvi-la, encerrando o assunto. Não há nada para discutir sobre Mariana Valadares!

O que aconteceu naquele hotel ficou lá, morreu na noite que passamos juntos e foi enterrado pela manhã, quando acordei e percebi que ela tinha ido embora sozinha.

Fiquei louco da vida, pulei da cama já à procura da minha roupa e da chave de Susanna, pensando em ir até São João Del Rei e bater em todas as casas da cidade, mas não foi preciso. O bloquinho que ela usou para anotar suas lembranças estava em cima da mesa, com um lápis ao lado, e reconheci sua letra e meu nome escrito nele.

Li o bilhete devagar, esforçando-me para desacelerar e compreender o que ela me escreveu. Basicamente me agradeceu por tudo, disse que nunca iria me esquecer, mas que precisava ir para casa sozinha a fim de evitar problemas para a cunhada. Pediu que eu não fosse atrás, afirmando que ela chegaria bem e ficaria segura, e, por fim, me desejou boa viagem.

Tive que ficar um tempo – muito tempo, na verdade – discutindo comigo mesmo se devia acatar sua vontade e deixá-la seguir seu caminho ou se ia atrás, mesmo que levasse mais uma semana inteira para encontrá-la.

Decidi, então, deixá-la seguir em frente e também tomar o caminho de

casa. Mariana não levou uma só peça do que comprei para ela, nem os vestidos ou pijamas, deixou tudo lá no hotel e foi embora com a roupa que usava quando a vi sendo agredida.

Juntei tudo o que abandonou e, quando estava tirando do banheiro os itens de higiene que usou, vi a calcinha rendada pendurada no toalheiro junto a uma das básicas que comprei. Peguei a peça, a calcinha *dela*, e, não sei explicar ainda o motivo, a coloquei na minha mochila.

Fechei a conta, pedi à moça da recepção que doasse os itens que haviam ficado no quarto e passei na delegacia antes de pegar a estrada para São Paulo. Porém, antes mesmo que eu pudesse contar ao delegado que a moça havia se lembrado de seu nome, fui surpreendido quando me informou que Mariana tinha passado lá e contado quem era e o que havia acontecido.

Fiquei tentado a pedir o endereço, porque, é claro, ela deixou algum com ele, mas segurei minha curiosidade. Coloquei-me à disposição caso encontrassem o homem que a agrediu e saí de Carrancas disposto a deixar todas as lembranças daquela cidade que nem estava na minha rota.

Foi somente quando cheguei a São Paulo e reencontrei a Sâmi que descobri mais coisas sobre Mariana. Minha amiga, puta demais com a violência sofrida pela outra mulher, não sossegou enquanto eu não contasse o que a mineira se lembrou e depois voltou com as informações sobre a família dela em São João Del Rei. Descobri que, embora realmente superprotetor, o irmão cuidava bem dela.

Saio do banho, deixando essas lembranças incômodas para trás, e arranco a calcinha das mãos de Sâmi.

— Se eu não te conhecesse bem, ia dizer que você está fissurado naquela mulher.

Não respondo, finjo que não ouvi e atravesso o closet para colocar a calcinha sobre minha cama.

Foda-se! Pego a peça e penso em jogá-la no lixo, mas então meus dedos a acariciam como se tivessem vontade própria, lembro-me da textura da pele de

Mariana, do cheiro de sua boceta e do sabor de seu gozo.

Balanço a cabeça, puto, e volto a colocar a calcinha na cama, escutando, ao fundo, as gargalhadas de Sâmela.

11

I'm ready, I'm ready, I'm ready, I'm ready
For someone to love me
I'm ready, I'm ready
I'm ready, I'm ready
For someone to love me, for someone to love me.[23]

Passo mais uma camada de cobertura sobre o bolo, feliz por esta encomenda ser com glacê e não com pasta americana. Fazer bolos, docinhos e salgadinhos para festas é o que tem mantido meu coração sossegado e meus pensamentos longe do que aconteceu meses atrás.

Nem nas minhas fantasias mais loucas de menina, sonhei com um homem como Millos! Parecia coisa de filme, como disse minha cunhada quando contei a ela o que aconteceu, como ele e eu nos conhecemos.

Kátia ficou muito preocupada com meu sumiço naqueles dias, principalmente porque Zé Carlos poderia voltar a qualquer momento e não me achar em casa.

Lembro-me até hoje de quando cheguei aqui, de táxi, e ela saiu correndo da casa para me abraçar. Pagou a corrida e me ajudou a entrar, aflita, à

procura de hematomas em meu rosto. Chorei em seus braços, com o coração partido, e ela também, muito emocionada, agradecia a Deus pela minha volta.

— Vamos esperar que nada disso tenha repercutido e chegado aos ouvidos de Zé — Kátia disse preocupada assim que entramos na casa. — Você não vai contar o que houve, vai?

Neguei, temerosa demais, e ela continuou:

— Bom, o dinheiro foi entregue, ele já deveria ter voltado, mas não sabemos onde está. Então, quando Zé Carlos chegar, caso não toque no assunto, fingimos que fui eu quem levou a encomenda, e tudo segue normal.

Eu estava com muito medo de que meu irmão descobrisse a verdade, porque sei o tanto que é superprotetor comigo e o quanto fica zangado quando faço algo que não considera certo ou lhe desobedeço, sem contar que, na maioria das vezes, também acaba sobrando para Kátia.

Fui eu quem insistiu em ir no lugar dela, porque, além de estar preocupada com sua segurança e a das crianças, queria muito poder sair de casa e conhecer outros lugares, mesmo que um pequeno como Carrancas.

Moro na zona rural da minha cidade, um local bem isolado, tanto que meu vizinho mais próximo está a quilômetros de distância. Quando estava em idade escolar, meu irmão era quem me levava e trazia da escola, de carro, e eu nunca pude manter amizade com ninguém, porque ele não gostava de pessoas desconhecidas rondando nossa casa.

Zé só aceitou que Kátia continuasse a trabalhar com encomendas – o que fazia mesmo antes de começarem a namorar – porque ela já era conhecida na cidade por seus bolos e conseguia ajudar a manter a casa e as crianças com esse dinheiro, e isso era muito conveniente para ele.

Amo meu irmão, mas não sou cega aos seus defeitos!

Zé Carlos é 18 anos mais velho do que eu, filho do primeiro casamento do meu pai, e só nos conhecemos quando minha mãe me deixou, com mala e tudo, na frente de sua casa. Naquela época, meu pai e ela já não estavam mais juntos, e ele havia voltado para a primeira mulher, depois de descobrir que

mamãe estava tendo um caso com nosso vizinho.

Eu era muito pequena, não me lembro desses detalhes, mas minha madrasta fez questão de me contar quando fui morar com eles. Eu tinha só seis anos de idade, mal conhecia meu pai, dona Generosa não ia muito com minha cara – principalmente por eu ser fruto da traição do marido –, mas o Zé foi o melhor irmão que eu poderia ter sonhado, foi minha salvação.

Meu pai bebia demais, mas parecia não perceber isso. Constantemente era resgatado por meu irmão, caído, sujo e desacordado dentro de um bar qualquer. A vida em família era um inferno, com brigas diárias, violência e privações. Não tínhamos comida, porque ele mal trabalhava para ter algum dinheiro, e o pouco que conseguia gastava com pinga.

Era Zé quem colocava dentro de casa o mínimo para que não morrêssemos de fome. Dois anos depois de eu começar a morar com eles, meu pai tomou um tombo, bêbado sobre o cavalo, e quebrou o pescoço.

Pensei que iria ser jogada na rua, porque minha madrasta mal me olhava, mas Zé me defendeu e condicionou sua ajuda à minha permanência na casa. Foram longos anos suportando xingamentos e maus-tratos, sendo usada como empregada, até que, quando completei 14 anos, ela morreu.

Kátia já havia se casado com Zé, e meu primeiro sobrinho, Cristiano, já estava com dois anos nessa época. Graças à minha cunhada, não perdi as esperanças de ter uma vida melhor e tive o gosto de como era ter uma família, afeto e consolo.

Comecei a me interessar pelas coisas que Kátia fazia, pela confeitaria, assim que ela se mudou para morar com meu irmão. Dona Generosa implicava com a nora, mas estava muito debilitada por causa do diabetes – que lhe custou uma perna e a vista –, então Kátia assumiu os encargos da casa.

Aprendi demais com ela! Já não tinha medo de trabalhar pesado, pois sabia fazer todo o trabalho doméstico desde os oito anos de idade, e fiquei encantada com a habilidade que minha nova irmã tinha com doces e bolos. Aprendi tanto que, quando ela engravidou de Eduardo, fui eu quem assumiu

as encomendas, porque ela passava muito mal e teve pressão alta durante a gestação.

Amo-a demais e não me perdoaria nunca se fosse causadora de mais uma briga entre ela e meu irmão. Faço de tudo para manter o gênio difícil do Zé Carlos sob controle, mesmo que isso me transforme quase em uma criança, aceitando todas as suas ordens. Não gosto de quando ele se altera, porque isso mexe com meus sobrinhos, que choram e sentem medo, e magoa minha cunhada, que, mesmo sendo alvo das suas frustrações, ainda o ama e quer manter a família.

Foi por isso que não dormi nas noites subsequentes à minha volta para casa, preocupada com o que havia chegado aos ouvidos dele e com sua reação. Trabalhei como louca com minha cunhada para colocar as encomendas em dia e ajudá-la a levar tudo para a cidade, onde ela tinha contrato com alguns pequenos estabelecimentos, além dos pedidos para festas.

Kátia já era habilitada a dirigir quando conheceu meu irmão, então, quando começou a fazer bolos em casa, Zé Carlos a presenteou com um fusca para ela poder entregar as encomendas. Já dirigi o carrinho algumas vezes, mas ainda não consegui juntar dinheiro suficiente para pagar uma autoescola.

Como se dinheiro bastasse para isso!, penso frustrada, pois sei que Zé nunca consentiria em me deixar tirar carteira de habilitação. Ele sequer me deixou ir à universidade, mesmo depois de eu ter conseguido nota suficiente para estudar com bolsa integral.

Tento me consolar dizendo a mim mesma que ele fez isso pensando na família, afinal, Kátia precisava de ajuda com os meninos, e eu não conseguiria mesmo ficar longe deles. Entretanto, ainda que tendo consciência disso, chorei muitas noites, inconformada por não poder estudar e seguir minha vida.

— Você precisa se impor — Kátia me aconselhava, mas depois logo baixava os olhos. — Sei que não é fácil...

Meu coração dói ao pensar que ele a tenha frustrado também, que ela

perdeu tantas oportunidades na vida por causa do amor que sente por meu irmão. Muitas vezes, quando a vejo chorar pelos cantos ou mesmo com o semblante triste, tenho vontade de aconselhá-la a fugir, mas sei que ela nunca o abandonaria.

Além disso, há os meninos, e eles são loucos pelo pai! Nesse ponto, não posso deixar de reconhecer que, mesmo com seu jeitão ignorante e machista, Zé é um bom pai e faz tudo pelos filhos. Também sabe ser um ótimo irmão e um marido dedicado, mas apenas quando quer.

Quando tudo está bem, a paz reina nesta casa, vejo minha cunhada sorrir e os meninos brincarem felizes, alheios aos problemas existentes no mundo, como quaisquer outras crianças. Isso aquece meu coração, porque é algo que nunca tive, que me foi roubado pelas circunstâncias da vida e que eu gostaria muito que eles sempre mantivessem.

Os dias de angústia e incerteza acabaram quando Zé Carlos apareceu, dias depois de eu ter retornado à casa. Estava magro, cansado, sujo, e o vi chorar quando me viu no portão, esperando-o.

— Mari, o sol da minha vida! — disse sorrindo, as rugas marcadas no canto dos olhos. — Os meninos estão na escola?

— Estão, e Kátia está preparando o almoço. — Ajudei-o a entrar em casa. — Parecia até que ela estava adivinhando que você voltaria hoje, porque está fazendo costelinhas de porco como você gosta.

— Com abóbora e quiabo?

Confirmei, e ele fechou os olhos.

Senti-me bem, confiante, porque, se ele soubesse que eu tinha ido fazer a entrega no lugar da Kátia, certamente chegaria cuspindo maribondos.

Foi um almoço tranquilo, tanto que Kátia e eu sorrimos bastante, o alívio presente no semblante de minha cunhada, a felicidade por vê-lo de volta à casa são e salvo.

— Deu tudo certo, Kátia? — ele perguntou de repente, e ela não vacilou,

sabendo que se referia ao serviço que a havia mandado fazer em seu lugar.

— Tudo conforme orientado. — Pegou a mão dele. — Tanto que você está de volta!

Zé sacudiu a cabeça em sinal de afirmação e deixou a mesa, indo para o banho. Não comentamos nada, muito menos falamos sobre o estado lastimável no qual ele se encontrava. Meu irmão fedia, estava mais magro, e as olheiras denunciavam noites insones.

Kátia e eu só voltamos a falar do que aconteceu em Carrancas semanas depois do meu retorno.

— Acha que tem alguma chance de o homem que te socorreu vir aqui em casa saber se você está bem?

Meu coração tomou um tombo, como acontece todas as vezes em que penso em Millos. Nunca pude deixar de pensar nele e na possibilidade de um dia voltar a vê-lo, mas não estou arrependida de ter feito o que fiz e ter fugido do hotel naquela noite.

— Ele não sabe onde moro — afirmei para acalmá-la.

Esperava mesmo que ele não pesquisasse sobre meu endereço e que percebesse que eu não queria que viesse atrás de mim, tanto que deixei um bilhete pedindo isso. Não foi nada fácil ter de deixá-lo depois de tudo o que partilhamos, saí de lá chorando, sentindo revolta por minha vida ser como é, algo que nunca senti antes.

Ainda consigo me lembrar do gosto do beijo dele, do jeito que me tocou e me fez sentir em seus braços. Sonho com Millos, acordo desejando suas mãos, seu corpo, as carícias maravilhosas que descobri com ele. Sonho e fantasio com muito mais do que tivemos naquela noite.

Pensei que perderia a virgindade, na verdade, estava torcendo para que ele fosse o primeiro homem em minha vida!

Preciso confessar que, mesmo sem me lembrar de nada, debilitada e com medo, eu o queria. Reconhecia e admirava seu cavalheirismo comigo, o jeito

que me respeitou todos os dias em que estivemos dividindo aquele quarto, mas torcia para que ele me tocasse, me percebesse, me desejasse como eu a ele.

Obviamente, não queria um último beijo, queria tudo o que poderia ter, a lembrança que guardaria comigo para sempre, como um segredo. Já havia descoberto havia alguns anos sobre o prazer. Lembro-me de estar em meu quarto e que tinha raspado os pelos da minha virilha e coçava muito. Acho que cocei demais e no lugar errado, porque senti algo incrível, delicioso, e foi assim que descobri a masturbação.

Contudo, o que experimentei naquela noite, com as mãos e a boca dele, não se comparavam a nada que sentira antes. E não foi só o que ele fez que me deu prazer, mas também o que fiz a ele. Sinto minha boca cheia d'água toda vez ao me lembrar do sabor salgado de seu pênis.

Eu sentia muita curiosidade sobre essa área de sua anatomia, pois Millos tinha o corpo muito grande e forte, então eu queria saber se *lá* também era assim. O vislumbre do volume em sua sunga, na cachoeira, empolgou-me, e quase tive certeza de que, sim, ele era *grande.* Acabei descobrindo que a minha imaginação não chegou nem aos pés da realidade!

Deus, ele era roliço!

Quando o toquei, arregalei os olhos surpresa – e com medo – pela grossura de seu membro. Não consegui fechar a mão em volta dele, e, quando o chupei, foi complicado me adaptar, sentia meus lábios repuxando, e, quando ele ia fundo, eu mal respirava. Acho que, por não ter muita experiência, não fiz muito bem, mas Millos pareceu gostar.

Ele foi incrível, mesmo lidando com minha inexperiência, ensinou-me a masturbá-lo e demonstrou, através de gemidos e expressões, o quanto estava gostoso, o que me animou a continuar.

Eu sentia as veias inchadas sob meus dedos e a cabeça – enorme e vermelha – brilhando, molhada, com aqueles furinhos tão diferentes. Claro que eu já havia visto um pau antes – posso ser caipira, mas não sou desinformada e vi algumas fotos em livros da escola –, por isso não fazia

ideia de que iria encontrar *outro* furo além daquele do canal da urina. Fiquei intrigada, mas estava tão excitada que não me lembrei de perguntar o que era.

Millos gozou em mim!

O líquido branco e quente se esparramou sobre meus seios. Ele desabou na cama, e eu fui me limpar no banheiro. Quando voltei, ele estava sério, olhando para o teto do quarto, mas, assim que me viu, sorriu.

Deitei-me ao seu lado, acariciei sua barba e admirei suas tatuagens.

— Elas são lindas. — Ele respirou fundo, mas não falou nada. — Obrigada por tudo isso.

— Já combinamos que...

— Eu sei, só queria dizer que nunca vou esquecer nada disso.

Ele se virou e passou a mão sobre meu corpo.

— Deveria.

Beijou-me daquele jeito delicioso, que fazia as minhas entranhas se apertarem e o coração disparar. Gozei mais algumas vezes com sua língua e achei mesmo que iríamos até o fim, mas infelizmente ele não consumou o ato, porque me disse estar sem camisinha, e, mesmo um tanto frustrada, compreendi que mais uma vez estava sendo cuidadoso comigo.

Pois é, mesmo ainda tendo meu hímen intacto, vou sempre considerá-lo como meu primeiro homem, meu primeiro amante, aquele que me mostrou como pode ser prazeroso e pleno o que sempre ouvi que era sujo e errado.

Nunca tive muita liberdade para namorar. Zé sempre esteve ao meu redor, levando-me e buscando-me nos lugares a que eu ia, escola, médico, dentista. Troquei alguns beijos durante a escola, mas desisti de namorar quando, ao me pegar abraçada com um menino, meu irmão o ameaçou, e fiquei com medo de que ele fizesse mesmo todas as coisas que disse que faria.

— Não seja uma vadia como sua mãe! — rosnou, arrastando-me para seu carro. — Se você deixar outro homem te encostar de novo, o que eu disse ao

garoto vai acontecer, entendeu?

Concordei, entre lágrimas, assustada com tudo aquilo e nunca mais deixei nenhum outro rapaz se aproximar de mim. Foi por isso que a mera ideia de Millos vir até minha casa era, ao mesmo tempo, um sonho e um pesadelo.

Nunca irei esquecer o homem tatuado, de barba macia, com brinco de argola e olhos verdes. *Nunca!* Sua gentileza, seus cuidados e seu prazer me marcaram para sempre, mesmo que eu ainda tenha continuado virgem depois de nossa noite de amor.

Noite de amor...

— Mariana, o bolo já está quase sem cobertura de tanto que você o alisa. — Kátia ri, tirando-me dos meus pensamentos. — Onde você estava com a cabeça para estar com esse olhar sonhador e sorriso bobo?

Aproxima-se de mim quando não falo nada, mas volto a me concentrar no bolo que estou fazendo, tentando evitar o assunto.

— Pensava nele, não é? — pergunta baixinho.

Suspiro e fecho os olhos, pois não consigo esconder nada de Kátia e me lembro de que acabei contando a ela sobre o que aconteceu em Carrancas.

— Foi tão bom assim?! — Ela parecia embasbacada, como se nunca tivesse se sentido como eu me senti nos braços de Millos.

— Foi! — Sorri e caí deitada de costas na cama. — Nada consegue descrever o que ele me fez.

— Você está apaixonada. — Sua voz era de total preocupação. — Mari, vocês nunca mais voltarão a se ver, e espero, pelo seu bem e o dele, que isso realmente nunca aconteça.

Concordei, e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu sei. — Dei de ombros. — Mas o que já aconteceu é meu, sabe? As lembranças dos dias que passamos juntos, ninguém nunca vai poder me tirar.

— Cuidado para não se machucar, você é tão jovem! E ainda bem que ele teve juízo e não transou com você, porque Deus nos livre se algo tivesse acontecido.

Franzi a testa.

— Como o quê? — Kátia apenas ergueu a sobrancelha, e eu soube no que pensou. — Ah, não! Tenho certeza de que ele usaria camisinha, foi por isso que não consumou o ato, sabe? — Suspirei, mais encantada ainda pela forma com que, mesmo louco de tesão, Millos cuidou de mim. — Ele queria muito, mas, como não tinha camisinha...

Ela riu.

— Camisinhas estouram, Cristiano é prova viva disso. — Gargalhou quando arregalei os olhos. — Foi melhor do jeito que foi. Pode ter certeza de que você teve mais prazer do que teria se ele a tivesse penetrado.

Sentei-me na cama.

— Mesmo? — Ela confirmou, e fiquei sem jeito. — Eu sei tão pouco sobre a vida prática! Sei o que acontece entre um homem e uma mulher, estudei isso na escola, reprodução etc., mas sei tão pouco do que se sente. Nunca tivemos essa conversa antes, e eu não tive outra referência feminina que não você.

Ela me abraçou forte.

— Eu sei, Mari, isso foi um erro meu. Podemos falar, claro, mas não sei se eu seria a pessoa certa para isso. Só tive um homem na vida, e é frustrante dizer que nunca me senti como você se sentiu nos braços do seu tatuado.

Ri, porque pedi a ela para deixarmos o nome dele em segredo, por isso Kátia não sabe como Millos se chama. Ela apenas o chama de tatuado, porque eu disse a ela o quanto os desenhos no corpo dele são lindos e especiais.

— Talvez eu esteja exagerando, sabe? Muitas vezes questiono se não imaginei tudo e se ele não foi fruto da minha mente confusa.

— Nem você acredita nisso! — Riu. — Mas é bom que você pense assim, Mari, não quero te ver agarrada a uma ilusão.

Concordei e, desde então, tenho tentado me focar nisso e não alimentar a esperança de um dia voltar a vê-lo. Mesmo porque meses já se passaram, e nunca mais tive qualquer notícia de Millos, o que foi um alívio, pois é sinal de que não descobriu meu paradeiro, mas, ao mesmo tempo, dói-me a saudade, a vontade de revê-lo e de estar em seus braços de novo.

— Nunca ninguém, fora você, me tratou com tanto carinho e cuidado. — Abro os olhos, deixando mais uma vez as lembranças, e a encaro. — Dói, Kátia, pensar que nunca mais vou vê-lo!

Minha cunhada me abraça, abafando o som de meu choro. Eu queria ter uma vida normal e ter voltado para casa com ele, sem precisar fugir. Queria não ter mentido para ele sobre minha agressão, muito menos ao delegado, mas tive que fazer isso para proteger minha família.

Acho que nada vai explicar o motivo pelo qual Millos cruzou meu caminho, mas, sem saber, ele me salvou de todas as formas possíveis e me fez perceber que, além desta vida aprisionada em que vivo, há um mundo de descobertas que talvez eu nunca conheça, mas que quero demais conhecer.

Tê-lo encontrado me fez abrir os olhos para os sonhos que enterrei e imaginei não poder realizar. Despertou em mim a vontade de ter uma vida diferente, de, quem sabe, tê-lo conhecido em um bar, conversado com ele, paquerado e tido uma primeira de muitas noites juntos.

— Eu não posso me conformar com essa vida, Kátia — digo contra seu peito e a sinto passar as mãos em meus cabelos. — Preciso crescer e ir atrás dos meus sonhos!

— Eu sei, mas ele nunca irá permitir isso, Mari. — Kátia segura meus ombros e me afasta para encará-la. — Eu gostaria de te ajudar, mas, quando toco no assunto sobre você voltar a estudar, ele...

— Desculpa, não quero te fazer sentir culpada. Nada disso é sua culpa! — Afasto-me e pego a espátula de novo. — As coisas são como são, sou eu

quem deve se conformar.

Ela ainda tenta falar mais alguma coisa, porém me concentro no bolo, decidida a voltar para dentro da caixinha da qual nunca deveria ter saído.

12

Chains, my baby's got me locked up in chains
And they ain't the kind
that you can see
Woh, these chains of love
got a hold on me, yeah.[24]

A auditoria sobre a gestão de Theodoros não ameaça em nada o meu primo, mas é uma dor de cabeça sem fim.

Maldito Kostas!

Estou à frente da empresa desde o mês passado, quando meu primo Konstantinos Karamanlis resolveu denunciar o relacionamento entre Theo e Duda Hill depois que Theodoros solicitou o cancelamento da ação de cobrança da promissória que temos assinada pelo pai dela.

Por isso, além de fazer o meu trabalho, ainda preciso tocar as funções concernentes ao cargo de CEO desta empresa e ficar liberando acesso a todos os arquivos e pastas para os auditores. Todavia, o que me estressa, o que me deixa completamente fora do prumo é ter de ficar dando explicações ao Conselho Administrativo a todo momento.

Luiza, minha assistente, nem disfarça mais o sorriso quando passo por ela xingando em grego. Provavelmente já pesquisou na internet e sabe bem o que resmungo, andando da minha sala para a do Theo o dia todo.

Apesar de isso tudo estar me aborrecendo, estou achando que as coisas estão muito tranquilas por aqui. Tranquilas até demais! Eu esperava que Kostas fosse aproveitar Theodoros fora da direção da empresa para cumprir seu intento de garantir que seu irmão mais velho nunca mais voltasse ao cargo de CEO da Karamanlis. Surpreendentemente, porém, ele não tentou mais nada, pelo contrário, tem se mostrado compreensivo e até mesmo solidário ao irmão.

Não digo que isso não tenha me agradado. Claro que agradou! Há anos venho tentando aproximar esses filhos da puta, inventando qualquer desculpa para colocá-los juntos no mesmo lugar, mas sempre tem sido em vão. Tenho a confiança dos quatro e faço por onde para manter nossa amizade, mas preciso admitir que é um pé no saco ter que agir como mediador entre eles. Uma babá, é o melhor termo!

Cresçam, porra, e superem! Não foram só vocês que tiveram uma infância fodida!, é o que penso em gritar para eles, mas me seguro. Apesar de tudo o que passaram, nenhum deles teve que encarar o problema de frente, simplesmente vivem como se nada tivesse acontecido, empurrando a sujeira para debaixo do tapete e escondendo os esqueletos nos armários.

Com o surgimento de Tessa e sua doença, Theo e Kyra conseguiram "limpar" um pouco a sujeira e chegaram a um entendimento. Um puta golpe de sorte em meio a uma situação completamente desanimadora. Nem se eu tivesse planejado, seria tão perfeito como foi, apesar do risco enorme.

No entanto, ainda bem, tudo deu certo, Tessa já está se recuperando, daqui a pouco receberá alta, e Theo tem a oportunidade de ouro de se aproximar e conhecer a irmã maravilhosa que tem. Isso se Kyra deixar que ele se aproxime tanto! Eu sei que, mesmo com a reconciliação entre eles, minha prima caçula não é alguém que confia e se abre facilmente.

Alexios e ela foram os que ficaram mais tempo debaixo do mesmo teto de Nikkós Karamanlis, aqueles que mais sofreram, na minha opinião. A ligação

entre os dois irmãos é fortíssima, mas sei que ela não se abriu nem mesmo para ele. Entendo-a bem, sei como é querer esquecer e que a melhor maneira de não lembrar é fingir que nada aconteceu. Contudo, sei também que uma hora o demônio aprisionado escapa, e tudo o que vivemos volta. Aconteceu isso comigo, e, se eu não tivesse encontrado motivos para me fazer prosseguir, se não quisesse continuar vivendo, não teria dado conta, e os monstros que habitam minha mente teriam me devorado.

Encontrei um propósito, agarrei-me a ele e segui em frente. Espero que, em algum momento, isso ocorra aos meus primos daqui, porque já começou a acontecer com outros. Sorrio ao pensar em Ioannis com Phaedra e Ullysses com Harry. Dois primos que precisaram de "empurrões", mas que depois assumiram que tinham direito à felicidade.

Cupido! A voz debochada de Sâmi vem à minha mente, e nego com a cabeça, rejeitando esse absurdo. Não sou cupido, muito menos qualquer ser divino, sou apenas um homem fodido que colocou na cabeça que essa porra de maldição na família tem que parar!

Pappoús teve sete filhos, porém o que ele mais amava morreu. Depois, perdeu sua amada esposa, minha *giagiá* Dorothea. E, a partir daí, nunca mais se ouviu de um só Karamanlis que tivesse alguma felicidade. Os filhos restantes fizeram casamentos de merda, tiveram amantes de merda ou relacionamentos de merda. Isso poderia ser normal, mas não foi! Além dos relacionamentos ruins com seus parceiros, havia um claro distanciamento emocional com seus filhos, e todos os netos do grande Geórgios cresceram cheios de sequelas.

Ah, meu pappoús! O grande, machista, preconceituoso Geórgios Karamanlis! Gargalho ao pensar que, ao vir ao Brasil, ao se apaixonar por sua bisneta, a fama de mau está começando a rachar. Talvez, ao saber que ninguém dura para sempre, ele esteja reconsiderando a ideia de manter sua vulnerabilidade, sua sensibilidade, às escondidas.

Espero que todos possam conhecer o homem que conheço e que meu avô entenda que não é preciso ter vergonha de demonstrar como se sente e o que sente pelos outros. Compreendo que é difícil para ele, afinal, cresceu e foi

criado com costumes muito diferentes dos de hoje, numa sociedade machista e preconceituosa. *Mas ainda dá tempo!*, é o que lhe digo sempre que diz ser tarde demais para mudar.

Interrompo o pensamento para atender uma ligação – mais uma vez o Conselho querendo achar pelo em ovo – questionando o projeto do qual Wilka e Kostas estão à frente.

— Luiza, não interessa se eles querem conhecer detalhes! Nesse momento é um projeto sigiloso, e tudo que era possível apresentar, nós já o fizemos. — A assistente da diretoria volta a insistir que eles a estão pressionando. — Eu sei, mas, enquanto não tivermos uma aprovação do cliente sobre a área escolhida, não vamos divulgar.

Luiza suspira, cansada dessa maluquice do Conselho de acompanhar tudo dentro da empresa, e tenta mais um argumento:

— Mas eles alegam que, por ser o projeto mais importante em curso e que, como ele começou ainda durante a gestão de Theodoros, devem analisar todo o processo e...

— Os auditores fizeram isso! — respondo puto. — Eles que esperem o parecer da auditoria que contrataram! — Respiro fundo para não descontar minha frustração nela, afinal, não tem nada a ver com os problemas da Karamanlis. — Estou ficando bem impaciente com os desmandos dos membros do Conselho, Luiza, e sei que você também. — Ela concorda. — Eles colocaram um bando de auditores dentro da empresa neste momento e ainda se acham no direito de ficar auditando por conta própria. Não terão acesso, pode transmitir minha decisão, e, se não gostarem, mandem marcar uma reunião comigo!

— Está certo, doutor — ela diz apressada, mas sinto ainda receio em sua voz.

— Luiza, agradeço muito seu empenho nessas últimas semanas. Isto aqui está uma loucura, e você tem mantido a calma e me ajudado muito a controlar os auditores e os conselheiros.

— É só o meu trabalho, doutor. — Sua voz está mais animada. — Mas, ainda assim, obrigada por reconhecer.

Desligo o telefone e, mais do que nunca, penso em como seria bom poder tomar uma cerveja bem gelada agora para poder esfriar a cabeça e raciocinar com mais clareza. O projeto da Ethernium é um dos maiores que já passaram por esta empresa e, certamente, é o maior durante a gestão de Theodoros, então eu estar como uma galinha choca sobre ele, protegendo-o de tudo e de todos, não é exagero.

Movimento o pescoço, sentindo cada fibra muscular tensionada, os ossos fazerem barulho, estalarem vergonhosamente para que eu me recorde dos meus 39 anos de vida e de todo o exercício que fiz de manhã com Sandra, minha *personal*.

Malhar sem competir com Theo não tem a mesma graça, mas acho que devo começar a me acostumar a praticar exercícios sozinho, assim como devo me desacostumar a ter Kostas mexendo nos meus instrumentos musicais ou me chamando para comer em algum lugar.

Rio ao pensar no casal improvável que se formou dentro desta empresa e acho cada vez mais que a famosa frase sobre não se entrar duas vezes no mesmo rio pode ter exceção ou variáveis. Claro que as circunstâncias mudam, mas existe algo que permanece e que se encaminha para o mesmo lugar de novo.

Há mais de um mês, Konstantinos não procura minha companhia, e, para um homem solitário como ele, isso é muito tempo. Sou seu único amigo, e, além dos seus encontros com as prostitutas, o único contato que ele tem com pessoas é uma certa "Caprica" virtual.

Gargalho ao pensar na companheira online que ele tem há meses e concluo que, realmente, quando uma coisa tem que ser, ela insiste por vários caminhos até chegar a seu objetivo. Não precisei nem fazer muita coisa no caso de meu primo, bastou uma sugestão no ouvido de Theodoros e... *voilá*!

Faço careta e seguro o ombro, dolorido demais pelo esforço feito pela manhã, e olho para o meu celular, onde uma mensagem da Sâmi salta na tela

e melhora um pouco meu humor.

Abro o aplicativo de mensagens e leio o convite. Mentalmente, faço uma contagem para saber há quantos dias não vou ao clube e me surpreendo com o número fora do normal. Com tudo o que aconteceu desde minha volta das férias – corto logo o pensamento sobre Mariana – aqui na empresa, quase não tenho tido tempo ou disposição para o *lazer*.

Saio tarde da empresa, vou ao hospital ou ao apartamento de Theodoros, resolvo algo urgente com Sâmi, esquivo-me do meu pai o máximo que posso e visito o *pappoús*. Tenho conseguido manter minhas rotinas de exercícios porque Sandra vai até minha casa antes de eu sair para o trabalho e porque Sâmi tem ido treinar comigo.

O telefone de minha sala volta a tocar e, concomitantemente, um aviso de e-mail soa na minha caixa de entrada, e bufo, puto, porque já sei que vou entrar em mais um embate com o Conselho.

Antes de atender, porém, mando uma mensagem confirmando minha presença ao convite de Sâmi.

Preciso mesmo relaxar!, é meu pensamento antes de tirar o telefone do gancho.

Estaciono o Jeep no local demarcado com o meu número de sócio e pego minha mala sobre o banco do carona. O couro antigo range quando puxo a alça, sinto o peso dos meus acessórios, arrumo a roupa e saio do carro.

Há poucos veículos deste lado do estacionamento, pois são apenas 30 vagas, para clientes especiais e que pagam pelo privilégio de ter uma entrada exclusiva e local cativo. Sigo pelo caminho de pedra, ladeado por um belo paisagismo, com iluminação direcionada às palmeiras que enfeitam a bela recepção toda em pedra natural.

Pego o cartão no bolso da minha calça, aproximo-o do leitor, e logo a

porta é aberta. Ainda não posso escutar a música, mas sei que há vários sons dentro desta sóbria mansão em um dos bairros mais tradicionais e caros de São Paulo.

Quando o clube foi construído, após a aquisição desta belíssima propriedade, foram utilizados todos os recursos para que quem não fosse um sócio ou convidado nunca desconfiasse das práticas desta casa. Há um "casal" que reside aqui, os administradores do local, cujo trabalho também é manter o clube em sigilo.

As reuniões são esporádicas, no máximo duas vezes ao mês, uma em algum final de semana aleatório, e a outra durante a semana. Nunca tem data certa, geralmente os convites chegam no começo do mês, mas pode acontecer de ter uma ocasião especial – como a de hoje, que é comemoração da inauguração.

Entro na antessala VIP, e uma das funcionárias vem ao meu encontro.

— Boa noite, senhor. — Ela não me olha, mantém a cabeça abaixada o tempo todo, mas estende a mão.

Entrego-lhe a bolsa de couro e a vejo levá-la para um balcão, onde passa por uma pequena inspeção de segurança.

— Está portando algum alucinógeno? — começa a pergunta de praxe.

— Não.

— Estimulantes? Analgésicos? — Nego, e ela continua a lista sem fim de perguntas.

É bom esclarecer que não é proibida a entrada de algumas dessas substâncias aqui, a *casa* apenas faz o controle da quantidade e do portador, caso ocorra alguma emergência. O que é estritamente proibido e que gera expulsão e multa – por sinal, pesadíssima – é o tráfico. O membro pode entrar com as substâncias liberadas pelo clube, mas não pode vendê-las.

Não carrego nenhuma comigo e prezo que minhas parceiras também não usem, pelo menos enquanto estamos juntos.

Após ter respondido todas as perguntas, ofereço meu dedo para o teste rápido de HIV e tenho a temperatura corporal medida. Todas essas informações vão para o meu histórico, que qualquer membro do clube consegue acessar através de um aplicativo de celular quando mostro meu cartão de sócio.

Medidas exageradas? Alguns acham que sim, mas me sinto muito mais seguro frequentando este estabelecimento do que qualquer outro sem controle. Os cartões não possuem nome, mas sim o registro no clube, que também está impresso discretamente na máscara que somos obrigados a usar. Se alguém quiser se fazer passar por outro, tem que roubar o cartão *e* a máscara, que é personalizada para caber no rosto de seu portador.

Recebo minha mala de volta, assim como a máscara de couro com o meu registro gravado nela, e a funcionária abre a porta do salão principal.

— Bom divertimento, senhor.

Ponho a máscara com a inscrição do número 3452 em prata no lado superior do olho esquerdo e entro no único local social existente no clube. Há membros que vêm aqui apenas para encontrar pessoas – alguns já se conhecem de fora, vieram juntos ou indicaram os amigos –, beber e passar a noite vendo a movimentação.

São casos raros, mas já tive notícias de membros que não fazem sexo. Não julgo, cada um com seu fetiche ou não.

— Boa noite, senhor. — Um funcionário – nós nunca sabemos o nome ou vemos os rostos de quem trabalha aqui – me aborda. — Deseja reservar uma sala? — Concordo, afinal vim para isso. — Quer que eu leve sua mala?

— Não.

Ele pega o tablet para efetivar a reserva e sai devagar, olhando para o chão e sem me dar as costas.

Vejo alguns grupos já animados, alguns com suas submissas em coleiras – a maioria só usa coleira –, e vestidos a caráter de acordo com sua prática. Sigo para o bar, enorme, bem no meio do salão, uma mistura muito moderna

de aço escovado e couro.

— Ora, ora...

A voz conhecida me faz fazer uma careta.

— O que você está bebendo? — pergunto sem olhá-lo.

— Uísque, mas sei que não é sua bebida favorita. — Ele pede uma cerveja alemã para mim. — Achei que não te encontraria aqui hoje, já tem um tempo que não vem.

Olho na direção de Daniel Schneider, e ele gargalha, vendo minha total falta de vontade de lhe dar satisfação estampada na minha cara.

— Surpresa é você estar aqui. — Cruzo os braços. — Não tinha se casado? — Faço uma fingida cara de surpresa quando ele fica sério. — Ah, é! Ela fugiu para as montanhas quando soube do que você gosta!

— Vai se foder, Millos! — Daniel responde raivoso.

Agora quem gargalha sou eu.

— Eu? Talvez, mas você certamente está fodido esta noite. — Aponto para o outro lado do salão, e ele olha. — Ela sabe marcar presença!

Sâmi vem andando do fundo do salão, causando uma verdadeira onda de pessoas que se levantam para vê-la passar. Por causa de sua profissão, ela tem a cabeça toda coberta, nem mesmo seus cabelos ficam de fora. A indumentária, um macacão vermelho brilhante que mais parece uma segunda pele sobre a dela, cobre-a perfeitamente, marcando cada músculo e curva de seu corpo.

Ninguém tem dúvida de que se trata de uma mulher, mesmo sem ver o rosto. Os peitos, lindamente preenchidos com silicone, são firmes, e os bicos intumescidos marcam a frente do macacão, demonstrando o quanto ela já está excitada com a exibição. A cintura é minúscula, abdômen plano e com os músculos ressaltados pela roupa colada, quadris redondos. Embora eu não consiga ver sua bunda, sei que é grande, empinada e dura, fruto das várias

horas de exercício que faz.

— Dessa vez ela exagerou — Daniel comenta, rindo da roupa que se une a botas do mesmo tecido e cor, mas com saltos enormes. — Não só na vestimenta. — Franzo a testa, sem entender. — Puta que pariu!

Atrás de Sâmi, vejo surgir uma onça. Ou melhor, uma mulher com máscara, orelhas e coleira de onça. A moça, totalmente nua – fora a fantasia no rosto –, segue-a de quatro, levada por uma coleira grossa e dourada.

Rio, achando que é a cara de Sâmela chegar assim.

— Se eu tinha dúvidas que você ia se foder esta noite, *Dany Boy*, tenho certeza agora.

Ele resmunga algo – provavelmente algum xingamento – e se levanta quando Sâmi chega até nós.

— Boa noite! — ela nos cumprimenta, e sua "gatinha" se senta sobre seus pés, ronronando em suas pernas. — Vejo que resolveu aceitar o convite hoje.

Sorrio, cerveja gelada na mão, e assinto.

— Seu convite hoje era irrecusável. — Aponto o bichano com a cerveja. — Belo espécime.

A máscara total que usa me impede de ver sua expressão, mas, pelo brilho em seus olhos, creio que está muito orgulhosa de sua exibição.

— Quer participar conosco? — convida, mas nego.

— Não, nossos gostos não combinam, você sabe. — Ela ri e, em seguida, olha para Daniel.

— Senhora — ele a cumprimenta, baixando a cabeça, e eu gargalho. — Está incrível esta noite.

— Eu sei — Sâmi responde, abaixa-se e fala algo no ouvido de sua "onça".

Logo depois, a moça engatinha até Daniel e se esfrega nele de maneira completamente sensual. Bebo a cerveja, pego minha mala de couro e aviso:

— Vou dar uma volta por aí.

— Boa sorte na caçada — Sâmi se despede, puxa a corrente de volta, tirando a moça de cima de Daniel, e decreta: — Vamos!

As duas passam por mim seguidas por Daniel, e vou até o outro lado do salão, onde há algumas mesas de jogos.

Não costumo ter uma parceira fixa, então não estou procurando alguém em especial, apenas esperando que alguma chame minha atenção, fisicamente falando, antes de abordá-la e oferecer o que tenho. Infelizmente, na primeira sala, só há morenas, e hoje – para não dizer das poucas vezes que vim aqui desde que voltei de férias – prefiro uma loira.

Entro na área com música eletrônica e paro em seco ao ver uma mulher toda vestida de preto dançando. Seu corpo é miúdo, embora ela seja alta, seus cabelos e pele são do mesmo tom dos de... *Droga! Ela é do jeito que eu quero* "*hoje*"*!*

Aproximo-me, e ela me olha. Também estou vestido de preto, blusa de malha, mangas compridas agarradas nos meus músculos e uma calça de tecido leve, casual, ressaltando minhas coxas e, principalmente, minha excitação.

Ela dança de um jeito mais sensual, exibindo-se, demonstrando que tenho oportunidade para uma conversa. Não para de me encarar, rebola, desce até o chão, sorri e me chama para dançar com ela.

Eu não danço!

Chego mais perto, respiro fundo, querendo sentir aquele cheiro de capim-limão que não sai das minhas narinas, mas encontro outra fragrância que não sei identificar. Bufo, puto *pra caralho* pelas expectativas que minha mente está criando, e ela para.

— Não gosta? — indaga.

— Gosto muito — respondo e lhe mostro meu antebraço, por dentro da blusa, todo amarrado com uma corda de juta japonesa. — E você?

Ela fica um tempo olhando meus nós, avaliando-os e depois me encara. *Seus olhos não são azuis!*, penso frustrado, mas logo me repreendo.

Millos, porra!

— *Bondage*?

Nego.

— *Shibari*.

Pela confusão em seus olhos, percebo que não sabe qual é a diferença.

— É parecido — simplifico. — Mas não sou sádico, não gosto de infligir dor.

Ela sorri e pede para tocar minha corda.

— Já tem um local reservado? — questiona, sentindo a maciez da juta japonesa da corda em meu braço.

— Tenho.

Ela pede para ver meu cartão e saca o seu do bolso de sua calça. Cumprimos os requisitos burocráticos da casa, e fico animado ao ver que ela tem participações em várias cenas de *bondage* aqui no clube, sinal de que gosta de estar contida, embora o que iremos fazer hoje seja diferente daquilo a que já está acostumada.

Caminho junto a ela até a sala reservada aos meus jogos, cujo número já estava registrado no aplicativo do clube. Não trocamos uma só palavra, e eu gosto disso, pois, a partir do momento em que fecharmos as portas, falar será totalmente desnecessário.

13

What has happened to it all?
Crazy, some would say
Where is the life that I recognize?
Gone away[25]

— Gostei de te ver no clube ontem — Sâmi comenta, deitada no meu sofá, enquanto faço um pernil de javali para o jantar.

— Com certeza gostei de *te* ver. — Ela ri, percebendo que estou me referindo à indumentária extravagante. — Mas combinamos de não comentar o que acontece por lá, lembra?

— Claro! Foi só um comentário aleatório. — Ergo a sobrancelha e balanço a cabeça. — Ok, não tão aleatório assim, mas fiquei feliz. Você andava estranho desde Minas Gerais, mal foi ao clube e...

— Sâmi, não vamos falar sobre isso *também*!

Lembrar-me de Minas Gerais me faz amargar as questões nas quais venho tentando não focar, mas cujas respostas ficaram evidentes na noite de ontem, no clube.

Realmente fiquei animado ante a perspectiva de praticar sexo e relaxar um pouco, e foi bom, não nego. Contudo, mais uma vez, percebi que não foi como era. Ainda não entendo o que está acontecendo nem por que minhas sensações mudaram, já que minhas ações continuam as mesmas que me enchiam de prazer.

Conheci o *shibari* durante meu *do*[26] no Japão. Comecei a praticar artes marciais a fim de aplacar um pouco a agressividade, diminuir a depressão e exercitar a mente. Lá, depois de algum tempo, um *sensei*[27] me convidou a assistir a uma exibição.

Pesquisei para saber o que era antes de ir, mas fui surpreendido com um show entre duas mulheres, cheio de arte e nenhuma conotação sexual, apesar de muito sensual. As duas estavam vestidas com seus quimonos, e a *rigger*[28] demonstrava toda sua técnica e a beleza de seus nós sobre o corpo de sua modelo.

Fiquei muito excitado, louco para saber mais sobre essa prática. Pesquisei com mestres e descobri que o *shibari* era utilizado por samurais no Japão feudal para imobilizar seus prisioneiros de guerra, arte chamada *Hojojutsu,* e que, mais tarde, evoluiu para o *Kinbanku*[29], sendo trazida para o lado erótico.

Não faz muito tempo, houve um ressurgimento do *shibari* como forma de arte ou mesmo terapia, unindo sexo ou não. Naquela época, decidi tentar como arte terapêutica, para me concentrar e ter maior controle de minhas emoções durante minhas relações sexuais. Funcionou, e, desde então, tenho usado a técnica para trepar sem correr o risco de me perder em meu lado mais sombrio e obscuro e acabar agindo como fazia no passado.

Sou meticuloso, e todo o processo que antecede à prática em si me ajuda a concentrar a energia primitiva e agressiva e dissipá-la em forma de prazer. O *shibari* é sobre atar e unir, e, mesmo eu sendo um *rigger*, sinto que as cordas funcionam em mim, prendendo-me com segurança, mantendo meus demônios aprisionados e minha mente focada apenas no cuidado e no prazer de minha modelo.

Claro que minha parceira ainda não entendia as nuances de uma prática e

de outra e, assim que retornou do banheiro, vestida apenas com um roupão de seda preto, ajoelhou-se aos meus pés e abaixou a cabeça.

Vi brilhar a surpresa em seus olhos quando mandei que se levantasse e que desfizesse a trança que usava nos cabelos e os prendesse em um coque alto.

— É mais seguro, além de facilitar caso eu queira atá-la pelos cabelos também — expliquei, mesmo que não precisasse. — Não preciso que seja subserviente a mim, apenas que se entregue e confie que o que faremos é para o seu prazer.

— Temos uma palavra de segurança?

Ri da pergunta e neguei.

— Basta pedir para parar, e eu pararei.

Não há como negar que minha companheira foi perfeita desde o momento em que chegamos à sala, até mesmo no fim, quando nos despedimos. Senti que ela encontrou muito mais prazer com minha prática do que com as outras que já tinha experimentado, e isso ficou claro quando perguntou:

— Estará aqui no próximo encontro? Queria conhecer mais da sua técnica.

— Provavelmente não.

Ela assentiu, mas sorriu triste, um tanto decepcionada. Lamentei, mas fui sincero, porque, muito embora eu tenha gozado a experiência, não senti o prazer que deveria. Obviamente o que aconteceu foi de minha responsabilidade, não dela, principalmente por não ter sido um fato isolado, somente uma repetição das minhas últimas idas ao clube.

Eu já não encontro a satisfação de antes! Tive que encarar a realidade para tentar entender o motivo pelo qual tudo o que conhecia já não funcionava para mim.

Respiro fundo, irritado com as lembranças, mas admitindo que estou

diferente e que, querendo ou não aceitar, essa mudança começou desde minha volta a São Paulo.

Tiro a carne da chapa, decidido a não analisar o que essa constatação implica, e a deixo descansar por um momento antes de cortá-la para servir. Escuto o barulho de um violão sendo porcamente dedilhado e rio do desastre musical que ecoa no ambiente.

— Você está fazendo meus ouvidos doerem e meu violão chorar — provoco-a, mas, ao invés de parar, Sâmi toca ainda mais alto e sem ritmo. Fatio a carne, junto as batatas rústicas que assei com azeite e alecrim e pego duas canecas de cerveja para enchê-las com a minha mais nova criação. — Se não parar a tortura auditiva, vou ser obrigado a não te deixar provar o que fiz aqui.

Aponto para o barril de inox, e ela para no mesmo instante.

— Que chantagem mais baixa, Millos! Não se ameaça privar uma pessoa de cerveja. — Deixa o violão de lado. — Bom, mas já que você decidiu ser mau, também vou esquecer a camaradagem quando experimentar sua criação.

Faço careta, porque sei que ela nunca economiza nas críticas, e esse é um dos motivos por que Sâmi é sempre a primeira a provar minhas cervejas. Confio no paladar dela e, mais do que tudo, em sua sinceridade.

Encho as duas canecas, mas não entrego a dela.

— Comida! — Mostro meu balcão/mesa com o alimento pronto.

Ela respira fundo e sorri.

— Adoro seu javali. Tem geleia de menta?

— E de pimenta também — respondo assim que me sento em uma das banquetas.

— Bom! — Sâmi se serve e puxa sua cerveja. — Obrigada, espero não ter de cuspir.

Gargalho quando ela toma o primeiro gole e, depois, séria, mexe a boca

algumas vezes para tentar degustar e decidir se minha bebida presta.

— Suave, tem pouco lúpulo, porque não sinto amargar. — Sorrio. — Mas é um tanto xoxa, não tem personalidade.

Concordo.

— Não é uma boa escolha com o javali, eu teria feito peixe, mas você não me deu escolha, chegando aqui com essa peça de suíno. — Sâmi ri, porque sabe que praticamente me obrigou a fazer a carne pesada e selvagem. — Essa cerveja ficaria perfeita com sushi de peixe branco.

Ela concorda.

— Qual a classificação dela?

— Cerveja de arroz. — Ela arregala os olhos e toma mais um pouco. — Gostou disso, né?

— É surpreendente! Ainda é muito suave para meu gosto estragado por cerveja "*pilsen*". — Gargalho com a ênfase no modo errado de se referir às cervejas *pilsner*, terrivelmente abrasileirada para *pilsen*. — Mas realmente seria muito mais agradável bebê-la com sushi do que qualquer outra.

Fico satisfeito ao vê-la beber mais e, por fim, provo a bebida. Está realmente do jeito que me lembrava de tê-la bebido há alguns anos, no Japão, e isso é bom, porque desperta minhas memórias daquele tempo.

— Como estão as coisas na empresa? — Sâmi muda de assunto tão de repente que fico um tempo olhando-a, tentando me encontrar na conversa. — Também não quer falar disso?

— Não, tudo bem. Eu só estava procurando entender como a ponte entre a cerveja e a Karamanlis se desenvolveu na sua cabeça. — Suspiro. — Uma loucura total, mas, aparentemente, nosso maior projeto vai bem, já até marcamos a apresentação para o cliente.

— Kostas ainda está trabalhando com a Wilka Maria nesse projeto? — Assinto. — Hum... esse é um movimento seu que eu não entendo. Seu primo

é um arrogante filho da puta, e ela é... Bem, nós sabemos a barra que ela segurou a vida toda.

Sim, sabemos, e exatamente por isso acho que a aproximação entre eles é tão boa.

— Você tem certeza de que a mulher do carro era a dona do bordel? — pergunto, a possibilidade martelando minha cabeça.

Sâmi para de mastigar e confirma.

— Sim, Millos, por isso te liguei. Estávamos no encalço de Linete Pereira há algum tempo, monitorando os movimentos para pegar algo grande, quando ela parou perto da Karamanlis, e a Wilka entrou no carro. — Sâmela me olha. — Não temos como estar errados, realmente é ela, e a história toda se encaixa.

Bufo, o javali virando areia em minha boca, tamanha preocupação com o que pode significar nossa descoberta. Não sei se Kostas e Kika se conheceram antes, mas, certamente, estiveram no mesmo lugar na mesma época.

— Pegaram a cafetina? — Sâmi nega. — Por quê?

— Ela sumiu de cena, e agora estamos concentrados em achar o peixe grande. O nosso cerco contra Linete era mais para chegar a alguém do alto escalão da organização. Os problemas dela não são da nossa competência, a Civil que se vire!

Concordo com Sâmela, mesmo que algo nessa mulher ainda me incomode de tal forma que não consigo achar que ela estar solta seja algo corriqueiro. Linete foi a grande cafetina da alta sociedade paulistana durante os anos 90. Seu negócio, tão despretensioso e decadente, não dava a impressão de ter a quantidade de dinheiro que por lá circulava. A maioria a procurava não para se fartar com suas belas prostitutas, mas para serviços sujos, conexões e todo o tipo de crime de grande porte.

Meu interesse em Linete cresceu depois que, em uma conversa com Alexios, ele deixou escapar que seu pai frequentara o local e ainda o levara,

junto a Kostas, para lá. Foi a partir daí que pedi a Sâmi para me informar sobre a mulher, até então presa, e descobri tudo o que acontecia naquele sobrado dos horrores.

— Se a Civil conseguir mais informações sobre ela, você consegue me repassar? — indago, e ela assente. — Ainda sinto que essa história com Madame Linete não acabou, principalmente depois do encontro entre ela e Wilka.

— Seja o que for, a mulher se deu por satisfeita e não voltou a procurá-la mais, porque sumiu como poeira. — Sâmi sorri de repente. — Você deveria ser policial ou um espião. — Gargalho, negando. — Seu feeling é muito bom! Você cisma com algumas pessoas, e, quando vamos investigar, tem motivo para ter cismado.

— Investigamos muita gente, Sâmi, uma hora acabamos acertando.

— Eu sei, mas, quando você sente algo errado em alguém, geralmente não se engana. A prova está em todas as pastas que criamos com histórias de arrepiar os cabelos até mesmo de alguém como eu.

Pastas!, penso e olho para o móvel onde guardo todo o material que a empresa de investigação de Sâmi – cujo proprietário oficial é o irmão dela, pois não pode ter uma empresa por conta da profissão que exerce – coletou, imaginando o motivo pelo qual ainda guardo essas informações.

— Eu deveria me livrar delas. — Ela concorda. — Tem muita coisa ali que pode prejudicar mais do que ajudar alguém.

— Eu disse a você que o ideal era manter isso tudo em um arquivo digital em um provedor seguro, mas... — Dá de ombros.

Ela tem razão!

Aqui em casa há muitas evidências de histórias que deveriam ter ficado mortas e enterradas e que, se vierem à tona, magoariam as pessoas que mais amo. Certamente elas não entenderiam que tudo o que fiz foi tentando ajudá-las.

Eles me odiariam, e eu não quero isso!, reflito, lembrando-me dos detalhes sobre Duda Hill e Tessa ou mesmo sobre a ligação entre Kostas e Kika. Sem contar que não há apenas arquivos sobre os Karamanlis, mas também sobre qualquer pessoa ligada à nossa família.

Esses arquivos são pesquisas que venho fazendo ao longo dos anos e que contêm várias informações confidenciais que poderiam fazer estragos na vida de muita gente. Sei que não parece certo, mas selecionei algumas para trazer à luz, tamanha sua importância, e outras que deverão morrer comigo.

Não me julgo um tipo de deus por ter esse poder de influência e decisão, apenas alguém que se cansou de meias-verdades e de segredos e que gostaria de ver as pessoas que preza protegidas e felizes.

Talvez eu não consiga fazer isso por todos, mas agora, com a melhora contínua de Tessa, tenho a esperança de estar fazendo o certo e, por isso mesmo, concordo em não deixar essas pistas quando tudo já estiver encerrado.

— Eu penso em me desfazer das pastas, mas há uma em aberto ainda...

Sâmi respira fundo, e sei que ela se sente frustrada por isso também.

— Não conseguimos achar nada dessa mulher, e isso é uma merda! — Concordo com ela. — Fico impressionada quando penso na quantidade de informações que temos sobre Linete, mas quase nada sobre Leila.

— Eu achava que ela estava morta, até descobrir a verdade sobre o Chicão. Acho tão estranho ela nunca ter vindo atrás do garoto, mas ter garantido que alguém o observasse.

— Não acho. — Sâmi fica pensativa, os olhos parecendo vagar, a cabeça mergulhada em lembranças. — Não posso julgá-la, porque não sei o que aconteceu após o parto, mas a admiro por ter mandado alguém para ajudar Alexios. Eu mesma não sei se faria o mesmo, diante de toda a história que conhecemos e das coisas que ela suportou naquele sobrado com Nikkós. Não é fácil para uma mulher, Millos.

Concordo, pois sei que a irmã de Sâmi foi estuprada dentro do alojamento

da universidade, acabou engravidando e optou pelo aborto, autorizado pela Lei nesses casos. Hoje, a moça é muito bem-resolvida sobre o assunto, mas soube que passou por momentos tensos para superar não só a violência sofrida, como também a decisão tomada.

— Eu imagino, Sâmi, mas ainda assim gostaria de entender essa história e saber até onde meu tio foi capaz de ir para se livrar dela. — Bufo, sentindo-me puto. — Ninguém some desse jeito, sem deixar nenhuma pista, como se nunca tivesse existido.

— Isso realmente é algo difícil de se fazer! — Suspira, mas de repente seu semblante muda. — Ah, meu pessoal em Minas disse que não houve nenhuma movimentação anormal com sua garota. — Engasgo-me ao ouvi-la mudar de assunto tão bruscamente, e Sâmi gargalha. — O irmão continua um vagabundo dependente da mulher, e Mariana por vezes vai à cidade levar encomendas de bolos com a cunhada, mas geralmente fica em casa com os meninos. Quer que peça para continuarem de olho?

Sinto um frio na barriga, e meu coração dispara. Ainda não entendo por que aquela mineirinha mexe tanto com meu corpo e me deixa acelerado apenas à menção de seu nome.

— Não, eu disse que não queria mais nenhuma investigação sobre a vida dela. Não sei por que você insistiu. — Levo meu prato para a pia, ignorando o último pedaço de carne, sem apetite por conta do assunto.

Sâmi fica em silêncio enquanto mastiga, mas, assim que engole a comida, volta a dizer:

— Eu não sei, Millos... Há alguma coisa nessa história toda sobre ela que não se encaixa. Sinto que perdemos uma peça do quebra-cabeça, e agora ele não monta mais!

Franzo a testa por ela voltar a esse assunto depois de termos estabelecido que não havia nada de anormal na vida de Mariana, apenas um irmão come-dorme que sente ciúmes, mas não é violento. Claro que eu tive vontade de aparecer por lá e dizer à Mariana para ir embora, viver a vida dela, mas não é assim, não posso simplesmente dizer a ela o que fazer, é necessário que ela

mesma se dê conta de que quer mais e se liberte.

— Sâmi, já falamos sobre isso.

Ela concorda, mas volta a repetir:

— A vida deles é monótona demais. — Cruzo os braços, expressão entediada, porque já discutimos isso antes, e Sâmi não consegue entender que o estilo de vida no interior é mais lento. — Mariana é jovem, Millos, e quase não sai de casa, não estuda, não namora...

A mera ideia de outro homem tocando-a me faz cerrar os punhos, então fecho os olhos para evitar a imagem que se forma.

— Chega, Sâmi! Mariana tem a vida dela, e nós devemos respeitar. Ademais, ela sabe que pode contar com minha ajuda caso precise, eu mesmo a ofereci.

— Tudo bem. — Dá de ombros. — Vou pedir que a deixem em paz.

— Obrigado.

Pego o prato dela sobre o balcão e o coloco na pia para lavar, achando bom ter algo para me concentrar e manter a cabeça focada, longe daquela mulher tão doce, mas que consegue fazer o que muita gente não consegue: me descontrolar.

Esquece Mariana, Millos!

14

Millos

That I can change the world
I would be the sunlight in your universe
You would think my love was really something good
Baby, if I could change the world.[30]

Mais um dia!, penso assim que paro o carro na garagem da Karamanlis. Ajeito meu terno e me lembro de trocar o brinco de argola que estava usando por um mais discreto, bem pequeno e quase imperceptível.

Meu telefone vibra com mensagens, mas as ignoro, pois sei bem quem tem tentado entrar em contato comigo nesses dias. Meu pai! Bufo só de pensar em Vasilis Karamanlis e decido postergar mais um pouco o retorno às suas ligações e mensagens.

Temos uma reunião marcada para daqui a uns meses, em julho, e ele deve estar louco para me influenciar sobre como votar pela subsidiária no Brasil. Toda vez que alguma coisa importante de sua gestão cai no Conselho Administrativo, no qual eu represento a Karamanlis do Brasil, ele fica completamente ensandecido atrás de mim.

Bom, que fique!

Pego minha pasta e saio do carro, porém, antes que eu o tranque, vejo Kostas vindo em minha direção, porém sem ainda me ver. Volto para o carro e fico quietinho, acompanhando-o com os olhos. Ele está junto a Kika, e ambos andam abraçados, param para se beijar e só se desgrudam quando o elevador chega.

Rio, pensando se realmente eles acham que estão enganando alguém! Pode ser que alguns funcionários da empresa ainda não tenham se dado conta da paixão entre os dois, mas certamente essa pessoa não sou eu, afinal, desde que descobri que a Caprica era a Kika, torcia para que isso acontecesse.

E eles demoraram a começar!

Há meses eu vinha acompanhando a saga de Kostas com sua amiga virtual. Sabia que ele utilizava o nome Portnoy, pois sempre estava citando esse personagem e rindo por as mulheres do tal aplicativo de sexo não fazerem ideia do que era.

Quando a Caprica apareceu, desconfiei de que podia ser um homem, pois ela se negava a mostrar-se. Eles estavam havia meses um se masturbando para o outro, escrevendo sobre sexo, fantasiando um com o outro, mas não faziam ideia de quem eram.

Então imaginem minha surpresa quando encontrei a Wilka trocando mensagens, no elevador da empresa, com ninguém mais ninguém menos que Portnoy!

Eu estava atrás dela, mas estava tão entretida com o celular que não me viu, e sim, confesso, fui enxerido e olhei o que tanto lhe chamava a atenção. Nunca ri tanto na vida quanto naquele dia na minha sala! Os dois eram desafetos públicos aqui na empresa, então como era possível?!

Aí veio a briga épica dos dois e o pedido de demissão dela. Theodoros a queria de volta, principalmente para irritar o irmão, então me pediu ajuda, e isso era tudo o que eu precisava para agir.

Conversei com Kostas, mas ele ainda estava reticente, então eu mesmo convenci Kika a voltar e sugeri ao Theo que seria bom, para que Kostas

tomasse jeito, que os dois fossem colocados para trabalhar juntos.

Eu esperava que, dessa forma, acabassem descobrindo que eram Portnoy e Caprica.

Entretanto, ao que parece, as coisas saíram do controle, e o encontrei escondido e fedendo dentro do chalé retirado que ele tem na serra.

Ouvi o som estridente mesmo antes de adentrar ao local e o encontrei deitado no chão, cantando, ébrio, cercado de garrafas vazias para todos os lados. Todos os pelos do meu corpo se eriçaram ao perceber que ele estava em surto e que algo muito grave havia acontecido para isso.

Fui parar lá porque, quando cheguei à Karamanlis, descobri que Kostas – que deveria estar interinamente no lugar de Theo até meu retorno – havia sumido, levado um carro da empresa e destruído um elevador.

Mal tive tempo para processar as informações e já comecei a ser assediado pelos membros do Conselho Administrativo, que estavam nervosos por conta da promissória do pai de Duda Hill que compramos e que Theodoros havia decidido não cobrar.

Não pude nem mesmo comemorar essa notícia, porque era óbvio para mim que a chef havia conquistado meu primo a ponto de ele desistir de algo que tentava havia anos, e saí puto atrás de Kostas.

Fui até o prédio dele apenas para descobrir que não voltava lá desde o dia em que sumiu com o carro da empresa. Fui até o sobrado – ele não sabe que eu sei quem é o dono –, porém também não o achei lá. Já estava ligando para a Sâmi quando me lembrei do chalé.

Subi a serra a toda velocidade, mas, assim que o vi, minha raiva pelo que ele fez ao Theodoros desapareceu, e fiquei preocupado demais com ele.

No entanto, conhecia bem meu primo para não demonstrar essa preocupação ou pena, porque ele revidaria com seu sarcasmo de defesa e se fecharia em copas.

Resolvi usar a mesma tática que usa: a provocação.

— Mas que porra está acontecendo aqui?!

Ele começou a rir, e realmente pensei que tinha perdido a cabeça de vez. Kostas me mandou embora, tentou se pôr de pé, mas estava bêbado demais para isso.

— Você tem noção da merda que fez? — Aproximei-me, e ele ficou lívido com a pergunta.

— Não quero falar sobre isso! Nunca se envolva com uma virgem, elas fodem com a gente!

Senti o corpo gelar ao ouvir isso.

Imediatamente me lembrei de Mariana, pensei em como ele poderia saber dela e o que significava ele me provocar com isso. Tentei não demonstrar meu espanto e manter-me frio, porque Kostas podia ser bem sorrateiro quando queria, prova disso era o que havia feito ao irmão.

— Do que você está falando, Kostas? — questionei devagar, tentando não demonstrar meu temor.

Não tinha como ele ter ficado sabendo de Mariana! A não ser que ela tenha tentado falar comigo ou mesmo contado ao irmão, e ele entrado em contato com... *Não, Millos!*

Minhas mãos estavam suando, não pelo fato de Kostas saber, mas simplesmente porque ele tinha razão. *Virgens podiam foder com a nossa mente!*

Foi então que ele falou sobre Wilka Maria, e eu quase caí para trás quando soube que a espevitada e independente Kika Reinol era virgem! Depois do impacto da revelação, achei-me um idiota por ter julgado a sexualidade de uma mulher, afinal, cada um sabe de si!

Conversamos um pouco sobre o que tinha acontecido, ele ficou puto por perceber que eu não estava perguntando sobre Kika, e então, depois de beber um pouco de seu bourbon, resolvi falar da minha insatisfação pelo que fizera ao Theodoros.

— Você foi um filho da puta com seu irmão. Estou recebendo diariamente queixas dos conselheiros sobre ele, além de um pedido de auditoria geral sobre sua conduta.

Discutimos sobre a relação dele com o irmão, o que era quase uma normalidade entre nós, porque o rancor de Kostas pelo Theo sempre foi enorme. Extravasei um pouco minha frustração por ter de ficar pajeando-o, bem como aos seus outros irmãos, e pedi a ele que fosse profissional.

Senti a mágoa em cada palavra de Kostas sobre o irmão e sei que ele tem motivos para senti-la. Ele não tem ideia do que eu sei, e, confesso, gostaria de não saber nada do seu passado. Seria mais fácil confrontá-lo ou apenas chamá-lo de idiota se eu não tivesse noção do que passou.

Então, quando o assunto se tornou mais pesado, decidi voltar à questão de Kika e o provoquei, dizendo que estava tendo um caso com uma funcionária.

— Não estou tendo um caso, porra! — Ficou puto, e segurei o riso. — Eu não tenho casos! Eu só perdi a cabeça e... Ela é a Caprica, você acredita nisso?

Gargalhei por ele, finalmente, ter descoberto. Então me contou sobre como soube que Kika, além da Caprica, era virgem, e de sua desastrada primeira vez com ela.

— Vou te pôr no banho; você está fedendo! — disse em certo momento, ajudando-o a se levantar do chão.

— Eu sou um escroto, Millos. — Ele riu de si mesmo, e concordei. — Eu sempre soube que não deveria mudar as regras do jogo. Eu sou uma fraude, um pulha, um filho da puta cheio de merda e escuridão e não posso, de jeito algum, me envolver com alguém como ela.

Parei ao ouvir isso, porque sabia que ele estava se referindo ao que aconteceu naquele sobrado dos infernos.

— Porra nenhuma! Larga dessa merda! O que aconteceu no passado foi pesado, mas já passou! Olhe para a frente!

Então ele quase me fodeu com a pergunta de contra-ataque:

— Você consegue olhar? Já conseguiu superar tudo o que você viu e viveu naquela casa?

Merda! Odeio pensar que Theodoros tenha comentado sobre mim com ele enquanto ainda eram adolescentes e amigos.

— Não estamos falando de mim, Kostas — respondi seco. — Nunca entendi essa coisa de só trepar com prostitutas, mas, como eu também tenho minhas preferências, nunca questionei. — Olhei firme dentro de seus olhos. — Você nunca tinha feito sexo com ninguém que conhecesse; isso significa, então, que Kika Reinol vira sua cabeça de um jeito que não pode controlar. Isso é bom.

Hipócrita!, minha consciência me acusava o tempo todo, porque eu mesmo perdi o controle com uma mulher inexperiente e acabei fazendo besteira me envolvendo com ela, provando seu corpo e seus orgasmos, mesmo que não a tenha desvirginado como ele fez com a Kika.

Kostas demonstrou seu desprazer em se sentir atraído por Kika, e resolvi partilhar um pouco de minha filosofia com ele:

— Sempre prefira dar prazer, mesmo querendo causar dor.

Coloquei-o no banho e fui até o lavatório, onde encarei a mentira que eu era – que sou – através do espelho.

— Não vai acontecer de novo — ele disse resoluto.

— Por que não? Perdeu o tesão quando descobriu que ela era virgem?

Pergunta idiota! Era óbvio que com ele não foi diferente do que aconteceu comigo. Meu tesão só aumentou ao saber que nenhum outro homem tinha tocado Mariana, que o privilégio de ser o primeiro a lhe proporcionar prazer seria meu.

Kostas negou.

— Isso fodeu minha cabeça, você pode imaginar. — *Claro que podia!* —

Mas não, mesmo depois de ter ficado desse jeito, de ter revivido um dos piores momentos da minha vida, ainda quero estar dentro dela.

Abaixei-me na pia e joguei água no rosto, porque simplesmente não conseguia encarar as coisas como ele. Ainda queria estar dentro de Mariana, mas não iria; diferentemente de Kostas e Kika, eu não devia me aproximar dela nunca mais!

— Eu a machuquei — sua voz soou extremamente sentida ao dizer isso. — Vi em seu rosto que ela sentiu dor, e seu grito foi como se uma faca se enfiasse em mim. Eu não fazia ideia; se soubesse, não teria me aproximado dela.

— Eu sei — deixei escapar, pensando exatamente o mesmo. Nunca deveria ter tocado Mariana, tê-la deixado se aproximar de mim. Ela era o oposto de quem eu era, e eu não tinha nenhum direito de sujá-la, de arrastá-la para minha existência fodida e destruí-la como acontecia com tudo que amava. — Somos fodidos demais e temos medo de contaminar um inocente. Kika pode ser uma executiva segura de si, mas, nesse aspecto, é inexperiente e deve ter ficado assustada quando você surtou em cima dela. — Olhei-o pelo espelho. — Por que, pela forma como te encontrei aqui, você surtou, não foi?

— Abandonei-a lá, em cima da mesa, sem dizer nada. — Kostas bateu a cabeça contra os azulejos do boxe. — Era como se eu estivesse lá de novo!

Respira, Millos, e tenta ser objetivo! Eu tentava a todo custo me lembrar de que estávamos conversando sobre Kika Reinol e Kostas Karamanlis, e não sobre mim e Mariana.

— Eu sei, Kostas, mas ela não sabe. — Decidi fazê-lo entender que não deveria desistir de tê-la, afinal, eles não tinham noção do quanto já eram unidos. — Não é comum uma mulher da idade dela, independente como é, não ter tido experiências sexuais. Ela tem algum motivo para isso, e sua reação pode tê-la traumatizado.

Kostas não reagiu bem, afundado em culpa e autocomiseração, então resolvi mudar a tática e voltar a provocá-lo. Senti que ele reagiu, que pensou sobre o que falei, mas ele me conhecia muito bem, por isso logo revidou,

mostrando-se indiferente.

— É verdade! — Seu sorriso aliviado era tão falso quanto minha aparente tranquilidade com toda aquela conversa. — Sinto-me bem melhor agora!

Ah, Kostas, vamos brincar, então, de esconder sentimentos?, pensei com certa pena dele, porque eu já vinha aperfeiçoando essa técnica muito antes dele. *Muito antes!*

— Então podemos voltar para a Karamanlis amanhã de manhã. — Sequei as mãos e comecei a sair do banheiro. — Esse seu chalé nas montanhas é até interessante no inverno, mas, em pleno verão, isso aqui lembra uma sauna!

— Não o mandei vir atrás de mim! — disse desaforado.

Reprimi a vontade de gargalhar e lhe jogar na cara que, quando cheguei, ele estava uma verdadeira merda. Todavia, como disse, sabia jogar esse jogo mais do que ele.

— Não precisa demonstrar tamanha gratidão, tenho certeza de que faria o mesmo por mim. — Sorri, pronto para a provocação final. — Não que eu, um dia, vá fazer metade das merdas que você faz.

— Vai se foder, Millos! — ele gritou, perdendo o controle, e fechei a porta do banheiro.

Como previ, Kostas não aguentou segurar suas emoções, seus muros não são mais altos que os meus, e venci. Sem nenhuma satisfação nisso, mas venci.

Ele acabaria caindo em si e procuraria Wilka de novo, mas eu continuaria a pensar na menina-mulher que conheci e que me desarmou, mas sem ter coragem de ir atrás dela.

Suspiro, dentro de carro, afastando a lembrança e voltando a sair do veículo. A cena que acabei de ver só confirma que eu estava certo. Os muros de defesa de Konstantinos não eram tão altos ou tão sólidos, tanto que ele se permitiu viver o que estava sentindo pela Kika, e os dois estão juntos e seguindo em frente.

Mas eu...

Aperto a alça da pasta onde, em meio a pastas e papéis, há uma pequena peça de renda branca da qual não consigo ficar longe.

15

Bring me to life
I've been living a lie. There's nothing inside
Bring me to life.[31]

— Tia Mari! — ouço Eduardo me chamar e paro o que estou fazendo para ir até a parte de trás da casa a fim de ver qual é a urgência do pequeno.

Meu sobrinho está deitado sobre a grama, e o cachorro lambe seu rosto, enquanto ele gargalha. Não consigo não rir diante da cena, porque Dudu morre de cócegas conforme o Mengo – o nome dado ao cão em homenagem ao clube de futebol favorito dos meninos – o lambe sem parar.

— Se lembre de ir direto para o banho assim que entrar na casa, Dudu. — Confiro as horas. — Daqui a pouco seu pai vai chegar para almoçar, e você tem escola.

— Eu... — gargalha, tentando afastar o cãozinho — sei, tia Mari.

Olho em volta à procura de Cristiano, mas não o vejo no quintal atrás da casa. Dou de ombros, porque ele está acostumado a vagar pelo quintal enorme da chácara onde moramos e sabe onde pode e onde *não pode* ir.

Suspiro e volto para a cozinha a fim de terminar os preparativos do almoço da família.

Hoje, minha cunhada não acordou bem. Há uns meses ela vem se queixando de enxaqueca, e meu irmão a levou para se consultar. No entanto, nada foi descoberto. Sinceramente, acho que é estresse, ansiedade e todos os sentimentos que ela e eu enfrentamos diariamente nesta casa.

Desde o final do ano passado, as coisas mudaram drasticamente por aqui, apesar de nunca termos uma vida relaxada. Porém, digamos que meu irmão fez um mau *negócio* e se viu com a corda no pescoço por causa dele.

Tento não pensar muito no que ele faz para viver. Contudo, é complicado fingir que as coisas não acontecem aqui, bem debaixo do meu nariz.

— Mari...

Assusto-me ao ouvir a voz de Kátia e me viro para vê-la entrar na cozinha. O rosto dela está abatido, e círculos negros sombreiam seus olhos, um claro sinal de que não tem conseguido dormir.

— Por que você se levantou? — Vou até ela e a ajudo a se sentar à mesa da cozinha. — Eu já estou preparando o almoço e vou levar os meninos à escola, não precisava...

— Eu preciso conversar com você antes de o seu irmão voltar para casa.

Arregalo os olhos e me sento ao seu lado, o coração acelerado com a expectativa do que ela tem a me dizer que não pode ser feito perto do Zé.

— Aconteceu alguma coisa?

Kátia nega, mas a preocupação está estampada em seu semblante.

— Não, mas não deve demorar a acontecer. — Sinto um gelo cruzar minha espinha, e meu abdômen se contrai de medo. — Ontem à noite, Zé demorou demais a vir dormir, e acabei indo até o galpão.

— Kátia, ele já proibiu que nós...

— Eu sei, mas fiquei preocupada! — Assinto, entendendo-a. — Depois do que aconteceu no começo do ano, não consigo mais ficar sossegada.

— Eu entendo.

Ela segura minhas mãos, e percebo que as dela estão frias.

— Mari, ele estava ao telefone, muito tenso, discutindo.

Respiro fundo.

— As mesmas pessoas?

Ela assente.

— Ele estava puto, xingava muito e... — Ela me encara, seus olhos castanho-claros cheios de lágrimas represadas. — Estava discutindo sobre você.

Fico sem reação, congelo no lugar, apenas o coração disparado e a boca seca denunciando meu medo.

— Ele soube, então?

Kátia dá de ombros.

— Eu acho que sim, Mari. — Ela abaixa os olhos e soluça. — Ele ameaçou a pessoa que estava do outro lado da linha. Disse que, se voltassem a colocar as mãos em você, ele entregaria todo o esquema.

Meu Deus! Tampo a boca com a mão, imaginando o que isso pode significar para todos nós. *Por que eu tive que ir até lá?!,* questiono-me, arrependida do meu impulso, da minha vontade de conhecer novos lugares e pessoas, e, por causa disso, ter colocado toda minha família em risco, mesmo quando pensava que a estava protegendo.

— Por que ele não me confrontou? — pergunto, achando estranho que meu irmão não tenha esbravejado sobre eu ter desobedecido às suas ordens. — Kátia, por que eles contariam o que houve? O que querem afinal?

Ela não me responde, mas percebo que sabe a razão pela qual meu nome foi citado e o motivo pelo qual meu irmão os ameaçou.

— Conversamos e achamos melhor levar os meninos para longe. Falei com minha irmã em Belo Horizonte, mas, no momento, ela não pode receber todos nós, então... — A surpresa da notícia me faz abrir a boca, sem entender o que está realmente acontecendo para que ela se afaste daqui. — Achei melhor eu ficar com o Zé, e você ir no meu lugar.

— O que está acontecendo? — indago nervosa.

— Ainda não sei, Zé não me disse nada. Apenas concordou que os meninos saiam daqui o quanto antes.

— Você não pode ficar aqui! — exclamo com o coração apertado diante do medo de algo acontecer e as crianças ficarem sozinhas no mundo. — Os meninos não vão sem você, Kátia, você sabe!

Ela assente e chora.

— Eu vou conversar com Aline de novo e ver se ela consegue receber todos nós...

— Tem certeza de que precisam mesmo ir? — Limpo minhas lágrimas.

— Sim! Ficar aqui com ele nunca foi seguro, mas ele sempre fez de tudo para nos proteger. — Entendo-a e balanço a cabeça confirmando. — Mas não dá mais, Mari. Desde o que houve no começo do ano, tudo mudou.

Abraço-a, entendendo sua atitude e achando-a sensata. Os meninos estão crescendo, e realmente não é mais seguro para eles ficarem aqui.

Na verdade, nunca foi!

Nós não sabíamos no que Zé Carlos estava envolvido até o começo desse ano. Sempre desconfiamos de que ele era envolvido em algum tipo de crime, mas não tínhamos ideia do que era e da gravidade da coisa toda, até que o levaram em janeiro e o mantiveram em cativeiro até que conseguíssemos o dinheiro que ele devia.

Meu irmão sempre foi estudioso, trabalhava numa gráfica, ganhava pouco, mas conseguia sustentar sua mãe e a mim com seu dinheiro curto. Depois, ele se casou, teve os meninos e, de repente, estávamos mudando de uma casa simples para uma chácara grande.

A casa na qual moramos é boa, cada criança tem seu próprio quarto, durmo em uma suíte menor, e o casal tem uma enorme, com direito a banheira de hidromassagem e um closet gigante.

Não obstante, apesar desse conforto, Zé acordou com Kátia para que ela mantivesse a casa e continuasse a trabalhar. Tudo isso para manter a fachada, porque quem olha a casa por fora não imagina como ela é por dentro.

Além disso, não temos internet aqui, porque, como não tem cabeamento nesta região em que moramos, cada morador precisa arcar com o custo da instalação da rede, e somente as grandes fazendas é que possuem esse benefício.

Meu irmão pensou em fazer isso, mas desistiu quando percebeu que chamaria a atenção. Ele sempre foi esperto, tanto que possui um bom carro, mas não o comprou zero quilômetro e deu um Fusca para Kátia trabalhar. Tudo para que ninguém suspeitasse que, no nosso sótão, costumava ter milhões de reais em malas velhas e cheias de teias de aranha.

A verdade é que Zé é apenas a ponta de um esquema enorme que compreende vários tipos de crimes, e um deles é a falsificação de dinheiro. É isso! Meu irmão é um falsificador – e dos bons! – que produz cédulas de mentira para poder lavar dinheiro de verdade.

No começo desse ano, ele deveria ter entregado uma encomenda para seus chefes, porém algo aconteceu com a máquina, e não conseguiu entregar. Ele tentou ganhar tempo, explicar, mas eles sempre têm pressa e não quiseram conversar.

Foi aí que fomos incluídas no esquema, porque ele precisou de ajuda para produzir a quantidade de dinheiro encomendada, e Kátia e eu o ajudamos. Não conseguimos mesmo assim entregar no novo prazo. Eles acharam que Zé estava fazendo algo pelas costas e resolveram nos ameaçar.

Então levaram meu irmão para algum lugar e o mantiveram preso até que entregássemos a encomenda. Foi por isso que fui a Carrancas, para entregar o que faltava do dinheiro. Fui de táxi, com duas malas lotadas de dinheiro falso, uma mochila e uma bolsa a tiracolo.

Kátia era quem ia, mas estava muito nervosa para ir dirigindo o Fusca até lá, com medo de ser parada na estrada e de os meninos acabarem sem o pai e sem a mãe. Então aproveitei seu momento de tensão e sugeri que eu fosse, num táxi, fazer a entrega. Ela negou, claro, porque meu irmão nunca aceitaria isso, mas a convenci dizendo que queria ir também para conhecer o lugar e me divertir na noite que passaria lá.

Essa é a história do motivo pelo qual fui àquela cidade, a verdadeira história que omiti de Millos quando me perguntou. Realmente fui levar uma encomenda, entreguei-a sem nenhum problema ao contato do meu irmão, que me aguardava no local marcado, e sim, acabamos nos reencontrando em um bar, e o outro homem que estava com ele foi quem me levou ao seu carro.

Fecho os olhos, querendo esquecer o desespero e a angústia que passei dentro daquele veículo. O homem para quem entreguei o dinheiro era quem dirigia, mas quem me pegou na porta do bar, quando eu saía, e me jogou dentro do carro era um total desconhecido para mim.

— Seu nome? — inquiriu, apertando meu braço com força.

Eu estava assustada, tentava me desvencilhar das mãos dele, temerosa com o que iria fazer comigo.

— Eu entreguei tudo, tenho certeza, me deixe ir! — implorei.

— Seu nome, porra!

Engoli em seco e respondi:

— Maria.

— Hum... — Ele puxou a pequena bolsa que eu usava e pegou minha identidade. — Mariana Valadares. — Ergueu a sobrancelha quando percebeu que menti. — Irmã ou filha do José Carlos Valadares? — Voltou a olhar meu

documento. — Deve ser irmã. — Pegou meu rosto e o virou, seus olhos escuros analisando-o. — Bonita, muito bonita. — O outro homem ao volante riu. — Você tinha razão, Bart. E novinha, só 19 aninhos!

Ele olhou para minha blusa, fixando-se no meu decote, e colocou a mão sobre minha perna.

— Gostosa também. — Aproximou-se. — Muito gostosa, perfeita.

— Por favor... — voltei a implorar, mas ele continuava avançando sobre mim e agarrou minha nuca, levando meu rosto até o dele.

— Por favor, me beije? — Riu debochado.

Quando senti sua boca sobre a minha, meu estômago se revoltou, e foi totalmente instintivo mordê-lo quando sua língua tentou abrir meus lábios.

— Cadela, filha da puta! — Jogou-me contra a porta e colocou a mão sobre a boca, o sangue manchando seu dedo. — Bart, pare em qualquer bar e me arranje gelo, a cadela desgraçada me mordeu!

Percebi que o carro começou a diminuir a velocidade e que ele estava distraído, tentando pressionar o lábio para fazê-lo parar de sangrar.

— Gosta da coisa bruta, então? Ótimo! Eu ia te tratar bem, mas agora não terá um só lugar nesse seu corpinho sem uma marca dos meus dentes, pode esperar, sua puta!

O desespero foi tão grande que, quando percebi que o carro praticamente tinha parado, não pensei muito, só torci para que as portas do veículo não fossem trancadas, e abri a do meu lado, pulando do automóvel ainda em movimento.

Acabei me desequilibrando, e isso me atrasou, porque logo senti a mão do desconhecido sobre meu braço, apertando-o, machucando minha pele. Foi aí que pensei que tudo estava perdido.

— Deixe-me ir!

— Volta para o carro! — gritou e me puxou na direção do veículo, mas

resisti, finquei meus pés na calçada e tentei não deixar que ele me levasse.

— Eu cumpri com o trato, entreguei o que vocês queriam!

— O trato mudou, agora eu quero você!

— Não! — Quase consegui escapar, mas ele acabou me prendendo com as duas mãos, segurando meus ombros. — Por favor, eu não tenho nada a ver com as coisas do meu irmão.

— Foda-se! Ele é um merda, um verme dentro da organização, por que eu deveria levá-lo em consideração? Vou foder a irmãzinha gostosa dele, e sabe o que seu irmão irá fazer? Porra nenhuma!

Percebi uma movimentação na saída do bar e achei que, se gritasse por ajuda, ele me soltaria.

— Socor...

Antes que eu conseguisse elevar a voz o suficiente, senti a dor na minha face esquerda. Mil estrelas explodiram na minha cabeça, estilhaçando cacos de vidro dentro dos meus olhos. Em seguida, senti a mesma dor outra vez, meu corpo se sacudiu. Eu já não raciocinava. Senti-me ser empurrada, e então tudo apagou quando minha cabeça se chocou contra algo.

Quando acordei, já estava no hospital com Millos ao meu lado e soube que ele interveio e me salvou.

Agora, depois de tanto tempo, parece que resolveram contar ao meu irmão o que aconteceu e, talvez, me reivindicaram, por isso a revolta de Zé Carlos. *Se eu não tivesse ficado em Carrancas naquela noite...* Soluço, porque o inferno daquela noite me uniu ao homem que me salvou como um anjo, embora eu reconheça que tudo isso agora não estaria acontecendo se eu tivesse entregado o dinheiro e voltado para casa.

— Você vai com as crianças, eu fico com o Zé.

Kátia arregala os olhos e segura minhas mãos.

— Mari, nós vamos dar um jeito. Eu não fico bem em ir embora e deixar

você aqui.

Nego.

— Você precisa ir e levar os meninos para longe. Não sabemos o que está acontecendo, e esse pessoal já mostrou que é perigoso. — Ela concorda. — Nós vamos dar um jeito, Zé e eu, não se preocupe!

— Mas...

O barulho na soleira da porta da cozinha a interrompe, e olho para ver meu irmão limpando os calçados antes de entrar em casa, porém com os olhos fixos em nós duas.

— O almoço já está pronto? — pergunta, ignorando nossos rostos inchados de chorar.

— Não, mas só falta eu passar os bifes. — Levanto-me e vou para o fogão.

— Vou me lavar, então. — Ele olha para a esposa. — Chame os meninos para entrar, eu os levarei à escola.

Kátia faz o que ele pede, mas, antes que as crianças voltem, diz:

— Eu não queria ir, Mari, mas já não dá mais para eu ficar aqui, me perdoe.

Sinto um aperto enorme no peito por perdê-la desse jeito, afinal, Kátia sempre foi uma irmã, minha melhor amiga, porém a entendo. Engulo o nó formado em minha garganta, forço um sorriso e, sem demonstrar o medo que sinto por todos nós, falo:

— Não há o que perdoar, Kátia. Vá, nós ficaremos bem!

Nós ficaremos bem! A frase fica martelando em minha cabeça enquanto frito a carne, sem me convencer de sua verdade.

16

Half my life's in books' written pages
Lived and learned from fools and from sages
You know it's true
All the things
Come back to you.[32]

Tessa vai ter alta!

A notícia maravilhosa foi dada por telefone hoje de manhã, depois que fiz meus exercícios. Theo me contou que os médicos acharam melhor que ela vá para casa, onde estará menos suscetível às doenças do que dentro de um hospital.

Ele disse que ela tem uma lista de recomendações e que ficará um tempo em isolamento, mas que tê-la pela primeira vez em seu apartamento, em um quarto que Kyra decorou para ela, o está deixando feliz como nunca sonhou ser.

A notícia boa conseguiu tirar um pouco do amargor que eu estava sentindo desde a noite passada, quando fui me encontrar com o Chicão, decidido a fazer algo por Alexios.

Suspiro, puto, pensando em como o filho da puta se fecha em copas quando o assunto é a identidade da mãe do meu primo. E, mesmo que eu ameace desmascará-lo junto a Alexios, o desgraçado se mantém leal à mulher que o contratou.

Se bem que aposto que o que o leva a proteger a identidade da mulher é muito mais do que qualquer tipo de trato, contrato ou pagamento. O desgraçado a ama! E isso ficou ainda mais explícito ontem à noite, quando entreguei a ele uma evidência que Sâmi conseguiu para mim.

— O que é isso? — questionou assim que lhe entreguei a caderneta.

— Um dos controles de venda de Madame Linete.

Chicão ficou parado, imóvel, vi a veia de seu pescoço saltar e suas mãos tremerem levemente.

— Há informações sobre *ela* aqui? — inquiriu nervoso.

Ri, percebendo seu medo de que eu tivesse descoberto o que tentava ocultar desde que descobri, há alguns meses, que ele era alguém mandado para acompanhar a vida do meu primo.

— Não, mas vai ajudar Alexios a encontrar alguém que saiba o suficiente para acalmá-lo enquanto *você* não conta a verdade a ele.

— Eu não posso fazer isso! — Ele estendeu a caderneta na minha direção.

— Você vai, Chicão! E sabe por quê? — Andei até bem perto dele. — Porque, quando eu descobri que você morava o tempo todo aqui em São Paulo, mesmo contando uma porrada de mentiras para o garoto que considera você como um pai, me garantiu que amava Alexios e que faria tudo para protegê-lo.

— *Ela* não quer que ele saiba.

— Foda-se ela, Chicão! Não sei o motivo pelo qual essa mulher nunca voltou, nunca procurou o filho ou mesmo deu qualquer sinal de vida, mesmo sabendo o caos que o garoto estava. Alexios não vai ter paz enquanto não

tiver respostas!

— Eu sei, digo isso a ela sempre, mas ainda não quer que ele saiba!

— Samara e ele estão juntos, Kyra deixou escapar. — Chicão assentiu, provavelmente o estava seguindo de longe a mando da mãe. — Mas ele não para de procurar respostas. Os dois estiveram no casarão procurando pistas.

— Eu sei. Não acharam nada, mas se aproximaram ainda mais. O garoto sempre foi louco por aquela menina...

— Mas nunca se achou digno dela. Ele ao menos sabe quem é! — Chicão concordou. — Essa caderneta precisa chegar às mãos dele não só para que tenha algumas respostas, mas também para que outra situação saia à luz.

Ele franziu a testa.

— Que outra situação?

— Nada que te interessa, mas que interessa a pessoas que são importantes para mim. — Fui seco. — Só faça a maldita caderneta chegar até ele, que eu tenho certeza de que será guiado para as respostas. — Ele respirou fundo, mas não tentou devolver o objeto. — Ele deve voltar ao sobrado para uma nova busca, então acho que é um bom lugar para que a encontre.

— Está certo, Millos. Não sei por que você ainda não me denunciou, mas concordo que ele precisa de algo que o faça parar a busca e seguir em frente. Será melhor tanto para si mesmo quanto para a mãe dele. — Balançou a caderneta. — Vou hoje mesmo colocá-la no sobrado, fiz cópia das chaves.

Gargalhei, porque já sabia disso e, por esse motivo, decidi que quem faria o serviço de plantar a caderneta lá seria ele.

— Eu sei disso. Tenho alguém atrás de você, Chicão, e, quando menos esperar, vou descobrir quem é ela e por que não se revela.

Tomei o último gole de chope, levantei-me e fui embora do bar onde estávamos, perto do apartamento dele. Não dormi direito, nervoso, com uma sensação ruim de que havia muito mais do que simplesmente uma mulher que

não queria voltar para ver o filho.

Há anos ela mandou Chicão se aproximar de Alexios e ajudá-lo a tomar um rumo mais saudável em sua vida. Admito que o homem foi responsável pelo adulto que meu primo se tornou e, principalmente, foi um exemplo benéfico, algo que Nikkós nunca poderia ter sido.

Se ela se preocupava tanto com o filho a ponto de mandar alguém que a deixasse informada o tempo todo, por que nunca apareceu? O que a impedia?

Claro que não cheguei a nenhuma conclusão, apenas a exaustivas suposições que não me permitiram dormir direito e me fizeram ter um sonho muito estranho com Mariana.

Acordei sem me lembrar de detalhes do pesadelo, mas o acontecimento me deixou tão desnorteado que mandei mensagem para a Sâmi que continuasse com alguém de olho na mulher em Minas.

Pode parecer loucura, mas aprendi a duras penas a não ignorar os avisos que me incomodam, vindos da forma que venham, mesmo em sonhos, por isso a precaução.

Prefiro pecar pelo excesso a chegar tarde demais!

— Doutor, bom dia! — Luiza me cumprimenta assim que passo pelo corredor, indo para minha sala. — Ligaram do Rio de Janeiro, um senhor chamado Antunes, que disse que mandou mensagens para seu celular, mas, como não teve retorno... — Dá de ombros. — Parece urgente.

Deixo minhas preocupações e lembranças de lado para focar no que Luiza me diz, puxando, pela memória, o nome da pessoa que ela diz ter me ligado.

Antunes... Rio de Janeiro... Ethernium!

Deixo minha pasta em cima da mesa de Luiza e imediatamente pego meu telefone, conferindo o aplicativo de mensagens. O homem, um dos representantes do governo do estado que esteve presente na negociação da área com Wilka e Kostas, apenas escreveu que precisava falar comigo com urgência, mas não adiantou o assunto.

— Obrigado, Luiza — agradeço a ela, retornando a ligação dele. — Não repasse mais nada para minha sala por enquanto e não deixe ninguém entrar, por favor.

— Nem seus primos? — ela questiona, pois eles sempre tiveram livre acesso à minha sala.

— Não, ninguém!

Mais uma vez meu feeling diz que algo errado aconteceu, e sinto um frio na espinha ao pensar que alguma coisa possa atrapalhar o projeto da Ethernium.

Isso é tudo que não precisamos neste momento!, penso nervoso, ouvindo o som de chamada do telefone de Antunes, mas sem que ele me atenda. Esse projeto é nosso carro-chefe do momento, a maior negociação da gestão de Theodoros. Se acontecer qualquer atraso, se perdermos esse cliente... Bufo irritado, tentando não pensar no pior.

Não demora muito, e meu aparelho vibra. Atendo-o antes mesmo de chamar de novo.

— Pronto.

— Doutor Millos, aqui é Fernando Antunes, do Rio de Janeiro. Como vai?

Respiro fundo, buscando paciência para manter a cordialidade, mesmo que minha vontade seja ir direto ao assunto.

— Vou bem, obrigado. Peguei uma mensagem sua com minha assistente e no meu telefone. O que aconteceu?

Ele não responde de imediato, parece que está andando, pois o escuto respirar mais forte e depois ouço o som de uma porta se fechando.

— Temos um problema. — Minha esperança de que fosse algo corriqueiro, burocrático, desfaz-se assim que o escuto. — Outra empresa entrou em contato sobre a mesma área cuja concessão vocês solicitaram.

Levanto-me, pois, por mais que eu imaginasse entraves burocráticos, atrasos e até pedido de propina, não poderia supor que fosse algo assim. *Concorrência?!*

— Desculpe-me, mas não faz muito sentido. — Tento ponderar. — Essa área não estava disponível, fomos nós que propusemos depois da resposta positiva sobre o interesse do seu governo na instalação da siderúrgica. Como é possível que outra empresa apareça? Vocês a ofereceram?

Ele respirou fundo.

— Não. Eles chegaram aqui com tudo pronto. — Escuto ao fundo o barulho de folhas sendo remexidas. — Entraram com um processo solicitando a concessão, uma carta de interesse do município onde fica a área e com todos os estudos. Fizeram o caminho inverso, Millos.

Eu entendi isso, claro! Nós buscamos o interesse do governo estadual primeiro e pedimos ajuda para ter a anuência do município onde a área fica, por isso houve aquela reunião da qual Konstantinos e Kika participaram. A maioria dos benefícios em termos de tributos era estadual, bem como o licenciamento do empreendimento, por isso fomos direto a ele.

— O município aprovou, mesmo depois de ter acordado conosco?

— Sim, temos a carta de anuência e todos os documentos necessários para o licenciamento ambiental. — Ele parece desanimado. — Lamento dar essa notícia, mas parece que não há nada que possamos fazer, mesmo porque o prefeito de lá é da nossa oposição. Pensamos em *sentar sobre o processo*[33], mas isso não vai adiantar para solucionar a pressa que vocês têm, e a área continuaria indisponível, uma vez que já foi feito o contrato com o município.

Sinto espasmos musculares, uma contenção à raiva que indica o nível altíssimo de ira que estou tentando controlar. Ainda não consigo entender como foi possível que isso acontecesse e tento raciocinar em como lidar com esse pesadelo diante do Conselho Administrativo, principalmente agora, com o final da auditoria e a possível volta de Theodoros ao cargo.

— Não sei se você poderá me dar a informação, mas eu gostaria muito de saber qual empresa está encabeçando o processo e para qual empreendimento.

— Estou tão puto quanto você! Eu vi o empenho dos representantes da Karamanlis e tenho certeza de que a Ethernium traria muito mais benefícios ao estado do que essa que vai ser instalada aqui. Vou mandar as informações para o seu telefone.

— Antunes, eu serei muito grato. É uma lástima a Karamanlis não poder tocar esse projeto, mas saiba que teremos em conta o estado para futuros empreendimentos.

— Obrigado, Millos! Peço que mantenha meu nome em sigilo, por favor.
— Concordo. — Eu odeio falcatruas, tenho certeza de que houve propina nessa história, o que faz com que todos nós, que trabalhamos com legitimidade, sejamos julgados como sujos. — Percebo a indignação dele e o admiro por ter tido coragem de contar a verdade. — O comunicado oficial sobre a perda da área deve ir em breve para vocês, o gabinete já estava preparando-o, porque o governador não quer ficar mal com sua empresa.

Politicamente posso entender a preocupação do governador, afinal, a Karamanlis é uma empresa fortíssima no país e uma possível doadora para suas campanhas futuras. Nada é feito por camaradagem, não sou ingênuo.

Despeço-me dele e aguardo que as informações cheguem. Faço um café, mas na verdade preferiria algo mais forte. Estou tão puto, sem conseguir coordenar meus pensamentos, preocupado com a repercussão dessa notícia justo agora, que Theodoros está feliz por ter Tessa em casa.

Há também Kostas e Kika, que deram duro para conseguir, junto a Alexios, preparar todos os documentos e estudos prévios necessários e que estão com uma reunião agendada com o cliente para apresentar a área e as ideias sobre ela.

Abro a porta da sala e chamo a Luiza.

— Mande Alexios vir até aqui com urgência, algo sobre a Ethernium.

Ela assente, e volto a fechar a porta. Entro no banheiro, jogo água no rosto, tiro o paletó e enrolo as mangas da camisa, olhando para as minhas tatuagens, lembrando, buscando controlar meus pensamentos destrutivos cobertos de raiva.

O barulho do meu telefone vibrando sucessivamente sobre a mesa me faz correr até ele, e, quando abro as imagens que um número desconhecido me manda – provavelmente outro número de Antunes –, explodo.

Solto o aparelho, xingo e quebro um lápis na mão, sentindo as pontas da madeira furando minha palma.

Porra!

Sento-me, reclino-me na cadeira até o limite e fecho os olhos. *Concentre-se, Millos! Pense, pense...*

Há um filho da puta traidor entre os funcionários da Karamanlis! Sei disso, porque vi alguns dos documentos feitos pelos *hunters*, e as fotos que Antunes me mandou são de cópias do nosso trabalho.

As coisas estão cada vez piores, e me sinto culpado por isso. É horrível ver mal-entendidos acontecerem e não poder fazer nada para resolvê-los, afinal, não posso obrigar ninguém a confessar algo que não quer, mesmo que isso signifique provar sua inocência.

Wilka Maria é inocente!

Sinto-me mal por ela, por tê-la suspendido do trabalho enquanto procuramos o espião dentro da Karamanlis. Contudo, o que mais sinto, é pelo seu sofrimento diante da desconfiança de Kostas.

“Sâmi, acho que sei por que Wilka se encontrou com Madame Linete.”

Mando a mensagem para minha amiga.

“Oi, Millos, como vai? Que doido, nem me cumprimenta e já vem com uma mensagem sem nexo desta!”

“Só lê, preciso coordenar meus pensamentos, e escrever ajuda.”

Minha cabeça gira tão cheia de culpa e de perguntas. O choro de Wilka, seu desespero quando percebeu que Kostas desconfiava dela, ainda não saem da minha memória. Sua dor era tão palpável que eu podia senti-la em mim.

Senti vontade de abraçá-la depois que Kostas saiu da sala, mas não pude, travado ainda com esse contato, então toquei seu ombro, sentei-me ao seu lado e tentei que ela conversasse comigo, que me contasse a verdade.

— O que ele quis dizer sobre encontros, ligações e dinheiro na sua bolsa?

Ela fechou os olhos sentida.

— Eu não tenho como explicar isso!

Você tem, Kika!, pensei, querendo sacudi-la por estar se prejudicando por aquela mulher que só a lesou, que a expôs às piores coisas em sua infância e que a usava, até os dias atuais, para chantagear seu pai biológico – pai esse que nem ela sabia que existia!

Queria que ela se abrisse comigo, mas como ela faria isso se não tinha ideia de que eu a apoiaria ou acreditaria em sua palavra? Kika nem imagina o que eu sei sobre sua vida, aposto que nunca passou por sua cabeça que mando investigar todos os funcionários graduados da empresa, da gerência para cima, e que, ao entrar no lugar de Malu Ruschel, levantei toda sua existência.

Confesso que nunca fui muito a fundo na vida pessoal de ninguém, geralmente faço isso apenas para saber dos precedentes de cada um, afinal, vi

Frank Villazza quase se estrepar por causa de um funcionário do alto escalão, e não permitiria que isso ocorresse aqui na empresa.

A investigação sobre Kika tomou outro rumo quando descobri que Wilka Maria Reinol passou a existir somente aos sete anos de idade. Antes disso, não havia uma informação sequer sobre ela. Concluímos, na época, que tinha sido adotada, por isso a lacuna em seus dados. Contudo, Sâmi ficou incomodada com o seu nome, porque alegava que já o tinha visto antes.

Foi desse jeito que descobrimos tudo sobre ela, Madame Linete e o famigerado bordel. A curiosidade de Sâmi a fez mexer em arquivos digitalizados, buscando o nome Wilka, e encontrou a ocorrência de quando tiraram a menina do bordel.

Foi uma surpresa tão grande que fiquei cismado no começo, e continuamos a investigar, chegando a Benjamin Schneider, um dos grandes amigos de meu tio na época em que Nikkós era o CEO da Karamanlis.

Assim, depois de todas essas coincidências que ligava Kika à minha família, surpreendi-me quando descobri que ela era a amiga virtual do Kostas e pensei que o destino tinha dado um jeito de reuni-los, porque Wilka era a única pessoa que poderia amar e compreender meu primo e fazê-lo sentir o mesmo.

Por esse motivo me doeu tanto vê-lo sair daquela forma, acusando-a, desconfiando dela e fazendo com que Kika pusesse em dúvidas o amor que, eu sei, Kostas já sentia.

— Se ele sentisse por mim o que sinto por ele, nunca cogitaria pensar algo desse tipo — ela disse magoada, e tentei argumentar, mas ela não permitiu e continuou: — Eu poderia desconfiar dele também, não acha? Tem feito de tudo para acabar com a reputação de Theodoros na empresa, e perder um negócio desse porte, com certeza, não ajudará em nada na imagem do CEO. — Ela estava coberta de razão, mas nós dois sabíamos que Kostas não faria algo assim, mesmo para prejudicar Theodoros, principalmente por causa dela. Wilka o mudara e sabia disso. — Mas não, Millos, em momento algum pensei em acusá-lo, ao menos desconfiei dele, sabe por quê?

— Você confia nele! — comentei o óbvio.

— Exatamente. Confiança, algo que ele não conhece.

Wilka pegou a bolsa e foi embora logo depois de dizer isso e me fazer questionar se *eu* era digno de confiança também, afinal, joguei com a vida deles, esperando pelo melhor, e, quando o pior se apresentou, não sabia como agir.

Interrompo meus pensamentos ao me dar conta de que não mandei mais nenhuma mensagem para Sâmela, e ela me mandou várias perguntando o que havia acontecido.

Meu celular toca.

— Até que enfim! — Sâmi exclama assim que atendo. — O que houve?

— Perdemos a área da Ethernium, mas isso agora não é o que me preocupa. — Da janela da minha sala, vejo uma parte da Paulista e me concentro nas pessoas andando na calçada. — Alguém de dentro da Karamanlis vazou documentos importantes para a Dedalus.

— Caralho, Millos! Odeio traíras! — Digo o mesmo. — Quer que eu mande alguém investigar isso?

— Por favor, preciso saber quem é essa pessoa que nos traiu, não podemos ter um espião nos prejudicando.

— Está certo! Vamos descobrir o que houve, e você vai consertar essa bagunça aí, não se preocupe!

É, espero que, ao menos, essa situação possa ser consertada, já que não sei se conseguirei o mesmo em relação a Kostas e Kika.

Lembro-me do pesadelo da noite passada e penso que, talvez, Mariana tenha aparecido nele apenas porque tenho pensado muito nela ultimamente e que, na verdade, o aviso era sobre essa situação aqui na empresa.

— Suspenda qualquer coisa sobre Mariana Valadares, Sâmi. Peça ao seu pessoal para se concentrar em arrumar a confusão aqui na Karamanlis.

— Tem certeza? Eu tenho pessoal suficiente para os dois.

— Tenho! — Fecho os olhos e encosto minha cabeça na vidraça. — Ela está bem, não precisa que eu fique monitorando seus passos. Aborte!

— Como quiser. — Suspira. — Assim que tiver novidades, te comunico.

Agradeço a ela e fico um tempo pensando em como contar a Theodoros o que houve e, sobretudo, como contar ao Conselho que perdemos a área.

Dizem que, quando se mexe no caminho natural do destino, abre-se tantos novos caminhos que a pessoa pode se perder entre eles. Acho que o que está acontecendo já é prova disso, afinal, cavei fundo na vida de muita gente, remexi esqueletos enterrados, e, em algum momento, alguma coisa iria voltar para tentar colocar tudo no lugar de novo.

A imagem de Mariana vem à minha mente no meio dessa divagação, e sinto um aperto no peito ao pensar que, talvez, eu tenha desencadeado situações na vida dela também.

Espero que não!

17

I lift up my head and the world is on fire
There's dread in my heart and fear in my bones
And I just don't know what to say
Maybe I'll pray, pray...[34]

Já faz uma semana que Kátia foi embora com os meninos, e, desde então, mal tenho visto meu irmão. Ele praticamente vive no galpão aos fundos da propriedade e vem à casa apenas para reabastecer sua garrafa de café e pegar o almoço.

Tenho notado o forte cheiro de álcool quando fala comigo, mesmo sem estar bêbado, e lamento cada vez que o vejo voltar à sua atividade solitária e clandestina, em busca de um dinheiro que ele achava que nunca conseguiria com trabalho honesto.

Será que ele não percebe que já perdeu tudo?

Depois que minha cunhada se foi, ele tomou um porre, o que ocasionou a única interação sincera que tivemos até hoje. *Ele me culpa!* E, de certa forma, também o faço, afinal, se não tivesse lhe desobedecido...

— Era para a Kátia ter levado o dinheiro, e não você! — gritou, bêbado.

— Eu só fui porque tive medo de que a polícia... — tentei justificar, mas ele não me ouviu.

— Não, você queria sair e se divertir, por isso foi! — Sentou-se no chão e abraçou a própria cabeça. — Eu sempre tentei proteger você, mantê-la afastada dos olhos *deles*, e agora isso...

Senti-me muito mal, mesmo não concordando com tudo o que ele disse. Nunca compreendi bem o motivo pelo qual meu irmão sempre foi superprotetor. Sim, poderia ser para me proteger, mas também me impedia de viver.

Suspiro, deixando as amargas lembranças daquele dia de lado, sentada de frente para o espelho da minha penteadeira, exausta pelo trabalho de fazer tudo na casa e ainda despachar o pouco de encomendas que tenho.

Estou fazendo os salgados que foram encomendados antes de Kátia decidir ir embora e não poder cancelá-los. Nos primeiros dias sem minha cunhada, resolvi tudo, inventando uma desculpa para a ausência dela, e cancelei dois bolos que deveriam ser entregues na próxima semana, por serem na cidade e eu não ter como os levar. Os salgadinhos, eu mantive, porque eram encomendas que não se danificavam com os sacolejos da estrada de terra, então fiz a entrega de bicicleta, pedalando os 12 quilômetros daqui até o distrito mais próximo, levando uma carrocinha na parte de trás da *bike*.

Por isso tenho estado tão cansada!, reflito, lembrando que mal cheguei a casa, tomei um banho e já coloquei uma roupa para adiantar o jantar, na expectativa de meu irmão aparecer hoje para comer, ou, se não viesse, deixar adiantado para o almoço de amanhã.

A verdade é que tenho muito o que fazer, porque tenho uma enorme torta salgada para entregar em poucos dias. Não faço ideia de como vou conseguir transportar um preparado tão perecível, cheio de maionese e molho, dentro do ônibus – porque não dá para levar na bicicleta –, mas tenho que tentar, pois não pude cancelar a encomenda.

Talvez seja a hora de pedir o carro emprestado ao meu irmão. Acho que ele não sabe que aprendi a dirigir, além disso, tenho receio de guiar o carro dele, grande e automático, tão diferente do Fusca de Kátia.

Fecho os olhos, cansada, e a memória do último dia com Millos vem à minha cabeça. A liberdade que senti agarrada à cintura dele na garupa de sua moto foi única e incomparável. Nunca tinha andando de motocicleta e, mesmo que eu ande mais mil vezes daqui para frente, tenho certeza de que não sentirei a mesma emoção.

A casa em silêncio, a certeza de que meu irmão não vai aparecer por aqui, faz-me pegar a pequena caixa de música – única lembrança de minha mãe – e resgatar meus tesouros guardados no fundo dela. Desmonto-a com cuidado, tirando a parte da corda com as engrenagens que faz uma pequena bailarina branca dançar, e recolho a fita de couro que o vi usar no pulso e o cartão que me deu no dia em que me deixou no quarto para comprar roupas para mim.

Millos P. Karamanlis.

Passo a mão no cartão de visitas em preto fosco com letras em relevo levemente emborrachadas em tom de cinza-claro. O número do celular dele já nem aparece mais, pois foi escrito a lápis, criando números prateados pelo grafite, porém acabei os apagando de tanto acariciá-los.

Foi melhor assim! Eu passava a mão pela sua letra, mas não lia os números, temendo gravá-los e acabar sucumbindo à tentação de ligar para ele.

Deito minha cabeça sobre a madeira da penteadeira, meus tesouros bem perto do meu rosto, desejando ser mais ousada ou mais corajosa.

Sorrio ao imaginar como ele me atenderia, como seria ouvir sua voz novamente, aquele sotaque discreto e tão sexy que me fazia arrepiar da cabeça aos pés de tesão.

Muito tempo já se passou, e cada dia parece ser uma eternidade! Não consegui tirá-lo da cabeça e talvez nunca o tire do meu coração. Millos já nem deve se lembrar de mim, pois fui um enorme inconveniente para ele,

atrasei sua viagem, o fiz chegar atrasado aos compromissos com sua empresa.

Além do mais, eu nunca seria a mulher que, em circunstâncias normais, ele elegeria para ter um relacionamento.

Millos é rico! Gemo diante da minha inocência, preocupada com os gastos que ele estava tendo comigo no hotel e com as roupas. Tirando a moto, que tinha cara de cara, eu nunca poderia julgá-lo como realmente é. Fiz pesquisas na internet acerca do sobrenome dele e descobri que é um dos herdeiros do homem mais rico da Grécia e que sua empresa aqui no Brasil é enorme.

Vi fotos dele! Lembro que meus olhos se encheram de lágrimas por não poder salvá-las no meu celular, pois periodicamente meu irmão monitorava os telefones – meu e de Kátia –, e eu não saberia como explicar a foto de Millos salva na minha galeria.

Fiz a pesquisa na *lan-house* enquanto minha cunhada entregava suas encomendas, e o que vi me surpreendeu. Claro que o reconheci, o rosto lindo, másculo, a barba grande, estilo lenhador, mas só. Os cabelos, aqui sempre soltos, caindo no olho, estavam mais curtos, num corte moderno que o deixou ainda mais gato. As camisas de malha e os jeans surrados deram lugar a um terno incrível. Não se viam as tatuagens nem mesmo o brinco de argola preta que ele usava nos dias que passamos juntos.

O Millos que conheci em Carrancas parecia um sonho, uma imagem distante que criei sobre um homem distinto, bonito e rico que vi numa foto.

Abro os olhos, vejo o cartão e a fita de couro.

— Foi real! — falo e beijo o cartão.

— Mariana!

A voz de Zé, já no corredor, vindo em direção ao meu quarto, faz-me ficar tensa, e coloco meus tesouros no bolso de trás da calça jeans que visto e o espero, tentando parecer não ter sido pega em meio a algo errado.

— Ah, você está aqui... — Ele para de falar quando olha para minha

penteadeira. — O que estava fazendo?

Suspiro, pois odeio mentir e preciso de tempo para inventar o que dizer.

— Estava tentando consertar a caixinha de música.

— Ela caiu? — Ele pega o objeto e o analisa. — Por isso você está com essa cara? — Assinto, não fazendo ideia do que ele quer dizer com isso, mas achando uma boa saída. — Era velha demais, Mariana, nem funcionava.

— Eu sei... — sussurro em resposta e olho para o chão, temendo denunciar minha mentira com uma expressão culpada.

Zé volta a colocar a caixinha sobre o móvel e se aproxima.

— Vou precisar de sua ajuda.

Arregalo os olhos e o encaro.

— Com o quê?

— Soltou uma peça da máquina, e preciso que alguém segure a tampa para que eu a coloque no lugar.

Estremeço só de pensar em entrar naquele local onde ele faz todas aquelas notas de dinheiro falsas.

— Eu ia começar o jantar e...

— Não se preocupe com isso, preciso de você agora lá.

Assinto e o sigo quieta até o galpão onde tem passado a maioria dos dias e onde, até pouco tempo atrás, era proibido chegar perto.

— Você está com algum problema com o trabalho, Zé? — resolvo perguntar, mas ele me ignora, continua a andar. — Tem estado nervoso, estranho e nem vem mais dormir na casa.

— Isso não é problema seu, Mariana — ele me corta.

Contento-me em não falar mais nada, confiro o cartão e o cordão no bolso

da minha calça e continuo a andar atrás do meu irmão. Nós não tocamos mais no assunto do que houve em Carrancas desde a bebedeira dele. Passei dias tensa, esperando uma conversa, uma reprimenda e, até mesmo, que me agredisse, mas nada aconteceu.

Não entendo o motivo pelo qual ele decidiu ignorar o assunto, isso não é típico de meu irmão, e ressalta ainda mais a ideia de que algo fora do normal está acontecendo.

O sol está quente, muito quente, em comparação às águas geladas da lindíssima cachoeira. Estou deitada sobre uma pedra, sinto os respingos d'água baterem em minhas pernas e ouço o som maravilhoso de um pássaro que canta ao longe.

Sinto uma paz tão grande, como se não estivesse vivendo um pesadelo em casa.

Casa!

Sinto o coração acelerar, minha respiração fica difícil, começo a suar. Abro os olhos, e toda a paz que sentia se vai ao pensar em tudo o que deixei para trás e todos os problemas que meus familiares estão enfrentando.

— Eu não posso ficar aqui, eles precisam de mim! — digo em desespero.

O toque sobre minha mão me acalma, e olho para baixo. A mão grande, de unhas bem-cuidadas, máscula, a tatuagem entre o polegar e o indicador – a única que ele deixa visível, mesmo estando em uma cachoeira deserta comigo – e o cheiro inconfundível do homem que está ao meu lado em todos os momentos confusos da minha vida tomam meus sentidos.

Olho-o, ainda mais apaixonada por seus olhos de tom verde-escuro, sua barba sempre tão alinhada e os cabelos caindo sobre a testa. Ele sorri, calmo, e leva a minha mão até seus lábios, beijando-a cheio de carinho.

— Está tudo bem, eu estou com você.

O medo se vai, meu coração é tomado por emoções que só conheci quando ele apareceu em minha vida. Sinto-me segura ao seu lado, sei que nunca deixaria ninguém me machucar. Abraço-o, e seus braços de músculos fortes me envolvem, apertam-me contra si enquanto beija e cheira meus cabelos.

Eu o amo! Achei que essa história de amor à primeira vista era coisa de livro de romance, mas nem precisei vê-lo para me apaixonar por ele. Apaixonei-me por sua voz enquanto estava em coma, por suas palavras motivadoras, pedindo-me para acordar, dizendo que eu teria uma vida pela frente e que ele não sairia do meu lado enquanto eu não abrisse os olhos.

Apaixonei-me por ele quando cantou baixinho e me fez ter vontade de vê-lo, de saber se seu aspecto era tão sexy quanto sua voz. Millos me fez agarrar com força a consciência e querer acordar para conhecê-lo.

E, quando abri os olhos, descobri que estava diante de um sonho, um homem que, além de lindo, era carinhoso, protetor e que despertava em mim todas as sensações de uma mulher. Caí na escuridão ainda menina, mas, quando acordei, vi que já era uma mulher e que queria aquele homem.

— Não me deixe, eu preciso de você! — suplico a ele.

— Eu estarei sempre ao seu lado quando precisar, Mariana, conte comigo.

Então um vento gelado começa a soprar, afastando o calor do sol, e percebo que meus braços já não conseguem envolver Millos. Abro os olhos e o vejo sumir como fumaça, desintegrando-se, mas sem deixar de me olhar.

O medo volta, o desespero toma conta de mim. Sinto meu corpo alerta, todos os sentidos aguçados. Algo está à espreita. Quero me levantar, mas não posso. Não sei o que me retém, mas sinto um cheiro diferente, de fogo, de madeira queimando com algo que não sei discernir, um bafo fétido da morte, que agarra meus pulsos e monta sobre mim.

Tento gritar, mas não tenho voz. Olho na direção onde Millos estava, mas não o vejo nem o sinto por perto. Há algo errado, cobras andam sobre meu

corpo, espremendo-se contra minhas pernas, minha barriga, até se enrolarem no meu peito.

Uma dor forte me faz urrar ao sentir a picada de uma das víboras sobre meu mamilo, uma dor tão real, tão...

Acorda!, ouço algo gritar no meio do sonho e percebo que a cachoeira sumiu e que, ao invés do sol brilhante, está tudo escuro à minha volta. *Acorda!*, o grito vem de novo, pouco antes de eu sentir alguém morder meu lábio.

Abro os olhos e me deparo com um homem em cima de mim.

— Eu disse que teria volta...

A voz do desconhecido que me agrediu soa baixa, arrogante e divertida aos meus ouvidos. O pânico me faz começar a me debater, tomando consciência do que ele pretende e de que não estou mais sonhando.

É real, ele está aqui!

— Quanto mais você luta, mais tesão eu sinto. — Ri antes de rasgar minha camisola. — Seus dentes me deixaram uma cicatriz feia na boca, mas não se preocupe. Todas as marcas que vou deixar em você sairão com o tempo.

— Por favor... — imploro, cansada, quando vejo que não tenho forças para arrancá-lo de cima de mim. — Não faça isso!

Ele gargalha.

— Cadê a gatinha acuada de meses atrás? — Morde meu ombro, e grito de dor. — Não adianta implorar, você já é minha, aceite.

Não! Choro ao pensar no carinho de Millos, no cuidado que teve comigo naquela noite, na proteção quando descobriu que não tinha camisinha para prosseguir e no prazer que me deu mesmo assim.

Volto a lutar, com as forças renovadas, cega diante da ideia de ter meu corpo invadido por esse homem asqueroso. Grito por ajuda, tento socá-lo,

acertá-lo com os joelhos, mas, a cada investida que dou, sofro com sua retaliação.

Berro quando ele arranca minha calcinha, e ouço suas risadas, suas mãos nojentas a me tocarem intimamente, o asco me trazendo bílis à garganta.

Faço uma oração, uma prece desesperada ao meu anjo da guarda, um último pedido de socorro mental, já que nenhum dos meus gritos surtiu efeito.

Eu quero que você se lembre disso: se precisar de ajuda, não protele em me procurar. A voz de Millos vem à minha memória, e imploro aos céus alguma salvação, porque o anjo que me livrou daquela vez está muito longe para fazer qualquer coisa por mim.

18

Send someone to love me
I need to rest in arms
Keep me safe from harm
In pouring rain.[35]

— Não, acho melhor cancelarmos, porque não sei quando *pappoús* irá retornar para Atenas e não gostaria de ir sem ele — falo ao telefone com meu pai, Vasilis Karamanlis, sobre o encontro que teríamos em Atenas no mês de julho.

— Eu sei disso, Millos. Estou reagendando toda a programação da Karamanlis por conta desse acontecido com o *queridinho* de meu pai. — Ele bufa, visivelmente irritado com meu avô por ter vindo para o Brasil conhecer Tessa e não querer voltar a Atenas tão cedo. — A última novidade agora foi que Nikkós decidiu ir para São Paulo também.

A notícia me pega completamente desprevenido, porque, desde que foi chutado da diretoria da Karamanlis do Brasil, meu tio nunca mais pisou no país.

— Por que ele quer vir?

Meu pai ri.

— Você sabe que a motivação de meu irmão sempre foi conseguir a aprovação do velho a qualquer custo, não? Ele até se casou de novo para agradar ao grande e velho Geórgios.

Sim, eu soube do mais novo casamento de Nikkós Karamanlis e, quando pesquisei sobre sua nova esposa, achando que encontraria uma modelo, atriz ou *socialite*, fiquei surpreso ao ver que ela não era nada disso.

Madeline Bürki é uma mulher madura, na casa dos cinquenta anos, bem-sucedida nos negócios, com seu próprio dinheiro e nome, diferente de todas as outras ex-esposas de meu tio. Claro que o velho *pappoús* deve ter explodido de alegria, afinal, ele desaprovou todas as anteriores e condenava o gosto do filho, que sempre foi inclinado para mulheres fúteis e interesseiras.

— Ele quer se apresentar como um bom avô agora? — sondo meu pai a fim de descobrir a motivação de Nikkós, mas tendo calafrios só de imaginar aquele porco desgraçado perto de Tessa.

Theo nunca permitirá isso! Ou Kyra... Sinto um tremor só de pensar na reação de minha prima ao descobrir que seu pai voltará ao Brasil.

— Não. Pelo que entendi — ri —, ou melhor, o que Nikkós estava se gabando aos quatro ventos, seu avô pediu a ele para ir com Madeline ao Brasil para que ela o ajude em algo. Segundo seu tio, o velho não consegue ficar longe da nora preferida.

Ajudar pappoús? A informação me intriga e dispara um alerta mental acerca das intenções de meu avô aqui no país.

Ele veio para conhecer Tessa, o que foi surpreendente, mas por que será que ainda está aqui? E a principal questão é: por que quer Nikkós aqui?

— ...a ideia é postergarmos a reunião para o final do ano, porque, sem Geórgios e sem Nikkós, não há muito o que fazer, já que não poderemos votar nada grandioso. — Vasilis Karamanlis continua a falar.

— Está certo. Acho uma boa decisão, mesmo porque aconteceram

situações aqui na empresa que não se resolverão tão rápido.

— Eu soube da auditoria. — Bufo ao constatar que a notícia chegou até Atenas. — Eu posso não gostar de Theodoros, o garoto prodígio da família, mas confio na gestão dele, principalmente por ter um lambe bolas como você com ele.

Tenho vontade de rir por ele me subestimar tanto, mas não faço nada para que entenda minha decisão de apoiar Theo e ficar ao seu lado. Claro que, com a disputa entre meus tios pelo poder, meu pai nunca compreenderia minha escolha. Ele me acha fraco, uma sombra, inseguro, e ligo uma merda para a opinião que tem de mim.

— Obrigado pela confiança — ironizo. — A auditoria acabou, e em breve Theo voltará ao cargo, e eu ficarei feliz em deixar de ser o CEO.

Ele xinga.

— Eu sou o único Karamanlis que só teve um filho nessa porra de família, e ele tinha que ser logo um covarde sem ambição que se contenta em ser uma sombra!

Faço sinal para o Cris, motorista da Karamanlis que está dirigindo para a empresa depois de uma longa e exaustiva reunião com o pessoal da Ethernium, e peço a ele que aumente o volume do som do carro.

— Eu preciso desligar agora... Quase não consigo te ouvir. — Faço sinal para que o motorista aumente ainda mais o som, deixando-o quase ensurdecedor, e encerro a ligação.

Cris ri e abaixa o volume quando percebe que já não preciso mais do rock pesado a ponto de explodir os tímpanos.

Fecho os olhos, tentando relaxar um pouco, satisfeito por ter me desviado de uma discussão com o velho Vasilis. O homem fodeu com minha infância e acha que tem direito de pôr qualquer expectativa em cima de mim! Rio amargurado. Eu sei que ele só faz isso porque, como sempre faz questão de frisar, só teve um filho.

Ele está muito enganado se acha que vou ser uma peça no eterno jogo pelo poder dentro da empresa. Trabalhar na Karamanlis foi algo que fiz pelo *pappoús*, e continuar na empresa foi uma forma de estar mais próximo daqueles que sempre considerei como minha família, Theo, Kostas, Kyra e, mais tarde, quando finalmente o conheci pessoalmente, Alexios.

Gosto do meu trabalho, aprecio poder ser parte de uma equipe tão boa, com profissionais tão bons quanto meus primos. Eles também poderiam trabalhar em qualquer outra multinacional, mas decidiram ficar na empresa da família por algum motivo, exceto por Kyra, que descobriu, no meio da sua faculdade de arquitetura, que tinha o dom natural para promover, projetar e realizar eventos. Contudo, até no que ela faz, é possível dizer que há um pouco da Karamanlis, mesmo que ninguém saiba.

O carro para em um farol, e olho para o lado, vendo um dos elefantes brancos da gestão de Nikkós, todo pichado e mal-acabado, mas lotado de famílias invasoras.

— Achei que essas invasões já tivessem cessado — comento com Cris.

Ele nega.

— Essa é uma das mais recentes.

— O projeto de Alexios ainda não está pronto?

— Falta pouco, e não vejo a hora de conseguirmos realizá-lo. — Ele me olha pelo espelho e sorri. — Obrigado pela ajuda, doutor.

— Eu não fiz nada, lembra? — Olho-o sério, e ele assente.

Alexios é muito orgulhoso e, se souber de onde vem o financiamento para seu projeto de moradia social para as famílias invasoras dos prédios da Karamanlis – ou dos quais a empresa é depositária fiel –, é capaz de sair do empreendimento.

Definitivamente, não quero isso!

Cris entra na garagem subterrânea do prédio da empresa, e subo direto

para minha sala, preparado para já ter que lidar com a merda toda que estourou há uma semana: o sumiço de Kostas, o afastamento de Kika, o agendamento da reunião do Conselho sobre a auditoria da gestão de Theodoros e, ainda, a merda toda que rolou no encontro com os representantes da Ethernium.

Decidi ir pessoalmente comunicar-lhes que iríamos adiar a apresentação da área e dos projetos e lhes contei sobre a auditoria. Claro que eles já estavam sabendo, e usei essa desculpa para justificar a troca de local, alegando que os auditores não acharam o governo confiável e desconfiaram do projeto.

Foi uma merda, mas muito melhor do que confessar que tínhamos espiões e que perdemos a área para sua concorrente. Tenho noção de que, assim que o governo aprovar a instalação, eles irão saber que a concorrência conseguiu uma área perto de um dos maiores portos do país, com escoamento da produção sem necessidade de transporte terrestre, mas confio que, até lá, já tenhamos conseguido outra área mais interessante.

Por esse mesmo motivo, é necessário que eu descubra logo o X-9 da empresa e traga Wilka Maria de volta à caça das outras áreas que Kostas e ela elegeram.

— Boa tarde, doutor! — Luiza me cumprimenta. — Pedi ao pessoal do restaurante que fizesse algo para seu almoço. Quer que eu peça para trazerem à sala?

Confiro as horas, percebendo que todos os funcionários já devem ter almoçado.

— Sim, agradeço, e não passe nenhuma ligação enquanto eu estiver comendo ou deixe alguém entrar.

— Como quiser.

Ela volta para sua mesa, e entro no escritório, sentindo o corpo tenso, pensando seriamente em tirar toda minha roupa, ficar só de cueca e fazer ioga no meio do expediente.

Pego o telefone e mando uma mensagem para Sâmi antes mesmo de pensar em comer:

“Alguma notícia sobre o X-9 da Karamanlis? Preciso saber algo antes da reunião do Conselho.”

Ela não está online, provavelmente está de plantão, então não aguardo sua resposta. Deixo o celular em cima da mesa e vou para o banheiro lavar as mãos.

Tiro a gravata, abro o botão do colarinho, mas continuo com o blazer, pelo menos por enquanto. Aproveito para lavar também o rosto, que demonstra toda a preocupação que passei nesses dias, e penteio meu cabelo, gostando da praticidade do novo corte.

É aí que acabo percebendo que não tirei a argola da orelha, e rio curioso sobre o que Luiza pensou ao vê-la, afinal, nunca a usei na empresa.

Saio do banheiro e vejo, na mesinha redonda que tenho num canto, umas travessas de comida, com redomas de inox em cima. O cheiro delicioso de peixe no ar faz meu estômago roncar alto.

Sento-me à mesa e, quando pego o prato para me servir, noto que é idêntico ao modelo do hotel onde fiquei com Mariana. Sorrio, lembrando-me das pizzas e cafés da manhã que tomamos juntos, eu completamente tenso por causa do tesão que sentia por ela, maravilhado pela mulher à minha frente.

Como será que ela está?, penso, sentindo algo diferente dentro de mim, um aperto no peito, um nó na garganta que não sei explicar. Talvez seja saudade! Nunca convivi tão intensamente com uma mulher antes dela. Claro que tenho Sâmi e Kyra e que temos alguma convivência, mas nada comparado ao que vivi naquela semana com Mariana.

Termino a refeição com o nome dela em mente, suas imagens naquele

maiô delicioso, nua e entregue ao prazer na cama, questionando o porquê de não a tirar dos meus pensamentos.

Ligo para a mesa de Luiza, aviso-lhe que terminei a refeição e pergunto se alguém, nesse ínterim, procurou-me.

— A recepção ligou, mas a pessoa não tinha hora marcada com o doutor.

Isso me intriga, porque raramente acontece. Da última vez, foi Duda à procura de notícias sobre Theodoros.

— Deixou nome? — pergunto curioso.

— Não quis, mas Ana Flávia me disse que achou estranho, porque parecia uma criança e tinha seu cartão.

Meu coração dispara.

— Era mulher?

— Ela acha que sim, mas não tem certeza, porque usava um moletom com capuz sobre a cabeça.

Levanto-me, o sangue correndo rápido pelas veias e uma certeza cega que me apavora.

— Quando foi isso, Luiza?

— Tem uns 15 minutos, dou...

Não a espero terminar e saio correndo da sala, passo pela mesa dela e quase solto um palavrão quando o elevador se fecha antes de eu chegar até ele. Abro a porta de emergência, decidido a ir pelas escadas, torcendo para que ela não tenha ido embora.

Alguma coisa aconteceu!

Tento lembrar qual cartão deixei com Mariana e xingo quando lembro que era o que só tinha meu nome e que anotei o telefone a lápis. Talvez por isso ela não tenha conseguido me ligar e veio até a empresa atrás de mim.

Entro em um andar aleatório e, por sorte, há um elevador à espera. Ando de um lado para o outro, nervoso, dentro da caixa de aço, enquanto vejo o pequeno painel de LED mudar os números.

Viro-me para a parte de trás e me encaro no espelho. Estou vestido com o blazer, mas a gravata está desfeita, apenas passada sobre o pescoço. Ajeito-a, pois já cometi o erro de sair todo desalinhado da empresa há um tempo, quando soube do último atentado sofrido por Benício, meu amigo juiz que visitei no Ano novo, e Sâmi estava desesperada porque não tinha notícias de seus amigos que faziam a segurança dele.

Na ocasião, eu estava na garagem, dentro do carro, ainda me ajeitando para o trabalho, quando Sâmi ligou, dizendo que estava na porta da Karamanlis e que não conseguia mais guiar sua moto. Entrei no elevador, parei no térreo e passei correndo pelos funcionários, que devem ter ficado de boca aberta ao me ver daquele jeito, indo socorrer minha amiga.

Não sei se é Mariana lá embaixo, talvez seja só coisa da minha cabeça, mas, se for, preciso estar preparado para revê-la e não gostaria de estar vulnerável com minhas tatuagens de fora, afinal, não sei o motivo que a trouxe

Se for realmente ela!

Assim que paro no térreo, vou até a recepção.

— Quem é Ana Flávia? — pergunto a uma das recepcionistas, e ela aponta a mulher.

— Posso ajudá-lo, doutor?

— Uma pessoa me procurou há uns minutos e tinha meu cartão...

— Ah, sim! Não era o cartão da Karamanlis, era um todo preto, apenas com seu nome, e, como ela não tinha horário... — Ana Flávia olha para a outra recepcionista.

— Ela parecia um pivete, doutor — a outra, com o crachá escrito "Celina", completa. — Provavelmente achou o cartão em...

Não espero que a recepcionista termine de falar e marcho para fora do prédio, temeroso, sentindo a boca seca, a certeza de que foi Mariana quem esteve aqui e que veio em busca da minha ajuda por algum motivo.

Um pivete... penso, andando em direção à porta da garagem subterrânea. Como uma mulher linda como ela pode parecer um...

Meu pensamento se cala ao notar um ser encolhido, sentado no cantinho da jardineira que enfeita a parede ao lado da entrada da garagem. O moletom cinza com capuz chama minha atenção, assim como as mãos delicadas cruzadas uma na outra, apoiando as pernas encolhidas ao encontro do seu tronco, vestidas em um jeans surrado. A cabeça descansa sobre os joelhos, e ela calça tênis velhos e sem meias.

— Mariana? — arrisco o nome, e a pessoa levanta a cabeça para me olhar.

Arregalo os olhos e caminho em sua direção quando noto o rosto machucado semitampado pelo moletom. Ela se coloca de pé, e noto os profundos soluços do choro ao me reconhecer.

Alcanço-a e a olho, chocado com o ferimento em sua boca.

— O que aconteceu?

Seus olhos azuis molhados de lágrimas se fixam nos meus, porém, antes que consiga falar algo, desfalece em meus braços.

19

I'll stand by you
I'll stand by you
Won't let nobody hurt you
I'll stand by you.[36]

Seguro Mariana o mais firme que posso e a ergo nos braços. Penso em pegar o celular para ligar para alguém, mas lembro que não peguei o aparelho quando desci, simplesmente o deixei em cima da mesa do escritório quando desconfiei que a pessoa que me procurava poderia ser ela.

Decido então ir até a recepção e pedir a uma das recepcionistas que chame uma ambulância, mas, assim que ando em direção ao prédio da Karamanlis, encontro-me com Cris.

— Ei, precisa de ajuda? — o motorista indaga, correndo na minha direção.

— Estou sem telefone para ligar para a emergência e...

— Não... — Mariana sussurra no meu colo, e eu a olho, já acordada. — Eu só estou cansada e aliviada por ter te encontrado. Não preciso de hospital.

Ela esconde o rosto com o capuz do moletom e mantém a cabeça quase encostada no meu peito, mesmo assim vejo o enorme machucado em seu lábio inferior.

— Você está machucada... — tento fazê-la ponderar.

— Não quero ir, por favor!

Assinto, olho na direção onde Cris estava, mas o motorista já não permanece lá. Procuro-o na calçada, quando então o portão da garagem é acionado, e o carro em que vim com ele para a empresa sobe a rampa.

Respiro fundo, aliviado por ele logo ter pensado em buscar o veículo. Entro com Mariana no carro, no banco de trás, e a coloco sentada ao meu lado. Ela ainda não me olha diretamente, talvez tentando esconder as marcas em seu rosto.

Estou tentando me controlar, mas minhas pernas não param de balançar um só instante. Tenho receio de que ela veja isso e fique com medo de mim. A briga é intensa no meu interior, porque, emocionalmente falando, quero segurá-la pelos ombros, perguntar o que aconteceu, quem foi o desgraçado que voltou a tocá-la e matar o filho da puta lenta e dolorosamente, porém minha razão me manda ter calma, controlar minha violência, porque provavelmente ela sofreu alguma e não precisa mais ter que lidar com isso.

— Hospital? — Cris questiona.

Ela me olha assustada, seu rosto lindo e delicado com marcas – não como as de antes, mas ainda assim marcado –, seus olhos arregalados e a expressão de medo que reforça a minha ideia de que está apavorada.

Porra!

— Não, vamos para a minha casa, Cris.

O motorista estranha minha decisão, olha-me dúbio pelo retrovisor, mas segue o caminho para o galpão onde moro.

Mariana volta a olhar para baixo, as mãos cruzadas sobre o colo,

apertadas uma na outra. Faço menção de segurá-las, mas, diante do singelo movimento de retração que noto nela, não sigo adiante.

Quero explodir, socar alguma coisa, xingar aos berros. Meu instinto mais primitivo e incontrolável quer nomes e, principalmente, o sangue do desgraçado que a machucou.

A lembrança daquela noite em frente ao bar me faz apertar os punhos, porque, embora eu tenha descrito tudo o que me lembrava da cara do sujeito, nunca consegui descobrir quem era. *E tentei!* Enchi o saco da Sâmi depois que retornei para saber quem foi o maldito que tentou sequestrá-la, mas era como achar agulha no palheiro.

Bufo e olho para a rua, meus pensamentos em conflito, acelerados, a constatação de que ela não me disse tudo quando recuperou a memória, que o que aconteceu em Carrancas não foi um fato isolado.

Tento rever as informações sobre ela no dossiê que a equipe da Sâmi conseguiu montar. Não temos muitas, porque, apesar de serem da cidade, poucas pessoas sabiam da vida pessoal de sua família, pois moravam em um distrito rural, completamente isolados. O que apuramos é que ela ficou órfã criança, foi criada pela madrasta e pelo meio-irmão, que sua cunhada era quem sustentava a casa, pois seu irmão não gostava muito de trabalho.

Mariana foi boa aluna, fez cursinho pré-vestibular social, tirou uma nota boa no ENEM, mas não ingressou em nenhuma faculdade. O irmão, como ela mesma disse, era ciumento, e ela quase não saía de casa.

Minha prioridade, quando voltei a São Paulo, foi ter certeza de que ela estava segura com sua família, e, pelas investigações do pessoal da Sâmi, parecia que estava, que seus parentes eram pessoas simples, o irmão, um tanto bicho do mato, mas aparentemente era uma família normal.

Então por que a encontro machucada novamente?

Cris se aproxima da minha casa, mas não pode entrar com o carro, porque deixei todos os meus itens no escritório.

— Espere um minuto — digo a Mariana e desço do veículo, abrindo o

portão social com minha senha para abrir o portão da garagem por dentro.

O carro entra, Cris sai e me pergunta se preciso de ajuda.

— Não, quer dizer... preciso que volte para a empresa e pegue meus pertences. Estou sem nada aqui, até meu telefone ficou lá.

Ele assente, abre a porta de trás, e ajudo Mariana a sair.

Não falamos nada. Sua postura é tensa, seus braços abraçam a si mesma. Espero Cris sair para fechar a garagem antes de chamá-la para subir.

— Você consegue andar? — inquiro a ela, com medo de tocá-la e ela recuar mais uma vez.

Mariana concorda, mas, quando a vejo cambalear no terceiro passo, pego-a no colo e marcho rapidamente até o antigo elevador de carga para subir ao apartamento.

Por sorte, a fechadura daqui também é híbrida – funciona com chave e com senha –, e não demora muito para eu estar dentro do *loft*. Contra meu corpo, Mariana soluça, provavelmente chorando baixinho para que eu não ouça.

Isso me desespera, essa situação toda mexe tanto com minha cabeça, com minhas lembranças e, principalmente, com os fantasmas do meu passado, que há muito estão trancafiados numa caixa qualquer do meu inconsciente.

Levo-a direto para cima, para o mezanino onde fica minha cama – estilo tatame, bem perto do chão –, e a coloco nela.

Assim que sente o colchão sob si, Mariana se enrola em posição fetal, vira o rosto para o lado contrário onde estou e fecha os olhos.

— Mariana — chamo-a, mas não responde. — Mari...

Desisto de chamá-la novamente, respiro fundo, passo a mão no rosto, frustrado e fodido com toda essa situação, e desço, deixando-a descansar. Na parte de baixo, vou direto para a geladeira e pego uma cerveja, tomando quase toda a garrafinha num gole só, tentando resfriar a cabeça.

Sinto-me sufocando, o enorme *loft* onde vivo parece uma pequena caixa de ferro e madeira. O teto, com pé direito de mais de cinco metros, parece que está cinco centímetros acima da minha cabeça, e as pontadas no meu peito são como murros.

Respira, Millos! Meu cérebro me obriga a raciocinar para não perder a sanidade e surtar.

Olho para cima, para onde ela está deitada, parecendo indefesa e temerosa, e minha mente ferve imaginando o que aconteceu.

Não sei quanto tempo fico andando de um lado para o outro, mas é suficiente para eu beber mais duas cervejas e Cris retornar com minha pasta e celular.

— Precisa de algo mais? — Percebo que ele realmente está preocupado, afinal, viu-me com uma pessoa nos braços, e eu a trouxe para minha casa.

— Não, obrigado, Cris. — Ele assente, mas, antes que entre no carro de novo, o chamo e lhe peço um favor: — Não comente com ninguém sobre isso, é uma situação complicada.

— Nem precisava pedir, doutor.

Agradeço-lhe mais uma vez e volto para o *loft*. Deixo a pasta em cima de um dos sofás de couro e abro meu telefone.

Há mensagens de Sâmi sobre o que perguntei acerca do vazamento na empresa, uma de Kyra e de Theo, mas ignoro todas e mando mensagem para uma amiga minha, que é médica, cujo consultório foi projetado e executado pela K-Eng.

“Boa tarde, doutora, preciso falar contigo quando não estiver em consulta.”

Feito isso, subo devagar para o quarto, apenas para constatar que Mariana realmente dorme, o corpo mais relaxado, ressonando baixinho. Olho para os tênis desgastados em seus pés, imaginando se devo ou não os tirar, mas acabo deixando-os, temendo acordá-la.

Sento-me em uma poltrona de frente para a cama, onde geralmente leio, porque não gosto de fazer isso deitado, e fico velando-a como se pudesse adivinhar o que se passou e o motivo pelo qual ela veio atrás de mim.

Meu telefone vibra no bolso, e saio do quarto para não a perturbar com o barulho.

— Oi, doutora — atendo a doutora Tânia Matsumura.

— Oi, Millos, como vai? Eu peguei sua mensagem e, como não estou no consultório, consegui retornar. Em que posso ajudar você?

Tânia e eu nos conhecemos durante um espetáculo comemorativo sobre a cultura japonesa. Houve uma apresentação de *shibari* artístico – sem cunho sexual –, e ela foi uma das modelos. Fiquei bem curioso, porque quase nunca vejo, no cenário dessa prática, mulheres *plus size*.

Procurei-a para conversar, para conhecer um pouco mais de seu trabalho e fiquei muito interessado no que ela me explicou sobre usar a prática do *shibari* para elevar a autoestima de mulheres consideradas "fora do padrão" que geralmente a prática estabelece.

Até aquele momento, eu nunca tinha pensado no motivo pelo qual quase não via um *rigger* amarrar uma modelo com sobrepeso. Contudo, depois de nossa conversa, ela me explicou que, muitas vezes, a alegação é de que um corpo com mais curvas não tem boa estética quando amarrado, o que é um absurdo, porque o *shibari* vai muito além do físico.

Tânia não frequenta o clube, porque usa o *shibari* de maneira não sexual, como forma de terapia e autoconhecimento. Ela faz parte de um grupo de mulheres que praticam umas nas outras a fim de conhecer e tomar posse da intimidade que a prática milenar fornece.

A partir daquele dia, há anos, temos mantido certo contato. Ela sabe,

claro, que sou um *rigger* e que uso o *shibari* em encontros sexuais, mas nossas conversas giram sempre em torno da técnica e não sobre experiências pessoais.

Neste momento, não me importo de abrir minha vida pessoal para ela, porque só vou ter sossego quando um médico examinar Mariana e me garantir que ela está ou vai ficar bem.

— Preciso de sua ajuda profissional. Há uma pessoa machucada que eu gostaria que fosse examinada, mas ela se nega a ir a um hospital. — A médica fica muda, e entendo que ela deve estar pensando que machuquei alguém com as cordas. — Ela me pediu ajuda, Tânia, nem sei o que lhe aconteceu.

— Vou ajudá-la — diz, e sinto um alívio imediato. — Onde está?

Passo o endereço de onde moro para ela, que calcula a rota e me dá uma previsão de chegada.

30 minutos!, penso, olhando o relógio que tenho na cozinha se mover mais lentamente que o habitual, e balanço a cabeça.

Não surta, Millos, ela precisa de você!

Durante o tempo em que esperei a médica chegar, resolvi fazer algo para que Mariana comesse. Fui duas vezes ao quarto, mas ela continuava dormindo, enrolada na cama como se temesse ficar à vontade.

As ideias que se passavam pela minha cabeça sobre o que aconteceu com ela não eram nada boas, mas a incerteza me fazia andar de um lado para o outro e ter picos de raiva que faziam meu estômago borbulhar.

Liguei para Sâmi, mas ela não atendeu, então enviei mensagem a ela contando que Mariana veio para São Paulo e que estava machucada. Pedi que tentasse descobrir o que houve lá em Minas o mais rápido possível.

Estava impaciente, afinal, ela iria acordar, e eu poderia perguntar-lhe diretamente. Porém, temia que ela não me dissesse nada ou mesmo mentisse para mim, porque não daria para acreditar que, mais uma vez, foi atacada por um desconhecido.

Quando Tânia chegou, fomos imediatamente para o quarto e encontramos Mariana acordada, olhando para o teto, ainda com o capuz do moletom sobre a cabeça.

Ela olhou curiosa para a médica e para a bolsa que ela trazia.

— Mariana, essa é a doutora Tânia, uma amiga — fiz a apresentação, e ela se sentou na cama, contra a cabeceira, e abraçou os joelhos. — Eu ficaria mais tranquilo se ela pudesse examinar você.

A médica se aproximou mais da cama e sorriu.

— Não precisa se assustar comigo. — Sorriu. — Deixe-me ajudá-la para que esse ferimento — apontou o lábio – não infeccione.

O silêncio dela estava me matando, e tremi para controlar minha vontade de enchê-la de perguntas e obter as respostas para poder extravasar minha ira em cima do filho da puta que a tinha deixado daquele jeito.

Ela me olhou, e foi como um soco bem na boca do meu estômago. Uma pequena olhada, um desviar de olhos na minha direção que foi capaz de me transportar para anos atrás e relembrar uma expressão parecida, de medo, um pedido de socorro silencioso.

— O que aconteceu, Mariana? — perguntei, incapaz de conter as palavras por mais tempo.

Tânia se virou em minha direção e negou com a cabeça, mas eu não conseguia mais controlar minha ansiedade diante do que estava vendo.

— Só me diz quem foi o responsável por isso para que eu possa...

— Millos — Tânia me chamou energicamente. — Nos deixe a sós, por favor.

Neguei e andei até a cama para sentar-me ao lado de Mariana.

— Você veio até mim porque sabe que vou te proteger. Nada de mau irá lhe acontecer, pode contar o que houve. — Levei a mão até a sua, então ela fechou os olhos e chorou.

Isso me quebrou. Era como se eu tivesse comido um monte de espinhos e estivesse tentando engoli-los mesmo arranhando todo meu esôfago.

— Millos — a médica me chamou baixinho e colocou a mão sobre meu ombro. — Deixe que eu a examine, sim?

Assenti e me afastei da cama, porém permaneci no quarto.

— Mariana, não é? — Tânia falou com ela. — Meu nome é Tânia, como Millos falou, e sou médica. Posso ver onde mais você está machucada?

Mariana negou e olhou para mim.

— Você se sentiria melhor se Millos nos desse licença?

O quê?!, pensei ao parar de andar em volta da cama. Não tinha intenção alguma de sair dali, também queria saber onde mais ela estava machucada e, principalmente, queria que ela me contasse o que aconteceu!

Foi então que a vi concordar com a médica e percebi que minha agitação a estava deixando ainda mais nervosa.

Calma, porra! Respirei fundo e saí do quarto, indo direto para a cozinha ver o macarrão que havia colocado para cozinhar.

Agora, quase meia hora depois que a deixei sozinha com a médica, estou de olho no relógio, prato de macarrão com almôndegas pronto, esperando que Tânia desça com notícias para que eu possa levar a comida para Mariana.

De repente, um barulho na porta chama minha atenção. Deixo o prato no balcão e fico em alerta, pois ninguém tem a chave do *loft* a não ser eu.

Kyra entra e para em seco, olhos arregalados como se tivesse sido surpreendida.

E foi!

— O-oi... — Ri sem graça. — O que você está fazendo em casa a essa hora?

Se eu não estivesse tão pilhado, preocupado com Mariana, teria rido de sua pergunta idiota.

— O que *você* está fazendo aqui? — retruco. — E como tem a senha de acesso?

Kyra fica vermelha – coisa rara de acontecer – e dá de ombros.

— Decorei nas vezes que vi você digitá-la. — E dá um sorriso irônico. — Não é muito inteligente usar a mesma senha nas duas fechaduras, sabia?

Cruzo os braços e enrugo a testa.

— Acabei de descobrir. — O sorriso dela morre. — Há quanto tempo você vem invadindo minha privacidade?

— É a primeira vez! — Gargalha. — E olha, descobri que não sou boa nisso, porque fui pega em flagrante. — Aproxima-se e me dá um beijo no rosto. Ela insiste nessas demonstrações de carinho, que não gosto, mas já nem tento mais contê-la. — Relaxa, Mi. — Bufo, pois detesto que ela me chame assim, e ela o faz exatamente por isso. — Eu só queria descobrir o que você tanto esconde aqui para impedir que o visitemos.

— Não escondo nada, só não quero visitas. — Pego-a pelo braço. — Agora que você já sabe, pode ir...

Kyra se solta e aspira teatralmente.

— Você cozinhou? Adoro sua comida! — Pisca, faceira, com seu jeito único que desarma qualquer um. — Admito que pisei na bola, mas, convenhamos, você também não é um cara que facilita as coisas, não é? Tinha que estar em casa justamente no dia em que comecei minha carreira de crimes?

Sorrio, impotente diante de sua brincadeira, sentindo-me um pouco mais

relaxado, mesmo querendo-a fora daqui o mais rápido possível.

— Hoje não está sendo um bom dia, Kyra — confesso, e ela fica séria. — Outra hora eu cozinho algo para você.

— O que houve? — sua voz soa preocupada quando faz a pergunta.

— Nada, estresse geral por tudo o que tem acontecido.

Ela assente.

— É, as coisas estão feias lá na empresa, né? Alexios me contou. — Aponta para a cozinha. — Posso beber um copo d'água antes de ir? — Concordo. — Essa coisa de invadir propriedades me deixou de boca seca.

Balanço a cabeça, recriminando-a, e a espero beber a água – que ela mesma se serviu na geladeira – para pedir que vá embora. Kyra de repente franze o cenho, olhando curiosa em direção às escadas, e respiro fundo, sabendo que ela viu Tânia ou Mariana descendo do meu quarto.

— Doutora Matsumura?

Agora sou eu quem fica curioso por ela conhecer Tânia. *Mas que porra de cidade é São Paulo, que todo mundo se conhece?!*

— Kyra, como vai? — Vejo as duas se cumprimentarem, mas não vejo Mariana surgir atrás da médica.

— Vou bem, como da última vez que nos vimos. — Kyra me olha cheia de malícia. — Não sabia que você e meu primo...

Tânia começa a rir, e fecho a cara, puto com a falta de discrição de Kyra.

— Não, não, vim de maneira profissional.

Kyra gargalha, totalmente alheia ao que trouxe a doutora até minha casa.

— Millos, você virou trans? Sim, porque, se a doutora Tânia, minha ginecologista, veio te consultar...

Bufo, irritado com as brincadeiras fora de hora de Kyra. Eu não fazia

ideia da especialidade de Tânia, apenas pensei nela como uma boa opção por ser minha conhecida, médica e mulher, na esperança de que Mariana ficasse mais segura e acabasse contando o que houve.

— Ela não veio me consultar, Kyra. — Acho que minha voz saiu tão puta que minha prima parece entender que, realmente, há algo errado acontecendo. Ignoro-a e volto minha atenção à Tânia. — Como ela está, doutora?

A médica dá de ombros.

— Não quis deixar que eu a examinasse como eu queria, mas aferi sua pressão – que está baixa – e descobri que não come nada há mais de 24 horas...

— De quem vocês estão falando? — Kyra nos interrompe.

— De alguém que eu conheci há uns meses e que apareceu hoje, machucada e pedindo ajuda.

Kyra arregala os olhos.

— Onde ela está? — inquiro à doutora, deixando as interrupções de minha prima de lado para me concentrar no assunto que importa no momento.

— No banho. — Aponta para o mezanino. — Peguei uma garrafa de suco de maçã que tinha no seu frigobar, Millos. E acho que será melhor que ela coma algo depois do banho.

Assinto, pensando no prato de macarronada que esfria em cima do balcão.

— Ela não disse nada sobre o que aconteceu? — arrisco a pergunta, temendo que ela não me conte por conta do sigilo médico-paciente.

A médica suspira.

— Não, mas acho que nem precisa. Ela tem ferimentos muito caraterísticos. — Olha para Kyra de esguelha e continua: — Tem feridas na boca, no ombro e braço, vi quando tirou o agasalho para que eu aferisse a pressão. São de mordidas...

Fecho as mãos com tanta força que meus braços tremem ao imaginar alguém a agredindo dessa forma, violentando-a, roubando dela o prazer e o descobrimento de uma primeira vez consentida.

— Você acha que ela foi...

O barulho estridente de vidro se partindo me faz interromper a pergunta e olhar para minha prima. Kyra está de costas para mim, apoiada na bancada, e o copo em que bebeu água está no chão, em pedaços.

Merda!

— Kyra... — chamo-a, arrependido por ter tido essa conversa com ela aqui, amaldiçoando o momento inoportuno de sua chegada.

— Estou bem, desculpa — diz trêmula, sem se virar na minha direção, e logo se encaminha até o armário onde guardo os materiais de limpeza.

— Pode deixar isso para lá. — Tento impedi-la de limpar o chão onde o copo caiu, mas ela não me escuta, recolhendo os cacos de vidro e passando um esfregão para absorver um pouco da água que ficou no assoalho.

A médica e eu acompanhamos seus movimentos em total alerta, mas relaxamos quando a vemos jogar os cacos de vidro no lixo e nos encarar, já recomposta.

— Eu gostaria que ela me deixasse examiná-la melhor — doutora Tânia volta a falar, desviando minha atenção de Kyra. — Caso ela mude de ideia, me chame, por favor.

— Pode deixar, vou tentar conversar com Mariana e convencê-la.

Tânia balança a cabeça e se despede de Kyra.

— Vá com calma com ela, Millos — pede-me enquanto a levo até a porta. — Mariana está muito assustada, mas deve confiar em você se te pediu ajuda.

— Eu sei. Obrigado por vir. Depois me mande a conta.

— Pode deixar, mas faça com que ela aceite ser examinada. Estou preocupada, pois, se realmente foi uma agressão sexual, ela pode estar seriamente ferida.

Somente a possibilidade me traz bílis à boca. Despeço-me da médica, mas fico um tempo parado à porta, pensando no horror que Mariana deve ter vivido.

Ela era virgem! Soco a porta, descontando na grossa madeira maciça minha revolta diante da monstruosidade que fizeram a ela. Lembranças de sua inocência, seus beijos e a vontade que teve comigo na nossa última noite juntos me trazem um gosto amargo à boca, uma sensação de culpa por não ter proporcionado a ela uma primeira vez cuidadosa e sem traumas.

Sei que é irracional pensar assim e que não faria diferença alguma sobre o que ela está sentindo neste momento, mas, entendendo a importância que a primeira vez tem, eu gostaria de ter dado essa experiência a ela, para que não relacionasse sexo a violência e invasão.

Encho meus pulmões de ar, inspirando-o lentamente, tomando o controle das minhas emoções, porque é irrelevante como me sinto agora. Tudo o que importa é ela e como posso ajudá-la a se recuperar.

Claro que quero muito saber quem foi que lhe fez isso e, agora mais do que nunca, fazê-lo pagar, mas vou esperar o tempo dela, o momento em que achar que está pronta para se abrir comigo. Não vou pressioná-la.

O que importa é Mariana ficar bem, e eu vou garantir que isso aconteça!

20

How could this happen to me?
I've made my mistakes
Got nowhere to run
The night goes on
As I'm fading away
I'm sick of this life
I just wanna scream
How could this happen to me?[37]

A água quente cai sem parar sobre minha cabeça, mas não sinto nada, absolutamente nada! Estou cansada, meu corpo está exausto, minha mente abalada, e já não consigo mais chorar.

Ainda não entendo tudo o que aconteceu, foi muito rápido, desesperado, dolorido, e juro que pensei que não iria sobreviver. Fecho os olhos, soluços me sacodem, mas as lágrimas não caem. Sento-me no chão do boxe e me encolho, sem saber o que fazer da minha vida.

Vir até aqui foi um ato impulsivo. A única coisa em que pensei foi que Millos me ajudaria, sem considerar mais nada. Contudo, assim que adentrei no saguão da empresa onde ele trabalha, percebi que, talvez, ele não tivesse

tempo ou disposição para se envolver com os problemas de uma desconhecida.

Não mais!

Suspiro ao me relembrar da minha insegurança, da constatação de que ele não estava mais de férias, passeando com sua moto, vestindo jeans rasgado e jaqueta de couro. Millos é um executivo, pelo amor de Deus, e do tipo daqueles que só vi na televisão ou li nos livros de romance.

Meu medo se confirmou quando não consegui nem passar da recepção, mesmo tendo um cartão de visitas dele. A recepcionista me olhou desconfiada, principalmente por eu tentar esconder meu rosto e os ferimentos o tempo todo, e me disse que o *doutor* Millos Karamanlis só atendia com hora marcada.

Peguei o cartão de volta – percebi que ela estava relutante em devolvê-lo – para sair daquele local opulento, mas estava tão fatigada que acabei me sentando numa espécie de floreira, na fachada do prédio, e fiquei lá, lamentando ter gastado todo o dinheiro que tinha recebido do meu irmão em uma viagem até um desconhecido.

Por isso, quando Millos apareceu de repente na calçada e chamou meu nome, levantei-me tão rápido que não consegui sustentar o peso do meu corpo. Não como há dias, não dormi nada, então o estresse e o medo consumiram o restante da energia que me moveu até ele.

Olhei-o, senti seus braços me amparando e quis gritar, encarando tudo o que eu havia passado, relembrando-me da doçura de seu toque em contraposição à violência e dureza que conheci depois.

Todas as coisas que me imaginei contando a ele se calaram dentro de mim. Não tive coragem, ainda não tenho nem para pensar naquela noite, para raciocinar sobre as consequências de tudo aquilo.

Eu só gostaria que essa água me lavasse não só por fora, mas por dentro! Quero parar de sentir medo e dor e ser grata por estar viva, por ter conseguido escapar.

Não sei quanto tempo faz que estou no banho, mas reconheço que a ideia da doutora foi boa. A água quente tirou um pouco da tensão que eu estava sentindo, pelo menos a muscular, e, mesmo tendo cochilado um pouco assim que cheguei aqui, estou me sentindo sonolenta.

A doutora Tânia me aconselhou a comer algo para repor as energias, mas mal consegui beber o suco que ela me serviu, pois ainda estou sentindo meu estômago enjoado e sem apetite.

— Mariana? — Alguém bate à porta e me chama. — Está tudo bem aí?

Não reconheço a voz da mulher que está do outro lado da porta, mas ela me desperta, e me coloco de pé, percebendo meus dedos todos enrugados pelo tempo excessivo que estou debaixo da água.

Fecho o chuveiro e pego uma das toalhas brancas que vejo enroladas em um armário aberto perto do boxe.

— Mariana? — a mulher volta a me chamar com um tom de preocupação.

— Estou bem — respondo antes de me enrolar na toalha e abrir a porta.

A moça à minha frente é a mulher mais linda que já vi na vida! Sua pele bronzeada destaca os olhos de uma cor única, duas lagoas plácidas de águas verdes em um rosto perfeito.

Ela sorri para mim, e isso apenas ressalta ainda mais sua beleza. Aperto a toalha em volta do meu corpo. Seus olhos se desviam para minha mão agarrada ao tecido felpudo, e ela se move dentro do armário de Millos, por onde passei quando vim ao banheiro.

— Achei! — exclama quando volta para perto de mim com um roupão preto e me entrega a peça. — Pode vesti-lo.

Pego o roupão, a cabeça cheia de questionamentos ao constatar que ela conhece bem o lugar e que sabe onde achar as coisas de Millos, um claro sinal de intimidade.

Estremeço apenas com a possibilidade de ela ser mulher dele ou

namorada e mais uma vez questiono a minha decisão de ter vindo procurá-lo.

A mulher sai do banheiro, mas posso ouvi-la no closet ainda, abrindo gavetas e portas, então coloco o roupão que me ofereceu o mais rápido que consigo e deixo a toalha usada em cima da bancada do lavatório.

— Chinelos! — Aparece de novo. — São enormes, mas pelo menos você não ficará descalça. — Coloca-os no chão perto dos meus pés. — Millos fez macarronada, o cheiro está maravilhoso, e posso garantir que ele cozinha bem. — Estende-me a mão. — Vamos lá?

Não me movo, perdida, vendo-a me tratar tão bem, mesmo sem saber quem sou eu e... *Talvez ela saiba!*, penso e arregalo os olhos. Não sei que tipo de relação os dois têm, e Millos pode muito bem ter contado sobre mim para ela, tanto quando voltou da viagem quanto agora, que apareci de repente em sua vida.

— Ah... — Ela sorri e balança a cabeça. — Desculpe meu jeito apressado, sou Kyra Karamanlis...

Oh, meu Deus, o mesmo sobrenome!

— Es-esposa do Millos? — tomo coragem para fazer a pergunta e a interrompo com voz trêmula.

Ela gargalha.

— Não, isso seria muito castigo para os dois! — Franzo a testa, sem entender. — Sou prima dele, quase a irmã mais nova que pega no pé, sabe?

Eu não deveria sentir alívio por saber que ela não é a mulher dele, mas preciso admitir que senti, sim, e muito!

Como, mesmo depois da apresentação, não me movi, ela baixa a mão que me estendeu e se aproxima.

— Mariana, eu imagino pelo que você passou e entendo que precise de um tempo para processar tudo antes de falar com alguém. Você tem diante de si alguém que já passou por muita coisa também. — O jeito que ela me olha,

toca fundo dentro de mim. — Eu te entendo e quero que saiba que, independentemente do que aconteceu, estou aqui para te apoiar no que precisar.

— Você nem me conhece... — sussurro, emocionada com o que ela me disse.

— Não, não te conheço, mas você veio até meu primo, e sei que fez isso porque percebeu que ele é um homem especial. — Soluço, porque ela tem razão. Mesmo com todos os meus questionamentos sobre ter feito a coisa certa ao vir atrás dele, admito que só pensei em Millos para me ajudar. Kyra volta a falar: — Millos está muito preocupado com você, pude ver isso desde que cheguei aqui, e meu primo não estaria com todas as suas defesas abaixadas, demonstrando suas emoções, se você também não fosse alguém especial.

Ela volta a estender a mão, e, desta vez, não demoro a pegá-la. Kyra sorri e me leva de volta ao quarto, onde Millos me espera com uma bandeja na mão.

— Tudo bem? — ele pergunta olhando para ela. — Eu fui levar a doutora até a porta, e, quando me virei, você tinha sumido.

— Vim me apresentar para a Mariana, já que sei que você ia me enrolar para que eu fosse embora logo. — Kyra pega a bandeja da mão dele e me olha. — Quer comer aqui?

Não consigo desviar os olhos de Millos, sei que está na hora de eu falar algo para ele, pois está evidente que quer saber o motivo pelo qual reapareci em sua vida dessa maneira, mas não consigo dizer nada.

— Você precisa comer — ele diz. — Fiz macarrão porque achei que você gostaria. — Tenta sorrir, mas percebo que a tensão quase o impede. — Ainda me lembro de como devorava uma pizza!

Suspiro, as lembranças dos dias que passei com ele parecendo algo tão distante, tão fugaz e surreal. Assinto e me sento na cama, o cinto do roupão bem amarrado em minha cintura, escondendo todas as marcas físicas da

violência que sofri.

Kyra coloca a bandeja sobre meu colo e fica olhando-me na expectativa de que eu coma. Coloco uma porção do macarrão na boca, mastigando-o devagar, apreciando o delicioso molho e a textura da massa bem cozida.

Vejo-a ir até Millos, que também não tira os olhos de mim, e falar algo com ele, que a princípio rechaça, mas logo bufa e concorda.

— Eu vou sair por um tempo, Mariana — ele me avisa. — Se importa se Kyra ficar te fazendo companhia? — Nego, porque realmente gostei da prima dele e senti uma conexão como se ela entendesse pelo que passei e como estou me sentindo. — Não demoro. Tente descansar depois que comer.

Sinto-o relutante em me deixar, mas sutilmente Kyra lhe dá um empurrão, guiando-o na direção das escadas. Millos xinga daquele mesmo jeito que o ouvi fazer quando estávamos juntos, provavelmente em sua língua nativa, e ela ri.

— Se importa se eu fizer companhia a você? Prometo não ficar tagarelando, porque sei que precisa descansar.

— Eu não quero ficar sozinha — confesso.

Ela, então, senta-se ao meu lado e toca meu ombro.

— Eu não vou te deixar só, Mariana. Pode acreditar que, enquanto você me quiser ao seu lado, não soltarei sua mão.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e me é difícil engolir a comida. Fico emocionada, não com as palavras dela, mas pela sinceridade que vejo em seus olhos.

— Você não vai me contar mesmo? — escuto a voz de Kyra assim que acordo.

Olho em volta, observando com atenção todos os detalhes do quarto do homem que, há meses, povoa meus sonhos. *Estou na cama dele, em sua casa!* Essa ideia é, ao mesmo tempo, excitante e aterradora. Pensei nele e em como seria sua vida aqui em São Paulo tantas e tantas vezes como algo que eu nunca teria conhecimento, mas que gostaria muito.

Só não imaginei que seria desta forma!

Suspiro e fecho os olhos, querendo evitar pensar no que aconteceu e em como as coisas ficaram. Meu coração está tão apertado, tão preocupado, mas o medo me impede de sequer cogitar as possibilidades.

Não quero pensar no que houve!

— Isso não te diz respeito, Kyra — escuto a resposta de Millos e me sento na cama.

— Ela veio até você, Millos, e, depois do que passou, isso é um sinal de que confia e se sente segura contigo.

— Mariana sabe que eu nunca faria mal a ela.

— Como ela sabe? De onde vocês se conhecem?

Ouço-o respirar fundo e, em seguida, o barulho de uma garrafa sendo aberta.

— Eu a conheci em Minas, durante minha viagem, é tudo o que você precisa saber.

— Entendo. — Eles ficam mudos por um tempo. — O que você pretende fazer com ela? A Karamanlis está pegando fogo, e não é um bom momento para ficar distante da empresa.

Fecho os olhos ao pensar que realmente estou sendo um inconveniente para ele. Millos tem uma vida, e eu estou aqui, bagunçando-a sem, ao menos, lhe dar uma explicação.

— Não sei, mas não vou desampará-la. Mariana veio até mim porque eu disse a ela para sempre contar comigo, e vou cumprir minha palavra.

Meu coração dispara ao ouvir a convicção do que diz em sua voz e reconheço o motivo pelo qual vim até ele. *Eu confio em Millos!* Suspiro e fecho os olhos, sabendo que devo demonstrar essa confiança contando a ele tudo o que houve naquela noite. Só não sei como começar...

— Eu posso ficar aqui com ela, pelo menos por um tempo, enquanto se recupera — Kyra se oferece, e fico paralisada pela surpresa.

Gostei muito da prima de Millos, realmente senti que suas palavras para mim não foram vazias. Ela me entende! Ficou ao meu lado, como prometeu, mesmo depois de eu ter jantado e só deve ter saído quando adormeci.

— Você faria isso? E seu trabalho? — Millos lhe questiona.

— Helena e a equipe dão conta. Mariana precisa de nós.

Millos lhe diz algo, mas, como baixou o tom de voz, não entendo o que é.

Se eu tinha dúvidas sobre ter vindo para São Paulo, elas acabaram neste momento. Eu não estava iludida sobre o homem que me salvou uma vez, por quem me apaixonei. Millos é meu anjo da guarda, e me sinto mais segura tendo-o ao meu lado.

Eu só não contava que essa proteção e empatia fossem de família e não esperava achar aqui uma amiga também.

Volto a me deitar, sentindo um alívio e a esperança de que tudo tenha ficado bem lá em casa e que, com a ajuda deles, eu consiga superar e entender tudo o que aconteceu comigo.

Obrigada, meu Deus, por tê-lo colocado em meu caminho!

21

She
May be the reason I survive
The why and wherefore I'm alive
The one I'll care for through the rough and rainy years[38]

258, 259, 260... continuo a contar meus passos, concentrado no chão do enorme shopping aonde vim parar depois que Kyra me convenceu a comprar umas coisas para Mariana.

Sinceramente, não entendi por que ela queria que eu viesse, afinal, era muito mais fácil para ela ter vindo, uma vez que também é mulher e entende mais as necessidades básicas de outra.

Tudo bem que fiz esse mesmo percurso lá em Minas, quando Mariana estava desorientada, mas agora, aqui, é muito diferente.

Estou uma pilha, tenso, nervoso e tenho certeza de que Kyra me afastou do *loft* por isso. Seria o que eu teria feito caso estivéssemos em papéis inversos. Confio demais em minha prima e sei que, neste momento, ela pode ser muito mais útil a Mariana do que eu.

Minhas mãos se fecham, contendo a fúria do meu corpo, e perco a conta dos passos pela terceira vez. Somente a ideia do que fizeram a Mariana me traz uma ira tão grande que parece que vou explodir. Há muitos anos não sinto nada parecido, achava até que não poderia sentir mais, porém estava errado.

Sinto toda a violência que sobrepujei durante décadas arranhando o verniz de quem me tornei, buscando uma brecha para sair, tomar conta de mim para mostrar a verdadeira natureza que escondo. Eu sei que essa ambiguidade faz parte de quem sou, mas pensei ter conseguido domar a fera para sempre.

Ledo engano!

Posso até esconder, mas nunca me livrarei da maldição dos Karamanlis, e isso fica claro quando sinto em minhas entranhas a vontade de fazer justiça com as próprias mãos. Eu poderia facilmente matar o homem que machucou Mariana e sentir satisfação por ter seu sangue espirrando para todos os lados, pintando tudo de carmim, antes de vê-lo apodrecer lentamente.

Não seria a primeira vez que isso aconteceria, que ver e fazer uma pessoa sofrer me causaria satisfação, mas é contra tudo que tenho lutado por anos. Posso ter herdado a natureza *deles*, mas *escolhi* não ser igual!

Respiro fundo, agitado, aprisionando minha mente antes de alimentar ainda mais esta confusão ambulante que sou. Preciso retomar o foco, manter a disciplina da minha racionalidade acima de qualquer outro instinto, e, neste momento, é apenas Mariana quem me importa, e não meu deturpado senso de *lex taliones*[39]. O bem-estar dela, sua saúde física e mental e, claro, a proteção que necessita e que veio buscar em mim são minhas prioridades.

Claro que desejo o sangue do filho da puta que ousou tocá-la sem permissão, mas, acima de tudo, entendo que preciso mantê-la segura até entender o que lhe aconteceu, até que tenha todas as informações para caçar esse sujeito até fazê-lo pagar, seja na justiça convencional ou na minha.

Entro em uma grande farmácia e compro os itens de higiene que Kyra me pediu, além de analgésicos e material de primeiros-socorros. Não tenho costume de tomar remédios, por isso mesmo não tenho nada lá no *loft*, e, se

Mariana acordasse com dor no meio da noite, eu não teria como ajudá-la.

Achei lógico que Kyra me pedisse que providenciasse analgésicos, bolsa térmica e itens de higiene como sabonete íntimo, absorventes e lenços umedecidos. Contudo, estranhei quando ela listou itens de primeiros-socorros, afinal, até onde pude ver, Mariana não parecia precisar de curativos. Mandei mensagem a ela questionando sua lista, e o que ela escreveu quebrou meu coração.

“Ela está quebrada, Millos, e uma mulher abusada sente uma dor tão grande que pensa que o único jeito de a aliviar é se ferindo. Traga o que eu pedi, por favor!”

Fiquei um longo tempo parado, apenas olhando a mensagem, pensando em todos os significados dela. Conheço esse caminho de infligir uma dor para amenizar outra. A dor psicológica é pior que a física e, geralmente, quando queremos tirá-la de nós a qualquer custo, acabamos causando uma outra “tratável”, visível, para mascará-la.

Compro todos os itens da lista que Kyra me enviou por mensagem, sentindo meu corpo gelar a cada esparadrapo, gaze e antisséptico que coloco sobre a esteira do caixa.

Saio de lá como um autômato, sem focar em nada ou ninguém, desesperado para voltar para casa e estar por perto. Um medo enorme toma conta de mim, um sentimento tão desconhecido que me sinto novamente um menino apenas por vislumbrar a possibilidade do que poderia ocorrer com Mariana.

Preciso protegê-la de todos, até de si mesma se necessário!

Chego ao galpão que chamo de casa e fico um tempo dentro do carro,

respirando fundo, tentando parar de tremer ao pensar na mulher que ficou em minha cama, usando um dos meus roupões, ao lado de minha prima.

Lembranças da última noite que passamos juntos me alcançam, seu cheiro toma conta de minhas narinas, o gosto de seu corpo faz minha boca salivar, e me sinto o pior dos homens por pensar nela nesses termos neste momento.

Mariana está tão frágil, tão assustada que não me cabe sentir excitação por ela estar aqui em São Paulo. Pensei que nunca mais fôssemos nos ver. Realmente, mesmo carregando sua calcinha como amuleto, achava que era melhor que seguisse com sua vida bem longe de mim.

O que aconteceu entre nós em Minas foi uma situação excepcional, por isso meu descontrole, por isso que ela me tocou tão fundo. Algo em Mariana desperta meu lado mais protetor, e eu não sei o que é.

Mas não é só isso! Não sou idiota a ponto de não reconhecer que ela mexe comigo além do sentimento de cuidado. *Muito além!* É a mesma maldita atração que tem me puxado para ela desde que a socorri em minhas férias e que pulsa em mim ainda contra minha vontade, mesmo nos momentos mais complicados, como a falta de memória dela de antes e sua fragilidade de agora.

Saio do carro já puto comigo, tentando sufocar a vontade de subir para o *loft*, mandar Kyra embora e deitar-me ao lado de Mariana, velando seu sono, sentindo seu calor e sua presença, como tentei fazer todos esses meses com sua calcinha.

Devo estar enlouquecendo, afinal, essa é a minha sina!

Entro em casa e encontro Kyra na cozinha comendo o restante da macarronada que deixei na panela.

— Como ela está? — pergunto-lhe de pronto, olhando para o mezanino.

O suspiro profundo de minha prima me faz olhá-la.

— Comeu, bebeu um pouco mais de suco de maçã — faz careta, e eu sorrio, porque sei que ela detesta meu suco favorito — e depois dormiu.

— Ela te disse algo? — Entrego-lhe a sacola da farmácia, mas Kyra não responde minha pergunta, dando de ombros. — Porra, Kyra, ela foi mesmo abusada, não foi?

Minha prima está de costas, mas vejo suas mãos tremerem ao tirar os itens que trouxe da farmácia.

Merda, Millos!

— Nós não conversamos. — Sua voz sai tão baixinha que chego mais perto para ouvi-la melhor. — Mariana tem sotaque mineiro, é bem gostoso de ouvir. — Kyra se vira em minha direção. — Ela é bem novinha...

— Kyra... — Tento adverti-la para que contenha sua curiosidade antes que me faça perguntas que não irei responder, mas não tenho sucesso, pois logo inquire:

— Como vocês se conheceram?

Saio de perto dela, vou até a geladeira e pego uma cerveja.

— Eu lhe agradeço pela ajuda com ela e...

Kyra ri.

— Já está me dispensando? — Cruza os braços. — Esse seu jeito educado de expulsar as pessoas não vai funcionar hoje comigo.

Desta vez sou eu quem ri.

— Nunca funcionou antes! Não sei por que ainda tento!

Bebo um gole da cerveja, minha atenção voltada para o quarto no mezanino, onde apenas uma luz parca está iluminando-o.

— Será que ela irá dormir a noite toda? — A pergunta é retórica e nem deveria ter sido feita em voz alta, mas acabo por olhar para minha prima esperando uma resposta.

Kyra me encara séria.

— Você não vai me contar mesmo?

Ah, a teimosia de Kyra Karamanlis!, penso respirando fundo.

— Isso não te diz respeito, Kyra.

Ela balança a cabeça, inconformada, e anda de um lado para o outro por entre meu sofá de couro e as cadeiras de madeira, demonstrando, por fim, todo seu nervosismo com a situação.

— Ela veio até você, Millos, e, depois do que passou, isso é um sinal de que confia e se sente segura contigo — argumenta, tentando entender o que tenho a ver com uma menina como Mariana.

A lembrança de quando entreguei meu cartão à moça ainda no hotel em Carrancas e de todas as vezes que lhe ofereci ajuda a qualquer momento faz meu coração bater mais forte. Não fiz os oferecimentos da boca para fora, e, pelo visto, ela acreditou em mim e veio quando precisou.

— Mariana sabe que eu nunca faria mal a ela — respondo apenas.

Kyra para de andar.

— Como ela sabe? De onde vocês se conhecem, pelo amor de Deus?

Respiro fundo, pego outra cerveja, desta vez para minha prima, e decido dizer o mínimo, apenas para acalmá-la.

— Eu a conheci em Minas, durante minha viagem, é tudo o que você precisa saber.

— Entendo. — Ela bebe e não me olha, provavelmente subentendendo que tivemos algo mais íntimo.

Nunca expus minha vida privada a ninguém, nem mesmo a Kyra. Somos amigos, e a considero muito, mas sempre mantivemos um limite bem demarcado sobre até que ponto poderíamos conversar sobre nossa vida pessoal. Sei do passado dela, de tudo o que viveu na casa de meu tio, mas não porque ela me contou, muito pelo contrário!

Minha prima diz que superou, mas sei que não é assim e tentei algumas vezes entrar no assunto para poder aconselhá-la ou mesmo incentivá-la a buscar ajuda, mas sempre se esquivou, e a respeitei, pelo menos na pressão de fazê-la me contar. Não foi difícil descobrir, principalmente depois que achei sua antiga babá.

— O que você pretende fazer com ela? — volta a me perguntar depois de um tempo em silêncio. — A Karamanlis está pegando fogo, e não é um bom momento para ficar distante da empresa.

Ela tem razão, eu sei, mas estou pouco me importando com a empresa neste momento. Claro que quero resolver a situação de meu primo, e, para isso, teremos uma última reunião para decidir o futuro de Theo como CEO da Karamanlis; e ainda tem a questão da Ethernium e do vazamento de informações.

Sâmi mandou mensagens ao meu telefone, mas não consegui ouvi-las ainda. Tenho certeza de que é sobre o que lhe questionei hoje mais cedo. Contudo, com a chegada de Mariana, esse assunto deixou de ser prioridade.

— Eu não sei — respondo com sinceridade —, mas não vou desampará-la. Mariana veio até mim porque eu disse a ela para sempre contar comigo, e vou cumprir com minha palavra.

Kyra assente, mas parece pensar sobre o que eu disse, provavelmente tentando achar uma solução.

— Eu posso ficar aqui com ela, pelo menos por um tempo, enquanto se recupera — ela se oferece, e não escondo minha surpresa.

— Você faria isso? E seu trabalho?

Ela dá de ombros de novo.

— Helena e a equipe dão conta. Mariana precisa de nós.

Posso sentir toda a empatia que essa frase contém. Sei que a situação de Mariana mexeu com Kyra e que, de alguma forma, a aproximou da moça sem nem mesmo conhecê-la.

É bom poder contar com o apoio dela, acho até que será benéfico para as duas, porém Kyra não seria a pessoa que eu pensaria para me ajudar nesse momento, mas as circunstâncias fizeram com que fosse ela a estar aqui, e não posso me dar ao luxo de negar ajuda, porque sei que Mariana irá precisar.

— Concordo e agradeço seu apoio. — Kyra sorri, e volto a olhar para o mezanino. — Mariana não trouxe nada com ela, e creio que irá precisar de roupas...

— Amanhã resolvo isso, pode deixar. Vou mandar uma mensagem para uma amiga estilista e pedir a ela que separe alguns itens. Assim que amanhecer, saio daqui para buscá-los.

A ideia de que ela pretende dormir aqui me surpreende.

— Acho melhor você ir para sua casa, Kyra.

Ela bufa.

— E se ela acordar no meio da noite com pesadelos e...

Ando até minha prima e pego suas mãos, completamente geladas.

— Você já fez muito. Amanhã vou precisar de você, porque tenho uma reunião importante, então é melhor que vá para seu apartamento e descanse.

Ela assente.

— Millos... — Suspira. — Eu sei que ela veio até você e, mesmo que não me conte, sei que houve algo lá em Minas entre vocês dois. — Encara-me. — Soube disso assim que ela me perguntou se eu era sua mulher. — A informação me faz arregalar os olhos. — Tome cuidado, sim? Ela está frágil, e, bem, você é homem, isso pode assustá-la neste momento.

Demoro a voltar a respirar depois desse pedido de Kyra, sentindo vergonha de mim mesmo por, mesmo que inconscientemente, gostar de tê-la visto com meu roupão, deitada em minha cama. Minha prima tem razão, e o melhor é ignorar, sufocar qualquer atração que eu sinta por Mariana.

Ela precisa de um amigo, de alguém que a proteja de quem lhe causou

todos aqueles hematomas, e não de um homem louco de tesão.

— Não se preocupe, vou dar o espaço que ela precisa.

22

I'll be there for you
These five words I swear to you
When you breathe I want to be the air for you
I'll be there for you.[40]

Suas mãos são suaves, mas ao mesmo tempo firmes. Gosto muito de como ela me toca, adoro sentir seus dedos longos e finos na pele sensível do meu pau, agitando meu membro sem nenhuma reserva.

Olho-a.

Gosto de como mantém a concentração no que me faz, focada em aprender como eu gosto... ou apenas em aprender, já que não tem experiência alguma. Meu corpo estremece apenas com a perspectiva de iniciá-la, de ser seu mestre e dono de seu prazer em sua primeira vez.

É um privilégio que eu nunca quis, que sempre achei que não me excitaria, mas que prova ser um delicioso catalisador de todo tesão que eu já sentia por ela antes mesmo de ter noção de sua inocência.

Puxo-a para mais perto de mim, esquadrinho seu rosto tão lindo com as

mãos, o relevo de seu nariz pequeno, a maciez de seus lábios, a suavidade de seus cílios. Nossos olhares se encontram. Percebo na pureza do azul de suas íris o desejo que nubla seus pensamentos e a faz apenas me querer como a quero.

Preciso dela, e esse pensamento a deixa nua, uma visão foda de seu corpo, que me põe de joelhos a seus pés. Adoro-a com as mãos, sua pele eriçada devido aos arrepios que meu tato lhe causa quando toco suas pernas, indo na direção de suas coxas, abrindo-as para que a visão de sua intimidade cause, mais uma vez, o deleite de saber que sou o primeiro e o único a vislumbrar todo o esplendor da carne feminina intocada.

Não, intocada não! Sorrio ante o pensamento de Mariana se masturbando pensando em mim. Ela se toca para mim, mantém-me vivo em suas lembranças gozando meu nome na solidão de seu quarto, no segredo de sua cama.

Pego sua mão, a mesma que sei que ela usa para obter seu próprio prazer, e a beijo, lambuzo-a com minha saliva e a coloco sobre a pequena protuberância de seu corpo, local exato para extrair seus gemidos mais roucos.

Ela se masturba devagar, roçando os dedos, acariciando, e eu apenas assisto embasbacado, aprisionado diante da perfeita visão de seus movimentos. Desvio os olhos por um momento para seu rosto, e a boca molhada, levemente aberta, atrai-me como um sinal luminoso.

Beijo-a sedento, absorvendo seus gemidos de prazer, deixando-os reverberar dentro de mim, acordando todas as sensações, libertando-me de meu rígido controle, deglutindo meus freios e grilhões com sua saliva e dando-me, enfim, a liberdade de sentir o que venho contendo há tanto tempo que nem podia me lembrar mais da sensação.

Sinto-me alçar voo com meu corpo colado ao dela. Suas mãos acariciam minhas costas. Percebo então que ela deixou de se tocar, ainda que continue a gemer e se movimentar como se o estivesse fazendo ou talvez esteja ansiando que eu continue de onde parou.

Coloco minha mão entre suas coxas e perco o fôlego ao sentir seus lábios íntimos inchados e completamente molhados, um convite claro para que meu pau passe por entre a maciez de seu canal apertado e deslize com a ajuda de sua excitação.

Sinto espasmos de prazer apenas por imaginar a sensação, a delícia de ter meu corpo abraçado, acolhido dentro dela, encaixado da forma mais perfeita e antiga existente.

Introduzo um dedo enquanto minha língua brinca com a dela, e meus lábios devoram os seus. Sinto a calidez do seu interior, a indescritível sensação de... Estremeço e arregalo os olhos.

Um frio tão grande me acerta que retiro o dedo de sua boceta, sentindo-o arranhá-la e machucá-la com o simples movimento. Mariana está me olhando, mas não me vê. Seus olhos tão vívidos parecem cobertos com uma poeira fina que os deixa opacos. O hematoma em sua boca é enorme, e o corpo debaixo do meu, antes tão receptível e vivo, agora está frio e vazio.

Ela está morta!

Pulo da poltrona, sem entender ainda onde estou e o que está acontecendo, e somente quando percebo que estava sonhando é que posso respirar normalmente.

Ainda consigo me sentir excitado pelo sonho que começou erótico, mas com a certeza de que o sangue correndo rápido em minhas veias não foi impulsionado pela paixão, mas sim pelo medo.

Respiro fundo algumas vezes, trazendo a razão de volta, situando-me sobre onde estou e como as coisas são de verdade para tirar a sensação de azedume do pesadelo.

Depois que Kyra foi embora, demorei muito tempo para subir até o mezanino. Mariana dormia calmamente, sem se mexer e com uma expressão tranquila. Resolvi tomar um banho, coloquei a roupa que uso para dormir, dessa vez com a camisa, e fiquei um bom tempo sentado na poltrona de leitura, tomando conta de seu sono como se pudesse guardá-la dos terríveis

pesadelos que Kyra me advertiu que ela poderia ter.

Não sei a que horas dormi, lembro-me de estar divagando sobre nunca a ter imaginado aqui comigo, embora dormisse todas as noites com a calcinha de renda dela. Para mim, Mariana ficou como uma fantasia boa, uma lembrança de como poderia ser minha vida se eu fosse um homem normal e não o fugitivo de uma condenação de loucura e violência.

Nunca havia cogitado encontrá-la de novo, não por não querer mais vê-la, apenas por achar que era melhor que ela seguisse sua vida sem um fodido como eu no caminho.

Eu... acho que me apaixonei por você.

As palavras dela, sonolentas, depois da última noite que passamos juntos, voltaram à minha memória para debochar de mim. Mariana estava sexualmente satisfeita – embora não tenhamos consumado o ato, ela gozou de todas as formas possíveis – e me via como uma espécie de "super-herói", não como eu realmente era, por isso não considerei sua *declaração* sonolenta como verdade.

Ela nunca poderia amar um homem como eu se soubesse como sou realmente, se conhecesse meu passado, as coisas que fiz direta e indiretamente, as dores que causei. *Ela não sabia, por isso achava que podia se apaixonar por mim!*

Racionalmente descartei a ideia e tentei não pensar em qualquer tipo de desdobramento que sua confissão poderia causar. Fechei-me diante das possibilidades, impedi-me de analisar a fundo o que suas palavras me provocavam e continuei sem ilusões.

Todavia, ontem, vendo-a aqui, permiti-me imaginar outros cenários. E se, ao invés de ter vindo me procurar do jeito que veio, ela tivesse apenas vindo me ver? Eu teria coragem de manter a decisão de não me aproximar mais dela? Seria capaz de não tecer a ilusão de um relacionamento normal para mim, como os que meus primos estão conseguindo para si próprios? Não sei!

Entretanto, uma coisa eu tive que admitir, mesmo diante das

circunstâncias: senti de novo todas as sensações que ela despertou nos dias em que estivemos juntos em Minas. O tesão não cessou, a vontade de tê-la, muito menos, e isso, no meu caso, é algo preocupante, pois é uma experiência inédita, e não tenho certeza de como lidar com isso.

Olho para minha cama, onde ela passou a noite, mas não vejo Mariana. Estava tão desnorteado com o sonho, dividido entre a excitação do começo e o temor do final, que nem percebi que ela não estava no quarto.

Corro para o banheiro, o coração a mil de novo, o medo de que ela tenha feito algo para se machucar, acelerando meus pensamentos. Há objetos cortantes e ...

A porta de comunicação do closet para o banheiro está aberta, e o cômodo, totalmente vazio, embora eu consiga distinguir o perfume do meu sabonete no ar. Olho para a bancada do lavatório, onde deixei os itens de higiene que comprei para ela ontem, e noto a escova de dentes fora da embalagem.

Há outra toalha branca estendida no toalheiro e, movido pelas lembranças de quando convivíamos no hotel em Minas, vasculho atrás de uma calcinha recém-lavada. Não a acho e rio de mim mesmo ao sair do banheiro.

Patético, Millos!

Um cheiro bom de café se espalha pelo mezanino e me atrai imediatamente para a parte baixa do *loft*. Kyra e Mariana estão sentadas nas banquetas de ferro e madeira que ficam na ilha da cozinha. As duas conversam baixinho, cada uma segurando uma xícara de café, e é Kyra quem percebe minha aproximação.

— Ah, o belo adormecido acordou! — brinca, e Mariana se vira para me olhar.

Sua face está corada, e ela não mantém seu olhar no meu por muito tempo, encarando o chão.

— Que horas são? — pergunto e logo busco o relógio industrial criado por um designer de quem sou fã, perto dos barris de inox onde faço cerveja.

— Porra!

Ouço a risada de Kyra diante do meu assombro por ter perdido boa parte da manhã. Geralmente acordo muito cedo, ao alvorecer, para conseguir dar conta de todos os meus afazeres do dia.

— Sua personal veio, mas eu lhe disse que você estava cansado e a dispensei — Kyra informa, e assinto, lamentando ter feito Sandra atravessar a cidade à toa. — Quer café?

Aceito a oferta de tomar *o meu* café e me aproximo de Mariana.

— Bom dia, tudo bem?

— Bom dia — responde, e penso que irá evitar falar comigo, como fez ontem, mas então ela continua: — Dormi, sim, muito obrigada por tudo.

Sorrio e nego.

— Achei que já tivéssemos combinado que não precisa ficar me agradecendo, lembra? — Ela sorri e concorda. — Eu estou feliz por ter você aqui, não tem por que agradecer.

Ela suspira.

— Não foi dessa forma que eu sonhei em te ver de novo.

Meu corpo reage por saber que ela *sonhou* em me ver novamente. Engulo em seco e me mando manter o controle, dizendo a mim mesmo que todas as circunstâncias que tornavam uma loucura eu manter qualquer envolvimento com Mariana ainda existem, ainda sou o mesmo homem!

Tento não focar no que me disse e dou de ombros.

— Mas está aqui agora, é o que importa.

— Não quero ser um problema para você, Millos. — Ela olha de esguelha para Kyra, que está demorando mais do que o necessário para fazer um *espresso*, e fala baixinho: — Eu só não tinha mais ninguém a quem recorrer.

A dimensão da situação, do que ela deve ter vivido, bate forte em minha consciência, e a toco discretamente, pegando sua mão, ainda que sinta uma vontade enorme de puxá-la para meus braços e apertá-la firme, garantindo-lhe que tudo passou e que agora ela está bem.

— Eu estou aqui, Mariana, e sempre estarei.

Seus dedos se entrelaçam nos meus, e ela aperta minha mão.

— Eu sei. — Sorri. — Você me disse isso em sonho, pouco antes de tudo acontecer. — Vejo-a sufocar um soluço, mas, como seu olhar está fixo nas nossas mãos juntas, não posso ver suas lágrimas, embora saiba que elas estão inundando seus lindos olhos azuis. — Eu preciso de ajuda, Millos.

Elevo seu rosto, apoiando minha mão abaixo de seu queixo, e a faço me olhar. Sinto-me tão quebrado quanto ela depois desse pedido, mas tão disposto a fazer qualquer coisa para a ajudar que as palavras se tornam desnecessárias. Ela sorri, mesmo com as lágrimas rolando por sua face, quando me encara.

— Você vai me contar o que aconteceu? — questiono.

— Vou... — Soluça, e acaricio sua bochecha, aparando a pequena gota de lágrima. — Eu ainda não sei como fazer isso...

— Apenas deixe sair. Não é bom para você guardar essas coisas.

— Eu sei...

Kyra volta com a xícara de café, e Mariana se afasta de mim, secando o rosto, com um pequeno sorriso constrangido. Minha prima arregala os olhos quando a olho, provavelmente com medo da expressão puta gravada na minha cara por conta da sua interrupção.

— Mariana e eu vamos fazer compras hoje — Kyra informa depois de se sentar à bancada para tomar mais café.

Franzo o cenho, não achando boa ideia Mariana sair de casa, afinal, ainda está machucada.

— Não sei se é boa ideia ela sair neste momento. — Viro-me para Mariana. — Você se sente bem para isso?

Ela assente.

— Kyra disse que será bom sair um pouco. — Sem perceber, ela toca seu rosto machucado, e percebo que não está à vontade com a ideia.

— Ou posso pedir à minha amiga que venha aqui com algumas peças para você escolher — Kyra sugere, e sinto alívio por ela ser uma mulher sensível quando quer. — O que acha?

Mariana parece mais animada, mas não responde, apenas me olha.

— Eu também acho boa ideia.

Ela sorri.

— Eu não quero dar trabalho a vocês...

— Trabalho? — Kyra ri. — Eu adoro fazer compras!

— É que... eu não tenho como pagar... — Mariana não nos olha, sua concentração voltada para dentro da xícara de café.

Foda-se!

Toco-a mais uma vez na frente de Kyra, atraindo a atenção dela para mim.

— Eu já disse uma vez que você não precisa se preocupar com isso, lembra?

Mariana suspira.

— Eu não quero mais depender de ninguém. — Soluça, mas não chora. — Não quero ser um peso para você.

Sinto uma enorme vontade de estreitá-la em meus braços para garantir-lhe que não a vejo dessa forma. Porém, além de não querer nos expor para Kyra, entendo o que ela quer dizer. Mariana não quer depender de mim, mesmo que

tenha vindo atrás de minha ajuda, e, no momento, não sei o que fazer para ajudá-la, não enquanto não souber ao certo o que houve.

— Kyra, acho melhor você ir buscar sua amiga estilista. — Encaro minha prima bem sério para que ela entenda que não haverá discussões sobre isso. — Eu fico aguardando aqui com Mariana.

Kyra se põe de pé imediatamente.

— Está certo, acho que é o melhor mesmo. — Ela sorri para Mariana. — Ela é incrível, tem muito bom gosto, e tenho certeza de que iremos trazer coisas lindas para você escolher.

— Obrigada, Kyra.

Minha prima se despede de mim e sai do *loft* tão rápido que não consigo conter um sorriso.

— Mariana, eu quero muito ajudar você, mas, para isso, preciso saber para que precisa da minha ajuda.

Ela respira fundo e assente.

— Eu vou contar tudo o que aconteceu. — Seus olhos azuis se enchem de lágrimas. — Eu não disse a verdade lá em Carrancas. — Sua expressão é de culpa e constrangimento. — Eu sabia quem era o homem que me agrediu.

Reteso o corpo, mesmo que involuntariamente, porque sempre odiei mentiras e meias-verdades, embora já suspeitasse de que ela não tinha sido totalmente sincera naquela ocasião. Ouvi-la admitir isso me deixa tenso.

— Foi ele quem fez isso a você agora? — Mariana chora, embora tente segurar, e assente. — Qual é o nome dele?

Minha voz sai tão áspera, tão rouca, que ela me olha assustada. Sinto todos os músculos do corpo ficarem tensos. Minhas mãos, antes abertas e relaxadas, estão fechadas, e controlo minha respiração, sentindo a raiva e a violência se apossarem do meu cérebro.

Respiro fundo, temendo assustá-la e me obrigo a transparecer calma.

— Eu não sei...

A resposta dela me pega de surpresa, e salto da banqueta onde estou sentado, nervoso, buscando ar, sem querer acreditar que ela vai continuar mentindo para mim.

Que brincadeira é essa que ela está fazendo comigo?!

23

See, see me
I've got nothing to hide
See me
I've got nothing to hide
See me.[41]

Millos anda de um lado para o outro, e escuto a sua respiração ruidosa, sinal de que está muito bravo comigo. Tento controlar meus tremores, sei que, por ter escondido dele a verdade uma vez, será difícil que volte a acreditar em mim, mas vim até ele e preciso de sua ajuda.

— Eu realmente não sei o nome dele, mas... — Millos me olha — sei o que faz.

Ele para de andar e me encara, muito sério ainda, esperando que eu volte a falar e que possa explicar tudo.

Millos não faz ideia de como é difícil para mim contar essa história para ele. Vivi anos e anos com a regra restrita de nunca deixar ninguém se aproximar demais, sem poder ter amigos em casa ou mesmo na escola. Contudo, agora já estamos em risco, e acho que revelar a ele é o único

caminho que tenho para tentar salvar Kátia e os meninos.

— Eu morava com meu irmão, a mulher dele e meus dois sobrinhos. — Ele assente, e lembro que contei isso a ele ainda em Carrancas. — Morávamos em uma chácara bem distante da cidade, um lugar isolado e para o qual quase não ia ninguém. — Respiro fundo. — Era proposital morar tão distante de tudo.

— Por quê? — pergunta parecendo intrigado.

— Meu irmão trabalhou anos em uma gráfica, aprendeu muito lá e, de repente, pediu demissão e disse que ia trabalhar em casa. Nessa época, morávamos na casa do nosso pai, perto da cidade, e nos mudamos para a chácara, onde ele construiu um galpão para trabalhar. Éramos todos proibidos de ir até o local de trabalho dele. Eu questionava o motivo, tinha curiosidade, mas não ia. Sempre tive medo de decepcionar meu irmão, de perdê-lo, ele era tudo o que eu tinha. — O choro toma conta de mim, e não consigo parar de soluçar. Millos não se aproxima, continua parado no mesmo lugar, deixando que eu desabafe sem me interromper. — Só tive certeza de que era algo criminoso quando ele foi levado por não ter conseguido entregar uma encomenda.

Millos arregala os olhos.

— Drogas?

Nego.

— Eu também pensei que fosse, por isso, antes de ele ser levado, quando começou a ficar nervoso e com medo, fui espiar o galpão. Não entendi muito bem o que era, até que vi as notas. — Passo as mãos no rosto antes de continuar, as imagens das notas falsas fechadas em fardos fazendo meu coração acelerar. — Dinheiro falso. Ele imprimia as notas no galpão e entregava a alguma quadrilha que fazia algo com elas.

Millos se senta no sofá de couro.

— Mas seu irmão estava com você há pouco tempo. — Millos me encara. — Eu pedi que investigassem para ter certeza de que você estava bem.

A revelação me surpreende, pois pensei que ele tivesse seguido sua vida depois que o deixei dormindo no quarto do hotel em Carrancas. Nunca poderia ter imaginado que ele tivesse contratado alguém para ter informações minhas.

— Sim, eles o devolveram depois que... — engulo em seco, ciente de que confessarei um crime para ele — minha cunhada e eu terminamos a impressão das notas e entregamos o material para o contato dos bandidos.

Millos se levanta e se aproxima de mim.

— Era essa a encomenda que você foi entregar em Carrancas? — indaga estarrecido, e assinto. — Caralho!

— Kátia iria entregar, mas achei arriscado, porque, se ela fosse pega, iria presa, e aí os meninos ficariam sem a mãe e sem o pai, entende? Eu me dispus a ir no lugar dela, achei que era apenas deixar as malas em algum lugar, e tudo se resolveria.

— Mas não foi...

— Não. Eu entreguei a encomenda para o contato, mas, ao invés de voltar para casa, decidi passar a noite na cidade e sair um pouco, porque nunca pude fazer isso... — Dou de ombros, não querendo entrar nesse assunto, que, agora, parece tão ínfimo diante de tudo o que aconteceu. — O homem que me agrediu na noite em que você me salvou, estava com o contato do meu irmão, por isso não sei o nome dele, embora saiba que ele é da organização criminosa da qual meu irmão era parte.

— Isso tudo é... — percebo que ele está tenso, embora não consiga discernir o que está sentindo ou pensando — uma loucura, Mariana!

— Eu sei, por isso não queria te envolver mais. Tinha medo de que descobrissem sobre você e tentassem algo. — Abro meu coração: — Eu não me perdoaria se algo lhe acontecesse por minha culpa.

Millos volta a se sentar na banqueta, de frente para mim, e nega.

— Nada vai me acontecer! Só fico louco ao pensar o risco que você correu esse tempo todo! — Passa a mão no meu rosto. — Quem fez isso a você, Mariana? — Toca de leve sobre o machucado da minha boca, e eu desabo.

Choro ao me lembrar do desespero de ter acordado com um estranho em cima de mim. Estremeço ao recordar suas mãos sobre meu corpo, rasgando minha roupa de dormir, invadindo minha intimidade como se tivesse o direito de tocar-me como quisesse.

Millos me puxa para seus braços. O calor de seu corpo funciona como um bálsamo em minha alma ferida. Choro, deixando toda a dor e todo o medo saírem de onde os estive mantendo escondido para ter forças de continuar seguindo até poder encontrar meu protetor.

— Ele apareceu no meio da noite. Eu estava dormindo, sonhando, e acordei com os toques dele em meu corpo. — Não tenho coragem de olhá-lo, por isso conto com meu rosto em seu ombro, temendo que encontre em sua face o julgamento e a repulsa que só me machucariam mais. — Fiquei desesperada, tentei de tudo para me defender, mas ele era forte demais.

— Desgraçado!

Tento me afastar, mas Millos me aperta mais contra si.

— Eu tentei pedir socorro, mas meu irmão estava passando as noites trabalhando, quase não ia dormir em casa.

A voz do desconhecido volta a soar ameaçadora em minhas memórias. Fecho os olhos com força, agarrando-me ao Millos, porém não consigo impedir-me de me lembrar dos momentos aterrorizantes que passei enquanto os narro:

— Cadê a gatinha acuada de meses atrás? — disse quando mordeu meu ombro. — Não adianta implorar, você já é minha, aceite.

Lutei como uma louca, tentando acertá-lo com meus braços, pernas e até com a cabeça. Nada parecia surtir efeito. Minha camisola já estava rasgada, e ele passava a mão pelos meus seios, minha barriga e brincava perversamente

com o elástico da calcinha, puxando-o.

Ele cumpriu o que prometeu, e, a cada mordida, eu gritava de dor. Seus dentes no meu ombro não foram tão doloridos quanto em meus seios, senti como se ele fosse arrancar meus mamilos com a boca e só conseguia pensar que queria morrer para que tudo acabasse rápido.

Sentia que ele se divertia com meu desespero, mas não conseguia não lutar. Ele não tinha o direito de tomar para si algo que nunca lhe dera permissão para ter! Meu corpo se revoltava com o toque, com sua língua me deixando enojada a cada vez que a enfiava à força entre meus lábios.

— Sua cadela! — gritou quando mordi sua língua asquerosa.

Senti sua mão acertando em cheio meu rosto, a dor do tapa explodindo em meus olhos, reverberando em meu cérebro como se ele tivesse se partido em milhares de pedaços. Mal senti a dor da mordida na boca, ainda desorientada pelo tapa.

O elástico da calcinha cortou minha virilha quando ela foi puxada com força, arrancada de mim sem nenhum cuidado em mais uma onda de selvageria daquele ser nojento que me agredia.

Travei minhas pernas, apertando-as o máximo que podia, enquanto ele tentava separá-las de novo, usando as suas coxas para ter acesso à minha vagina. Quando conseguiu, riu, segurou meus punhos com uma só mão e, com a outra, abriu a calça.

A bílis subiu até minha boca quando seu pênis roçou na minha entrada. Eu já achava que não tinha mais forças para gritar, ou implorar socorro, ou mesmo rezar. Esperei pela dor, pelo pior, resignada mesmo diante da revolta de ter meu corpo invadido sem permissão.

Fechei os olhos com força, assim como meus dedos, as unhas se afundaram na carne das palmas das mãos. Segurei o fôlego e implorei a Deus que me levasse, que me poupasse daquilo tudo, já que não poderia me salvar.

Foi então que ouvi um barulho alto e senti o peso do corpo dele sobre mim por um momento antes de ser empurrado para o chão.

Abri os olhos e vi meu irmão na penumbra. Voltei a soluçar como criança.

— Levante-se daí, Mariana, precisamos sair daqui o quanto antes!

Mesmo ouvindo suas palavras, eu estava em choque, não conseguia me mover. Zé teve que praticamente me puxar da cama para que eu voltasse a raciocinar e percebesse que não estava delirando, que ele realmente tinha impedido que aquele homem me violentasse e matasse.

— Veste isso! — Jogou a roupa que usei durante a tarde na minha direção.

Vesti a calça e a blusa sem me importar em pôr calcinha ou mesmo sutiã e logo fui arrastada para fora do quarto, sendo levada por meu irmão escada abaixo até a porta da casa.

Foi naquele momento em que senti o cheiro de fumaça e vi o clarão de fogo iluminando o céu. Olhei para Zé e gritei ao vê-lo todo machucado e com a camisa empapada de sangue.

Estremeci e me encolhi, então ele pegou um dos casacos de moletom que ficavam pendurados em ganchos no hall de entrada e o colocou sobre meus ombros antes de pegar a chave da caminhonete para que fugíssemos.

— Seu filho da puta, eu vou te matar agora! — A voz do homem que invadiu meu quarto soou bem perto, e logo ouvimos seus passos descendo a escada.

— Você sabe dirigir, não é? — Zé me perguntou apressado e nem esperou que eu respondesse, apenas me entregou a chave da caminhonete, um envelope e gritou: — Vá para longe, procure ajuda...

— E você? — inquiri segurando sua mão.

— Eu vou mantê-lo longe de você, é meu dever fazer isso, Mari. — Beijou minha testa. — Vai!

Zé me empurrou porta afora. Saí tropeçando, correndo, abri o carro,

liguei-o, fiquei um pouco confusa por nunca ter dirigido um veículo com câmbio automático, mas consegui sair *cantando* pneus.

Dirigi sem rumo, pensando em ir até a polícia, mas com medo de fazer isso. Só chorava ao volante, as ruas todas desertas, a apreensão e o medo de estar sendo seguida. Eu não tinha dinheiro nem documentos, apenas o carro que os bandidos conheciam, cujo tanque de combustível não estava cheio.

Pensei em ir para Belo Horizonte atrás de minha cunhada, mas não fazia ideia de onde a irmã dela morava. O melhor caminho era ir até a polícia, mas eu estava com medo e vergonha. Parei perto da cidade, no acostamento e respirei fundo. Eu tremia quando abri o envelope que Zé me deu e fiquei surpresa ao ver que era dinheiro. Não sabia se eram notas falsas ou verdadeiras, mas era o que tinha à mão, um jeito de ir para longe. Contei as cédulas com pressa e vi que não era muito. O dia já ia amanhecer, e eu precisava decidir o que faria antes que aquele homem viesse atrás de mim.

Foi então que me lembrei de Millos, do oferecimento de ajuda dele, e que tinha colocado o cartão que me deu junto à fita de couro no bolso traseiro da calça que estava usando.

Abandonei o carro e fui correndo até o terminal rodoviário da cidade, disposta a comprar passagem para São Paulo.

— Está com seu documento? O motorista só poderá deixá-la embarcar se apresentar a identidade — perguntou o homem do guichê, e neguei balançando a cabeça encoberta pelo capuz.

Não acreditei em minha má sorte. Indaguei ao moço se não podia ir sem, porque tinha perdido o documento, mas ele explicou que era necessário, por ser viagem interestadual.

Olhei as rotas dos ônibus e decidi comprar, em outra empresa, uma passagem para Divinópolis e, de lá, seguir até São Sebastião do Paraíso, mais próximo do estado de São Paulo.

Não dormi durante a baldeação, muito menos comi. Estava preocupada com meu irmão, com medo do que havia acontecido e de que tivesse gente à

minha procura. Tive que passar uma noite inteira no terminal de Divinópolis, pois não consegui passagem para São Sebastião no dia em que cheguei.

No outro dia, já em São Sebastião, peguei um táxi para Ribeirão Preto, porque todas as empresas de ônibus requeriam documento de identificação com foto, e eu não tinha nenhum. Durante a viagem, tentei ver o telefone de Millos, mas o grafite do lápis já havia apagado de tanto que peguei o cartão ao longo desses meses. Temia não conseguir encontrar a Karamanlis. Sabia que ficava na Avenida Paulista, algo que vi quando pesquisei sobre Millos na *lan-house*, mas não sabia o endereço completo.

Cheguei a Ribeirão Preto quando já anoitecia. Tentei comprar passagem direto para São Paulo, mas todas as companhias de ônibus direto também exigiam documento, por isso fiz baldeação pelo interior, passei a noite inteira viajando e só consegui chegar à capital paulista na hora do almoço do outro dia.

O dinheiro já tinha acabado, assim como minhas forças. Estava há dias já sem comer ou dormir, estressada, olhando para trás, com medo de ser pega antes que conseguisse pedir ajuda.

Na rodoviária de São Paulo, pedi ajuda para encontrar a Karamanlis, e uma moça pesquisou no celular dela o endereço e ainda comprou um ticket de metrô para mim quando contei que tinha perdido meus documentos e estava sem nada.

— Eu não raciocinei direito — continuo a contar tudo para Millos. — Apenas vim atrás de você para pedir ajuda. Não sei se meu irmão está vivo ou morto e temo pelas crianças.

Separo-me de seu abraço e tomo coragem de o encarar. Pronto! Contei tudo a ele enquanto revivia aqueles momentos horríveis de novo. Não sei se acreditará na minha história – e inocência – ou irá me levar até a polícia.

— Minha vida está em suas mãos.

Millos solta o ar e fecha os olhos.

24

I sit here on the stairs
'Cause I'd rather be alone
If I can't have you right now I'll wait, dear
Sometimes I get so tense
But I can't speed up the time
But you know, love, there's one more thing to consider.[42]

— Minha vida está em suas mãos.

A frase dita por ela conforme olha em meus olhos causa um arrepio e tremor no meu corpo que sou incapaz de impedir.

Durante todo o relato do que lhe aconteceu, fui invadido por minhas próprias lembranças sobre violência, estupro e morte. O olhar desesperado de Mariana se misturava com o de outra mulher, há muitos anos, e eu sentia como se todas as marcas de mutilação que me autoinfligi voltassem a se abrir e sangrar.

Por que eu estava passando por tudo novamente? Por que eu?

Sentia como se meu passado voltasse para me lembrar, cobrar, punir, e, ao mesmo tempo em que queria ajudar Mariana, tive vontade de sumir.

Eu não estava lá quando ela passou por toda essa violência, mas posso muito bem entender toda a dinâmica, visualizar seu rosto, sua luta, bem como o prazer perverso que essas mesmas reações desesperadas causaram em seu agressor.

Você não é mais o mesmo!, minha consciência tentava me trazer de volta das reminiscências para que eu pudesse focar apenas em Mariana, mas por vezes, em seu relato, eu ouvia outra voz e sentia vontade de tampar os ouvidos.

Não sou a pessoa indicada para que ela ponha sua confiança, não sei se poderei defendê-la, principalmente de mim, dos meus fantasmas, da minha loucura e violência, que estão cada vez mais próximos da superfície, ameaçando minha paz e sanidade conquistada através dos anos.

No entanto, Mariana veio até mim, demonstrando sua confiança, e não há mais ninguém que possa ajudá-la. Sou tudo o que ela tem agora!

— Fique calma — digo a ela, mas também para mim mesmo. — Vou pedir que alguém averigue discretamente o que aconteceu depois que você saiu de sua casa. — Ela assente. — Você tem algum contato para falar com sua cunhada? Precisa avisá-la.

Mariana suspira.

— Se ela ainda está usando o mesmo número de telefone celular, eu sei de cor, porque ligava para ela do telefone público quando estava na escola e quando íamos entregar encomendas em locais diferentes.

— Ótimo! — Pego meu celular e lhe entrego, já desbloqueado e com o teclado liberado para discagem e meu número oculto. — Você tem que usar o código da operadora e o DDD.

Ela confirma e disca o número antes de colocar o telefone no ouvido.

Noto sua tensão, a ansiedade que faz suas pernas se agitarem a cada toque de chamada sem resposta, até que, de repente, ela arregala os olhos, e vejo alívio em seu semblante.

— Sou eu, Kátia, Mariana.

A outra pessoa fala com ela, mas não consigo entender.

— Coloque no viva-voz — peço, e ela me entrega o telefone para que eu o faça.

— *...os meninos estão loucos de saudades. Tentei ligar para o telefone fixo lá de casa, mas ninguém atendeu. Onde vocês estão?* — A voz, com o forte sotaque mineiro, é animada e carinhosa.

— Estou com um amigo, Kátia. — Mariana me olha, e percebo que me questiona se pode dizer onde, mas nego.

Não é seguro para ela dizer à cunhada o meu nome. Sou facilmente rastreável por causa da empresa, e se os bandidos da organização a qual o irmão dela pertencia fossem atrás de Kátia, ela poderia revelar com quem Mariana está.

— *Amigo? O mesmo de Carrancas? Onde está o Zé?*

Mariana fica vermelha quando sua cunhada revela que ela falou sobre mim. Ergo uma sobrancelha, curioso, mas tento sorrir para que ela relaxe e não fique ainda mais constrangida.

— Kátia, lembra que, quando você me contou sobre ir embora, me disse que Zé estava pressionado?

— *Ah, meu Deus, aconteceu alguma coisa? Por isso você não está com ele?*

Mariana arregala os olhos diante do desespero de Kátia, e silencio a ligação.

— Não conte a ela tudo, porque pode querer voltar à casa, e isso não é seguro. Você disse que seu irmão já foi levado uma vez. — Mariana concorda. — Diga isso e peça a ela que, de maneira alguma, revele o endereço de onde está com as crianças a ninguém.

Retorno a ativar o microfone do celular.

— *Mariana?*

— Eles levaram o Zé de novo. — Enquanto ela diz isso, lágrimas rolam por seu rosto. — E eu achei mais seguro pedir ajuda ao meu amigo.

— *Meu Deus, o que eles querem agora?* — Kátia chora. — *Os meninos estão falando do pai todos os dias, eu tinha até pensado em voltar.*

— Não! — Mariana praticamente grita. — Não é seguro para eles! Nós não sabemos nada sobre aqueles homens, Kátia, todo cuidado é pouco. É melhor você ficar quieta onde está ou ir para a casa de outro parente.

— *Virgem Santíssima, que desespero!* — ela fala mais baixo, mas ainda é possível ouvir os soluços em sua voz. — *Eles vão procurar por você, Mari. Por algum motivo, eles a querem, seu irmão estava nervoso por isso.*

A informação me pega desprevenido, mas não falo nada, somente minha cabeça que se enche de perguntas.

— Eu estou segura onde estou, não se preocupe, apenas mantenha a si mesma e as crianças em segurança.

— *Sim...* — Ela chora copiosamente. — *Eu vou falar com minha irmã, e vamos todos para a casa de uma prima fora do estado. Nem Zé sabe o endereço dela.*

Ótimo! Penso que assim, se ele ainda estiver vivo, não poderá revelar nada sobre o paradeiro da esposa e das crianças, mesmo que seja obrigado. É duro ser testemunha do que acontece às famílias de pessoas envolvidas com o crime. Sinto pena da mulher e das crianças, bem como da irmã dela, que a acolheu e agora terá que fugir junto.

Não há alternativa, no momento. Não tenho noção de quem são as pessoas para as quais Zé trabalhava, apenas que, por tudo o que elas têm passado ao longo desses meses, não são parte de uma organização qualquer.

Cédulas falsificadas cheiram a crime internacional. Provavelmente a falsificação era apenas um dos braços da organização, provavelmente para

lavar dinheiro sujo.

É mais do que urgente que eu me encontre com Sâmi e passe a ela todas essas informações, pois, além de ajudar a descobrir quem são as pessoas que estão ameaçando Mariana, ela ainda descobrirá que tipo de organização é essa e o que faz com todo o dinheiro que Zé produzia.

Escuto Mariana conversar mais um pouco com a cunhada, tentando acalmá-la, e depois com os sobrinhos. Ela sorri, fala doce, mas suas lágrimas continuam a cair, a preocupação pela segurança deles expressa em sua face.

Ela me devolve o aparelho ao final da ligação, seca o rosto e se afasta, andando até um dos janelões que dão vista para a rua lateral do galpão.

— Mariana? — chamo-a preocupado, às suas costas.

— Isso tudo é tão injusto! — Soluça. — Kátia é a melhor pessoa que conheço, me criou como uma mãe, e os meninos são muito agarrados com o pai. — Seu corpo se convulsiona com o pranto, mas ela continua a olhar pela janela. Abraço-a pelas costas, e Mariana chora ainda mais. — E agora?

— Você está segura aqui comigo. — Fecho os olhos, espantando todos os espectros do meu passado que dizem que isso não é verdade. — Ninguém sabe que você veio para cá, e sua cunhada vai ficar bem com a família dela.

— Mas e o Zé? — pergunta baixinho. — Eu sei que ele fazia coisa errada, mas é meu irmão, é pai dos meninos. E se estiver...

— Calma! — Viro-a de frente para mim. — Vamos nos preocupar agora com sua segurança e a de sua cunhada. Eu prometo que vamos descobrir onde está seu irmão.

Mariana me olha. A confiança e a admiração em seus olhos fazem com que a decisão de mover todos os recursos possíveis para ajudá-la se torne ainda mais sólida dentro de mim.

Involuntariamente passo a mão sobre seu rosto, devagar, apreciando o toque macio de sua pele, sentindo meu corpo arder com um desejo tão absurdamente inoportuno, porém impossível de ser negado.

Mariana fecha os olhos, seus lábios se entreabrem, um suspiro longo e baixo ecoa, e sou atraído para mais perto, o cheiro do meu sabonete se desprendendo de sua pele, o sol, brilhando no céu de um dia claro, iluminando-a através da janela, criando miríades coloridas, por causa da vidraça, em cima do dourado de seus cabelos.

Lembro ainda o sabor de sua boca. Beijar foi uma ação completamente nova para mim, já que não beijo ninguém durante meus encontros no clube. Eu nem me lembrava mais do prazer que pode se ter apenas com uma boca molhada e uma língua quente contra a minha.

Sinto meu pau pulsar na calça, o tesão aceso, minha respiração mais ruidosa, e meu rosto se aproxima ainda mais do dela, tanto que sua respiração, seu hálito gostoso de café são absorvidos por minhas narinas.

É loucura eu querer beijá-la, ainda mais depois de tudo o que ela passou. Contudo, sinto uma necessidade tão forte que...

O barulho na porta do *loft* me faz saltar para trás, afastar-me dela, e Mariana arregala os olhos, parecendo perdida como se também estivesse envolvida no transe em que eu mesmo estava.

— Tudo bem? — Kyra para ainda na entrada, olhando de um para o outro com uma expressão curiosa. — Mari?

Solto o ar que estava retendo e volto a tomar posse de minhas faculdades mentais sem o transtorno dos hormônios liquefazendo meus neurônios.

— Eu preciso ir para a Karamanlis. — Olho para Mariana, que ainda pisca os olhos como se tentasse voltar à realidade. — Você não ia vir com roupas? — questiono Kyra, percebendo que ela entrou com as mãos vazias.

— Sim, minha amiga está lá embaixo, no carro. Eu quis subir antes para saber se estava tudo bem. — Pelo olhar que ela me dá, acho que avaliou que não está. — Mari, você se sente bem para ver algumas peças? Se não, podemos fazer isso outro...

— Tudo bem — Mariana a interrompe. — Eu estou um pouco emotiva, mas você e sua amiga vieram trazer as roupas, acho que vai ser bom.

O sorriso dela é forçado, sei que está com o coração destroçado por conta dos acontecimentos, mas concordo que essa distração com as roupas vai ser benéfica.

— Bom, eu vou deixá-las, então, com as compras. — Mariana me olha e balança a cabeça afirmativamente. — Fique à vontade para escolher tudo o que gostar.

— Pode ter certeza de que não iremos economizar! — é Kyra quem responde. — Gabi e eu visitamos todas as designers de moda que conhecemos essa manhã e garimpamos peças lindas, Mari, você vai gostar.

Dou de ombros e me afasto, torcendo para que a animação de Kyra contagie Mariana.

— Ainda não temos nenhuma informação sobre o vazamento, Theo — informo ao meu primo assim que recebo o comunicado de que o Conselho solicitou uma reunião com os funcionários à frente do projeto da Ethernium, a gerente Wilka Maria e o diretor jurídico Kostas Karamanlis. — Não é possível que essas pessoas não tenham mais nada a fazer a não ser marcar reuniões.

Theo ri.

— Acho que não, recebem muito bem seus dividendos da empresa. — Ouço a voz de Duda ao fundo, e ele ri. — Acha que Kostas vai aparecer na minha reunião? Ainda não sei se é boa ou má ideia ele ir.

Bufo, pois, apesar de achar que Kostas não tem mais interesse algum em prejudicar Theodoros, ainda não sei onde está escondido, visto que, desde que houve aquela discussão com Wilka sobre o vazamento do documento, não retornou à empresa ou deu qualquer outro sinal de vida.

— O depoimento de Kostas é essencial, afinal, foi ele quem te denunciou

ao Conselho, mas a auditoria fala por si. Eles não têm nada contra você, Theo.

— A não ser a promissória.

— Que você irá pagar e dar de presente à sua esposa.

Ele gargalha.

— Você pensa em tudo, Millos! — Novamente ele é interrompido, porém por Tessa dessa vez. A voz de Theo com a filha é algo tão açucarado que temo ter um pico de glicose no sangue, mas não deixo de achar graça. — Ah, falei com Kyra há pouco, e ela disse que está no seu apartamento te ajudando com algo. O que houve?

Cerro os dentes, sentindo meu sangue ferver de raiva por Kyra ser sempre tão indiscreta com a vida alheia. *Merda!*

— Nada de mais, não se preocupe. — Levanto-me da cadeira onde estava sentado na sala da diretoria executiva e olho pela vidraça a vista da Paulista movimentada. — Espero que, daqui a alguns dias, você esteja de volta à sua sala, e eu possa voltar a me concentrar apenas em meus processos.

— Você é um bom amigo, Millos! — A declaração me constrange, e não respondo, por isso Theo continua: — Poder contar contigo durante esse tempo, principalmente para que eu pudesse me dedicar à minha filha, foi muito especial. Obrigado.

— Não me agradeça, apenas volte e faça seu trabalho para que eu possa fazer o meu.

Theo gargalha, xinga-me e encerra a ligação.

Encosto a cabeça no vidro frio, divagando sobre como fazer para ajudar Mariana, especialmente quanto a lidar com tudo o que aconteceu, e penso que é imprescindível que ela tenha ajuda profissional.

Além disso, o que quase aconteceu antes de Kyra chegar não pode voltar a ocorrer. O desejo entre nós é algo palpável, não vou dizer que não, mas sei

que ela não está pronta para lidar com a intimidade que meu corpo anseia, e não estou conseguindo tranquilidade para analisar todas as consequências que ceder à essa atração pode nos causar.

Relembro a conversa que tive com a Sâmi, na minha sala, assim que cheguei à empresa. Quando fui tomar banho e me arrumar, mandei mais uma mensagem para minha amiga e, dessa vez, obtive retorno.

“Desculpa a demora, que confusão! Meu plantão foi uma sucessão de merda jogada no ventilador. Me encontro com você na Karamanlis daqui a pouco.”

Não demorou muito depois que entrei em minha sala para que Luiza me informasse da chegada de Sâmi.

— Até que enfim! — cumprimentou-me ao entrar, com uma garrafa de água mineral na mão. — Estamos parecendo os personagens daquele filme antigo “O feitiço de Áquila”. Quando um pode falar, o outro está ocupado!

— Vamos por partes, porque aconteceram muitas coisas nesses dias. — Ofereci um lugar para ela se sentar. — Antes de tudo, preciso que você coloque seu pessoal para investigar uma situação. Mariana chegou à cidade ontem, machucada e fugida.

Sâmela arregalou os olhos, totalmente boquiaberta.

— Pois é. — Respirei fundo. — Parece que o irmão vagabundo, folgado e opressor, na verdade, era um brilhante falsificador.

— O quê? — Sâmela ficou ereta na cadeira. — Nós vasculhamos a vida dele, e parecia o homem mais aborrecido e certinho da face da Terra!

Sorri irônico.

— O *mineirinho* sabe esconder seus rastros criminosos!

— Filho da puta! *Come quieto!* Falsificação de quê?

Respirei fundo, porque sabia que ela iria surtar.

— Dinheiro. — Sâmi se pôs de pé, alerta, quase como se estivesse a ponto de ir atrás do homem. — Mas acho que tem algo muito maior por trás, Sâmela, farejo coisa grande.

— Porra, Millos, e o desgraçado esteve sob nossas vistas, e não detectamos nada! Esses bandidos são bem ardilosos, é típico pegar um cidadão comum, acima de qualquer suspeita, e colocar para fazer esse serviço. Merda!

— O caso é que parece que ele não estava mais agradando aos chefes, estava sob ameaça, e há alguns dias invadiram a casa dele. Mariana disse que atearam fogo e que o irmão estava machucado. — Meu corpo ficou todo tenso. — Um tentou estuprá-la.

Sâmi caiu sentada sobre a cadeira, a indignação em seus olhos.

— Ela está envolvida nisso tudo?

Cocei a barba, levantei-me e andei de um lado a outro da sala.

— Penso que não, mas com tudo o que aconteceu agora...

Sâmela xingou, e lhe contei tudo o que sabia sobre o caso, omitindo a parte em que Mariana foi a Carrancas levar o dinheiro falsificado. Não tomei essa decisão por não confiar em minha amiga, apenas porque, como a policial honesta que é, não poderia pedir a ela que fizesse vista grossa.

— Você sabe que terei que reportar isso, não sabe? — falou em certo momento. — Pode não ser agora, enquanto investigo informalmente, mas, em algum momento, terei de fazê-lo.

— Eu sei, vou conversar com Mariana e deixá-la preparada. — Aproximei-me dela. — Só peço que faça de tudo para que isso não respingue nela nem na cunhada.

Sâmi suspirou.

— Farei o possível.

Depois disso, começamos a conversar sobre o vazamento de informações ocorrido aqui na empresa, e ela me revelou que conseguiu um informante pago dentro da Dedalus e que ele iria apurar como a documentação chegou até eles.

Pedi a ela que o pressionasse por respostas rápidas e, mesmo não concordando em pagar a um espião, ofereci um bônus caso ele conseguisse a informação até a reunião de Kika e Kostas com o Conselho.

Uma batida à porta me traz de volta à realidade, e vejo Luiza entrar na sala com a minuta do e-mail comunicando aos diretores, conselheiros e à Wilka Maria sobre a reunião na próxima semana.

— Pode mandar, e vamos torcer para que ela e Kostas apareçam.

Luiza assente, uma ruga de preocupação em sua testa, porque sei que gosta muito de Kika, e sai da sala.

Merda, preciso dessas informações o quanto antes!

25

The world comes to life and everything's bright
From beginning to end when you have a friend by your side
That helps you to find
The beauty you are when you open your heart
And believe in the gift of a friend.[43]

— Ah, esse ficou lindo! — Kyra comenta animada enquanto me olho no espelho do closet de Millos.

Nunca experimentei tantas roupas na minha vida, muito menos de grife, cujo valor eu nunca sonharia em pagar em uma blusa ou vestido. Gostei de praticamente tudo que Kyra e sua amiga, Gabrielle, trouxeram, mas estou nervosa com o valor das compras.

Não quero abusar da caridade de ninguém, isso me deixa muito constrangida. Já vim atrás de Millos, que é praticamente um desconhecido; não é justo que eu dê também tantas despesas e dependa dele para tudo.

Eu não quero mais depender de ninguém!, tenho vontade de gritar, meus olhos rasos de lágrimas, ao pensar que nunca tive nenhuma autonomia em minha vida.

Não pude continuar a estudar, não pude trabalhar, ter amigos, namorar, tudo para proteger o segredo de meu irmão. Agradeço muito a oportunidade de ter convivido com Kátia, por tudo o que ela me ensinou, que me deu a chance de agora poder fazer algo para me sustentar.

Não sei como fazer para recomeçar, ainda me sinto perdida, preocupada com meu irmão e com os meninos, magoada e ferida profundamente pelo que aconteceu.

Lembro-me de, mais cedo, quando Millos e eu conversamos próximo aos lindos janelões deste lugar, seu toque no meu rosto não causou nenhuma aversão ou medo. Claro que não tenho motivo para temê-lo, racionalmente eu sei disso. Contudo, depois da violência que sofri, achei que teria um certo problema para voltar a me sentir atraída – mesmo por ele –, o que não aconteceu.

O ar parecia mais rarefeito a cada vez que Millos se aproximava de mim. Seu toque era tão singelo em meu rosto, mas me causava tantas sensações complexas que eu me sentia cada vez mais sem fôlego.

Foi reconfortante poder sentir o carinho, ver o desejo em seus olhos e perceber que aquilo que passei não era o normal. Claro que não estou pronta para ficar nua com um homem ou mesmo permitir que ele toque meu corpo de maneira íntima. Meu coração dispara apenas com a ideia, e as memórias – ou fantasias – acabam se mesclando com o horror que vivi com aquele homem no escuro do meu quarto.

Não sei lidar com essa inconstância de querê-lo, mas ter medo. Não dele, reforço mais uma vez, porque, de verdade, não o temo. Millos já deu demonstrações de que é um homem confiável, sincero e sensível, por isso me apaixonei por ele lá em Carrancas.

Nossa última noite juntos foi tão especial, ele me fez sentir como se eu fosse a mulher mais desejável deste mundo, e isso me deu uma confiança enorme.

Agora, principalmente depois que contei tudo a ele, meu receio é de que ele sinta nojo de mim ou, pior, que sinta pena.

É como se o fato de aquele monstro ter me tocado sem consentimento tivesse tirado minha autoconfiança e minha certeza de que sou uma mulher desejável, que atrai Millos tanto quanto ele me atrai.

— Mari?

Sorrio sem jeito para Kyra, que me chama ao perceber que estou divagando.

— Acho que já tenho tudo o que preciso. — Aponto para a pequena pilha de roupas que já experimentei. — Não é necessário comprar tantas coisas assim.

Gabrielle sorri e nega.

— Nós vimos apenas as roupas básicas, Mariana. Calças jeans, blusas, casacos, shorts e vestidos — ela fala enquanto mexe em um iPad. — Segundo a lista que fiz, agora vamos para roupas íntimas, pijamas, roupa de banho... — Arregalo os olhos, pois não sabia que elas tinham feito uma lista tão extensa. — Ah, Kyra, recebi mensagem da Liah sobre o tamanho dos calçados. Ela vai mandar as fotos para escolhermos e mandará entregá-los aqui.

— Eu não preciso disso tudo! — protesto.

Kyra, que, ao chegar com malas e malas de roupas, também trouxe comida para um almoço leve, para de comer um talo de aspargo e vai até Gabrielle para conferir o que a amiga vê na tela do aparelho.

— Gosto dessas marcas, são muito confortáveis — comenta e me olha. — Mari, quanto você calça? — Abro a boca para falar, novamente, que elas estão exagerando, mas ela não me espera nem responder sua pergunta e pega um dos meus tênis surrados, que deixei num canto. — Como eu desconfiava: ela calça 37!

Sento-me em um pufe de couro marrom atrás de mim.

— Eu não preciso disso tudo... — falo de novo, e dessa vez ganho a atenção da prima de Millos.

— Claro que precisa! — Kyra põe a mão na cintura. — Você precisa de um enxoval completo, Mari. — Ela se aproxima e se abaixa para olhar em meus olhos. — Você é forte, muito mais do que eu, vai recomeçar e seguir com sua vida. Comprar algumas roupas é como um ritual inaugural de sua nova história.

— Eu não quero abusar de vocês.

Kyra faz careta e ri.

— Mari, não é abuso nenhum. Tanto eu quanto Millos estamos felizes por fazer parte desse momento de renascimento. Estamos com você para o que precisar. — Pisca para mim. — Toda mulher adora fazer compras, eu pelo menos amo, e a Gabi... — Ouço a risada da amiga dela. — Além disso, estamos fazendo um favor para ela, porque há alguns anos só vende vestidos de noiva, está meio entediada, precisando de uma variação em sua rotina.

Olho para Gabrielle, que balança a cabeça, flagrantemente divertida com a bobagem que Kyra diz sobre seu trabalho.

— Acho os vestidos de noiva lindos! Tudo relacionado ao casamento é lindo! O bolo, os docinhos, a decoração...

— Ah, não! — Kyra lamenta ao me interromper. — Outra romântica!

Gabi gargalha, e fico um pouco perdida.

— Kyra não suporta os símbolos do casamento, nem mesmo a instituição — Gabi é quem fala. — Ela me chama de romântica por ter escolhido essa profissão quando me formei em moda. Eu amo vestir noivas e sentir a alegria de poder participar de um momento tão importante na vida de muitas mulheres.

Concordo com ela, porque eu também amava ajudar Kátia com bolos e doces para cerimônias nupciais. Não me lembro de ter ido a nenhum casamento em minha vida, meu irmão não era legalmente casado com minha cunhada, e eu não tinha amigas ou parentes para ser convidada a uma festa.

Entretanto, entreguei muitos bolos, bem-casados e camafeus de nozes e vi

toda a beleza das decorações, desde as mais simples até as mais requintadas, e ficava sonhando em ter tudo isso um dia, a igreja toda cheia de flores para a cerimônia e depois a festa, com direito a baile, em um grande salão decorado.

Se isso me faz ser uma romântica, então admito de bom grado que sou!

Respiro fundo e volto a ficar de pé, de frente para o espelho. Olho para o vestido leve e de muito bom gosto que estou usando. Sorrio ao passar a mão sobre o tecido, constatando que nunca vesti algo assim antes, e resolvo que posso me dar a oportunidade de ver essas compras como Kyra sugeriu.

— Um novo começo... — sussurro, mas ela ouve e concorda. — Eu gostei deste vestido, mas não gostei muito do anterior.

— Ótimo! — Kyra aplaude animada. — Viu como não é tão difícil? Escolha tudo o que gostar e deixe de se preocupar com gastos!

Para reforçar seu conselho, ela arranca a etiqueta do vestido e a joga no lixo.

Tudo bem, Mariana, relaxe um pouco e aproveite!

Os gemidos de prazer enchem todo o *loft*, e eu rio, achando graça e constrangida ao mesmo tempo.

Kyra ataca outro bolinho de chuva, que fiz para acompanhar o café da tarde, e geme de novo ao mordê-lo.

— Realmente está maravilhoso! — Gabrielle, bem mais discreta que sua amiga, elogia antes de pegar outro no prato e eu lhe servir mais café. — São tão crocantes e molhadinhos ao mesmo tempo.

— Receita de família — revelo ao beber mais um pouco de café preto.

— Eu não consigo nem falar. — Kyra limpa a boca coberta de açúcar. — Eu não era muito fã de bolinho de chuva, sempre achei sem graça, mas esse...

Com quem você aprendeu a fazer essa delícia?

Suspiro ao me lembrar da minha cunhada na cozinha de nossa casa, com o caderno de receitas que era da mãe dela, uma excelente boleira também. Eu era pequena quando Kátia me ensinou a fazer os bolinhos, exigindo de mim concentração para modelar a bolinha perfeita com a ajuda de duas colheres.

— Minha cunhada é confeiteira. Aprendi com ela a fazer bolos, docinhos e massas em geral.

— Sério? — Kyra me olha séria. — Seus bolos são tão bons quanto esse bolinho?

Sinto minhas bochechas arderem, mas gosto do elogio.

— Kátia é melhor com bolos, eu sempre gostei mais de fazer quitutes, acompanhamentos, coisas pequenas.

— Isso é interessante, Mariana. — Kyra olha para sua amiga, que logo concorda com a cabeça. — A Gabi está abrindo uma loja exclusiva para noivas *plus size* aqui na cidade e contratou minha empresa para fazer o bufê de inauguração.

Franzo a testa curiosa.

— Você tem um bufê?

— Tenho.

— E, apesar de detestar casamentos, é o que mais faz! — Gabi debocha, e rio junto a ela.

Deus, o que é isso?!, questiono, sentindo as fortes batidas do meu coração diante da coincidência de ela e eu trabalharmos no mesmo ramo, em escalas diferentes, aposto, mas, ainda assim, com os mesmos princípios.

— Enfim... — Kyra rola os olhos e faz careta para a amiga. — Se você for tão boa com doces finos, biscoitos e salgados quanto foi com esse bolinho, seria de uma grande ajuda nesse evento.

Fico parada, coração na boca, os olhos ardendo com as lágrimas de pura alegria.

— Sério?

— Claro, ajuda nunca é demais! A não ser que você não esteja pronta ainda para...

— Eu estou! — interrompo-a, ansiosa. — Se minhas habilidades estiverem à altura de seu negócio, eu ficarei muito feliz em ajudar.

Kyra pega minha mão.

— Eu tenho certeza de que elas estão!

Gabi também concorda e morde outro bolinho.

— Eu vou adorar ter você no meu evento! — Bebe um último gole de café e se levanta. — Mas agora preciso ir. Foi um prazer poder passar essa tarde com vocês, mas tenho de acompanhar algumas coisas na loja e também passar no meu outro trabalho.

— Claro! — Kyra fala, e ela e eu nos levantamos para acompanhar Gabi até a porta. — Vai continuar na Enlace mesmo depois que Dupont Plus inaugurar?

— Vou, sim, gosto de ser a designer que assina a coleção principal da casa, e, como eles não se importaram de eu estar abrindo minha própria *maison*, não tem por que eu sair.

— Eu lhe agradeço muito por sua ajuda e seu tempo aqui comigo hoje — falo assim que nos abraçamos em despedida.

— Adorei de verdade conhecer você, Mariana.

Kyra se despede e comenta algo sobre as duas saírem no final de semana antes de voltarmos para o *loft* e subirmos para o closet, que está abarrotado de roupas, acessórios e calçados.

— Agora precisamos achar um espaço para guardar suas coisas.

Aperto as mãos e tento sugar o cantinho da minha boca – um tique que tenho desde criança –, mas a dor da ferida no lábio me impede.

— Millos não vai ficar chateado por mexermos em suas coisas? — questiono, e ela suspira.

— É melhor esperar que ele esteja aqui, né? — Concordo. — Está certo, eu também não fico à vontade mudando as coisas dele de lugar. — Ri. — Ele me chama de folgada, e eu sei que posso ser bem invasiva quando quero, mas também tenho limite.

Rio e relaxo quando ela pisca e começa a dobrar as roupas que escolhi para colocá-las em cima do enorme móvel rústico de madeira que Millos tem num canto do closet.

— Você está à vontade ficando aqui com ele?

— Como?

Kyra respira fundo.

— Eu não sei bem quão íntimos vocês são, e isso também não é da minha conta, eu sei, mas queria que você soubesse que, se quiser, pode ficar comigo no meu apartamento ou quem sabe em outro local que queira.

Penso rapidamente na hipótese de aceitar o oferecimento dela, afinal, Millos é um homem solteiro, e eu posso estar atrapalhando-o aqui e... Sinto um aperto no peito só de pensar nisso, pensar em ficar longe dele.

Por mais que eu esteja aprendendo a gostar e a confiar em Kyra, sinto-me segura aqui junto a Millos. Não digo isso apenas pelo que sinto por ele ou com qualquer outra intenção que não apenas tê-lo por perto.

— Eu lhe agradeço por tudo o que você tem feito por mim, Kyra, mas, se eu não for um incômodo para ele, prefiro ficar aqui.

Kyra sorri.

— Duvido que ele te veja como incômodo, pelo menos não do jeito que você acha que o incomoda.

Fico confusa com essa fala.

— Como assim?

Kyra gargalha.

— Besteira minha! — Dá de ombros. — Vamos terminar de dobrar todas estas coisas antes que ele chegue. Não imagino como seria se Millos chegasse e encontrasse calcinhas e sutiãs espalhados por todo lado!

Tento rir com ela, mas sinto um estranho formigamento entre minhas coxas apenas por imaginá-lo vendo as lindas lingeries que compramos hoje.

Suspiro e afasto o pensamento.

26

And baby, I can't hold it much longer
It's getting stronger and stronger
And when I get that feeling.[44]

Chego ao galpão e, enquanto espero o portão eletrônico se abrir, percebo que não há mais nenhum carro parado próximo à entrada, o que demonstra que Kyra e sua amiga já foram embora.

Mariana está sozinha!, penso, mas logo balanço a cabeça quando percebo que, em vez de sentir preocupação por ela estar só, fiquei animado com o fato de tê-la só para mim, sem a interferência de minha prima.

Fico um tempo dentro do carro, mesmo depois de já ter entrado, exigindo meu controle de volta, lembrando-me de todos os motivos que tenho para manter um clima amigável com Mariana, sem nenhuma tensão – ou pressão – sexual de minha parte.

Depois que resolvi as questões mais urgentes da empresa, liguei para a doutora Tânia e pedi a ela para fazer uma nova visita à Mariana.

— Ela se abriu contigo? — a médica perguntou.

— Sim. — Respirei fundo antes de continuar para não transparecer meu ódio visceral pelo que aconteceu à Mariana. — Foi tentativa de estupro, ele não conseguiu consumar, mas a machucou muito.

— Alertaram a polícia?

Pensei que realmente era a melhor atitude a se tomar, mas, como ela se preocupou desde o início com o irmão e tudo o que o envolvia, por esse motivo veio até mim, achei melhor apenas conversar com a Sâmi para tentarmos descobrir algo antes de envolver as autoridades policiais.

— Ela prefere não tomar nenhuma atitude por enquanto. É uma situação complicada, e respeito a vontade dela — foi só o que revelei à médica.

— Entendi. — Mesmo ao dizer que compreendia a decisão de Mariana, senti frustração em sua voz. — Pelo menos ela conversou contigo, o que já é bom, mas acho que uma ajuda profissional ainda é a melhor indicação.

— Eu também acho! A doutora tem alguém para indicar nesse caso? — Achei melhor perguntar a ela do que ao meu terapeuta.

Ainda não me sentia confortável para falar sobre o aparecimento de Mariana e tudo o que aconteceu com ela para o meu psicanalista. Victor Messer iria analisar todas as circunstâncias que me afetam diretamente e começar a pressionar novamente, e, valendo-me de toda sinceridade, não sei se estou pronto para isso.

— Tenho, sim! Vou mandar o número dela para seu telefone, e, quando marcar, pode dizer que foi indicação minha, que ela já irá se inteirar do tema. Costumo indicá-la quando atendo mulheres com problemas relacionados a abuso.

— Ótimo! Vou conversar com Mariana, e, se ela aceitar, marcaremos uma consulta. Quanto à sua visita, para quando seria possível?

A médica me enviou, junto ao número da psicóloga que indicou, seus dias livres para consulta, mas me pediu que, se minha hóspede estivesse melhor, eu a levasse ao consultório.

Fiquei de conversar com Mariana para saber se estava disposta a ir ao consultório da doutora Tânia, bem como a conversar com uma psicóloga.

É nisso que você precisa focar, Millos!, penso decidido ao sair do carro e entrar no elevador de carga que leva ao *loft* na parte de cima do galpão, disposto a ignorar qualquer tipo de atração que possa tirar meu foco do que realmente importa.

Abro a porta do *loft* e paro, aspirando o delicioso aroma de comida que enche o lugar. É algo suave, diferente do que geralmente costumo fazer, com cheiro cítrico e herbal que faz minha boca salivar.

Ando mais um pouco até conseguir ter a visão total do grande espaço onde fica a cozinha, num canto do grande salão do *loft*, e vejo Mariana concentrada mexendo algo numa panela antes de tirar a colher de bambu cheia com um creme espesso amarelado.

— Oi! — ela me cumprimenta sem jeito quando percebe que está sendo observada. — Nem ouvi que tinha chegado.

Coloca o purê – que, pelo cheiro, é de batatas – num prato e depois pega mais para colocar em outro.

— Você cozinhou? — inquiro o óbvio, sentindo-me um idiota, mas verdadeiramente surpreso pela cena tão *doméstica* que encontrei ao entrar aqui. — Onde está Kyra?

Ah, merda, agora preciso de um escudo humano para frear minhas emoções?!, penso irritado, lembrando-me de que há poucos minutos estava me sentindo aliviado por minha prima já não estar mais com Mariana.

Eu sou patético!

Mariana fica um tempo me encarando sem dizer nada, mas noto suas mãos apertando o avental, um claro sinal de que não está tão à vontade quanto demonstra.

— Ela acabou de sair. Tentou falar contigo e, como não conseguiu, ligou para a empresa, e lá avisaram que você já tinha saído. — Ela coloca as mãos

sobre o balcão e olha para os pratos. — Kyra tinha um compromisso...

— Verdade! — exclamo, lembrando-me de que ela me avisou disso na noite passada. — Eu fiquei preocupado por saber que você estava sozinha. — Sinto-me um hipócrita falando isso, e, mesmo assim, me aproximo dela. — Você não precisava cozinhar, eu poderia pedir algo para nós dois.

Mariana sorri.

— Eu gosto e me distrai. — Então volta a me olhar, e o brilho de animação em seus olhos me surpreende. — Kyra me ofereceu uma oportunidade para eu ganhar dinheiro.

O quê?!, minha vontade é gritar essa questão, mas me controlo antes de assustá-la. *O que minha prima está pensando?*

— Como? — minha voz sai extremamente calma e normal, nada a ver com o turbilhão que se passa em minha cabeça por causa dessa novidade.

— Eu fazia doces com minha cunhada, e Kyra tem uma empresa de eventos e...

— ...dezenas de funcionários! — interrompo-a, mas logo me arrependo ao ver o sorriso animado sumir. Respiro fundo, querendo chutar minha bunda por ser tão idiota. — É verdade que ultimamente ela tem tido mais trabalho e que vive falando que precisa de mais pessoas trabalhando com ela e...

— Eu não quero me tornar a caridade de vocês — Mariana diz séria, e, de novo, gostaria de me chutar por tê-la desanimado.

Ando até ela, dou a volta ao balcão e – contra tudo o que havia planejado – toco-a no ombro, virando-a de frente para mim.

— Se Kyra te propôs uma parceria, é porque ela viu potencial em você. Duvido que minha prima arrisque seu nome e credibilidade no mercado de festas para fazer caridade.

— Ela disse que vamos testar antes...

— Viu só? Eu sabia! — Pisco para ela, mas logo fico sério. — Kyra é

uma empresária, e, se resolver contratar seus serviços, pode ter certeza de que é porque ela confia no seu talento e não apenas por amizade ou caridade.

— Tomara que ela goste. — O sorriso volta, mas não resplandecente como antes. — Eu gostaria muito de não ter de depender de ninguém nunca mais.

Seguro sua mão, compreendendo bem o que ela quer dizer. Mariana nunca teve chance de fazer nenhuma escolha por si mesma, sempre à sombra do irmão ou das coisas que ele escondia.

— Eu quero que aceite nossa ajuda sem pensar que está *dependendo* de nós. Você está recomeçando sua vida, como deveria ser, e estamos aqui para ajudá-la nos primeiros passos desse recomeço.

— Eu sei... — Suspira. — Não quero parecer mal-agradecida, me perdoe por isso.

Rio, a vontade incontrolável de abraçá-la bem forte sendo combatida por minha resolução de permanecer longe dela o máximo possível dentro da nossa convivência.

— Eu entendo você, acredite. Quando quis tomar posse da minha vida, também fiquei puto com a interferência do meu *pappoús*. — Ela franze a testa ao ouvir a palavra. — Meu avô — explico, e ela sorri mais largo, deixando o clima descontraído de novo. — No começo, incomoda um pouco essa "dependência", mas, depois que estamos andando sozinhos, percebemos que ela só foi uma propulsão para podermos seguir por conta própria. — Ela me olha de um jeito tão diferente que meu corpo todo estremece, e me afasto, fingindo interesse na comida. — O cheiro está ótimo!

— Kyra me incentivou a fazer algo para esperar você chegar do trabalho, e decidi fazer um jantar.

Kyra, filha da puta!, penso irritado, ciente de que minha prima está jogando um jogo muito perigoso e no qual sou mestre há muito tempo! Se ela pensa que serei manipulado, está muito enganada!

— Tem costelinha de porco assando no forno — ela informa e aponta

para a torre onde ficam os fornos. — Deve demorar mais uns 10 minutos para ficar pronta.

Hora da pausa para colocar a cabeça no lugar, Millos!

— Então dá tempo para um banho, não?

Assim que faço a pergunta, percebo que não disse quem vai tomar banho e a olho, percebendo seu rosto corado. *Isso pareceu um convite? Porra, pareceu, sim!*

Caralho! Ando apressado para o mezanino, sem falar mais nada, porque, do jeito que minha cabeça está confusa, só vou conseguir me enrolar ainda mais!

Patético, Millos!

De novo o ponteiro do meu relógio dá uma volta inteira, o tique-taque, tão sutil quando estou concentrado em outras coisas, parecendo ensurdecedor. Viro-me para o outro lado, apertado no enorme sofá de couro que tenho na sala, frustrado por não ter conseguido dormir assim que deitei minha cabeça no travesseiro.

Por que sempre enfrento um inferno na minha cabeça quando Mariana está por perto? Foi assim em Minas e continua do mesmo jeito aqui, mesmo depois dos meses que passamos sem nos ver.

O jantar transcorreu muito bem, graças à punheta que tive que fazer debaixo do chuveiro. Saí do boxe rindo de mim mesmo, debochando, comparando-me ao Kostas com sua amante virtual e suas sessões de masturbação virtual.

O riso morreu quando percebi meu closet cheio de roupas femininas dobradas em cima do móvel onde guardo minhas cordas e equipamentos de *shibari*.

Vi uma pilha de renda e seda e supus logo que se tratava das roupas íntimas que Mariana comprou hoje com a ajuda de Kyra e Gabrielle. Imediatamente me lembrei da calcinha que ainda guardo em minha pasta de couro e resolvi escondê-la melhor.

Não quero que, de forma alguma, Mariana saiba que, dentre todas as roupas que deixou para trás naquele hotel em Carrancas, eu trouxe comigo justamente a calcinha de renda.

Não me atrevi a mexer em seus pertences, embora estivesse tentado, vesti-me depressa e desci para jantar com ela, encontrando os dois pratos prontos, com a carne de porco dourada, suculenta e cheirosa ao lado do purê de batatas.

— Fiz só isso porque não achei mais nada na sua despensa. — Riu sem jeito. — Tem bastante carne no freezer, mas não achei fubá para fazer angu, nem arroz ou feijão.

— Comida mineira! — Sorri e me lembrei de como foi delicioso meu passeio pelo interior de Minas Gerais, principalmente por causa de sua rica gastronomia.

— É, eu achei que seria um bom começo.

Sentei-me ao seu lado, o cheiro incrível do tempero que ela usou na carne fazendo meu estômago roncar alto.

— Está perfeito, Mariana, obrigado. — Ela comeu um pouco, e eu também peguei uma garfada da carne e do purê, deliciando-me a cada mastigada. — Uau!

Ela ficou vermelha, mas seu sorriso orgulhoso não me passou despercebido.

— Eu gosto de cozinhar.

— Percebi. Podemos fazer uma lista de compras, e amanhã peço no supermercado em que costumo comprar, e eles entregam aqui.

— Mesmo?

— Claro! Só gostaria de ressaltar que você não precisa fazer nada para mim por achar que me deve algo.

— Eu sei, mas ainda assim eu gostaria de fazer, ajuda a passar o tempo.

Concordei com ela e continuei a deliciosa refeição. Não falamos muito enquanto comíamos. Elogiei o ponto da carne, perguntei sobre o tempero, e trocamos algumas dicas, já que eu também aprecio cozinhar.

Depois, quando terminamos, Mariana se levantou para lavar os pratos – já que havia lavado toda a louça que usou na preparação –, e decidi fazer um combinado:

— Quem cozinha não lava! — Peguei os pratos de sua mão e os levei até a pia.

— Mas isso é injusto, porque você acabou de chegar do trabalho.

— E você acabou de trabalhar também, preparando a refeição. Qual a diferença?

Ela apenas deu de ombros, e comecei a lavar. Fiquei tão concentrado na tarefa – ridiculamente concentrado, porque resolvi usar qualquer distração para tirar o foco da maldita vontade de colocá-la sobre o balcão da cozinha e combinar que a única comida que eu queria quando chegasse a casa era sua boceta – que só percebi que ela fez café assim que o aroma inundou meu olfato.

— Você lavou, eu fiz a sobremesa! — Riu e me entregou a xícara. — Nem todo mundo gosta de um café após a refeição, mas lá em casa isso era um vício, então sinto falta.

— Bom, eu costumo tomar algo mais forte, mas o café está...

— O que mais forte? — Mariana me interrompeu, parecendo curiosa. — Vi suas bebidas no aparador. — Apontou para o outro lado da cozinha, onde ficam os tonéis de inox onde faço minha cerveja. — O que é aquilo tudo?

Expliquei para ela que aprecio fazer minha própria bebida, e Mariana ouviu atentamente todos os detalhes chatos sobre a fermentação e a filtragem de uma cerveja artesanal.

— Eu não costumo beber, mas gostaria de experimentar algo seu.

Ah, caralho! Amaldiçoei mentalmente meus pensamentos libidinosos, pois logo me veio a imagem de meu pau em sua boca, pulsando enquanto despejava porra em sua garganta.

Prometi a ela que, quando fizesse alguma cerveja especial, ela seria minha cobaia, a primeira a experimentar.

Depois dessa conversa, ficamos em silêncio, o tempo passando, a noite avançando cada vez mais. Mariana bocejou discretamente, mas não se moveu, e evitei falar no assunto *cama*, porque não estava no controle da vontade.

E que vontade!

Estava seriamente preocupado com o estado contínuo de excitação no qual me encontrava. Eu pensava em Mariana, pronto, pau duro! Conversava qualquer coisa com ela, e lá estava a maldita ereção. Isso era frustrante e estimulante ao mesmo tempo, porque era uma total novidade.

Quando ela bocejou uma segunda vez, eu ri, e isso foi o que bastou para que Mariana tampasse o rosto e pedisse desculpas por estar sonolenta.

— Todos vamos acordar cedo amanhã, é melhor irmos dormir.

— Sim, Kyra ficou de vir bem cedo para me levar à Ágape.

A informação me surpreendeu, pois imaginei que Mariana ainda não quisesse sair do *loft*, pelo menos até seus ferimentos estarem curados.

— Está pronta para ir até lá? — questionei, preocupado por Kyra estar pressionando-a demais.

Mariana assentiu.

— Por isso vamos cedo, só vamos ser nós duas lá. Ainda não quero que me vejam assim. — Apontou para seu rosto.

Foi naquele momento que fiz uma merda: toquei-a!

Fiz o mesmo maldito carinho que havia feito de manhã, acariciando sua face, margeando seus lábios, sentindo o calor de sua tez jovem e macia. Mariana não fechou os olhos dessa vez, encarou-me suspirosa, e vi transparecer em suas íris azuis o mesmo desejo que estava me deixando tão irrequieto.

Não consegui parar de tocá-la nem tampouco me aproximar mais dela. O tesão e minha razão em guerra me deixavam imóvel, sem ação, porém não sem sentir.

Eu a sentia em cada poro do meu corpo, em cada cicatriz por baixo das tatuagens, em cada terminação nervosa. A atração vibrava e agitava incessantemente, clamando redenção.

Não me rendi! Era perigoso, uma brincadeira deliciosa, mas fadada ao pior. Mariana precisava de mim como amigo e apoio, e foi isso que me propus ser para ela.

— Boa noite! — cumprimentei-a, despedindo-me, antes de me trancar no lavabo como um covarde.

Demorei mais tempo do que o necessário para trocar de roupa, escovar os dentes e voltar para a sala. Queria a garantia de que não iria encontrá-la mais, muito menos vestindo uma daquelas lingeries de dormir de seda que vi dobradas sobre meu móvel.

Resolvi que precisava *mesmo* de algo mais forte do que o café e tomei uma dose de conhaque antes de me deitar aqui, neste sofá, e ficar me virando de um lado para o outro, ouvindo o relógio marcar cada minuto.

Millos, cacete, dorme! Tento parar de pensar em Mariana e desligar minha mente, afinal, estamos apenas no começo de nossas noites juntos.

Gemo ao pensar nas próximas.

27

Cuz I'm so, I'm so in love with you
You know I can't control it, acting like such a fool
And I'm so, so in love with you
Here's to wishing, and hoping, and waiting to hear it from you
Let me hear it from you
You.[45]

— Experimente este! — Marília Soares, chef pâtisserie da Αγάπη[46], oferece-me uma fatia do delicioso rocambole feito com merengue, chantili e geleia de frutas vermelhas.

Pego o doce e, mesmo antes de colocá-lo na boca, consigo sentir o delicioso aroma das frutas e o cítrico do limão usado no merengue. Fecho os olhos enquanto mastigo, ouvindo risos à minha volta. Não consigo resistir a um doce, e todas aqui já sabem disso, nem me incomodo mais com as risadas.

— Divino! — Saboreio até a última porção antes de dar meu parecer, coisa que sei que Marília espera que eu faça. — Talvez precise de umas gotas de limão na geleia também...

— Eu disse! — Marília exclama para alguém.

Abro os olhos e a vejo falar com sua esposa, a chef de cozinha Deia Soares. As duas parecem discutir a receita, mas não me preocupo nem um pouco com a conversa acalorada entre elas, algo que já parece rotina e que venho presenciando desde que comecei a frequentar a cozinha da empresa de Kyra, há uma semana.

No começo, fiquei reticente sobre fazer meus doces para uma chef diplomada, porém todo meu receio caiu por terra quando conheci a Marília. Conversamos muito assim que Kyra nos apresentou, e logo depois a Deia apareceu, e eu soube que era ela a responsável pelo buffet.

Fiquei feliz por ter concordado com Kyra em vir para a Αγάπm com a cozinha em funcionamento. Eu estava insegura ainda por conta dos machucados em meu rosto e preferi conhecer a empresa enquanto estivesse vazia, mas Kyra conversou comigo durante o trajeto e me convenceu a ficar até que suas funcionárias chegassem.

Deslumbrei-me com a cozinha profissional, nada perto do que tínhamos em casa, cheia de equipamentos de última geração – alguns cujo funcionamento e utilidade eu desconhecia –, e com a quantidade de eventos que elas tinham na agenda.

— É Helena, minha gerente, quem organiza isso tudo. — Kyra apontou para a agenda pendurada na parede, com o nome do evento, data, local e o cardápio. — Eu não seria capaz de deixar algo assim, tão bem planejado, minha parte diz respeito ao projeto de decoração e nada mais.

— Eu não tinha ideia de que era necessária toda essa estrutura para realizar festas — comentei quando conheci a sala de reuniões, o escritório, o depósito enorme e o showroom.

— E nem tudo está aqui — Kyra confidenciou. — Temos muitos parceiros, prestadores de serviço e fornecedores. Organizar eventos variados, como a Αγάπη faz, é uma loucura.

Kyra sorriu divertida e muito satisfeita.

— Você ama o que faz, não é?

Ela assentiu.

— Demais! Tudo começou meio sem querer, quando, na faculdade, comecei a vender salgados e doces para ajudar nas despesas. — Kyra suspirou e sorriu, balançando a cabeça. — Mas isso é passado, o importante é que deu certo e virou minha profissão.

Sua expressão me disse claramente que o importante não era apenas o que ela quis contar. Sinto que o passado traz muitas lembranças e que ela evita essas memórias por algum motivo.

Senti uma conexão com Kyra desde o início, quando ela falou comigo ainda na porta do banheiro de Millos. A cada dia em que convivemos, sinto ainda mais essa ligação com ela. É como se partilhássemos um segredo só nosso, como se Kyra me entendesse sem a necessidade de que eu lhe diga algo.

Ela tem ficado comigo todos os dias, seja aqui na empresa ou no *loft*, enquanto Millos não está. Conversamos, vemos filmes e trabalhamos juntas. Essa tem sido minha rotina.

Acordo cedo, pois sempre fui matutina, e fico em um ponto estratégico do *loft*, vendo Millos malhar numa espécie de academia que tem na parte de baixo, perto de onde guarda as dezenas de motos que possui. Ele nem desconfia de que consigo vê-lo, é meu prazer secreto, que desfruto tomando um delicioso café, o qual uso descaradamente como desculpa para justificar o calor que sinto ao ver os braços tatuados em movimento, a camisa fina delineando seus músculos do peitoral e abdômen, e as pernas suadas.

Pouco antes de ele subir para tomar banho – visto que o único banheiro com chuveiro é o do mezanino –, disfarço meu voyerismo separando mantimentos para fazer o almoço.

— Bom dia! — Ele sempre me cumprimenta quando sobe. — Acordou cedo. Dormiu bem?

Geralmente assinto sem olhá-lo, e ele passa direito, subindo para o mezanino para se refrescar depois do treino pesado.

A mulher que treina com ele, uma professora de educação física, provavelmente, não o acompanhou em nenhum desses dias ao *loft*, sinal de que vai embora assim que o treino acaba.

Antes da 8h da manhã, Millos desce, cheiroso e vestido, e toma uma xícara de café puro, pergunta-me se preciso de algo e sai para o trabalho. Passo a manhã toda cozinhando e limpando. Confesso que fiquei surpresa com a desorganização da casa, afinal, o armário de roupas dele é impecavelmente ordenado.

Depois do almoço, Kyra chega, e geralmente já estou pronta para ir até a Αγάπη, onde treino minhas receitas, aperfeiçoo-as e aprendo com Marília e Deia.

— Pensei em sugerir bolinhos de chuva recheados com doce de leite para a degustação de amanhã para o chá de revelação — digo a Marília assim que acabo de mastigar o delicioso rocambole. — Acho que combina bem com o tema.

— Perfeito! — ela exclama empolgada. — Ela quer o tema chuva de amor, e bolinhos de chuva recheados são maravilhosos!

Ela anota na planilha do menu degustação agendado para amanhã, junto a suspiros coloridos, pirulitos de isomalte – desses que ficam transparentes – e biscoitos amanteigados decorados com glacê real.

Tenho aprendido demais aqui na empresa de Kyra e sou muito grata a ela pela oportunidade e, claro, por mais essa grata coincidência que o destino me deu de presente. Eu temia ficar aqui em São Paulo totalmente dependente da caridade de Millos, e perceber que posso conseguir um trabalho e ter meu próprio dinheiro é algo totalmente estimulante.

Nunca tive qualquer autonomia em minha vida, então apenas a possibilidade de ser independente faz com que meu coração dispare e eu me sinta a mulher mais privilegiada deste mundo.

Millos falou várias vezes, ao longo desses dias em que estamos partilhando o *loft*, sobre me ajudar a recomeçar. Sinceramente, acho que ele

usa a expressão errada, afinal, nunca nem comecei! O que ele e Kyra estão me proporcionando é um começo, uma história apenas minha e que estou louca para escrever.

Marília e Deia voltam a se concentrar em seus trabalhos, e subo para o escritório, porque hoje fiquei de ajudar Helena no planejamento de um casamento.

O primo do Millos, Theodoros, vai se casar com uma chef de cozinha, mas isso vai acontecer apenas daqui a alguns meses, porque ela está montando seu restaurante e ocupada com a recuperação da filha, que esteve doente.

Kyra fala muito no irmão mais velho, e noto o quanto é louca por ele. Sei que ela não queria organizar a festa, algo sobre ela dar azar aos casais cujo casamento planeja.

— Não ri — ralhou comigo da última vez que falou sobre esse assunto. — Eu disse que sou pé frio, avisei a Samara, mas todo mundo me leva na brincadeira. — Deu de ombros. — Pois bem, mais um divórcio no meu currículo.

— Kyra, isso é besteira da sua cabeça! Não é possível que nenhum casamento que você organiza não tenha durado!

Ela parou para pensar um pouco, depois me olhou séria, ergueu a sobrancelha e disse:

— Nenhum!

Arregalei os olhos quando ela tirou uma pasta preta – dessas que tem plásticos por dentro para enfiar folhas – e me mostrou um "portfólio" com fotos dos casais cujo casamento organizou, todas com anotações do tempo de duração do casamento.

— Esse último, certamente, é meu recorde!

Colocou a foto de um casal muito bonito, mas que, mesmo na foto, não parecia nada exultante com as bodas.

— Foi nesse casamento que Millos foi padrinho?

— Sim! — Riu. — Meu primo se uniu a mim na maldição.

Depois de tanto rir e brincar com a história de sua superstição, Kyra ficou séria, suspirou e me confidenciou que seu irmão mais velho e sua noiva insistiram que ela organizasse o casamento, o que a estava deixando nervosa e insone.

— Mariana — Helena me chama assim que entro no escritório, e espanto a lembrança da preocupação de Kyra. — Entregaram um pacote para você aqui.

Ela me estende o envelope pardo, e franzo a testa, sem entender do que se trata, afinal, não comprei nada nem estou esperando encomenda.

— Quem entregou? — pergunto nervosa, sentindo meu corpo todo gelar.

— Uma mulher... — Ela parece procurar um de seus post-it e sorri quando o encontra. — Sâmela! Esse é o nome.

Tento me lembrar de onde ouvi esse nome, mas não me recordo. Abro o envelope, e meus olhos se enchem de lágrimas ao ver minha certidão de nascimento junto a um bilhete de Millos:

Mariana, consegui a segunda via de sua certidão de nascimento e marquei para que você retire seus documentos amanhã.

Sorrio e aliso – feito uma boba romântica – a letra dele no bilhete. Millos é tão incrível, tão atencioso e preocupado comigo, além, claro, de ser o homem mais lindo que já vi na vida. Sinto meu rosto arder ao pensar no quanto ele me atrai e que é impossível que não perceba que estou apaixonada.

Toda noite, depois que jantamos, conversamos um pouco sobre meu dia. Conto para ele sobre o que aprendi aqui na Αγάπm ou sobre o que Kyra e eu

fizemos juntas. Millos sempre escuta muito atento, sorri, elogia algo ou me incentiva, mas raramente fala sobre si mesmo ou sobre seu trabalho.

Sei que nessa semana aconteceram duas reuniões importantes e que ele estava tentando não parecer, porém estava ansioso. A primeira, bem no comecinho da semana, deixou-o tenso a ponto de não conseguir dormir. Ouvi seus passos na parte de baixo do *loft* a noite toda, bem como o barulho de garrafinhas de cerveja sendo abertas.

Ele não malhou nesse dia, acordei cedo como de costume, mas Millos já tinha ido para a empresa. À noite, quando voltou, estava feliz e mais falante. Não me deixou cozinhar, perguntou se eu gostava de comida chinesa e a pediu para nós.

Ontem aconteceu a segunda reunião, e, claro, ele estava nervoso, porém conseguiu dormir, tomou café da manhã comigo e então saiu para a Karamanlis. Quando voltou, à noite, encontrou-me com um jantar especial pronto, mas não estava tão exultante, pelo contrário, parecia preocupado.

— Algo deu errado na reunião? — indaguei.

— Não, tudo acabou bem. — Respirou fundo. — Só estou cansado.

Millos olhou para a comida, que eu havia disposto em cima do balcão, e, por sua expressão, percebi que não estava com apetite.

— Eu posso guardar para almoçar amanhã — falei, e ele sorriu.

— Está tudo incrível como sempre, mas...

— Eu sei, não se preocupe comigo.

Forcei um sorriso para aliviá-lo e o vi subir as escadas do mezanino para tomar banho. Estava guardando a comida na geladeira quando ouvi novamente seus passos e o encontrei pronto para sair, vestindo jeans, camisa e segurando uma jaqueta de couro.

— Tudo bem em ficar sozinha por algum tempo? Eu preciso sair um pouco.

Meu coração se apertou, e me senti um incômodo novamente, lamentando que ele não tivesse seu espaço ou sua liberdade em sua própria casa.

— Eu vou ficar bem! — Novamente forcei um sorriso despreocupado. — Bom passeio.

Passei a noite inteira sem conseguir dormir, embolada na cama, especulando sobre onde ele foi. Millos chegou com o dia quase amanhecendo, não subiu para o banheiro, e, quando desci hoje de manhã, ele já havia saído.

Kyra foi me buscar cedo para que eu ajudasse a Helena, e, desde que cheguei, consegui ficar um pouco mais concentrada em outras coisas que não Millos. Porém, agora, depois de ler seu bilhete e lembrar-me da noite de ontem, novamente me sinto angustiada por não saber o que está acontecendo.

— Tudo bem? — Helena me pergunta, e assinto. — Vamos fazer uma pausa para o almoço agora?

— Pode ser — concordo e pego o celular que ganhei de Kyra há alguns dias, digitando uma mensagem para Millos.

“Oi. Está tudo bem?”

Fico um tempo sem conseguir respirar, olhando para a tela do telefone, aguardando a resposta. Não costumo mandar mensagens ou ligar para ele durante o expediente, mas hoje sinto que é necessário, que preciso saber como Millos está.

“Oi. Tudo bem. Já almoçou?”

Respiro fundo, um tanto aliviada, e respondo que vou parar para o almoço agora.

“Posso te levar para almoçar em algum lugar?”

Releio a mensagem algumas vezes, confirmando que entendi certo, que Millos está me convidando para ir a um restaurante com ele! Sorrio feito boba, sentindo-me feliz, a preocupação se desvanecendo.

“Pode!”

Mando a mensagem, e ele logo retorna, dando o tempo em que chegará aqui.

— Uau, alguém teve boas notícias! — Helena brinca comigo ao ver meu sorriso enorme.

— Um convite para almoçar. — Ela fica séria, e vejo preocupação em seu rosto. Provavelmente Kyra a deixou a par da minha situação. — Com Millos.

— Ah... — Volta a sorrir. — Bom almoço!

— Obrigada!

Mal agradeço e saio correndo para o banheiro a fim de conferir como estou, ansiosa para que ele chegue.

Ai, meu Deus, eu estou mesmo muito apaixonada!

28

My girl, my girl, don't lie to me!
Tell me where did you sleep last night
In the pines in the pines
Where the sun don't ever shine
I would shiver the whole night through[47]

O som de *Where did you Sleep Last Tonight*, na interpretação de Kurt Cobain, do Nirvana, faz-me relaxar. Gosto demais dessa música, desde a interpretação *unplugged*[48] da banda de rock até do blues do *Leadbelly*[49]. Fecho os olhos e reclino a cabeça no banco do carro da empresa, que Cris dirige, enquanto vou até a empresa de Kyra buscar Mariana.

Ainda não sei o que deu em mim para convidá-la a almoçar, pois não estava em meus planos, ainda mais que estava sem carro e tive que pedir ao Cris que dirigisse, expondo-nos. Tudo bem que o motorista já havia visto Mariana, quando ela chegou, mas a situação ainda me incomoda. Sou muito discreto, não gosto de saber que outras pessoas se inteiram de minha vida pessoal.

Enfim, o convite foi feito, e reconheço que estar com ela por algum tempo, conversar, será bom. Há uma tensão em meu corpo desde ontem que

não sei descrever. Talvez seja pelo que aconteceu após a reunião com Wilka... Talvez não; foi pelas revelações que se sucederam durante a tarde.

A reunião foi ótima, e, como sempre, me vi admirado pela fibra, pelo caráter e firmeza de Wilka Maria. Ela enfrentou a todos de cabeça erguida, não titubeou um só momento e, mesmo ainda sem provas de sua inocência (ou culpa), deixou a cada um de nós envergonhado por suspeitar dela.

Então, quando tudo parecia já resolvido, Wilka revelou que pretendia terminar o projeto de encontrar a área para a siderúrgica, mas depois se retiraria. Fiquei preocupado, principalmente por Kostas, mas também com a gerência onde ela atuava, que perderia – mais uma vez – uma mulher mais do que capacitada para estar em sua liderança.

Saí da reunião e fui para a sala de Theodoros, mas, antes mesmo de entrar no cômodo, recebi uma mensagem de Sâmi:

“Meu contato abriu o bico, temos o nome da pessoa que vendeu os documentos para a Dadalus.”

Inventei uma desculpa ao Theo para não acompanhá-lo em uma videoconferência que tínhamos marcado e fui para minha sala. Mal fechei a porta, liguei para minha amiga.

— Quem foi? — inquiri assim que ela atendeu.

Sâmi respirou fundo.

— Viviane Lamour.

O nome fez meu corpo inteiro gelar, e tive que me sentar na poltrona mais próxima, porque não me sentia suficientemente firme para continuar de pé.

Viviane Lamour era a insuportável e ardilosa ex-sócia de Theodoros. Por mais que eu tentasse entender como documentos confidenciais da empresa foram parar nas mãos dela, não conseguia. A única coisa que estava certa em

minha mente era que, mais uma vez, ela tramou para derrubar meu primo.

Voltei correndo à sala de Theo, mas Luiza me informou que a videoconferência havia sido cancelada e que ele tinha saído. Perguntei se havia dito para onde iria, mas ela não sabia. Liguei para ele algumas vezes, porém não obtive resposta, então deixei mensagem pedindo que me retornasse.

Estava nervoso, suando frio, porque as implicações do que Viviane fizera poderiam prejudicá-lo mais uma vez diante do conselho. Precisava conversar com alguém e, claro, imediatamente pensei em Konstantinos.

Ainda não sabia como iria contar a ele que era Viviane Lamour a pessoa quem estávamos procurando, mesmo porque ainda não sabia como os documentos haviam parado nas mãos dela.

Desci até o andar do jurídico e o encontrei em sua sala.

— Kostas? — chamei-o, pois, mesmo com a porta aberta, não me viu chegar, concentrado em alguma coisa que lia na tela do laptop.

— Porra, Millos! — Ele parecia perplexo, afobado, e isso me deixou em alerta. — Eu sei quem vazou os documentos!

Parei de repente, freei todas as coisas que havia programado falar com ele e aguardei, querendo saber quais informações ele tinha e se elas batiam com as minhas.

— Como você sabe? — perguntei sem demonstrar minha ansiedade.

— Os documentos estão diferentes. — Ele me chamou para perto e mostrou as duas versões.

Vi uma ou outra palavra trocada, um erro ou outro de gramática, mas isso seria esperado de um plágio, afinal, não iriam copiar o documento na íntegra.

— Eles devem ter modificado para...

— Não! — Ele começou a rir, e me afastei. — Eles copiaram na íntegra, cheio de erros! É a minha cópia não revisada.

O quê?, pensei imediatamente, achando tudo ainda mais confuso, afinal, Kostas nunca iria acostar uma versão não revisada ao arquivo para o cliente. Meu primo sempre foi meticuloso e perfeccionista demais com seus escritos para fazer algo assim.

A conclusão mais óbvia foi que o documento que eles copiaram não tinha saído da empresa. *Mas como?*, pensei comigo, porém repeti a pergunta em voz alta:

— E como foi parar nas mãos deles?

Kostas tomou ar e, pelo seu olhar envergonhado e culpado, tudo o que eu havia temido sobre ter um deles envolvido no vazamento aconteceu, quando ele falou o mesmo nome que eu tinha:

— Viviane Lamour.

Reuni todo meu autocontrole, não revelei que também sabia e inquiri:

— A amiga de Theodoros?

Kostas passou a mão pelos cabelos e andou até seu armário, de onde tirou uma garrafa de seu bourbon favorito.

— Só tenho um copo — justificou-se ao se servir e beber todo o líquido. — Bem, nós sabemos que os dois já não são mais amigos.

Fechei os punhos, ciente de que Viviane não tinha agido sozinha, porém descrente de que Kostas tinha participado desse jogo o tempo todo sem dizer nada. Não fazia sentido algum, ainda mais porque eu sabia que toda essa história havia prejudicado Wilka, e ele nunca consentiria em fazer algo assim com ela.

— O que você fez, Kostas? — Fui direto ao assunto.

Ele sorriu sem jeito, tentando manter sua pose arrogante, porém sem conseguir. Havia muito meu primo já não conseguia esconder o verdadeiro Kostas dentro de si, aquele que se importava e se preocupava com os outros. Prova disso foi sua defesa a Theodoros na reunião para decidir o futuro do

CEO da Karamanlis.

— Procurei Viviane, ciente de que ela tinha um plano em curso para Theodoros. — Xinguei baixo, mas ele pareceu nem ter ouvido. — Quando as coisas entre os dois começaram a desmoronar por conta de Duda Hill, ela se dispôs a me fornecer provas da atividade paralela de meu irmão e umas contas não declaradas no exterior.

A informação sobre Theo ter contas não declaradas me pegou de surpresa, pois nunca sequer suspeitei ou tive indícios de algo desse tipo, e isso podia prejudicar muito a imagem do meu primo aqui na empresa se viesse a público.

Gamôto![50]

— Em troca você deu as informações sobre o projeto a...

— Você acha que sou louco a esse ponto? — ele me interrompeu, puto. — Que faria algo que respingasse em Wilka Maria?

Dei de ombros, e ele bufou.

— Porra, Millos! A desgraçada me enganou, me fez de otário! — Kostas andava de um lado para o outro, a raiva emanando de seu corpo tão fortemente que me atingia. — Eu vou matar aquela filha da puta!

Merda!

— Ei, acalme-se! — Segurei-o pelos ombros. — Você não vai fazer nada, primeiro vamos pensar com calma e decidir friamente o que fazer, porque toda essa situação cheira a uma merda descomunal que vai ser jogada no ventilador e emporcalhar tudo, entendeu?

— Millos, você não pode esperar que eu não a faça pagar pelo que fez! Wilka Maria não quer nem falar comigo e quer fazer a loucura de pedir demissão, e tudo por causa daquela filha da puta!

— Não! Tudo por conta da sua arrogância, Kostas! — Ele fechou os olhos e assentiu. Eu sabia que estava pegando pesado com ele, que provavelmente

essa verdade já o estava consumindo, mas precisava pará-lo de qualquer jeito antes que fizesse mais loucuras. — Vamos consertar essa coisa toda juntos e de forma racional. Precisamos provar que foi ela e depois acusar a empresa de espionagem. Você é um puta advogado, caralho, pensa!

Kostas tomou ar e concordou.

— Eu vou pensar, mas a desgraçada fez tudo muito bem feito. — Encarou-me. — Se eu a expuser, vou ter que revelar tudo o que fiz também. — Ele abaixou a cabeça, e senti que ia chorar. — Se eu tinha alguma chance de Wilka Maria me perdoar, depois que ela souber a verdade, nunca mais o fará.

Isso não!, pensei inconformado. Kika e ele precisavam ficar juntos, um era o ideal para o outro, ninguém mais poderia entender, completar e apoiar meu primo como ela.

— Vá atrás dela, resolvam-se e conte a verdade antes que acabe sabendo por outros. — Kostas arregalou os olhos. — Conte tudo, Kostas, seja sincero e conte *tudo* o que aconteceu na sua vida, entendeu?

Ele parecia reticente.

— Ela não vai me...

— Kostas, eu a vi quando você duvidou dela naquele dia. Ela sofreu e chorou, e não foi por causa da Karamanlis, foi por você. Você nunca foi alguém que desiste fácil do que quer, então vá até ela e se abra inteiro, permita que ela *te veja* e que tenha certeza do que você sente. Kika vai te entender e vai reconhecer o mesmo remorso que vejo agora.

Afastei-me dele, deixando-o com espaço para pensar, sem querer pressioná-lo demais, torcendo para que ouvisse o que eu disse. Não sabia se realmente daria certo, estava agindo por instinto, por isso, ao saber que os dois saíram juntos da empresa um tempo depois dessa nossa conversa, senti-me mais aliviado e certo de que eles conseguiram se acertar.

Não consegui falar com Theo o resto do dia e, quando cheguei a casa, estava uma pilha. Lamentei não ter jantado com Mariana. Percebi que isso a

deixou chateada, mas que notou o quanto eu estava tenso e respeitou meu espaço.

Andei de moto por várias horas, mal vi o tempo passar. Cheguei ao *loft* com o dia amanhecendo, comi alguma coisa, troquei de roupa e fui para empresa guiando a moto.

Mal cheguei e fui logo à procura de Theodoros.

— Esqueci meu telefone aqui na sala ontem, por isso não te retornei — ele disse. — Duda me ligou, e saí da empresa para acompanhá-la na visita ao local onde quer abrir o bistrô. O que aconteceu?

Contei a ele sobre Viviane Lamour, mas omiti como ela conseguiu o documento, mesmo porque o que descobri depois que falei com Kostas foi que a Dedalus teve acesso a muito mais informações do que as que foram furtadas de seu apartamento, o que demonstra que há alguém dentro da Karamanlis espionando para outras empresas.

Theo, como era de se esperar, ficou louco e imediatamente tentou falar com Kostas, porém não conseguiu. Chamamos o outro advogado que coordena as ações da empresa, Murilo Barros, e o colocamos a par de toda a situação.

Foi depois disso que recebi a mensagem de Mariana e a convidei para almoçar comigo, uma maneira de eu relaxar e de compensá-la pela noite passada.

O carro para em frente a Αγάπη, e afasto as lembranças, disposto a ter um almoço leve e agradável com Mariana, porém, assim que a vejo sair do bufê de Kyra, rio de mim mesmo ao sentir meu corpo reagir à mera imagem dela.

Idiota!, minha consciência debocha de mim mesmo ao perceber que estou me autoenganando. Relaxar ao lado de Mariana? Sentar-me ao seu lado em um restaurante sem pensar em deitá-la sobre a mesa e fazer dela a refeição principal? Nunca!

Remexo-me no banco de trás do carro, tentando ajeitar minha excitação aparente sob a calça fina do terno, então coloco a pasta no colo, frustrado por

não conseguir controlar meu próprio corpo.

Cris abre a porta para que ela entre e se sente ao meu lado.

Gamaúto!, xingo mentalmente ao sentir o delicioso aroma da pele de Mariana, os pelos do meu corpo se arrepiando na direção dela como se tivesse estática entre nós.

Alheia ao meu tormento, ela sorri, linda e iluminada, os olhos demonstrando todas as suas emoções e a satisfação de estar comigo. *O desejo!* Sim, a mesma atração louca que me impele para ela, eu sinto de volta, vejo em seu rosto e sinto em cada movimentação de seu corpo.

— Boa tarde! — cumprimenta-me. — Aonde vamos comer?

Pela primeira vez sou invadido por imagens de Mariana nua, apenas com cordas em nós perfeitamente trabalhados em torno de seu corpo. O cheiro da juta chega às minhas narinas, bem como a textura levemente áspera das cordas em minhas mãos.

Balanço a cabeça, repelindo a ideia de tê-la amarrada, de conectar-me com ela desse jeito tão único. Sim, único, porque, mesmo que eu pratique *shibari* por sexo, a maneira como me vi executá-lo em Mariana só é possível quando se vai além do sentido carnal.

— Millos? Tudo bem?

Encaro-a e me obrigo a parar de divagar feito um louco.

— Claro! — Faço sinal para Cris pelo retrovisor, e o carro começa a se mover. — Vamos a um restaurante francês de um amigo — respondo sua questão ao decidir levá-la ao mesmo restaurante em que promovi o primeiro encontro entre Theo e Duda. — Está com fome?

Mariana fica corada – o que a deixa ainda mais linda – e suga o cantinho de seu lábio inferior.

— Faminta...

A resposta dela retesa todo meu corpo, e meu pau pulsa, socando a pasta

que mantenho no colo.

Gamaúto, eu estou mesmo muito fodido!

29

When I was led to you
I knew you were the one for me
I swear the whole world could feel my heartbeat
when I lay eyes on you
Ay ay ay
You wrapped me up in
The colour of love[51]

— Millos? Tudo bem?

Olho para o homem sentado ao meu lado no carro, mas ele parece longe, perdido em pensamentos. Fico preocupada, porque, ontem à noite, ele chegou do trabalho estranho e passou a madrugada fora de casa depois. Sinto que algo o está perturbando, mas não sei se devo perguntar – ou me meter.

Ele me olha um tanto assustado.

— Claro! — Faz sinal para o motorista sair com o carro. — Vamos a um restaurante francês de um amigo. — Meu coração dispara ao ouvir para onde estamos indo. *Restaurante francês?* Nunca nem comi no restaurante da esquina da minha cidade! *Deus!* — Está com fome?

Quando o ouço perguntar isso, todas as minhas preocupações sobre ir a um lugar do qual não faço ideia de como é, somem. Meu corpo se aquece, sinto meus mamilos mais duros contra o bojo do sutiã, e meu rosto queima.

Tenho fome, sim, e isso é um tanto constrangedor, porque não é na comida que pensei quando ele me questionou.

Pensei nele!

— Faminta... — respondo baixinho, sem olhá-lo, temendo que perceba qual é a fome a qual me refiro.

Millos não fala nada, mas se arruma no banco, o que atrai meu olhar para a pasta que ele segura em seu colo. *Por que ele não a coloca no banco da frente?,* penso, estranhando o jeito que ele agarra o objeto, como se estivesse o protegendo de algo... ou protegendo-se de algo.

Respiro fundo quando percebo que não vamos conversar mais. Eu deveria ter só balançado a cabeça e ter parado de pensar bobagens. Já ficou claro para mim, durante todos esses dias em que estamos convivendo, que Millos não tem intenção de continuar de onde paramos lá em Carrancas.

Talvez a situação que passei depois, com outro homem se forçando a mim, tenha-o deixado enojado. Ele viu as marcas no meu corpo, principalmente a mordida na boca e, como eu, deve sentir asco quando a vê.

Fico triste ao pensar assim, porque é algo que meu coração teima em ressaltar que não combina com Millos. Todavia, o que eu sei sobre ele, afinal? Millos é tão fechado na maioria das vezes que nunca posso garantir que sei o que ele está pensando ou como está se sentindo.

Menos ontem à noite!

Na noite de ontem, percebi que ele não estava bem assim que entrou no *loft*, bem como percebi que não queria conversar, por isso me afastei e o deixei lidar com seus problemas sozinho. Não é algo que eu goste de fazer, sempre conversava com minha cunhada, tentava saber do meu irmão e como estavam as coisas para poder ajudar. Sair do caminho não é o meu natural, mas entendi que o jeito dele não é como o meu e não quis perguntar o que

tinha acontecido.

Tenho vontade também de saber o que ele sente por mim. Lá em Carrancas, por mais que tentasse resistir ou se manter à margem da atração, ele sucumbiu. Nós tivemos uma noite deliciosa, e percebi o quanto ele me queria.

São essas recordações que tenho usado para afastar o medo e o nojo de mim mesma quando penso naquele homem estranho em cima de mim, me tocando, me usando, me ferindo. Penso em como Millos me reverenciou com seu corpo. O jeito carinhoso de seu toque, o sabor de seus beijos, o contato de sua pele na minha e o prazer intenso que sentimos juntos.

Isso, eu entendi, era o natural no sexo, não aquela experiência nauseante que passei há pouco mais de uma semana.

O carro para, e olho para fora, através da janela, vendo uma fachada linda, com um toldo na entrada e um homem uniformizado de pé aguardando para nos receber.

— Chegamos! — Millos comenta, e suspiro. — Não gostou?

Sorrio nervosa.

— É lindo, mas estou um tanto nervosa — confesso e torço minhas mãos. — Nunca fui a um lugar assim.

O toque inesperado da sua mão nas minhas envia uma descarga elétrica que viaja pelos meus braços, desce pela espinha e se concentra no meu ventre.

Estremeço e o encaro.

— Você está linda e vai gostar dessa nova experiência, confie em mim.

— Eu confio.

A porta do carro é aberta, e o homem uniformizado estende a mão enluvada para me ajudar a sair do veículo. Minhas sapatilhas tocam o chão da calçada limpíssima, e ajeito o vestido comportado e feminino que escolhi

para trabalhar hoje.

Millos desce logo atrás de mim, ajeitando seu terno – um azul-escuro –, e, em seguida, fala com o homem do restaurante.

— Vamos? — Coloca sua mão na base da minha coluna, e minha pele se arrepia inteira.

Ele percebe o que aconteceu, pois olha para meu braço, os pelos loiros brilhando contra a luz do sol, a pele eriçada, cheia de bolinhas. Prendo a respiração quando nossos olhos se encontram, porque consigo ver o mesmo desejo que vi antes, em Carrancas, e que pensei ter visto algumas vezes aqui, assim que cheguei.

As narinas de Millos se abrem conforme ele respira mais forte, sem se mover, sem tirar os olhos de mim. Sinto-o travado, como se não pudesse se mexer. Viro-me lentamente em sua direção, ficando entre seus braços, e sorrio.

— Não faz isso... — ele diz entredentes, e quase me afasto, porém logo sou abraçada com tanta força que meu corpo cola no dele. — Não devemos fazer isso, Mariana.

— Mas nós queremos, Millos.

Ele xinga em grego, e eu rio. Passo o braço em volta de seu pescoço, nem um pouco preocupada com o funcionário do restaurante, que deve estar em algum lugar perto de nós.

Só quero este momento! Preciso entender, mesmo sem perguntar, se a atração que sinto é correspondida como antes.

— Você passou por muita coisa, eu não deveria... — Bufa. — Mariana, vamos almoçar.

Concordo, mas ainda assim não o solto.

— Recebi a segunda via da minha certidão hoje e seu bilhete. — Aproximo-me mais. — É um alívio saber que poderei tirar meus documentos.

Obrigada.

— Não precisa agradecer, era o mais lógico...

Ele para de falar quando me coloco na ponta dos pés e beijo sua bochecha.

— Eu sei que você não gosta dos meus agradecimentos, mas mesmo assim preciso dizê-los. Eu sou muito sortuda por ter você, Millos.

Sinto os seus músculos tremerem, e, em seguida, ele se afasta de mim, mas não totalmente, mantendo sua mão nas minhas costas, enquanto andamos para a recepção do restaurante.

— Doutor Karamanlis, bem-vindo! — a recepcionista, uma mulher muito bem-vestida, cumprimenta-o assim que nos vê, e chama outro funcionário do restaurante, um com um pano branco no braço. — O *maître* os levará até sua mesa. Bom apetite.

Sorrio em agradecimento a ela e sigo o homem de smoking até um canto do restaurante, sem deixar de notar a decoração sofisticada, o bar repleto de bebidas e as mesas todas com toalhas brancas até o chão e cadeiras estofadas.

— A bebida de sempre, doutor? — o garçom – vou chamá-lo assim porque não sei pronunciar aquilo do qual a recepcionista o chamou – pergunta.

— Não. — Millos me olha, e minha atenção se volta para ele, totalmente! *Como pode ser tão bonito desse jeito?!* — Gostaria de tomar um vinho?

— Pode ser — respondo um tanto esnobe, como se fosse acostumada a beber! Já bebi, claro, cervejas e licor de menta, tudo escondido do meu irmão, mas a única vez que em tomei vinho foi com Millos no Recanto das Andorinhas, a pousada que ficamos em Carrancas. — Eu gostaria de água também, por favor.

Millos sorri e faz o pedido ao garçom.

— Como está sendo trabalhar com Kyra? — sonda. — Dizem que minha

prima é um tanto difícil.

— Não acho. Exigente, talvez. Eu gosto do jeito dela, e tem Helena, que compensa, é mais paciente e sabe acalmá-la quando está para pirar. — Rio. — Kyra tem pavio curto.

Millos ri alto.

— Ela tem!

— Ontem o namorado da Helena esteve lá no bufê — comento animada, porque sempre gostei de assistir aos esportes na TV e quase não acreditei quando descobri que o “Bê” da Helena era Bernardo Novak, o surfista. — Eu era superfã dele anos atrás, quando o vi surfando aqueles monstros de água. Esse ano, antes de te conhecer, estava acompanhando um reality que ele apresentou em Noronha.

Millos fica sério.

— Eles estão praticamente casados, pelo que entendi de Kyra — informa sério. — Não sei se fica bem você *tietar* o futuro marido de uma de suas chefes.

Arregalo os olhos diante da acusação implícita.

— Eu não *tietei* ninguém! Mal falei com ele, estou só comentando contigo que fiquei surpresa ao descobrir que... — Bufo irritada. — Por que você acha que eu iria ficar “*tietando*” namorados alheios?

Millos respira fundo, passa a mão na barba e sorri sem graça.

— Desculpe-me, fui grosseiro e sem noção agora.

O garçom volta com nossas bebidas, e espero que se afaste para concordar com ele.

— Foi mesmo, muito sem noção! — Pego a taça do vinho branco que ele escolheu e tomo todo o conteúdo de uma só vez, achando gostoso.

— Ei, devagar com isso. — Ri. — Vamos trabalhar depois do almoço.

Mesmo depois de ter bebido todo o vinho da minha taça, ainda sinto um bolo na garganta, algo engasgado que preciso pôr para fora.

— Você acha que, só porque ficamos em Carrancas, eu me atiro em cima de todo homem que conheço?

Millos se apruma e para de me servir a água que o garçom trouxe junto à garrafa de vinho branco.

— Não — responde sério. — Eu fui babaca agora há pouco.

— Por quê?

Meu coração está disparado, esperando ansiosamente por uma resposta que demonstre que ele – mesmo sem nenhum motivo – sentiu ciúmes de mim. Não falei de Bernardo pensando em causar qualquer reação, foi somente um comentário aleatório, mas apenas a possibilidade de ele ter ficado enciumando já me enche de esperança de ter de volta o que tivemos em Carrancas.

— Porque eu não...

O telefone dele toca alto, interrompendo-o. Millos xinga, pega o aparelho – que para de tocar – e franze o cenho assim que o olha.

— Recebi mais de 30 mensagens de Theodoros — comenta.

— Pode retornar a ligação, deve ser importante.

Ele não me olha, lendo as mensagens que recebeu no telefone. De repente, Millos se põe de pé, pálido, sua expressão assustada.

— Terei que cancelar nosso almoço. — Chama o garçom. — Vou te deixar no bufê e...

Percebo que ele está hiperventilando e me levanto também, sem entender o que está acontecendo.

— Millos, o que houve?

Ele treme, parece que vai passar mal, então, sem nenhum aviso, puxa-me para seus braços e me abraça apertado.

— Meu primo, Kostas, foi baleado. — Ele treme tanto que o abraço de volta e afago suas costas, tentando acalmá-lo. — Preciso ir ao hospital. Theo está sozinho e desesperado.

— Respira, Millos — digo baixinho, minhas mãos acariciando-o devagar. — Vai ficar tudo bem. Chame o seu motorista e vá encontrá-los, eu peço um táxi para...

— Não, eu te deixo lá. — Ele me olha. — Preciso passar na Karamanlis para avisar alguém. — Sua voz, baixinha, toca meu coração quando diz: — Fica comigo!

Balanço a cabeça em confirmação e repondo:

— Vamos!

Ele encosta a testa na minha, sua respiração ainda forte, o coração disparado fazendo a veia de seu pescoço saltar.

— Obrigado.

Ajo sem pensar, apenas encosto meus lábios nos dele, e sou correspondida com um beijo terno e saboroso. Sinto-o relaxar, seu abraço ficar menos tenso e sua respiração regularizar.

Sorrio quando nos separamos e pego sua mão. Millos suspira, parecendo resgatar sua força, e fala com o garçom, mas não presto atenção em suas palavras, olhando nossas mãos juntas, os dedos entrelaçados.

Movo-me com ele quando começa a andar na direção da saída, a passos largos, fazendo com que eu praticamente corra ao seu lado. Sinto como se meu coração fosse saltar pela boca, com medo de que algo de ruim aconteça a seu primo.

Deus, não permita que o homem morra!

30

Well, everybody hurts
Sometimes, everybody cries
And everybody hurts, sometimes
But everybody hurts, sometimes
So hold on[52]

138, 139...

— Boa tarde, dout...

Ignoro o cumprimento da funcionária por quem passo, concentrado em manter a calma para fazer o que tem que ser feito e estar preparado para suportar um nível de desespero que nunca pensei em ver novamente no rosto de uma mulher.

140; 141...

Paro de contar meus passos e respiro fundo ao parar na frente da porta da gerência de *hunters*, onde Wilka Maria deve estar trabalhando normalmente, sem nem mesmo ter ideia do que aconteceu ao Kostas.

Por que isso teve que acontecer?!, minha consciência grita e me acusa,

mais uma vez, de ter jogado com a vida dos dois. Se eu tivesse, desde que descobri quem Kika era, contado a verdade, sem joguinhos, talvez os dois estivessem juntos há mais tempo e tivessem aproveitado... *Não! Não posso pensar como se ele já estivesse morto!*

Theodoros disse que Kostas estava em cirurgia, mas ainda não sabia de seu estado. *Ele salvou minha vida, Millos!* As palavras de Theo, ao telefone, não saem da minha cabeça, e sinto um arrepio gélido ao pensar no que os dois fizeram ao irem confrontar Viviane Lamour.

— Por que você não segue direto para o hospital? — Mariana me questionou assim que o carro parou em frente ao bufê de Kyra. — Está tão nervoso, não é melhor saber o que está acontecendo de uma vez?

Concordei com ela, porém sabia que, antes, precisava ir à Karamanlis.

— Preciso buscar Wilka na empresa. — Ela franziu a testa, sem saber de quem eu estava falando. — Wilka e Kostas estão juntos, apaixonados...

Ela arregalou os olhos, entendendo o porquê de eu não seguir direto para o hospital, e concordou.

— Espero que tudo corra bem. Alguém vai avisar a Kyra? Ela saiu mais cedo para uma reunião e já deve estar voltando.

Ai, merda!, pensei.

— Vou avisá-la, sim, não se preocupe.

Ela pegou minhas mãos, as suas tão frias, e me olhou de um jeito que fez meu corpo inteiro estremecer. Naquelas íris azuis, vi carinho, cuidado e preocupação.

— Vou terminar o trabalho com Helena e depois irei para casa. Qualquer coisa que você precisar e eu puder ajudar...

— Eu sei. — Afaguei seus cabelos com a mão livre. — Vou pedir ao Cris que venha te buscar mais tarde, porque Kyra...

— Não se preocupe comigo. — Sorriu triste. — Sua família precisa de

você neste momento.

Uma vontade enorme de abraçá-la forte e beijá-la tomou conta de mim, mas, ciente de que não estávamos sozinhos, tentei não ceder à tentação de tê-la em meus braços e receber o consolo e a paz que somente Mariana parecia capaz de me dar.

Ela se despediu e saiu do carro, e, logo depois, pedi a Cris para seguir para a empresa.

— Chegando lá, vamos trocar de carro — instruí-o, pensando que seria melhor que eu fosse dirigindo a sós com Kika, porque não fazia ideia de como ela estaria. — Eu vou dirigir esse, e você pega um outro da empresa disponível para buscar Mariana mais tarde no bufê.

— Sim, chefe. — Cris me olhou preocupado pelo retrovisor. — Eu sinto muito que tenha ocorrido algo com o doutor Konstantinos.

— Eu também, Cris. — Bufei e fechei os olhos. — Eu também!

— Doutor Millos? — a funcionária da gerência de *hunters* me chama de novo, e a encaro, deixando minhas memórias se desvanecerem. — Tudo bem?

— Tudo. — Tento não parecer tão desesperado quanto estou. — Wilka está aí dentro?

Aponto para a sala, e a funcionária assente.

— Está, sim, pode entrar.

Agradeço-lhe e abro a porta devagar, respirando fundo, sabendo que tenho a missão ingrata de dizer à mulher lá dentro que o homem que ela ama está entre a vida e a morte.

— Oi, doutor, boa tarde — Wilka me cumprimenta radiante, um sorriso bobo, os olhos brilhando de alegria. — Posso ajudá-lo com algo?

Vá direto ao assunto, Millos!, aconselho-me mentalmente.

— O Kostas...

Engasgo-me e engulo as palavras assim que avisto, em cima da mesa que meu primo usa, uma sacola de presente de uma das mais tradicionais e caras joalherias de São Paulo.

Quase perco o fôlego e desabo na frente de Wilka apenas pela mera ideia de que, dentro da sacola, possa ter um anel de compromisso. Ela, alheia ao que está acontecendo, dá risadas ao perceber que notei o presente e que desconfio do que seja.

— Ele ainda não voltou, e acabaram de entregar isso aqui. — Aponta para o presente, parecendo exultante. — É estranha a demora dele, pois disse que estaria de volta à empresa depois do almoço. — Pega seu aparelho celular, e entendo que pretende entrar em contato com Kostas. — É urgente o que precisa tratar com ele ou dá para...

Tomo fôlego e acho que isso chama atenção para mim, pois Wilka me encara curiosa. Respiro como se tivesse corrido uma maratona, olho para o presente de esguelha, meu coração em pedaços, e tento lhe contar o que aconteceu, mas não encontro as palavras.

— O que houve? — ela pergunta baixinho, provavelmente concebendo que algo está errado comigo.

Respiro fundo e resolvo não contar aqui o que aconteceu.

— Eu preciso que você venha comigo. — Estendo a mão para que ela a pegue e eu possa tirá-la da empresa, mas Wilka não se move.

— Por quê? — Seu lábio inferior treme, e percebo seu corpo tenso. — O que aconteceu, Millos?

Abaixo a cabeça, sem coragem de encará-la e ver a dor estampada em sua face.

— Houve um incidente, e Theo me ligou há pouco... — Respiro fundo mais uma vez antes de continuar, ainda decidido a não contar a ela ainda o que aconteceu com Kostas. — Nós descobrimos quem vendeu os documentos

para a concorrência.

— Theo e Kostas brigaram ou...

Por que tem que ser tão difícil?!

Nego.

— Kostas salvou a vida do Theo. — Olho-a, quase implorando que não me faça contar aqui, que não me faça falar a fim de que eu não veja nela a dor que está me arrebentando neste momento. — Eu te conto tudo no caminho, mas agora preciso que você venha.

Wilka cambaleia, e corro para apoiá-la e não a deixar cair. Sinto-a estremecer, e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Como ele... — Soluça, incapaz de conter o pranto por mais tempo. — Como Kostas está?

— Em cirurgia. — Tento não a alarmar contando detalhes. — Não tenho mais informações, precisamos ir.

— Eu não pensei em mais nada, apenas corri na direção dele assim que ouvi o disparo e o estrondo de sua queda — Theo me conta, sentado num canto da sala de espera, bebendo o café que Alexios e Samara trouxeram para todos.

— E Viviane? — inquiro, curioso sobre o paradeiro da louca assassina.

— Acho que se desesperou quando viu o que tinha feito, largou a arma e saiu pelos fundos. Quando liguei para o socorro médico, a polícia também apareceu, e ela já a está procurando.

— Vou ligar para Sâmi e contar a ela o que aconteceu — informo, já escrevendo mensagens para minha amiga, que, como policial federal, pode ajudar caso Viviane tente sair do país. — Essa mulher tem que pagar pelo que

fez e tentou fazer!

— Eu não consigo me perdoar...

Encaro Theodoros e nego.

— Não foi sua culpa, Theo.

— Eu não deveria ter ido confrontá-la! Talvez, se não tivesse chegado, ela não tentaria nada contra Kostas.

— Não sabemos. Ele foi até ela também, estava louco de raiva. Não sabemos o que teria acontecido. Achei que Kostas tinha se acalmado, que, por ter se reconciliado com Kika, não iria fazer nada por impulso sobre o que descobrimos e...

— Viviane disse que eles estavam juntos, tentando me prejudicar — Theo comenta. — Sei que é verdade, vi isso na expressão de Kostas, talvez por isso ele tenha decidido resolver o assunto por conta própria, por se achar responsável.

— Sim, mas isso não importa agora, não é? — Theo negou. — O importante é que ele fique bem e saia dessa.

— É tudo o que tenho pedido.

Meu celular vibra em minha mão, e o abro para ver se é Sâmi com notícias de Viviane.

“Já estou em casa. Kyra não voltou para o bufê, então creio que esteja aí. Estou rezando muito para que tudo fique bem para seu primo. Quando puder, dê notícias.”

Saio de perto de Theodoros e releio a mensagem carinhosa de Mariana. Olho Kyra, que chegou ao hospital há algum tempo, conversando com Samara, Alexios e Kika, e respondo a mensagem:

“Oi. Kyra está aqui conosco, sim. Estamos aguardando a cirurgia acabar para ter notícias e cuidar da transferência dele para um hospital particular. Assim que tudo se resolver, vou para casa.”

Mal acabo de enviar a mensagem, o médico entra na sala de espera e fala o nome de Kostas. Kika é a primeira a se levantar do sofá, à espera de notícias.

Olho para ela, tão firme, mesmo com os olhos vermelhos de chorar. Saímos da Karamanlis juntos. Wilka demonstrou força e uma coragem que me deixou desconcertado, controlando a si mesma, ainda que eu sentisse, em todos os meus poros, a dor que ela estava sentindo.

Apenas durante a viagem de carro é que pude contar detalhadamente o que houve. Mais uma vez, a positividade dela me deixou sem palavras, surpreendendo-me, pois eu esperava que se desesperasse, mas não, ela tinha certeza de que Kostas iria se recuperar.

Agora, enquanto o médico fala sobre a cirurgia, noto que ela aperta as mãos, torcendo-as, demonstrando seu nervosismo. Samara a ampara, abraçando-a pelos ombros, e troco olhares com Alexios.

Eles não fazem ideia!

Recrimino-me por ainda jogar com a vida dessas pessoas, por saber de seus segredos e não os revelar. Penso na conversa que tive com Chicão, na caderneta que já sei que Alexios achou no casarão, mas que ainda não o levou a lugar algum, pois ainda ignora a ligação existente entre algumas pessoas nesta sala.

O médico termina de falar, e logo pergunto sobre a possibilidade de transferência, via helicóptero UTI, para outro hospital.

— Assim que se passarem 72 horas da cirurgia, se ele ainda não tiver

acordado, acho que é possível, sim, a remoção para outro hospital.

— Ele corre o risco de não acordar? — A pergunta, feita por Kika, deixa-me alerta.

— O edema cerebral é sério, mas ainda não podemos dar nenhum prognóstico. Precisamos aguardar.

— Ele vai acordar, eu tenho certeza!

O otimismo dela me assusta e consola ao mesmo tempo, e penso no quão cabeça-dura é meu primo e que isso precisa servir para algo.

Ele tem que acordar!

Abro a porta do *loft*, paletó dobrado no braço, pasta na mão e uma enorme sensação de peso nos ombros.

Kostas foi transferido para a UTI do hospital e só poderá ser removido para uma rede particular quando ficar estável. Kika não quis voltar para casa, embora eu tenha tentado todos os argumentos possíveis para que ela fosse embora e descansasse.

O hospital onde ele está não oferece um local para que ela fique a não ser a sala de espera, com apenas cadeiras, e, como Kostas está na UTI, Kika não pode ficar com ele. Por isso não fazia sentido ela esperar lá, mas a mulher é tão teimosa quanto meu primo!

A preocupação com o estado de Konstantinos deixou a todos atordoados. Kyra não conseguiu voltar para a empresa e foi para o apartamento de Theo ficar com o irmão mais velho, a cunhada e a sobrinha. Alexios foi embora com Samara, então me senti na obrigação de voltar à Karamanlis e comunicar o ocorrido aos funcionários, principalmente os da gerência de Kika e os da diretoria jurídica.

Foi uma comoção geral, seguida de verdadeira estupefação. Todos

ficaram preocupados com Kostas, mas também não esconderam a surpresa por Kika não voltar à empresa enquanto ele não se recuperasse.

Infelizmente, o projeto da Ethernium não poderia parar, e coloquei o doutor Murilo interinamente no lugar de Kostas, à frente da diretoria jurídica, e Leonardo, um dos braços direitos da Kika, para tocar os *hunters* sob a supervisão de Alexios.

Eu, que me senti tão aliviado por ter entregado ao Theo o cargo de CEO, sabia que meu primo não teria condições, por ora, de voltar 100% ao trabalho, então pedi a Luiza que me entregasse a agenda da diretoria executiva para dar seguimento ao já planejado para o resto da semana.

Fiquei um tempão parado feito uma estátua na sala de Theodoros, sem saber como agir e sem conseguir coordenar meus pensamentos, até que Sâmi ligou avisando da prisão de Viviane Lamour.

— *A desgraçada tentou sair do país e ir para a Argentina!* — disse bufando de raiva. — *Sorte que já havíamos alertado a PF do aeroporto.*

Um enorme alívio me tomou.

— É uma ótima notícia, Sâmi. Obrigado por sua ajuda.

— *Como ele está, Millos?*

Suspirei.

— A cirurgia foi boa, agora é esperar estabilizar.

— *Vai dar tudo certo, pode acreditar!*

Nós nos despedimos, e resolvi ir para o *loft*, tomar um banho e tentar dormir. No trajeto, pensei em Mariana e no que eu sentia quando ela me abraçava, no poder que esse simples gesto, que eu evitava havia anos, tinha de me acalentar.

Lembrei-me de como saímos do restaurante juntos, de mãos dadas, coisa que nunca fiz com ninguém, e da vontade que tive de envolvê-la em meus braços e beijá-la, mesmo diante de Cris.

Minha consciência ainda me cobra uma postura mais racional com relação a Mariana. Tenho muitos motivos para não querer um envolvimento, tanto por ela quanto por mim mesmo, mas, ao que parece, o desejo não tem sido barrado por nenhum deles.

Paro em seco assim que a vejo dormindo no sofá de couro, os pensamentos e lembranças se esvaindo, e todo meu corpo se concentra no dela.

Mariana está de pijama – se é que o minúsculo baby-doll de seda branca pode ser chamado disso –, e o tecido fininho abraça seu corpo, delineando cada curva. Meu coração dispara, e a boca fica seca. Não consigo me mover, apenas devorá-la com os olhos, enquanto se mantém serena e relaxada em seu sono.

De repente, no entanto, ela abre os olhos, como se pressentisse que está sendo observada, e me encara. Um sorriso tímido se esboça em seu rosto, e ela se senta, ajeitando a blusa do pijama de modo a cobrir seus seios.

Puta que pariu! Fecho os olhos assim que percebo a linda sombra de seus mamilos através do tecido quase transparente.

— Tudo bem? — ela pergunta, e ouço seus passos no assoalho de madeira. — Millos?

— Cansado — respondo, ainda sem coragem de abrir os olhos, pelo menos não enquanto não recupere o bom-senso. — Foi um longo dia.

Sinto a mão dela sobre meu peito, em seguida a gravata é afrouxada, e o nó, desfeito. Abro os olhos e seguro a mão de Mariana quando ela começa a desabotoar meu colarinho.

Olhamo-nos.

— É melhor eu subir para tomar um banho e descansar um pouco. — Ela se afasta, e sinto vontade de puxá-la de volta para perto, mas isso não seria o melhor para nós dois. — Os próximos dias serão tão longos quanto o de hoje.

— Sim. — Noto que está sem jeito, pois não tira os olhos do chão. — Quer comer algo?

Quase rio da pergunta, porque a única resposta possível a ela é “sim”, mas não tenho fome de alimento, que é o que ela quer saber, mas totalmente dela.

— Não, obrigado. Só quero descansar mesmo.

Passo por ela, seguindo direito para o andar de cima, sem olhar mais nenhuma vez para trás, temeroso de fazer uma cena patética de correr para perto de Mariana, tomá-la em meus braços e levá-la para a cama.

Tiro a roupa de qualquer jeito no closet e, no banho, enfio minha cabeça debaixo da potente ducha do chuveiro, retendo minha respiração, tentando encontrar novamente o caminho da serenidade pelo qual venho andando há anos!

Solto o ar e xingo baixo, constatando que, definitivamente, ele não existe mais!

31

But I'll see your true colours, shining through
I see your true colours, and that's why I love you
So don't be afraid, to let them show
Your true colours, true colours
Are beautiful, ooh like a rainbow.[53]

— O que tem atrás dessa porta? — indago a Kyra enquanto meus braços vão cheios de caixas dos doces que usaremos para mais uma prova.

— Acesso ao apartamento lá de cima — ela diz, ainda com a cara na tela do celular, conversando com alguém, com uma ruga de preocupação entre os olhos. — Está trancada porque a Bia está usando a unidade enquanto o *apê* dela está em obras, mas a entrada principal fica na rua de trás — Kyra responde a pergunta sem me olhar, os dedos digitando freneticamente conforme saímos da cozinha para o showroom, onde haverá a degustação de possíveis cardápios para uma noiva.

Ela tem andado assim, dispersa, todos os dias desde que seu irmão foi baleado. Na primeira semana não veio para o bufê e deixou tudo a cargo de Helena, depois voltou a vir apenas na parte da tarde e a fazer somente eventos em que sua presença fosse indispensável.

Millos também está nesse ritmo louco, revezando-se entre mim, a empresa e o primo no hospital. Com o acúmulo do trabalho na Karamanlis, o atraso nos projetos e ainda a preocupação com o estado de saúde de Kostas, ele vai ao *loft* apenas para dormir.

Sinto-me um peso às vezes e penso que talvez tenha chegado a hora de tentar bater asas e seguir meu caminho sem ele. Contudo, os poucos momentos que temos juntos me fazem repensar o assunto e considerar a hipótese de que eu possa estar sendo um importante apoio para Millos.

Sorrio feito boba ao me lembrar da noite passada, quando essa percepção ganhou conotação de certeza.

Millos chegou do trabalho, e eu estava fazendo panquecas recheadas de frango com molho e queijo, nada de surpreendente, é verdade, mas o cheiro estava muito bom, perfumando todo o ambiente, e uma música baixa tocava no meu celular.

Não foi a primeira vez que ele chegou e eu estava na cozinha, preparando nossa refeição e ouvindo um som, mas, dessa vez, Millos se sentou na bancada e ficou me observando trabalhar. Isso me deixou alerta, porque ele costumava passar por mim, cumprimentar-me e então seguir para o mezanino, onde tomava banho antes do jantar.

— Você sempre está ouvindo essa playlist — comentou assim que se sentou à bancada, com meu celular ao seu lado.

Concordei e sorri sem jeito, pois sei que nossos gostos musicais são bem diferentes.

— Eu gosto dela, e agora, que fiz conta nesse aplicativo, fiquei viciada em ouvi-la. — Dei de ombros. — Te incomoda?

Millos negou.

— Não é meu estilo, mas não me incomoda. Só fico surpreso de você gostar de músicas tão melancólicas.

Millos ergueu as sobrancelhas, e dei risada, porque não era a primeira vez

que eu ouvia esse tipo de comentário. Kátia e meu irmão sempre reclamaram do meu gosto musical.

— Eu gosto de trabalhar ouvindo música lenta. Ajuda a me deixar concentrada.

— Hum... — Ele me olhou de um jeito estranho. — Posso desligar o som?

A pergunta me surpreendeu, e fiquei com medo de estar aborrecendo-o ao ouvir música, afinal, o clima estava bastante pesado por conta do acontecido com Kostas, que estava em coma havia algumas semanas, e Millos não sabia quando, ou se seu primo iria acordar.

Concordei e fui pegar a travessa com as panquecas no forno, engolindo em seco por achar que estava abusando da hospitalidade de Millos. Ouvi quando minha música parou, mas, antes que eu pegasse a comida, ouvi soar uns acordes de guitarra, e uma melodia deliciosamente suave, como as que eu gosto, tomou conta do lugar.

Fechei a porta do forno – que já havia desligado – e olhei assustada para Millos.

Ele estava sentado numa poltrona perto de onde ficam seus instrumentos musicais bagunçados e dedilhava *Love of my Life,* do Queen, na guitarra, que ligou ao amplificador.

Suspirei, encantada, e me apoiei na bancada, deslumbrada com o homem à minha frente. Era óbvio que eu imaginava que Millos tocava alguma coisa, mesmo porque havia uma variedade grande de instrumentos naquele canto do *loft*, mas nunca o tinha ouvido tocar.

Além do som incrível que a guitarra produzia, eu podia ver refletida em seu rosto toda a emoção da música. Percebi, então, que ele não estava tocando por tocar ou porque lhe deu vontade, mas que estava se derramando através da canção, relaxando, deixando tudo de si naquela melodia.

Ele se desnudou entre os acordes, tirou a máscara do homem controlado e do executivo racional e deixou vir à tona o Millos relaxado que brincou

comigo naquela cachoeira lá em Carrancas.

Ao final da música, olhou em minha direção, sorriu quando percebeu que estava sendo observado e encerrou sua performance.

— Uau! — Aplaudi-o.

Ele colocou a guitarra de lado e foi até onde eu estava.

— Me deu vontade de tocar. — Passou o polegar no meu lábio inferior, contornando-o. — Sinto vontade de tanta coisa ultimamente e tenho me negado tudo.

A confissão fez meu coração acelerar.

— Uai, por quê?

Prendi o fôlego esperando sua resposta, mas ele apenas deu de ombros.

— Você teve mais uma sessão hoje com a terapeuta, não foi? — Assenti, percebendo a mudança proposital de assunto. — Como tem sido? Tem ajudado?

Sorri diante de sua preocupação.

— Muito! — Fui sincera. — É bom ter com quem conversar.

Ele respirou fundo, tirou a mão de mim e me encarou.

— Desculpa por deixá-la tanto tempo sozinha aqui, eu...

Pus minha mão sobre sua boca para impedi-lo de justificar algo que eu nem mesmo pensei em cobrar.

— Não falei por isso. É diferente conversar com um amigo e conversar com um profissional. — Ele concordou. — Além disso, não fico aqui, abandonada. — Sorri. — Vou para o bufê todos os dias e ajudo a Lena e a Kyra, ganho meu dinheiro. — Pisquei. — Isso tudo não seria possível sem você.

Millos segurou minha mão. Pensei que ia afastá-la de seus lábios, mas, ao

invés disso, pressionou-a mais e a tocou com a língua.

Senti um enorme arrepio cruzar meu corpo. Todos os meus sentidos ficaram alertas, o coração batendo rápido, a respiração mais acelerada. Esperei pelo seu próximo passo, ansiosa por senti-lo de novo em meus braços, sua boca sobre a minha, suas mãos tocando-me com paixão.

Millos me puxou de encontro ao seu corpo, segurou minha cintura e, sem dizer uma só palavra mais, ergueu-me e me colocou sobre a bancada. Não falamos nada, trocamos olhares, respiramos juntos. Eu estava de vestido, sentada sobre o mármore, e ele, entre minhas coxas, ainda de terno.

Não resisti à tentação de tirar um pouco do jeito alinhado de executivo e passei as mãos em seus cabelos, soltando-os da pomada que utiliza para mantê-los penteados, bagunçando-os como os usa quando não está a trabalho.

Ele não riu, não tentou me parar ou mesmo esboçou qualquer reação. Apenas me olhava, respirando fundo, como se quisesse ver minha alma.

Senti sua mão se mover, percorrer minhas costas e chegar até a nuca. Millos emaranhou seus dedos na raiz dos meus cabelos e os segurou firme. Meu queixo se ergueu quando os puxou de leve, reclinando minha cabeça, e seu olhar se desviou para minha boca.

Estremeci, e o tempo pareceu parar diante da expectativa de um beijo.

O último contato íntimo entre nós fora quando ele recebeu a notícia sobre seu primo, lá no restaurante onde iríamos almoçar, e, desde então, temos conversado, convivido, mas sem um toque sequer.

Umedeci os lábios involuntariamente, e o gesto fez com que Millos gemesse alto, quase um rosnado, e o puxão nos meus cabelos ficou mais forte. Sentia meus seios pressionando o peito dele toda vez que eu respirava, pois estávamos bem juntos, então uma ideia se formou, e imediatamente a executei: abracei-o com minhas pernas. Queria o contato mais íntimo dos nossos corpos. Contudo, mesmo a bancada sendo alta, Millos é bem grandão, e não houve o encaixe que eu esperava. Pelo menos até que ele se movesse, abaixando-se um pouco, buscando o mesmo que eu.

Gemi e fechei os olhos, logo em seguida senti a língua dele se arrastar sobre meus lábios. Arrepiei-me inteira de tesão, sendo lambida como se fosse uma sobremesa a ser degustada bem devagar.

Tive que apoiar minhas mãos no mármore da bancada, porque já não podia contar com minha coluna. Meus músculos viraram gelatina diante daquele beijo/lambida, e eu temia cair para trás.

Tudo estava perfeito: o contato duro de seu membro quente, que pulsava sob a calça social, entre minhas coxas; a mão firme que segurava meus cabelos enquanto a outra passeava por meus ombros, fazendo um jogo de “tiro ou não tiro” com as alças do vestido; e, claro, sua língua quente e única pincelando sobre minha boca, tentando abrir meus lábios para se afundar em minha garganta.

Relaxei os lábios, e o beijo mudou. Boca na boca, uma fome frenética, línguas se tocando, invadindo o espaço uma da outra. Eu mal conseguia respirar, sentia-me devorada, *deliciosamente devorada*.

Agarrei-o pelo pescoço e me acheguei mais, colocando meu corpo totalmente contra o dele. Millos achou o fecho do vestido nas minhas costas e o abaixou, deixando-o solto sobre meus ombros.

Nada mais parecia existir! A bancada fria parecia ferver embaixo de mim, o cheiro de comida caseira sumiu, e eu sentia apenas o perfume másculo e inebriante de Millos. Sentia como estava molhada também, emitia gemidos, abafados pela sua boca, a barba macia acariciando meu rosto. Queria ser tocada, ser amada como ele fez naquele hotel havia tanto tempo, não dava mais para esperar.

Millos se afastou, respiração acelerada, seus olhos verdes brilhando como se estivessem em fogo. Temi que se afastasse ainda mais e me pedisse desculpas pelo beijo, mas ele apenas tomou a distância necessária para abaixar as alças do meu vestido e me olhar detalhadamente.

— Você é linda! — comentou quando tocou meu seio direito. — Perfeita e delicada. — Roçou o polegar no mamilo, e eu gemi. — É uma tortura te ver, me lembrar do sabor do seu corpo e não o ter novamente.

Respirei fundo.

— Por que não?

Ele deu de ombros.

— Porque não sou o homem certo para você. — Encarou-me sério. — Eu sou complicado, não sei nem mesmo como agir nessa nossa situação. — Bufou. — Não tenho relacionamentos, Mariana. Não sou talhado para tê-los.

A confissão dele me deixou sem palavras, porque, ainda que eu soubesse sobre a que estava se referindo, não entendia o motivo que o fazia acreditar que não podia ser diferente entre nós.

— Mas me quer...

— Porra! — Ele riu de si mesmo. — Desesperadamente...

Aprumei meu corpo, segurei-o pela gravata e disparei:

— Eu quero você não importa como. Eu quis você desde quando abri os olhos naquele hospital. — Millos fechou os olhos. — Quis você quando me lembrei de quem eu era; quando estava em casa, achando que nunca mais nos veríamos, e mesmo depois da violência que sofri, continuei querendo você.

Ele negou com a cabeça.

— Você não me conhece. — Segurou firme em minha coxa. — Você não faz ideia do que já vivi, do que sou e do que escondo.

Sorri.

— Não tenho medo de você, Millos Karamanlis. E, mesmo que não acredite, eu vejo você! Não preciso que me diga quem é, o que fez ou o que esconde, vejo você através de seus atos, seus gestos, suas ações.

Foi ele quem riu quando eu disse isso.

— Você vê o que permito que veja, não se engane.

— Eu gosto do que você me permite ver. — Peguei a mão que ele apoiou

em minha coxa e a arrastei até meu quadril, por baixo do vestido. — Gosto do modo que me faz sentir.

— Mariana...

Percebi que ele ainda lutava com sua racionalidade, que ainda poderia recuar e repensar a ideia de me fazer sua naquele momento. Eu sabia que não tinha a experiência necessária para convencer e seduzir um homem; nunca havia feito nada parecido, porém confiei em meus instintos, no que tinha vontade de fazer, e fiz.

Desfiz o nó de sua gravata, comecei a desabotoar sua camisa, mesmo que ainda estivesse com o paletó. Senti a mão de Millos deslizar do meu quadril para o meio de minhas coxas, seu dedão contornando minha virilha, e me movi em sua direção, o que o fez gemer. Abri sua camisa, expondo as tatuagens que tanto admirei lá em Minas.

Toquei-o devagar, contornando os desenhos, sentindo pequenos relevos de cicatrizes por seu tórax e abdômen. Havia uma tatuagem que não tinha visto antes, sem nenhum relevo debaixo dela, e tive que prender a respiração ao vê-la.

Uma andorinha!

Millos havia tatuado uma andorinha em seu abdômen. Claro que isso poderia ter vários significados, mas pensei, assim que a vi, no hotel em que ficamos em Carrancas. *Recanto das Andorinhas*! Eu nunca esqueceria o nome daquele lugar, e ver que ele tatuara o pássaro no corpo me deixou tão emocionada que meus olhos ficaram cheios d'água.

— É uma andorinha, não é? — perguntei.

Millos parou um instante de passar seu polegar sobre minha calcinha, e ouvi quando tomou fôlego.

— É.

Voltei a olhar para seu rosto, mas sem deixar de tocar o desenho em sua pele. Millos estava sério e parecia que não ia falar mais nada sobre a

tatuagem, então não forcei o assunto, tirei a mão do pássaro e acariciei sua barba.

Uma parte do clima se foi. Eu percebi que ele estava tenso novamente e culpei minha boca grande por ter estragado o momento, embora tenha amado descobrir a tatuagem. Se, realmente, o passarinho foi feito depois de nossa estada naquele hotel, significava que o tempo que ficamos juntos lá foi tão especial que ele quis deixar marcado.

E isso me encheu de esperança!

Millos voltou a me beijar, mas dessa vez sem a fome de antes, acariciou meus cabelos e voltou a mão para minha coxa.

— Acho que está óbvio o que vai acontecer entre nós. — Concordei, gostando que ele não estivesse mais negando. — Eu só não quero machucar você, Mariana. Não me deixe machucar você...

Meu coração disparou por causa do tom da voz dele. Millos tinha a certeza de que poderia me machucar, mesmo tendo sido tão amável e cuidadoso comigo durante todo o tempo. Isso me confundiu, e eu estava prestes a perguntar o que significava, quando o telefone dele começou a tocar.

Vi-o se afastar, atender a ligação, falando em grego – *Deus, que língua impossível de se entender!* –, e depois, quando desligou o telefone, xingar.

— O que houve? — questionei preocupada, pois poderiam ser más notícias sobre Kostas.

Ele fechou os olhos, voltou a abotoar a camisa, mas tirou o paletó e a gravata, antes de anunciar:

— Vou jantar fora. — Arregalei os olhos. — Meu avô me pediu que o encontre no hotel onde está, e não tive como negar.

Forcei um sorriso, compreendendo que ele deveria ir, mas ainda assim lamentando.

— Eu guardo as panquecas para amanhã. — Desci do balcão e ajeitei meu vestido, de costas para ele.

Assustei-me quando Millos me abraçou pelas costas e apoiou o queixo em minha cabeça.

— Nossa conversa ainda não acabou. — Afastou-se um pouco e beijou a curva do meu pescoço. — Eu quero você na minha cama, mas desde que entenda que entregarei tudo o que tenho ali, nada mais.

Franzi o cenho, mas não questionei o que significava, pois ele logo se despediu, pegando a chave do carro e saindo.

— Ei, Mari! — Kyra me chama, e a vejo balançar a mão na frente do meu rosto. — Terra chamando!

Balanço a cabeça, constrangida por ficar divagando, parada e olhando para o nada na frente dela.

— Uai? Desculpa, me distraí. O que houve?

— Eu tive uma ideia e queria saber se você gostaria. — Provavelmente faço cara de quem não está entendendo nada, porque ela ri e diz: — Não ouviu nada do que eu falei?

— Não. — Gargalho. — Desculpa...

Kyra suspira.

— Acho que é uma boa ideia mesmo! Olha, eu disse que a Bia vai sair do apartamento essa semana e que, se você quiser, pode vir morar nele.

Morar sozinha?!

Meu coração acelera, num misto de emoções contraditórias. Sempre imaginei como seria ter meu canto, minha individualidade, e ter essa oportunidade agora é maravilhoso! Porém, ao mesmo tempo, não quero deixar de morar com Millos.

— Vai ser bom, Mariana! Eu fiz o apartamento para alugar, mas, depois

de uma experiência ruim com isso, comecei a usá-lo como depósito ou quando precisava ficar até mais tarde na empresa. Quando a Bia precisou, vi que ele seria útil e que era muito melhor ter um funcionário morando nele.

— Mas eu não tenho como pagar um aluguel aqui — argumento, afinal, o bufê fica num dos melhores bairros de São Paulo.

— Aluguel? Não tem aluguel! Faremos um contrato de aluguel com valor simbólico. A Karamanlis fez isso para a Bia, e deu supercerto. — Ela fica séria. — Acho que é o melhor a se fazer por enquanto, ou você pretende ficar no Millos por mais tempo?

Eis a questão!, penso, sem saber o que responder.

32

Through these fields of destruction
Baptism of fire
I've witnessed your suffering
As the battles raged higher
And though they did hurt me so bad
In the fear and alarm
You did not desert me
My brothers in arms.[54]

Enquanto eu e Theo esperamos Alexios chegar, ando de um lado para o outro na sala de meu primo, nervoso com todas as novidades que soube ontem, durante o jantar com *pappoús*.

Quando meu avô voltou para o Brasil menos de um mês depois de ter voltado a Atenas, não me surpreendi, afinal, um dos seus netos estava em coma no hospital, e, por mais que o grande Geórgios mantivesse uma pose fria e distante, eu o conhecia bem demais para saber que ele não ficaria em casa enquanto Kostas estivesse entre a vida e a morte.

O que eu não esperava era que, além de *pappoús*, meu tio Nikkós também aparecesse no hospital. O filho da mãe teve coragem de ir visitar o filho com

a cara mais lavada deste mundo e ainda tentar convencer a todos de que estava realmente preocupado. Fiquei satisfeito quando ele não apareceu na primeira vinda de meu avô ao país, quando Tessa estava no hospital, como fiquei sabendo que viria, e não esperava que viesse agora.

— Ele mal dorme de preocupação — Madeline, sua nova esposa, confessou durante um café que tomamos juntos, *pappoús,* ela e eu. — Eu estou com medo de isso afetar sua saúde, afinal, vem andando cansado nos últimos tempos.

Quanto mais eu a olhava, mais me surpreendia de uma mulher como ela ter se apaixonado e se casado com Nikkós. Sim, porque Madeline, ao contrário das outras esposas de meu tio, não tinha nenhum outro motivo para se casar com o desgraçado!

Nikkós também me surpreendeu com o casamento, afinal, conheço bem o gosto de meu tio e sei que ele não curte "coroas". A explicação para aquela união só podia ser uma: *pappoús!*

Durante o tempo em que tomamos o chá, percebi o quanto meu avô adora Madeline e que a mulher também o tem em grande estima. Ele falava dela com o mesmo orgulho com o qual falava do falecido Geórgios, ou de Theo, ou até mesmo de mim. Parece ser algo corriqueiro, mas não! Um homem tão tradicional e antiquado quanto meu avô dificilmente demonstra afeto, ainda mais por gente estranha à família.

Madeline realmente parece a mulher que ele sempre sonhou em ter como nora, mesmo sendo uma mulher de negócios, com dinheiro próprio e independente.

Outra peça de um quebra-cabeça que não consigo montar: como uma mulher com o currículo dela se deixou submeter por Nikkós? O filho da puta assumiu uma cadeira importante no Conselho da empresa dela, a fez se mudar de sua residência na Suíça para uma casa enorme no mesmo bairro de *pappoús*, comprada com o dinheiro dela!

Não faz sentido!

A mulher é uma esposa devotada, submissa e totalmente dedicada ao meu tio. Com certeza ignora os casos que ele deve manter – porque, como dizem por aqui, galão que já levou gasolina nunca perde o cheiro! – e a incompetência, camuflada por arrogância, pela qual ele é famoso.

Nikkós a fez acreditar que os filhos têm mágoa dele por causa dos divórcios e que ele sempre foi um pai dedicado e abnegado. Eu a ouvia falar do marido e tinha vontade de sacudi-la, de gritar que seu marido era um filho da puta sádico do caralho!

O fato é que, com a vinda dos três para o Brasil, *pappoús* decidiu se estabelecer em uma casa, e a novidade agora é que ele quer comprá-la!

— Por quê? — questionei-lhe durante nosso jantar no quarto no hotel onde está hospedado.

— Quero ficar um tempo no Brasil — disse como se fosse algo muito normal um homem que nunca saía de Atenas vir morar em outro país. — Meus bisnetos estão aqui, a nova geração da família, e quero ficar para ter certeza de que serão diferentes da geração anterior.

Bufei de raiva ao ouvi-lo dizer isso. Sei que meu avô ignorava muitas coisas, mas também sempre soube que não era cego e que, vindo de seu filho mais velho, poderia esperar qualquer merda.

— Eu não tenho dúvidas quanto a isso, afinal, ninguém lhes permitirá ter contato com Nikkós.

Pappoús nada disse, apenas assentiu e tomou um gole do vinho do Porto que compartilhávamos após a refeição.

— Theo já me deu uma bisneta e agora já providenciou mais um. Tenho certeza de que seu irmão não demorará a se estabelecer com a filha do Schneider e que eles logo terão sua própria prole.

Suspirei irritado.

— Vai continuar com a bobagem de não se aproximar dele? — Meu avô apenas levantou a sobrancelha, arrogante como só um Karamanlis consegue

ser. — Não se esqueça de que eu sei sobre as fotos e o dinheiro.

Ele ficou sério.

— Eu confio em você, Millos. Não sou um velho gagá, apenas não gosto de ser pressionado. É claro que irei falar com o garoto em algum momento, acha que continuo no Brasil para quê, afinal?

Sorri, porque o velho não dava ponto sem nó.

— E Nikkós?

— Quer ficar também, embora Madeline queira voltar para Atenas. Eu não gostaria de ficar só aqui...

— O quê? O senhor concorda que ele fique?! — Minha indignação era visível, e meu avô fez sinal para que eu me acalmasse.

— Primeiro, não sou autoridade do país para deportá-lo, e você sabe muito bem que ele tem visto permanente aqui por causa dos filhos. — Tive que concordar com meu avô. — E... há Madeline.

— O senhor mesmo disse que ela não quer ficar aqui!

— Ela ficará se eu pedir, e eu gostaria que ficasse.

Olhei para meu avô, estupefato.

— Ah... não me diga que a mulher de Nikkós e o senhor...

Pappoús se engasgou, espirrando vinho para todos os lados.

— Está louco, menino!? Posso ser pai daqueles doentes, mas não sou como eles! Respeito demais minha nora e a quero bem como uma filha.

Ri.

— Não vejo o senhor pleiteando a companhia de nenhuma das minhas tias.

— São todas cabeças de vento! — Ele se limpou. — Não sei onde errei

com meus filhos! Não posso nem culpar Dorothea, porque ela era um anjo. — Concordo, porque minha *giagiá* era mesmo incrível. — Eu queria que pelo menos uma de suas tias tivesse o brio de Madeline.

— Nikkós ficar não é boa ideia! Ele aqui só vai servir para afastar seus netos e bisnetos do senhor.

Ele concordou finalmente.

— Bom... depois preciso discutir esse assunto contigo e achar uma solução, mas, por ora, há algo mais premente.

Senti a tensão. O clima do jantar ficou pesado, e eu soube que toda aquela história sobre morar aqui e sobre Nikkós foi apenas uma introdução. Meu avô e eu somos muito parecidos, principalmente em termos estratégicos. Ele começou com uma novidade surpreendente, passou para uma incômoda e agora vai me dar a bomba!

— Elizabeth Abbot.

O desprezo na voz de *pappoús* era evidente ao falar daquela que, apenas para confrontar os pais, que se negavam a deixá-la ir estudar nos Estados Unidos, casou-se às escondidas com Nikkós e logo o abandonou, quando sua família percebeu que a filha morar na América era melhor do que ter meu tio como genro.

O único problema dos dois egoístas e loucos foi que acabaram tendo um filho juntos: Kostas.

A mulher apareceu no Brasil um tempo depois de meu primo ter entrado em coma. Médica e pesquisadora, fez perguntas muito incômodas sobre o quadro de saúde de Kostas, e todos tememos que estivesse aprontando algo.

— O que tem essa mulher? — inquiri.

— Ela conversou com Nikkós e, pelo que Madeline me contou, pretende tirar Kostas daqui e levá-lo para os Estados Unidos. — Coloquei-me de pé no instante em que ele me deu a notícia.

— Que loucura é essa? Por que ela quer fazer isso?

— Herança! — disse rindo. — A desgraçada se lembrou de que tem um útero e de que dele saiu um ser há mais de três décadas quando ouviu o som das moedinhas!

Xinguei alto, puto da vida por não ter lembrado que os avós maternos de Kostas deixaram todo seu dinheiro para o neto, excluindo a filha do testamento. Meu primo ignorou a herança, nomeou curadores e simplesmente passou a viver como se não tivesse um centavo além daquilo que conquistou sozinho.

Claro que o dinheiro o ajudou a sair da casa de Nikkós quando veio a oportunidade, mas, depois disso, meu primo seguiu sem ele. E, considerando o número de propriedades que a família Abbot tem, Kostas agora é a galinha dos ovos de ouro de sua mãe.

Filha da puta!

— Ela não pode fazer isso! — Olhei para *pappoús* esperando uma resposta afirmativa, mas o velho apenas deu de ombros.

— Eles são os pais dele, e, como Kostas é solteiro e não tem filhos...

— Não, porra! Ela não vai levá-lo!

A partir daquele instante, a noite foi uma loucura. Acordei o advogado de confiança da nossa família, Hal Navega, e conversei com ele sobre o assunto. Bebemos até tarde da noite em um bar, e, quando cheguei a casa, Mariana já dormia.

Fiquei um bom tempo sentado na poltrona do quarto, apenas olhando-a, questionando a decisão que tomei de ceder ao desejo, mas mantendo a cabeça no lugar e a racionalidade ativa.

Preciso, antes de fodê-la como meu corpo clama, conversar com ela e deixar claro como será nosso envolvimento. Mariana é inocente, e eu temo que confunda as coisas, então ser sincero e deixar a escolha nas mãos dela é o melhor a se fazer.

É dessa forma que me sinto seguro, mantendo o controle das emoções e seguindo meus roteiros e planejamentos, sem desvios ou imprevistos. Nunca fiz nada assim, mesmo porque nunca mantive relacionamentos, mas acho que posso conseguir se seguir regras e ela tiver em mente que é apenas para saciar o tesão e nada mais.

Hoje, saí de manhã bem cedo, antes que ela acordasse, pois precisava resolver a situação de Kostas antes mesmo de pensar em resolver minha vida.

— O que aconteceu? — Alexios entra na sala de Theo como uma bala, tirando-me de meus pensamentos e recordações.

— Precisamos intervir em uma situação com Kostas e queria seu apoio — falo, e ele atentamente ouve o que a mãe de seu irmão pretende fazer e o que nós vamos fazer também. — Entendeu?

Alexios treme de raiva, mal controlando seus músculos, que se retesam a cada minuto.

— Não dá! — Theo se levanta de repente. — Eu tento ser como você, Millos, mas não dá.

Ruma para a porta a passos largos.

— Aonde você vai? — questiono-lhe antes que saia.

— Ao hospital! Aquela mulher não vai levar meu irmão, só por cima do meu cadáver!

— Estou contigo!

Alexios se junta ao Theo, e bufo, ciente de que não vou poder controlá-los.

— Eu vou com vocês.

— Isso muda tudo! — falo olhando para meus primos. — Com a gravidez de Kika, Hal pode alegar que ambos tinham uma relação estável, e assim poderemos impedir que aquela louca leve Kostas.

Eles concordam, e vejo em seus olhos a esperança refletida.

Rio e bato nas costas de Theodoros.

— Os dois vão nascer com pouca diferença um do outro. — Refiro-me ao filho que Duda e ele também esperam.

— Sim. — Ele sorri, mas ainda assim parece triste. — É horrível pensar que Kostas pode nunca vir a saber dessa criança.

— Ele vai! — Kyra é quem diz, lágrimas escorrendo por sua face. — Ele merece a Kika e esse bebê! Tim merece!

Alexios apenas assente, parecendo ainda em choque com tudo o que houve desde que chegamos aqui ao hospital. Todos entramos no quarto como se estivéssemos prontos para uma guerra e expulsamos o arremedo de mãe que Kostas tem.

Kika acabou passando mal, e então veio a notícia da gravidez.

— Eu vou ligar para o Hal... — O som alto de risadas interrompe minha fala, e coloco o telefone de volta no bolso do paletó.

— É a Kika? — Kyra pergunta.

Nós, que saímos do quarto há pouco, deixando-a com Kostas, entramos correndo. Theo é o primeiro a parar abruptamente, seguido de seus irmãos, e somente quando me aproximo mais da cama é que vejo os enormes olhos azuis de Kostas abertos.

Theo o toca no braço, emocionado, seus ombros tremendo como se tentasse impedir as lágrimas de saírem.

— Bem-vindo de volta, meu irmão! — ele diz com voz embargada.

Kostas nada responde, parecendo um tanto confuso, e temo que ele tenha

ficado com sequelas.

— Kostas? — Wilka é quem quebra o silêncio. — Você consegue...

— Eu vou ser pai?

A questão feita de modo perfeitamente coordenado, embora numa voz rouca e um pouco falha, faz-me sorrir.

— Vai! Você é meu anjo, meu amor! Ainda bem que voltou para nós!

— Você me trouxe de volta.

Eles se abraçam e se beijam, e fico um tanto incomodado. Claro que não por eles trocarem carícias, mas porque, quando ela o chamou de anjo, lembrei-me de Mariana, e um nó se formou em minha garganta.

Millos, se concentra!

Aproximo-me de Kostas e o toco no ombro, saudando-o, enquanto os médicos aguardam que ele se solte de Kika para examiná-lo.

— Ei, seu fazedor de merda, bem-vindo de volta!

Ele a solta e me olha, então um médico se aproxima e começa a conversar com ele, questionando se está se sentindo bem.

— Sim, estou apenas com uma puta dor de cabeça.

Gargalho junto a todos os outros, e logo depois somos expulsos do quarto pelo médico.

— Ele acordou! — Kyra abraça Wilka. — Ele acordou!

— Eu sei... Eu tinha acabado de dar um esporro nele por ter de criar nosso filho sozinha.

Gargalho.

— Ah, porra, está explicado por que ele acordou! Ele não perderia mais essa briga contigo!

Wilka nega.

— Não, ele acordou porque me ouviu chamar, porque sabia o quanto eu precisava dele. — Ela sorri, mas as lágrimas continuam a cair. — Porque sabia que, sem ele, eu não iria conseguir.

— Acha que ele podia mesmo te ouvir? — Kyra questiona.

Imediatamente me lembro do que Mariana me contou sobre ter me escutado no hospital e de ter me ouvido cantar para ela.

— Eu tenho certeza de que sim — respondo. — Você o chamou, e ele veio, Kika.

Ela sorri e olha para a porta do quarto, que se abriu.

— Posso entrar? — inquire ao médico.

— Pode, mas o deixe descansar, sim?

Wilka entra, e nenhum de nós a segue.

— Caramba, parece história de filme! — Alexios ri.

— Parece mesmo. — Kyra põe a mão no coração. — Estou tão feliz que não caibo em mim! Quem aceita umas bebidas?

Theo e Alexios aceitam o convite de pronto, porém nego.

— Preciso resolver uma coisa.

Kyra me olha de forma estranha, mas depois dá de ombros e se despede, seguindo com seus irmãos para fora do hospital.

Ele me ouviu chamar... O que Wilka disse mexeu muito comigo, porque a ligação entre ela e Kostas é algo especial, por isso acredito mesmo que ele tenha atendido ao chamado dela. Porém... e Mariana, por que me ouvia?

Você cantou para mim?

Tudo isso me confunde, desde a forma como ela entrou na minha vida ao

jeito que reajo a ela. Por que não pude esquecê-la como aconteceria com qualquer outra? Por que sinto que, de alguma forma, preciso estar com ela e protegê-la?

Mariana me desnorteia, nubla minha racionalidade, tira-me do chão.

O que eu devo fazer?

33

I just wanna hold you close
I feel your heart so close to mine
And just stay here in this moment
For all the rest of time.[55]

O dia hoje se arrastou!, penso assim que saio do banheiro após tomar um longo banho, tentando relaxar um pouco. Senti essa tensão o tempo todo no trabalho, algo que não sei explicar, como se fosse uma angústia. Acabei mandando mensagem para a terapeuta a que estou indo, a doutora Jane, e ela sugeriu que adiantássemos nossa sessão.

Suspiro conforme passo hidratante na pele ao constatar que chegou a hora de falarmos de Millos. As sessões de terapia têm sido de muita ajuda. Já contei a ela sobre minha infância, minha mãe, pai e madrasta e todas as feridas que cada um me deixou. Falei de Zé e da importância que teve em minha vida, bem como de Kátia e dos meninos.

Nas últimas sessões, falei do envolvimento do meu irmão com coisas ilícitas e de tudo o que aconteceu do início desse ano até o momento em que vim para São Paulo. Chorei, encolhi-me e revivi cada momento de verdadeiro pânico nas mãos daquele homem asqueroso que tentou me estuprar, e foi a

parte mais estranha da minha terapia, porque, durante meu acesso de choro, comecei a falar das minhas expectativas, do meu sonho de menina de encontrar um companheiro que fosse diferente de todas as pessoas que passaram pela minha vida, um príncipe encantado que me resgataria e me tiraria do ciclo de falta de amor em que eu vivia.

Tive um pai relapso, afundado no álcool, jogos e mulheres; uma mãe viciada que não pensou duas vezes em se livrar de mim quando comecei a incomodar; uma madrasta que me via como a prova viva da traição de seu marido, sua *humilhação ambulante*, como ela mesma me chamava; e um irmão que, embora me tratasse com carinho, me via como propriedade.

Foram tantos exemplos ruins que tudo o que eu queria, era romper com esse carma e ser diferente, ter um futuro diferente.

— Eu sempre imaginei que isso viria de um homem... — disse entre lágrimas e soluços. — Mas, ao vir para cá, ao conhecer Kyra, percebi que estava errada. — A doutora sorriu e concordou. — Quem tem que romper com esse ciclo sou eu, não é? E o amor que eu sonhava desde menina só virá quando eu estiver pronta para ser feliz, não o contrário.

— Exatamente!

— Mas como? — perguntei quase em desespero. — Como fazer isso?

Ela ficou um tempo apenas me olhando e sorrindo.

— Acho que você já está fazendo.

Essa nossa conversa na terapia ficou rodando em minha mente o dia todo, e meus olhos eram atraídos para a porta que leva ao apartamento em cima do bufê.

Ficar com Millos no *loft* dele é incrível, mas será que eu não estou saindo de uma gaiola e entrando em outra? Não por ele, porque é muito diferente do meu irmão, mas por mim, sabe? Eu aceitar seu apoio e amizade é uma coisa normal, mas me acomodar nessa situação de morar e depender dele, não!

Pensei muito sobre isso na noite passada, quando ele teve que sair para

jantar com o avô. Claro que fiquei chateada por Millos não ter me feito companhia, principalmente depois do que aconteceu na bancada da cozinha, mas, ao mesmo tempo, entendia que ele tinha uma vida, família, amigos, e isso me fez sentir um enorme vazio e perceber que estava dependendo dele para não estar só.

Demorei muito a dormir, em parte por esperar que ele voltasse cedo, e, quando acordei na manhã de hoje, Millos já não estava. Só soube que ele esteve no *loft* porque o terno que usava ontem estava dobrado no cesto da lavanderia.

Fui trabalhar um tanto desanimada. Cris, o motorista que ele designou para me levar e buscar para o bufê, já estava à minha espera quando desci e, talvez, notando minha expressão triste, mal conversou comigo durante o trajeto – o que não era normal.

No meio da tarde, Kyra sumiu! Estávamos fechando um evento, Lena e eu, quando ela passou correndo em direção à saída. Fiquei preocupada e percebi que minha chefe também. Olhei meu celular em busca de qualquer mensagem de Millos, pois eu acreditava que, se tivesse ocorrido algo a Kostas, ele me avisaria, mas ele não entrou em contato o dia todo.

Helena tentou falar com Kyra, mas ela não atendeu, então deixou várias mensagens dizendo que estávamos preocupadas e pedindo que mandasse notícias.

Até o final da tarde, quando voltei para casa, ninguém tinha mandado nenhuma informação sobre o que estava acontecendo, e passei a imaginar que o sumiço de Kyra não tinha a ver com Kostas, poderia ser outro assunto.

Suspiro e deixo de pensar nisso. Fico um tempo parada em frente ao pequeno espaço do closet que Millos cedeu para as minhas roupas, indecisa entre colocar um pijama ou não. Geralmente só ponho roupa de dormir pouco antes de ir à cama, mas, como não sei se Millos irá aparecer, ainda há as panquecas na geladeira para eu jantar caso sinta fome, então decido pôr uma camisola e me deitar para ler um livro.

Visto a camisola mais bonita que escolhi com Kyra e Gabi, tentando

levantar meu moral um pouco com a peça maravilhosa, que me valoriza muito. Rio quando me vejo no espelho, parecendo uma dessas celebridades que posam para revistas mostrando seu enxoval de lua de mel.

O tecido escuro é de seda, vai até meus pés, e a peça tem um belo decote nas costas, com detalhes em renda chantilly. Nunca vou esquecer o nome dessa renda, pois me lembro de como ri quando a amiga de Kyra disse o nome, afinal, o chantili que eu conhecia até então era o de cobertura de bolo.

Calço chinelos, saio do closet – não sem antes pegar uma camisa aleatória de Millos e cheirá-la, um hábito adquirido desde a minha primeira semana dividindo o armário com ele – e pego o livro que estou lendo – o terceiro da trilogia de T.F. Gray –, cujo final estou louca para saber.

Porém, mal começo a leitura, meu telefone dispara notificação de mensagem. Pulo da cama e o abro torcendo para se seja alguma notícia sobre Millos ou Kyra.

“Kostas acordou, Kika está grávida... Que dia épico!”

Meu coração parece explodir de alegria com a notícia, e sorrio feito boba lendo as mensagens de Kyra, que parece estar exultante com tudo.

“Mandei mensagem para Helena contando as novidades e disse que precisamos comemorar! Amanhã se prepare para sair do trabalho e ficar bêbada comigo!”

Gargalho e respondo a mensagem com muitos fogos de artifício e, claro, o *emoji* com as mãos juntas, em sinal de agradecimento a Deus.

Seco as lágrimas, que, em meio às minhas risadas, nem percebi que derramei. Não conheço nem Kostas nem Kika, mas, por tudo o que Kyra e

Millos me contaram do casal, nada poderia me deixar mais feliz do que essas notícias.

O homem não só acordou do coma, como também será pai!

Saio da conversa com Kyra para ver se Millos me mandou alguma mensagem enquanto eu estava no banho, mas não há nada. Suspiro, sem saber se devo ou não o procurar, afinal, ficou o dia todo off-line e talvez nem...

Escuto a porta do *loft* bater e, do alto do mezanino, o vejo entrar em casa com uma sacola de papel na mão.

Não consigo me conter, coração disparado, desço as escadas e vou correndo até ele, que me abraça forte.

— Ele acordou! — Comemoro.

Millos ri e me aperta mais contra si.

— Acordou! — Beija meu pescoço. — Como soube?

— Kyra me mandou mensagem... — Encaro-o.

— Estraga-prazer! — Ele faz careta. — Eu ia vir do hospital direto para cá te contar, mas aí tive que fazer um desvio. — Afasta-se e levanta a sacola.

Franzo a testa e cruzo os braços.

— Desvio?

Millos tira uma garrafa de champanhe da sacola.

— Achei que seria melhor do que brindar com cerveja. — Pisca, descontraído. — Mas, antes... — aproxima-se, e seguro o fôlego, na expectativa de um beijo — preciso de um banho. — Ele me cheira ruidosamente, seu nariz resvalando sobre a curva do meu pescoço e ombro. — Você é... absurdamente... gostosa!

Aproveito-me desse contato e volto a abraçá-lo, sentindo seu corpo rijo e

excitado contra o meu. Millos passa os lábios pelo meu ombro, emitindo sons deliciosamente sedutores. Sua mão desce para minha bunda e a aperta com vontade. Gemo, reclino a cabeça, e ele se aproveita desse movimento para beijar meu queixo.

Sorrio, pois sua barba está mais comprida do que o usual e me causa muitas cócegas. Fico louca toda vez que ele me beija seja onde for, e as lembranças da nossa noite naquele hotel em Minas não saem da minha cabeça e, muito menos, dos meus sonhos. Basta um toque, apenas um resvalar, e é como se nossa energia se conectasse, deixando tudo mais sensível e um mais suscetível ao outro. Sei que ele sente o mesmo, essa atração inegável nos acompanha desde os primeiros dias juntos, e a paixão que sinto por ele queima em mim desde que abri os olhos naquele hospital e vi o rosto da voz que falava e cantava enquanto eu estava desacordada.

Millos me olha. Vejo suas narinas dilatadas por conta da respiração forte e do intenso desejo que arde entre nós. A mão que antes estava segurando minha nádega agora me mantém firme, cabeça erguida para encarar seu olhar, apoiada na minha nuca.

— Coloca o champanhe no gelo. — Assinto, e ele esfrega sua boca na minha. — Não demoro a descer, e aí conversaremos.

Ele me solta e já me deixa saudosa de seu toque, seu cheiro. Pego a sacola com a garrafa da bebida e sigo para a cozinha, mas sem deixar de olhá-lo de esguelha, subindo para o mezanino.

Abro a parte do armário onde ficam guardados os artigos para bebidas e onde, há alguns dias, vi um balde de metal. Pego-o e logo o encho com gelo. Leio o rótulo da bebida – quer dizer, tento ler, porque está escrito em francês – e penso no quanto preciso ainda aprender para que esteja no nível desses Karamanlis. Não é que eu ache que seja inferior a eles, mas não tenho a vivência, experiência e cultura de Kyra, por exemplo, e, se eu quiser me firmar no mercado de eventos com ela, preciso de um conhecimento mais amplo do que tenho. Claro que posso apenas ficar na cozinha, mas os dias de trabalho auxiliando Helena me mostraram o quanto gosto do planejamento em geral.

O champanhe francês já está no gelo, e vou até o armário onde ficam os copos para tentar achar as taças apropriadas para bebermos. Lá no bufê, o depósito é muito organizado, e venho estudando todos os tipos de louça, talheres, copos e taças, bem como para que serve cada um.

Acho as taças de champanhe e logo percebo que Millos não é muito de beber essa bebida chique, pois estão empoeiradas. Lavo-as e faço uma anotação mental para dar uma atenção extra na limpeza do armário onde elas estavam.

Pronto!, penso e olho para o relógio, arregalando o olhos ao perceber que levei apenas cinco minutos para fazer tudo. Meu coração parece que vai saltar do peito, e me sinto muito agitada diante da perspectiva de comemorarmos a melhora de Kostas e... respiro fundo.

Nossa primeira noite!

Sim, eu sei que já tivemos uma noite juntos, mas hoje sinto que é diferente. Nós não vamos apenas nos beijar e dar prazer um ao outro, seremos um! Sorrio emocionada ao pensar que Millos será o homem que me ensinará tudo o que sempre quis saber sobre sexo e amor.

Oito minutos! Sugo o lábio inferior, nervosa, ansiosa, querendo que ele apareça logo e...

Aprumo meu corpo e olho para tudo arrumado no balcão. *Por que tenho que esperá-lo, se minha vontade é estar com ele agora mesmo?*, questiono-me, percebendo que ainda estou abrindo mão do controle das minhas ações, do meu desejo, e disse que não iria mais fazer isso.

Sem pensar duas vezes, pego o balde com a bebida e as taças e subo para o mezanino. Coloco tudo ao lado da cama – vou confessar aqui para vocês que estou sorrindo feito boba olhando para ela – e respiro fundo.

Durante todos os dias de convivência no hotel, eu ficava no quarto ouvindo o som do chuveiro enquanto ele tomava banho. No começo, apenas o imaginava lá, nu, a água escorrendo por seus músculos, fazendo suas tatuagens brilharem. Depois, quando deixei de me enganar quanto ao tesão

que estávamos sentindo um pelo outro, passei a me masturbar durante os banhos dele, fantasiando que estávamos juntos no chuveiro.

Hora de tornar realidade!

Entro no closet torcendo para que Millos ainda não tenha terminado o banho e que não tenha trancado a porta do banheiro. Seguro a maçaneta devagar e a abaixo. A porta se abre, e meu coração se agita.

Millos está de costas para a entrada, dentro do boxe, ambas as mãos apoiadas no azulejo, o jato d'água forte caindo sobre sua cabeça. Tento não fazer barulho e aproveito seu momento relaxado e distraído para observá-lo. Eu sou apaixonada pelas costas dele! Consigo ainda sentir, na ponta dos meus dedos, cada músculo tremendo quando estamos abraçados.

Meu olhar é atraído para sua bunda, e acabo gemendo baixinho ao ver a área musculosa e proeminente em combinação perfeita com suas coxas e panturrilhas.

De repente, como se pressentisse que não está sozinho, Millos se vira e inicialmente se surpreende com minha presença.

— Não pude esperar — justifico-me, encarando-o séria, e deslizo as alças da minha camisola pelos ombros. — Na verdade, não quero esperar mais. — Sinto o tecido suave da seda embolar-se aos meus pés, e Millos geme antes de segurar com força sua ereção.

— *Gamiménos*! — xinga, o que me faz rir, pois adoro ouvi-lo praguejar em sua língua natal. Apoia-se no vidro ao passo que ando até ele, porém, antes que eu entre, segura a porta do boxe.

— A calcinha... — diz sério, sua voz rouca e baixa soando rasgada. — Se quer entrar aqui comigo, venha sem nada entre nós.

Sei que estou vermelha com o pedido. Apesar de ele já ter me visto completamente nua, é uma situação completamente diferente essa de eu ter de tirar minha própria calcinha enquanto um homem me olha.

Não é um homem qualquer, é Millos Karamanlis, o homem com quem

tenho sonhado, fantasiado durante todos esses meses!

A afirmação de minha consciência me ajuda a driblar minha timidez virginal, e me afasto da porta, engancho meus polegares no elástico da calcinha e a tiro devagar sem deixar de olhá-lo.

— Você vai me enlouquecer, menina!

Sorrio, adorando o poder que o desespero em sua voz me faz sentir. Millos abre a porta do boxe e não espera que eu entre sozinha, simplesmente me pega pelos braços e me carrega para dentro, empurrando-me contra a parede fria.

Sua boca encontra a minha em um frenesi que nunca experimentei antes. Enlaço minhas pernas em sua cintura, e ele me espreme contra a parede, o que me mantém sem risco de cair. Sinceramente, do jeito que ele me beija, se eu me estatelasse no chão, não iria nem sentir!

É como se um vulcão tivesse entrado em erupção e sua lava quente estivesse derretendo todo o meu corpo, queimando minha pele, seguindo seu caminho até o meio das minhas pernas, onde se acumula o líquido incandescente que me consome.

O beijo rouba meu fôlego, enquanto suas mãos seguram minha cabeça, os dedos enfiados entre os fios de meu cabelo. Sinto a ponta do membro quente pressionada contra minha bunda, resvalando na fenda encharcada de acordo com que Millos se move.

Os sons que emitimos juntos se propagam pelo banheiro. Millos corre sua boca pelo meu maxilar, desce pelo pescoço e depois volta a assaltar meus lábios, sua língua de encontro à minha, nossas salivas se misturando, e tudo isso funciona como um estopim, fazendo-me explodir de desejo.

Cravo as unhas em suas costas e as arrasto até seus ombros, pendurando-me em seu pescoço. Millos me olha, e é como se eu pudesse ver fogo em seus olhos verdes. Ele põe a ponta da língua para fora e a esfrega sobre meus lábios fechados. Sua mão se fecha em meu seio, e a fricção que executa com o polegar em meu mamilo faz meus pelos se eriçarem, e sinto como se

correntes elétricas disparassem pequenos choques em todos os meus músculos.

Abro a boca e sugo sua língua safada, lembrando-me de como foi que ele me instruiu a chupá-lo no hotel. Ele geme gostoso, rebola contra mim e a coloca ainda mais para fora a fim de que eu possa aumentar os movimentos, exatamente como fazia antes.

Um verdadeiro sexo oral!, penso divertida, masturbando-o pela língua.

Millos me tira da parede e me coloca no chão. O jato de água fria me desconserta – adoro a água bem quente no meu banho – por um momento, mas logo sou colocada de costas para ele e sinto o cheiro de sabonete encher todo o boxe.

— Vou te lavar... — sussurra, a voz trêmula. — Preciso de um tempo para recobrar o controle. — Desliza a mão ensaboada pelas minhas costas, e empino minha bunda na direção dele, sorrindo ao ouvir outro gemido rouco. — Mariana... eu quero ir devagar contigo, te adorar com meu corpo e não foder sem controle. — Seus braços me envolvem, e ele passa a espuma sobre meus seios. — Não quero te machucar.

— Você não vai. — Mexo os quadris contra seu corpo. — Eu confio em você, Millos. — Ele mordisca minha orelha e depois a chupa. — Eu escolhi você!

Sou puxada para a água novamente, Millos me abraça sem tirar os olhos dos meus, suas mãos acariciando meu corpo. Beija suavemente minha boca, logo desce pelo pescoço e se abaixa.

Meu abdômen se contrai de expectativa quando esfrega o nariz em meus mamilos, um de cada vez. Tombo a cabeça para trás quando ele abocanha um, segurando meus seios juntos, pressionando-os, e depois explora o outro.

Nada do que sonhei todas as noites que passei longe dele se compara ao que me faz sentir neste momento. Dentro de mim há uma mistura louca de alegria extrema por tê-lo de novo e uma excitação crescente que me faz ficar ansiosa. É uma loucura contraditória, porque, ao mesmo tempo em que quero

que ele me mostre como é fazer amor, que me faça gozar e ser sua, também não quero que acabe.

A verdade é que não sei o que quero! Nada parece saciar a vontade que sinto! Quanto mais gemo, quanto mais prazer tenho, tenho vontade de ter mais e mais. Sinto como se meu corpo estivesse em busca de algo desesperadamente, mas, ao mesmo tempo, não sabe o que é.

Preciso segurar-me nas paredes do boxe para não cair quando Millos se ajoelha diante de mim. Percebo que ele está olhando fixamente para minha virilha e, embora constrangida, sorrio agradecida a Helena por ter sido arrastada, dias atrás, para um salão de beleza, onde fizemos as unhas e depilação com cera.

Toda a dor que senti – sim, porque foi minha primeira vez com aquele *trem* melequento de tortura, pois eu só havia usado lâmina para raspar os pelos – se evapora quando sinto Millos contornar o pequeno triângulo aparado com a língua.

— É quase um mapa da mina. — Treme a língua no “bico” do triângulo, a centímetros do meu clitóris. — A seta aponta onde eu devo explorar?

Respiro fundo, cheia de expectativa.

— Por favor...

Ele desliza um dedo devagar, e eu estremeço.

— Assim? — Não tenho tempo de responder, porque sua língua substitui o dedo. — Ou assim?

— Millos... — imploro, segurando-o pelos cabelos.

Ele ri, segura uma das minhas coxas e a ergue, fazendo com que eu abrace seu pescoço com a perna esquerda. Fecho os olhos, concentrada em minha respiração, sentindo o calor que emana dele atingindo o ponto sensível que tanto quero que beije.

— Ai, isso!

Gemo alto quando sua boca *come* meu sexo inteiro, faminta, abocanhando, chupando com força. Quase me desequilibro, e ele me segura mais forte, meu corpo sendo sacudido por sua sucção forte, sua língua devastadora, que não para de se movimentar em mim.

Que delícia!, penso ao mesmo tempo em que acho que vou morrer a qualquer instante. Minha pele está completamente arrepiada, e não é por causa da água gelada, porque me sinto quente, fervendo, a ponto de fazer o líquido se transformar em vapor a qualquer momento.

Estremeço quando sinto uma poderosa energia cruzar minha coluna de cima a baixo. Contraio os músculos da perna esquerda, então me falta ar, a respiração fica forte, e saio de mim.

Gozo forte. A perna direita – que ainda está me mantendo de pé – se dobra, e praticamente caio por cima de Millos, sendo mantida longe do chão do boxe por causa de sua boca em meu sexo e suas mãos em minha bunda.

Não consigo me controlar, só tremo e tremo, sentindo espasmos que fazem meu ventre se contrair e minha vagina pulsar.

Não sei como aconteceu nem em que momento, mas percebo que estou sendo erguida antes de sentir uma toalha felpuda me envolver.

— O que foi isso? — pergunto para mim mesma, ainda tonta.

Millos ri e me pega no colo.

— Se você não sabe, acho que tenho que fazer isso acontecer mais vezes! — Anda para fora do banheiro. — O bom é que temos a noite inteira!

34

I love the way you move tonight
Beads of sweat dripping down your skin
Me lyin here and you lyin there
Our shadows on the wall and our hands every where.[56]

Deito Mariana na cama devagar e me inclino sobre ela, que sorri e me faz sentir como se milhares de fagulhas se desprendessem de seu sorriso e me atingissem, queimando-me, acendendo-me ainda mais.

Eu nunca poderia imaginar que ela irromperia no banheiro do jeito que fez e que eu acabaria meu banho de joelhos, bebendo do maravilhoso líquido de seu orgasmo.

Adorei que tenha se despido para mim e fiz questão de gravar em minha memória cada movimento que fez ao tirar a calcinha. E o que dizer de seu olhar? O rosto enrubescido não ocultou sua timidez, mas nem por isso a limitou. Mariana deslizou aquela calcinha sedutora – como muitas outras que enchem uma gaveta do meu armário – pelas pernas como uma deusa.

Uma ninfa[57]*!* Essa é a melhor definição. Não mais a Ariadne pura, mas sim uma criatura sedutora, um espírito delicado, leve e que me encheu de

luxúria como se eu fosse um sátiro[58].

Fiquei embevecido, enfeitiçado, completamente dominado pela vontade primitiva de fazê-la minha naquele momento. Pensei em fodê-la no boxe, sob a água, algo totalmente novo, mas a lembrança de sua virgindade me fez colocar a cabeça – a certa, ao menos – no lugar.

Tenho zero experiência com virgens, mas, desde meu encontro com Mariana em Minas e, claro, a experiência desastrosa entre Kostas e Kika, acabei lendo uma coisa ou outra sobre a primeira vez de uma mulher, principalmente li muitos depoimentos femininos sobre o assunto.

O tempo todo eu me convencia de que era pura curiosidade, um conhecimento a mais que não agregaria, mas que não seria demais, pois provavelmente nunca mais encontraria uma virgem na vida, mas li e reli vários relatos, dando enfoque ao que mais as mulheres reclamavam.

Por isso, desvirginar Mariana no chuveiro, em pé, não era uma ideia aprazível. Eu não queria machucá-la ou deixá-la frustrada com uma primeira experiência desastrosa, ainda mais depois do que ela passou.

O sexo oral foi um meio de eu voltar a tomar posse de mim e raciocinar. Claro que não com minha habitual razão, mas com alguma que me fizesse ter a ideia de levá-la para a cama, adorá-la como se deve antes de penetrá-la e me perder em seu corpo.

Mariana tem prioridade sobre o prazer, e o dela sempre será o meu!

Beijo-a de forma mais comedida, porém não menos intensa. Consigo sentir através da boca todo o desejo fluindo entre nós, uma deliciosa ligação que nos mantém nesse tesão que dura há meses, mesmo à distância.

Sinto suas mãos sobre minha pele, sua língua inquieta roçando a minha, o leve arquear de quadris como se buscando o encaixe tão desejado. *Ainda não!*, penso ao deslizar a boca, lábios soltos, por seu queixo, contornando a pontinha dele, até aterrizar sobre seu pescoço.

Estou tão sensível a todos os movimentos dela que posso sentir quando

engole a saliva ou mesmo quando o ar passa forte por sua traqueia antes de ouvir mais um gemido suspirado. Minhas mãos buscam os braços dela, tateando os músculos longos até chegarem aos punhos. Seguro-os bem firme contra o colchão e impeço que ela me toque.

Ela é minha!, é o que meu corpo todo parece dizer enquanto vibra e estremece com o desejo pungente de tomá-la, fazer parte dela, esvaziar-se totalmente em Mariana, unindo nossas carnes.

Levanto-me um pouco para olhá-la. Seus olhos estão levemente fechados, sua face, corada, a boca, molhada e vermelha, efeito dos meus beijos. Nunca, nunca mesmo vi alguém tão desejável ou perfeito. Mariana mexe comigo a tal ponto que é difícil respirar, pois detém todo e qualquer foco do meu corpo e pensamentos.

Ela sorri, e eu me desmancho. Fecho os olhos, enlevado, o peito em ritmo frenético, a boca salivando de vontade de devorá-la inteira. Abaixo a cabeça e encosto o nariz no vale entre seus seios. O cheiro da pele dela por algum motivo me lembra tudo o que mais amo: liberdade, natureza, pôr do sol, e isso traz uma reação de prazer muito mais forte do que a que tenho quando estou sobre a moto, percorrendo lugares, sentindo o vento no rosto, como se o mundo e sua infinitude me pertencessem.

Esfrego o rosto, os pelos da minha barba, sobre os montes que formam seu belo par de seios. Mexo a cabeça de um lado para o outro, regalando-me com a sensação da carne tenra e macia, cheirosa, perfeita. A mão direita solta o punho dela e toma o seio direito conforme encaro o rosado mamilo do outro seio.

Minha língua sai devagar e apenas pincela sobre o botãozinho intumescido. O gemido dela soa mais alto, e seu corpo volta a ondular sob o meu. Sorrio e volto a dar pequenas e leves chicotadas com a língua no mamilo, e, a cada movimento, meu pau se contorce.

Encaixo-me melhor entre suas coxas. Posso sentir o calor e a umidade de sua boceta envolverem o meu sexo de forma absoluta. É como um despertar da energia sexual ter esse contato breve, mas de intensa troca de calor. Sigo lambendo lentamente seu mamilo, ciente de que Mariana quer mais, porém

disposto a ir sem pressa a fim de lhe proporcionar um êxtase muito maior do que simplesmente gozar.

Impossível ser previsível com Mariana!, constato isso quando seus dedos se enroscam em minha barba e a puxam. Gemo, ciente de seu desespero, e abocanho o mamilo, sugando-o com força. Meus quadris se encaixam melhor nos dela, meu pau aprisionado entre nós, espremido contra sua boceta pequena.

Não consigo mais parar de chupá-la! Intercalo entre um mamilo e outro, uso os dentes, a língua, os lábios e até a barba, da qual ela parece gostar tanto.

— Millos... — ela geme meu nome, e a deliciosa novidade me deixa fora do ar.

Nada do que acontece entre mim e Mariana é algo que já me tenha acontecido! É uma experiência nova, e, por mais estranho que pareça, a sensação que tenho é a de que também é minha primeira vez.

Esfrego a palma da mão sobre os seios molhados e avermelhados, assistindo a Mariana delirar e queimar de tesão. Ela me tem sob seu domínio, já não me sinto controlar nada, e, instintivamente, levo minha mão até seu pescoço e a mantenho firme sobre o colchão.

Abaixo-me sobre seu corpo e, com a língua, fodo seu umbigo. Faço o contorno perfeito e circular, invado-o até o fundo, até sentir minha língua pressionada, então saio, criando um rastro de saliva sobre seu ventre até alcançar os poucos pelos de sua virilha depilada.

Inspiro o aroma delicioso de uma mulher excitada, no cio, fervendo e gotejando seus fluidos pelas coxas. Desço mais, sem retirar o nariz de sua pélvis, deliciando-me ao sentir, pouco a pouco, o sabor de sua boceta.

Sedosa, quente, molhada e túrgida! O clitóris inchado, um pequeno botão envolto em pele macia, o início de prazeres escondidos. Passo por ele, a língua seguindo o caminho já traçado, abrindo espaço entre a pequena fenda criada pelos lábios inchados, em busca da abertura inexplorada.

Agito-me ao sentir sua entrada, minha língua também se inquieta, varrendo sua boceta de baixo para cima a todo momento. Fecho os olhos e me deixo ir, impulsionado pelo sabor único de seu corpo, pelos sons de seus gemidos e pelo meu próprio corpo implorando mais dela.

Chupo-a cheio de fome. Faço-a abrir ainda mais as pernas, mantenho seu corpo pressionado com uma de minhas mãos enquanto a outra me ajuda a explorar ainda mais sua intimidade. Abro sua boceta para minha contemplação. O pequeno feixe de nervos aparece quando a pele é esticada, e o lambo, disposto a fazer com que a corrente de energia que ele emite exploda em cada canto do corpo de Mariana.

Mamo-a como se estivesse sedento de seus líquidos. Introduzo um dedo apenas um pouco, testando o local onde quero estar. A falta de espaço, a pressão no meu dedo me faz acelerar, e tudo o que meu corpo clama é que eu me levante e substitua o dedo pelo meu pau.

Não ainda!

Paro de sugá-la.

Mariana emite um lamento e tenta segurar minha cabeça, mas não consegue, pois desço por entre suas coxas, beijando-as, lambendo-as, sugando-as como fazia antes com seu clitóris.

— Por favor! — ela implora, mas ainda quero ouvi-la suplicar. Sei que, quanto mais retardarmos o orgasmo, mas ele será intenso. Não sou apressado, posso passar a noite inteira com o pau duro, sem gozar, vendo-a alcançar o êxtase várias e várias vezes.

Chupo seus pés, e Mariana ri. Sorrio com ela, adorando essa descontração, retomando a posse de parte dos meus sentidos para recomeçar. Beijo dedo por dedo, mordo a curva do pé e ergo suas pernas. Ajoelho-me na cama, volto a beijar seus tornozelos e subo pela panturrilha.

— Gosta disso?

Ela apenas meneia a cabeça.

— Responda, Mariana. Gosta disso?

Passo a língua na parte de trás de seus joelhos sem tirar os olhos dos dela.

— Gosto.

— Hum... — Mordisco sua coxa. — O que você quer que eu faça?

Ela suga o lábio, e eu xingo.

— Suba mais — pede.

Deslizo a língua por sua coxa direita e paro perto de sua virilha.

— Aqui?

Ela nega.

— Mais!

Sorrio e lambo perto de seu clitóris.

— Aqui?

Mariana ondula os quadris, eleva-os como se quisesse levar até mim a área em que deseja minha boca.

— Me chupa, Millos! — suplica, e eu estremeço.

— Caralho!

Foda-se o controle!

Beijo sua boceta como beijo sua boca, meus lábios encaixados nos lábios dela, minha língua brincando de tocar seu clitóris, mas sem excitá-lo diretamente.

Mariana geme mais alto, suas coxas pressionando minha cabeça, os quadris se movimentando freneticamente. Não paro de comê-la, chupando, lambendo, fodendo com a língua o local em que, em breve, vou me perder com meu pau.

Sinto um arrepio gostoso apenas por pensar nisso. Seguro meu membro com força, apertando-o quase ao limite da dor, e ele endurece mais, as veias salientes, que sinto cada vez que subo e desço a mão. Caso os movimentos, enfio minha língua dentro da boceta apertada de Mariana enquanto me masturbo.

A sensação é indescritível, e sinto o delicioso prazer de um pré-gozo me perpassar quando a ouço gozar.

Preciso vê-la!

Continuo a estimulação com os dedos e a olho embevecido diante da entrega total de seu corpo e sua mente ao orgasmo. Já a vi gozar outras vezes, mas nada como agora.

Inesperadamente, Mariana se senta, agarra-me pela barba e me beija. A surpresa mesclada com minha excitação e o sabor do prazer dela me deixam fora de órbita. Seguro-a pelos quadris e me sento na cama, trazendo-a comigo.

Porra, que tortura!, penso ao passo que ela rebola sentada sobre meu pau, roçando-o com sua boceta molhada do gozo, lambuzando-o todo. Minhas mãos se prendem à sua bunda, ajudando-a com os movimentos, mantendo-a firme sobre mim para apenas roçarmos os sexos.

— Adoro isso que você me faz sentir! — ela declara com a boca ainda colada na minha. — É como se eu pudesse ir até o céu por alguns segundos.

A doçura com que ela confessa como se sente é tão natural e atrativa que não resisto a segurá-la pelos cabelos e atacar sua boca novamente. Meu corpo clama por entrar no dela, minha alma parece querer se inundar na sua, misturar-se, dar um nó, e a sensação me causa um frenesi até então desconhecido.

Afasto-a ainda segurando suas longas madeixas e a olho inteira: a cabeça para cima, os olhos fechados, a linha do pescoço – avermelhada por conta das mordiscadas que dei –, os peitos empinados, que se agitam, impelidos pelo constante esfregar dos nossos corpos.

Passo as mãos por suas costas, sentindo os músculos firmes, que parecem mais contraídos, os quadris arredondados. Subo até seus ombros, esquadrinhando cada ângulo e saliência como se pudesse mapeá-la e gravá-la para sempre em minha memória.

Mariana se abaixa de repente. Seus lábios molhados tocam as tatuagens do meu braço, sua língua quente parece repintar os desenhos que tenho. Fico paralisado, em êxtase, meus músculos convertidos em gelatina, minha consciência sempre lógica transmutada para além do material, para o transcendental.

Ela não para de contornar e beijar minhas tatuagens como se soubesse que, para cada figura representada no meu corpo, há uma história que eu nunca quis contar a ninguém, mas que faz parte de quem sou e do que fui. Mariana acaricia minhas feridas, as marcas que eu mesmo causei tentando me livrar de outras dores. Inconscientemente, ela toca profundamente dentro de mim, como ninguém nunca ousou tentar.

— Eu quero você — murmuro baixinho para então perceber que sou eu a implorar.

— Eu quero você mais ainda, Millos! — Ela me encara. — Quero agora!

Estico meu corpo o suficiente para alcançar a mesinha de cabeceira e pegar uma caixinha com camisinhas. Sempre uso a mesma marca e compro um lote grande, pois são difíceis de achar, por não contêm látex na fórmula nem cheiro, e a espessura é tão fina – porém resistente – que dá a sensação de não a estar usando.

Tiro uma da caixa. A embalagem individual é redonda, e eu retiro o lacre, acessando a proteção sob o olhar curioso de Mariana.

— Nunca vi dessas — comenta.

Ergo minhas sobrancelhas e rio.

— Já viu muitas camisinhas?

Ela gargalha.

— Claro! Sou virgem, mas não sou desinformada. — Engulo em seco e sinto meu corpo estremecer ao ouvi-la dizer novamente que nunca fez sexo. — No posto de saúde da cidade têm algumas, e eu peguei uma vez para ver como era.

— Hum... — Afasto-a do meu corpo o suficiente para liberar meu pau e o seguro para colocar a camisinha. — Quer colocar?

Mariana arregala os olhos, mas assente animada.

Gemo quando ela pega meu pau, seus dedos finos apertando-o de leve, fazendo uma massagem gostosa que me faz fechar os olhos, aproveitando a delícia que é ser tocado por ela. Quando sinto sua língua em volta da minha glande, arfo de prazer. Permaneço de olhos fechados, apenas sentindo, enquanto ela explora todo o meu pau novamente com a língua, fazendo-me lembrar como ela me chupou gostoso naquele hotel em Minas.

— Eu sempre tive curiosidade... — ela fala, e abro os olhos no exato momento em que Mariana enfia a língua no orifício da minha uretra e depois segue para os furos que tenho mais acima. — Para que é isso?

Sorrio, tentando prever sua reação ao saber.

— Eu tinha um piercing.

Mariana para de me lamber – lamentavelmente – e me encara com a face corada e os olhos brilhando.

— Aqui? — Assinto, divertindo-me com a expressão dela, mas sem sorrir. — Doía?

— Não.

Ela volta a olhar para meu pau e passa o dedo devagar sobre os furos.

— O que você sentia com ele?

A carícia exploradora e leve causa mais reações em meu corpo do que um toque mais forte. Sinto um arrepio subir por minha coluna, e minha boca fica molhada, ainda com o sabor do gozo dela em minha língua.

— Era mais para fazer sentir.

Ela me olha de novo.

— Por que o tirou?

Dou de ombros.

— Me cansei dele.

Sem que eu espere, Mariana abocanha meu pau e o coloca fundo em sua boca. Gemo entredentes, seguro os cabelos dela, que impedem minha visão, e lhe assisto me chupar por um tempo.

— Gosta do meu pau em sua boca? — pergunto e firmo sua cabeça para poder estocar devagar. — Eu gosto muito do jeito que você faz isso.

Sua língua vibra, pressionada no meu membro, e fecho os olhos. Jogo a cabeça para trás e me concentro apenas em ondular os quadris cuidadosamente, recuando quando sinto a cabeça do meu pau em sua garganta.

O prazer é tão intenso que preciso contorcer os dedos dos pés, evitando uma ejaculação, e o orgasmo seco me faz estremecer.

Puxo seus cabelos e a afasto de mim, abaixo-me e beijo sua boca, ainda mais enlouquecido de desejo, desesperado para estar dentro de seu corpo, descobrir todos os seus prazeres.

— A camisinha... — peço, mas a entonação de minha voz me soa como uma súplica.

Mariana pega o pequeno anel, e eu seguro meu pau para que ela posicione a proteção e me embale. Noto-a concentrada, deslizando-a devagar, atentamente desenrolando-a numa deliciosa tortura que está me deixando a ponto de urrar de vontade.

Vontade dela!

Ajeito a camisinha quando ela chega à base e me viro, com ela em meu colo, colocando-a de costas na cama.

— Se doer demais, se quiser parar...

— Eu quero você, só você!

A resposta é o incentivo que eu precisava para segurar meu pau e posicioná-lo em sua entrada. Esfrego-o entre seus lábios, deixando que sua lubrificação umedeça a camisinha e facilite a penetração. Vou devagar, sinto a glande se encaixar na entrada apertada. Paro.

Estou suando mais do que quando faço exercícios, mas isso não me incomoda. Cada pedacinho meu que entra nela é como um bocado do próprio paraíso sendo revelado aos meus olhos. Meus joelhos estão tremendo como gelatina, parece que nunca fiz isso antes, que nunca trepei, que esta é também a minha primeira vez.

Empurro-me mais para dentro, o abraço delicioso de seus músculos enviando correntes elétricas por todo o meu corpo, a quentura de sua boceta ultrapassando a fina camada da camisinha, dando-me a sensação de estarmos pele com pele.

Mariana geme quando me inclino para beijar seus peitos, ainda avançando devagar, sentindo a resistência de seu corpo intocado.

— Se estiver doendo, eu paro — aviso-lhe.

— Não, por favor, não!

Ela arranha minhas costas, e arrisco colocar mais força no meu movimento. Passo minha mão entre nossos corpos apertados e consigo tocar-lhe o clitóris. Os gemidos dela aumentam quando o massageio com um dedo. Olho para seu rosto, e seu sorriso me faz derreter.

Beijo-a e, em um movimento, sinto uma pequena pressão na cabeça do meu pau. Mariana ofega, sinto seu corpo estremecer e se retesar. Fico imóvel, temendo tê-la machucado demais, então ela se contorce, ondula os quadris e geme.

— É... incrível...

Toda a tensão causada pelo receio de feri-la se esvai, e começo a estocar devagar, sem movimentos bruscos. Mariana passa as pernas pela minha cintura, unindo-se mais a mim, gemendo e se expressando de uma forma única e perfeita.

Movemo-nos juntos, misturados, conectados, em perfeita comunhão de desejos e prazeres. Deito minha cabeça na curva do seu pescoço, o movimento de vai e vem se intensificando, meus músculos clamando por mais atividade, meu tesão implorando por ter total controle das estocadas.

— Millos... — ela geme meu nome, algo tão perfeito que soa como música. — Por favor...

O pedido dela, o seu aval ao meu desejo, é tudo que preciso para me libertar do medo e adorá-la como quero.

Ergo-me mais, apoio as mãos no colchão e rebolo firme antes de arremeter e entrar, movimentando forte e rápido os meus quadris. Mariana segue meu ritmo, sua respiração pesada, o rosto deixando transparecer o prazer, instigando-me a continuar mais e mais.

Enfio uma das mãos por baixo de seu corpo e seguro firme sua bunda, indo mais fundo, provando seus limites, deixando minha resistência no delicioso ato de me render sem reservas ao que sinto, ao que quero e desejo há muito tempo.

A ela!

Mariana!

Minha!

Deito-me sobre ela e giro, colocando-a sobre mim, ajudando-a a se mover sobre meu corpo, cavalgando meu pau. Seguro seus pulsos firmes em suas costas e soco com vontade, levantando e descendo meus quadris em um movimento ritmado e rápido.

Ela joga a cabeça para trás, geme alto, grita, e continuo a fodê-la como um louco, viajando nas ondas de um tesão tão supremo que não consigo me conectar com mais nada material à nossa volta, apenas com o sentir dela.

Sinto seu primeiro espasmo de prazer antes mesmo de ela gritar e se contrair inteira. Um delicioso apertar em meu pau, como se fosse uma mordida, e o delicioso líquido quente que se acumula na base, escorrendo pela minha virilha, comprova que ela está entregue, sublimemente possuída pela emoção do orgasmo.

É lindo de se ver. Concentro-me todo nela, satisfeito por saber que se sente como eu. Sento-me na cama, aperto-a contra mim como se pretendesse gravar esse momento para sempre em minha pele como fiz com as tatuagens, sacudido pelos espasmos do meu próprio gozo, perdido entre meus gemidos, que casam com os dela em perfeita harmonia.

Beijo-a no instante em que o último jato de porra sai de mim. Não consigo parar de tremer, pareço um menino tendo seu primeiro prazer, o tal gozo viciante, que se passa a vida tentando ter, e sinto meus olhos arderem como se eu fosse chorar.

Aperto-a mais contra mim. Sinto a pele dela toda arrepiada, suada como a minha, quente e viva. Sorrio contra sua boca, um sorriso bobo que não consigo evitar, a expressão embevecida de alguém que, depois de tantos anos, ainda é surpreendido com uma coisa linda e inesperada.

— Você está bem? — pergunto temeroso.

— Não. — Encaro-a assustado. — Eu estou ótima!

O sorriso bobo se transforma em risada, e tombo para trás, caindo no colchão e a trazendo comigo.

— Não se sente dolorida? — Mariana arregala os olhos, e sinto meu pau escorrer de dentro de si. — Mariana?

— Eu morria de medo, sabe? — confessa baixinho. — Mas você foi perfeito!

Esfrego meu nariz no dela, adorando o elogio, ainda enlevado com todo o prazer que senti em seus braços.

— Que tal um banho? — sussurro e, incrivelmente, sinto um espasmo em meu pau, já acordando para uma segunda vez.

Calma, Millos, vá devagar com ela!, alerto-me.

— Hum... Será que no chuveiro é tão gostoso quanto aqui na cama? — Mariana indaga provocante.

Porra!

Não penso em mais nada, o sangue, que estava voltando aos poucos a irrigar meu cérebro, já tomando o caminho oposto, indo se avolumar exatamente na área que tinha acabado de abandonar. *Foda-se!*

Levanto-me da cama com ela nos braços e a carrego para o banheiro, onde, pelas próximas horas, pretendendo banhá-la e devorá-la inteira.

O tique-taque é imaginário, eu sei, mas não consigo deixar de ouvi-lo, provavelmente por não tirar os olhos do relógio desde que saí da cama, às 5h da manhã.

Bebo mais um gole da cerveja, a mesma desde que desci do mezanino há três horas, e fecho os olhos, organizando minha mente antes de ouvir algum barulho lá em cima. Mariana vai acordar a qualquer momento, e quero estar com todas as palavras que *devo* dizer corretamente ensaiadas.

O que aconteceu ontem – e durante toda a madrugada – foi foda, admito. Uma experiência hors-concours[59] que nunca imaginei que aconteceria comigo. Entretanto, admitir isso não basta, é necessário que eu tenha o mínimo de responsabilidade e converse com Mariana antes que ela entenda o sexo espetacular que tivemos como algo mais.

Tenho receio de magoá-la e, como sei que não é experiente, posso acabar machucando-a se não deixar as coisas às claras desde já.

A ideia inicial era conversarmos *antes* de ir para a cama, mas, como sempre acontece quando o assunto é Mariana, as coisas não seguiram conforme meu planejamento. Tivemos uma noite incrível, e eu não mudaria nada dela, mas não posso arriscar deixar que ela se envolva além do que deve.

Para falar a verdade e ser justo, estou um pouco assustado também. *Claro!*

Há muito eu não fazia sexo assim, sem nenhum mecanismo de controle. Sem o *shibari*, eu só fodia minhas parceiras chapado de álcool ou outras drogas mais pesadas. Depois passei um tempo em *jejum sexual* e só pude voltar a trepar porque exercia primeiro o controle sobre mim mesmo, através dos nós, e então me concentrava em *obter* o prazer de minha parceira.

Com Mariana ontem, abri mão não só do controle que exercito por anos, mas também assumi um risco enorme, e isso me assusta. Estou com medo de ter cedido ao meu corpo com relação a ela e ter aberto mão das coisas que funcionavam para mim até então. O fato de eu ter conseguido manter o mínimo de sanidade ontem à noite e não a ter machucado não garante que, em algum momento, isso não vá acontecer.

Preciso ir com calma, conversar com meu terapeuta, tentar entender o que houve e como administrar qualquer tipo de relação com Mariana de forma saudável para os dois.

Preocupo-me com ela, principalmente com o que sente. Mariana não me conhece, ela só viu o melhor de mim até hoje e pode muito bem fantasiar um homem que não sou. Não quero de forma alguma assustá-la ou decepcioná-la por não ser aquilo que ela projetou em mim.

Também não quero me frustrar por não ser o homem que ela achou que eu fosse!

Passos na escada me tiram das reflexões desta manhã atípica, e olho na

direção do barulho quase inaudível que meus ouvidos capturaram apenas por estarem acostumados com o leve ranger da madeira.

— Bom dia — cumprimento-a, notando sua expressão confusa.

Mariana está vestida com um roupão de seda, provavelmente comprado junto à camisola que usou noite passada, seus cabelos parecem penteados, sinal de que acordou há algum tempo.

— Bom dia. — Sorri. — Acordei e não te encontrei na cama. — Suspira e olha a garrafa de cerveja em minha mão. — Preciso de um café antes de ir para o trabalho.

Acompanho-a com o olhar enquanto pega uma cápsula e a coloca na cafeteira, utensílio que raramente a vejo usar, porque sempre diz que prefere fazer o café da maneira tradicional.

— Você está bem? — resolvo perguntar e acabar com o clima pesado e silencioso.

Mariana apenas balança a cabeça de forma afirmativa e continua a se movimentar pela cozinha, pegando açúcar, xícara e uma colherinha.

— Eu não consegui dormir — confesso, e ela se vira para me olhar. — Acho que ainda estou um pouco agitado com tudo e não queria te incomodar, por isso desci.

Noto que ela relaxa um pouco e sorri.

— Também não dormi muito, senti sua falta assim que a cama esfriou e acordei. — Franzo a testa, imaginando o motivo pelo qual demorou a descer. — Quando percebi que você não ia voltar e que a hora já estava adiantada, me levantei.

Ela sentiu que eu não estava bem e me deu espaço sozinho para pensar, e essa constatação me faz reavaliar o quão bem ela me conhece, afinal, era exatamente o que eu queria.

— Precisamos conversar.

Ela assente, toma o café e respira fundo.

— Eu sei, mas Helena vai passar aqui daqui a pouco, porque marcamos de ir visitar um fornecedor, e até avisei ao Cris que não precisaria me levar ao bufê. — Mariana põe a xícara na pia. — Além disso, ontem eu não tive tempo de te contar uma coisa que aconteceu e...

Fico alerta. Meu coração dispara, e a encaro assustado.

— O que houve?

Dá de ombros.

— Kyra me ofereceu o apartamento que fica em cima do bufê. — Arregalo os olhos. — Achei que é um bom arranjo, afinal ela precisa de alguém lá, e eu, de um lugar para morar.

Levanto-me da banqueta e dou a volta no balcão, indo até ela.

— Por que quer se mudar?

Devo ter feito a pergunta de maneira ríspida, porque Mariana recua um passo. Bufo nervoso e falo de forma mais suave:

— Mariana, não sei se é boa ideia você ir morar sozinha agora. — *Embora seja bom para frear um pouco as coisas entre nós!*, minha consciência rebate. — Ainda não sabemos se *aquele* homem sabe para onde você veio e...

— O apartamento é seguro — ela me interrompe. — A entrada é fechada com portão eletrônico, tem câmeras e, além disso, eu paro de fazer o percurso de carro até o trabalho todos os dias.

Entendo o ponto dela, mas, ainda assim, não estou completamente convencido. Coloco minhas mãos sobre o balcão para mantê-las na superfície fria de pedra, porque sinto vontade de pegá-la pelos ombros e dizer que não vai sair daqui de jeito nenhum!

— Eu entendo, mas ainda acho que não é o momento de...

Escuto-a bufar impaciente e a olho de novo.

— Millos, eu decidi que vou me mudar para o apartamento em cima do bufê. Essa decisão foi tomada ontem, durante o trabalho, e não tem a ver com o que aconteceu essa noite. — Ela desvia os olhos constrangida, e fico tenso, pois a possibilidade de ela não ter gostado da noite passada nem passou pela minha cabeça, afinal, ouvi e senti cada orgasmo dela! — É algo que preciso fazer por mim...

Não consigo mais me conter e a seguro pelos braços, mantendo contato visual, desesperado para convencê-la a ficar, quando deveria estar me sentindo aliviado por ela ter decidido ir mesmo depois de nossa noite juntos, sinal de que não levou a coisa tão a sério quanto imaginei.

— Eu sei, só não acho que é o momento.

Ela se contorce, e afasto minhas mãos.

— Eu lhe agradeço de verdade todo o apoio e ajuda, mas não quero depender disso para sempre. Nunca tive autonomia para cuidar da minha vida e, infelizmente, ainda não tenho, mas quero ter! — Seus olhos brilham. — Kyra me deu trabalho, me ofereceu o apartamento, e, mesmo sabendo que tenho sido útil na empresa dela, sei também que fez isso por você. — Nego, mas ela não parece considerar minha negativa. — Eu tiro sua liberdade e também não tenho a minha própria ficando aqui e... — Mariana suga o lábio. — Bem, depois de ontem, acho melhor mesmo separarmos as coisas.

— Não gostou? — questiono de modo idiota, feito um garotinho inexperiente e ansioso.

— Eu adorei cada instante — ela assume e sorri para mim, então a puxo para meus braços, completamente esquecido dos senões e dos porquês que vinham martelando minha mente desde que saí da cama. — Foi a noite mais incrível de toda minha vida.

Cheiro seus cabelos, lavados depois de nossa última trepada, antes de ela adormecer. Ainda não gosto nada de saber que ela quer ir embora, morar sozinha, mas respeito e entendo a sua vontade.

— Mariana, eu...

O celular dela toca, o som reverberando no teto alto do *loft*.

— Deve ser Helena. — Sorri, mas não se afasta. — Podemos conversar mais tarde?

Beijo-a lentamente. Meu corpo cansado, mas insaciável pelo dela, responde de pronto à carícia, e ela geme na minha boca, colando-se mais em mim.

Seguro-a pela cintura e a ergo, coloco-a sentada sobre a bancada e me encaixo entre suas pernas.

— Podemos — respondo, movimentando-me, tentando alcançar seu ponto sensível com meu pau, que estica todo o tecido da calça leve que vesti quando desci. — Eu ainda quero mais.

Mariana sorri e me beija.

— Eu também! — ela diz, e abro o roupão que usa enquanto sinto as pontas dos seus dedos contornarem as rosas que tenho tatuadas no peito. — Adorei a andorinha. — Sua mão desce e toca o pássaro. — Ela não estava aí no começo do ano.

Congelo diante do que diz e do significado de sua fala. Ela reconheceu o pássaro quando o viu a primeira vez, mas o assunto não se estendeu, e eu me senti aliviado, achando que ela não se lembrava. Obviamente estava enganado, e Mariana entende muito bem o motivo pelo qual gravei esse pássaro especificamente em minha pele.

— Eu a fiz recentemente — respondo, olhando seu delicado dedo roçando o pássaro como se fizesse carinho nele. — Gostou?

Seu sorriso fica enorme pela primeira vez desde que a vi descer do mezanino, e decido encerrar o assunto novamente. Volto a beijá-la e procuro sua boceta em desespero, pois quero encharcar meus dedos com o delicioso líquido do seu desejo.

Mariana se deita sobre o balcão, completamente abandonada às minhas carícias. Aproveito e abro mais suas pernas, contemplando a beleza feminina de seus contornos íntimos, seus lábios, a delicada entrada quente e apertada que me levou à loucura noite passada.

Porra, como quero me perder nela de novo!

Abaixo-me para chupá-la cheio de fome, mas o som estridente do celular a faz sentar-se e fechar as pernas.

— É Helena. Preciso ir!

Sinto vontade de mandar Mariana voltar a se deitar e fingir que não ouviu nada. Helena pode ligar até cair o dedo e então desistir, e... *Merda, Millos, raciocina!*

Afasto-me e a ajudo a descer do balcão, mas a detenho antes de subir correndo para o mezanino e se arrumar.

— Mais tarde... — beijo seu pescoço — terminamos o que começamos.

Fico parado vendo-a se apressar para ir ao trabalho e deito a cabeça sobre a pedra fria do balcão, pensando nas resoluções que tomei mais cedo e na conversa que queria ter com ela.

Por que nada com Mariana sai conforme o planejado?!

35

I'm going out tonight - I'm feelin' alright
Gonna let it all hang out
Wanna make some noise- really raise my voice
Yeah, I wanna scream and shout.[60]

— Você está quietinha hoje! — Helena comenta durante o trajeto para o bufê, depois de termos ido visitar um dos fornecedores de audiovisual. — Teve dificuldade para dormir?

— Uai, por quê? — Arregalo os olhos, um tanto estabanada e nervosa com a pergunta.

Helena ri, sua atenção ainda voltada ao trânsito pesado da capital.

— Porque você quase não fez perguntas sobre a tela de LED que nosso fornecedor propôs para o evento, e te vi bocejar algumas vezes.

Fecho os olhos e cubro o rosto com a mão, mortificada.

— Desculpa por isso! A noite ontem foi complicada, muita emoção. — Meu coração dispara apenas por falar e pensar na noite passada, mas Helena concorda, achando que estou me referindo unicamente ao Kostas. — Além

disso, estava preocupada sobre a mudança para o apartamento.

— Ah, você vai mesmo? — Helena me olha rapidamente. — Acho que vai ser ótimo para você morar lá! É pequeno, tem só um quarto, cozinha e banheiro, mas a vista compensa, e a comodidade de não ter que enfrentar isto! — Aponta para o engarrafamento em que acabamos de entrar. — Quando pensa em se mudar? Precisamos fazer uma festa!

Gargalho, adorando a ideia.

— Ainda não falei com Kyra.

— E o Millos? — Fico séria. — Já falou com ele que pretende se mudar?

Respiro fundo, lembrando-me da nossa conversa hoje mais cedo, e estremeço. O homem me toca, e eu me incendeio imediatamente, parece mágica! Mesmo com o clima tão denso que estava me dando falta de ar, bastou um abraço, um toque, alguns beijos, e eu já estava entregue a ele.

Menti quando disse que acordei quando a cama esfriou. Na verdade, assim que ele deixou o leito, eu despertei. A princípio, achei que iria apenas ao banheiro, mas, quando voltou do closet vestido com uma calça larga que usa para dormir e não se deitou comigo, percebi que algo havia acontecido.

Ouvi quando desceu as escadas, assim como o tintilar das garrafas de cerveja quando abriu a geladeira. Olhei para a hora no celular e percebi que não havíamos dormido muito – ou eu não tinha –, por isso esperei.

Horas se passaram, e quase tomei um susto quando percebi que já iam dar 8h da manhã, pois Millos desceu perto das 5h! Saí da cama sem fazer barulho, fui ao banheiro, escovei os dentes, penteei os cabelos, lavei o rosto e decidi descer para saber o que tinha acontecido.

Julguei que nosso sexo tinha sido maravilhoso, sabe? Fogos de artifício e muita explosão, mas me senti insegura por ele ter me abandonado na cama e ficado na cozinha bebendo por horas.

Vesti o robe de seda da camisola – que passou a noite embolada no chão do banheiro – e me armei de coragem para enfrentar o que fosse, desde

arrependimento a decepção pela noite que tivemos.

Eu tinha razão sobre o clima, foi estranho, senti-me tensa, mal consegui engolir o café – de cápsula, ainda por cima – e percebi que seria mesmo melhor me mudar. A decisão que havia tomado antes de fazer sexo com ele ficou balançada com o ato, mas o jeito dele de manhã me fez ver que realmente era o melhor.

Cada um precisa do seu próprio espaço, e se mesmo assim ainda quisermos – no caso, ele quiser, porque eu sei que quero – passar algumas noites juntos, será incrível.

Morar com ele e ainda dividir sua cama daria uma sensação de que estaríamos mantendo uma relação conjugal, e, embora eu achasse isso um sonho sendo realizado, percebi que não era o ideal. Os relacionamentos não são construídos queimando etapas, afinal!

Sei que o surpreendi com minha decisão, mas creio que foi uma boa escolha e que a distância ajudará a manter meu coração – já tão apaixonado – em segurança.

— *Precisamos conversar...*

A voz dele, o tom grave que usou já me disse tudo. Millos não pensa como eu e, talvez, não se sinta como eu. Não posso culpá-lo, sou responsável pelo que sinto, e ele sempre me respeitou e me deixou livre para escolher tudo. E eu o escolhi, sozinha, desde que falou comigo naquele hospital.

Bem, se quero viver como a mulher adulta que sou, preciso também agir dessa forma e escutar o que ele quer conversar e ponderar se será o suficiente para mim.

— Mari?

Helena está me olhando, o carro ainda parado no engarrafamento, esperando minha resposta sobre Millos.

— Já contei, está tudo certo.

Sorrio, querendo acreditar nisso piamente.

Vai dar tudo certo!

Quando Kyra mandou mensagem ontem, depois que Kostas acordou, dizendo que iríamos sair para comemorar, achei que fosse mais por empolgação, não que fosse sério. Por isso, quando ela anunciou, pouco antes de o horário de trabalho acabar, que havia reservado uma mesa de um dos clubes mais badalados da cidade, fiquei sem ação.

— Mas... eu não vim preparada para... — tentei negar, mostrando meu vestido formal – nada parecido com a roupa que ela usava, diga-se de passagem – e as sapatilhas. — Eu tomei banho de manhã!

Na verdade, tomei banho de madrugada, depois da última vez com Millos..., minha mente acusou, e fiquei vermelha, o que fez Kyra rir.

— O nome disso é happy hour, Mari! — Puxou um nécessaire da bolsa e me carregou para o banheiro. — Linda do jeito que você é, só precisa de um batom e vai atrair mais olhares do que qualquer outra mulher naquela boate.

— Não exage...

— Acredite em mim! — Riu como se não se desse conta de que, perto dela, nenhuma outra conseguiria chamar a atenção. — Vai ser ótimo sairmos juntas, você, Lena e eu! — Retocou o batom vermelho e piscou. — Uma noite de meninas. Já fez isso antes?

Neguei enquanto escolhia um batom rosado, um tanto ansiosa por saber que iria sair para um local que eu nunca havia frequentado. Se ter ido para aquele barzinho em Carrancas já foi uma aventura enorme para mim, imagina, então, ir a um clube exclusivo de São Paulo!

— Fico feliz de ser sua companhia nessa primeira vez, então! — Kyra disse animada. — Pelo que você me contou da sua vida, ainda haverá muitas

primeiras vezes, e vou adorar acompanhar cada uma delas!

Foi nessa hora que me borrei com o batom, e arregalei os olhos quando ela me virou correndo para tirar o borrado com um lencinho demaquilante, alegando que era um batom de alta fixação.

— Calma, também não precisa ficar tão nervosa, demaquilante tira! — Kyra riu da minha cara de espanto, sem ter ideia de que nada tinha a ver com o batom borrado.

...ainda haverá muitas primeiras vezes!, a voz dela fez meu coração disparar, porque fui invadida por imagens de minha primeira vez – que foi ontem – com um homem. E não com um homem qualquer, com Millos, que, por acaso, é primo dela.

Meu Deus, o que Kyra diria se soubesse?!

Saímos da empresa juntas, e fiquei surpresa quando elas disseram que não íamos com uma delas dirigindo, mas sim de Uber.

— Todas vamos beber — Helena justificou. — Você dirige, Mari?

Respondi que sim, mas que não tinha carteira – que aqui eles chamam de *carta* – de motorista. Kyra, então, incentivou-me a assistir às aulas para poder fazer o exame e estar habilitada.

— Preciso que todos na Αγάπm estejam habilitados, é muito útil.

Lena concordou, e fiquei empolgada com a perspectiva de poder dirigir para a empresa e ir aos lugares sozinha e com a autonomia que nunca tive antes.

Chegamos ao clube – que *trem* enorme, gente! –, e logo nos levaram para uma área reservada, alta, de onde podíamos ver o palco com o DJ e o bar. Fiquei deslumbrada; nunca tinha sequer sonhado com algo parecido.

— Vamos beber o quê?! — Lena perguntou meio gritando.

— Champanhe! — Kyra gritou.

Senti meu rosto queimar, lembrando-me da bebida, do sabor dela misturada com outros na boca de Millos. Senti vontade de ir para casa e passar mais uma noite nos braços dele, mas pensei que teríamos mais oportunidades para isso e que era bom eu ter amigas, sair e não ficar tão *grudenta* com ele.

Peguei o celular e o olhei para conferir se ele tinha lido a mensagem que eu havia enviado antes de sair do bufê. Suspirei quando vi que ele não esteve on-line durante o dia todo, então, decidida a aproveitar a noite com as meninas, silenciei o telefone e o guardei na bolsa.

— Mari, sorria! — Kyra me chama, tirando-me dos devaneios acerca do início da noite, e percebo que Helena e ela estão com as taças de champanhe na mão e fazem pose para uma foto. — Meu braço já está doendo.

Sorrio, pego minha taça – que nem vi o garçom colocar na mesa – e me junto ao brinde, clicado pela câmera do telefone de Kyra.

— Ao Kostas! — ela brinda.

— Ao amor! — Helena completa.

As duas olham para mim, e então me dou conta de que devo falar algo no brinde também.

— À amizade!

Kyra me abraça forte, bebe e faz sinal para que eu faça o mesmo.

— Tem que beber após o drinque — Helena diz rindo assim que termina de tomar um gole.

— Por quê? É uma regra de etiqueta? — sondo curiosa, pois Helena tem me dado aulas e ensinado a fazer mesas postas e a como organizar jantares e festas íntimas.

Kyra ri e nega.

— Dá azar! — grita, pois uma música começou a tocar. — Fica sete anos sem trepar.

Arregalo os olhos e bebo todo o conteúdo num gole só, arrancando gargalhadas das meninas. *Sete anos! Comecei ontem, não posso arriscar!*

Minha taça é cheia novamente por Kyra – que comprou uma garrafa de champanhe –, e Helena me arrasta para a pista a fim de dançarmos.

— Vamos aproveitar, porque daqui a pouco tenho que voltar para casa.

Concordo, pois sei que Heitor está com Bernardo enquanto ela está aqui.

— Achei incrível seu noivo ficar com seu filho para você sair. Meu irmão nunca permitiria que minha cunhada fizesse isso!

Helena para de dançar.

— Mari, nós não somos propriedades de ninguém! Um relacionamento saudável é quando cada parceiro compreende e respeita a individualidade do outro. — Meneio a cabeça concordando e achando incrível que realmente existam relacionamentos assim. — Bernardo e eu temos nossos amigos, nossos trabalhos e também diversões, nem sempre fazemos tudo juntos.

— Não é só porque você está em um relacionamento que tem que abandonar tudo e viver exclusivamente para seu parceiro — concluo, e ela levanta a taça, brindando a minhas palavras.

É uma vida tão diferente da que vivi! O exemplo de relacionamento que eu tinha era do Zé e da Kátia, e minha cunhada fazia apenas o que *uma mulher casada* deveria fazer. Era ela quem cuidava das crianças, da casa e do marido, mas, fora se arrumar, nunca a vi fazendo nada por si mesma.

Éramos muito isolados de tudo e de todos, reconheço. O próprio Zé não tinha amigos, quase não saía de casa por causa do seu *trabalho*.

Mais uma vez olho para tudo à minha volta e sinto uma enorme gratidão a Millos e Kyra por poder conhecer uma realidade tão diferente. Claro que ainda não me sinto inteiramente feliz, afinal, embora tenha notícias esporádicas de Kátia e das crianças, não sei nada sobre meu irmão.

Viva sua vida, Mariana. Seu irmão sabia o que fazia desde o começo.

Procure apenas se manter segura, por favor! As palavras dela, no último e-mail que trocamos, calaram fundo dentro de mim. Percebi que não posso deixar passar essa oportunidade que a vida me deu em meio à tragédia que se passou. Aqui em São Paulo, tenho a oportunidade de crescer e ser uma pessoa independente, coisa que nunca conseguiria se continuasse sob a tutela de meu irmão, ameaçada pelos segredos dele.

Claro que me preocupo ainda! Acordo às vezes no meio da noite, angustiada, querendo notícias. Millos me contou que sua amiga, que é da polícia, já está sabendo de tudo e que está investigando – de maneira não-oficial – o paradeiro de Zé. Isso me ajudou a não me sentir tão culpada por não ter denunciado o desaparecimento dele.

— Oi, boa noite!

Olho assustada para o homem ao meu lado – bem bonito, por sinal –, que sorri de maneira simpática.

— Oi! — cumprimento-o.

— Posso dançar com vocês? — sua pergunta é direcionada a nós três, mas ele me olha. — Estou com uns amigos e...

— É uma noite de meninas, já aviso — Kyra o corta, mas ri, divertida.

Desvio os olhos do homem e a olho, sem entender o que está acontecendo.

— Ei, sumido! — Helena o cumprimenta com um abraço. — Achei que ainda estivessem em turnê!

Kyra se aproxima e cochicha:

— Você não o reconhece? — Nego, olhando o homem alto, de cabelos escuros longos e roupa descolada. — Banda Off-Road?

Arregalo os olhos, lembrando-me das revistas que via as minhas colegas de escola lerem para depois suspirar. *Sim, como não o reconheci?*, penso ao olhar para o que as revistas chamavam de “o último solteiro da Off-Road”.

— Luti! — sussurro, e Kyra concorda.

— Impressionada? Ele é bonitão mesmo!

Encaro-a e noto que está me sondando, querendo saber o que penso do homem para... Kyra sorri maliciosa e faz sinal para onde Luti conversa com Helena, e, quando olho na direção dele, vejo que também está me olhando.

— Ele parece interessado em você, afinal, já nos encontramos muitas vezes aqui, e ele nunca veio falar comigo!

Interessado em mim?

— Não — nego de pronto. — Ele é amigo da Helena, veio falar com ela. — Kyra sorri desse jeito estranho de novo. — O que foi?

— Vida nova, um *flerte* não faz mal. — Ela gargalha quando arregalo os olhos. — Estou brincando, Mari, relaxa! Vamos curtir nossa noite de meninas.

— Eu... — sinto o rosto queimar e não olho mais na direção de Luti e Helena — não quero um flerte com ninguém.

Como se fosse possível eu pensar em estar com outra pessoa que não Millos! Sim, Luti é bonito, charmoso, o sonho de qualquer garota que já foi fã da banda, um sonho de princesa, por assim dizer, mas não!

Sei que Millos e eu não temos nada e que ele quer conversar sobre o que aconteceu entre nós noite passada, mas sou fiel ao meu coração, ao que sinto por ele, e não tenho como pensar em ficar com outro.

— Mari! — Helena me chama. — Esse é o Luti, um amigo meu e de Bernardo. Luti, essa é Mariana, amiga minha e de Kyra. Nós trabalhamos juntas.

— É um prazer.

Ele se aproxima e me cumprimenta com um beijo no rosto.

— Legal te conhecer — cumprimento-o de volta. — Eu gosto muito das

músicas de vocês.

— Fico feliz em saber. — Sorri charmoso, os cabelos caindo em seu rosto.

— Ei, pose para foto! — Kyra grita novamente, e congelo um sorriso na cara.

Viro-me para Helena após Kyra ter tirado a fotografia e a chamo para ir ao banheiro comigo, uma desculpa bem esfarrapada para escapar e olhar meu celular, esperando ver alguma mensagem de Millos.

Vã esperança, ele não viu!

Quando volto para junto de Kyra, já não vejo mais o roqueiro, mas ela conversa com outro homem que parece babar nela. Helena me pergunta se quero mais bebida, porque o champanhe acabou. Aceito, e ela pede duas *piñas coladas.*

Uma música conhecida – finalmente! – começa a tocar, e aproveito para dançar um pouco, sentindo-me mais descontraída e à vontade. Kyra se livra do homem com quem conversava e se integra à nossa "rodinha", dançando também.

O drinque que Helena pediu é delicioso, e não demoro muito para bebê-lo inteiro.

— Ei, devagar! — Lena me aconselha, rindo.

— Deixa a menina se divertir! — Kyra pede mais bebidas ao garçom que circula em nossa área. — Pedi uma bebida que eles fazem aqui com gin, energético e frutas tropicais, você vai amar, Mari.

Helena balança a cabeça, rejeitando a bebida, e pede mais uma da que acabamos de beber, alegando que não quer misturar. Fico um tanto preocupada por beber tantas coisas diferentes, mas a vontade de experimentar é mais forte que meu juízo, e me delicio com o drinque que Kyra pediu.

Nunca me diverti tanto! As meninas são companhias incríveis e muito

divertidas. Sinto meu corpo leve, o riso solto, como se nenhuma preocupação mais houvesse em minha mente. Tudo em que consigo pensar é em sentir prazer, dançar com minhas amigas, chegar a casa e fazer sexo com Millos até cansar!

Millos! Sorrio só em pensar no nome dele e em como é gostoso chamá-lo enquanto gozo. Um arrepio eriça toda minha pele, e giro com os braços abertos, rindo, viva e feliz.

— Eu acho que a Mari está altinha! — ouço Helena falar e abro os olhos, mas não estou de frente para elas, e sim na direção do bar. Paro em seco, e meu sorriso morre quando meus olhos encaram um homem alto, forte, barbudo e vestido de terno.

Não pode ser!

36

She told me to come, but I was already there
'Cause the walls start shaking
The earth was quaking
My mind was aching
And we were making it.[61]

Que dia de merda!

Estaciono o carro na garagem do galpão e fico um momento dentro dele, pensando em todas as coisas boas que aconteceram e na ansiedade pela qual passei todo o expediente.

Não tenho ideia do que está acontecendo comigo, quase não me reconheço e, por isso mesmo, mandei mensagem para meu terapeuta, que imediatamente mandou sua agenda para que eu marcasse uma sessão. Preciso achar meu centro, exercitar o controle sobre mim mesmo e parar com esses ataques desnecessários de impaciência que tenho tido.

Tento me desculpar alegando que a culpa é da tensão por causa do acontecido com o Kostas, minhas discussões frequentes com o Chicão sobre Alexios e toda a pressão da Ethernium para apresentarmos logo a área e o

projeto, mas sei que é apenas isso: desculpa!

Já lidei com muito mais coisas ao mesmo tempo, isso não é novidade. O único fator fora da minha curva de ação é Mariana.

Nossa conversa hoje de manhã mexeu comigo, e passei o dia todo analisando todos os desdobramentos de uma relação entre nós, ainda que meramente sexual, e não consegui chegar a nenhum denominador comum a não ser a enorme vontade e o desejo excruciante que não cessou após ser saciado.

Eu ainda quero mais.

Não pensei que essa simples confissão geraria tamanha complexidade em minha cabeça a ponto de me desconectar de todo o trabalho e esperar, impaciente, pelo fim do expediente.

Nunca tive expediente, porra!, penso balançando a cabeça. Nunca contei as horas para terminar o trabalho nem mesmo saí no horário em que geralmente os outros funcionários saem. Por isso, a inquietação quando o relógio marcou 18h me deixou louco. Se antes já estava difícil ficar concentrado, depois desse horário ficou ainda pior!

— Doutor? — Luiza foi até minha sala. — A chamada de videoconferência na sala de reuniões com o doutor Vasilis já começou, estão apenas o aguardando.

Levantei-me assustado da cadeira, porque não me lembrava da porra da reunião com meu pai, e não esqueço as coisas, sou meticuloso com meus compromissos de trabalho.

Entrei na sala ainda abotoando o blazer do terno – o que me rendeu um olhar desconfiado de Theodoros e a testa franzida de Alexios, afinal, eu quase nunca andava desalinhado pela empresa – e me sentei à mesa postado de frente para a tela e a câmera.

Meu pai, que há algum tempo começou com a excentricidade de usar luvas o tempo todo, tentou fazer piada sobre meu atraso e desalinho, mas, como ele nunca foi bom com ironia e eu nunca bati palmas para maluco, a

coisa não se desenvolveu. Tratamos de assuntos referentes à Karamanlis como um todo, igual a toda tediosa reunião semestral, e, quando eu achava que tinha acabado, ele surpreendeu a todos:

— Como Nikkós decidiu permanecer mais tempo no Brasil, eu indiquei o seu nome, Millos, para assumir minha cadeira no Conselho da Karamanlis Grécia durante minhas férias.

Tentei disfarçar ao máximo minha surpresa, apertei as mãos debaixo da mesa e o olhei impassível quando respondi:

— Não posso.

Theodoros pigarreou, Alexios se remexeu na cadeira, mas ninguém questionou nada. Meu pai ficou um tempo em silêncio, talvez surpreso demais por eu deixar passar a oportunidade de participar do Conselho e me estabelecer diante dos acionistas da Karamanlis na Grécia.

— Não vejo por que não!

Deu uma risada cínica.

— Porque não tenho vontade alguma de ocupar essa cadeira.

Theodoros tossiu, pediu desculpas e se levantou para ir até o aparador onde estavam a água e o café preparados para nossa reunião. Olhei de esguelha para Alexios, mas meu primo caçula parecia tão perdido em seus próprios pensamentos que achei que nem estava ciente do clima tenso na sala.

— Bom, se é sua palavra final, eu lamento — meu pai voltou a falar.

— É minha única palavra.

Com essa tensão reinante, a reunião foi encerrada. Alexios saiu sem falar com ninguém, e Theodoros me puxou para um canto e me chamou de louco.

— É uma ótima oportunidade de mostrar seu trabalho, fazer contatos e conseguir apoio para uma possível candidatura a CEO de lá no futuro. — Theo parecia não entender. — Como você pode negar algo assim?

— Por que você não vai? — perguntei irritado, querendo encerrar o assunto para poder voltar para casa, aparar as arestas com Mariana e passar a noite inteira enfiado dentro dela.

— Porque já tenho uma diretoria executiva para tocar! — Senti que Theo tinha vontade de me sacudir. — A Karamanlis só teria a ganhar com você na diretoria executiva lá na Grécia, pense nisso!

E voltar a morar em Atenas?!¸ tive vontade de gritar. Ele não tem noção do quanto eu quis sair de lá e que a vinda para cá, há dez anos, foi um alívio. Não posso e não quero reencontrar antigos fantasmas, não sei como lidar com eles!

Neguei mais uma vez, ressaltei meu desinteresse em ser CEO de qualquer coisa e saí da sala batendo a porta. Mal entrei no corredor das salas da diretoria e vi Luiza pegar umas pastas e vir até mim.

— Não, encerrei por hoje! — avisei, gesticulando em sua direção.

Ela parou em seco, ficou vermelha e recuou. Xinguei baixo em grego, fui para minha sala, recolhi minhas coisas e saí da Karamanlis me sentindo um burro chucro, dando coices e corcoveando.

— *Gamiménos*!

Saio do carro e vou contando meus passos, respirando lentamente, até o elevador de carga. Uso o pequeno tempo de subida para trazer alguma razão à explosão de hormônios em meu corpo, lembrando-me de que preciso conversar e acertar as coisas com Mariana *antes* de devorá-la inteira.

Sinto o corpo tenso, meu pau já num estado de dureza constrangedor, a boca salivando de vontade de beijá-la, lambê-la e...

Abro a porta do *loft*, mas tudo está escuro e silencioso. Confiro as horas e estranho, porque, nesse horário, Mariana sempre está em casa.

— Mariana? — chamo-a, deixo minha bolsa e o blazer do terno sobre o aparador da entrada ao mesmo tempo em que pego o celular para ver se ela me mandou alguma mensagem, pois, na correria do dia, não o olhei nenhuma

só vez.

Há várias mensagens de Kyra e uma de Mariana, mas nem a abro, pois só consigo ler a parte mais estarrecedora: *sair com Kyra!* Vou direito à foto da minha prima no aplicativo de mensagens e arregalo os olhos quando as imagens e vídeos aparecem.

Porra!

Não penso duas vezes, pego as chaves da Layla, uma Ducati Diavel, e desço correndo pelas escadas, sem paciência para a lerdeza suave do elevador de carga. Coloco um capacete extra na moto e saio do galpão cantando pneus em direção ao clube onde elas estão, pois, em uma das fotos de Kyra, apareceu o nome impresso nas taças de champanhe.

Kyra me paga!, penso durante todo o trajeto, com a imagem de Luti com o braço sobre os ombros de Mariana, e ambos sorrindo divertidos. *Eu vou matar aquele garoto se...* Paro o pensamento idiota antes que seja tarde.

Mariana é livre para conhecer e se interessar por quem quiser. O único problema é que Luti é reconhecidamente um mulherengo que se aproveita da fama para pegar todas as...

Respiro fundo de novo, acelerando a moto ao máximo, querendo chegar o mais rápido possível ao clube, como se minha presença fosse impedir algo.

Pensando bem, talvez seja até melhor que Mariana conheça outro homem! Luti é mais jovem do que eu, gosta de baladas, de coisas de jovens, e os dois combinariam muito bem... se ele não fosse um filho da puta.

Não! Ordeno à minha cabeça parar de loucuras e se concentrar na estrada. Porém, quando vejo a fachada do clube, sinto-me um idiota completo por ter vindo atrás de Mariana.

Estaciono a moto perto da calçada, fico um tempo parado na frente da casa noturna, que conta com uma pequena fila, sem descer da moto, mas também sem conseguir ir embora. Minha racionalidade clama que eu recolha o que sobrou da minha dignidade e vá para casa, mas meu corpo parece não ouvir nenhum argumento.

Imagino Mariana lá dentro, linda como é, naquele vestido solto e elegante, sendo abordada por vários homens, conversando, dançando com Luti e talvez até... Rio amargurado, sentindo-me patético.

— Vai ficar? — Um rapaz uniformizado aparece. — Temos serviço de *valet*[62].

Respiro fundo, tiro o capacete e concordo, deixando que o rapaz leve minha moto – a potente Layla – para o local de estacionamento. Não vou até a fila da entrada, achando-me ridículo enfiado num terno, enquanto as pessoas estão todas com suas roupas de noite, informais, prontas para dançar.

— Millos?

Olho para o lado e vejo Vincenzo, um amigo que é chef de cozinha e tem um restaurante no terraço do hotel Villazza SP, do meu também amigo Frank Villazza.

Vincenzo é outro apaixonado por motos, e, todas as vezes que nos encontramos, é com a finalidade de pegar estrada ou ir a salões de apresentação de novos modelos.

— Vince, como vai?

— Bem! — Ele aponta para duas mulheres que o aguardam. — Vai entrar? O clube está cheio demais hoje.

— Não tenho convite — respondo com sinceridade, pois já vim uma vez a essa casa e sei que não vendem entradas na hora.

Claro que, no afã de vir atrás de Mariana, não pensei nisso!

— Ah, *maledetto*, para que convite? — Ele pega o celular e manda mensagem para alguém que lhe responde em segundos. — Pronto, seu nome já está liberado. — Ri. — O contato certo abre muitas portas! Boa diversão.

Rio, achando-o ainda mais engraçado, embora um tanto sem-noção, e lhe agradeço. Espero que entre em seu carro com as duas mulheres e só depois

que já não consigo ver o veículo é que caminho até a entrada.

— Millos Karamanlis — informo à recepcionista, que olha em um iPad e logo libera minha passagem.

— Seja bem-vindo! — Entrega-me um cartão magnético.

O clube, claro, está escuro, e a música é ensurdecedora. Não curto muito este tipo de ambiente, mas, quando é preciso ou tenho vontade, frequento-o. Ando por todo lado, mas não vejo as mesinhas nem o bar todo iluminado em LED que aparecem nas fotos de Kyra.

Subo para o segundo andar, mas sou barrado.

— Área VIP. Tem reserva?

— Kyra Karamanlis — arrisco.

O homem consulta outro aparelho eletrônico e então, para minha grata surpresa, libera minha entrada. Provavelmente Kyra reservou para mais pessoas, e elas ainda não chegaram.

O bar é a primeira coisa que vejo. O balcão é um telão de LED com vídeos psicodélicos, algo que me lembra da última vez que estive aqui. Nesta área, garçons circulam anotando os pedidos para que os frequentadores não necessitem ir até o balcão a fim de pedir bebidas, então nem perco meu tempo procurando-as lá perto e resolvo ir até as mesas.

Mal dou dois passos, e algo me chama a atenção. Vejo Mariana dançando, braços abertos. O vestido, que tem tons de branco, parece estar aceso por causa da luz negra, que o deixa néon. Ela sorri, divertida, enquanto Kyra e Helena dançam em outra direção.

Não consigo me mover, apenas a olho, hipnotizado, desfrutando da alegria que ela parece sentir. Percebo seu corpo solto, seu sorriso enorme, imagino o som de sua risada e sinto meu corpo corresponder aos estímulos de prazer que ela emite. Então, como se sentisse meus olhos sobre si, ela olha diretamente para mim.

Ficamos nos encarando por um tempo. Ela já não sorri, parece surpresa, talvez confusa. Nem escuto mais o som alto da casa, meu coração parece tamborilar nos meus ouvidos. A energia sexual que havia se aplacado quando descobri que ela estava em uma boate com a Kyra volta com força.

Dou um passo em sua direção, mas, antes que eu comece realmente a andar, um homem se aproxima dela e a toca no braço. Meu sangue ferve nesse momento. Mariana se encolhe, reprimindo o contato, mas o sujeito parece não perceber e se abaixa para falar algo em seu ouvido.

Não sei quantos passos foram precisos para chegar perto dela, devo ter corrido, mas nem notei, concentrado demais em tirar as garras sujas do homem de cima da *minha* Mariana.

— Sai — rosno ao lado do sujeito, e ele pula de susto.

— Eu não estava...

— Sai agora!

Encaro Mariana. Nem tomo conhecimento do afastamento do ser indesejável, hipnotizado pelas íris azuis, que brilham como faróis.

— É você mesmo! — Ela parece em choque. — Como...

— Millos! — Kyra se aproxima e me abraça.

Ela sempre faz isso, mesmo sabendo que não curto esse tipo de cumprimento. Kyra é teimosa, liga pouco para a opinião alheia e vive me dizendo para parar de ser *noiado*.

— Que coincidência! — é Helena Santorini quem diz isso, mas sem me olhar, pois encara Kyra com olhos desconfiados. — Não é?

Kyra parece não entender as implicações do comentário de Helena, e isso faz uma ideia ganhar forma e ficar cada vez mais plausível. *Coincidência?!*, penso ao lembrar que minha prima me mandou as fotos – mostrando bem o nome da boate – e que ela nunca foi de compartilhar seus momentos de diversão comigo.

— Estamos comemorando o retorno de Kostas ao mundo dos viventes! Quer beber algo? — Ela faz sinal para o garçom, mas a corto:

— Não, não quero. — Olho para Mariana. — Cheguei em casa, e você não estava...

Ela chupa o lábio inferior. Meu pau se contorce sob a roupa.

— Eu deixei mensagem para avisar, mas você não...

— Ela não precisa de autorização sua para sair conosco, não é? — Kyra a interrompe e lhe oferece um drinque. Mariana pega o copo e bebe tudo muito rápido.

Rápido demais! Analiso a expressão de Kyra e volto a olhar para Helena, que parece um tanto desconfortável. Bufo, entendendo aonde Kyra quer chegar. Minha prima está sondando terreno, provavelmente orquestrou tudo sabendo que eu viria atrás de Mariana, por isso consegui entrar na área VIP.

Merda! Caí como um pato!

— Claro que Mariana não precisa de minha *autorização* para nada que queira fazer. — Aproximo-me dela. — Fiquei apenas preocupado.

Kyra não consegue segurar a risada, e Helena franze a testa, olhando de Mariana para mim como se tentasse entender o que está se passando entre nós.

— Mari está segura conosco, Mi, relaxa! — Kyra coloca a mão sobre seu ombro, e Mariana sorri.

Merda! Sim, não pensei na segurança dela quando vim para cá, mas me preocupei, e ainda me preocupo, porque...

É, cada vez seu discurso fica menos convincente!, minha consciência acusa, e sou obrigado a admitir que vim única e exclusivamente porque senti ciúmes. Reconheço que, no estado de ansiedade em que me encontrava o dia todo, queria a encontrar em casa, ir com ela para o banho, trepar, jantar, trepar, dormir, trepar e... bem, descobri que ela estava numa boate com Kyra

e Luti.

Ciúmes! A palavra deixa minha boca seca, pois é um sentimento que nunca imaginei conhecer.

Kyra fala algo para as suas amigas, mas não consigo ouvir o que diz, apenas noto o olhar perplexo de Mariana e o sorriso de Helena e, mais uma vez, percebo que minha prima me manipulou.

Maláka[63] *!*

— Pessoal, eu tenho que ir — Helena se despede, beijando Mari e Kyra. — Bernardo acabou de mandar mensagem dizendo que Heitor não quer dormir antes de eu chegar.

Aceno, despedindo-me dela, e Kyra caminha com Helena até perto das escadas. Aproveito o momento a sós com Mariana e pergunto:

— Você está bem? — Ela sorri e assente. — Então vou embora também. Depois Kyra pode te deixar em casa.

— Viemos de Uber — Kyra fala às minhas costas, voltando da entrada da área VIP. — Eu vou embora com Helena, voltei para saber se você pode levar a Mariana, assim não precisaremos deixá-la no galpão. Pode ser?

Meu corpo inteiro reage a essa proposta, ciente de que a terei novamente em minha garupa depois de tantos meses. O ideal seria recusar a carona e deixar que as três voltassem juntas, frustrando os planos de Kyra, que armou essa situação toda, porém não consigo negar, admitindo que vim até aqui e trouxe até capacete reserva com a intenção de voltar com Mariana na minha garupa.

— Claro. — Estendo a mão. — Vamos?

Descemos todos juntos e nos encontramos com Helena no caixa.

— Já acertei nossa conta — comunica. — Até amanhã!

Mariana se despede das amigas e me segue para fora da casa noturna. Não

falamos nada, apenas tentamos sair do lugar lotado sem nos separar. Na saída, devolvo o cartão sem nenhum consumo e pago o estacionamento, então resolvo informar-lhe que não estou de carro.

— Eu vim de moto. Se lembra ainda como é andar na garupa?

Ela sorri, suspira e fecha os olhos, parecendo viajar nas lembranças da vez que andamos juntos por Carrancas.

— Lembro, mas acho que estou um pouco zonza.

Noto-a um tanto cambaleante e a ajudo a se firmar, abraçando-a contra mim. Prendo o fôlego, tentando controlar o gênio e a vontade enorme de ir até Kyra e lhe torcer o pescoço, não por ter trazido Mariana para cá ou mesmo por a ter deixado zonza com bebidas – porque ela é doida, mas sabe muito bem o que faz –, mas por ter manipulado a situação para me trazer até a boate.

Como eu pude cair nas maquinações dela?!

A moto chega, e escuto a exclamação de admiração de Mariana. Sorrio, pois sei que o design da Layla é lindo e que, mesmo não sendo uma moto cara – custa menos de R$ 100 mil –, chama muito a atenção.

Pego meu capacete, tiro o que trouxe para ela – fixado na parte da garupa por uma rede elástica aranha preta – e a ajudo a colocá-lo.

— Pronta?

— Sim!

Novamente tenho a sensação deliciosa dos seus braços em volta do meu corpo, a tortura viciante de trocar – mesmo com as roupas – calor corporal com ela. Não pensei que gostaria tanto assim de levá-la comigo na moto.

As mãos de Mariana estão inquietas, sobem e descem no meu abdômen, apertam, massageiam, resvalam sobre o cinto do terno. Gemo quando os dedos frios invadem a camisa por entre os botões e encostam na minha pele quente.

Sinto um botão se soltar, depois outro, o vento entrando com mais força, batendo direto em minha barriga. Estremeço quando Mariana arranha a pele sobre meus músculos e depois contorna meu umbigo. Tento ficar atento à estrada, mas a tortura a qual me inflige e a vontade de tê-la estão me deixando louco.

Já estou resfolegando quando finalmente chego a casa, aciono o controle do portão e entro mais rápido que o normal com a moto. Mariana desce primeiro, mas me sinto congelado, segurando as manoplas como se *me segurasse.*

— Eu não me lembrava dessa sensação gostosa! — escuto-a, o som de sua voz animado. — Kyra tinha razão, eu me diverti voltando de moto contigo!

Não respondo, ainda sobre a motocicleta, tentando entender quando virei um fantoche nas mãos de minha prima. Kyra tem um jeito bem parecido com o meu, sabe cutucar nos lugares certos, mas nunca atingiu o alvo comigo. Sempre ri, previ e descobri suas maquinações mesmo antes de ela executá-las, só não entendo por que agora foi diferente.

Desço da moto, tiro meu capacete e pego o de Mariana. Não consigo olhá-la, não quero que veja a minha expressão, porque não consigo ocultar a frustração que é admitir que agi feito um troglodita ciumento.

— Millos?

— Pode subir, daqui a pouco eu vou... — respondo ainda de costas para ela, guardando o capacete no armário.

Escuto o suspiro alto, impaciente, e, quando me volto para olhá-la, noto que algo lhe desagradou.

— Você está agindo assim porque saí para me divertir?

Nego, mas não falo nada, simplesmente porque não sei o que dizer. Eu nem consigo processar o que está acontecendo comigo, por que ela me desestabiliza tanto a ponto de eu não controlar meus impulsos e fazer coisas que nunca faria pensando racionalmente.

— Então por que está com essa cara? Por que não fala nada comigo?

Droga, falar nunca foi meu forte!

— Eu só fiquei preocupado. Você ainda não conhece nada por aqui e...

— Nunca vou conhecer se não sair, não acha?! — ela explode. — Você tem sua vida, Millos. Sai, dorme não sei onde, volta de manhã, almoça e janta não sei com quem... Por que eu não posso?

A reação dela vem de encontro a mim e estremece a fina barreira de calma que mantém toda minha frustração contida.

— Não disse que você não pode...

— Mas, se eu seguir sua lógica, nunca vou fazer! — Ela se aproxima de mim. O ar parece ficar rarefeito, a energia entre nós é forte, e tenho medo de explodirmos juntos. — Eu não sou uma garotinha ingênua, Millos! — Meu corpo estremece ao ouvi-la dizer isso. — Então me trate como a mulher que sou.

Ela não tem noção do que me pede! Eu vejo a mulher que ela é, vi mesmo antes de saber sua idade. Claro que sempre notei sua inexperiência, mas reconhecia a autoconfiança e a sua força de vontade. Foi exatamente essa mistura que me tirou do prumo, que fodeu minha mente e me fez querê-la do jeito que a quero.

Eu estava com ciúmes, porra!, sinto vontade de gritar, mas admitir que caí nas manipulações de Kyra me é muito custoso ainda, afinal, nunca estive nessa posição. Tenho me controlado, mantido o mínimo de racionalidade, mas nem mesmo isso me contém quando o assunto é Mariana, e isso me apavora e excita ao mesmo tempo.

Ela se vira rápido, na intenção de subir, mas a pego pelo braço e a faço me olhar. As palavras estão engasgadas na minha garganta, a confissão de que fui atrás dela hoje porque a quero, a desejo tanto que isso me consome, deixa-me vulnerável e me faz sentir emoções que julguei nunca sentir. *Ciúmes!*

Mariana me encara, esperando que eu diga algo, então, de repente, seu olhar se desvia para a minha boca, e o restante do meu controle se vai.

Beijo-a cheio de tesão, segurando seus cabelos com força. Não consigo me conter, meu corpo parece explodir, sinto chamas me queimando as entranhas, e a única coisa que traz alívio é o sabor de sua boca.

Pressiono-a mais contra mim, mas isso não parece suficiente, pois tenho ganas de invadi-la, ser parte de seu corpo e fundir minha alma à dela. Minha consciência grita que eu pare, que converse e tente me acalmar, mas não consigo. Afogo Mariana em beijos, as mãos desvendando cada curva, apertando sua pele, marcando-a como minha. Ela ofega entre gemidos, e eu a viro de costas, abraçando-a enquanto levanto a saia de seu vestido e meto minha mão dentro de sua calcinha.

— Millos...

Geme mais alto quando encontro o ponto tenso entre suas dobras e o esfrego, tensionando-o e agitando-o. Sinto-a desfalecer em meus braços, contorcendo-se, buscando apoio em mim. Beijo seu pescoço, o lóbulo da orelha, sempre segurando seus cabelos como se estivessem presos em um rabo de cavalo.

A sensação quente e úmida nos meus dedos é indescritível, e, como um ímã, eles são atraídos para sua entrada apertada, mas que, de tão molhada, não oferece resistência às minhas investidas.

— Por favor... — Mariana choraminga ao passo que rebola na minha mão. — Por favor...

O peso dela sobre meu braço é enorme, e sinto também maior pressão em seus cabelos. Olho para a moto, firme e segura por causa do descanso, e a arrasto até lá.

De bruços, Mariana se dobra sobre o banco da moto e afasta ainda mais as pernas, receptiva às minha estocadas com dois dedos dentro de si ao mesmo tempo em que uso a palma da mão em concha para excitar seu clitóris. Ela estremece sob meu corpo, e isso alimenta meu tesão ainda mais.

Solto seus cabelos e abro o cinto e a calça, libertando meu pau. Suspiro de alívio, meu órgão pulsando, quente e vermelho, as veias ressaltadas, a cabeça brilhando. Levanto a saia do vestido e fico um tempo observando o contraste do meu corpo com o dela, admirando sua bunda na calcinha comportada de material leve, mas deliciosamente sexy.

Afasto-me um pouco, o suficiente para ver os movimentos de minha mão agitando o tecido do fundo da calcinha. Meu pau se contorce, levantando-se em um movimento involuntário apenas por me imaginar dentro dela. Um frenesi agita meu interior e me deixa completamente inebriado.

Esfrego meu pau sobre sua bunda, deixando rastros molhados da minha excitação, a ponta vermelha e larga em contraste com a pele clara, o sangue correndo forte dentro das veias, o músculo pulando em espasmos de prazer.

Os sons que Mariana emite mudam, ficam mais rápidos, intercalados com uma respiração forte. Sei que está prestes a gozar em minha mão, por isso retiro os dedos de seu interior e os dedico totalmente ao seu clitóris inchado, tocando-o delicadamente, mas firme, fazendo os movimentos circulares que sei que ela adora.

Inclino-me sobre ela, e meu pau fica pressionado entre nossos corpos. Como o vestido tem um leve decote nas costas, arrasto minha língua por ele para chegar até sua nuca e prender sua orelha com meus dentes. Gemo em seu ouvido, delirando com o prazer que o prazer dela está me proporcionando.

Ela vira o rosto levemente em minha direção, seu semblante demonstrando o desespero no qual se encontra, o pedido de liberação, e, quando ela chega, não consigo mais me conter, movimento-me contra seus quadris e esfrego meu pau em sua boceta, ainda sobre a calcinha.

Mariana estremece e grita, sua pele toda arrepiada, as mãos segurando-se no couro do banco da moto. Retiro a mão, inundada de seu gozo, molhada e brilhando, e a esfrego no meu pau, gemendo como se conseguisse sentir as notas de seu orgasmo, comparando-as aos mais profundos e exóticos aromas que já senti.

Sinto-me dentro do vórtice de um furacão, não consigo encontrar nenhuma palavra, apenas sinto, e o faço com uma intensidade imensurável. Minha mão parece ter vida própria quando a pressiona ainda mais contra a moto, seu lindo traseiro ainda mais empinado.

A calcinha é colocada de lado.

Fecho os olhos, sentindo a energia sexual atingindo-me com força, num orgasmo seco que faz com que meu abdômen se contraia e todos os demais músculos em meu corpo pulem, fazendo-me tremer.

Seguro meu pau com força e o esfrego contra a cavidade encharcada. Reclino minha cabeça, o contato único da pele suave de seus lábios íntimos, o calor e a deliciosa fricção.

Mariana mexe os quadris, e seu corpo recebe o meu. Seguro o fôlego quando sinto o perfeito encaixe da cabeça do meu membro na entrada de sua boceta e abro os olhos.

— Isso é loucura! — Um rastro de sanidade ainda me faz dizer isso, mas logo é silenciado por imensas ondas de prazer que me inundam, turvam minha mente e me torna apenas um ser primitivo, que age por impulso e instinto.

— Eu quero você... — Mariana geme, movimentando-se mais contra mim. — Vem!

Engulo em seco, travado, tentando listar todas os motivos ruins de continuar daqui, mas sem conseguir formular um só deles. Eu preciso dela, de seu corpo, de seu abraço e...

— *Ái gamísou*!

O aperto de sua boceta é minha sentença final, e meu pau se afunda, centímetro a centímetro, dentro dela. Abro a boca como se não conseguisse mais apenas respirar pelo nariz, aperto os olhos e agarro seus quadris com força, firmando-os contra a minha invasão.

Foda-se!

Não me controlo mais, perco-me e me encontro dentro dela. Movimento-me devagar, sentindo, degustando com o pau o delicioso encontro de peles, músculos e fluidos corporais, misturando nossas essências, tornando-nos um só.

As estocadas aumentam, ouço o barulho da moto, que balança cada vez que arremeto e volto a entrar. O prazer é dolorido, viciante, insaciável, inigualável. Não há medidas para descrever o que sinto, e sei que Mariana se sente da mesma forma, pois, além de seus gemidos, sinto sua boceta reagir a cada resvalo do meu pau.

A moto balança mais, e, mesmo vidrado de desejo, preocupo-me em não colocar Mariana em risco, por isso a puxo pelos cabelos, desencostando-a do veículo, e sigo entregue à foda deliciosa.

— Continua... — ela pede, rebolando contra mim. — Mais!

Sorrio e desacelero, ondulando os quadris, enterrado dentro dela até o limite.

— Gosta disso? — Meto curto, lentamente. — Ou disso? — Volto a foder, quase saindo de seu corpo e voltando com força.

O gemido alto reverbera no teto do galpão, e acho que nunca ouvi melhor som dentro deste lugar. Paro novamente, olho para nossos corpos unidos, estremeço, o gozo próximo. Tento controlar meu descontrole, mas Mariana não ajuda.

— Millos, por favor! — implora, rebolando tão gostoso que necessito travar os dentes para não explodir em gozo com o que esse movimento provoca no meu pau.

A posição na qual estamos é tão foda que cada vez que ela se choca contra mim, balança minhas bolas, que batem contra a parte traseira de suas coxas.

Urro quando sou tomado por um prazer tão violento que faz minhas coxas se contraírem e perco o resto do limite, fodendo-a com força, rápido, instigado pelos seus gemidos.

Mariana goza, sua boceta apertando-me, seu corpo tendo tantos espasmos como se uma forte corrente elétrica a atravessasse e me atingisse.

Grito, fecho os olhos, minhas bolas sendo drenadas, minha alma se dissolvendo, enquanto ardo em fogo, consumido por um orgasmo transcendental, que faz minha pele derreter em suor e meus ossos parecerem de cristal.

Vou ao chão, levando-a comigo, aparando sua queda com meu próprio corpo, o frio do cimento queimado do piso do galpão em choque contra meu corpo em ebulição.

Sinto-me desorientado, sem saber o que me atingiu, à deriva num mar de lava que escorre pelo meu pau, ainda dentro de Mariana.

Meu coração acelera, mas o enlevo que nublou minha mente se desvanece, e a realidade se apresenta, gelando-me da cabeça aos pés.

Nós trepamos sem camisinha!

Sinto-me sufocar, Mariana pesando sobre meu corpo como uma tonelada de chumbo, parecendo não se dar conta da loucura que acabamos de cometer.

Fecho os olhos a fim de me concentrar e não surtar ao mesmo tempo em que procuro achar a explicação para minha total falta de controle e responsabilidade. Agi como um filho da puta com ela, como fazia anos atrás com minhas parceiras, e isso é indesculpável.

Perdi o controle, e isso poderia ser desastroso.

Eu poderia tê-la machucado!

37

And so I wake in the morning and I step outside
And I take deep breath
And I get real high
And I scream from the top of my lungs
What's going on?[64]

Devo estar parecendo uma idiota com um enorme sorriso pregado no rosto, descabelada, com o vestido levantado e a calcinha torta, mas, querem saber? Nunca me senti tão viva antes!

Definitivamente, não esperava terminar a noite assim! Claro que pensei em dormir com Millos, fazer sexo, gozar com ele, mas não da forma como aconteceu. *Não mesmo!* Meu sorriso se alarga ao pensar nisso.

Adoro esses caminhos inesperados que a vida apresenta, provando que a realidade pode ser muito melhor do que qualquer fantasia. Se achei que nossa primeira vez foi intensa e especial, o que falar do que houve agora? Senti-me parte dele, como se tivéssemos virado uma só pessoa. Senti na pele cada coisa que ele também estava sentindo, vibrei, desfrutei e amei cada minuto que se passou. Não dá para explicar com palavras o que senti, apenas dizer que foi único e perfeito.

Viro-me um pouco sobre Millos, gostando de ouvir o bater de seu coração, tão acelerado quanto o meu, e ergo a cabeça para poder ver seu rosto, mas ele está com os olhos fechados e tem uma expressão de dor que me deixa preocupada.

Millos pode ter se machucado ao desmoronar no chão quando gozei, por isso acho melhor levantar-me e ajudá-lo a... Ele arregala os olhos de repente, e me assusto com seu olhar desesperado.

— Tudo bem? — pergunto ainda sem fôlego.

Ele só parece notar que estou olhando-o quando faço a pergunta, e seus olhos se arregalam ainda mais.

— Não! — Balança a cabeça e me segura pela cintura, erguendo-me, afastando-me dele.

Tenho que me equilibrar para não cair novamente. Apoio a mão no chão e pego impulso para ficar de pé, preocupada com o tombo, pensando no que fazer caso ele tenha se machucado e...

Sinto um líquido quente escorrer pelas minhas coxas e estremeço, entendendo o que aconteceu. Viro-me para Millos, que ainda está no chão, antebraço sobre os olhos, e confirmo que ele realmente gozou comigo, dentro de mim.

— Millos...

— Agora não! — Sua voz ríspida é como um escudo, e dou um passo para trás. — Eu preciso respirar.

Observo-o se pôr de pé e arrumar suas roupas sem sequer olhar para mim. Meu coração se aperta, milhares de coisas passam pela minha cabeça, tão confusa pela reação dele.

— Isso não deveria ter acontecido. — O choque das palavras é a confirmação de que algo está errado. Millos me olha e geme, mas não de prazer. — Eu perdi o controle e...

— Está tudo bem. — Tento acalmá-lo.

Ele nega e se afasta quando tento me aproximar.

— Você não me conhece, não tem noção do risco que correu. Eu poderia ter te machucado.

— Claro que não, você jamais faria isso!

Ele ri, uma risada sinistra, irônica e cheia de amargura.

— Faria. — Olha-me sério. — Isso não pode mais se repetir.

Franzo a testa, sinto minhas pernas tremerem e indago:

— Isso o quê?

— Nós dois. — Ele anda até a moto na qual viemos. — Eu achei que pudesse, que estaria sob controle, mas não.

Tudo o que ele me diz não faz o menor sentido para mim, porque sei que ele sentiu o mesmo, que me quer tanto quanto eu o quero, só não entendo por que está falando tudo isso!

— Foi por que não usamos camisinha?

Ele xinga baixo, em grego, e pega um capacete.

— Foi tudo, Mariana. Não é certo...

— Nós dois quisemos — contesto com o óbvio.

Millos nega.

— Você é uma menina, e eu não deveria estar me aproveitando de você, muito menos a colocando em risco com minhas merdas todas e...

Sinto meu sangue ferver, percebendo que ele me enxerga da mesma maneira que meu irmão me enxergava, como uma garota que não tem condições de decidir nada em sua própria vida.

— Eu não sou uma menina! — grito, e isso o surpreende. — Não tenho sua idade e experiência, mas já passei por muita coisa também. Não tire de mim o direito de sentir e querer, alegando que não tenho idade para isso! Eu quis você tanto quanto você me quis, e isso não o torna um aproveitador.

— Não importa se você quis ou não...

— O quê? — interrompo-o. — Não importa? Millos, isso é só o que importa, você não vê?

Ele nega e abre o capacete.

— Eu prometi proteger você, e essa promessa se estende até mim. — Arregalo os olhos, achando um absurdo que ele pense que precisa me proteger de si mesmo. — Preciso respirar. — Põe o capacete. — Você vai ficar bem?

Minha vontade é de gritar e sacudi-lo até ele enxergar que estou bem e *ele* é quem não está. Não sei o que houve, sinceramente. Não entendo como ele pode ter se transformado tão de repente, e isso me machuca tão profundamente que mal consigo respirar.

— Eu estou bem, Millos.

Viro as costas e sigo na direção do elevador, pisando tão duro que o som dos meus saltos faz eco dentro do galpão.

Somente dentro do elevador é que começo a soluçar, e as lágrimas só caem quando escuto o barulho do motor da moto sumindo aos poucos, sinal de que ele realmente saiu.

Odeio me sentir assim e, principalmente, nunca achei que ficasse com tanta raiva de alguém, mesmo amando essa pessoa.

Por que todo mundo acha que tem o direito de decidir sobre minha vida? Por que nunca posso ter escolha ou autonomia? Primeiro o meu irmão, que sempre controlou todos os meus passos e me disse o que devia ou não fazer, e agora Millos, que julga que não tenho capacidade de decidir sobre meus desejos e vontades.

Eu o desejei e ainda o desejo, mas, acima de tudo, quero alguém que possa me ver além da aparência frágil ou da minha idade. Alguém que me veja como mulher e respeite minhas decisões, minha liberdade.

Sigo para o banheiro e entro sob a água quente do chuveiro enquanto choro, sem entender por que a noite, que começou tão maravilhosa, virou um desespero.

Fizemos sexo descontrolado, concordo com ele, principalmente no que diz respeito à segurança, afinal, não uso nenhum método contraceptivo e não sei das experiências anteriores de Millos. Foi irresponsável, mesmo que tenha sido delicioso, reconheço isso.

O que não entendo é a reação desmedida dele!

Faço um cálculo rápido do meu ciclo, pois sempre fui extremamente regular com minha menstruação, e respiro aliviada ao perceber que não estou em período fértil. Sei disso porque a Kátia tinha uma agenda feminina, em que marcava os dias de suas menstruações, e, quando tive meu primeiro sangramento, ela me ensinou a calcular os próximos ciclos. Depois, na escola, descobri que essa tabela também servia como método para evitar ou para conseguir engravidar. Sempre funcionou como tabela menstrual para mim, pois marcava o dia, e as minhas regras vinham exatamente nele, então espero que funcione como método anticoncepcional para o que houve hoje.

Quanto a DSTs, só vou saber de algo quando conversarmos, e isso me deixa nervosa, porque ninguém vem com um aviso de doença sexual transmissível na testa, por isso sempre ouvi sobre a importância da camisinha e de se conversar com o parceiro e fazer exames.

Bom... só o tempo dirá!

Termino o banho e coloco um pijama. Não sinto fome, a bebida me deixou um pouco nauseada e com dor de cabeça, por isso tomo um analgésico e me deito, rezando para dormir e acordar com a mente mais tranquila para poder tomar a decisão certa.

— Você está com olheiras. Está tudo bem? — Kyra se senta ao meu lado na estação de trabalho onde termino uma planilha para Helena.

— A noitada de ontem à noite está cobrando seu preço. — Tento parecer descontraída com essa resposta. — Estou de ressaca.

Kyra ri.

— Desculpe-me por ter te incentivado a beber, esqueço que nem todo mundo tem o fígado curtido como o meu. — Ri. — Lena me disse que seu trabalho é meticuloso no planejamento e a elogiou muito. É nisso que você quer se estabelecer aqui?

Respiro fundo, coração disparado, e assinto.

— Adoro cozinhar, mas descobri que planejar cada detalhe é ainda mais estimulante. Se você achar que eu dou conta de...

Kyra põe a mão no meu ombro.

— Você dá conta de qualquer coisa que se propuser, Mari. Eu confio em sua capacidade, por isso decidi que você vai ficar com Helena no planejamento e quero sugerir um curso que eu mesma fiz, caso queira se aprofundar no negócio.

Arregalo os olhos, emocionada e surpresa ao mesmo tempo.

— Claro que eu quero!

— Ótimo, vou te passar o contato. Não é um curso regular, mas é muito melhor, porque conta com a experiência de uma das maiores organizadoras de eventos de todos os tempos. A Gegê Zambetti é o papa do nosso ramo.

Gegê Zambetti, repito mentalmente o nome para não esquecer e pesquisar sobre ela quando tiver tempo.

— Ouvi o nome da minha tia? — Helena questiona ao se aproximar carregando sua tão costumeira caneca de café.

— Vou indicar a Mari para um curso VIP com ela. — Helena abre um enorme sorriso e concorda com a ideia de Kyra. — Ela decidiu ficar com o planejamento. — Faz careta. — Enfim, eu nunca teria dado certo se não houvesse quem gostasse de negociar com fornecedores e cuidasse do orçamento.

— Eu, no caso! — Helena pisca para mim. — Tia Gegê vai amar você, Mari! Ela adora sangue novo e está soltinha, soltinha por ter voltado a morar no Brasil.

— Soltinha? Ela está é maluquinha, isso sim! — Kyra gargalha. — Eu a adoro, nem finjo que não. A *coroa* é doida de pedra.

— Não a chame assim... — Helena a repreende. — Gegê não liga se a chamarmos de doida, mas de *coroa?* Ela morre!

Começo a rir ouvindo as histórias de dona Gertrudes Zambetti, de 70 anos, que voltou ao Brasil depois de mais de 40 anos morando na Itália com o marido, falecido há dois anos. A lista de clientes da mulher parece a própria lista do Oscar, e isso aumenta ainda mais minha vontade de conhecê-la e aprender tudo o que puder me ensinar.

Essa conversa com Kyra ajuda a levantar meu ânimo depois da noite praticamente insone que tive. Não consegui relaxar para dormir, a cabeça revivendo todos os momentos desde que Millos apareceu na boate até quando ouvi o ronco do motor da moto saindo do galpão.

Tentei em vão entender o que o transtornou daquele jeito, mas não pude encontrar a resposta, porque, para mim, tudo foi perfeito. Chorei, ressenti-me, até que deixei de lamentar o que já havia acontecido e tomei uma decisão.

Levantei-me mais cedo que de costume, percebi que Millos ainda não tinha retornado, cumpri minha rotina da manhã, tomei café e, quando Cris chegou, eu já estava com tudo pronto para uma nova fase em minha vida.

Suspiro.

— Tudo bem? — Helena é quem me pergunta, e me dou conta de que Kyra saiu de perto enquanto eu devaneava.

— Sim... — Suspiro de novo. — Lena... — Engulo em seco, pensando se é boa ideia conversar com ela ou não. — Eu tomei uma decisão e...

— Eu sei, vi quando chegou — interrompe-me. — Eu sei que você sente algo além de gratidão pelo Millos. — Sorrio sem jeito, o rosto ardendo de vergonha por ter sido tão transparente. — Mas os Karamanlis são complicados. Dê tempo ao tempo.

— Eu sei...

Helena pega minha mão e sorri cheia de carinho.

— Mari, quero que você saiba que estou aqui para te ouvir sempre que precisar. Podemos falar sobre qualquer assunto, a qualquer hora. Você não está sozinha.

— Obrigada.

Helena aponta para a tela do computador, um sinal claro para eu voltar a trabalhar, e vai para sua própria mesa. Arrumo-me na cadeira e estalo os dedos antes de voltar a fazer contas e preencher a tabela de orçamento.

Tempo ao tempo...

Sim, é o melhor conselho, e nada melhor do que me concentrar no trabalho, no curso e na minha vida. Pela primeira vez em minha existência, tenho a chance de ser dona de minha própria história, e não vou desperdiçar as oportunidades que estão aparecendo.

Vou provar a todos que sei cuidar de mim!

38

It's much too late to save myself from falling
I took a chance and changed your way of life
But you misread my meaning when I met you
Closed the door and left me blinded by the light.[65]

Você fez merda, Millos!

Respiro fundo e fecho os olhos assim que minha consciência acusa novamente e as lembranças da noite passada retornam. *Eu poderia ter ferido a Mariana!*, argumento, mas a réplica da minha cabeça é devastadora: *você a machucou com sua atitude mais do que com seu corpo!*

— *Skatá*![66]

Deixo de lado as propostas de locais para a Ethernium que Alexios me enviou enquanto Kika e Kostas não voltam ao trabalho e reconheço que agi como um babaca com ela. Um covarde, seria a melhor definição, e isso me assusta, porque nunca fui assim. Mesmo depois de tudo o que passei, nunca me senti tão amedrontado como na noite passada.

Perdi o controle, sim, mas ela não parecia assustada ou mesmo

machucada. Fecho os olhos e me lembro da expressão de Mariana, completamente saciada e satisfeita após o sexo apressado sobre a moto.

Está tudo bem!, ela garantiu, mas eu estava tão perdido em mim mesmo, nas lembranças do passado, assustado como um garoto diante do meu descontrole e de tudo o que ele podia acarretar. Jurei que nunca iria maltratar uma mulher, que não carregaria comigo esse estigma de violência, embora o tenha em meu sangue.

Era preciso pensar e lutar contra todas as vozes dentro de mim – as que diziam estar tudo bem e as que me condenavam por ter me libertado do controle e das regras – e isso só seria possível se eu me afastasse dela.

Mariana me confunde demais!

Saí do galpão acelerando a moto ao máximo, sem rumo, coração disparado e a cabeça girando. Parte de mim não queria deixá-la, mas sim subir com ela, tomar um banho juntos e dormir com ela nos braços, saciados depois de mais alguns orgasmos.

Mas eu tive que ir! Não sei demonstrar minha fragilidade a alguém, uma defesa que criei ainda menino, assim que descobri o que acontecia na minha casa. Desde cedo tive de aprender a não demonstrar medo, não mostrar insegurança, impedir que meus sentimentos transparecessem em meu rosto, mostrar indiferença, mesmo estando dilacerado.

Aperfeiçoei tanto essas reações que, quando não consigo executá-las, tenho de fugir. Autopreservação, eu diria, algo que os outros chamam de mistério, mas que é apenas a reação de um garoto que viu coisas horríveis, mas tinha que fingir não ter visto nada.

Minha culpa, minha dor, meu flagelo!

Poucas vezes consegui ultrapassar todas as camadas que eu mesmo plantei em mim e, na maioria delas, foi com Mariana. Ainda não sei o que ela tem de diferente, por que tem todo esse poder sobre mim, sem nem fazer ideia de que o possui.

Eu fugi noite passada! Fugi como um covarde e amarguei minhas próprias

palavras ao perceber que fiz a mesma coisa que Konstantinos havia feito com Wilka. Infelizmente, eu não tinha um chalé para ir, então rodei pela cidade, parando, de tempos em tempos, próximo à casa das pessoas que eu amo.

O apartamento de Theo já não é mais parecido com um modelo de vendas num showroom. Depois de Duda e Tessa, Theo agora possui um lar. Kostas, eu presumo, já fica mais tempo com Wilka do que no seu pequeno flat da Paulista, e Alexios tem a vantagem de morar no mesmo prédio que Samara.

Parei, por último, do outro lado do Ibirapuera, em frente ao prédio de Kyra. As luzes do apartamento dela estavam apagadas, sinal de que ela não se encontrava. Minha prima não dorme sem ter uma luz acesa, e o breu total confirmava que não estava. Não que, se estivesse, fizesse alguma diferença! Não sou do tipo que desabafa com amigos e familiares e, ultimamente, não o tenho feito nem mesmo com meu terapeuta.

Pelo menos, não sobre Mariana!

Pego meu telefone, as lembranças da noite anterior, do meu vagar agonizante pela cidade, do medo e da culpa atormentando minha alma. Abro o aplicativo de mensagens e confiro se há alguma da mulher que tem me deixado em um estado lastimável de descontrole emocional e físico. Nada!

A foto bonita, tirada provavelmente no bufê de Kyra, faz minha respiração se agitar e meu corpo reagir. Mariana prova a mim mesmo, todos os dias, que estou vivo e que sou capaz de ir além da minha sensata e planejada vida.

Sinto vontade de falar com ela, desculpar-me pela noite passada e lhe garantir que, independentemente de qualquer circunstância, nunca irei machucá-la. Essa é a promessa que gostaria de fazer, mas que, no entanto, é impossível de ser cumprida. Eu a machuquei ontem simplesmente por ter tido medo de a machucar no futuro.

Lembro-me, então, de que há menos de duas horas estive no consultório do meu terapeuta e, finalmente, contei sobre Mariana e tudo o que está acontecendo.

A necessidade de falar com ele se tornou premente quando Luiza entrou na minha sala e se assustou. A princípio, não entendi a reação, afinal eu já havia chegado mais cedo à empresa inúmeras vezes, mas depois me dei conta do meu estado deplorável, usando a mesma roupa do dia anterior.

Foi aí que mandei uma mensagem para Victor Messer:

“Preciso falar.”

A frase curta, uma sentença com apenas duas palavras, foi capaz de alertá-lo do meu estado de ânimo.

“Ainda estou esperando sua agenda para marcarmos as sessões, mas, se puder, venha agora.”

Não pensei duas vezes e pedi que todas as minhas reuniões da parte da manhã fossem canceladas, peguei a muda de roupa – que tenho no meu armário para emergências –, tomei um banho e fui direto para o consultório do terapeuta, no Morumbi.

Desabafei, contei tudo de uma forma surpreendente, coisa que era muito rara nas minhas sessões. E, talvez por isso, Victor saiu da sua costumeira distância questionadora e começou a me pressionar.

— Você não voltou para casa depois disso? — perguntou.

— Não — respondi seco, em pé, xícara de café na mão, olhando a paisagem pela janela do consultório dele, que dá vista para a ponte Octávio Frias de Oliveira. — Vaguei pela cidade e, quando o dia começou a amanhecer, fui para a empresa.

— Por quê?

Ri amargo.

— Porque não sabia para onde ir.

— E então escolheu um local seguro.

Encarei-o, os cabelos brancos dele refletindo a luz amarelada da sala.

— Acho que sim. Pelo menos, lá é um dos poucos lugares em que me sinto no controle. — Balancei a cabeça. — Mesmo quando tudo degringola, como nos últimos tempos, sinto que consigo resolver tudo.

— Mas não se sente assim em casa?

Ele me observava atentamente nos mínimos detalhes, tanto que eu podia sentir seu olhar fixo nas minhas mãos, no jeito que eu segurava a xícara ou mesmo na postura do meu corpo e me indaguei se ele era capaz de adivinhar que o café não descia pela minha garganta, porque eu estava sentindo uma tensão filha da puta a me esganar.

— É complicado... — Tentei ser evasivo, e ele cruzou os braços. — Todos os dias, desde que Mariana chegou a São Paulo, sinto mais vontade de estar em casa do que em qualquer outro lugar. A presença dela, embora desconcertante, me estimula e me faz apreciar algo que pensei que nunca faria.

— E o que seria isso?

Dei de ombros, sem saber colocar em palavras o que sinto ao voltar do trabalho, todos os dias, sabendo que Mariana está à minha espera em casa. É uma certeza de algo que nunca tive antes, que aquece meu peito, faz-me ansiar para que as horas passem mais depressa e o dia acabe rápido.

Mesmo ainda na torturante época em que eu me convencia de que não deveria tocá-la, inclusive durante o mês desesperador que passamos sem saber se Kostas iria acordar, eu desejava estar com ela todo o tempo possível.

— Eu nunca precisei de ninguém — peguei-me confessando. — Desde muito novo, aprendi a me fechar, percebi que era necessária uma certa

distância emocional.

— Isso mudou?

Assenti.

— Eu preciso dela. — Fechei os olhos ao admitir a verdade. — Mas nós dois sabemos o que aconteceu com a única pessoa com quem mantive minha guarda baixa e ousei me sentir desse jeito.

— Você tem medo de que a história se repita.

Inspirei lentamente e soltei o ar antes de sentar-me na poltrona da qual me levantara ainda no começo da terapia.

— Mariana corre riscos, veio atrás de mim buscando ajuda, então, sim, me sinto vivendo em looping.

Ficamos um bom tempo em silêncio, o café esfriando em minha mão, meus pensamentos longe, confundido entre duas realidades, passado e presente, tentando avaliar – sem êxito algum – como seria o futuro, dentro de todos os cenários possíveis.

— E como você quer agir daqui para frente?

Ri da pergunta, pois era o que me questionava desde Carrancas.

— Eu deveria me afastar...

— Millos, não perguntei como você *deve*, mas como você quer agir!

Apertei a mão na xícara de café.

— Eu a quero, Victor! — rosnei puto. — Não há dúvida alguma disso, mas não é o prudente a se fazer! Eu poderia tê-la ferido e...

— Mas não o fez, pelo menos não como achou que a feriria — ele me interrompeu, e o encarei. — Você vai encontrar consolo se nunca mais a tocar? — Arregalei os olhos, odiando a mera possibilidade. — Bom, eu não sou disso, mas vou dar minha opinião. — Victor Messer se levantou e

começou a andar pela sala. — Você tem mantido controle por muito tempo, sobre todos os aspectos da sua vida. Eu entendo que esse é o seu jeito de lidar com tudo o que vivenciou, e, embora nunca tenha aprovado totalmente essa conduta, tem dado certo. Mas nada é tão cartesiano assim, muito menos a vida. Seu controle apenas mascara seu medo de se descontrolar. Ele não é uma solução, e sim um paliativo. Uma hora, tudo volta, Millos, e é nesse momento que temos a chance de avaliar nossa conduta e fazer os ajustes necessários. O looping era certo, meu caro, mas o resultado dele, não. Pense nisso.

Suas palavras fizeram sentido para mim, claro, porém não conseguia ver as coisas tão simples assim, com em um jogo de erros e acertos, principalmente por um erro do passado ter custado a vida de alguém.

Meu celular vibra na minha mão, tirando-me das lembranças e pensamentos, e leio a mensagem de Sâmi:

“Tenho um nome! Finalmente descobrimos quem vazou as informações para a Dedalus.”

O *emoji* de fogos logo entrega como ela está eufórica, e não penso nem em retornar a mensagem, prefiro ligar para ela.

— Millos! — ela grita meu nome. — Achamos a filha da puta...

Uma mulher!

— Quero o nome, Sâmi, e o mais importante, quero provas.

— Temos a prova, querido, eu não faço nada pela metade. Eu, hein? Parece que não me conhece!

Bufo, impaciente, sem clima para as brincadeiras dela.

— Nome, Sâmi!

— Laura Fonseca.

O nome não me é familiar, por isso abro o programa de RH da Karamanlis e a procuro lá.

— Caralho, Sâmi! — exclamo ao ver que a moça em questão é do setor de georreferenciamento, ou seja, tem acesso a todos os detalhes sobre a área. Sâmi ri do palavrão. — Qual prova você tem contra ela?

— O testemunho de uma ex-funcionária da Dedalus, demitida essa semana, o comprovante da transferência do dinheiro e, claro, as mensagens trocadas.

— Eles deixaram uma funcionária cuidar disso? — inquiro surpreso, afinal, a prática comum é o pagamento em espécie feito por alguém de confiança.

— Ela era uma diretora, Millos, claro que a deixaram fazer. — Sâmi bufa. — Foi demitida porque sofreu assédio e reclamou. Odeio esse mundo machista!

Fico um tempo pensando em todos os desdobramentos que essa situação poderá causar, não só na Dedalus, como também na Karamanlis e na vida profissional da mulher que está disposta a testemunhar.

— Ela vai cooperar conosco? Porque uma coisa é você processar uma empresa por ter sido demitida injustamente, outra é revelar os segredos confiados no tempo em que esteve no cargo. Pode pôr fim à carreira dela para sempre. Nenhuma empresa a considerará para cargos altos.

— Eu sei, e ela também, mas não está se importando, parece que vai sair do país por um tempo para reciclagem e, pelo que entendi, vai abrir um negócio próprio depois. E, Millos, diferentemente do homem que nos ajudou antes, ela não pediu dinheiro em troca da informação.

Isso é muito bom, afinal, é muito mais crível quando alguém se dispõe a fazer algo sem uma contrapartida.

— Kostas ainda não voltou a trabalhar — continuo a falar. — Mande-me

tudo o que puder, que irei encaminhar para o doutor Murilo, responsável pelo jurídico na ausência do meu primo.

— Está certo — ela concorda e, como sempre, muda de assunto sem avisar: — Ah, Millos, sobre Mariana...

— O que tem Mariana?

Ela ri do meu afobamento ao perguntar.

— Localizamos a cunhada dela e as crianças, e realmente estão bem. O irmão ainda está sumido. Se estiver vivo, está sendo mantido pela organização. Estamos seguindo algumas pistas de pessoas que já sabemos que têm ligação com essas pessoas, mas eu gostaria de conversar com Mariana sobre os homens com quem ela se encontrou em Carrancas.

— Tem mesmo necessidade de fazer isso? É um assunto estressante para ela.

— Eu imagino, mas todo e qualquer detalhe é ajuda. Seria uma conversa informal, e posso inserir as informações na investigação mantendo o nome dela em sigilo, como uma fonte.

Passo a mão nos cabelos e me recosto na cadeira.

— Vou falar com ela, Sâmi.

— Aguardo seu contato, então. Boa noite, Millos.

O cumprimento de despedida dela me faz olhar para o relógio, alerta, e confirmo que já passou das 19h. *Eu mal notei o dia passar!* Olho para minha mesa, ainda cheia de trabalho acumulado, mas, em vez de voltar a pegar nos papéis, decido encerrar o expediente e voltar para casa.

Cumprimento Luiza ao sair e não falo com mais ninguém que cruza meu caminho até a garagem. Meus pensamentos estão todos tomados pela conversa que terei com Mariana.

Devo desculpas a ela pelo modo que saí de casa e pela forma como a tratei. Já presumo que não será uma tarefa fácil, pois não costumo me abrir, e

ela deve estar mais reativa depois de eu tê-la magoado.

Honestamente, tudo o que quero é fazer as pazes e implorar gentilmente que ela me perdoe. Ainda não sei como agir diante de todas as coisas diferentes que me têm acontecido desde que ela apareceu em minha vida, mas, depois da conversa com Victor, percebi que ficar me escondendo não é a solução. Preciso encarar essas mudanças, vivenciá-las, e apenas a perspectiva de ter Mariana novamente em meus braços me traz de volta a sensação que não sei nomear, mas que me inebria como algo viciante e prazeroso.

Subo na moto ainda com esses pensamentos e continuo a divagar sobre manter um tipo de relacionamento com alguém com quem esteja fazendo sexo, deixar de lado minhas amarras – emocionais e físicas – e testar meus limites, saber o que já superei e ter uma espécie de normalidade em minha vida pessoal.

Entro na garagem e, quando vou estacionar a moto, sinto as pernas bambas e as mãos suadas. Mais uma novidade para um homem de negócios como eu, acostumado a argumentar e fechar acordos com os CEOs das mais importantes empresas do país e do exterior.

Mariana me deixa nervoso, ansioso, em expectativa!, reflito, já dentro do elevador de carga, e chego à conclusão de que todas essas emoções não são ruins, pelo contrário.

Abro a porta do *loft*, e a primeira coisa que percebo é que tudo está escuro e que não há os aromas tão peculiares de temperos e capim-limão com os quais já me acostumei ao chegar a casa. Além disso, tudo está silencioso e escuro.

— Mariana? — chamo-a e confiro as horas.

Mais uma vez estranho a falta dela. Deixo a pasta sobre o sofá e subo para o mezanino, porém não a acho. Pego o telefone celular e confirmo que não há nenhuma mensagem dela. Contudo, há uma de Cris, o motorista encarregado do trajeto dela de casa para o bufê.

“Boa noite, doutor. Estou com o carro em casa, pronto para pegá-lo amanhã cedo e levá-lo ao hospital para acompanhar os exames do doutor Konstantinos.”

Meu coração dispara, pois Mariana não está em casa, e Cris já encerrou o expediente. O que isso significa? Será que Kyra irá trazê-la?

“E Mariana?”

Mando a mensagem, mas ele demora a responder, então ligo.

— Boa noite, doutor! — Cris atende. — Acabei de ler sua mensagem e já estava respondendo. Deixei a senhorita Mariana e as malas no bufê da dona Kyra essa manhã...

Deixo de ouvir o resto da fala dele, pois minhas pernas aceleram, e, antes mesmo de eu me dar conta, entro no closet à procura das coisas dela.

Vazio!

Quase não consigo respirar. Desligo o telefone sem me despedir do motorista e me seguro em uma das prateleiras cujo uso cedi para Mariana, tentando voltar a puxar o ar para entender o que aconteceu, mas, apesar de eu querer raciocinar com clareza, tudo o que minha mente consegue articular é que ela me deixou, e isso é dilacerante.

39

Now everybody ask me why I'm smiling up
From ear to ear
They say that love hurts, but I know
It's gonna take the real work
Nothing's perfect but it's worth it
After fighting through my tears
And finally you put me 1st.[67]

Entrar, pela primeira vez, em um lugar que é só meu – mesmo eu não sendo a proprietária, mas a única a usufruir – não tem preço!

Giro a chave devagar, com Helena atrás de mim segurando uma garrafa de champanhe e duas taças, e abro a porta em câmera lenta, apreciando primeiro o cheiro do ambiente recém-limpo e de flores.

O primeiro cômodo que avisto é uma cozinha pequena, no estilo corredor, e, ao fundo, ainda no mesmo ambiente, embora separada por um enorme balcão, vejo a sala, com um pequeno sofá de dois lugares, tapete e uma mesinha de centro. Todos os móveis são feitos do mesmo tipo de madeira dos escritórios do bufê, o que demonstra que foram planejados na mesma época.

Suspiro, encantada, adorando a luminosidade do local, que recebe luz

natural por causa das duas enormes janelas na sala e uma pequena claraboia no teto da cozinha.

— Gostou? — Helena pergunta.

Arrasto as malas – que peguei emprestadas do Millos sem pedir – e assinto com os olhos cheios de lágrimas.

— Não pensei que seria tão lindo! — Sou sincera.

Eu sabia que era um apartamento pequeno, só não esperava que fosse ricamente decorado. Kyra disse que, inicialmente, tinha intenção de morar aqui, mas, depois que comprou o seu apartamento, decidiu que era melhor ter as duas áreas bem separadas, trabalho e vida pessoal, porque, senão, correria o risco de misturar as duas, e isso não seria o ideal.

— Não tem mesa de refeições, mas tem duas banquetas altas ao balcão que separa a cozinha da sala. — Helena faz sinal para o lugar enquanto entra na cozinha minúscula e põe a garrafa no freezer do refrigerador. — O banheiro fica aí.

Fecho a porta da frente e abro a do banheiro, na parede ao lado, encontrando uma pia com balcão, o sanitário e um boxe de vidro com chuveiro. *Perfeito!,* reflito animada, pensando que somente eu irei usar o espaço diminuto.

Avanço na direção da sala e percebo que não há parede entre o quarto e a área social. Apenas um móvel no estilo de uma estante, feito em ferro com madeira, demarca as áreas.

— Eu adoro isso, olha! — Helena gira a televisão, que fica no meio da estante. A tela de LED agora está de frente para a cama, e na sala aparece apenas uma tela pintada a óleo. — A TV serve tanto para você assistir do sofá como da cama.

— Que incrível! — exclamo, realmente admirada com a funcionalidade do móvel.

— Foi Alexios, irmão da Kyra, quem planejou a estante, embora o resto

do projeto tenha sido feito pela amiga de infância da Kyra, Samara Schneider.

Passo a mão pelo ferro usado na estrutura da estante, admirando a pintura preta fosca em contraste com a madeira rústica das prateleiras.

— É tudo maravilhoso! — Sorrio e prendo a respiração ao entrar no quarto e olhar para a enorme cama. Suspiro ao me lembrar imediatamente da cama de Millos, mais baixa que essa, porém bem maior. — Eu dormia em cama de solteiro em casa, ainda não me acostumei com cama de casal, fico espremida num canto a noite toda.

Helena ri.

— Já, já você se acostuma! Quando voltei a dividir minha cama depois de anos dormindo sozinha, Bernardo sofreu um bocado. — Gargalha. — Eu quase o empurrava para o chão, porque ainda achava que a cama era toda minha.

Imediatamente a lembrança da noite em que me deitei com Millos me vem à mente, e lamento que ele não tenha ficado para dormir ao meu lado. Seria incrível poder dormir de conchinha – posição que sempre li nos livros – com ele.

Passo a mão sobre a roupa de cama, cheirosa e macia, divagando sobre todas as noites que passarei sozinha neste leito daqui em diante. Tento bloquear a mágoa que estou sentindo, mas, dentro de mim, há uma mistura de excitação por ter meu próprio lugar para viver e de dor por ter de ficar longe de Millos.

É melhor assim!, tento me convencer.

— Quer ajuda para guardar suas roupas? — Helena oferece, já abrindo o armário planejado, que fica praticamente embutido na parede que divide o banheiro do quarto.

— Obrigada! — agradeço e ponho a primeira mala sobre a cama.

Passamos quase duas horas organizando e conhecendo tudo do apartamento, mas, ao final desse tempo, minhas roupas já estavam todas penduradas ou dobradas dentro do armário. Anotei alguns itens que iria precisar comprar para a cozinha – além de alimentos, claro – e produtos de limpeza.

Descobri, encantada, que a área de serviço fica atrás de um painel com duas portas na cozinha, com um pequeno tanque de inox numa bancada de granito ao lado de uma lavadora e secadora, um armário onde ficam vassoura, rodo, balde, uma tábua de passar e um varal de chão, além de panos de chão e flanelas.

— Realmente a amiga da Kyra pensou em tudo ao planejar este lugar — falei admirada. — Quem diria que teria tudo isso aqui, além de todos esses armários na cozinha, na parede e embaixo do balcão, para guardar panelas, utensílios e comida?

— Ah, olha isso! — Helena abriu o que parecia ser uma portinha de armário, debaixo da pia no balcão, e descobri onde ficava o compartimento para o lixo. — É demais, né? Nada fica à vista.

Antes de abrirmos a garrafa de champanhe, Deia e Marília apareceram com petiscos, torradinhas, pastas e me deram um presente de casa nova. *Meu primeiro presente!* Vou ter de contar a vocês que chorei quando o desembrulhei e encontrei uma cafeteira italiana igual à que elas têm na cozinha do bufê.

— E pó de café para acompanhar, claro! — Helena me presenteou com um café gourmet de uma loja que está ficando famosa em São Paulo, cujo aniversário de inauguração nós iremos fazer e estamos planejando juntas.

Estouramos o champanhe depois de esperarmos para ver se Kyra apareceria, mas ela ligou avisando que estava ocupada com a amiga Samara.

— Kyra disse que a amiga precisa dela agora e se desculpou por perder

esse momento seu, Mari — Helena comunicou, e sorri, entendendo, principalmente por já conhecer um pouco minha chefe, que, embora durona, tem o dom natural de cuidar das pessoas, assim como fez comigo desde que cheguei.

Depois disso, comemoramos meu *debut* no mundo adulto, e Deia e Marília foram embora.

— Preciso ir agora. — Helena se levanta do sofá, olhando para o relógio, despertando-me das lembranças dessa tarde tão especial. — Hoje é meu dia de contar histórias a Heitor depois do jantar.

Sorrio, porque, embora ainda não tenha conhecido o pequeno pessoalmente, já o vi por fotos e vídeos.

— Obrigada! — Agradeço-lhe com um abraço. — Tudo está acontecendo tão rápido na minha vida que até fico com medo! Será que mereço isso tudo?

— Claro que merece, Mari! Você é um amor de pessoa, esforçada, inteligente, tem tudo para ter mais e mais alegrias em sua vida. Isso é só o começo! — Pisca. — Ah, ainda falando sobre suas estreias, não se esqueça de que, nesse final de semana, você vai comigo coordenar pessoalmente um evento.

Sinto minha barriga gelar ao pensar nisso, fato que tem acontecido desde que Helena me comunicou que eu iria junto a ela. A responsabilidade é enorme, mesmo sendo um evento pequeno, e estou nervosa com meu desempenho no meio de pessoas tão finas.

— Nem sei se vou dormir até lá! — confesso, e ela ri.

— Você vai se sair muito bem, tenho fé!

Despedimo-nos, e então, quando fecho a porta, sinto-me só pela primeira vez na vida. Sempre morei em casas com muitas pessoas. Mal me lembro da época em que morava com minha mãe, mas me recordo da movimentação da casa. Depois, morando com meu pai, Zé e dona Generosa, também não tinha muita privacidade ou um tempo só para mim. E, por fim, vieram Kátia e as crianças, que preenchiam boa parte do meu tempo.

Respiro fundo, olhando novamente cada detalhe deste cantinho tão especial que chamarei de lar daqui para frente.

Meu lar!

Saio do banho e escuto o som do telefone tocando. Enrolo a toalha na cabeça e corro até o balcão da cozinha, onde o deixei.

É Millos de novo!

Olho o aparelho, a foto do homem que eu tanto amo na tela, mas não o atendo. Não sei o que falar e tenho medo do que vou ouvir. Sei que não é uma atitude muito madura, porém sinto que é o melhor no momento.

Passei uma noite muito difícil ontem, mal dormi, ainda estou magoada e, embora saiba que deveria ter deixado ao menos um recado para ele, não quero lidar com todos os sentimentos que Millos me desperta, apenas quero apreciar um pouco essa minha nova vida.

A verdade é que eu o queria aqui! Pensei em vir para cá de outra forma, de recebê-lo aqui para um jantar de agradecimento, dormir com ele em minha cama, para depois, ao longo da semana, poder sentir o cheiro do seu perfume em meu travesseiro.

Nada saiu como o esperado, e não quero me machucar mais.

Amanhã!, decido. Amanhã irei enviar uma mensagem de agradecimento e mandarei devolver as malas e as chaves do galpão. Noite passada percebi que Millos não sabe o que fazer comigo em sua vida, então não vou me forçar nela. Não quero fazer mal a ele de forma alguma e, ainda que me doa muito, se for melhor cada um ficar no seu canto, aceito.

Pego o varal de chão e o abro perto das janelas na parte da sala, colocando as toalhas para secar. Em seguida escolho um pijama que não usei ainda, com calça e blusinha de alças, de seda, azul com listras brancas. Penteio os

cabelos e resolvo atacar a geladeira, cheia das gostosuras que as meninas trouxeram.

Como uma *bruschetta* que elas rechearam com queijo de búfala, manjericão e azeite, e tomo um gole de suco de laranja. Não me programei para fazer compras, amanhã de dia irei pedir um *delivery* – o mesmo que Millos pede – e comprar apenas os itens mais essenciais, pois almoço no bufê com as meninas.

Recebi meu salário há pouco e quase não gastei nada, mas, de agora em diante, tenho que planejar cada centavo que gasto, pois, além da minha comida, preciso manter as contas do apartamento.

Parece um sonho que eu esteja mesmo vivendo isso! Nunca pensei que a possibilidade de ter de pagar alguns boletos me deixaria tão feliz. Parece coisa de louco, mas só quem já passou a vida dependendo dos outros pode dimensionar o que é fazer as coisas por si mesmo.

Lavo o copo no qual bebi o suco, pois é um sacrilégio deixar qualquer louça suja na cozinha tão linda, e escovo os dentes. Deito-me na cama, ligo a TV e fico passando os títulos dos filmes da Netflix, tentando encontrar algum que não me faça chorar; antes, porém, de conseguir meu intento, o interfone toca.

Levanto-me da cama com um pulo, o coração disparado.

Não é ele, Mari, deve ser Kyra, não crie ilusões! Tento me acalmar até chegar à cozinha e tirar o fone do suporte.

— Pois não? — atendo.

— Sou eu, Mariana. Podemos conversar?

Puxa vida, é ele mesmo! E agora?

— Mariana, você ainda está aí? — Millos questiona.

— Sim... Eu não esperava ninguém hoje... e...

— Precisamos conversar, e eu não quero fazer isso aqui, em pé na

calçada. Posso subir?

Sabe aquelas cenas de desenho animado onde aparece um diabo e um anjo um de cada lado da pessoa, soprando em seus ouvidos? Pois é, sinto-me assim agora, mas não sei quem é que me sopra o quê! Pondero as duas respostas, sim e não, tentando achar qual tem mais prós do que a outra.

É melhor deixá-lo subir e conversarmos de uma vez ou digo a ele que estou cansada e marco para nos falarmos amanhã, num local neutro? Fantasiei o tempo todo com Millos aqui, olhando com admiração o meu novo lar, querendo fazer parte dele também, porém eram sonhos e devaneios de um coração apaixonado, e a realidade pode ser bem chocante.

— Mariana?

Respiro fundo, a decisão tomada, e aperto o botão que destrava o portão da entrada.

— Pode subir.

Ponho o fone no gancho, pego um copo para beber água, pois minha garganta está seca, e aguardo que ele bata à porta.

Não tem mais volta! Agora, ou minhas ilusões sobre ele se concretizam ou todos os meus sonhos são desfeitos de vez.

De uma forma ou de outra, a partir do momento em que Millos cruzar a porta, nada será como antes, eu sinto!

Fecho os olhos e faço uma prece rápida.

40

So please don't, please don't, please don't
There's no need to complicate
Cause our time is short
This is, this is, this is our fate, I'm yours[68]

42 degraus é o que tenho que subir para chegar até Mariana. Kyra projetou o pequeno apartamento no último andar – terceiro piso – do prédio onde funciona seu showroom. Só vi o projeto quando ela ainda cogitava morar aqui, mas, depois que comprou o apartamento onde vive e decidiu deixar esse para quando precisasse, acabei não vindo ver o resultado.

Como eu poderia prever, anos atrás, que estaria vencendo esses malditos 42 degraus correndo, chegando esbaforido à porta, louco por causa da mulher que está do outro lado?

Nem em meus sonhos mais psicóticos!

O fato é que, quando Mariana disse que queria vir morar sozinha aqui, achei que poderia convencê-la do contrário ou que ela mesma iria desistir, então nem cogitei a ideia de vir antes para conhecer o apartamento, sua entrada e ver se ela estaria segura.

Neste momento, confesso, sua segurança é a última coisa que tenho em mente, então vou deixar as análises para outra ocasião, pois tenho uma coisa mais importante a fazer.

Desculpar-me!

Fiquei louco quando percebi que ela tinha ido embora, principalmente pelo modo como foi nossa última noite juntos. Tive medo de tê-la machucado tão profundamente que foi impossível para ela ficar mais tempo no mesmo lugar que eu. Tive que ficar parado um tempo, tentando colocar os pensamentos em ordem, então comecei a ligar para ela.

Três chamadas, todas ignoradas.

Meu estômago começou a ferver, e, instintivamente, abri a única parte do meu armário que tem tranca e peguei, no meio das minhas cordas e acessórios, a calcinha de renda, que deixei lá desde que Mariana apareceu.

Segurei-a como se, ao fazer isso, pudesse puxar sua dona de volta para casa, para mim, e foi aí que percebi que, diferentemente da primeira vez que a usei como lembrança, a pequena peça já não me bastava.

Eu queria Mariana!

Tive ganas de sair correndo do jeito que me encontrava e ir até o apartamento em cima do bufê da Kyra para arrastá-la de volta para o galpão, mas claro, isso seria autoritário e ridículo demais. Entrei no banho – não foi um asseio totalmente satisfatório, dada a minha pressa – e coloquei uma roupa mais informal, pois estava há mais de 48 horas apenas usando terno.

Talvez por sentimentalismo, não sei, escolhi Susanna para me levar até Mariana. Subi na moto – levando um capacete extra, porque esperança é *mesmo* a última coisa a morrer – e rumei para o apartamento onde ela estava.

Demorei ainda algum tempo para tocar o interfone, olhei os arredores, gostei do fato de o acesso ao local não ficar na rua principal, mas sim numa mais residencial, e aprovei a segurança da entrada, fechada com portão e monitorada por câmeras.

Pensei que, se Kyra olhasse as filmagens, iria saber que estive aqui atrás de Mariana, mas estava ligando o foda-se para essa possibilidade, pois nada poderia me dissuadir de procurá-la e pedir desculpas pelo modo como a tratei.

Achei mesmo que ela não me deixaria subir e, embora tenha mantido minha voz calma enquanto falava com ela, estava fervendo por dentro. Seria capaz de montar vigília naquela maldita calçada até ela descer para o trabalho e ter de me ouvir. Não havia nenhuma possibilidade de eu não falar com Mariana.

Busco o fôlego depois de fazer essa pequena retrospectiva e finalmente bato à porta.

Mariana a abre, vestida com um pijama comportado, simples, mas totalmente sexy no seu corpo. Fecho os olhos, obrigando-me a manter o foco no que importa e conversar com ela sem que meus hormônios e todo o tesão que sinto por ela falem mais alto.

— Boa noite — ela me cumprimenta.

Tento um sorriso e entro no pequeno espaço, gostando da atmosfera, principalmente do aroma que parece tomar todo o ambiente: capim-limão. *O cheiro de Mariana!*

— Desculpe-me aparecer assim, mas é que... — Um bolo em minha garganta me faz parar de falar, e vejo um copo sobre o balcão. — Posso tomar um pouco d'água?

Ela parece surpresa, mas assente, pega um copo limpo e o enche de água gelada. Tomo todo o líquido em um único gole.

— Eu ia ligar amanhã para agradecer e ia devolver as malas e as chaves... — Ela passa por mim, some atrás da estante e volta trazendo duas malas. — Mas, como você veio...

Nego.

— Vim de moto — explico, e ela assente, deixando as malas contra a

parede. — Por que veio para cá, Mariana?

Ela sorri triste.

— Eu disse que vinha, não se lembra? Achei que era hora de ter meu próprio espaço.

— Eu sei, mas por que hoje? Por que não me ligou ou pediu ajuda?

Ela fecha os olhos, e vejo seu lábio tremer antes de ela o sugar.

— Achei melhor, depois do que houve. — Encara-me novamente. — Eu não quero me forçar a ninguém.

Forçar?! De onde ela tirou essa ideia de que está me forçando a algo? Será que Mariana não se deu conta do que eu fiz? Da forma que a tratei?

— Você nunca se forçou a mim, eu sempre *quis* estar próximo a você.

— Não na noite passada. — Ela cruza os braços. — Nem na anterior. — Franzo o cenho, sem entender, e ela explica: — Você não conseguiu nem dormir ao meu lado depois do que fizemos!

— Não foi...

— Parecia que eu o estava sufocando — dispara. — E eu sei bem o que é ser sufocada por alguém, não quero fazer o mesmo!

Venço a distância entre nós e seguro suas mãos.

— Não tem nada a ver com você me sufocar! A culpa não é sua! — As palavras do meu terapeuta se repetem a todo instante, bem como a situação ocorrida entre mim e Kostas no começo do ano. — Peço desculpas se a fiz entender as coisas dessa maneira, mas não é isso, acredite.

Ela soluça, mas não chora.

— Então o que é, Millos? Você me deixa tão confusa!

É difícil falar ou explicar as coisas, principalmente porque nunca precisei fazer isso, mas, se eu quiser mesmo seguir o conselho do Victor e vivenciar

esse momento, encarar meus medos e ver aonde posso chegar, não posso deixá-la no escuro.

— Eu nunca experimentei com ninguém nada parecido com o que nós temos. — Os olhos de Mariana brilham, cheios de lágrimas. — Não me relaciono com ninguém dessa forma. Eu faço sexo, Mariana, mas geralmente é só para aplacar a vontade e em um contexto bem diferente do que aconteceu conosco.

Ela parece pensar, então faz a temida pergunta:

— Como assim?

— Eu tive um problema com sexo quando era mais novo, então tive que seguir algumas *regras* para voltar a fazer. Eu saía de mim e fazia coisas das quais me envergonho. Para evitar esse comportamento, passei a só fazer se estivesse dentro do meu total controle. Há um clube que frequento, e é nele que encontro parceiras, entende?

Sinto-me tão constrangido em expor essa parte da minha vida, mesmo compreendendo que é necessária uma certa exposição dentro de um relacionamento.

— Nesse clube você se encontra com prostitutas?

Rio, negando.

— Não, são mulheres que também gostam de certas peculiaridades ao fazer sexo...

— Tipo aquele filme?

Ai, merda, não, mas acho que serve para ilustrar.

— O filme mostra uma parte do que acontece no clube, mas sim. — Mariana arregala os olhos. — Eu não sou sádico, meus termos são outros.

Ela solta as mãos das minhas e me encara séria.

— Quais são?

Resume, Millos, para não a assustar!

— Eu gosto de controlar, mas faço isso pensando em mim, para não me perder de novo. — Mariana assente. — Há anos não acontece o que aconteceu entre nós. — Respiro fundo. — Na verdade, eu acho que nunca aconteceu antes.

Ela olha para suas mãos.

— Ontem à noite, você...

— Peço que me perdoe — interrompo-a. — Eu não tinha intenção de te jogar em cima da moto e te devorar como um animal no cio, te machucar e...

Mariana me olha surpresa.

— Você veio se desculpar pelo jeito que fizemos sexo?

Franzo a testa.

— E pelo que se passou depois — afirmo.

Vejo-a sugar o lábio inferior de novo.

— Eu gostei de como foi — confessa. — Só não entendi sua reação depois, e isso me magoou.

— Mariana, eu dou minha palavra de que o que se passou ontem não irá se repetir de novo.

Ela abaixa os olhos.

— Eu entendo. — Dá de ombros. — Bom, eu gostei de verdade. Não vou me desculpar por ter gostado, mesmo que não tenha sido tão bom para você.

Rio.

— Não é essa a questão. — Com certeza não é, porque literalmente fui à lona naquela trepada, tão foda que foi. — Eu poderia ter te machucado...

— Mas não machucou — argumenta. — Foi mais duro, mais bruto,

intenso, mas em nenhum momento você me causou dor.

— Mas eu poderia...

— Sim, mas não o fez! — Mariana grita. — Eu entendo que você não queira mais ficar comigo, mas essa sua justificativa não me parece nada plausível, uma vez que *eu* não fui machucada, gostei, gozei e ainda queria mais!

Meu corpo estremece da cabeça aos pés com a força das palavras dela. O tesão, que tentei controlar desde que atravessei a porta, vem à tona com toda a força, e reteso os meus músculos, mantendo-me imóvel para não a abraçar e levá-la para a cama.

— Você não tem muita experiência...

— Não! — Ela aponta para mim. — Não me julgue pela minha idade ou experiência, não tire de mim a liberdade de dizer como me senti! — Imediatamente me sinto um imbecil por ter dito o que disse. — Eu sei como me senti, sei que gostei e confio em você talvez mais do que você mesmo. Você me machucou, sim, mas não foi com seu corpo, foi com sua reação, foi por ter me deixado sozinha a noite toda, e agora...

Não resisto mais e a puxo para meus braços.

— Perdoe-me por isso! — falo, beijando seus cabelos. — Sou eu quem não tem experiência e quem está agindo como um babaca. Eu quero você mais do que já quis alguma coisa antes, mas não sei como fazer acontecer.

Mariana soluça em meus braços.

— Eu também não sei, Millos, mas estou disposta a descobrir.

Seguro seu rosto, fazendo com que ela me encare, e sorrio.

— Então acho que teremos de descobrir juntos.

Mariana concorda, e a beijo saboreando devagar sua boca, relembrando-me de como é maravilhoso esse encontro íntimo. Eu não beijava antes, não via necessidade de beijos quando estava com alguém em minhas cordas, mas

com ela quero tudo, desde o carinho mais sutil até a explosão visceral de um orgasmo.

Ela se equilibra na ponta dos pés, eu sinto, então a pego no colo, e Mariana me abraça também com suas pernas, agarra-se toda a mim. Fundimos nossos corpos, colocando-nos um no outro, ainda que tenhamos as roupas postas.

A seda do pijama que ela veste se aquece à medida que passo minha mão por ele, apertando-a, querendo tudo deste abraço. Caminho devagar, pensando em ir para sua cama, mas acabo colocando-a sobre a bancada da cozinha.

Há urgência em mim, uma vontade louca de sentir seus beijos, sua pele, o doce sabor de seu orgasmo. Desço a boca por seu pescoço e traço com a língua um caminho até o vale de seus seios, levemente exposto pela abertura de seu pijama.

— Eu senti saudade... — Mariana geme e agarra meus cabelos, enquanto avanço para o monte macio e cheio em busca do delicioso cume rosado. Abaixo a alça devagar, roçando a ponta dos meus dedos em sua pele, causando-lhe arrepios que são capazes de fazer com que seu bico fique túrgido e pronto para minha boca.

O peito perfeito se revela, e urro de tesão antes de abocanhar o mamilo duro com minha boca, chupando-o sem pressa, refestelando-me com a textura e os tremores de tesão no corpo de Mariana.

Abaixo a outra alça e me afasto para olhá-la, inebriado com sua visão. Sinto espasmos em meus músculos, um calor tão intenso que me faz arder, e, sem tirar meus olhos do tesão que é vê-la desnuda, sua boca vermelha pelos meus beijos, o seio que chupei brilhando com minha saliva, tiro minha roupa e a jogo longe.

Fecho meus olhos quando os de Mariana captam cada detalhe do meu corpo. Estremeço e sinto como se ela estivesse me tocando, mesmo que estejamos distantes, e ela apenas me observe atentamente.

Volto a me encaixar no meio de suas pernas, as mãos alisando e apertando as coxas macias que me rodeiam, sentindo os mamilos dela tocando meu peito e causando-me uma sensação única.

Meu pau está tão endurecido que o sinto repuxar as bolas, tornando-as mais cheias e duras, enquanto clama por estar dentro dela profundamente, inteiro, desfrutando do aconchego e do delicioso aperto de sua boceta molhada.

Travo os dentes e a encaro, olhos nos olhos, percebendo que ela me quer assim como eu a ela.

Gemo alto quando suas mãos passeiam pelas minhas costas, atraindo-me para mais perto de si, e quase explodo de paixão quando Mariana lambe descaradamente as tatuagens no meu braço, traçando os contornos de cada desenho como se o pintasse novamente.

Estas áreas sempre foram proibidas para outras pessoas por tudo o que representam, e senti-la beijando-as causa um efeito devastador no meu coração, uma emoção totalmente desconhecida até então, mas que não me aborrece, pelo contrário, impulsiona ainda mais meu tesão.

Fecho os olhos, deixando-a seguir com as carícias, estremecendo quando ela contorna rosa por rosa que tenho tatuada no peito como se entendesse o significado dessa flor para mim.

Isso me toca, quase me põe de joelhos, e a abraço com força, impedindo-a de continuar indo tão fundo em minha alma.

— O que você faz comigo, Mariana? — Aperto-a, tremendo, contendo a emoção em mim, saboreando a nova sensação que ela me despertou. — Como posso resistir a você?

— Não resista, eu quero você!

Enfio minhas mãos em seus cabelos e a beijo profundamente, devorando-a, sentindo sua língua quente, deliciando-me com a forma com que recebe e corresponde à minha fome.

Suas unhas se cravam nos meus ombros e descem, arranhando minha pele, até o meio das costas. Inclino-a sobre a bancada da cozinha, vejo-a estremecer ao tocar com as costas a pedra fria e retiro a parte de baixo de seu pijama junto à calcinha.

Tenho pressa, tenho fome e já não me bloqueio sobre o que desejo fazer. Puxo-a pelas pernas para que fique na beirada do balcão e beijo sua boceta como fazia antes com sua boca.

Escuto seu gemido mais alto, bem como a sinto rebolando contra mim. Afundo-me mais entre suas coxas, saboreando sua excitação, bebendo todo o delicioso néctar de mulher.

Mariana delira quando sugo seu clitóris. Suas coxas se contraem, e afundo meu dedo do meio dentro de seu corpo. É uma sensação indescritível estar em seu interior com qualquer parte minha, o tesão é enorme. Quando sinto sua carne apertada e lembro que sou o único que já desfrutou dela, um sentimento primitivo de posse me assola, ainda que eu tente controlá-lo.

Mariana se entregou a mim, desejou-me, assim como eu a ela.

Fodo-a com meu dedo sem tirar a boca de seu ponto sensível até que ela grita meu nome:

— Millos!

Esse chamado é como um canto de sereia. Enlouqueço com seu orgasmo, principalmente pela sensação que ele me causa.

Espero que ela termine de tremer e a penetro devagar, sentindo o terno abraço de seus músculos vaginais, urrando e contorcendo-me para manter o controle – pelo menos algum. Minha consciência, ainda um tanto lúcida, lembra-me da loucura que é estar dentro dela desprotegido de novo, mas meu corpo não lhe dá um segundo de atenção, completamente absorvido pela sensação foda que é senti-la pele com pele.

Controle-se, Millos!

Estoco devagar, mais por mim do que por ela, pois é tão maravilhoso

trepar assim que temo gozar a qualquer instante. O som de sua boceta molhada enquanto meu pau entra e sai, é torturante, e fecho os olhos para me concentrar melhor.

Percebo o movimento dela, mas não vejo quando se ergue e me abraça, gemendo em meu ouvido.

— Eu quero você todo, Millos — sussurra com voz ofegante. — Vem para mim!

Rosno, tentando manter-me firme à ideia de ter algum controle, mas o pedido dela ressoa em minha cabeça, e, sem planejar, aumento a velocidade dos meus quadris gradativamente, até que a sinto vibrar a cada entrada.

Mariana se agarra a mim com braços e pernas, e me aproveito disso para distanciá-la ainda mais da superfície de pedra, tendo maior liberdade e amplitude para fodê-la do jeito que me pediu, do jeito que meu corpo também deseja.

Nossos gemidos ecoam alto pelo pequeno apartamento, e, pouco antes de ela se entregar novamente ao êxtase, Mariana assalta minha boca, gemendo em minha língua, dividindo comigo tudo o que sente.

É demais! Sai, Millos!

O grito alto da minha sanidade me faz afastá-la, apoiando-a na bancada novamente, onde se deita, e, controlando o frenesi do orgasmo, seguro meu pau firme e gozo sobre a barriga dela.

Busco apoio também na pedra, tremendo tanto, meu membro ainda pulsando em minha mão, tentando buscar ar. Mariana se senta, toca-me, e estremeço e me arrepio, então ela beija minha testa, e sinto o mundo se tornar um lugar mais feliz de se viver.

41

Simmer down and pucker up
I'm sorry to interrupt, it's just I'm constantly on the cusp
Of trying to kiss you.[69]

A mão que acaricia meus cabelos é tão terna que meus olhos ficam pesados de sono. Adoro esse carinho, estar em seus braços, sentir seu perfume, mas sei que não posso ficar mais tempo, preciso ir embora, ninguém pode saber que nos vemos.

— Eu queria ficar para sempre — digo num fio de voz. — Queria poder dormir em seus braços.

— Quem sabe um dia... — ela responde, mas em sua voz não escuto nenhuma esperança de que isso irá acontecer.

O tempo que tenho com ela é tudo o que poderei ter. Momentos roubados, clandestinos, sim, mas inigualáveis. Eu a amo demais e sei que ela me ama igual, por que isso tem que ser tão errado?

— Eu nunca vou entender por que você não o deixa...

— Já falamos sobre isso, Millos. — Ela se levanta. — E você precisa ir.

Sigo-a até a entrada dos fundos da casa, amarro os cadarços dos meus tênis e pego o casaco, preparando-me para pular o muro feito um ladrão.

— Até a próxima semana.

— Vou contar todos os dias até lá.

Nosso abraço é apertado, intenso e tem o poder de dizer mais do que nossas palavras. Não quero ir, e ela gostaria que eu ficasse, mas nosso desejo não pode ser satisfeito.

Solto-me dela, os olhos cheios de lágrimas, ciente de que me ama, mas não a ponto de deixar tudo para trás.

"Um dia...", suas palavras ressoam em minha mente enquanto vago pela parte deserta do bairro, afastando-me de sua casa, e faço uma promessa a mim mesmo!

"Um dia eu vou tê-la só para mim!"

— Millos?

Sinto meu corpo balançar e abro os olhos de repente, voltando à realidade, surpreso por ter tido uma lembrança tão nítida de algo que, há muito tempo, esqueci. Mariana parece curiosa com minha expressão, e sorrio, afastando de vez a dolorosa lembrança do meu passado.

— Hum... que cheiro bom! — Inspiro o ar, com cheiro de café, mas a puxo para a cama comigo e absorvo o seu delicioso perfume. — De onde vem essa fragrância?

Ela ri, sentindo cócegas por eu estar esfregando a cara na curva de seu pescoço.

— Que cheiro? Eu nem passei nenhum perfume hoje!

— Seu cheiro natural me lembra capim-limão. — Fungo de novo em seu pescoço. — Parece estar impregnado em sua pele e se espalha por todo lugar

onde você está.

— Sério? — Mariana me beija. — Fiz café para nós.

— Hum... Você fica sexy com minha camisa!

Minhas mãos sobem por suas nádegas, e descubro que, debaixo da minha camisa de malha, não há nenhum outro tecido. Meu corpo reage à sua pele, e mudo de posição, ficando em cima dela, minha ereção contra suas coxas, sem deixar nenhuma dúvida sobre qual tipo de desjejum eu quero.

— Millos... — Mariana geme e se contorce.

Minha boca logo procura a dela, insaciada mesmo depois da noite foda que tivemos. Mariana corresponde ao meu beijo, sua língua à procura da minha, seus lábios se movendo com os meus. Meu pau se encaixa entre suas coxas, e ela o aperta, pressionando uma contra a outra. Percebo que já está molhada, o que facilita a brincadeira, e estoco como um louco, a cabeça sensível do meu pau roçando os lábios de sua boceta.

Na primeira vez que fizemos sexo, ela teve coragem de me perguntar sobre os buraquinhos na cabeça do meu pênis, e contei que já tive um piercing. Os olhos dela brilharam curiosos, e, desde então, estou tentado a recolocá-lo para que ela tenha a experiência de ter um objeto metálico tocando todos os seus pontos de prazer.

Essa vontade de fazer com que Mariana tenha tudo de mim é apavorante e libertadora ao mesmo tempo. Sinto prazer em vê-la descobrindo coisas novas, e é gratificante poder traçar esse caminho com ela.

— Millos... — ela geme meu nome de novo.

— Eu sei... — respondo vidrado, enlouquecido de tesão entre suas coxas. — Também quero muito!

Fizemos duas loucuras seguidas, e eu nunca fui tão irresponsável com sexo, mesmo no meu tempo de moleque. Gozei dentro dela na noite em que trepamos sobre a moto e ontem quase repeti a dose, saindo no último momento e banhando-a com minha porra.

Preciso começar a andar com camisinhas!

Mariana me disse que estava segura sobre uma possível gravidez, que não era seu período fértil, mas ainda assim tenho medo. Não que, a princípio, a ideia de ter um filho me apavore, mas penso também nela, em tudo o que ainda precisa viver antes de se dedicar de corpo e alma a um pequeno.

Um tesão primitivo me perpassa ao pensar em Mariana carregando um filho meu. É algo instintivo, não racional, provavelmente uma parte do DNA dos homens das cavernas, que só pensavam em caçar e procriar. Essa ideia nunca me passou pela cabeça, mesmo porque acho que eu não seria um bom pai, principalmente pelo sangue que corre em minhas veias.

Faço um movimento mais brusco com o corpo, e minha glande fica presa entre os pequenos lábios na entrada da boceta de Mariana. Estremeço e sinto o corpo dela se arrepiar inteiro. Olho-a nos olhos, vejo a mesma ansiedade que estou sentindo para unir nossos corpos novamente e não espero mais, pressiono mais meus quadris contra os dela. Mariana abre as pernas, liberando espaço para minha investida, e eu soluço ao me afundar em sua carne quente e molhada.

— *Gamaúto*! — xingo alto, meu abdômen se contraindo, os dentes cerrados com força.

— Eu adoro sentir você dentro de mim... — ela sussurra, e eu enlouqueço.

Movo-me rápido, sem me importar com ritmo ou mesmo delicadeza. Seguro-a pelos joelhos e dobro suas pernas contra seu corpo, o que me permite mais amplitude de movimentos. Vou longe, quase saio de seu corpo para voltar com força, exigindo tudo dela, sentindo a cabeça do meu pau batendo fundo.

Mariana geme alto, os bicos de seus peitos duros, marcando a malha preta da minha camisa. Abaixo-me e os sugo sobre o tecido, mordendo-os com força para depois voltar a chupá-los. Ela agarra minhas costas, e sinto suas unhas se cravarem na minha pele. O leve arranhar me provoca ainda mais tesão, o prazer sobe pela minha coluna, desce pelo peito e se avoluma todo e completamente no meu pau, a ponto de deixá-lo dolorido.

Sorrio em meio ao êxtase, ciente de que estou conhecendo a tão famosa "rapidinha da manhã". Quero muito gozar, meu orgasmo está sendo anunciado desde que eu brincava nas coxas dela, mas não vou liberá-lo enquanto não sentir a boceta dela me encharcando e ordenhando meu pau.

Encosto-me bem contra ela, moendo meus quadris contra os seus sem tirar meu membro de dentro de si, rebolando, subindo e descendo, causando uma fricção sobre seu clitóris que é capaz de levá-la às alturas.

E não demora muito!

Mariana arregala os olhos, então morde o lábio e depois se perde em meio ao ápice do prazer que compartilhamos. Continuo a me mover curto, esfregando-me contra ela, meu pau apenas circulando-a por dentro, tocando todas as áreas erógenas de sua boceta gostosa.

Adoro observá-la em gozo. Meus olhos parecem hipnotizados pelas reações de seu corpo, o leve eriçar dos pelos, o rubor que sobe em sua face, o fremir de seus músculos e, então, o barulho delicioso de sua boceta encharcada, a sensação de estar todo molhado e os músculos vaginais mais tensos e depois relaxados.

Perfeito!

Volto a estocar, fazendo agora o meu caminho até a plenitude, o nirvana sexual que descobri depois de muitos anos, nos braços dela. Mariana me beija cheia de tesão, e isso parece acelerar ainda mais meu gozo, e de novo saio apressado, espirrando o líquido esbranquiçado e viscoso sobre minha própria camisa em seu corpo.

Gargalho depois de ser atropelado pelo prazer, dando-me conta de que não tenho outra peça de roupa. Ajudo-a a tirar a camisa e a abraço forte.

— Bom dia! — digo em seus ouvidos.

— Eu fiz café — ela volta ao assunto do momento em que me acordou.

Beijo sua testa e depois olho meu relógio.

— Por que acordou tão cedo?

Ela fica sem jeito, suga o lábio inferior e diz sem me olhar:

— Você precisa ir, daqui a pouco o pessoal começa a chegar para o trabalho e vai ver você sair daqui.

Fico sério, compreendendo o significado de suas palavras, mas incomodado com elas. Não que eu queira me expor e expô-la a comentários, ainda mais de Kyra, que pode ser bem irritante às vezes com suas brincadeiras, mas notar que ela tem pressa em "se livrar" de mim é algo que eu não esperava.

E que não me agrada.

— Acho que nos atrasei mais, então — tento descontrair o clima, ajudando-a a sair da cama. — Eu vou tomar uma ducha rápida e sair, não se preocupe.

Mariana suspira.

— Eu vou colocar sua camisa na máquina para lavar e secar. — Sorri. — A gente precisa se lembrar de tirar toda a roupa antes de...

Sorrio diante de suas bochechas vermelhas e sua incapacidade de nomear o que fizemos.

— ...trepar. — Aproximo-me dela, ergo seu queixo e a encaro. — Vou te ensinar uma palavra que só eu irei entender e que não vai soar tão "suja" aos seus ouvidos. — Ela assente. — *Gamó*.[70]

Mariana ri.

— Eu acho que não consigo. — Ela tenta algumas vezes, mas a pronúncia é terrível. — É melhor deixar subentendido mesmo. — Dá de ombros. — Você xinga em grego para que ninguém desconfie de que está falando palavrões?

Gargalho e nego.

— Raramente uso minha língua natal, apenas quando algo me desconcerta para o bem ou mal, então não dá tempo de traduzir e sai na língua natal. — Pego a toalha que usei noite passada e sigo para o banheiro. — Não vou demorar.

Tomo meu banho o mais rápido possível e me visto sob os olhares de Mariana. Gosto de como ela admira meu corpo, principalmente minhas tatuagens. Adoro quando ela fica passando o dedo sobre a andorinha que tatuei para me lembrar sempre do tempo que passamos juntos em Carrancas.

— Café! — Ela me entrega uma caneca.

O cheiro realmente estava bom, mas ainda assim não me preparou para o sabor delicioso e encorpado da bebida.

— Delicioso, obrigado. — Devolvo a caneca, e ela me pergunta se quero comer algo, mostrando um pouco dos quitutes que suas amigas de trabalho levaram para a "inauguração" do apartamento, como me contou ontem à noite. — Assim que a camisa secar, eu saio.

Ela suspira.

— Não precisa sair correndo também! — Sorri. — Foi por isso que acordei mais cedo, para podermos ficar juntos um pouco.

Sorrio, gostando da explicação, sentindo-me menos escorraçado.

Mariana se aproxima de mim e, como eu já esperava, passa a mão no meu corpo, onde todas as tatuagens estão expostas à sua apreciação.

— Você tem muitas rosas tatuadas. — Fico tenso com essa observação. — É sinal de que elas têm algum significado importante para você.

O sonho que estava tendo antes de ser acordado volta à minha memória, e quase posso sentir o cheiro do roseiral que eu atravessava até chegar ao muro que pulava para poder ter alguns momentos roubados.

Engulo em seco, não querendo trazer de volta os momentos felizes, sabendo que, em seguida, toda a dor e tragédia que vivi também voltarão.

— Eu só acho que combina. — Dou de ombros, tentando disfarçar, e, como um sinal de salvação, a máquina de lavar para de trabalhar. — Acho que minha camisa já está seca.

Mariana vai até a pequena máquina embutida na parede e pega minha roupa, ainda quente e muito cheirosa. Visto-a e pego meu capacete. Ela me acompanha até a saída e me abraça antes de nos despedirmos.

— Foi a noite mais incrível que eu já tive — diz no meu ouvido. — O melhor jeito de começar minha nova vida neste lugar.

Um calor toma conta do meu peito, mas finjo que vem do tecido ainda quente da camisa.

— Tem certeza de que quer ficar aqui sozinha?

Ela assente.

— Acho que foi uma boa decisão. — Sorri e me segura pela gola da camisa. — Mas não preciso ficar sozinha aqui sempre, não é?

— Não, nem deve! — Beijo-a. — Te ligo mais tarde.

— Bom trabalho! — ela deseja.

Aceno e desço as escadas muito mais animado do que estava ontem ao subir os mesmos degraus. Assobio uma música antiga, um country-blues que há muito não escuto, mas que parece combinar com meu estado de espírito. Abro o portão, que Mariana destrancou lá do apartamento, e aperto os olhos por causa do sol forte.

— Ora, ora, ora... — A voz de Kyra é como um banho de água gelada.

Xingo baixo – porque ela entende muito bem meus xingamentos – e me viro para olhá-la. O sorriso cínico, a sobrancelha esquerda erguida e uma bandeja de papelão com dois copos de café da Starbucks me chamam a atenção.

Bom, se não se pode com eles, junte-se a eles!

— Chegou tarde, Mariana já tomou café.

Ela gargalha alto.

— Aposto que ela se fartou muito mais do que só de café esta manhã — ela comenta debochada. Olho-a sério, não gostando nada da brincadeira. — Espero, pelo menos, que esteja satisfeita.

Bufo e coloco o capacete.

— Isso já não é da sua conta!

Ela faz cara de inocente ofendida, mas não me comove, conheço-a muito bem.

— Millos — Kyra me chama, e, pelo tom da voz, sei que o assunto mudou e agora ela irá falar sério. — Mariana é muito especial e...

— Kyra, isso realmente não é da sua conta. Eu sei que vocês se tornaram amigas, mas isso não te dá o direito de...

— Tudo bem — ela me interrompe. — Eu só ia dizer que você também é muito especial para mim, então tomem cuidado, *okay?*

— Kyra... — tento alertá-la sobre manter a discrição acerca da minha vida pessoal, mas ela levanta a mão e dispara:

— Eu sei, sei, não vou comentar isso com ninguém.

Aquiesço, subo na moto sem olhar para ela novamente e acelero para longe, mas, no meio do caminho para minha casa, começo a rir, pensando que Mariana acordou tão cedo para evitar que me vissem, mas não contava com o timer inconveniente de minha prima.

Bom, pelo menos agora, não serei mais expulso como um cachorro sarnento!

42

All around the world, pretty girls
Wipe the floor with all the boys
Pour the drinks, bring the noise
We're just so pretty![71]

Kyra entra portando três copos de café no escritório do bufê, onde Helena e eu estamos trabalhando decidindo os últimos detalhes do primeiro evento que vou ajudar a coordenar.

Helena, como a viciada que é, logo abre um sorriso ao ver a bebida e suspira quando pega a que Kyra lhe trouxe, absorvendo o cheiro delicioso que se desprende do café junto à fumaça. Aguardo que Kyra me entregue o outro que trouxe, porém, antes, claro, ela tem que fazer uma gracinha.

— Já tomou café esta manhã?

Imediatamente, mesmo já previsível, sinto meu rosto arder.

— Não, acordei mais tarde que o normal. — Estico a mão para pegar a bebida, mas ela se afasta.

— Hum, não sei se essa resposta satisfaz minha curiosidade.

Arregalo os olhos, imaginando que ela quer que eu conte se Millos dormiu novamente no apartamento comigo.

A verdade é que eu não esperava que Kyra soubesse, mas, quando tocou meu interfone, eu ainda podia ouvir o ronco do motor da moto de Millos. Esperei-a já com a porta aberta, ansiosa por sua reação, pois não sabia como ela encararia a situação, porém foi melhor do que eu esperava.

— Kyra, deixe a garota em paz! — Helena ralha. — Entregue logo esse café, e vamos voltar a nos concentrar no passo a passo com Mariana, é o *debut* dela amanhã.

Ai, meu Deus!

Sinto um frio na barriga só de pensar que estarei responsável por um coquetel em uma emissora de TV. Estou tão nervosa com esse trabalho que mal consegui pregar o olho noite passada, prevendo verdadeiras catástrofes. Helena disse que estou desse jeito porque ainda não pude comprovar quão simples é coordenar um coffee-break. Contudo, não acho meu receio infundado, afinal, nesse meio em que elas realizam seus eventos, nada é simples!

Kyra finalmente me entrega a bebida, mas seu sorriso bobo denuncia o que ela está pensando. *Ah, Kyra, infelizmente a gente ainda não repetiu a dose!*, penso, já morrendo de saudades do corpo de Millos no meu.

Temos nos falado todos os dias desde que ele dormiu comigo no apartamento, trocamos algumas mensagens durante o dia e, inclusive, fizemos uma vídeo-chamada de noite, ele em sua sala na Karamanlis, e eu deitada na cama.

Um arrepio de prazer sobe por meu corpo só de lembrar como foi gostoso!

Eu já estava quase dormindo. Tínhamos nos falado por mensagens, e Millos estava puto por estar com trabalho acumulado e se sentia sob pressão por causa de um projeto que não tinha dado certo.

“Eu queria resolver essa merda toda de uma vez!”

A mensagem frustrada não me passou despercebida, e mandei de volta mensagens positivas, dizendo-lhe que tudo iria dar certo.

“Bom, eu não queria estar aqui, mas aí contigo.”

Sorri feito boba e respondi:

“Eu também queria.”

“Estar aqui comigo ou que eu estivesse aí contigo?”

Sorri com a pergunta boba e decidi provocar:

“Tanto faz, só queria estar com você.”

Ele não me respondeu mais, e pensei que alguém pudesse tê-lo chamado ou que estivesse concentrado em seus papéis e esquecido que estávamos conversando.

Foi então que meu telefone tocou, e percebi que ele me chamava por vídeo. Atendi toda atrapalhada, estava no escuro, deitada na cama, e tive que acender a luz do abajur para que ele pudesse me enxergar.

— Oi — cumprimentou-me sorrindo.

Eu me sinto mais apaixonada por ele quando o vejo sorrir!

— Oi! Que surpresa!

Ele deu de ombros.

— A tecnologia encurta distâncias e resolve alguns problemas. — Piscou. — Você me queria aí, e eu a queria aqui; pois bem, estamos juntos.

Concordei, e Millos me questionou se eu queria conhecer a sala dele. Então fizemos um pequeno tour, e ele me mostrou cada cantinho e detalhe de sua sala enorme, inclusive a linda vista. No dia em que cheguei estava tão aflita que nem prestei atenção na Avenida Paulista, o que me rendeu uma promessa de ele me levar para conhecê-la.

— Precisa ser num domingo, porque tudo aqui fica diferente. — Ele explicou: — A correria da semana deixa de existir, e as pessoas passeiam, há música e arte em vários pontos da calçada, o asfalto deixa de ser lugar dos carros e passa a ser das pessoas. Sabia que tem um belo parque aqui? — Neguei. — Acho que você iria gostar, tem muito verde, famílias passeando e animais de estimação.

Contei a ele que tínhamos um cãozinho, mas que foi embora com os meninos e minha cunhada quando eles se mudaram para Belo Horizonte, e que, quando eu estivesse mais estabilizada na vida, pensava em ter um só meu, porque amo animais.

— Ele vai ser mais sortudo que eu, podendo dormir contigo quando quiser. — Sorriu sincero. — Nunca reclamei de trabalhar muito, mas esses meses não têm sido fáceis.

— Eu queria poder fazer algo para te ajudar a relaxar.

Foi então que Millos sorriu diferente, um tanto malicioso, andou até a porta do escritório e a trancou. Voltou a sentar-se em sua cadeira, mas não pareceu satisfeito, então entrou no único cômodo de sua sala que eu ainda não havia visto.

— Este é o banheiro — falou quando entrou na área azulejada, com espelho sobre a pia e um pequeno chuveiro no canto. — Olha meu estado deplorável.

Virou a câmera, e eu o vi de corpo inteiro refletido no espelho. O volume em sua calça foi a primeira coisa que me chamou a atenção. Acabei gemendo, querendo-o, sozinha numa cama fria, enquanto podíamos estar juntos a aquecê-la.

— Eu queria realmente que você estivesse aqui — ele disse entre risos desavergonhados.

— Eu estou — sussurrei. — E você está aqui comigo.

Ele ficou sério e encarou o espelho como se me olhasse.

— Se você estivesse aqui, eu não estaria mais vestido.

Mordi o lábio, meu coração disparou, e senti minha calcinha mais quente e úmida.

— Por que não tira tudo, então? — indaguei e tirei minha camisola, expondo meus seios. Millos xingou em grego e começou a desabotoar a camisa. — Eu adoro olhar seu corpo.

— Ele é todo seu para admirar — respondeu quando jogou a peça branquíssima no chão, junto à gravata. — Mostre-me mais.

Fiquei vermelha e dei uma risada nervosa, mas não me neguei, afastei a colcha e virei a câmera, focalizando minha barriga, virilha e as coxas rapidamente antes de voltar a câmera para o meu rosto.

— *To mouní sou me kánei treló*!

Certamente fiz uma cara de quem não entendeu nada, o que fez com que Millos risse, balançasse a cabeça e voltasse a repetir o que disse no meu idioma.

— Sua boceta me deixa louco! — Instintivamente, coloquei a mão sobre ela. — Toque-a para mim, Mariana.

Ele abriu o cinto da calça, depois o botão e a braguilha, ficando apenas com a cueca. Gemi alto quando Millos passou a mão sobre seu pênis,

acariciando-o com a ponta dos dedos, fazendo com que seu membro se movesse sozinho.

— Deixe-me te ver.

Voltei a focar minhas partes íntimas e deslizei o dedo entre minhas coxas, encontrando meu sexo úmido, tocando-me como ele pediu, imaginando sua mão grande no lugar da minha, sua respiração forte em meu rosto, os pelos de sua barba roçando meu pescoço.

Eu queria fechar os olhos para me perder na imaginação, mas seria um sacrilégio não o ver libertar seu membro, segurá-lo com força e se masturbar para mim de frente para o espelho.

Ficamos assim, um imaginando a presença do outro, fazendo amor à distância, falando besteiras e desejos. Quando gozei, Millos não suportou ouvir meus gemidos altos e me acompanhou, sujando toda a bancada da pia.

— Mari? — Pisco várias vezes ao ouvir a voz de Helena. — Ei, está acordada?

Ela ri, então me dou conta de que estava divagando no meio do trabalho. Olho Kyra de esguelha e percebo seu sorriso malicioso, como se soubesse no que eu estava pensando.

— Percebeu que ultimamente ela anda com a cabeça nas nuvens? — Kyra me provoca. — Está sempre com um sorriso enorme no rosto... — Ela encara Helena. — Acho que já vi esse filme aqui na Αγάπι.

Helena arregala os olhos, parecendo saber o que Kyra insinua, e me olha animada.

— Você está apaixonada! Como não percebi isso antes?

Kyra ri alto.

— Acho que somente as pessoas imunes a esse sentimento percebem, afinal, você vê essa cara boba em você mesma todos os dias!

Helena mostra a língua para Kyra e me abraça.

— Ah, Mari, e se está feliz assim é porque ele também está!

Fico sem jeito, sem saber o que falar, afinal, Millos e eu não falamos disso, estamos apenas descobrindo tudo juntos.

— Bom, agora que já estabelecemos o diagnóstico para as “ausências” de Mariana, podemos nos concentrar no trabalho, não? — Kyra dispara, e Helena concorda, mas sem deixar de sorrir. — Confesso que estou muito feliz por não precisar ir ao evento de amanhã.

Helena ri.

— Eu sei bem o motivo dessa felicidade! — Minha curiosidade é ativada com esse comentário, mas, claro, não pergunto o que Lena quis dizer. — Ah, mudando de assunto, Kyra, vamos levar Mariana para caminhar conosco no domingo?

— Pra quê, uai? — inquiro desta vez porque meu nome foi incluído.

— Sempre caminhamos depois de um evento, ajuda a relaxar e a ponderar erros e acertos — Kyra responde. — Você topa ir conosco, Mari?

Sorrio animada por estar sempre sendo incluída nas coisas, sentindo-me querida pelas duas.

— Com certeza!

Se eu esperava ficar tensa e nervosa durante o evento na emissora de TV, é porque não tinha ideia de como, na verdade, ficaria. Estou tão atarefada que não consigo nem mesmo avaliar meu estado de espírito, ajudando a Helena a montar a mesa de coquetel, recebendo os quitutes, conferindo a temperatura do champanhe, lustrando e limpando os utensílios – que já vieram brilhando do bufê, mas que acabaram ficando com marcas de dedos quando os peguei sem luva.

Dou uma arrumada nos guardanapos, dobrando novamente os que perderam a dobradura intricada, quando escuto alguém chamando:

— Ei, moça!

Olho para trás e fico de frente para um homem que sempre achei lindo e o via pela televisão. Fico nervosa, lembro que Kátia era superfã dele, e imagino o que minha cunhada faria se estivesse no meu lugar.

— Posso ajudá-lo em algo? — pergunto, tentando não transparecer o nervosismo.

Ele se aproxima, e é preciso que eu vire a cabeça toda para cima a fim de lhe olhar. Não sou baixa, tenho estatura mediana, mas ainda assim tenho alguma dificuldade com a diferença de tamanho entre mim e Millos, que é alto, porém não tanto quanto o homem parado à minha frente.

— Sabe dar nó em gravata? — Mostra-me o acessório caído e um tanto amassado em volta do seu pescoço. — Se puder me ajudar, eu lhe agradeço, porque já estou muito atrasado para a reunião.

— Claro!

Limpo meus dedos antes de tocar no tecido caro da gravata e tento me lembrar das vezes que ajudei meu irmão a dar o nó em sua gravata, quando ele tinha “reuniões” de trabalho. Isso foi bem no começo, quando ainda achávamos que ele era representante de vendas.

Concentro-me, mas não vou negar que o perfume que o grandalhão usa é gostoso. Claro que não é o cheiro do Millos, mas parece ser coisa fina e combina com ele.

Finalmente consigo fazer um nó perfeito, e ele sorri agradecido, os olhos azuis brilhando, admirando meu feito.

— Obrigado, você salvou minha pele! — Ri e fica um tempo me encarando. — Você trabalha com a Kyra Karamanlis?

Assinto.

— Sim, faço parte da equipe da Αγάπι. Posso ajudá-lo em algo mais?

Ele respira fundo.

— Um copo de água gelada seria ótimo! — Vou até a mesa de bebidas e pego um pouco de gelo no compartimento frio que colocamos debaixo dela, enchendo um copo com água. — Salvando minha pele de novo! — Bebe. — Odeio ficar com a garganta seca, começo a tossir. — Ele sorri. — Acho que você não trabalha para Kyra, não, deve ser meu anjo da guarda.

Fico vermelha, e ele me entrega o copo.

— Tenho certeza de que, como *nonna* me garantia, se eu tenho um anjo protetor, é mulher e tem a sua aparência. — Pisca. — Bom... vou lá enfrentar as feras da audiência.

Mal ele esboça sair do salão, ouvimos alguém chamá-lo:

— Vincenzo Giacontti de terno e gravata! — Helena o cumprimenta. — Bem que eu estranhei não ter visto você entrar, afinal é a reunião de renovação dos programas, e, pelo que sei, o seu foi renovado.

— Helena! — Ele a abraça. — Eu digo mesmo que Bernardo Novak é um grande sortudo toda vez que o vejo!

— Eu também sou, meu amigo! — Ela me olha. — Já conheceu Mariana?

Vincenzo me fita, seus olhos demonstrando divertimento.

— Ah, então ela não é mesmo um anjo! *Che peccato*, eu achava que *nonna* me dizia a verdade!

Helena gargalha e balança a cabeça.

— Você não muda mesmo! — Ela o empurra para fora do salão, na direção da sala onde os figurões e algumas celebridades entraram mais cedo. — *Andiamo avanti*[72], você já perdeu mais da metade da apresentação.

Ele a atende, mas, antes de entrar na sala, me olha e pisca o olho, com um enorme sorriso pregado na cara.

— Ufa... — Solto o fôlego, um tanto constrangida com o jeito dele.

— É, eu sei, mas acredite, ele é desse jeito! — Helena ri. — Qualquer dia, ele se mete em encrenca por causa dessas brincadeiras bobas.

— O homem é enorme! — comento. — Pela televisão não dá pra ter noção disso, mas aqui, eu me senti uma formiguinha. — Rio. — Minha cunhada vai morrer quando eu contar que conheci seu *crush.*

— Dela e da metade da população feminina do Brasil. É um absurdo um homem bonito desse ter esse sotaque e ainda cozinhar como um deus.

— Você já experimentou a comida dele?

Helena sorri.

— Meu primeiro "encontro" disfarçado de reunião de trabalho com o Bernardo foi no Vincenzo's. — Suspira. — Eu o vejo como um cupido, e já aceitou ser meu padrinho de casamento, para desespero da Kyra.

Franzo a testa, sem entender.

— Por quê?

Helena suspira.

— Longa história... Vamos terminar de arrumar tudo, que o pessoal da cozinha já me avisou que despachou para cá a comida quente. — Ela olha para os réchauds todos já posicionados para receber a encomenda. — Está menos nervosa?

— Um pouco, mas, quando a apresentação acabar, pode ter certeza de que minhas mãos irão suar. Ainda bem que não terei de servir nada. — Pego o copo usado por Vincenzo para levá-lo até a cozinha. — Louvo a Deus pelos garçons!

Helena e eu rimos juntas, e um pouco da tensão que eu sentia se dissipa.

Deus do Céu, que eu faça um bom trabalho!

43

Because
When the sun shine, we shine together
Told you I'll be here forever
Said I'll always be your friend
Took an oath, I'mma stick it out to the end.[73]

Que lugar lindo!, penso olhando à minha volta enquanto Kyra tenta achar uma vaga de estacionamento dentro do parque. Não tinha ideia de que existia uma área assim dentro desta cidade tão cheia de prédios e carros. Abro o vidro do veículo e respiro fundo, adorando sentir o cheiro da natureza e o frescor das árvores.

— Viu só como eu sempre tenho razão? — Kyra fala assim que encontra uma vaga. — Nada melhor que um dia no *Ibira* para a gente desoxidar de toda a correria da semana!

Concordo, achando o lugar ótimo, mas ainda sentindo que falta algo... ou alguém para o passeio.

Falei pouco com Millos ontem, durante o dia, pois o nervosismo e todo o trabalho que envolveu o coffee-break não deixaram tempo para que eu

conversasse com ele. O máximo que fiz foi agradecer-lhe quando mandou mensagem desejando-me boa sorte no evento.

— Hum, sorriso de mulher apaixonada! — Helena comentou quando li a mensagem de Millos.

Dei de ombros.

— Nem adianta negar que é verdade!

Ela gargalhou e continuou a trabalhar, e eu mandei o agradecimento a ele pelo incentivo.

“Quando você já estiver em casa, me avise. Mais uma vez vou passar a noite no escritório.”

Suspirei, já entendendo que não iríamos nos ver pessoalmente. Fiquei um tanto frustrada, mas isso passou assim que voltei para casa, cansada, com os pés doendo e louca para tomar um banho e dormir.

Mandei mensagem avisando sobre minha chegada, como ele pediu, e entrei no banho. Demorei um bom tempo debaixo d’água, na tentativa de aliviar os músculos, e, quando saí, havia umas dez mensagens dele e uma ligação perdida.

Respondi as mensagens dizendo que estava bem e que tinha ido tomar banho, mas ele não visualizou. Tentei ligar, mas Millos não atendeu. Pensei que tinha tido alguma reunião ou estava ocupado, mas me enganei.

O interfone tocou, e dei um pulo do sofá, a ponto de deixar o controle da TV cair no chão. Estava buscando um filme para ver e relaxar, pois estava agitada demais depois do evento, embora morta de cansaço.

Estranhei a visita àquela hora, pensei mesmo em deixar que tocassem até desistir, mas minha curiosidade venceu e atendi.

— Posso subir? — Millos questionou assim que perguntei quem era. — Prometo não demorar.

Meu coração, claro, foi à boca, e abri o portão com as mãos trêmulas e um sorriso enorme. Dessa vez não esperei que ele batesse à porta, aguardei-o no corredor, e, quando Millos me viu, abriu um sorriso e me deu um abraço apertado.

— Achei que você iria passar mais uma noite no escritório — comentei.

— Eu vou, mas, como você demorou a me responder, fiquei preocupado. — Ele riu. — E usei isso como desculpa para mim mesmo e vim te ver um pouco. — Ri, adorando ele ter feito isso. — Como foi o evento?

— Cansativo, tenso, mas um sucesso — disse animada e o arrastei para dentro.

— Eu não posso demorar muito, vim só para poder te ver mesmo. — Passou a mão no meu rosto, coisa que já percebi ser uma forma de carinho dele, e sorriu. — Foi a primeira vez que fugi do trabalho assim. — Riu de si mesmo. — Mariana, Mariana, por que você me vira a cabeça desse jeito?

Aproximei-me dele.

— Talvez para ficarmos com a cabeça virada juntos! — Beijei-o. — Quanto tempo é não demorar muito?

Ele riu, mas depois respirou fundo.

— Infelizmente, não o suficiente! — falou ao meu ouvido baixinho, fazendo minha pele se arrepiar. — Mas posso te colocar na cama e fazer uma massagem nos seus pés para você dormir.

Gemi e me aconcheguei mais a ele.

— Posso me contentar com isso esta noite — respondi brincalhona, pensando em como, no meio dessa massagem, eu poderia tê-lo dentro de mim.

Millos então me pegou no colo como se erguesse uma pluma do chão e

me levou para a cama. Perguntou onde tinha um hidratante corporal, pegou-o e fez a massagem mais deliciosa desse mundo.

Foi tão, mas tão boa, que meus planos maliciosos de converter a massagem nos pés em uma noite de amor foram desfeitos por mim mesma quando adormeci.

Tento segurar o riso ao lembrar que nem o vi ir embora e só acordei quando Kyra chegou, há pouco, e tocou o interfone como uma louca. Se não fosse o frasco do hidratante na mesinha de cabeceira, eu poderia achar que havia sonhado com a visita de Millos.

Mas não sonhei!, penso ao sair do carro, o sol iluminando meu rosto e, principalmente, o enorme sorriso de felicidade estampado na minha cara.

— Ai, ai... Acho que hoje teve café da manhã de novo! — Kyra brinca, e eu nego. — Hum, então o assunto é mais sério ainda, porque, se não foi café da manhã... bem, pode ser um caso médico essa sua cara de boba.

Gargalho.

— Não, você é um caso médico, se acha que estar apaixonada é um caso médico. — Ela faz cara de ofendida. — Ainda mais por Millos. Eu não tenho chance nenhuma, Kyra!

Ela finalmente concorda.

— Meu primo é incrível, mas tenha cuidado. Eu sei que amá-lo é muito fácil, mas vá com calma; é a primeira vez que o vejo se relacionar com alguém.

— Estamos indo, Kyra. O fato de eu estar apaixonada por ele não tem ligação alguma com nosso “relacionamento”. Eu senti essa ligação com Millos antes mesmo de conhecê-lo.

Kyra franze a tenta, sem entender, e dou de ombros.

— Um dia eu te conto — falo e olho para o céu, adorando o quentinho do sol depois de dois dias chuvosos. — Onde vamos encontrar Helena?

Kyra olha para a tela de seu celular.

— Ela está na marquise na feirinha de artesanato.

Ah, que delícia, sempre amei trabalhos manuais!

— Vamos lá!

Por sorte estamos perto do local e logo a encontramos. Passeamos entre as barraquinhas de artesanato, mas, como não viemos com a intenção de fazer compras, seguimos para a via principal do parque, onde as pessoas fazem caminhada e andam de bicicleta.

Damos a volta no lago, caminhando e conversando sobre trabalho e vida pessoal. Helena começa a falar sobre o progresso que Heitor está tendo e que já está conseguindo dormir dias seguidos no apartamento de Bernardo sem sentir falta daquele onde eles moraram antes.

— Eu gostaria de conhecer o Heitor — falo para Helena.

— Ah, claro que vai! Hoje eu pensei em trazê-lo, mas o pequeno escolheu ir para a casa dos pais do Bernardo. — Helena ri. — Heitor adora ser mimado, e dona Cecília não economiza nos mimos. Além disso, Mia também está lá.

— Mia é sobrinha do Bernardo — Kyra esclarece. — Você vai amar Heitor, não tenha dúvidas!

— Não tenho nenhuma, eu amo crianças. — Suspiro, a saudade corroendo meu peito. — Eu tenho dois sobrinhos, Cristiano e Eduardo.

— Você já contou sobre eles. — Helena sorri consoladora. — Sente muitas saudades, não?

Assinto, sem conseguir falar.

— Não, nada de melancolia hoje! — Kyra muda de assunto. — Vamos falar do evento ontem, que foi um sucesso! Recebi, ontem mesmo, mensagens de agradecimento pelo serviço bem feito. Parabéns, meninas!

Sorrio, orgulhosa e constrangida.

— Ah, Kyra, adivinha quem conheceu e ficou deslumbrado com a Mariana? — Kyra fala alguns nomes de figurões que estavam na reunião de ontem, mas não acerta. — Vincenzo Giacontti!

A expressão dela, de animada, fica azeda.

— Novidade! Aquele lá não pode sentir o cheiro de mulher, que já fica entorpecido. — Ela me encara. — Vincenzo é do tipo que só pensa em números e pula de uma mulher para outra, às vezes até no mesmo dia!

Helena gargalha.

— Acho que não tem nenhuma desavisada na história, amiga. Todo mundo sabe da fama dele, não tem nem como entrar inocente.

Kyra rola os olhos.

— Mesmo assim, é ridículo! — Helena ergue a sobrancelha e encara Kyra. — O que foi? Eu não sou assim; pelo menos fico um tempo antes de dispensar.

Começo a rir junto a Helena, pois já estou ciente que Kyra não "cola" com ninguém.

— Mas deixa uns corações partidos pelo caminho...

Kyra dá de ombros, com um meio-sorriso, e se defende:

— Partem porque se autoiludem. Eu sou muito sincera sempre!

— Se você diz! — Helena faz uma cara de descrédito e aponta uma área com gramado para nos sentarmos. — Vamos descansar um pouco e nos hidratar, porque já está na minha hora. Vou passar em casa, tomar um banho e ir almoçar com minha família.

— Convidei Mariana para passar o domingo comigo — Kyra anuncia animada. — Ela adorou a decoração do apartamento em que está, então vou mostrar o que Samara fez com o meu!

— Ela é muito talentosa — confirmo. — E alguém prometeu cozinhar para eu provar.

Helena arregala os olhos e acaba engasgando-se com a água que está bebendo.

— Boa sorte!

Kyra a xinga, mas depois ri, e eu mais uma vez me sinto privilegiada por poder chamá-las de amigas.

— Oh, meu Deus, que bicho enorme! — Rio, vendo uma tartaruga gigante na foto.

— É o Godofredo, bichinho de estimação que dei para a Samara achando que era uma tartaruga doméstica, daquelas de água, sabe? — Começo a rir ao imaginar a reação da amiga de Kyra quando o bicho começou a crescer sem parar. — Essa aí abraçada comigo é a minha amiga de infância.

Olho para a moça morena, com cabelos ondulados e cheios, com enorme sorriso, abraçada à Kyra. Eu nunca tive amigos antes de vir para cá, não sei como é crescer com alguém, passar os momentos mais importantes junto a essa pessoa. Minha única referência nesse sentido é a Kátia, mas ela é bem mais velha do que eu e era como uma mãe para mim.

Passo a página do álbum, vendo mais e mais fotos de Kyra com sua amiga e seu irmão, Alexios. Os dois não são parecidos, mas ambos são incrivelmente bonitos.

— Você tem fotos de seus outros irmãos? — pergunto. — É que ouvi tanto falar sobre eles, mas não os conheço nem sei como imaginá-los.

Kyra para de remexer na caixa de fotografias, fica um tempo pensando e tira, do fundo da caixa, um álbum antigo com logomarca de filme de revelação e que eu só sei identificar porque na minha casa havia alguns, da

época em que Zé ainda era criança.

— Não tenho fotos de como eles estão agora. — Ela abre o álbum e aponta para um jovem muito bonito, com enormes olhos azuis e um nariz perfeito. — Esse é o Theo, quando tinha 17 anos. — Ela vira a página e mostra um garoto sorridente, com aparelho nos dentes, óculos e bem grandalhão. — Esse é o Kostas quando veio morar conosco. — Percebo que a voz dela dá uma leve tremida. — Não tenho mais fotos deles além dessas.

Acho o fato curioso, já que ela *ama* fotografias, mas não comento, porque me parece ser um assunto delicado.

— Eles são todos muito bonitos. — Penso em Millos, imaginando-o adolescente como aqueles garotos. — O DNA de vocês é bom.

Ela ri e se levanta.

— Prestou para alguma coisa, pelo menos.

Kyra some na cozinha, e deixo o álbum que estava vendo de lado e pego outro, encadernado com uma capa de couro preta. Abro-o despretensiosamente, esperando ver mais fotos dela e de seus amigos, mas vejo apenas recortes de revistas com anotações.

Deixo de lado o álbum estranho, achando que pode ser algo pessoal dela, e decido parar de ver fotos. Sigo para a sacada, vejo o parque onde caminhamos essa manhã e respiro fundo, sentindo saudades de Millos.

Pego o celular e arrisco uma mensagem:

“Domingo é dia de escritório também?”

Completo com um *emoji* piscando os olhos.

Ele não demora a visualizar, e logo aparece a mensagem que está digitando.

“Todo dia é dia, mas já encerrei por hoje. Está em casa?”

Sorrio.

“Não, com Kyra.”

“Você tem planos para esta noite?”

Meu sorriso aumenta ainda mais.

“Nenhum. Daqui a pouco vou para casa. E você?”

Meu sorriso some quando leio a resposta.

“Vou levar alguém ao cinema.”

Fico em dúvida se pergunto alguma coisa ou se apenas desejo que ele tenha um bom filme, mas, antes que eu me decida, Kyra aparece.

— Fiz um cafezinho, aceita?

Deligo a tela do telefone e me viro para ela, aceitando.

— Nunca irei recusar! Já viu mineiro não gostar de café, uai?

Kyra gargalha e tenta imitar meu sotaque, mas não consegue.

— Posso pedir uma pizza para a gente, e você podia ficar aqui esta noite.

O que acha?

Forço um sorriso, porque não era bem isso que eu pretendia, e dou de ombros.

— Não sei, eu tenho umas coisas para arrumar lá em casa... — Fico sem jeito quando ela faz um biquinho triste. — Eu nem trouxe roupa para dormir.

— Eu tenho pijamas extras, sabe? — Ri. — Eu vou escolher uma pizzaria bem...

O interfone dela toca, e Kyra faz uma careta antes de ir atender. Aproveito que ela não está e volto a desbloquear o celular para falar com Millos, mas a última mensagem que ele me mandou me faz quase me engasgar com o café.

“O que acha? Chego aí em menos de 10 minutos para te pegar.”

Releio a mensagem, tentando coordenar meus pensamentos, mas não consigo, tamanha a excitação e o disparar do coração por perceber que esse é o jeito de Millos me convidar para um programa.

— Mari, nossa pizza acaba de ser cancelada. — Kyra aparece e, ao me ver, começa a rir. — Ele chegou, está na portaria.

Ela pega a caneca da minha mão e praticamente me empurra para fora de seu apartamento.

— Divirta-se. Amanhã levo suas roupas de caminhada e seus tênis!

Ela se despede, ainda rindo bastante e, com uma piscadinha, fecha a porta. O celular vibra na minha mão, e saio do choque que a surpresa me causou.

“Mariana?”

Volto a respirar normalmente e chamo o elevador antes de responder:

“Odeio filme de terror, que fique claro! Estou descendo.”

44

Your body is a wonderland
Your body is a wonder (I'll use my hands)
Your body is a wonderland.[74]

Enquanto espero Mariana descer do apartamento de Kyra, aproveito para sentar-me um pouco em uma das poltronas da portaria e descansar. Fecho os olhos, lembrando-me da noite infernal que tive, debruçado entre documentos e plantas, lendo cada relatório feito por Alexios e por Leonardo, que está temporariamente responsável pela gerência de Wilka.

A semana inteira foi assim, chata, corrida e um inferno! Os únicos momentos de relaxamento que tenho tido é com Mariana. Respiro fundo ao pensar nela e nas coisas que temos compartilhado.

Eu nunca havia feito uma chamada de vídeo daquele jeito! Geralmente evito esse tipo de chamada, principalmente porque é muito usada no trabalho, quando temos reunião com o pessoal da Grécia. Uma vez ou outra falo com Sâmi por vídeo, geralmente quando ela quer me mostrar algo, mas nunca para trepar.

Sexo virtual!

Devo ter enlouquecido naquela noite, masturbando-me na frente do espelho e gozando na pia do banheiro da minha sala na Karamanlis. Eu poderia esperar algo assim de Kostas, na época em que ele frequentava aquele aplicativo de encontros, mas de mim? Eu iria rir se alguém me dissesse que, um dia, uma mulher iria mexer tanto comigo a ponto de eu me filmar para ela.

Foi algo fora da curva, mas não quer dizer que tenha sido ruim, muito pelo contrário! Adorei, e ontem, quando ela me mandou mensagem avisando que já havia chegado à sua casa, fiquei excitado e pronto para pedir a ela mais uma sessão de masturbação a dois via WhatsApp.

Mandei uma mensagem perguntando se estava muito cansada para testar a disponibilidade, e ela não respondeu. Esperei, mandei outra perguntando como foi o evento; nada. Esperei mais um pouco, e cada vez mais a minha vontade de vê-la, sentir seu cheiro, ter seu corpo junto ao meu aumentava. Percebi, então, que vê-la através de uma lente não seria suficiente.

Saí da sala apressado. Luiza – que estava fazendo *serão*[75] com os diretores – me olhou assustada.

— Já volto! — foi o que eu disse para ela, sem me importar de ficar uma hora inteira fora.

Theodoros também estava na Karamanlis, assim como Alexios e mais alguns gerentes. Todos estávamos empenhados em resolver o problema com a Ethernium.

Ainda não contei a ninguém sobre a mulher do georreferenciamento que vendeu nossos dados sobre a área no Rio de Janeiro, apenas coloquei Murilo de sobreaviso e estou à espera das provas que a ex-diretora da Dedalus ficou de enviar à Sâmi. Muito embora não tenha revelado a espiã, Murilo tomou providências para monitorarmos todos os seus passos.

O gerente de TI da empresa suspendeu todos os acessos remotos da Karamanlis – para não fazer isso apenas com o setor onde ela trabalhava – e alegou um bug que estava sendo solucionado. Além disso, os computadores do georreferenciamento estão conectados direto com o banco de dados da TI,

que consegue acompanhar cada ação feita neles.

A intenção é pesquisar se a tal Laura não retira mais informações da empresa ou se a Dedalus foi um fato isolado. Assim que as provas chegarem, ela será demitida por justa causa e processada judicialmente junto à empresa que comprou os dados.

Eu não tinha ideia de como tudo isso estava me deixando tenso e só tive noção de que precisava de um tempo fora da empresa quando abracei Mariana. A vontade que eu tinha era de não a soltar mais, ficar ali, aproveitando-me daquela sensação única que somente seu abraço me trazia.

No entanto, claro, meu corpo não pensava assim!

Bastou um toque em sua pele, o cheiro delicioso que se desprendia de seu corpo para eu lamentar não ter tempo suficiente para levá-la até a primeira superfície na qual pudéssemos foder até perdemos a consciência.

Meu tesão só arrefeceu quando, ao olhar para seu rosto, percebi que ela estava esgotada. Sabia que estava nervosa com o primeiro evento que iria coordenar sob as vistas de Helena e que isso a fez ter problemas para dormir. Era normal, afinal, é o primeiro emprego de Mariana, e ela queria muito impressionar. Eu tinha plena certeza de que iria conseguir, mas ela ainda se sentia insegura.

Quase cedi à tentação de fazer um sexo de alívio, bem rápido, quando ela deu a entender que gostaria, mas, pensando nela, não seria justo eu entrar, socar e gozar, porque era o que dava para fazer com o tempo que eu tinha.

Decidi ajudá-la a relaxar, e deu tão certo que, ainda nem tinha terminado a massagem, a ouvi ressonar.

Mariana não sabe, e nunca irei contar a ela, mas passei um tempo olhando-a dormir, parado de pé no quarto dela, até que a cobri com a colcha e voltei para a empresa.

O primeiro pensamento que tive hoje ao acordar no sofá da minha sala foi que eu gostaria de ter passado mais uma noite com ela. Adiantei o máximo que podia da papelada que eu precisava despachar, fiz uma reunião de

almoço por videoconferência, falei com Kostas ao telefone e, quando começou a anoitecer, decidi que não iria passar mais uma noite no escritório. Fui para casa e estava pensando em como convidar Mariana a passar a noite na minha cama quando me surgiu uma ideia: cinema.

Mariana chegou há pouco na cidade e não fez muita coisa além de ir para o bufê trabalhar. Eu não tinha ideia se ela já havia ido ao cinema, mas não queria vê-la apenas para trepar. Queria um tempo com ela, conversar... namorar.

Rio, achando essa palavra tão patética quanto a sensação de normalidade que ela me traz. Quem estou enganando? Eu não namoro, nunca namorei, e, geralmente, namoros são caminhos para uma união mais duradoura, e isso, em definitivo, não é para mim.

— Demorei tanto assim que dormiu? — A voz alegre de Mariana me tira dos devaneios, e abro os olhos depressa enquanto me levanto.

— Não, apenas relaxei um pouco. — Olho-a da cabeça aos pés – como se há muito tempo não a visse – e sorrio, adorando o vestido leve e comportado. — Prometo que não escolherei filme de terror, mas seria interessante, não nego.

Ela ri, acompanhando-me para fora da portaria, onde o olhar curioso do porteiro de Kyra não fique sobre nós.

— Por quê? Gosta de me ver com medo?

— Não, mas, se você ficasse com medo, eu teria desculpa para te abraçar ou colocá-la no colo...

Ela ri, as bochechas rubras.

— Entendi agora por que os casais vão a sessões de filmes de terror! — Gargalha. — E eu ainda achava pouco romântico!

Abro a porta do carro para ela.

— Gosta de cinema, então?

— Gosto. Não ia muito lá na minha cidade, mas, todas as vezes que fui com Kátia e as crianças, eu gostei. — Dou a volta no carro e, quando me sento atrás do volante, puxo-a para mim e a beijo. — Senti falta disso!

— Não mais que eu, afinal, não tive nem tempo para um beijo de boa-noite ontem.

Ela ri sem jeito.

— Eu quase morri de vergonha quando acordei hoje de manhã e percebi que dormi durante a massagem. — Dessa vez é ela quem me beija, e me perco no carinho delicioso de seus lábios. — Está contratado para massagear meus pés todas as vezes que eu fizer um evento.

Esfrego meu nariz em sua nuca, escondendo o sorriso bobo que não sai da minha cara, e respondo:

— Será um prazer!

Seguimos para o shopping mais próximo, cuja sala de cinema é a melhor a que já fui aqui no Brasil, e, assim que paro no estacionamento, sinto meu primeiro descontrole.

Puxo-a para meu colo e devoro sua boca como se estivesse faminto pelo sabor de sua saliva. Chupo sua língua com vontade, desejoso de ser sua boceta em minha boca, e ela reage rebolando no meu colo.

Porra! Afasto-me dela, tentando lembrar-me de que estamos em local público, monitorado por câmeras e que, embora o carro seja blindado e tenha película escura nos vidros, não é o melhor lugar para trepar – pelo menos, não do jeito que eu preciso!

Beijo sua testa. Mariana ri e suspira.

— Obrigada pelo convite, foi uma surpresa boa!

Sorrio constrangido, ainda sentindo dificuldade em receber todos os agradecimentos dela, ainda mais nesse caso, em que fiz isso com a firme intenção de lhe agradar para convencê-la a voltar a dormir no *loft*.

— Não me agradeça ainda, pois não sei quais filmes estão em cartaz.

Ela ri e se senta de novo no banco do carona.

— Como se meu interesse em estar aqui fosse o filme! — Sorri e abaixa a cabeça.

Divirto-me com o jeito dela. Mariana ao mesmo tempo em que fala sacanagens, fica enrubescida, sorri sem jeito ou suga aquele cantinho do lábio inferior. É revigorante saber que ela está desabrochando comigo, ganhando asas, tomando posse de seus desejos de mulher.

Como eu supus, não tem nada de muita qualidade em cartaz ou mesmo disponível para a sessão mais próxima. Acabamos comprando um filme de ação qualquer que, se eu prestar bem a atenção – o que, claro, não será o caso – mato o enredo nos primeiros 10 minutos.

Compramos um balde grande de pipoca e dois refrigerantes. Tenho que me segurar de tempos em tempos para não rir, imaginando a reação de Sâmi se me visse assim, todo domesticado. É tão estranho, mas, na verdade, não desgosto, é só diferente.

Nossos ingressos têm número de cadeira e fileira, mas a sala está tão vazia – sinal de que o filme deve ser mesmo uma porcaria – que a arrasto para uma das últimas filas, as que ficam mais elevadas e que tem assento de casal – aqueles sem divisórias entre as poltronas.

Ela se senta ereta, balde de pipoca no colo e refrigerante na mão, então mostro a ela o suporte para o balde, uma espécie de prateleira móvel, e o porta-copos. Deito totalmente minha poltrona, e ela sorri, fazendo o mesmo.

— Eu amo São Paulo! — declara. — Nunca vi uma poltrona dessa antes.

Meu coração acelera, e sinto uma sensação quente no peito. As descobertas dela, a alegria genuína pelas coisas simples são tão deliciosas de serem acompanhadas que decido que quero vê-la sempre assim, nem que, para isso, precise levá-la aos lugares mais diferentes e modernos da cidade.

Mariana se ajeita na poltrona e retira as sapatilhas. Vejo-a balançar os

pequenos dedos, cujas unhas foram pintadas de vermelho pela pedicure, e me lembro de quando os lambi um por um. A lembrança me faz ter que arrumar minha calça, pois as luzes ainda estão acesas, mas o apressado do meu pau está ligando o foda-se para isso, inchado e duro, comprimido pela calça jeans.

Sigo minha apreciação, passando os olhos pelas canelas, joelhos e parte das coxas, onde pelinhos loiros e finos brilham contra a luz do cinema. Paro o olhar na barra do vestido dela, imaginando – não, fantasiando, seria a palavra – que ela está sem calcinha por baixo do tecido.

Nem bem as luzes se apagam, minha mão viaja pelo espaço entre minha poltrona e a coxa dela. Escuto Mariana arfar com a surpresa, mas ela não afasta a *mão boba* que sobe por suas coxas.

— Desse jeito, não vou conseguir nem fingir que presto a atenção ao filme — ela sussurra, e eu rio.

— Não quero que finja comigo, nunca — falo, olhando para a tela, mas *vendo-a* através do meu tato.

Contorno a coxa e consigo sentir o calor que provém da junção de suas pernas. Subo mais. Mariana se ajeita, abrindo-as ligeiramente para facilitar meu acesso. Alcanço meu objetivo. Minha fantasia se esvai quando sinto o tecido da calcinha, mas o tesão aumenta quando percebo que está úmida.

— Hum... molhadinha já...

Ela ri, mas tenta ficar séria.

— Com aquele amasso que você me deu no carro, como eu não ficaria?

— Você está ficando descarada, Mariana. — Olho-a de soslaio. — Eu gosto disso!

Acaricio sua boceta por cima do tecido apenas com a ponta dos dedos. Começo a olhar em volta para conferir se não há mesmo ninguém próximo, porque estou sedento da excitação dela e, para poder me saciar um pouco, preciso fazê-la gozar em minha mão.

— Millos... — Ela geme uma súplica baixinho, mas não me viro, os olhos concentrados na tela. — Isso... — geme de novo — é maldade.

— É mesmo? Eu gosto de ser malvado de vez em quando.

Com meu dedo médio, puxo o elástico da calcinha, juntando um lado com o outro a fim de tocar sua pele quente. Travo os dentes para não soltar um gemido alto, meu corpo estremece, e meu pau se contorce sob a calça.

Molhada e quente, exatamente como eu gosto!

Uso sua lubrificação para tornar os movimentos dos meus dedos mais prazerosos, avanço em sua entrada e retorno até o clitóris latejante, acariciando-o desavergonhadamente para que ela goze.

Não preciso olhá-la para notar que está se movendo na poltrona, muito menos preciso vê-la para saber que seus olhos estão fechados e a boca, levemente aberta. Sua respiração está mais forte, mas somente eu percebo isso, pois o som do filme está abafando os deliciosos gemidos que são só meus.

Meu polegar se posiciona sobre o ponto sensível, enquanto dois dedos se aventuram em sua cavidade apertada e deslizante, e a sinto contrair os músculos de sua boceta diante da invasão. Fodo-a gostoso, encharco meus dedos com seu tesão, sem deixar de excitar seu clitóris. É uma tortura, minha vontade é de tocar o foda-se para tudo à nossa volta e me unir a ela nessa transcendência única de prazer.

Sob meu antebraço, sinto a coxa se contrair e o músculo ficar firme. Mariana movimenta mais os quadris, e seus gemidos se tornam mais altos. Olho-a e peço silêncio, mas ela está tão entregue ao prazer que não consegue se controlar.

Junto minha boca à sua no exato momento em que é arrebatada pela onda de prazer, abafando o gemido intenso do orgasmo. Absorvo tudo, a potência de seu gozo reverberando dentro de mim, alucinando-me como uma potente droga, tirando-me completamente do eixo.

Paro de beijá-la apenas quando a sinto relaxar. Afasto-me dela sorrindo e

levo a mão encharcada por seu prazer à minha boca.

— Com certeza esse é o melhor acompanhamento para assistir a um filme!

Ver Kostas caminhando, testando passos dentro do quarto do hospital é incrível, mas nada se assemelha ao ver sua felicidade pelo simples fato de saber que, além de amado pela mulher que ama, será pai.

Fico agradecido por tudo ter dado certo para ele, e, embora saiba que omiti por muito tempo a ligação de ambos, minha consciência fica em paz por vê-los juntos e felizes.

A verdade é que não controlo nada! Tudo tem tempo determinado para acontecer, e, embora eu reconheça que às vezes sigo o conselho do Chapeleiro Maluco e dou uma "dica ao tempo"[76], no caso de Kostas tudo aconteceu com intervenção mínima de minha parte.

Era para ser!

— Foi daqui que pediram quitutes grátis para uma grávida? — A voz de Kyra me desperta dos pensamentos.

Ela entra no quarto com uma caixa com a logomarca de sua empresa estampada, e nem é preciso abrir a tampa para sentir um cheiro gostoso de canela.

— Apenas se a grávida em questão puder compartilhar com quem a colocou nesta situação! — Kika responde, mas corre em direção à Kyra para pegar a caixa. — Ah... bolinhos de chuva! Vou ter que contrabandear café de novo, mas nem adianta pedir, porque você não pode beber uma gota, Kostas!

Ele ri e beija o topo da cabeça dela.

— Acham que eu encontraria uma enfermeira melhor do que essa em

algum lugar? — ele ironiza. — A vantagem é que à noite ela me deixa abusar um pouco dela.

— Kostas!

Sou obrigado a rir da brincadeira, entendendo um pouco o sentido de toda essa provocação que antes acharia melosa. Hoje, se eu for memorizar toda a noite de ontem, sei que essas brincadeiras fazem parte do jogo e que ajudam a deixar a coisa mais descontraída e quente depois.

Foi assim na sessão de cinema, no trajeto do shopping até o galpão, dentro do carro, no elevador de carga, até chegarmos ao sofá da sala, onde as brincadeiras e provocações cessaram, e pudemos dar vazão ao desejo – estratosférico! – que estávamos sentindo.

— ...deliciosos, não? Foram feitos por Mariana.

O nome da mulher que, até então, estava povoando minha mente com imagens eróticas, traz-me de volta ao quarto do hospital com Kika, Kostas e Kyra... *Caramba, é muito nome com K numa frase só!* Rio do pensamento absurdo, mesmo achando engraçada a coincidência.

— Olá, Kyra! — cumprimento minha prima, que, ao que parece, não me viu sentado na poltrona próxima da cama de Kostas.

Ela se vira para me olhar e só acena.

— Já falei contigo hoje, lembra não?

Cruzo os braços, sério, e ela volta a falar com Kika.

Sim, é verdade, já nos falamos quando deixei Mariana no trabalho de manhã, e ela ralhou comigo por tê-la levado depois do horário.

— Dê o exemplo, ela é minha funcionária, é nova aqui, então, por favor, traga-a no horário!

Eu me desculpei, mas acabei fazendo troça:

— Vou tentar não demorar muito no banho na próxima vez.

Pisquei o olho, e Kyra rolou os dela, mas não conseguiu conter o sorriso.

— Estou feliz por você, Millos. Mari é incrível e...

— Kyra, nós já falamos sobre isso, sem comentários, nem mesmo para você!

Ela cruzou os dedos sobre os lábios algumas vezes, e entrei no carro e saí rápido, afinal, também estava atrasado, e a culpa era exclusivamente minha, pois invadi o banho de Mariana, e acabamos demorando demais.

Mas valeu a pena!

— Millos? — Kika me chama, e volto a cabeça para ela. — Quer um?

— Não, obrigado. — Levanto-me. — Bem, vou voltar para a empresa.

— Em breve estaremos de volta — Kostas afirma, mas Wilka o olha séria. — Assim que o médico liberar, claro.

Despeço-me de todos, mas, antes de sair, ouço parte da conversa de Kika e Kyra.

— Dê os parabéns à Mariana, estão ótimos! Sua amiga é muito atenciosa, sempre mandando esses quitutes!

— Ela é incrível, e, espero, em breve você a conhecerá.

A resposta de Kyra me dá um frio na barriga. Sempre mantive minha vida pessoal muito discreta. Não por vergonha ou qualquer problema, apenas porque sempre fui assim. No caso de Mariana, foi impossível manter a discrição com Kyra, e não me arrependo, pois conhecer minha prima foi ótimo para ela em muitos sentidos.

Porém, não sei como me sentiria se Mariana convivesse com as outras pessoas da minha família. É algo que nunca me passou pela cabeça...

— Ei, Millos!

Paro e olho para trás diante do chamado de Kyra.

— Esqueci algo? — indago e confiro meus bolsos.

— Não, eu só vim trazer os bolinhos, preciso voltar. — Ela puxa ar depois de ter corrido atrás de mim. — Mariana lhe contou como o evento dela foi um sucesso? — Ela puxa a conversa enquanto andamos pelo estacionamento do hospital.

— Disse alguma coisa sobre o assunto, sim.

Ela ri.

— Recebi muitos elogios pelo serviço dela.

Destravo o alarme do carro.

— Isso é ótimo!

Ela ri, e franzo o cenho, sem entender.

— Inclusive meu amigo, um amigo seu, ficou encantado com ela. — Aprumo meu corpo, não gostando do rumo da conversa. — Helena me contou que Vincenzo fez inúmeras perguntas sobre a Mari e ainda tentou arranjar um encontro.

Mas que porra é essa?!, penso puto, indagando se Vince está ficando maluco.

— E daí?

Tento parecer indiferente, mas meu corpo está tremendo, tamanha força que faço para não xingar aquele filho da puta mulherengo do caralho por ter ficado como um babão em cima da *minha* Mariana.

— E daí nada, só um comentário qualquer e, talvez, um alerta de que você tem concorrência. — Ela se aproxima de mim, rindo, e beija minha bochecha. — Embora ninguém nunca duvidou que Mari teria uma dúzia de boys lindos aos pés dela!

Ela acena se despedindo e se afasta, mas, mesmo longe de onde o carro dela está estacionado, consigo ouvir suas risadas, parado feito um idiota do

lado de fora do meu veículo, pensando em Vincenzo comendo Mariana com os olhos naquele maldito evento.

Ele precisa de limites!

Mal termino o pensamento, entro no carro e mando uma mensagem para Mariana:

“Hoje à noite vamos sair para jantar. Gosta de comida italiana?”

45

I dare you to let me be your, the one and only
I promise, I'm worthy
To hold in your arms...[77]

Ontem, no cinema, tive meu primeiro encontro com Millos... Paro para pensar um pouco, questionando a precisão desta afirmação. Não, talvez não tenha sido o primeiro, porque... bem, eu realmente não sei qual dos *encontros* que tivemos posso considerar como aquele que iniciou tudo!

Talvez o da cachoeira, por eu ter passeado na garupa de sua moto, feito trilha e nadado com ele – sem contar todos os beijos – ou, talvez, aquele dia em que quase almoçamos juntos e nos beijamos na porta do restaurante.

Posso considerar um quase almoço como um encontro?

Não, em nenhum desses eventos Millos tinha a intenção de ficar comigo, então acho mesmo que nosso primeiro encontro – no sentido romântico da palavra – foi ontem no cinema. Sinto o rosto arder só por pensar na safadeza que fizemos juntos durante o filme. Quantas pessoas por aí podem dizer que já gozaram numa sessão cinematográfica? Eu, com certeza, posso!

Helena passa por minha mesa e ri ao me olhar, provavelmente me achando uma boba apaixonada por estar sorrindo à toa, suspirando e fechando os olhos a todo momento para me lembrar das deliciosas horas que vivenciamos ontem e tudo de incrível que descobri com ele.

Estamos descobrindo juntos! Nunca uma frase fez tanto sentido para mim.

As experiências que estamos partilhando estão sendo ímpares, tanto para mim quanto para ele, tão mais vivido do que eu. Tento não pensar no que ele quis dizer quando afirmou que não tinha experiência em relacionamentos, mas sempre fica óbvio que estamos nessa aventura de descoberta juntos e que aquilo que é novo para mim também parece ser para ele.

Ir ao cinema, fazer-me gozar durante o filme, o amasso dentro do carro no galpão, o sexo indescritível na cama baixa na qual dormi sozinha por semanas. Tudo parece ser inédito também para Millos.

Hoje de manhã nos atrasamos para o trabalho, porque ele apareceu no boxe do banheiro, nu e excitado, e me foi impossível resistir à vontade que ele desperta em mim apenas ao olhá-lo. Pelo menos agora ele me mostrou seu pequeno estoque de camisinhas, inclusive me deu algumas para guardar no meu apartamento.

Tenho contado todos os dias, baixei até um aplicativo para monitorar meu ciclo menstrual. Acho que deveria ter tomado a pílula do dia seguinte apenas para não ficar ansiosa para menstruar, mas perdi o *timing*, e agora é confiar na minha tabela infalível de contagem de dias.

Acabamos falando sobre esse assunto na noite passada, quando Millos disse que tinha comprado um estoque infindável de camisinhas e me mostrou seus exames de saúde – o que também seria tarde demais se houvesse algo errado –, e combinamos ser mais responsáveis daqui para frente.

A verdade é que pensei em dizer a ele que vou marcar uma consulta com a doutora Tânia e conversar com ela sobre tomar pílula, mas depois decidi não falar nada. A ideia de tomar um anticoncepcional é muito anterior a eu sonhar em conhecer o Millos, e só não comecei a usá-lo porque Kátia e eu

temíamos a reação de meu irmão, pois ele não entenderia que eu só estava querendo me livrar das cólicas horríveis que sentia todos os meses e pensaria que estava encontrando-me com alguém às escondidas.

Agora, acho que é o momento ideal para eu juntar a fome com a vontade de comer. Livro-me das cólicas usando um método que impeça a menstruação e já fico protegida, porque, como bem lembrou a Kátia quando conversamos, camisinhas estouram!

Acabo de finalizar uma planilha com orçamento para uma festa e sorrio orgulhosa e satisfeita por estar finalmente comandando a minha vida. Sei que ainda tenho muito a aprender e que vou cometer erros, mas nunca mais poderei dizer que não fiz algo por medo da reação de alguém ou porque outra pessoa impediu.

Decidi que não vou discutir o assunto da pílula com Millos, essa é uma decisão minha, afinal, é o meu corpo. Independentemente disso, vamos continuar usando camisinha, até que, caso nossa descoberta se transforme em algo estável, possamos conversar sobre usarmos apenas o anticoncepcional.

— Peguei seu orçamento na impressora. — Helena me entrega a folha, e lhe agradeço. — Trouxe um presente para você!

Ela me entrega um embrulho, e fico feliz e constrangida.

— Não precisava!

— Mas eu quis! Presentes não são apenas para quando se precisa de algo, é uma forma de carinho, e, quando vi essa peça, pensei em você.

Abro a caixa e tiro dela uma cozinheira de louça, com os cabelos loiros e olhos azuis, vestida com avental e segurando um livro de receitas.

— Ah, Helena, sou eu! — Abraço-a, emocionada com o presente. — Vai ficar lindo na bancada da cozinha.

— Vai, sim!

Meu celular vibra em cima da mesa.

— Muito obrigada pelo carinho!

O telefone vibra mais uma vez.

— Mari, é melhor você ler suas mensagens. — Helena aponta para a mesa. — Se for quem eu imagino que seja...

Fico vermelha.

— Então você me viu chegar hoje de manhã? — Sorrio sem graça.

— Vi, sim. E vou confessar que boa parte das mulheres que eu conheço vão te invejar. — Ela gargalha. — Tem algumas que tentam ficar amigas de Kyra só para se aproximar do Millos. — Ela dá de ombros. — Deve ser toda aquela aura de mistério que ele tem.

Helena pisca o olho para mim e volta para sua mesa.

Pego o celular e confirmo ser Millos quem me manda mensagens.

“Vamos sair para jantar hoje à noite. Gosta de comida italiana?”

Fico logo animada.

“Te pego às 20h, já reservei.”

Digito uma resposta positiva, mas sem dar tanta bandeira que outro convite para sair me deixou nas nuvens.

Quando entrei na adolescência, comecei a ler romances e a me interessar

por filmes do mesmo gênero. Um dia qualquer em que estava em casa, mudei de canal, e estava começando “Uma Linda Mulher”. Fiquei deslumbrada com a história e, claro, com o Richard Gere.

Às vezes me pegava sonhando como a Vivian: que estava numa torre alta, e um príncipe montado em um cavalo branco viria me resgatar. Nós dois viajaríamos o mundo todo, teríamos mil aventuras, eu poderia ter amigos e nunca mais precisaria ficar trancada em casa.

Fazia parte da fantasia, claro, todo o glamour do filme, desde o impressionante hotel onde eles ficaram hospedados, as compras com cartão de crédito sem limites e a viagem de jatinho para assistir a uma ópera.

Olho em volta, ainda com as imagens do filme na cabeça, e penso se não estou fantasiando antes de dormir ainda, deitada na minha cama estreita lá no interior de Minas.

Quando Millos me convidou para jantar e falou em comida italiana, imaginei que ele fosse me levar a alguma cantina nos famosos bairros italianos da cidade, como o Bixiga, a Mooca, entre outros. Nunca eu iria imaginar que seria dentro de um hotel cinco estrelas.

Villazza SP!

O luxo e a sofisticação do lugar são tão impressionantes que fico pensando se o hotel do filme da Julia Roberts seria assim caso tivesse sido gravado nos dias de hoje. Olho para o homem que caminha ao meu lado e, embora ele não seja grisalho como o Edward, tem tanto charme quanto o outro.

Parece que, enfim, achei meu príncipe moderno, aquele que me ajudou a escapar da torre alta, montado numa Harley Davidson preta. *Eu vivo minha própria versão do filme!* Sorrio ante o pensamento.

— Gostou do hotel? — Millos pergunta de repente, talvez por ter reparado na minha expressão deslumbrada.

— É lindo!

Ele concorda.

— Você vai adorar a vista lá de cima.

— Vamos subir? Achei que íamos para um restaurante.

— Nós vamos, ele fica no terraço do hotel. A vista da cidade iluminada à noite é um espetáculo!

Entramos no elevador, e, quando saio, já no terraço do hotel, tenho que segurar o fôlego, impressionada com a beleza das luzes da cidade de São Paulo. O som ambiente é agradável. Ainda bem que escolhi vir com uma blusa de seda de mangas compridas marfim, com belos detalhes na gola, e uma calça pantalona azul-marinho, pois o vento está soprando gelado aqui em cima.

Millos está bem-vestido também, não tão formal como o que usa para trabalhar, mas ainda assim com calça e camisa de botões. Seguimos andando pelo terraço muito bem decorado com jardins de pedras e plantas ornamentais e vários espaços para sentar-se, tudo bem iluminado e organizado.

— Aqui, além do restaurante ao qual vamos, há lojas, um bistrô e, lá em cima, um heliponto. — Ele aponta para um local mais alto. — São Paulo tem a fama de ter a maior frota de helicópteros urbanos do mundo, sabia?

— Uau! É compreensível, quando se pensa no trânsito. — Rio ao me lembrar que Helena e eu já ficamos horas em um engarrafamento em um dia chuvoso.

— Eu pensei em tirar meu brevê, mas depois desisti, prefiro rodar em terra.

Olho para Millos tentando conter o riso.

— Você tem medo de voar?

— Não, mas prefiro pilotar a moto a uma aeronave. Você já voou?

Nego com uma pontada de tristeza. Sempre quis viajar de avião, mas não saía nem da minha casa, então...

— Millos!

A voz conhecida faz com que eu me vire para ter certeza de que é Vincenzo Giacontti novamente. Duas vezes seguidas nos encontramos, que coincidência!

— Vince, como vai? — Millos o cumprimenta e então coloca a mão sobre minhas costas. — Nosso lugar já está preparado?

Vincenzo me olha com indisfarçada curiosidade, sua testa franzida, como se tentasse se lembrar de mim.

— Claro, sua reserva e da senhorita...

— Mariana — Millos é quem diz meu nome, e Vincenzo não disfarça sua surpresa.

— Ah, a *ragazza* que trabalha com sua prima! — Ele sorri. — Como vai?

— Vou bem — saúdo-o com um sorriso. — É um prazer revê-lo!

Vincenzo sorri simpático.

— O prazer é todo...

— Já podemos ir? — Millos o interrompe. — Mariana e eu estamos ansiosos para conhecer o seu novo cardápio.

Ele aponta para o menu, exposto na porta, que anuncia a mudança de cardápio da *trattoria*.

— Claro! — Vincenzo chama a *hostess* – viu só como já estou aprendendo todos os termos do livro de etiquetas que Kyra me deu para ler? –, que confirma a reserva e o número da nossa mesa.

Um garçom vem nos acompanhar, mas Vincenzo o dispensa:

— Eu mesmo levarei *la coppia*[78] à sua mesa.

Millos emite um ruído parecido com uma risada, mas que, aos meus

ouvidos, não parece nada divertida. Não entendi o que o chef disse ao garçom, mas certamente ele entendeu.

Entramos no salão do restaurante, mas não paramos em nenhuma das mesas que estão vagas. Vincenzo abre as portas duplas, que dão acesso a uma espécie de deque, e então nos mostra a mesa reservada.

— Vista para a cidade. — Puxa a cadeira para eu me sentar. — Deseja que eu acenda os aquecedores?

Ele mostra duas enormes torres perto da mesa.

— Está sentindo frio, Mariana? — Millos me indaga ao tomar assento.

— Não, estou confortável, obrigada. — Sorrio para ele, animada por esta nossa noite juntos.

Mais um funcionário do restaurante chega, dessa vez com a carta de vinhos.

— Deseja escolher algum? — Millos me oferece a carta que lhe foi entregue.

Nego.

— Confio no seu bom gosto.

Ele sorri.

— Pode confiar. — Ele olha para Vincenzo. — Eu tenho muito bom gosto mesmo, não é, Vince?

O chef ri alto, mas acaba concordando.

— Bom gosto e mais sorte! — ele comenta. — Com licença, *buon appetito!*

Millos ri lendo a carta de vinhos, e desconfio de que ambos se conhecem muito bem e que rolou uma espécie de piada interna que não compreendi.

Ele escolhe o vinho e, nem bem um funcionário se afasta, outro se

aproxima com petiscos e pastas.

— *Antipasti!*

Provo os deliciosos palitos de cebola com molho de queijo e gemo com seu sabor incrível e a textura crocante do petisco.

— Uma delícia! — elogio.

— O safado cozinha bem, não nego! — ele diz sorrindo ao me ver dar mais uma mordida.

— Vocês são amigos?

Millos assente.

— Sim, temos alguns gostos em comum, motos é um deles. — O sommelier volta com o vinho escolhido e nos serve, enquanto outro garçom aguarda para nos servir água e entregar o cardápio. — O dono deste hotel também é meu amigo de estrada. Às vezes faço algumas rotas com Vince e Frank Villazza.

Millos ergue sua taça para um brinde, e encosto a minha na dele.

— Lembro-me da última vez que brindamos com vinho — comento. — Foi na nossa última noite em Carrancas.

Millos sorri.

— Em que você me pediu um beijo e sumiu na manhã seguinte. — Fico vermelha. — Por novos começos!

Seu brinde toca fundo dentro de mim de várias maneiras. Sim, fugi dele, mas fui com o coração partido, querendo não ir e lamentando não poder me despedir direito. Estar aqui com ele, descobrindo e desfrutando dessa atração que nos uniu desde que nos conhecemos, é, sim, um recomeço. Bem como é um novo começo eu poder seguir minha vida como estou fazendo, buscando minha independência e minha felicidade.

— Por novos começos!

Nossas taças se tocam, e o delicioso vinho que ele escolheu desce macio pela minha garganta.

— Pronta para experimentar a comida do famoso chef Giacontti?

Suspiro.

— Parece até mentira. — Olho para dentro do salão através das janelas de vidro e vejo Vincenzo falando com alguns clientes a uma mesa. — Eu nunca poderia imaginar que, um dia, o conheceria.

Millos pigarreia e se arruma na cadeira.

— Impressionada?

Sorrio, imaginando Kátia aqui, provavelmente caída dura no chão de tanta emoção.

— Ele é impressionante, sim — confesso. — Eu via os programas dele na TV e...

— ...sonhava com ele.

Millos completa a minha frase – da maneira errada –, e eu o olho. Sua expressão está fechada, embora tente sorrir, e vejo um leve latejar em seu pescoço.

— Não, eu ia dizer que minha cunhada vivia dizendo que ele era o sonho de qualquer mulher. — Franzo o cenho quando ele pigarreia baixinho e pega a taça com água para beber. — Vincenzo é famoso, bonito e ainda cozinha, então...

— Entendi — Millos me interrompe e me encara. — Kyra disse que vocês se conheceram no evento de sábado e que ele ficou bastante *encantado* por você.

Kyra disse... Então, ao me trazer aqui, Millos sabia que Vincenzo e eu nos conhecemos e que ele me reconheceria? Aprumo-me na cadeira e cruzo os braços.

— Por que viemos aqui, Millos?

Ele dá de ombros e sorri indiferente.

— Para jantar.

Levanto a sobrancelha, intrigada, com uma suspeita alarmante na cabeça. Decido, então, que é melhor investigar mais a fundo antes de pensar que ele está com ciúmes e me trouxe aqui para mostrar ao amigo que nós estamos juntos.

— Ótima escolha. — Sorrio. — Será que ele aceita tirar uma foto comigo depois?

Millos se engasga com o vinho, e seguro o riso.

— Para que você quer uma foto dele?

— Dele não, *com* ele! — corrijo-o.

— Tá certo... mas por quê? Ele te interessa?

Caio na gargalhada, e ele me olha sério. Levanto-me da mesa, sem me importar se, como eu posso ver o salão, o pessoal das mesas de dentro do restaurante pode nos ver. Sento-me em seu colo, passo os dedos por sua barba, trazendo-o ao encontro do meu rosto.

— Vincenzo é bonito, como eu disse, mas, lá em casa, eu só tinha um homem povoando meus sonhos. Desde que eu o conheci, nunca mais nenhuma outra fantasia se construiu. Eu sonhava com os beijos, com o corpo, as tatuagens...

— Mariana...

Beijo-o de leve e continuo falando:

— É você quem me interessa, que isto fique claro daqui para frente. — Dou um selinho nele e me levanto para retornar ao meu lugar. — E que o próximo convite para um jantar seja apenas para comer e não para demarcar território.

Dou uma piscadela e pego o menu para escolher meu prato. Escuto as risadas dele, mas não fala nada, ciente da reprimenda. Apesar de ter sido firme e demonstrado uma segurança absurda – até eu estou impressionada comigo mesma –, sinto-me confusa, mexida, sem saber se gosto ou não de vê-lo ciumento.

Por um lado, é estranho, porque não há nenhum motivo para isso, mas, por outro, é animador, porque, se ele sente ciúmes de mim, é porque também sente algo além da atração física.

— Desculpe por isso — Millos pede. — Agi feito um idiota inseguro. — Concordo com a cabeça, mas não o olho. — Posso compensá-la por isso de algum jeito?

Sorrio e imagino várias formas prazerosas de ser compensada.

— Deve!

Olho-o e sinto meu coração bater mais forte por causa do sorriso lindo que ele me dá.

46

Settle down with me
And I'll be your safety, you'll be my lady
I was made to keep your body warm
But I'm cold as the wind blows
So hold me in your arms.[79]

Compensação...

A palavra escrita na tela do meu computador me faz viajar para o começo da semana e o jantar no Vincenzo's. Anoto na planilha que o valor ainda não foi depositado e que está à espera da *compensação* do TED enviado de outro banco. Confiro a data da transferência para calcular o prazo e o marco no calendário, com aviso para olhar novamente a conta bancária.

Nem toda compensação pode ser igual à que Millos me deu, infelizmente!

Estico-me na cadeira, movimentando meus ombros e escuto meu pescoço estalar, pois estou há horas mexendo com a parte mais chata do meu trabalho: prestação de contas!

Helena foi hoje resolver o problema de uma noiva que encomendou um vestido sob medida em uma das mais famosas casas de noivas da cidade, mas

que, da última prova em diante, desgostou do vestido de tal forma que se recusa a casar-se com ele. Kyra se safou desse *abacaxi*, pois iria acompanhar a sobrinha a uma consulta, e fiquei encarregada das contas.

Estou gostando do modo com que tenho conseguido absorver todas as informações teóricas da parte burocrática que Helena tem me passado, mas, cada vez que faço essa parte, mais sonho em ficar apenas planejando os eventos. Não me incomodo com planilhas de orçamento, mas essas de fechamento de mês são um pé na bunda!

Pego o telefone para ver se tem alguma mensagem de Helena narrando a saga de achar um meio-termo entre a loja e a noiva e conseguir um vestido de noiva para o casamento, daqui a algumas semanas.

Encontro uma mensagem de Millos, e meu sorriso ganha espaço em meu rosto cheio de enfado.

“Se eu olhar mais uma prancha com planta de terreno, juro que vou enlouquecer! Como está seu trabalho hoje?”

Ai, gente, ele tem mandado essas mensagens todos os dias, com um comentário sobre seu dia e perguntando sobre o meu. Não é lindo?

Respondo com um *emoji* entediado, e ele digita de volta.

“Estou pensando em fugir mais cedo e te raptar aí, no trabalho.”

Sorrio, adorando a ideia, afinal, desde a manhã de terça que não o vejo. Começo a digitar uma resposta afirmativa e provocante, mas então me lembro de que Kyra me convidou para jantar na casa dela.

“Tenho compromisso depois do trabalho. Vou jantar com Kyra.”

Ele responde quase na mesma hora:

“Vamos! Eu esqueci disso, ela me convidou também. Algo importante acontecendo aí?”

Reflito sobre o marasmo que está aqui no escritório a semana toda, sem achar motivo para que Kyra esteja comemorando algo relacionado ao trabalho.

“Não que eu saiba.”

Ele me manda um *emoji* pensativo, e gargalho, imaginando-o preocupado com o propósito de sua prima em nos unir em um jantar na casa dela. Millos sai do aplicativo de mensagens, e volto a trabalhar, olhando número por número de novo, sentindo saudades do dia de ontem, quando passei a tarde inteira com a tia de Helena, aprendendo sobre o mundo dos eventos.

Elas tinham razão ao dizer que a mulher era louca, mas deu para notar também que tem muita experiência e facilidade para ensinar. Ficou no meu pé quando eu disse que trabalhava com sua sobrinha e me indicou uma pilha de livros para ler.

— Uma *promoter* não deve esquecer que o principal no nosso meio é estar atualizada em todas as tendências, e que elas mudam anualmente. Então, ao entrar na profissão, você tem que respirá-la e vivê-la intensamente — explicou logo no começo da aula. — Sua *timeline* das redes sociais têm que só mostrar coisas relacionadas ao seu trabalho. As revistas, livros, cursos têm que ser todos voltados para festas e eventos. Você precisa se cercar disso.

Acordar com uma ideia na cabeça e dormir com uma festa pronta.

Fiquei um tanto apavorada com a obsessão dela, e Helena riu quando contei o que ela me disse.

— Ela é quem precisa se reciclar, viu? Me falou a mesma coisa quando fiz o curso com ela anos atrás! — Ri junto a ela. — Mas ela não está errada, sabe? Claro que não é preciso viver com isso o tempo todo, mas quanto mais ideias você vê, quanto mais materiais, soluções e novidades, mais fácil vai ficando e, quando menos se espera, você já faz tudo naturalmente.

— Bom, Kyra é a responsável pelos projetos, é ela quem nos deixa loucas com as ideias mirabolantes — comentei. — Então nosso trabalho é executar. Por que tenho que estar por dentro de tudo?

— Porque somos nós que vamos atrás de pessoas para tirar as ideias de Kyra do papel. Somos nós quem procuramos, negociamos e contratamos fornecedores. Já conversei com Kyra, e acho que você poderia assumir, quando estiver pronta, uma das minhas funções, a mais chata, já aviso.

Senti um frio na barriga quando ela me disse isso.

— Qual?

— Assessoria de casamentos.

Abri logo um sorrisão, achando que seria lindo eu trabalhar diretamente com as noivas e auxiliá-las em tudo.

Estava iludida, como eu bem descobri hoje quando Helena teve que cancelar seus compromissos para se despencar até o ateliê e resolver a guerra de uma noiva e seu vestido. Não é tudo lindo nesse meio!

Meu telefone vibra de novo, e, achando que é Millos, corro para ler a mensagem, mas é de Kyra, confirmando o jantar e avisando que já está indo para casa preparar tudo.

“Helena não vai voltar para o escritório, então, quando você

encerrar aí, pode trancar tudo. Te pego mais tarde!”

Começo a digitar uma mensagem, mas vejo a notificação de um e-mail chegar ao meu celular e fico apreensiva, porque é a conta que criei para falar com Kátia.

Leio a mensagem com o coração batendo forte, pois, além de me informar que os meninos estão bem e que sentem saudades, ela menciona que há uma mulher estranha rondando a casa onde está.

Respondo-lhe pedindo que tome cuidado, mando beijos para os meninos e, quando envio a mensagem, sinto lágrimas escorrerem pelo meu rosto, ainda temendo que algo lhes aconteça e preocupada com o destino do meu irmão.

Ajudo Kyra a colocar a mesa, demonstrando a ela que aprendi bastante desde que comecei a ler os livros que me emprestou.

— Eu convidei meu irmão para vir, mas ele não está bem.

— Qual deles? — pergunto, temendo que seja Kostas, pois ele estava se recuperando bem no hospital, pelo que eu sei.

— Alexios. — Ela dá de ombros. — Homens são idiotas, Mari, e, quando estão apaixonados, ficam ainda mais!

Franzo a testa, sem entender, e ela dá de ombros.

— Longa história que envolve as duas pessoas que mais amo nesse mundo, um cágado — aponta para o Godofredo, isolado na sacada — e Madri.

— Parece enredo de comédia romântica.

— Quem dera! Está mais para dramalhão mexicano!

Gargalho, pois Kátia não perdia uma novela mexicana, e eu, por tabela, conheço bem o gênero.

O som do interfone anuncia a chegada de Millos, e corro até o espelho da entrada do apartamento para ver se estou arrumada ainda. Como era a primeira vez que eu ia jantar na casa de Kyra com ele, decidi usar uma malha de tricô de mangas longas, porém curta, estilo *cropped*, e uma saia de couro de cintura alta, justa e na altura dos joelhos. Todas as peças são pretas, e Kyra, quando foi me buscar, disse que faltava algo e me deu um longo cordão de prata com um pingente de mandala quando chegamos aqui.

Arrumo os cabelos, escovando-os com os dedos, e aperto os lábios para espalhar novamente o batom.

— Está linda, Mari! — Kyra ri, indo abrir a porta. — E não é o Millos.

Relaxo, soltando o ar que prendi, e volto para terminar de arrumar a mesa, pensando que deve ser entrega de alguma coisa que ela pediu. Escuto a porta se fechar, coloco o último guardanapo sobre o prato e me viro para ver o que Kyra está trazendo.

— Boa noite!

Millos me cumprimenta, mãos nos bolsos da calça jeans, vestindo a jaqueta de couro que o vi usar em Minas e usando o brinco de argola preta do qual sempre me lembrava.

— Boa noite!

Kyra aparece com uma garrafa na mão e ri quando me olha.

— Mari achou que você não vinha mais.

Fuzilo-a com o olhar, pois foi ela quem me disse que não era o Millos subindo!

— Claro que eu vinha! — Ele olha para sua prima, claramente pedindo-lhe um momento de privacidade, mas ela o ignora. — Foda-se, Kyra!

Millos vem até onde estou, puxa-me e me beija.

Escuto a risada de Kyra, mas também os seus passos nos dando, enfim, um momento a sós depois de dias sem nos ver pessoalmente.

— Senti saudades! — revelo, apertando-o forte contra mim.

— Eu também! Foi uma semana estressante, mas produtiva.

— Hum, então você merece ser compensado!

Ele ri e me aperta contra seu corpo, deixando claro que espera isso.

— Fiquei assim só de te olhar nessa roupa, em como o couro da saia contorna seus quadris, marcando suas curvas, que eu adoro percorrer — ele não só fala como exemplifica, deslizando as mãos pelos meus quadris e apertando minha bunda. — Podemos cancelar o jantar e ir para minha casa?

Rio e nego.

— Não custava tentar! — Ele faz cara de sofrimento.

— Millos, você vai sufocar a garota! — Kyra volta para a sala e, no mesmo instante, sinto o cheiro delicioso da carne que preparou. — Vamos jantar, porque, ao que parece, vocês estão famintos!

Rio, e ele xinga baixinho, afastando-se de mim.

47

Well, sometimes I go out by myself
And I look across the water
And I think of all the things of what you're doing
In my head I paint a Picture.[80]

Com a rotina louca que estou levando, nem tenho visto os dias passarem direito, por isso fico boquiaberto ao ver, em um calendário, que já faz semanas que Mariana e eu estamos juntos.

Semanas!, penso ainda surpreso por não ter percebido o tempo passar e por ter a sensação de que ainda estamos nos primeiros dias juntos, cheios de tesão e de vontade de ficar perto um do outro.

Tem sido uma experiência única ter uma parceira constante, alguém com quem conversar e fazer programas. Às vezes, quando não dá para nos encontrarmos pessoalmente, falamos ao telefone, até um começar a cochilar. Acho que nunca usei tanto meu plano de ligações e que, certamente, minha operadora deve estar estranhando o consumo repentino.

Vejo-a todos os dias, faço questão. Geralmente recebo uma foto de como está vestida para o trabalho, um bom-dia e os *emojis* que, percebi, ela adora

usar. A fotografia e as mensagens fazem meus dias começarem mais animados, reconheço. Vez ou outra me pego olhando para a imagem dela quando o dia começa a ficar maçante ou mesmo pesado.

Desde que nos encostamos, daquele primeiro abraço ainda em Carrancas, meu corpo recebe o de Mariana como uma espécie de bálsamo. Ela consegue me aliviar, acalmar, e isso só me tinha ocorrido uma vez, com uma só pessoa.

Discuti sobre esse assunto na última sessão de terapia a que fui. Estava estressado, tentando racionalizar essa minha vontade dela e todo o efeito que causa em mim. Victor conversou comigo como daquela vez que falei sobre o que estava acontecendo entre mim e ela, e isso ajudou.

— Ainda não entendi o motivo de tantos questionamentos — ele disse.

Eu estava sentado na poltrona, tronco encurvado, cotovelos apoiados nos joelhos e a testa apoiada nas mãos.

— Eu não quero torná-la uma bengala — resumi tudo o que tinha contado com voltas e voltas antes.

— E por que você faria isso?

— Porque gosto de estar com ela, me faz bem. Eu me sinto diferente daquilo que sempre fui, me sinto aquilo que sempre quis ser.

— Isso é bom, não acha? Só ouvi pontos positivos sobre estarem juntos. Qual é *realmente* o problema, Millos?

— Eu não quero que ela se torne um vício...

— Isso seria, sim, um problema. — Ele respirou fundo. — Sente vontade de isolá-la do mundo e mantê-la só para si mesmo?

A pergunta foi tão absurda que levantei a cabeça e o encarei, sem entender.

— Claro que não! Uma das partes mais incríveis de estar com Mariana é poder acompanhar suas descobertas. Percebi que eu mesmo não tive muito disso, as coisas foram acontecendo para mim porque tinham que ser, então,

cada vez que ela comemora um êxito seu ou aprende algo novo e compartilha comigo, é como se eu também estivesse me redescobrindo. — Sorri pela primeira vez durante a sessão. — Eu quero que ela ganhe o mundo, que tenha cada vez mais novas experiências, que se apodere do seu tempo e das coisas que precisa viver na sua idade. — Suspirei. — Eu envelheci cedo demais, Victor, com seis anos já não sentia mais nenhum prazer em estar vivo.

— Você abriria mão de se relacionar com ela para que Mariana tenha as experiências que toda pessoa com a idade dela deve ter?

Ri amargo.

— Eu sou apenas uma descoberta, a primeira de muitas.

Victor franziu a testa, mas fechou o caderninho.

— Bom, nosso tempo está se esgotando, mas, antes de te liberar para que você volte à loucura que está sua vida profissional — bufei ao pensar na reunião que teria —, quero deixar aqui uma pergunta simples: do que você realmente tem medo, Millos?

Espantei-me pela pergunta sem sentido, afinal, eu não temia nada e, até o momento, relembrando a sessão, ainda não entendo o que ele tentou me fazer entender com aquele questionamento.

Ainda me preocupo de ela se apegar a mim. Como eu mesmo disse, sou sua primeira experiência, e ela poderá ter muitas. Mariana está começando a viver, e eu já vivi coisas demais. Contudo, mesmo tendo consciência disso, não consigo me afastar dela, desacelerar as coisas ou não me sentir um puta sortudo por estarmos juntos.

Sou contraditório agora, indeciso, um libriano típico, como sempre me gabei de não ser. A racionalidade sempre pesou mais na minha balança do que qualquer outra coisa, mas, com Mariana, sou só sentidos, abstrato.

Cada vez mais tenho misturado a minha vida com a dela de uma forma praticamente irrevogável. Compartilhei Kyra e vi nascer a amizade entre as duas. Agora é Sâmi quem vem jantar conosco aqui no *loft*, e esse encontro entre as duas mulheres que mais me são íntimas está me deixando um tanto

aflito.

— Está parado aí há um tempão — Mariana diz quando chega perto de onde estou, na área do galpão que funciona como uma oficina para as minhas motos. — Achei até que tinha fugido do trabalho.

Rio e nego, abraçando-a pela cintura.

— Valerie está um tanto desanimada. Acho que está faltando atenção à minha caçula.

Ela gargalha, o som delicioso se espalhando pelo lugar. Mariana morre de rir por eu tratar minhas motos todas como se fossem “minhas meninas”. Valerie é uma LiveWire, da Harley-Davidson, minha primeira motocicleta elétrica, modelo que relutei em adquirir, mas que decidi experimentar, já que tem ocorrido tantas mudanças em minha vida ultimamente.

Um contato meu a comprou no lançamento, nos Estados Unidos, e a despachou para o Brasil, garantindo-me o primeiro modelo em solo tupiniquim. Mariana acompanhou meu entusiasmo com a chegada da moto, na mesma semana em que Kostas teve alta do hospital e que Alexios decidiu lutar pela mulher que ama.

Assim que a coloquei no galpão, chamei Mariana para vê-la e me ajudar a nomeá-la, o que, por si só, foi um desastre.

— Música com nome de mulher? Só me lembro da Jenifer.

— Jenifer? — perguntei, puxando pela memória alguma banda internacional que tivesse gravado uma música com esse nome. — Você sabe cantar um trecho?

Ela riu.

— Quem não sabe? A música tocou tanto e é tão chiclete que até quem odiava, cantava. — Ela pigarreou e, com a face rubra, começou: — *O nome dela é Jenifer, eu encontrei ela no Tinder*[81]*...*

A minha cara perplexa não a deixou seguir cantando, e Mariana explodiu

em risadas. Fui apresentado à tal Jenifer e soube da triste história de seu cantor, mas, embora tenha ficado comovido, resolvi não aproveitar o nome e busquei uma *playlist* imensa com nomes femininos, pedi que ela ouvisse e escolhesse uma.

Fiquei feliz quando ela escolheu Valerie, interpretada pela incrível Amy Winehouse. Feliz *e* aliviado, embora ainda tenha a curiosidade de descobrir quais *paradas* a Jenifer fazia.

— Sabe, eu estava pensando em me matricular em uma autoescola. O que acha?

A pergunta repentina de Mariana me faz parar de me lembrar desse momento épico do batismo de Valerie e concordo com a ideia, afinal, no trabalho que ela está fazendo agora, ter uma carta é primordial.

— Você já sabe dirigir, então cumpra a burocracia para poder fazer isso. Aproveite e tire para as duas categorias, assim não precisará voltar à sala de aula se...

— Para pilotar uma moto? — Ela arregala os olhos.

— Por que não? Não tem vontade?

Ela sorri e assente, fitando a Valerie com olhos brilhantes.

— Ela não é um modelo indicado para eu te ensinar, porque você fará a prova em uma bem mais pesada, mas te deixo guiá-la quando aprender. — Beijo seu pescoço. — Mesmo sem carteira.

— Hum... Vamos viver perigosamente, burlando a lei?

— Burlo qualquer regra para ter sua bunda encostada no meu pau enquanto pegamos estrada.

Ela se finge de ofendida.

— Então tem uma segunda intenção nesse conselho de eu tirar carteira para moto!

— Sempre tem... — Sorrio. — Com você, sempre tenho todas as intenções do mundo!

Mariana me beija, e aproveito o contato para mostrar-lhe que sempre estou *bem intencionado* quando o assunto é ela. Aperto-a contra mim, esfregando meu pau inchado contra sua barriga, e ela puxa meus cabelos e prende meus lábios com os dentes. Isso apenas me excita mais, pois me faz lembrar-me de como ela anda mais bruta e exigente com seu prazer no sexo, o que é delicioso.

— Será que dá tempo de eu me sentar em algum lugar por aqui e você se sentar em mim até que eu perca as forças?

Ela faz biquinho e nega.

— O jantar está pronto, e vim te buscar porque Sâmela pode chegar a qualquer...

O barulho de uma moto parando na entrada do galpão faz com que seja dispensável a conclusão da fala. Mariana se afasta de mim e tenta ajeitar-se um pouco, mas, quando me olha, arregala os olhos e tenta pentear-me com os dedos.

— O que sua amiga vai pensar se nos vir assim?

Rio, achando estranho demais alguém imaginar que Sâmi seja pudica. Mariana ainda não a conheceu pessoalmente, então vai ser interessante quando a vir.

— Vou abrir o portão antes que ela... — O som alto da campainha quase nos deixa surdos. — Aperte a campainha aqui do galpão.

— Ela deve ter tentado o interfone do *loft* e talvez até nossos telefones. Não podemos culpá-la por deixá-la esperando do lado de fora.

Como se ela não soubesse minha senha!, penso, mas aciono o botão para abrir o portão, e logo em seguida ela entra, montada na moto, toda vestida de preto e couro.

— Uau, ela tem presença — Mariana comenta quando Sâmi desce da moto.

— Vamos cumprimentá-la.

Caminhamos lado a lado até ela, e, mais uma vez, escuto Mariana se admirar com ela, vendo seu rosto pela primeira vez.

— Ela é tão bonita, não imaginava que seria tanto.

Sinto um frio na barriga e pego sua mão. Não quero que Mariana se sinta intimidada pela presença marcante de Sâmela e, muito menos, que fique insegura com relação à minha amiga, pois tenho certeza de que, se a conhecer de coração aberto, como fez com todos antes, irá adorá-la.

— Ah, aí estão vocês! — Sâmi sorri, os olhos fixos em Mariana. — Puta merda, Millos, você é um péssimo fotógrafo!

Rio, mas sou obrigado a concordar, pois Mariana é muito mais bonita pessoalmente do que nas fotografias que fiz para mandar a minha amiga.

— Sâmi, não fique exibindo meus defeitos na frente da Mariana, por favor. — Saúdo-a com um aceno de cabeça e logo em seguida as apresento: — Mariana, essa é Sâmela Ortega, minha amiga e a pessoa que tem cuidado pessoalmente de descobrir o que houve depois que você veio para cá.

A mão de Mariana está fria e trêmula, mas ela tenta um sorriso.

— Obrigada por tudo, é um prazer!

Sâmi arreganha um sorriso enorme e a cumprimenta com um abraço e um beijo no rosto.

— O prazer é meu! Queria ter te conhecido antes, mas meu trabalho estava de ponta-cabeça, e eu quase não conseguia tempo para viver. — Fica séria. — Eu prometo a você que nós vamos ter notícias de seu irmão e que sua cunhada e sobrinhos ficarão a salvo, pode confiar.

Mariana sorri, e parece que um peso sai de seus ombros, pois até sua postura muda.

— Eu confio.

— Vamos subir? — convido-as. — Mariana cozinhou hoje, e, enquanto comemos, podemos conversar mais.

— Espero que goste.

Sâmi assente, e seguimos juntos para o andar de cima.

— Sabe uma coisa que eu queria muito perguntar? — Mariana fala do banheiro, onde está escovando os dentes, enquanto eu, aproveitando que está longe, falo com uma pessoa no aplicativo de mensagens.

“Tudo certo, então?”

Enquanto ela digita, olho para a porta do closet, tomando conta da volta de Mariana.

— Não, então pergunte — respondo à pergunta que ela gritou do banheiro e leio a mensagem que me enviaram.

“Perfeito! Obrigado.”

Nem espero outra mensagem e bloqueio o celular, colocando-o na mesa de cabeceira.

— Por que Sâmi disse, antes de ir embora, que adorou jantar comigo à mesa e não com um “pedaço” meu?

Mariana aparece no quarto a tempo de me ajudar a me desengasgar de minha própria saliva.

Sâmi disse o quê?! Que bela filha da mãe!

— Ela riu e me pediu para te perguntar. — Mariana cruza os braços e sorri. — O que eu não sei, Millos?

— Sâmi gosta de colocar as pessoas em situações...

— Ela me disse que eu iria gostar de saber.

Respiro fundo e resolvo contar.

— Você esqueceu no hotel de Carrancas...

— Minha calcinha. A mais bonita que eu tinha, a que me fazia sentir mulher e não uma menina com calcinhas de algodão e bichinhos. — Sorri. — Eu dei falta dela, mas, como saí apressada, a dei como perdida.

Levanto-me e desço do mezanino. Abro o móvel onde deixo as pastas com arquivos, pego a que fiz sobre a vida de Mariana e resgato a calcinha que coloquei lá desde que a tirei do móvel onde guardo minhas cordas, aliviado por ela não poder ver onde mexo lá de cima, e volto a subir com a peça na mão.

Ela arregala os olhos surpresa quando vê a peça.

— Eu a trouxe comigo — confesso.

— Fez isso com todas as roupas que comprou? — Aproxima-se de mim.

— Não, só com essa.

Mariana pega a calcinha, olha-a por alguns segundos e depois volta a me encarar.

— Por quê?

— Era sua, não achei certo deixá-la no hotel — digo a ela a mesma coisa que tentei me dizer por algum tempo. — Você só levou sua roupa, mas essa

calcinha ficou para trás.

— E por que Sâmi sabia dela?

Rio de mim mesmo, porque sei que parecerei patético e maluco quando lhe contar.

— Porque eu não a guardei, ela sempre estava à minha vista.

Mariana sorri.

— Assim como seu cartão e a fita de couro sempre estavam à minha.

Meu coração dispara por conta da fita. Eu não sabia que ela a tinha, nem dei falta dela, afinal tinha muitas, mas saber que Mariana a levou, guardou-a e, talvez, se apegou a ela como eu à calcinha me faz parecer menos doido.

— Ainda a tem? — questiono.

— Está guardada na minha gaveta de calcinhas. — Ri. — Mas eu gostaria de usá-la, se não se importar.

Fico imediatamente excitado ao imaginar o uso que poderíamos dar a ela juntos. Mesmo eu nunca tendo pensado em praticar *shibari* com Mariana, a mera ideia de a ter atada com minha fita de couro me deixa sem fôlego.

— Eu não me importo. — Acaricio seus peitos sob o tecido fino da camisola. — Quando dormirmos em seu apartamento, mostre-me a fita. — Abaixo-me e sugo um mamilo antes de completar: — Eu mesmo desejo atá-la em você.

48

Baby, baby
Are you listening?
Wondering where you've been all my life
I just started living
Ooh, baby
Are you listening?[82]

Esvazio as sacolas que recebi do *delivery* do supermercado em que Millos faz suas compras. Foi ele quem mandou os alimentos, mas não para abastecer minha cozinha, e sim porque me fez o *convite* de cozinhar para mim aqui no meu apartamento.

Não entendi muito bem o motivo pelo qual fez tanta questão de que fosse aqui em casa, uma vez que passei dias seguidos dormindo no *loft*, e, em todas as noites, nós pedimos comida. Não que eu não prefira comida caseira, mas é que meu espaço aqui é 10% do dele, e sei o quanto é bagunceiro.

Rio, já imaginando o caos que se tornará minha cozinha, mas adorando saber que ele irá cozinhar para mim esta noite.

“Quero retribuir todas as vezes que cheguei em casa do trabalho e você tinha preparado um jantar para nós.”

Foi a justificativa que ele usou na mensagem que me escreveu quando avisou da entrega do supermercado. Então, depois que encerrei o expediente no bufê, subi para esperar as compras, que chegaram há uns 10 minutos.

Pego uma embalagem de carne, tentando imaginar o que Millos irá me preparar com todos os ingredientes que chegaram. Aparentemente é algo muito saboroso, mas também saudável, pois têm muitos legumes e hortaliças comprados, além de um grande e delicioso pote de sorvete de uma marca que só vejo ser citada em livros.

Sorvete de doce de leite!, penso, imaginando algum doce para ornar perfeitamente com a sobremesa gelada. Nem bem começo a processar a receita, já pego minha recém-adquirida batedeira planetária – o sonho de Kátia – e separo rapidamente os ingredientes.

A receita que escolhi é deliciosa e vai ficar incrível com o sorvete que ele trouxe. Deixo a massa pronta e confiro as horas, ciente de que Millos deve chegar a qualquer momento, se o trânsito de seu trabalho até aqui ajudar.

Tomo um banho gostoso, feliz ao ver a pele do local que depilei na hora do almoço já calma e sem nenhuma irritação. Ainda estou me acostumando à cera, pois, desde que comecei a ter pelos, só usava lâmina, e às vezes a pele fica um pouco inchada. A depiladora garantiu que vou me acostumar, e espero que sim, pois gostei muito mais do resultado de agora do que como ficava antes.

Semana passada eu menstruei – como previa meu calendário menstrual – e senti um alívio enorme por aquela vez que fizemos sexo desprotegidos não ter resultado em uma gravidez. Não que eu não pense em ser mãe, claro que sim, mas acho que estou em um momento da minha vida em que preciso me reestruturar, e uma criança não seria o ideal.

Tenho conversado muito com a doutora Jane, minha terapeuta, sobre

como as coisas estão se desenvolvendo para mim. Depois de tudo o que passei no início desse ano e de todas as preocupações que ainda tenho, seguir adiante é o que me dá forças para não me afundar.

— Eu gosto do jeito com que você lidou com tudo até agora. Você não se escondeu, Mariana, encarou, fez, de um momento duro, o marco para mudar de vida. Eu gostaria de que todas as minhas pacientes que sofreram qualquer tipo de abuso pudessem ter a esperança de ser feliz que você tem.

— Eu me senti culpada por um tempo, suja, mas depois, com o apoio que recebi de Kyra, Millos e com as nossas conversas, percebi que eu era a vítima e não a culpada, que sujo era aquele homem, não eu. — Solucei, relembrando o que passei nos braços do agressor. — Eu quis morrer por um instante, doutora. Enquanto ele me agredia, pensei em tudo o que eu ainda queria fazer com a minha vida e que nunca chegaria a concretizar se me entregasse. Esse pensamento não só me deu forças para resistir, como me ajudou a continuar.

Ela sorriu e concordou.

— Sua vontade de viver é linda, Mariana.

Sim, tenho esse sentimento vivo dentro de mim! Tenho ainda muitos sonhos, não só com um amor – sorrio ao pensar em Millos – como também com uma carreira, independência e, claro, uma família.

Lembro-me de que fiquei constrangida ao dizer a Millos que tinha menstruado, mas o fiz até para acalmá-lo também. Eu já havia dormido uma noite com ele no *loft* e estava juntando as coisas para voltar ao meu apartamento, quando ele me perguntou por que eu estava indo embora.

— Eu... não sei. — Ri sem jeito. — Pensei que, como estou... fosse melhor ir dormir sozinha.

Ele franziu a testa.

— Você prefere dormir só? — Neguei. — É incômodo dormir com alguém quando se está sangrando? — Fiquei vermelha e dei de ombros, pois realmente nunca tinha tido nenhuma experiência para saber. — Você quer ir?

— Nós... — Respirei fundo e decidi ser direta: — Todas as vezes que dormimos juntos, nós fazemos sexo, e hoje...

Millos começou a rir.

— Você achou que eu não iria querer sua companhia apenas porque está menstruada? — Concordei, e ele foi até onde eu estava, pôs as mãos nos meus ombros e beijou minha testa. — Eu quero o que você quiser, Mariana. Se um dia quiser dormir comigo mesmo sem estar sangrando e não fazer sexo, eu vou te entender. Se quiser fazer sexo mesmo durante seu período, estarei aqui mais do que disposto a descobrir mais essa experiência. — Ri nervosa, imaginando como seria. — Eu adoro sua companhia independentemente do que vamos ou não fazer.

Abracei-o, emocionada demais com o carinho que ouvi em cada palavra que me disse, e entendi por que eu o amava cada dia mais.

Dormimos as duas primeiras noites do meu ciclo menstrual juntos, de conchinha, sem nenhum tipo de conotação sexual. Na terceira noite eu não parava de pensar em como seria fazer sexo assim, mas não tinha coragem de perguntar. Então decidi ser sutil... Rio ao lembrar que minha sutileza não foi nem um pouco discreta.

Comecei a rebolar contra a ereção dele – todas as noites eu sentia seu pau duro contra o meu corpo, ainda que ele não tentasse nada –, e logo Millos entendeu o recado e começou a beijar meu pescoço.

— O que você está querendo? — indagou depois de lamber minha orelha.

— Você.

Ele riu.

— Como?

Virei-me de frente para ele e o fiz deitar-se de costas, então o chupei cheia de tesão, sem ter ideia de que poderia me sentir assim *naqueles dias.* Acabamos no chuveiro, e o sexo foi delicioso. Nas duas noites seguintes, não evitamos saciar nossa vontade por conta do sangramento.

Deus do Céu, o que a Kátia diria se soubesse?!, penso, fechando a torneira do chuveiro, sorrindo com as doces lembranças dos momentos que eu e Millos temos compartilhado.

Sigo, enrolada na toalha, para meu quarto, onde a receita médica da doutora Tânia segue em cima da mesinha de cabeceira. Kyra conseguiu um encaixe para que eu me consultasse com a ginecologista, e pude finalmente conversar melhor com ela e contar o que eu pretendia.

— Vou pedir um exame de sangue e um de imagem, um ultrassom, para investigarmos o motivo de suas cólicas. — Concordei. — Como foi esse período? Sentiu muitas dores?

— Não, só nos dois primeiros dias, mas consegui aliviar com um analgésico próprio. — Senti o rosto queimar ao pensar no que tinha feito nos três dias restantes. — Depois passou.

— Isso é bom sinal. — Sorriu e me passou os pedidos dos exames. — Falaremos sobre o anticoncepcional quando você trouxer os resultados.

Claro que não esperava isso, mas, conversando com Helena, depois que voltei da consulta, consegui perceber que a médica fez o certo e que, quando me receitar algo, será aquele que melhor se ajustará aos meus resultados.

Visto uma calça leve e uma malha de lã, porque a temperatura caiu bastante, e escovo meus cabelos, indecisa entre deixá-los soltos ou presos. O interfone toca assim que me decido e faço um coque, imaginando que terei de auxiliar Millos na preparação de algum alimento.

— Sim? — atendo sem disfarçar a felicidade na voz.

— Finalmente cheguei. Posso subir?

Libero o portão e o espero na porta, sorriso enorme, coração disparado, sentindo saudades dele, mesmo tendo ficado longe por algumas horas apenas.

Perco o fôlego ao vê-lo. O paletó deve ter sido deixado no carro, pois Millos usa apenas a camisa branca, sem gravata, um colete e a calça do terno. Os sapatos pretos bem engraxados completam o visual de executivo,

amenizado apenas pelas tatuagens aparentes nos antebraços, pois as mangas da camisa estão enroladas.

Uau!, penso ao beijá-lo à porta. *Esse homem é todo meu!* Delicio-me com o pensamento enquanto ele me devora com os lábios e a língua.

— Cansado? — pergunto quando nos separamos, e ele dá de ombros. — Se quiser deixar para outro dia, eu...

Ele nega e me cala com um dedo.

— Cozinhar me relaxa, e já tem um tempo que quero fazer isso para você. — Sorrio. — Chegou tudo?

Assinto e entro em casa, seguida por ele.

— Tentei organizar tudo para facilitar. — Aponto para os alimentos na bancada. — A carne e os frios estão no refrigerador, e o sorvete, no freezer.

— As cervejas não vieram? — questiona.

Rio de sua cara assustada.

— No freezer também, esqueci de citá-las.

Millos me entrega uma pequena mala de viagem.

— Posso deixar no seu quarto?

Pego a bolsa, coração disparado, pensando que, assim como acabei fazendo e deixando algumas coisas no *loft* dele, Millos também trouxe suas coisas para cá.

— Claro! Você quer tomar um banho ou...

Paro de falar ao vê-lo tirar o colete, colocá-lo na banqueta e pegar meu avental.

— Vou começar já, senão vamos jantar de madrugada. — Ele pisca e coloca um rock animado para tocar. — Vou usar seu forno. Ele está ok? — fala alto, pois já estou perto da cama.

— Sim, novinho!

A curiosidade para ver o que tem dentro da mala é enorme, mas, como ele só me pediu para deixá-la no quarto, não me sinto no direito de espiar. Volto para a sala/cozinha e arregaço as mangas do suéter que uso.

— O que quer que eu faça? — inquiro conforme ele corta o belíssimo pedaço de picanha.

Millos para o corte, lava as mãos, pega a pequena garrafa de vinho que veio na compra e a abre com o saca-rolhas que ele também comprou – ainda bem, porque não tinha nenhum aqui em casa! *Lembrar para comprar, Mari!*

— Tem taça?

Assinto, pois ganhei algumas de Helena.

— No armário da direita.

Ele acha a taça, lava-a e a enche com o vinho.

— Sente-se, beba e relaxe. — Pego a taça de sua mão sorrindo, adorando a experiência diferente. — Eu vi que você já deixou um tipo de massa pronta. O que é?

Sorrio depois de beber um gole do vinho delicioso.

— Surpresa.

Ele ergue as sobrancelhas e se inclina sobre a bancada, ficando bem perto de mim.

— Surpresa? Você nem tem ideia do que eu preparei.

Beija-me rápido antes de voltar a se concentrar na carne, e me arrepio da cabeça aos pés imaginando o que há naquela mala.

— Porra, Mari, você é foda!

Rio quando ele mastiga os churros que fiz para comermos com o sorvete de doce de leite.

Millos fez um jantar impecável, uma picanha invertida, recheada com queijo e presunto, legumes salteados no azeite e uma salada verde. A carne, claro, era a principal atração do prato, e não tinha como ser diferente, estava divina!

Oh, Deus, como não amar um homem que, além de tudo, cozinha bem?

Como ele mesmo pediu, fiquei sentada observando-o lidar com os utensílios, preparar a carne, os acompanhamentos e, claro, fazer uma bagunça dos infernos na minha minicozinha. Ofereci-me para lavar a louça enquanto esperávamos o ponto da carne, mas ele negou a ajuda. Limpou tudo, organizou meus utensílios no lugar, pegou uma garrafinha de cerveja e a levou para o sofá – *pequeno demais para nós dois, descobrimos!*

Acabamos distraídos, eu sentada em seu colo, rebolando devagar, excitada com a dureza de seu pau por baixo da calça do terno. Nossas bocas não conseguiam deixar uma a outra, misturando o sabor das bebidas, o som do rock que ele ama escutar no ar.

Se não fosse ele ter se lembrado de ativar o timer do forno, teríamos que comer carne muito bem passada, para não dizer queimada. No entanto, tudo deu certo, e o jantar foi um espetáculo.

Despachei-o para o banho quando chegou a hora de preparar a sobremesa. Coloquei a massa dos churros numa manga de confeiteiro que eu tinha comprado havia alguns dias junto à batedeira e fiz longos palitos. Fritei-os e, ainda quentes, passei-os no açúcar polvilhado com canela.

Arrumei cada palito em um potinho alto de vidro, desses de conserva, e coloquei o sorvete ao lado dele num prato grande.

— Que cheiro é esse? — Millos apareceu vestindo uma calça dessas de fazer exercício, fininha, chinelos e mais nada.

Meu cérebro deve ter dado uma *bugada*, porque não consegui responder o que tinha feito, só conseguia comê-lo com os olhos descaradamente.

— Churros — respondi quando ele começou a rir. — Gosta?

— Gosto. — Ele pegou o primeiro palito e o passou no sorvete antes de dar uma mordida. — É ainda melhor desse jeito!

Sorri e comi um também, e assim estamos, sentados no chão da sala, ouvindo ainda a playlist dele e comendo palitos de churros com sorvete de doce de leite.

— Eu? — respondo ao elogio. — Você foi quem fez a carne mais incrível que já comi!

Millos se aproxima de mim.

— Modéstia à parte, eu sei que foi! — Ri e morde meu lábio inferior antes de passar a língua nele. — Tinha açúcar na sua boca.

— É... Acho que deve ter caído um pouco pelo meu corpo também. — Sugo o lábio, sem jeito, mas continuo a brincadeira: — Sou desajeitada.

— Sim, já posso ver... — Millos sussurra. — Tem uns grãos no seu pescoço. — Lambe o lugar de forma erótica, e minha pele se eriça em expectativa. — Aqui também. — Millos chupa o vale entre meus seios, exposto pelo decote em V do suéter.

— Acho que senti rolar alguns para dentro da blusa.

Ele ri e assente.

— É melhor eu tirá-la para poder ver melhor.

Quando ele pega na bainha do suéter, já ergo os braços para facilitar a remoção da peça.

Millos nem espera por mais brincadeiras, começa a dispensar beijos pelos meus ombros, descendo em direção aos meus seios, protegidos pelo sutiã, seguindo para minha barriga. Gemo e enfio as mãos entre os fios de seus

cabelos quando ele mete a língua no meu umbigo, e minha imaginação voa ao sonhar com ele fazendo isso em outros lugares.

Suas mãos percorrem minhas costas e, em um piscar de olhos, Millos libera os colchetes do sutiã, e, sem esperar mais, me livro da peça.

— Eu já disse que sou louco pelos bicos dos seus peitos? — pergunta, e sinto o rosto arder. — São clarinhos, pequenos e pontudos. — Passa os dedos, para cima e para baixo, nos meus mamilos. — Não escondem que você está excitada... — Insere um dedo dentro do pote de sorvete, lambuza meu mamilo esquerdo e o chupa com força. — Muito, muito melhor do que os churros, temo dizer.

Rio, mas logo volto a gemer, porque ele faz o mesmo com o bico do lado direito. Fecho os olhos, sinto meu corpo inteiro acender, o prazer inundando meu ventre, o calor do desejo aquecendo minhas entranhas, e a necessidade de tê-lo em mim cresce tanto que gemo dolorida, saudosa, louca para estarmos juntos.

Cada músculo do meu corpo se contrai cada vez que ele passa as mãos sobre minhas coxas, aperta minha cintura ou sustenta meus seios para poder abocanhá-los mais. Grito de tesão quando elas finalmente acham o meio de minhas pernas, meu sexo inchado e quente, que parece pulsar como o meu coração.

Millos sabe me tocar. Abre bem minhas coxas, passa uma das mãos sobre o clitóris, depois repete com a outra, sempre seguindo em direção aos meus quadris e retornando. O movimento me faz ansiar, querer me livrar logo de toda a roupa que impede nosso contato. *Quero senti-lo!*

Ele para de beijar meus peitos e olha fixo para minha boca. Sorrio e o puxo para um beijo, mas ele parece que tem outros planos, pois simplesmente se põe de pé e, apressado, começa a tirar a calça – revelando estar sem roupa íntima – e segura seu pau com força.

— Venha aqui.

Engatinho até os pés dele e me sento, esperando que me diga o que quer.

— De joelhos, Mariana. — Obedeço, mas não me movo para tocá-lo. — Esperar as horas passarem para sentir suas mãos em mim tem sido um inferno — confessa, masturbando-se a centímetros do meu rosto. — Eu não posso ter um minuto sem trabalho, que logo penso em você, e meu pau fica assim. — Não consigo segurar o sorriso, e ele emite um som rouco. — Não, não é engraçado, Mariana. Andar de pau duro pela Karamanlis não é coisa que me imaginei fazendo.

Fico séria e o encaro.

— O que posso fazer para ajudar?

Ele ri.

— Nada. — A resposta não era bem a que eu queria, mas ele completa: — Não posso levá-la para a empresa e prendê-la na minha sala dez horas por dia enquanto trabalho. — Geme. — Mas eu fantasio...

Meu corpo se contrai, sinto minha calcinha cada vez mais molhada.

— Com o quê?

— Com você... — Millos dá um passo para frente, seu pênis tão perto de mim que o sinto irradiando calor — debaixo da minha mesa...

Toco-o na coxa somente com a ponta dos dedos e sigo em direção à sua virilha.

— E o que eu faço lá?

Ele sorri.

— Você me chupa enquanto trabalho. — Alcanço seu pau e o acaricio levemente. — Alivia meu tesão, gozo na sua boca e, assim, consigo mais uns minutos de sanidade para trabalhar.

— Só alguns minutos? — Esfrego meu nariz na cabeça inchada de seu membro, e ele geme alto.

— Só... porque eu sei que você está perto, e só de ter essa consciência, já

não me resta nenhuma sanidade.

Sorrio e abro a boca devagar, meus lábios se ajustando à grossura, minha língua já sentindo o delicioso sabor de seu prazer. Millos se deixa ser engolido por mim e começa a se mover. Ele é grande demais, sabe disso, e sinto que tem cuidado todas as vezes que fazemos sexo oral.

Amo o jeito que ele cuida de mim, mas hoje não quero ser cuidada. Acelero o movimento, mexendo minha cabeça, indo para frente e para trás, até que o sinto socar o começo da minha garganta com o pau. Meus olhos se enchem de lágrimas, e meu estômago se revolta às vezes, porém o tesão que estou sentindo é tão grande que não consigo diminuir o ritmo.

Eu quero tudo dele, sentir com toda a intensidade o quanto me quer, algo parecido com o que aconteceu no dia em que fizemos sexo na moto. Meu desejo parece não ter limites hoje, e isso é uma delícia, é libertador e, ao mesmo tempo, desesperador, porque me causa uma sensação de fome que nunca tinha sentido até então.

Os gemidos de Millos são tudo o que eu precisava ouvir para deixar o que restava da inibição de lado. Movo minha língua, e ele sai da minha boca. Lambo-o, deliciando-me com a textura de sua cabeça, adorando o leve sabor salgado de sua lubrificação. Corro com a língua desde a ponta até onde há o encontro de seu pau com suas bolas.

Sugo-as, brinco com cada uma delas em minha boca, movendo-as de um lado para o outro com a língua. Millos parece enlouquecer, chegar ao ponto em que desejo tê-lo totalmente entregue a nós dois, sem pensar, apenas sentindo essa rara energia que dividimos quando estamos juntos.

Sinto meus cabelos sendo puxados para trás, e então ele me iça e toma minha boca como um sôfrego, desesperado, a vontade tão intensa que a sinto refletida nos beijos dele.

Suas mãos avançam sobre o cós da minha calça, e então ele a abaixa, tirando junto a calcinha. Saio de cima da peça e sou erguida em seus braços. Sorrio, mas sou mais uma vez assaltada por um beijo devastador.

Millos me deita sobre os lençóis da minha cama, nossos corpos nus tocando-se, comunicando-se através de movimentos e pulsações. Sinto sua pele levemente molhada, os músculos mais rijos que o normal, e ele me olha de um jeito que me estremece inteira.

— Onde está a fita de couro? — pergunta com voz rouca e ofegante.

Aponto para a gaveta da mesinha de cabeceira, para onde a transferi, e Millos não demora a pegá-la, bem como um pacote das camisinhas que me deu para deixar aqui no apartamento.

— Confia em mim? — Confirmo com a cabeça. — Se estiver desconfortável, é só me pedir para parar.

Meu coração acelera quando ele agarra meu pulso, beija-o, usando sua língua para deixá-lo molhado, e amarra a fita de couro de um jeito diferente, com nós que parecem especiais. Depois ergue meu braço, encosta meu pulso na cabeceira de ferro e passa a fita por trás das hastes de metal antes de beijar o outro pulso e levá-lo até o local onde está a fita.

Sinto-me bem presa à cama. Minha respiração se agita, meu corpo se contorce. Estou atada a Millos da mesma forma como ele me atou à cama. Movo meus quadris, querendo senti-lo, saudosa por tê-lo sem nenhuma barreira, embora saiba que não podemos abrir mão da camisinha.

Millos parece ler meus pensamentos e se esfrega contra meu sexo. Gemo e me contraio, o prazer nublando meus pensamentos, deixando-me apenas com a vontade desesperadora de tê-lo em mim.

Fecho os olhos quando ele me masturba com a cabeça de seu pau. Ouço os sons que produzimos, fruto do quão molhados estamos, e arquejo, o prazer tomando seu lugar, exigindo tudo de mim.

— Isso!

Quase me levanto da cama quando ele abocanha meu sexo com desespero, chupando sem parar meu clitóris. A fita de couro se aperta ainda mais em meus punhos. Quero gritar, sinto as palavras que nunca disse a ele arderem em minha língua, martelarem meu cérebro.

Eu te amo, Millos!

Não consigo mais coordenar nada, tudo parece ter vontade própria, sou apenas um feixe de sensações incríveis que se encontram e explodem dentro de mim, levando-me a lugar inexplorado e incrível, um mundo único, onde consigo voar.

Tremo inteira, sentindo ainda os espasmos do orgasmo acelerando meus batimentos cardíacos, impedindo-me de respirar com tranquilidade. Millos não para de me lamber, embora agora já não sugue com tanta urgência como antes.

Sinto seu dedo brincar na minha entrada, uma doce provocação de entrar e sair bem raso, apenas o suficiente para sentir-me por dentro. Devo estar quente, porque me sinto em chamas.

Millos ergue minhas pernas, encolhendo-as contra minha barriga. Sua língua longa, quente e exploradora toma o lugar do dedo, mas não com timidez, avançando, penetrando, fodendo-me.

Eu gostaria de agarrá-lo pelos cabelos, mas não posso, atada na cabeceira da cama. Isso me deixa ainda mais agitada. Parece amplificar minhas sensações, saber que estou à mercê dele e de sua vontade.

Arfo quando a mesma língua que estava dentro de minha entrada agora contorna meu ânus. Um prazer diferente me faz estremecer, um calor intenso se concentra no meu ventre. Millos já havia passado o dedo na área, mas nunca a chupado antes.

Ou beijado!

Gemo e rebolo ao sentir os lábios dele, os pelos da barba arranhando o vão de minhas nádegas, a língua forçando a entrada de forma imperiosa.

— Millos... — gemo e imploro por algo que nem sei o que é.

Só quero me libertar, ser arrebatada novamente através da nuvem de prazer que só ele me proporciona. A ânsia é demais para sentir tudo de novo,

deixa-me sem fôlego, não consigo fazer nada além de gemer e pedir a ele.

O beijo sobre meu clitóris é o estopim que eu precisava para me deixar ir e voltar a explodir em êxtase. Grito, balanço a firme cabeceira de metal movimentando meus braços e, quando penso que vou me acalmar, sinto-o me invadir de uma só vez até o fundo.

Abro os olhos e o vejo com os dele fechados, a boca avermelhada dos beijos íntimos que estava me dando, a barba levemente úmida dos meus gozos, o torso tatuado, os braços definidos e fechados com desenhos e tintas, nossa andorinha no abdômen cheio de gominhos.

Sinto os olhos arderem e se umedecerem de emoção. Meu peito não está mais contendo a emoção de tê-lo assim, tão meu, amá-lo dessa forma tão gigante que parece mais não caber em mim, que quer sair, quer ganhar o mundo, quer que ele saiba.

Fecho os olhos e engulo as palavras, temerosa de deixá-las sair. Enquanto só eu sei, estão protegidas, são minhas, mas, depois que eu as disser, não haverá mais volta, e tudo pode mudar.

Millos se inclina sobre mim e, em um só movimento, sinto-o romper a tira de couro no meio, e meus braços são libertados. Abraço-o com braços e pernas, grudada a ele, movendo-me com seu corpo, sendo embalada em seu ritmo.

Beijamo-nos, dividindo os gemidos, compartilhando o ar, que parece estar rarefeito para os dois. Desço as pernas, e meus pés ficam sobre sua bunda, acompanhando o estocar constante, o rebolar sutil de quando para bem fundo e apenas explora.

Millos de repente se afasta de mim e, sem tirar seu pau, passa minha perna para o outro lado de seu corpo, juntando as duas, coloca-me de lado e me pressiona firme na cama enquanto estoca com mais força, arfando mais alto, fazendo-me vibrar com suas pancadas em mim.

Sorrio, adorando a sensação, sentindo o prazer que me causa. Às vezes fico dolorida depois de transarmos assim, mas logo passa. Sei que seu pau é

grande, mas ele sabe usá-lo muito bem apenas para me dar prazer e não dor.

— Mariana... — Ele me aperta mais forte contra a cama, e a ouço ranger. — Eu preciso...

Compreendo seu desespero, pois é o mesmo que sinto. Todos os meus músculos já estão retesados, e sinto novamente a onda do prazer me lamber inteira, tirando-me do ar apenas o suficiente para senti-lo ir junto a mim.

Gememos juntos, alto, e, pela primeira vez, ouço meu nome enquanto ele goza:

— Mariana... Mariana!

Millos tomba em cima de mim e me abraça apertado. Seu corpo está todo trêmulo, seu coração parece que vai saltar pela boca a qualquer momento, pelo que sinto através do contato dos nossos corpos. Também não consigo respirar direito, embora me sinta a mulher mais completa e feliz de todo o Universo, satisfeita, relaxada, completamente amada pelo homem que me faz ir às estrelas.

Olho-o, literalmente tombado, olhos fechados e a testa brilhando com gotículas de suor. Meu coração acelerado se comprime, e novamente as palavras me vêm à boca, mas não são proferidas.

Eu amo você, Millos!

49

Let me take you to a place nice and quiet
There ain't no one there to interrupt
Ain't gotta rush
I just wanna take it nice and slow.[83]

Acordei há algum tempo já, mas não consegui sair da cama. Isso nunca me acontece, geralmente abro os olhos e logo me levanto, não sou de ficar inerte por muito tempo, mas me perdi apenas olhando Mariana dormindo.

Sei que ela é linda, não há ninguém neste mundo que não vá concordar com isso, mas não estou observando-a apenas por sua beleza ou seus traços serenos, o jeito lindo de dormir com a boca levemente aberta e o rosto amassado contra o travesseiro. É mais do que somente sua aparência, é o modo como ela me faz sentir.

Entrei nessa de "vamos descobrir juntos" achando que, em algum momento, iríamos desacelerar o tesão, mas parece que estamos fazendo exatamente o caminho oposto. Quanto mais nos conhecemos, mais nos atraímos, mais nos desejamos.

Cozinhar ontem para ela foi apenas uma ideia que me surgiu e, como já

notei que ela dá importância ao seu novo canto, fiz questão de vir para cá a fim de comer e dormir com ela. Contudo, embora já sinta o cheiro de Mariana neste ambiente, ainda não a vejo pertencendo a este lugar, porque ela é perfeita no meu *loft*.

Respiro fundo e me viro de barriga para cima, olhando o teto rebaixado do apartamento. A verdade é que minha opinião não interessa. Mariana precisa de seu espaço, viver suas próprias experiências, e um dia ela vai conseguir me enxergar como sou, um cara já chegando aos quarenta, cheio de manias, traumas e ideias fixas. Quando isso acontecer, ela vai seguir em frente sem mim.

Não sei por que isso está me incomodando, afinal, achava bom eu servir como um introdutório na vida adulta dela e não qualquer homem babaca que pudesse traumatizá-la além do que já foi. Eu me vi como uma escolha segura para Mariana, mas talvez ela não seja uma escolha segura para mim.

Levanto-me da cama, puto com meus pensamentos, tendo que concordar com aquele ditado tão popular que diz que cabeça vazia é oficina do diabo. Ficar deitado ao lado dela é maravilhoso, mas, a partir do momento em que comecei a ter esses pensamentos estranhos, já era hora de me pôr em movimento.

Atravesso a estante, que tem a cara e jeito do design do meu primo Alexios, e resgato minha calça de corrida do chão onde a abandonei ontem à noite. Rio diante da bagunça que deixamos na sala, pois o prato que tinha a sobremesa que ela preparou, tem churros murchos e sorvete derretido, e há muitos respingos em cima da mesinha baixa.

A roupa de Mariana no chão me faz pensar em como é incrível o poder que ela tem de me tirar do chão, de me fazer esquecer meu controle para me entregar nas mãos dela como se estivesse vivendo experiências novas. *Tudo parece novo!*

Levo a louça para a pia na bancada e pego a cafeteira italiana a fim de fazer café. É estranho me sentir à vontade em uma cozinha que não a minha, mas já sei onde ficam as coisas aqui no apartamento de Mariana, e me mover com naturalidade é consequência disso.

Volto para o quarto e sorrio ao perceber que ela ainda nem mudou de posição. Certamente pegamos um pouco pesado ontem, trepando na cama, no banheiro e na cama de novo. Olho para a cabeceira de ferro fundido e fico satisfeito com a escolha da decoração: o lugar foi perfeito para testar como Mariana reage à imobilização, pelo menos alguma.

Não que eu pretenda, um dia, levá-la ao clube, mas pode ser que, se ela tiver interesse também, eu possa testar o *shibari* com ela em casa e ter a tão falada experiência de conexão que meus mestres me diziam que eu nunca encontraria com pessoas aleatórias.

Ainda não vejo isso acontecendo tão cedo, principalmente por estar experimentando o sexo sem a necessidade das cordas para me ordenar. Por muito tempo o *shibari* me libertou, inclusive quando eu achava que nunca mais iria voltar a trepar. Contudo, sinto liberdade ainda maior agora com o que está acontecendo entre mim e Mariana.

Pego a mala que trouxe ontem, tiro roupas limpas dela e meu nécessaire com itens de higiene e cuidados com a barba. Confiro as horas, percebendo que temos muito tempo até o que planejei, mas que terei de acordá-la caso já não esteja.

— Bom dia! — ela me cumprimenta da cama, esticando-se toda. — Gostei da roupa. — Rola na cama. — Isso é sinal de que não vai para a Karamanlis hoje?

Nego.

— Hoje é sábado.

Ela gargalha e se senta.

— Como se isso fizesse diferença para você. — Mostra a língua, e esse gesto infantil me atrai como um luminoso.

Aproximo-me dela para beijá-la, porém Mariana só me dá o tão normal selinho, alegando que ainda não escovou os dentes.

— Fiz café — aviso-lhe assim que vai na direção do banheiro.

— Isso é ótimo, porque nem todo sábado as meninas estão com humor para fazer café cedo. — Ri, referindo-se às suas colegas de trabalho. — Ressaca! Só as vejo bebendo água o sábado todo!

Respiro fundo, porque sei que ela não entenderá, mas preciso contar que não irá trabalhar hoje.

— Kyra te dispensou do trabalho hoje — informo-lhe.

Mariana aparece com a escova de dentes enfiada na boca – tem até um pouquinho de espuma escorrendo de um lado dos lábios – e olhos arregalados de surpresa.

— Por quê?

— Porque você e eu vamos sair.

Ela franze a testa, faz sinal me pedindo um tempo e volta para o banheiro. Acho melhor me servir de café antes de ela voltar, porque, no mínimo, irá pedir explicações.

— Você pediu para Kyra me liberar? — ela pergunta assim que entra no meu campo de visão. — Sem falar comigo?

Ah, como eu tenho tesão nessa mulher forte e cheia de personalidade que descubro a cada dia!

— É uma surpresa, não tinha como te comunicar antes.

— Eu trabalho aos sábados, Millos. Não podemos fazer o que você estiver planejando no domingo?

Nego, bebo um gole do café calmamente e explico:

— No domingo não dá, tem que ser hoje. — Olho o relógio. — E precisa ser para daqui 20 minutos, porque Cris já virá nos buscar.

A expressão de Mariana fica ainda mais confusa.

— Millos, para onde nós vamos?

Termino o café e lavo a caneca.

— Para uma cidade pequena, mas muito bonita.

Mariana ainda tem a mesma expressão confusa.

— E por que nós vamos para lá? Você tem alguma coisa da empresa para resolver e...

— Mariana, 18 minutos. Você precisa arrumar suas coisas. — Vou até onde ela está, notando que se encontra realmente tensa. Não a quero assim, só não desejo revelar todos os detalhes ainda. — Confia em mim hoje de novo.

Ela respira fundo e me deixa beijá-la. Sinto quando relaxa em meus braços, envolve meu pescoço com os seus e se estica toda para equilibrar nossa diferença de altura.

— Sempre irei confiar em você — declara. — Mas não tome decisões por mim, pois, ainda que Kyra seja sua prima, ela é minha chefe. — Concordo, mesmo sabendo que minha prima foi a primeira a apoiar minha ideia. — O que devo levar?

— Roupas leves. A previsão lá está boa nesse final de semana.

— Vamos ficar os dois dias? — Assinto, e ela mal consegue disfarçar o sorriso. — Roupa casual ou...

— Totalmente casual.

Sento-me no sofá e pego meu telefone para trabalhar remotamente. Recebo uma mensagem de Kostas dizendo que precisa falar comigo urgentemente e outra de Kyra com o mesmo assunto, e isso me deixa curioso. Ligo para o meu primo, que foi quem me mandou primeiro a mensagem.

— Até que enfim! — Kostas, com seu jeito impaciente de sempre, atende a ligação. — Onde você está? Passei no galpão, mas não te encontrei.

Opa, alguma coisa está acontecendo que o está deixando estressado, isso

não é bom!

— Não dormi em casa, vou viajar — é só o que falo. — E Kika já te liberou para ficar andando por aí? Você saiu do hospital...

— Ela não sabe que fui lá! Tive ajuda de Kyra para sair de casa, mas não te encontramos no *loft*.

Como não disse a Kyra que ia dormir no apartamento em cima do bufê, ela deve ter imaginado que Mariana iria dormir no *loft* comigo antes da viagem. Ainda bem que minha prima teve a sensatez, pela primeira vez na vida, de não trazer Kostas aqui.

— Estou indo viajar, Kostas. O que houve?

Ele bufa.

— Prefiro falar pessoalmente, mas não fique preocupado, não é nada grave. Quando você retorna?

— Segunda-feira pela manhã passo no apartamento de Kika e...

— Não! — ele quase grita comigo. — Estou preparando algo que não quero que ela saiba. — Sorrio, pensando que deve ser genética essa coisa de fazer surpresa. — Eu te procuro!

E desliga na minha cara sem nem mesmo um adeus. *Kostas sendo Kostas!*

— Pronto. — Mariana aparece confortavelmente vestida com jeans, uma blusa de mangas longas soltinha e tênis. — O que foi?

— Colocou as roupas leves que pedi? Um vestido?

Mariana sorri.

— Claro! Onde vamos mesmo?

Sorrio, pensando se já devo ou não falar, porém o interfone toca ao mesmo tempo em que o som de notificação de mensagem do meu celular soa.

— Conversamos no carro, Cris chegou.

Descemos as escadas, ela com sua bolsa a tiracolo, e eu levando as duas malas. Cris abre o portão para nos ajudar e, em seguida, auxilia Mariana a entrar no carro.

— Bom dia! — ela o cumprimenta.

— Bom dia! — Cris me olha. — O trânsito ainda está bom até o aeroporto, doutor.

— Que bom, Cris, não pretendo atrasar essa viagem.

Ele sorri, mas tenta disfarçar. Fica claro que Cris já sabe, talvez há muito tempo, sobre meu envolvimento com Mariana.

— Depois o Fidelis vai vir buscar seu carro, doutor, e deixar na sua casa.

— Eu lhe agradeço. — Sento-me ao lado de Mariana no banco de trás. — A Jaqueline te passou o horário estimado para nossa chegada amanhã, não?

— Sim, senhor, estarei aqui na hora marcada, não se preocupe.

O carro avança pelas estradas da cidade em direção ao aeroporto de Congonhas, onde pegaremos o táxi aéreo que contratei para nos levar até nosso destino.

— Posso saber agora para onde vamos? — ela insiste.

Apoio minha mão na coxa de Mariana e tento acalmá-la um pouco, pois não quero conversar dentro do carro com o Cris por testemunha.

— Prometo dizer assim que estivermos no avião.

— Avião? — Mariana fica pálida, e pego sua mão, notando que está gelada. — Para onde nós vamos, Millos?

Ah, merda, esqueci que ela nunca voou!, penso, achando-me um idiota por ter estragado a surpresa desse jeito. Bom, é minha primeira vez nisso, então é desculpável que me embanane um pouco.

— São Miguel dos Milagres, em Alagoas — revelo para acalmá-la um

pouco antes de entrarmos no jato particular, mas os olhos dela se arregalam ainda mais. — Você finalmente irá conhecer o mar.

— Ah, meu Deus! — A expressão entusiasmada de Mariana me faz sorrir. — É lindo, Millos!

Concordo e penso que devo mandar um agradecimento ao meu agente de viagens por ter achado este lugar.

O hotel fica na beira da praia – que foi minha primeira exigência – e tem todas as comodidades de um resort cinco estrelas, porém com a área privativa que pedi. Mariana e eu estamos isolados dos outros hóspedes, hospedados em um bangalô todo murado em volta, com piscina própria e atendimento *premium*, incluindo serviço de spa no quarto, conforme a recepcionista que nos atendeu no check-in informou.

Abri a porta do *pequeno* bangalô de quase 200 m² e encontrei uma sala enorme, com decoração rústica, mas com toda comodidade. Mariana olhou cada detalhe com um sorriso e curiosidade brilhando nos olhos.

Deixei nossas malas no armário do quarto e logo olhei para a enorme cama king size enquanto Mariana olhava o banheiro e a área do spa, que conta com banheira de hidromassagem, ofurô e mesa de massagem. Porém, o lugar que mereceu a expressão de deleite dela é onde está agora, na parte da frente do bangalô.

Saio do quarto pelas portas de vidro estilo camarão, apreciando a vista, mais uma vez parabenizando meu agente de viagens. O lugar é realmente deslumbrante!

Nossa piscina exclusiva é enorme, conta com inúmeras *chaises* e uma enorme mesa redonda com *ombrelone* para proteger do sol. Além disso, no jardim, há poltronas e futons estofados, e, claro, tudo isso com a vista linda e privilegiada do mar.

— Eu não sei nem o que dizer! — Mariana me olha, e vejo lágrimas escorrendo em seu rosto. — É como um sonho!

Seco suas lágrimas com meus polegares e sinto meu coração pequeno diante da mulher à minha frente. Mariana tem tanto a descobrir, tanto a ver nesse mundo afora, e ser parte da emoção de sua primeira visão do mar é algo que nunca poderei esquecer.

— É todo seu! Quer ir até a praia agora?

Ela nega.

— Eu quero você!

Mariana se aproxima de mim, olhos brilhantes, sorriso perfeitamente aberto. Fico imóvel, esperando – ansiando – seu toque, e ele logo acontece. Primeiro, sou envolvido por seus braços quando ela se pendura em meu pescoço, depois, posso sentir o sopro cálido de sua respiração contra a minha e, por fim, seus lábios sobre os meus.

Não fecho os olhos, incapaz de perder um só segundo das expressões dela. Preciso ouvir sua respiração, os gemidos abafados, e ver cada demonstração de prazer que atravessa sua face para então me deixar levar pela aceleração dos meus batimentos cardíacos.

Deleito-me com o prazer dela antes de usufruir do meu. Fecho os olhos, abraço-a, mantendo-a bem junto a mim e me entrego à doce carícia de seus lábios e língua. O cheiro da maresia vinda do oceano aqui perto nos envolve, assim como o delicioso sol do Nordeste brasileiro, que, mesmo nesta época do ano, nos aquece.

Um beijo, um carinho tão singelo e, ao mesmo tempo, arrebatador. Algo tão íntimo que por muitos anos deixei de apreciar simplesmente porque não achava essa conexão com ninguém.

Até Mariana chegar!

Coloco minhas mãos entrelaçadas em sua nuca, mantendo o contato perfeito, enquanto um turbilhão de emoções parece sacudir todo o meu ser.

Sim, meu ser! Já se foi o tempo em que sentia as reações apenas no meu corpo, Mariana agora mexe com minha alma, com meu espírito e tudo o mais que pode existir em mim.

Os sentimentos são tão complexos que geram em mim uma ansiedade diferente das que já senti. É uma mescla de completude com um intenso receio de ver tudo se esvair.

Pego-a no colo, deixando todos os pensamentos de lado. Não é hora de analisar o que está se passando comigo, mesmo porque não sei se tenho condições de chegar a alguma conclusão que explique todas as sensações que tenho. É melhor deixar as questões que transcendem o físico para outro momento e me regalar com aquilo que já conheço e sei que é tão perfeito quanto todo o resto: nosso prazer!

Levo-a até um grande futon redondo que está no meio do gramado do jardim, cercado por um lindo paisagismo com plantas e flores. Deito-a no macio estofado, e Mariana me encara cheia de expectativas e promessas mudas, a certeza de que teremos juntos exatamente aquilo que desejamos um do outro.

— Você é linda! — elogio-a, mas sinto que as palavras não fazem jus, não transmitem aquilo que realmente gostaria de dizer a ela. — Você é linda!

Mariana ergue a mão para acariciar minha barba, mas a seguro e beijo sua palma, tentando acalmar os tremores que sinto e que não sei julgar se são por querê-la demais ou por estar ansioso com todos os pensamentos sobre nós.

Durante o beijo, minha língua se insinua e traça círculos entre meus lábios e sua pele. Ela geme, e meu pau se contorce, desejoso, lamentando a distância, sentindo falta de estar todo dentro dela.

Retiro sua blusa, ansiando vê-la nua ao ar livre, sua pele sendo beijada pelo sol, antes de minha boca mapeá-la toda. O tecido do sutiã que usa me lembra de um certo conjunto que comprei pensando nela, meses atrás, em uma loja da pequena cidade mineira onde nos conhecemos. A bolsa com a lingerie embrulhada está guardada no meu armário, esquecida, armazenando a roupa íntima que nunca teve a oportunidade de vestir a mulher para quem

foi comprada.

Abro o sutiã – que tem fecho frontal –, e Mariana estica os braços acima da cabeça, rendendo-se toda à minha apreciação. *Sou louco pelos peitos dela!*, penso, tocando-os reverentemente, alisando-os, sentindo a firmeza e peso de cada seio.

Ela geme mais alto e ondula os quadris. Ajeito meu pau dentro da calça, buscando uma posição mais confortável, pois está inchado e duro, contraindo-se involuntariamente como se estivesse protestando por liberdade.

— Quero te ver nu! — Mariana pede, olhos nos meus.

— Seu pedido é...

Paro de falar quando ela se senta e começa a desabotoar minha calça. Adoro quando toma qualquer tipo de iniciativa que resulte em suas mãos sobre mim. Gosto de seu toque, adoro seus beijos e enlouqueço completamente com sua chupada. Mandá-la me tocar ou mamar meu pau com força é uma delícia, mas não se compara ao tesão que sinto quando ela vem a mim por sua própria vontade.

Ajudo-a na remoção de minha roupa sem usar as mãos, retirando os sapatos com meus próprios pés e depois saindo de dentro da calça jogada no chão. Espero ansioso que ela retire minha boxer, mas Mariana tem outros planos.

— Erga os braços.

Faço o que ela manda, e ela tira a blusa de malha que cobre todas as minhas tatuagens.

— Você as cobre quando vai à praia? — pergunta-me de repente, passando a mãos sobre meu peito.

Levo um segundo para puxar as memórias de todas as vezes que estive no mar e nego.

— Geralmente viajo só e frequento praias quase desertas. — Rio ao

pensar na Grécia e nas belíssimas praias do meu país, imaginando como Mariana reagiria se as conhecesse. — Por isso não me cubro. — Rio. — Já fui até a praia de naturismo.

— Ficou todo pelado lá? — Ela arregala os olhos e chupa o lábio inferior quando assinto. — Eu gostaria de te ver numa praia dessas...

Meus músculos ficam tensos ao pensar que, se Mariana me vir nu numa praia de naturismo, certamente ela também estará nua. Eu não conseguiria controlar meu corpo e transgrediria as regras da praia, além disso, não me agrada ter que lidar com olhares sobre ela, mas, se um dia ela quiser ir, acho justo que tenha a experiência e tentarei ao máximo me conter – nos dois aspectos!

— Podemos ir se quiser — testo-a.

Ela sorri e fica vermelha.

— Só se encontrarmos uma praia só para nós dois. — Ela fica de joelhos sobre o futon e me puxa para si até igualar nossa altura a fim de falar ao meu ouvido: — Não creio que consiga te ver nu e não te querer. — Ela lambe minha orelha, e emito um som lamurioso de prazer. — Além do mais, ficaria com ciúmes dos olhares alheios.

Sorrio por ela expressar tudo o que pensei quando avaliei a situação. É tão plena a sua entrega, a sinceridade com que se expõe em palavras, reações e ações. Mariana tem muito mais liberdade do que eu para viver esta descoberta que estamos fazendo, e a invejo por isso.

— Eu não conseguiria olhar para mais nada — confesso.

Ela ergue uma sobrancelha e, com um movimento fluido, fica de pé sobre o estofado e retira sua calça jeans e os tênis.

— Mariana... — gemo o nome dela, deleitado por suas curvas, pela calcinha pequena que cobre sua boceta deliciosa, salivando por comê-la toda.

Puxo-a forte para meus braços, o beijo nada gentil em comparação ao que me deu antes, minha mão em sua lombar pressionando-a contra minha ereção

e a outra segurando-a pelos cabelos.

Mariana finca as unhas em meus ombros e me abraça com as pernas. Meu pau roça entre suas coxas, impedido de senti-la por conta dos tecidos que nos encobrem. Deslizo minha boca por seu queixo, deliciando-me com o leve tempero do sal marinho sobre sua pele, trazido pela brisa do mar que embala, com sons de ondas e toda a vida ao seu redor, nosso beijo.

Levo-a para dentro, para a enorme cama do bangalô, fugindo dos olhares curiosos que possam surgir. *Mariana é só minha, não estou disposto a dividir seus gemidos com mais ninguém!*

O desejo se torna tão imperioso que não consigo soltá-la, relutante em desfazer o contato pele a pele que estamos tendo agora. Desejo-a assim, não dá para segurar ou controlar a vontade, então, consumindo-a com beijos e sentindo a resposta do corpo dela pelo movimento de seus quadris, mantenho-a segura contra mim para, enfim, abaixar a cueca.

Firmo-a pelos quadris e a esfrego descaradamente sobre minha ereção dolorida. Deslizo-a pelo meu corpo para cima e para baixo, enquanto Mariana urra de prazer.

Não consigo mais coordenar minhas ações, minha cabeça está completamente tomada pelo instinto primitivo de me fundir a ela, tornar-nos um para disfrutarmos das promessas que estamos veladamente nos fazendo desde o primeiro beijo à beira da piscina.

Mariana está pendurada em meu pescoço. Sinto seus dentes no lóbulo da minha orelha, e sua excitação deixa um rastro úmido sobre meu abdômen. Não aguento mais, a brincadeira toma conta da minha razão, o tesão nubla tudo, cria um mundo fantástico apenas de sentidos e enlevo.

Afasto o pequeno pedaço de tecido que cria um enorme obstáculo entre mim e o que mais anseio e travo os dentes quando, em mais um movimento entrosado das minhas mãos e de seus quadris, meu pau se encaixa em sua entrada encharcada e quente.

A razão tenta subjugar o desejo ao me lembrar de que estou sem

camisinha, mas não freio a investida e grito quando meu pau se afunda por completo em sua boceta apertada.

— *Den díno dekára*![84] — grito para tudo que tenta me fazer ponderar sobre sexo desprotegido. Necessito apenas matar a vontade que tenho de senti-la plenamente, preciso me tornar parte de seu corpo, assim como Mariana já vem tomando conta da minha alma.

Ela me aperta mais, gemendo alto, agitada, pulando no meu colo, levada pelos movimentos intensos que faço com meus quadris, metendo gostoso, indo até o fundo e a afastando para voltar a penetrá-la ao máximo.

Minhas pernas queimam, mas essa pequena dor muscular apenas acentua o tesão da posição. Sou o mastro de seu corpo neste momento, conduzo-a na dança visceral que nos une, ditando o ritmo da trepada com as minhas mãos fixas em sua bunda. Mariana se reclina, os peitos balançando livres, nossos corpos unidos apenas por nossos sexos. Suas pernas já não me abraçam apertado mais, e preciso de toda a força para mantê-la no ar, até que a mesa redonda de refeições entra no meu ângulo de visão.

Ando até o móvel de madeira maciça e a apoio no tampo. Mariana se deita por completo, incapaz de se conter, convertida apenas em um núcleo de prazer intenso que exige dela total concentração a ponto de não coordenar mais seus músculos.

Abro bem suas pernas, o móvel rangendo a cada estocada forte, o som se unindo ao das nossas respirações e dos gemidos incontroláveis.

Estou preso numa espiral, como se tivesse sido atingido por um furacão, sendo levado para onde lhe apraz, sem nenhum domínio de mim. *Foda-se!*, penso, sublimado pela força deste querer tão perfeito e constante.

— Millos, eu quero... — Mariana geme, contorcendo-se sobre a mesa.

Sou todo seu!, respondo mentalmente e aumento ainda mais a velocidade, diminuindo um pouco a pressão das investidas, mantendo um ritmo constante a fim de vê-la gozar como louca.

— Isso! — Ela fecha os olhos, e sua expressão demonstra o anseio, a fome, a espera pelo ápice. — Isso... vai... Ah...

Vibro inteiro com o poder de seu orgasmo. Sua boceta me aperta numa mordida tão foda que me deixa sem rumo, embriagando-me, nublando meus sentidos, convertendo-me apenas em um catalisador de todas as sensações únicas que lhe assisto alcançar.

Meu corpo clama pelo mesmo, implora por compartilhar com ela do paraíso único que alcançamos, e não lhe nego, deixando vir a sensação ímpar de amplitude, a satisfação plena que, de alguma forma, me preenche, contraindo meus músculos, deixando-me quente e sensível.

Um átimo de sanidade me faz sair de Mariana antes da pulsação final, que drena minhas forças e me leva ao limite do tesão, em um gozo explosivo, com um esguicho longo, pondo-me de joelhos, arfante, sem noção do tempo ou do espaço.

Não me pertenço mais... chego à conclusão.

Sou dela!

50

Then dip me under where you can feel my river flowing flow
Hold me 'til I scream for air to breathe
Don't wash me over until my well runs dry
Send all your sins all over me, babe, over me.[85]

Sonho.

Fantasia.

Não há definição que se aplique aos momentos que estou vivenciando com Millos neste paraíso onde estamos passando o final de semana. Tantas coisas aconteceram desde que esse homem cruzou meu caminho que eu, nem nas minhas mais delirantes fantasias, poderia imaginar coisa parecida.

Primeiro que, independentemente do local, só de estar com ele já é algo que me faz sentir a mulher mais sortuda que já andou neste mundo. Saber que ele sente por mim o mesmo tesão, a mesma vontade que sinto por ele já é algo fora do normal. É um privilégio! De alguma forma, talvez por ele mesmo ter dito que nunca viveu o que estamos compartilhando com ninguém, eu me sinto assim.

Sinto-me especial por ter conseguido tocá-lo além do que ele mesmo achava possível. Sei que não posso afirmar que ele sinta algo além da atração por mim e já percebi, pelo modo como cuida dos seus primos, que Millos é protetor e terno com quem lhe é importante, mas tem sido tão atencioso e dedicado que me permito sonhar.

Sonhar mais.

Querer mais!

Desejo o impossível, talvez, mas, ainda que percebendo a dificuldade em alcançar o que sonho, não posso me impedir de querer. Amor! Desejo ser amada por ele e nem posso imaginar como seria, apenas que me traria muita felicidade.

Minha inexperiência com a vida não diminui em nada meus sentimentos. Sei que sou mais nova que ele e que tenho muito a ver e aprender e peço a Deus, todas as noites, que Millos esteja ao meu lado durante este caminho de descobertas. Ninguém sabe tudo; talvez eu tenha uma coisa ou outra a acrescentar na vida dele também.

De qualquer maneira, todos os meus desejos se traduzem em um só: ficar com ele para sempre!

Suspiro, deitada na espreguiçadeira que o hotel disponibiliza para os hóspedes, de frente para o mar.

Mar! A simples palavra já me traz tantas lembranças lindas que ficarão guardadas comigo enquanto eu viver. Millos diz que é só o começo, que tenho muito a conhecer deste mundo, mas, assim como nossa primeira noite de amor, nunca poderei esquecer esses momentos vividos neste pequeno pedaço de céu chamado São Miguel dos Milagres.

Milagres!

Sorrio ao me lembrar da pequena capela que carrega esse nome, da vila com seus casarios antigos, pequenos e acolhedores. Ontem, depois que nos entregamos à explosão dos nossos corpos, Millos me levou para passear pela cidade. Ele contratou alguns passeios, através do hotel, e pudemos explorar a

pequena vila e a praia que leva o nome da cidade.

Voltamos a pé do passeio, uma caminhada de uns bons minutos pela pequena faixa de areia restante da maré alta. Ao contrário do que previa a meteorologia, sentimos alguns pingos grossos – e gelados – de chuva na volta para o bangalô.

Comprei dois biquínis na cidade e me lembrei do maiô que usei na cachoeira em Carrancas. Estávamos tomando banho na banheira de hidro, com bastante espuma, e Millos esfregava minhas costas com uma bucha natural, quando elogiei o bom gosto na escolha daquele traje de banho.

— Eu quase morri — Millos confessou. — Escolhi um maiô para evitar ter muito do seu corpo exposto, e então vi que não adiantou nada.

Comecei a rir, imaginando-o sendo traído pelo modelo "engana mamãe" que comprou para mim.

— Eu adorei aquele maiô e fiquei feliz por você ter escolhido uma peça tão moderna, já que minhas calcinhas eram...

Olhei para trás e fiz uma careta divertida, e ele me contou que fez de tudo para não pensar em mim como a mulher desejável com quem dividia um quarto. Millos usou todas as armas que podia, desde calcinhas insossas, vestidos compridos e largos a pijamas "da vovó".

— Mesmo assim não consegui parar de te querer. — Abraçou-me e beijou minha nuca. — Eu nunca consigo não te querer, Mariana.

E então, depois de tantas primeiras vezes – em um avião, uma viagem e perto do mar – tive mais uma estreia, fiz amor com ele dentro da banheira. Daquela vez estávamos mais calmos e desfrutamos muito um do outro. Foi diferente, terno, romântico, com todas as velas acesas na área do spa do nosso bangalô.

Ah, que lugar lindo!

Eu não poderia pensar em cenário diferente para um final de semana com Millos! Deitada com ele na rede da varanda, vendo a chuva cair, o cheiro

delicioso do mar, o som incrível do seu coração batendo e que eu podia ouvir, pois estava deitada em seu peito.

Parecia que, no mundo todo, só existíamos nós dois, e, tal qual Adão e Eva, tínhamos nosso paraíso particular. Tudo parecia distante demais: as dores do meu passado, minhas frustrações, meus medos, o trauma que sofri nas mãos de um homem nojento e agressivo, o desespero de minha fuga e o temor pelo destino do meu irmão. Tudo ficou suspenso, embora ainda existisse em algum canto meu; eu me sentia plena e feliz.

À noite, o serviço de quarto do hotel nos brindou com uma deliciosa refeição marinha. Millos estava receoso, pois, embora eu já tivesse experimentado camarão, ele tinha medo de que eu pudesse ter alguma reação aos frutos do mar. Experimentei a lagosta, bem como as ostras e me deliciei com absolutamente tudo o que nos foi servido.

Bebemos champanhe – acho que já estou me acostumando demais a essa bebida – e comemos uma deliciosa sobremesa de chocolate, tudo isso já ao ar livre, sem chuva, na mesinha perto da piscina.

— Acho que, mesmo fazendo doces, nunca comi tanto como tenho feito agora. — Suspirei. — Estou pensando em procurar alguma atividade física para fazer, porque, senão...

Ele riu e beijou minha testa.

— Você é linda de qualquer maneira, mas acho importante fazer exercícios, sim. — Ficou um tempo calado, e eu quase podia ouvi-lo pensando. — Você poderia começar a treinar comigo.

Franzi a testa ao me lembrar do horário – quase de madrugada – em que ele treinava com a *personal trainer*.

— Você treina muito cedo. Como vou conseguir chegar à sua casa naquele horário?

Millos deu de ombros.

— Dormindo lá. — Fiquei olhando para ele, tentando entender o que

estava propondo. — Se você treinar três vezes na semana, acho que é o suficiente.

Fiquei quieta, apenas digerindo a informação, e ele se levantou da mesa, esticou-se e resolveu mudar de assunto:

— Amanhã vamos acordar bem cedo, porque nosso passeio é nas piscinas naturais, e temos que aproveitar a maré baixa.

Assenti animada, principalmente por ter visto fotos das tais piscinas em *folders* de turismo pela cidade e aqui no hotel. Esse seria o primeiro passeio do dia, depois iríamos almoçar em outra praia, mais ao sul da cidade, fazer um passeio de barco e, antes de irmos embora, andar a cavalo pelos coqueirais.

As piscinas foram realmente um sonho! Uma área rasinha entre os recifes no meio do oceano. Levantamo-nos cedo. Uma lancha nos esperava, e, enquanto o sol se levantava no céu, eu estava boiando na água translúcida, cercada de peixinhos.

Sinto gotinhas de água gelada respingando em mim e abro os olhos, encarando os verdes de Millos.

— Dormindo?

— Não. Rememorando tudo o que fizemos, me convencendo ainda de que não estou sonhando.

Ele ri.

— Quer que eu te belisque? — ameaça, mas, em vez do beliscão, me dá uma mordidinha no queixo, e o barco balança. — Pena esse negócio ser tão pequeno, senão ia aproveitar que estamos praticamente sozinhos e foder você dentro d’água.

— Hum... — Animo-me, os mamilos ficando rijos contra o tecido do biquíni. — Seria interessante, ainda mais nesse barco transparente.

— Barco! — Millos resmunga. — Isso é quase uma banheira!

Balanço a cabeça, recriminando-o, pois, quando comprou o passeio no "barco transparente", disse-me que pensou que seria como algumas embarcações que existem na Grécia e no Caribe: lanchas com fundo transparente.

Confesso que, quando chegamos à praia depois do almoço e vimos uma canoa de acrílico, rimos bastante!

Levanto-me do local onde estava reclinada, no bico do barco, e pego o remo.

—Estou pensando em voltar para nosso bangalô. — Pisco. — Acho que tenho outra atividade física em mente que é muito mais prazerosa do que o remo.

Millos sorri e começa a remar de volta para a praia, cheio de ânimo.

— Força nesses braços, Mariana! Vamos fazer um tempo recorde nessa banheirinha!

O som da chuva me acorda, e olho assustada em volta por ter dormido e já estar entardecendo.

— Millos? — chamo-o antes de virar-me na cama, torcendo para que ele esteja no controle da situação, tomando conta do nosso horário, pois ainda temos que pegar estrada até Maceió a fim de embarcar no voo de volta a São Paulo.

Arregalo os olhos assustada ao perceber que ele dorme pesado, ressonando, completamente relaxado – e nu – ao meu lado.

Deus do Céu, que horas são?

Procuro meu telefone, mas não está na mesinha de cabeceira ao lado da cama. Lembro-me de que não o tirei da sacola de praia depois que voltamos do passeio – de uns 15 minutos – na canoa transparente.

Estávamos tão excitados que mal pisamos no bangalô e já nos abraçamos, beijamos e esfregamos um no outro. Inesperadamente Millos nos lançou na piscina, e acabamos fazendo sexo lá – de novo sem camisinha!

Fecho os olhos e torço para que nenhum acidente tenha ocorrido e que ele tenha conseguido tirar a tempo de gozar tudo fora do meu corpo. É uma loucura, nós já dissemos isso e combinamos de usarmos camisinha, mas, às vezes, as coisas parecem que escapam do controle, e, quando nos damos conta... já foi.

É irresponsável, muito mesmo, e, quando viemos para a cama, prometemos mais uma vez sermos mais prudentes e trepamos de novo, dessa vez com proteção.

Foi depois dessa que acabamos dormindo!

— Millos — chamo-o novamente e toco seu ombro. — Ei!

Ele acorda um pouco assustado, mas sorri quando me vê.

— Nós dormimos?

Rio e afirmo com a cabeça.

— Já está anoitecendo, vamos ter que ir.

Ele suspira, fecha os olhos de novo e me abraça.

— Perdemos o passeio a cavalo. — Ri quando fala disso. — Fodam-se os cavalos, na próxima oportunidade vamos a uma fazenda!

Gargalho, adorando saber que haverá uma “próxima oportunidade”.

— A que horas é nosso voo de volta?

— Bem tarde, não se preocupe. — Sinto beijos em meus cabelos. — Vou encher o ofurô, que tal?

Encaro-o, meus olhos o acusando de ser um ninfomaníaco, mas começo a rir.

— Ótima ideia!

Millos se levanta da cama, e fico admirando a bunda deliciosa, a enorme tatuagem nas costas, as coxas fortes e me arrepio toda ao me lembrar de como ele me aguentou ontem, em seu colo e de pé, enquanto me comia com vontade.

Saio da cama também, aproveitando para, enquanto ele lida com as coisas na área do spa, arrumar nossas malas. Recolho nossas roupas de banho do chão e as coloco dentro de sacos plásticos, pois não dá tempo de secá-las. Organizo minha mala quase não mexida, porque usei apenas um vestido e chinelos. O pijama ficou dobrado do mesmo jeito que veio, assim como outro vestido e um conjunto de short e blusa. Dobro a saída de praia linda, toda de renda, que comprei junto aos biquínis e embalo o chapéu, pois não quero amassá-lo, por isso não o coloco na mala.

As coisas de Millos foram mais usadas, principalmente as camisetas, e, pelo que percebo, ele não trouxe pijama.

Braços fortes, cobertos de desenhos, abraçam-me pelas costas. Fecho os olhos, deliciada com o carinho, mesmo que sinta a ereção dele contra mim.

— A água está quente, vamos?

Viro-me e o abraço apertado, sentindo os olhos cheios de lágrimas e a garganta apertada. Millos não tem ideia do quanto me fez feliz nesses dias!

— Obrigada pelo final de semana.

Ele me abraça mais apertado.

— Quem agradece sou eu, Mariana. — Afasta meu rosto de seu peito, segurando-o com ambas as mãos. — Foram dois dias muito especiais para mim também.

Concordo e sigo com ele para o ofurô de madeira, no canto oposto da hidromassagem. O cheiro da água, odorizada com aroma amadeirado, faz-me respirar fundo e sentir certa melancolia ao saber que são nossos últimos

minutos neste lugar mágico.

Millos entra no ofurô e me ajuda a entrar no grande recipiente de madeira. Ele tinha razão, a água está deliciosamente quente, e meus músculos ficam como gelatina no contato com ela. Sento-me no colo de Millos, que me banha o pescoço e os ombros, e penteio sua barba com os dedos.

— Nem dá para acreditar que, em algumas horas, estaremos de volta a São Paulo.

Ele concorda.

— Tudo parece tão longe, não é? Nesses dias aqui com você, me esqueci de tudo, e não consigo fazer isso há anos! Ainda temos um projeto grande e problemático para findar na empresa, sem contar os que estão em andamento, mas, quer saber? Nada disso me preocupou. — Ri de si mesmo. — E eu estou sempre preocupado.

Beijo-o cheia de amor, saboreando seus lábios deliciosos, cheios, a barba macia, que me deixa arrepiada quando ele a esfrega no meu corpo. Olho para Millos, o homem com o sobrenome mais impronunciável que já ouvi, com os olhos verde-escuros, nariz perfeito e barba matadora.

Uai, homem bonito!

— Quando você me olha assim, fico com medo de ficar sem um pedaço — graceja.

— Deveria mesmo! — Aprisiono seu lábio inferior entre meus dentes, e ele rebola sob mim, seu pau pressionado entre os lábios da minha vagina. — Você é tão lindo que dá raiva de tanta perfeição.

Ele franze a testa.

— Essa é nova!

— O quê? Alguém falar que você é lindo?

— Não, isso eu já ouvi. — Rio com sua falta de modéstia. — Mas que dá raiva eu ser lindo, não!

Movo-me, arrastando-me sobre seu colo, e ele geme.

— Mas dá... fica difícil resistir.

— Para que resistir? — Ele segura meus quadris e me puxa para baixo, pressionando seu pênis ainda mais. — Além do mais, o sentimento é mútuo. Você é linda e irresistível para mim!

Millos me beija enquanto ainda estou sorrindo. Ergo-me de seu colo, e sua mão posiciona seu membro para que eu possa recebê-lo, mas, antes de descer e preencher-me com toda a largura de seu pau grosso, paro-o.

— Nós combinamos...

Millos geme e diz que sim, mas ergue o quadril, avançando para dentro de mim.

— Em São Paulo voltamos a ter responsabilidade. — Rosna quando o afundo em mim em uma só *sentada*. — Em São Paulo...

Estremeço, o tesão de poder senti-lo desta forma, cada contorno, cada contração, o calor e a nossa umidade, mesmo na água.

— Em São Paulo — repito, e ele assente.

Remexo-me devagar, apenas os quadris soltos, e o sinto em cada ponto sensível do meu sexo. Arqueio a coluna, e ele toma um de meus seios em sua boca, chupando meu mamilo do jeito mais delicioso que sabe fazer, aumentando exponencialmente meu desejo.

Millos dobra os joelhos, apoiando suas coxas em minhas costas e me estoca devagar, mantendo meu corpo longe do seu com as mãos o suficiente para entrar e sair de mim.

Gemo, aflita, com o tesão tão aceso que nem parece que já fizemos amor outras duas vezes hoje, sem contar o delicioso sexo oral com o qual fui despertada nessa manhã.

A verdade é que minha vontade dele não passa e parece aumentar ainda

mais toda vez que a saciamos.

Millos volta a tomar minha boca. Seu beijo faminto é intenso, molhado, profundo, e sua língua parece invadir-me inteira, fodendo-me no mesmo ritmo que seu pau.

— Você me deixa louco! — ele geme ainda contra meus lábios. — Completamente fora de mim!

— Eu sou sua, Millos — confesso. — Enlouqueça comigo todas as vezes.

— Enlouqueço! — Aumenta o ritmo, e eu também começo a o cavalgar, sentando-me sobre seus quadris com força.

As águas do ofurô se agitam com nossos movimentos, criando ondas, espirrando para fora, molhando o chão a nossa volta.

Millos me empurra mais para trás, e me envergo ao máximo, sentindo-me totalmente empalada por ele. Suas mãos seguram firme em minha cintura, e ele se põe de joelhos no fundo de madeira. Meu tronco boia sobre a água quente, mantido pelas mãos dele. Passo minhas pernas por seus quadris, mas ele parece ter outra ideia. Diminui os movimentos, apoio minhas mãos no fundo do ofurô, ele passa um braço sob meu joelho, volta a segurar minha cintura e depois faz o mesmo com o outro braço. A posição propicia que ele entre mais fundo em mim, e o escuto urrar de prazer com a descoberta.

— Sente dor? — pergunta-me sem fôlego.

— Não, continua!

Meu aval é o que ele necessita para voltar a estocar com força, e me perco nas deliciosas sensações que tê-lo tão fundo me causa. A posição é boa, mas tenho que fazer um grande esforço para não escorregar as mãos, que estão no fundo, e Millos parece perceber, puxando-me para cima. Abraço-o pelo pescoço e, entre beijos, lambidas e mordidas, gozo com força, agarrando-me a ele como se estivesse a voar para longe.

Millos não me acompanha desta vez, continua a movimentar-nos sob a água, seus olhos fixos no meu rosto, um sorriso deslumbrado em sua face.

— Que delícia! — falo, buscando fôlego após o orgasmo, e ele geme.

— Vou te virar! — dispara e, antes que eu consiga perguntar como, senta-se sobre seus calcanhares, libera minhas pernas e atravessa uma para o mesmo lado da outra.

Entendo o que ele quer, coloco-me de lado e depois, cuidadosamente, giro sobre seu colo, dando-lhe as costas.

— Porra, Mariana! — sussurra entredentes antes de gemer alto mais uma vez.

Sua mão desliza sobre meu abdômen, indo diretamente para meu clitóris. Arfo com a deliciosa massagem no ponto já sensível pelo orgasmo anterior e sinto os músculos da minha vagina se contraírem, sugando seu pau mais fundo.

Millos se ergue um pouco, e fico de joelhos, seguindo seus movimentos rápidos, fundos e intensos, tendo espasmos e delirando de prazer.

Sinto sua barba arranhando minhas costas, o delicioso calor provocado por sua respiração, os gemidos baixos e roucos em meus ouvidos. Ele junta meus cabelos e os segura no alto como se fizesse um rabo de cavalo, e grito ao sentir sua língua em minha nuca, fazendo desenhos sensuais, subindo até meus cabelos e descendo em direção ao ombro.

— Eu vou gozar, Mariana — ouço suas palavras, mas estou tão inebriada que não tomo conhecimento do que me diz. — Goza comigo!

O ar parece se tornar rarefeito, e tudo explode à minha volta. Sinto-me transcender, deixar de ser matéria e tornar-me energia pura, viva e pulsante. O prazer é tanto que perco o fôlego, sinto meus músculos falharem e temo que, se Millos não me segurar, irei para longe, levada pela poderosa onda do orgasmo.

Só me dou conta de que o mesmo prazer que me acertou também o está possuindo quando escuto seus gemidos, que parecem mais rosnados altos, e percebo que Millos me aperta com força e tem a cabeça apoiada em minhas costas.

Não consigo falar e busco apoio na borda do ofurô, temendo que minhas pernas não me sustentem mais. Atrás de mim, sinto Millos tremer e tremer, tendo espasmos arrítmicos, que me sacodem junto.

— Isso foi... foda!

Escuto um riso abafado e percebo que falei um palavrão, algo que não costumo fazer, porém não há outra palavra que defina tudo o que senti.

— Foi louco, insano, perfeito! — Respira fundo. — O que eu vou fazer com você, Mariana?

— A mesma coisa que fez todos esses dias. — Viro-me para trás para poder olhá-lo. — Me levar ao paraíso!

51

And as we wind on down the road
Our shadows taller than our souls
There walks a lady we all know
Who shines white light and wants to show
How everything still turns to gold.[86]

— *There's a lady who's sure all that glitters is gold, and she's buying a stairway to heaven...*[87]

Mariana desce os degraus, vinda do mezanino já arrumada para o trabalho, os cabelos loiros reluzindo como ouro, a maquiagem discreta ressaltada pelo sorriso quando me ouve cantar.

Continuo uma das minhas músicas favoritas do Led Zeppelin e me lembro de que, há alguns anos, Kostas e eu a tocamos juntos em um dos raros momentos em que compartilhamos uma canção. Nenhum de nós a cantou, mas acho que nunca nos comunicamos tão bem antes desse dia.

Por isso às vezes canto, para expor em notas o que não expresso em palavras. No caso específico desta música, a letra pouco tem a ver com meu estado de espírito, mas o arranjo foda de Jimmy Page fala à minha alma mais

do que 1000 frases bonitas.

Mariana continua parada, olhos atentos aos meus dedos na guitarra nesta fase da música que é tão melancólica, cheia de dedilhados capazes de elevar qualquer criatura das trevas aos céus.

Pulo direto para o solo de guitarra, escondendo um pouco minha voz do olhar sagaz e apreciativo da mulher que me fez cantar hoje e que tem me deixado em constante estado musical.

Fecho os olhos, internalizando os acordes e trazendo as lembranças do final de semana, da viagem de volta no domingo à noite e, claro, de como acordamos hoje de manhã, abraçados de lado, em movimento cadenciado, ondulando nossos corpos em busca da saciedade que obtemos apenas quando estamos exaustos.

Depois do gozo matutino, fomos tomar banho, e, enquanto ela lavava os cabelos, tentei aparar um pouco minha barba.

— Eu gosto dela assim — Mariana falou de dentro do boxe. — Esse tamanho a deixa macia, não espeta e é deliciosa de se beijar.

Sorri, a tesoura parada no meio do caminho entre a bancada e meu rosto.

— Mesmo?

Ela confirmou, e desisti da *poda*, apenas passando um bálsamo nela e a penteando.

Bom, é melhor aparar em um profissional!, foi a desculpa chula que dei a mim mesmo, tentando não admitir que não a cortei porque Mariana gostava.

Pouco depois, estava no closet, terno escolhido, mas sem achar uma das minhas abotoaduras preferidas – uma de platina com ônix –, quando Mariana saiu do banho e me ofereceu ajuda.

Procuramos juntos em parte por parte do móvel onde guardava minhas roupas, e, como sempre acontece quando buscamos algo específico, acabei achando outra coisa.

— Tenho algo para você. — Mostrei a sacola da loja de roupas íntimas de Carrancas a ela. — Comprei junto a suas calcinhas insossas.

Ela sorriu curiosa e pegou a sacola, pretendendo abri-la ali mesmo.

— Não. — Parei-a. — Abra-a em casa e a use na próxima vez que nos virmos.

Sorri cheio de malícia, o corpo agitado diante da perspectiva de, enfim, vê-la no conjunto de veludo azul-escuro, com lindas cordas a ornamentá-lo.

— Eu usarei. — Mariana agradeceu-me com um beijo. — Ainda quer suas abotoaduras?

Assenti, fazendo careta, e ela riu, provavelmente me achando esquisito por ter cismado com a joia, quando tinha tantas outras.

Voltei para a busca, olhando entre meus sapatos, e me recriminei por ser tão desorganizado a ponto de ter de olhar canto por canto do closet, sendo que tenho local específico para guardar abotoaduras, relógios e outros acessórios.

Mariana saiu de minha visão periférica, mas eu sabia que ainda vasculhava minhas coisas, pois a escutei mexer em algo metálico, provavelmente em alguma gaveta com chave ou...

Virei-me rápido, entendendo que ela ia abrir o local onde guardo todas as minhas cordas, mas foi tarde demais. Mariana estava boquiaberta, olhando para minhas coisas todas organizadas, etiquetadas e limpas.

Fechei os olhos, imaginando que teria de responder perguntas sobre o que e para que eram todas aquelas coisas. Além das cordas, tinha uma caixa cheia de aros para elevação e tesouras. Ouvi o barulho seco das portas se fechando, mas nenhum som foi emitido.

— São essas?

Abri os olhos e a encarei. Mariana segurava minhas abotoaduras, mas seu rosto estava impassível, embora houvesse um certo brilho em seu olhar.

— Sim, obrigado por achar.

— Estavam junto com todas aquelas cordas. — Franziu a testa. — Posso perguntar para que servem ou é melhor fingirmos que eu não vi?

Ri diante da evidente curiosidade, mesmo com a saída que me apresentou.

— São cordas de *shibari*, uma técnica japonesa de imobilização. — A explicação não a ajudou em nada, e respirei fundo. — Usava para fazer sexo.

Ela, então, arregalou os olhos.

— São muitas cordas! — Seu olhar agitado não deixava dúvidas de que estava confusa. — Usava todas?

— Não ao mesmo tempo. — Sorri para relaxá-la. — Geralmente oito ou nove jogos, dependendo do que iria fazer.

Ela ficou um tempo em silêncio. Deixei-a processar a informação, decidido a responder qualquer outra indagação que tivesse. Mesmo que eu não praticasse com ela, não era algo do qual me envergonhava, apenas mantinha privado, mas não havia sentido em manter segredo dela.

— Por quê? — Não entendi a pergunta, e ela a reformulou: — Por que você fazia isso?

Dei de ombros, sabendo que o assunto era muito mais complexo do que eu iria deixar transparecer.

— Por prazer. — Fui em parte sincero. — Quando bem feita, essa técnica proporciona prazer tanto àquele que está sendo amarrado quanto a quem amarra.

Mariana olhou novamente para o armário e inquiriu baixinho:

— Você tem vontade de me amarrar mais do que fez naquela noite no meu apartamento?

Ah, caralho! A pergunta que eu temia.

— Ainda não. — Mariana assentiu, mas parecia confusa demais. — Lembra-se do que combinamos quando começamos a trepar? Descobrir coisas novas juntos. É isso que estou fazendo...

— Eu não conheço o tal... como se fala? *Shibari*? — Sorri, porque ela gravou a palavra de primeira. — Pois bem, ele é novidade para mim.

Não vou negar que meu corpo se acendeu, o desejo de vê-la numa amarração tão linda e perfeita quanto ela, uma *hishi*[88], as formas perfeitas em seu corpo, as cordas abraçando-a como eu mesmo o fazia. Contudo, ainda não podia atestar que estava pronta, há um caminho a se percorrer antes de testar a imobilização total ou mesmo a suspensão.

— Você gostou da fita de couro atando suas mãos? — questionei.

— Gostei, mas acho que o que você faz com essas outras cordas deve ser bem diferente. — Concordei. — E se eu não gostar?

Pois bem, ela atingiu exatamente o alvo, o cerne todo da questão de evitar pensar nela dentro do universo do *shibari*. *E se ela não gostasse? E se a imobilização, a arte de atar, a deixasse nervosa ou tirasse seu tesão?* Certo é que o que ativa o tesão de uns pode ser desestimulante para outros, e a última coisa que pretendo, é condicioná-la a algo de que não gosta apenas porque eu pratico.

— Millos? — Mariana me chamou sem jeito. — Você sente falta?

— Do *shibari*?

Ela negou.

— Do clube, de atar outras mulheres, de...

Silenciei-a com um beijo que, espero, deixou claro que meu tesão estava totalmente concentrado nela.

— Não. Não sinto falta do clube.

Ela sorriu, pegou suas coisas na mala e começou a se vestir em silêncio.

Fiz o mesmo, a questão que ela levantou indo e voltando à minha mente. *Você sente falta?* Não, não senti ainda, mas isso não quer dizer que não vá sentir. Mesmo não querendo levar Mariana para conhecer esse caminho, ele faz parte de quem sou, ajudou-me a construir o homem que me tornei.

E se ela não gostar?

Afastei a hipótese e terminei de me arrumar. Mariana estava no banheiro secando os cabelos, então desci, coloquei o café para fazer e me sentei com minha guitarra, dedilhando-a a esmo até chegar à música que cantava há pouco.

Deixo a guitarra de lado, assim como todas as questões levantadas antes, e me aproximo de Mariana.

— Eu quero descobrir mais com você — declaro, voltando ao assunto. — Isso me basta.

Ela sorri e me abraça.

— Eu também quero. — Sua voz soa abafada contra meu peito. — Quero descobrir tudo com você.

A emoção que sinto não é algo que já tenha experimentado, pelo menos não desta forma. Desejo mostrar tudo a ela, mas sinto receio, tenho minhas razões para ir devagar, não só para protegê-la, mas a mim também.

O interfone toca, e ela me olha confusa.

— *Gamaúto*! — xingo ao me lembrar da conversa que tive antes de viajar para o Nordeste com Mariana.

— Quem será?

Solto o ar devagar, odiando ter este momento interrompido e, principalmente, detestando ter minha intimidade invadida. *Ainda que eu tenha praticamente o convidado a vir!*

— Kostas — respondo, indo liberar o portão, olhando-os pela câmera de segurança. — E Kyra.

Mariana fica imóvel no meio da sala, apenas seus olhos se movem, como se procurando uma solução.

— Quer que eu fique lá em cima enquanto você os recebe?

E escondê-la feito um adolescente pego no flagra com a namoradinha?

— Não. — Tento parecer relaxado com a situação. — Fiz café para nós dois, mas acho que a boa educação pede que ofereçamos aos nossos visitantes.

Mariana sorri.

— Vou passar mais.

Ela vai para a área da cozinha, e fico de frente para a porta, aguardando que eles apareçam. O som da campainha consegue me assustar, ainda que eu estivesse à espera, e abro a porta, dividido entre contrariado por perder um desjejum a sós com Mariana e feliz por ver Kostas recuperado.

— Finalmente em casa! — ele me cumprimenta, mas seus olhos são imediatamente atraídos para a cozinha. — E com companhia!

Ouço a risada de Kyra, que, como sempre, se pendura em meu pescoço.

— Bom dia! — Ela olha para o irmão. — Kostas me fez madrugar porque queria vir antes que Wilka saísse para a Karamanlis.

Uma ótima novidade! Sorrio com a informação sobre Kika voltar ao trabalho.

— Ela já volta hoje de vez?

Ele nega, ainda olhando curioso para a cozinha.

— Não, eu nem queria que voltasse, pelo menos até completar os três meses de gestação, que todos dizem ser os mais sensíveis. — Olho para Kyra, que tem um enorme sorriso bobo. — O cheiro do café está convidativo.

Gargalho pela tentativa de sutileza de Kostas.

Conduzo-os para o interior do *loft*, saindo do pequeno corredor de entrada e escuto a risada irônica de meu primo quando consegue ver Mariana por completo.

— Só espero não ser grega, porque, se for, acho que não era apenas Theo que tinha uma filha perdida por aí — Kostas cochicha com Kyra, e sinto meu sangue ferver.

— Bom dia! — Mariana os cumprimenta com um sorriso enorme.

— Bom dia! — Kostas passa por mim e a saúda, estendendo a mão. — Konstantinos Karamanlis, primo de Millos.

Ela fica vermelha e olha para cima a fim de encará-lo, parecendo ainda mais jovem perto da muralha que é Kostas.

— Que bom vê-lo bem, rezei muito por você. — Sorri sem graça quando Kostas faz uma de suas expressões irônicas. — Todos nós, na verdade.

Ele ri.

— Obrigado por isso, embora não imagine um membro sequer da minha família em prece. — Ri, e Mariana me olha sem entender.

— Não dê atenção ao que ele diz, Mari. — Kyra vai até ela e a abraça, falando tão baixo que não consigo ouvir, mas, pela cor rubra nas bochechas de Mariana, imagino que tem a ver com nosso final de semana. — Kostas, a Mari trabalha comigo.

Meu primo então sorri, o rosto animado.

— Os bolinhos de chuva! — Kyra assente, e Mariana fica ainda mais vermelha. — Kika é louca pelos seus bolinhos, falei há pouco com Kyra que queríamos encomendar mais alguns, dos recheados.

— Claro, faço, e Kyra leva para vocês.

Ela lhes oferece café. Kostas aceita, porém Kyra nega, alegando ter que ir ao trabalho.

— Você pode deixar Kostas em casa antes de ir para a empresa? — pergunta-me.

— Claro que sim. — Olho para Mariana, imaginando deixá-la primeiro no bufê para seguir até a Vila Mariana e deixar Kostas no apartamento de Kika.

— Eu posso ir com a Kyra — ela oferece. — Estamos indo para o mesmo lugar.

— Claro! Eu ia sugerir o mesmo. — Entretanto, estranhamente, Kyra me olha cheia de significados que não compreendo, parecendo com raiva. — Vamos?

Mariana concorda com a cabeça, leva as xícaras até a pia e pega sua bolsa no sofá, onde a deixou quando desceu.

— Foi um prazer, Konstantinos. — Ela se despede e depois me olha, parecendo não saber o que dizer. — Depois nos falamos.

Parece que nós dois nos sentimos perdidos, e apenas concordo com ela, acenando, enquanto ela segue com Kyra para fora do *loft*.

— É, pelo jeito não é outra filha perdida.

Bufo, emputecido pelo rumo que as coisas tomaram e pela forma com que ela foi embora.

— Vai se foder, Kostas!

Paro o carro em frente ao prédio onde Kostas está morando com Kika, sua futura esposa, como me inteirei há pouco. Tive que desculpar meu primo pela inconveniência de aparecer e atrapalhar meu desjejum com Mariana, afinal tinha um motivo justo para estar desesperado para falar comigo.

Serei seu "best-man", padrinho de casamento!

O prazer e a honra que esse convite me proporcionou me deixou emocionado. Cumprimentei-o pela boa decisão e, como já esperava, soube que Kyra é quem irá organizar o casamento.

Comecei a rir.

— Imagino o desespero dela, já que estava nervosa em fazer o enlace de Theodoros daqui há um ano.

— Ela dá conta, sempre deu! Organizar um casamento para menos de 50 pessoas será mais fácil do que fazer um coffee-break.

Naquele momento, presumi que minha prima não devia ter contado sobre sua superstição e a coleção de proclamas de casamento e notícias de divórcio nas revistas da alta sociedade que ela coleciona, e todos esses recortes têm uma coisa em comum: foi ela quem organizou o evento.

Concluí que, se ela não contou, não seria eu quem contaria, mesmo porque não acreditava nem um pouco que essa *zica* pegaria em Kostas e Kika nem em Theo e Duda.

Acabei fritando ovos e bacon – só faltaram as salsichas para ser um autêntico *english breakfast* –, e tomamos um café da manhã reforçado, porque o grandalhão estava tão ansioso que só *enganou* Wilka com um iogurte antes de sair com Kyra.

— Ela não está desconfiando de nada? — perguntei durante a comida.

— Acho que não, mas preciso ter cuidado. Aquela baixinha é sagaz, não será fácil mantê-la no escuro, mas tenho meus meios.

Sorri, tendo certeza de que ele tinha.

— Queria falar também sobre outro assunto. Murilo me contou sobre a desconfiança de que tivemos também um vazamento interno no projeto da Ethernium.

Caralho! Eu não queria que ele se inteirasse disso por enquanto.

— Estamos aguardando provas completas, mas, por favor, deixe isso com

o Murilo. Você tem um casamento surpresa para daqui a poucos dias, um bebê a caminho e uma esposa para te aturar, então se concentre nessas coisas por enquanto.

Ele assentiu, mastigou um pedaço de bacon sem parar de me encarar e disparou:

— O que está acontecendo entre você e a garota?

Quase me engasguei, mas consegui impedir que o café fosse parar nos meus pulmões a tempo.

— Isso não é da sua conta, Kostas.

Ele não fez absolutamente nenhum caso da minha resposta malcriada.

— Notei o sotaque, é mineiro, eles falam cantando, principalmente no final das palavras. — Ergueu uma sobrancelha. — Você passou as férias em Minas, não foi?

Levantei-me da bancada, peguei os pratos e os talheres e os deixei na pia, querendo encerrar o assunto.

— Vou te deixar em casa, porque, como você mesmo frisou, Kika não vai demorar na Karamanlis.

— Ela é maior de idade, pelo menos?

Xinguei em grego, e ele explodiu em risadas.

— Vamos!

Peguei meu paletó e fui até a porta, deixando claro que o assunto estava encerrado de vez, assim como sua honorável visita.

Olho para Kostas dentro do carro, espremido no banco do carona. Ele olha para cima, provavelmente para a varanda do apartamento de sua mulher, e sorri.

— Kostas, obrigado pelo convite.

Ele dá de ombros.

— Eu não tive a oportunidade de lhe agradecer por aquele dia no chalé. — Encara-me, olhando bem fundo em meus olhos. — Os homens da nossa família são um pouco estúpidos quando o assunto envolve uma mulher especial, ainda mais se estiverem apaixonados, como foi comigo, com Theo e até com Alexios. Quase tivemos que perdê-las para poder enxergar que não viveríamos sem elas. — Mesmo tenso com a conversa, sem saber aonde ele pretende chegar, sorrio e concordo. — Não seja estúpido, Millos. Eu sempre o achei o mais inteligente de todos nós.

Paro de respirar ao ouvir suas palavras.

Kostas abre a porta do carro para descer, mas, antes, para, vira-se para mim e, com a expressão mais debochada do mundo, completa seu discurso:

— Só acho melhor conferir os documentos dela ou esperar mais uns anos.

Ele desce do carro rindo, e eu, ainda impactado pelo que me disse, ao menos reajo à piadinha suja que fez ao final.

52

All of this silence and patience
Pining and anticipation
My hands are shaking from holding back from you.[89]

— Ganhou presente? — Kyra aponta para a sacola em minha mão, e me recrimino por não a ter guardado dentro da mala. Sorrio sem jeito, mas suspiro longamente, o que acaba por chamar sua atenção. — Tudo bem?

Tento sorrir com mais vontade para não demonstrar o estranho incômodo que estou sentindo desde que saí do *loft* do Millos.

— Tudo!

Ela me olha intensamente, mas não insiste na questão, dando a partida no carro.

— Vou me matricular em uma autoescola. — Mudo o assunto para quebrar o silêncio dentro do carro.

Kyra sorri e concorda.

— Eu ia aconselhar você a fazer isso. É indispensável saber dirigir no

nosso trabalho. — Olha-me de esguelha. — E o curso com a Gegê, como foi?

Conversamos sobre o que a tia de Helena me disse, os livros que me indicou e os projetos gigantescos que me mostrou no *curso* VIP que tive com ela. Foi uma enxurrada de conhecimento, e sei que tenho muito mais para aprender.

Suspiro ao pensar que a prioridade da minha vida tem que ser meu trabalho e todas as coisas que quero fazer. Estar com Millos em nosso final de semana juntos naquela cidadezinha paradisíaca foi apenas um hiato, uma pausa nos desafios que tenho pela frente.

Olho para as minhas mãos, cruzadas sobre meu colo, e respondo para mim mesma a pergunta feita por Kyra. *Não, não estou bem.* Nunca estive em um relacionamento, mas acho que o desconforto que Millos sentiu com a minha presença em sua casa quando seu primo chegou, demonstra que o que temos vivido não pode ser classificado com um.

Ele não sabia o que fazer comigo! Se Kostas não se adiantasse e me cumprimentasse, se Kyra não dissesse que eu trabalhava com ela ou mesmo se eu não tivesse tomado a inciativa de pegar carona com ela, o que Millos faria?

A verdade é que me senti sobrando, e esse tipo de sentimento me disparou um gatilho da infância, da época em que eu era a criança indesejada dentro de uma família que era como se não fosse a minha. Não esperava me sentir assim nunca mais, mas foi o que aconteceu, e isso, mesmo que eu não queira admitir, magoou-me.

Por um lado, talvez tenha sido bom esse choque de realidade, pois é fácil se iludir quando se é tratada com tanto carinho quanto Millos demonstrou na nossa viagem. Ali, com ele, andando na vila de casas pequenas e antigas, senti-me sua namorada ou mesmo esposa, pois todos nos julgavam um casal um lua de mel.

Não sou nada disso!

Sou uma descoberta, uma novidade, e, embora Millos me trate bem, seja

carinhoso e protetor comigo, não me incluiu em sua vida. Eu soube das cordas e do *shibari* sem querer, e, embora ele mesmo tenha admitido que era algo que praticava com outras, nunca sequer tocou no assunto comigo. Além disso, há sua família...

Sinto como se conhecesse a todos, mas a verdade é que não os conheço. Acompanhei o problema de Theodoros com a empresa e a recuperação de Kostas depois do tiro, soube que Alexios e a melhor amiga de Kyra estavam juntos, brigaram e depois se acertaram, mas, pelo que percebi ao conhecer Kostas, ninguém sabe qualquer coisa sobre mim. Se eu não tivesse conhecido Kyra desde o começo, talvez ela nem soubesse quem eu era.

Fecho os olhos, encostando-me no encosto de cabeça do banco do carona. Talvez eu esteja fazendo uma tempestade em um copo d'água, não sei se os relacionamentos começam assim, mesmo porque ele e eu nunca nos rotulamos, só afirmamos que estamos descobrindo juntos.

Quanto tempo dura esse descobrimento? É uma boa questão cuja resposta, muito provavelmente, eu não consiga saber, então o que me resta é focar naquilo que tenho de concreto hoje: meu emprego.

Estou começando minha vida adulta de verdade e não posso permitir que esses conflitos do coração me tirem a alegria por tudo o que está me acontecendo!

Entro no café, um lugar lindo que Helena já havia mencionado, mas que eu ainda não tinha tido oportunidade de conhecer, e procuro pela pessoa que marcou o encontro comigo.

Sâmela acena de uma mesinha ao fundo do estabelecimento, e vou ao seu encontro.

Perto da hora do almoço, ela entrou em contato comigo por mensagem e me convidou para tomar um café. Convidei-a para ir até meu apartamento, mas Sâmela disse que estava com vontade de conhecer uma nova cafeteria e

me perguntou se eu não preferia sair um pouco.

Concordei, anotei o endereço e, ao final do expediente, pedi um Uber para vir até aqui.

— Que bom que você veio! — A amiga de Millos me abraça com carinho e me oferece um lugar. — Uns amigos da polícia vieram aqui um dia desses e me falaram maravilhas. — Entrega-me um cardápio. — Eu pedi esse aqui. — Aponta o café, cuja xícara é comestível, feita de cookie e blindada com chocolate.

Faço o mesmo pedido, curiosa sobre como funciona e se o recipiente irá mudar o sabor do café.

— Este lugar é muito moderno. — Olho em volta. — Helena me falou dele e me presenteou com o café que eles produzem.

— Sim, são incríveis! — Sorri. — Eu tenho novidades sobre seu irmão.

Meu coração dispara.

— Acharam o Zé?

Sâmela respira fundo.

— Não, mas um dos meus olheiros acha que o viu rondar o antigo endereço onde sua cunhada e as crianças estavam. Ele tentou segui-lo, mas acabou sendo despistado.

José Carlos pode estar vivo! Meus olhos se nublam, e sinto uma enorme gratidão a Deus por não ter permitido sua morte. Ele é meu irmão, e, apesar de tudo e de todos os erros, não lhe quero mal. Sei que terá que responder por seu crime, mas isso é preferível a saber que se foi para sempre.

— Saber que ele está vivo tira um pouco da angústia do meu coração, mas não gosto da ideia de Zé estar tentando descobrir onde estão Kátia e as crianças, pode ser perigoso.

Sâmela concorda.

— Sim, por isso pedi para redobrarem a vigilância no lugar onde eles estão. Vocês duas têm se falado?

— Apenas pelo e-mail criado para isso.

Ela assente.

— Nós vamos resolver tudo isso, Mariana, porém conversei com Millos, e, como seu irmão pode estar envolvido em algo muito maior do que parece, eu gostaria de saber se você aceitaria olhar algumas fotos para ver se reconhece alguns dos homens que invadiram sua casa.

Meu coração parece parar rapidamente e depois dispara ante a possibilidade de identificação do homem que tentou me violentar e matar meu irmão.

— Eu aceito, sim. Faço tudo o que puder fazer para ajudar a descobrir quem são eles e colocá-los na cadeia. Só assim minha família poderá voltar a ter paz.

Sâmela concorda, e nosso café chega.

Apesar da deliciosa ideia de unir café com biscoito, não consigo aproveitar totalmente a bebida, porque parece que há um bolo em minha garganta. O medo que sinto é palpável, porque já tive suficiente ideia do que aquele homem é capaz de fazer.

— Eu tenho medo de que essa história toda, de alguma forma, respingue em Millos — confesso, e Sâmela pega minha mão.

— Não fique, nós vamos cuidar para que tudo seja feito sem que vocês sejam envolvidos mais do que já foram. Millos é meu amigo, eu não permitiria que algo acontecesse a ele, assim como também defenderei você a qualquer custo.

Sorrio, a sinceridade de seu olhar me tocando fundo.

— Obrigada.

— Não me agradeça. Conheço Millos há muitos anos, Mariana, e posso

afirmar que, desde que vocês se encontraram, alguma coisa o mudou. Ele sempre é preocupado com todos, mas parece que nunca se preocupou consigo mesmo, em viver sua própria vida e história. — Suspira. — Vejo-o dando-se essa oportunidade agora, com você.

Sâmela e eu nos falamos algumas vezes por mensagem ou por ligação, mas só nos conhecemos no jantar no *loft* de Millos. Naquela noite percebi o quanto os dois se gostam e o tanto que são íntimos – tanto que ela sabia da minha calcinha.

— Vocês... — começo a fazer a pergunta, mas paro, não me achando no direito de questionar a relação dos dois.

Ela ri e nega.

— Nunca! Eu sempre o vi como amigo e me sinto privilegiada por também ser considerada assim por ele.

Fico vermelha.

— Eu nem deveria ter perguntado algo assim...

— Não se preocupe, é normal. Muitas pessoas estranham a amizade entre um homem e uma mulher. Já ouvi essa pergunta muitas vezes, ainda mais por não mantermos relacionamentos públicos e estarmos sempre juntos.

Uma ideia se forma em minha cabeça ao ouvir essa afirmação. *Será que Sâmela sabe sobre o clube?*, indago-me e concluo que sim, afinal, como ela mesma disse, são amigos muito próximos.

— Posso te perguntar algo de natureza íntima? — Ela me olha com curiosidade. — Não precisa responder se não quiser.

Sâmela dá de ombros.

— Pode.

— Você conhece o clube que Millos frequenta?

O arquear da sobrancelha dela me deixa aflita, mas o sorriso me acalma.

— Ele te falou sobre o clube?

Torço para que essa conversa não me traga problemas com ele ou lhe dê a ideia de que estou invadindo sua privacidade. Contudo, tenho vontade de saber mais sobre o tal clube e, principalmente, sobre as cordas.

— Comentou algo... — Rio sem jeito, achando-me uma mexeriqueira. — Eu fiquei curiosa, mas esquece...

— Por que devo esquecer? Sobre o que você ficou curiosa?

Sinto minha face arder, e minhas pernas tremem debaixo da mesa, pois estou nervosa com a conversa e com medo do que ela possa me contar.

— É um clube de sexo e... bem, eu nunca estive em um, mas li alguns romances onde eles apareciam.

Sâmela gargalha.

— Mariana, esqueça o que você leu nos livros. Geralmente quem escreve sobre esses lugares nunca pisou em um clube de sexo. — Ela respira fundo. — É um local de encontros entre pessoas adultas com interesses mútuos em realizar fantasias, tudo de forma consensual e com alguma segurança e privacidade.

— Entendi... — Sugo o lábio, nervosa, achando-me tão inexperiente e insegura, sem saber se serei suficiente para Millos do jeito que sou, mas sem condições de entender do que ele gosta, já que pareceu achar que eu não saberia lidar com esse seu lado. — Acho que não tenho experiência suficiente para um lugar assim.

O comentário a faz franzir a testa.

— Por quê? Por causa da sua idade? — Ela ri. — Como você pode afirmar isso se nunca esteve em um clube?

Fico sem graça, apenas balanço os ombros, sem saber o que dizer. *Devo contar a ela que temo não ser suficiente para Millos?* Suspiro, querendo me abrir, mas sem saber como fazer sem parecer uma menina pedindo conselhos.

Sâmela ri de repente e balança a cabeça.

— Por que você não aproveita sua curiosidade e vai com Millos?

— Ele... — Pego o café, tentando desbloquear minha garganta para confessar o motivo de toda essa conversa. — Ele disse que eu não estou pronta.

Sâmela fica séria, e sua cara de espanto demonstra que não esperava essa resposta.

— Millos disse isso? — Não respondo, tensa com sua reação. — Como ele pode dizer algo assim? Quem tem que saber se está pronta ou não é você!

— Mas eu não sei...

Ela ergue a sobrancelha, dá um sorriso diferente e diz:

— Você só saberá se for.

Dou de ombros, lembrando-me da conversa com Millos e de que ele me disse que eu tinha que ir devagar.

— Ele não vai me levar.

Sâmela gargalha.

— E quem disse que você precisa dele para ir?

Arregalo os olhos.

— Eu jamais teria coragem de ir a um lugar desse sozinha.

— E nem conseguiria ir. — Estranho a resposta, mas ela esclarece: — A entrada no clube só é autorizada para sócios ou para convidados de sócios. — Suspiro mais uma vez, entendendo que não conhecerei o tal lugar tão cedo. — Mas, para sua sorte, eu sou sócia *premium* e ainda não utilizei meu convite.

Minha respiração falha ao ouvir isso.

— Você me levaria?

Ela pisca.

— Não. Eu *vou* te levar!

Estremeço entre excitada e temerosa.

— Como?

— Vamos combinar uma data. — Sâmela pede a conta e depois diz baixinho para mim: — Mas isso será um segredo nosso.

Meu coração dispara, e reflito se terei coragem de ir sem que Millos saiba.

É a sua vida, Mariana, é você quem decide!, minha consciência, já liberta da opressão que sofria antes, quando tinha que pedir autorização para tudo o que eu fazia ao meu irmão, aconselha-me, e me encho de coragem para aceitar a proposta de Sâmela.

— Pode deixar comigo!

Sâmela sorri maliciosamente e diz:

— Perfeito!

53

I'm the man in the box
buried in my shit
won't you come and save me
save me.[90]

Paro o carro no local que meu GPS indica de acordo com o endereço que recebi por mensagem. Estranho o lugar, um prédio de salas comerciais no Centro da cidade. Confiro as horas e espero, tentando perceber a movimentação na rua, na portaria do prédio, pois cheguei bem antes do combinado.

Não esperava sair da Karamanlis hoje, mesmo porque tinha bastante trabalho a fazer, já que Wilka esteve em seu departamento, depois de quase dois meses afastada, e já descartou várias áreas que estavam sendo cogitadas por sua equipe.

Sorrio ao pensar na sorte que temos em tê-la à frente da gerência, afinal, a mulher tem verdadeiro olhar de lince e consegue ver pequenos detalhes e projetar complicações ou soluções sem precisar de muito tempo para processá-las.

Organizada, objetiva, ela fez em uma manhã o que todos estávamos há semanas tentando fazer. Agora, já com todas as áreas problemáticas excluídas da nossa análise, penso que estamos mais perto de concluir o projeto para a siderúrgica e, assim, manter o cliente.

Nós dois conversamos bastante, porque, como eu previa, Kostas não segredou sobre o vazamento de dentro da Karamanlis, e ela estava tão decidida quanto eu a denunciar a pessoa. Disse a mesma coisa que falei ao seu futuro marido antes, que precisávamos da prova concreta para não termos nenhum problema na demissão e responsabilização da funcionária, porém, diferentemente de Kostas, Wilka queria saber o nome da pessoa supostamente envolvida.

— Acho melhor não...

— Millos, nós estamos prosseguindo com o projeto, e, se essa pessoa nos sabotou uma vez, poderá muito bem voltar a fazer isso.

Sorri cheio de maldade.

— É exatamente o que esperamos que ela faça.

Wilka se assustou, confusa com o que eu disse.

— Se a pessoa voltar a retirar informações confidenciais da empresa, nem precisaremos esperar pelas provas prometidas pela funcionária demitida pela Dedalus. — Wilka sorriu, entendendo aonde eu queria chegar. — No momento, não temos como agir contra o espião, mas já sabemos quem é e estamos monitorando tudo, não se preocupe.

Assim, mais calma, ela se despediu de mim e voltou para sua casa, onde havia horas eu tinha deixado Kostas. Não pude me impedir de sorrir feito um bobo ao pensar na grata surpresa que ela teria dali a alguns dias.

Almocei no refeitório da empresa, conversei com o diretor financeiro e tive uma reunião com o gerente da parte de administração de condomínios da Karamanlis. Estava finalmente voltando ao projeto da Ethernium, indo conversar com Alexios na K-Eng, quando recebi uma mensagem de Chicão.

“Precisamos conversar.”

Estranhei, pois era sempre eu quem marcava os encontros, ele sempre pareceu me evitar ao máximo.

“Concordo. No mesmo bar?”

Ele digitou uma resposta no mesmo instante.

“Não. Vou te passar o endereço. Espero-o lá daqui a uma hora.”

Um sinal de alerta se ativou em mim, afinal, nunca funcionamos daquela forma. Chicão estava agindo como nunca agira antes, e sua improvisação em marcar um encontro em local diverso e com horário determinado sem ao menos saber se eu poderia ir me deixou curioso.

Alguma coisa estava acontecendo!

Foi por isso que não esperei pelo horário marcado e, assim que ele me mandou o endereço, parti para encontrá-lo, mas, aparentemente, ele já deveria estar me aguardando dentro da sala comercial, pois não o vejo chegar ao prédio.

Deixo os pensamentos de lado e sigo para o local do encontro, passando antes pela recepção e olhando a placa com a identificação de cada tipo de negócio em funcionamento aqui.

O número da sala dele está registrado como sendo uma empresa de consultoria, porém noto que as demais salas do andar não estão com nenhum tipo de sinalização, o que dá a entender que estão desocupadas.

Subo até o sétimo andar pelo elevador e caminho pelo corredor escuro até o número que ele me deu. A porta está fechada, mas não há nenhuma identificação. Bato na madeira pintada de branco, e, instantes depois, ele me atende.

— Pontual como sempre. — Abre a porta, e percebo que a sala de consultoria não tem nada além de uma mesa e uma cadeira um tanto velha. — Preciso do seu telefone.

Arregalo os olhos, sem entender, e nego.

— O que significa tudo isso? — Olho ao redor, desconfiado, meu corpo já ligado em autodefesa. — O que você pretende me chamando aqui, Chicão?

Ele ri.

— Você queria que eu revelasse a você os segredos da mãe de Alexios, não é? — Chicão estende a mão. — Entregue seu telefone, e ela mesma se revelará.

Olho-o desconfiado.

— E por que devo entregar meu aparelho? O que vocês pretendem?

— Nada, é só uma garantia de que você não a filmará ou gravará a conversa. — Ele se aproxima de mim. — Você é esperto, Millos, não posso me dar ao luxo de subestimá-lo.

Pego o aparelho, mostro-o para ele e o desligo, sem entregá-lo, porém.

— Isso satisfaz você?

Chicão não me responde, pois anda até uma porta ao fundo da sala.

— O telefone está desligado — comenta com alguém.

Sinto uma fina gota de suor escorrer pelas minhas costas, mesmo a sala não estando quente. Sei do risco que estou correndo aqui, neste local clandestino, para conhecer alguém que, há meses, venho pressionando para se

revelar.

Os segundos que demoram para que, quem quer que esteja do outro lado daquela porta apareça me fazem pensar no pior. *E se for uma armadilha, e eu acabar morrendo aqui?*, penso, e imediatamente a imagem de Mariana vem à minha cabeça, e um aperto no meu peito me faz racionalizar a loucura que foi eu ter vindo sem avisar a ninguém.

Rapidamente tento achar uma forma de sair desta sala, buscando uma rota de fuga e qualquer coisa que possa usar para defender minha vida e...

Meus pensamentos se congelam quando vejo uma mulher surgir em meu campo de visão. Franzo a testa, e meu coração, antes aflito, agora parece parar de bater. Dou um passo para trás e pisco tantas vezes que temo ter um ataque nervoso e surtar.

A solitária gota de suor que escorria pelas minhas costas se torna irrelevante diante do tremor que me sacode todo e da dificuldade em engolir minha própria saliva.

Tento entender o que meus olhos já confirmaram, porém meu cérebro não processa a informação.

Não é possível!

Olho-a detalhadamente, analisando todos os seus traços, que, de alguma forma, sempre me pareceram conhecidos, imaginando como nunca fiz a ligação que, agora, me parece tão óbvia.

Madeline me olha sem nenhuma expressão, apenas seus olhos demonstram alguma emoção, pois noto a umidade que tenta fazer não cair em forma de lágrimas.

Um frio me faz arrepiar, um mau presságio por trás de todo esse mistério sobre sua identidade e, claro, pela maneira com que se infiltrou em minha família.

— Quem é você? — resolvo perguntar o óbvio, negando o que meus olhos veem, pois pretendo ouvi-la admitir sua verdadeira identidade.

— Madeline Bürki Karamanlis — responde sem vacilar, como se houvesse treinado esse nome tantas e tantas vezes que dá a impressão de que sempre se chamou assim. — Nós já nos conhecemos, Millos.

Rio, achando ridícula toda a situação.

— Não, nós não nos conhecemos de verdade. — Aproximo-me dela e, pelo canto dos olhos, noto Chicão fazer o mesmo. — O que pretende, *Leila*?

Embora ela não se mexa ou demonstre qualquer emoção por eu a chamar pelo seu verdadeiro nome, vejo sua pálpebra esquerda pular em um pequeno espasmo. O movimento é sutil, mas demonstra que não está tão impassível quanto quer aparentar.

— Leila morreu há muitos anos — afirma com convicção.

Volto a rir, o som amargurado e incrédulo.

— Como Nikkós não a reconheceu? Alexios tem muito de você!

Ela sorri, seca, sem nenhuma alegria.

— As pessoas só enxergam aquilo que querem ver. Acha que ele *via* Leila antes? — Nega com a cabeça. — Ela era apenas mais uma, um simples pedaço de carne dedicado ao prazer e às vontades dele. Eu, embora não creia que ele me enxergue, não sou um objeto de prazer, apenas um meio para conseguir atingir suas ambições. Não se engane, Millos, Nikkós nunca poderia me ligar a outra mulher por minha aparência, isso não importa para ele.

Reconheço que ela não está errada, pois, depois que descobri do que meu tio era capaz, não me surpreende nada que seja tão arrogante a ponto de não notar o que eu mesmo notei, ainda que não tivesse condições de entender a semelhança.

— Por que resolveu se revelar a mim? — questiono e olho para Chicão. — O que vocês dois pretendem, afinal?

— Nada que prejudique Alexios — ela responde. — Resolvi me mostrar a

você porque, um dia ou outro, você chegaria a mim. — Ela olha de relance para seu cúmplice. — Soube da caderneta e achei uma boa saída para acalmar Alexios em sua busca.

— Você poderia terminá-la ao invés de acalmá-lo, não acha?

— Alexios busca um fantasma, Millos. Saber o nome de sua mãe e sua história vão ajudá-lo a seguir em frente.

Rio, achando-a completamente louca por pensar assim.

— Veio até aqui, abriu mão de seu disfarce para me agradecer?

— Não, vim pedir a você que se afaste.

Gargalho.

— E por que eu faria isso? Ainda mais agora, sabendo que você se infiltrou em minha família, na casa do meu avô, com evidentes segundas intenções.

Ela caminha até a mesa vazia e abre uma gaveta embaixo dela, tirando uma pasta arquivo como uma das muitas que eu mesmo tenho em meu armário no *loft*.

— Aqui estão meus argumentos!

Estremeço e a encaro, tendo certeza de que, seja o que for que ela tem nessa pasta, mudará todo o rumo da história da minha família.

Acabo de contar à Sâmi tudo o que aconteceu há três dias, quando finalmente descobri quem é Leila. Minha amiga tinha viajado no final daquele mesmo dia ao Rio de Janeiro a fim de participar de uma força-tarefa com policiais federais de lá, por isso não consegui contar a ela antes.

— Você tem certeza disso, Millos? — Sâmi me pergunta enquanto

termino de tomar um uísque duplo sem gelo em seu apartamento. — Só não entendo por que ela mostrou tudo isso a você!

— Não sei, mas não confiei em uma só palavra do que me disse. — Sirvo-me de mais uma dose. — Ela disse que vai sair do Brasil por um tempo, provavelmente armará alguma outra armadilha, já que me disse que Nikkós irá até Berna resolver alguma coisa da empresa dela.

Sâmela ri.

— Não vou mentir que, se não fosse por causa de seu primo, eu viraria fã dessa mulher. — Olho-a estarrecido com o que acaba de falar da mulher que pode causar um estrago sem precedentes em minha família. — O quê? Pensa, Millos! Uma adolescente vendida pela própria irmã, que teve um filho com seu estuprador, foi vendida para fora do país e sumiu. Mais de 30 anos depois, ela reaparece, rica, poderosa e casada com o homem que fodeu sua vida! — Suspira. — Digno de novela mexicana, confesso, mas que é uma mulher da porra, ah, isso é!

Balanço a cabeça, sem saber o que fazer para impedir que a sede de vingança de Madeline recaia sobre pessoas que não devem ser magoadas pelas merdas de Nikkós, pessoas essas que ele mesmo machucou no passado e que não merecem reviver essas feridas.

Não agora, porra! Tenho vontade de socar alguém, puto por pensar que, se Madeline cumprir suas ameaças, toda a podridão de Nikkós se tornará pública e acabará respingando em meus primos.

— Não posso permitir que ela me manipule dessa forma. — A indignação se torna evidente pelo tom da minha voz.

— O que você pretende fazer, Millos?

Encaro minha amiga, que sempre me apoiou por anos e anos.

— Acabar com o disfarce dela.

Sâmi se levanta e nega com a cabeça.

— Vai contar a Alexios? — Ela tira a bebida da minha mão e se senta na banqueta perto de mim. — Pense bem, Millos, não sabemos o que Leila fez para obter todas as informações que tem, e ela pode ter mostrado a você apenas a ponta do iceberg.

— Ela conta que eu não irei revelar sua identidade a Alexios e que concordo com o que está fazendo, mas, por mais que eu queira ver Nikkós se foder, preciso preservar meus primos.

— Eu sei. — Ela bufa. — Mas revelar a identidade dela a seu primo só irá adiantar ainda mais as coisas e fazê-la agir precipitadamente, o que, a meu ver, é bem pior.

— Sâmi, eu nunca contei a ele simplesmente porque não sabia e, desde que descobri sobre Chicão, venho pressionando o homem, esperando convencê-lo a aproximar mãe e filho. — Rio cheio de amargura. — Sabemos agora que isso não vai acontecer. Madeline tem um propósito, e Alexios não faz parte de seus planos.

— Certo, mas vamos pensar em como fazer com que Alexios saiba para então...

Meu telefone toca, e o número de *pappoús* aparece na tela. Sâmi para de falar para que eu atenda meu avô.

— Millos, tive um péssimo dia hoje. Ainda bem que me atendeu!

Fecho os olhos, tentando desacelerar e conversar com meu avô com paciência.

— O que houve?

Sâmi dá risadas, coisa que sempre faz quando me escuta falar em minha língua nativa, e peço a ela que faça silêncio.

— Resolvi fazer um jantar pouco depois do casamento de Konstantinos. — Suspiro, meio puto com a novidade. — Já sabe do casamento de seu primo, não?

Fecho os olhos e me lembro da felicidade que senti ao ser convidado para padrinho de casamento de Kostas, sem poder imaginar que, naquele mesmo dia, teria de encarar uma situação nada feliz.

— Sim. Mas não entendo a necessidade de um jantar, se já vamos nos reunir para o enlace.

— É simples! O casamento de Kostas não é local para que eu faça meu comunicado. — Arregalo os olhos, coração disparado e boca seca. — Por isso, pretendo convidar a todos para irem até minha nova casa, jantarem comigo, e, assim, poder anunciar o que decidi.

— E o que seria isso? — inquiro-lhe, desconfiado.

— Você também saberá durante o jantar!

— Não sei se é uma boa ideia, ainda mais estando seus hóspedes presentes. — Resolvo confirmar que Nikkós não vai estar presente.

Meu avô xinga.

— Eu já havia solucionado esse problema, mas meus planos foram frustrados, por isso estou te ligando.

Sâmi me entrega um copo d'água, talvez percebendo minha falta de paciência e vontade de mandar meu avô e seu jantar para a puta que o pariu!

— O que houve? — pergunto de uma vez, querendo saber o que terei de fazer em prol da *festa* dele.

— Nikkós vai viajar, e Madeline iria ficar aqui em São Paulo comigo e me ajudaria a organizar o jantar, afinal, não tenho uma governanta ainda, somente o serviço bruto, contudo, fui avisado hoje de que ela precisará ir com o marido. — *Sim, eu já estava sabendo disso!*, penso irritado. — Preciso de sua ajuda para organizar o jantar.

Rio.

— Não sou a pessoa qualificada para isso. — Imediatamente a imagem de Kyra me vem à cabeça. — Sua neta é a pessoa certa.

Ele bufa, e finalmente entendo para que ele precisa de ajuda.

— Falei com ela ontem sobre a festa, e me disse que não irá comparecer.

Óbvio que não!

Kyra nunca aceitaria estar no mesmo ambiente que Nikkós, pelo menos não se puder evitar.

— Disse a ela que Nikkós não estaria presente? — arrisco a pergunta.

— Por que diria isso?

Respiro fundo, irritado.

— Deixe comigo, conversarei com ela e contratarei os serviços de sua empresa para a realização do jantar, então prepare seu bolso, *pappoús*.

O velho Geórgios gargalha.

— E quando foi que fechei os bolsos para ela? Consiga que ela venha e... — ele fica mudo um tempo e, quando volta a falar, sua voz soa baixa e cansada, denunciando seus 90 anos de idade — tente convencer Alexios a vir.

Uma difícil missão!, reflito assim que me despeço de meu avô e encerro a ligação.

— Eles já vão sair do país?

Sâmi, que provavelmente conseguiu ouvir a conversa, pergunta, e assinto.

— Já, mesmo porque não foram convidados para o casamento de Kostas, como já era de se esperar.

— E o que você vai fazer em relação a Alexios? Vai mesmo contar a ele?

Nego, uma ideia brilhante passando pela minha cabeça.

— Lembra-se daquela mulher que Chicão contratou para ir atrás de Alexios e dar a pista do casarão?

Sâmela ri.

— Claro que sim, velha conhecida nossa, trabalhou com Linete no bordel e nos deu informações valiosas sobre quem eram seus parceiros naquela época. O que você quer com ela?

— Nada muito complicado. Alexios é pintor e, como bom artista, tem memória fotográfica para rostos de pessoas. — Sâmi ergue a sobrancelha. — Preciso que Alexios descubra sobre Chicão.

— Como?

— Deixe os detalhes comigo, apenas consiga que aquela mulher marque um encontro com Chicão no local que eu apontar. — Sâmi assente. — O resto, vamos deixar que aconteça naturalmente.

Abro o *app* de mensagem e comunico a Alexios a festa de *pappoús,* ciente de que, claro, meu primo irá refutar por pensar que seu pai estará presente. Assim que receber a negativa de meu primo, vou convidá-lo para tomar um chope e conversar comigo em um bar perto de um certo prédio, onde mora um homem que sempre lhe disse não ter paradeiro.

— Você está tão tenso e com o semblante tão carregado que me assusta.

Rio, negando.

— Não, apenas preocupado. — Movo o pescoço de um lado para o outro, percebendo que ela tem razão sobre minha tenção. — Os dias não têm sido fáceis desde que voltei de viagem.

— Ah... viagem. — Ela ri maliciosa. — E como vai Mariana? Eu a vi na segunda-feira, e ela parecia...

— Sâmi, não vamos falar disso — corto-a antes que comece a falar sobre mim e Mariana, mesmo porque esse também é um assunto que está contribuindo para me deixar tão tenso. — O que você conversou com ela?

Sâmi franze a testa.

— Mariana não te contou?

Porra!, penso puto e volto a sentir o aperto estranho no peito que me incomoda desde a manhã em que Mariana saiu do meu apartamento com Kyra.

Dou de ombros, sem querer responder, pois não tenho certeza do que está acontecendo, embora faça uma ideia. A verdade é que Mariana e eu não nos vemos desde aquela manhã interrompida pela chegada de meus primos.

Não sei bem o que houve, mas todos esses dias em que tentei vê-la, ela me dizia que estava ocupada com o trabalho, com o curso e com as aulas teóricas da autoescola na qual se matriculou. Entendi em um primeiro momento, afinal, eu mesmo tenho uma rotina apertada, mas depois comecei a pensar se algo que eu fiz na segunda-feira de manhã possa tê-la chateado.

Foi ela quem disse que iria de carona com Kyra!, raciocino, tentando achar meu erro, porque certamente cometi algum.

— Ela tem andado ocupada reconstruindo sua vida. — Dou uma grande golada na água para aliviar um pouco a pressão que sinto na garganta e volto a estalar meu pescoço.

Sâmi coloca as mãos nos meus ombros, posicionada atrás de mim como se fosse me fazer uma massagem, porém, em vez disso, faz-me um convite:

— Acho que você precisa voltar ao clube um pouco.

Nego imediatamente, meu corpo repelindo a ideia de estar com outra mulher que não Mariana. *Ainda não estou completamente saciado!*, penso, ressaltando a mim mesmo que estou descobrindo outra maneira de seguir com minha vida.

— Por que não leva Mariana contigo? — Sâmi sugere, e me coloco de pé, tirando suas mãos de mim. — Amanhã teremos uma reunião especial por lá.

— Não — respondo seco e vou em busca do meu casaco.

— Por que não? Você mesmo disse que ela está em uma rotina corrida, então conhecer algo diferente será bom para...

— Não — contesto-a mais alto do que pretendia. — Não quero misturar as coisas.

Sâmi ergue uma sobrancelha.

— Que coisas? Mariana e o clube? Por que não?

— Nós combinamos que não iríamos falar sobre esse assunto, lembra-se? Então boa noite.

Escuto-a bufar.

— Millos, faz parte de qualquer construção de relacionamento, um compartilhar seus gostos com o outro. Olhe o exemplo de Daniel!

Estremeço só em pensar que Mariana possa me afastar de si por causa do que faço no clube. O medo de que ela se assuste e de sua rejeição é maior do que meu tesão em vê-la com meus nós.

— É diferente — argumento. — Bom divertimento amanhã.

Despeço-me dela e fecho a porta de seu apartamento, pegando o celular para fazer uma ligação.

Sem desculpas essa noite! Ligo para Mariana. *Eu irei vê-la nem que seja apenas para desejar-lhe bons sonhos!*

54

Whispered something in your ear
It was a perverted thing to say
But I said it anyway
Made you smile & look away
Nothing's gonna hurt you baby
As long as you're with me you'll be just fine.[91]

Mantenha a calma!

Desço do carro e, para não sair correndo, começo a contar meus passos, o celular apertado em minha mão, quase esmagado, nervoso desde a hora em que mandei mensagem para Mariana convidando-a para sair e recebi outra negativa.

Parece exagerado, talvez eu esteja mesmo surtando, afinal, ela é e sempre será livre para me dizer quando não quiser me ver, mas não foi isso o que me enlouqueceu.

Desde ontem, quando saí do apartamento de Sâmi disposto a encontrar-me com Mariana, tenho me sentido a ponto de explodir.

Primeiro, porque ela não visualizou minha mensagem nem atendeu minha

ligação até eu chegar ao seu prédio, apertar o maldito interfone até ficar com o dedo amassado e descobrir que não estava em casa.

Fiquei dentro do carro, parado em frente ao prédio, temendo que Mariana estivesse em casa e se recusando a me atender. Então, para meu alívio, ela escreveu para mim e me avisou que estava na casa de Kyra.

Fui até lá e estava uma pilha de nervos quando a vi. Mariana sorriu para mim, e eu a abracei tão apertado que tremia.

— O que houve?

— Nada. — Tentei não demonstrar que eu tinha quase surtado de insegurança, algo que pensei que não sentiria nunca mais em minha vida. — Eu toquei no seu apartamento...

— Desculpa a demorar em te responder, mas Kyra e eu estávamos...

Beijei-a, interrompendo suas palavras, sem conseguir ficar um só segundo a mais sem ter contato com seu corpo. *Eu estava tendo crise de abstinência!* Minha cabeça estava zonza, e meu coração não conseguia mais acertar o ritmo das batidas.

— Eu senti sua falta — confessei.

Mariana sorriu, olhos brilhantes e face corada.

— Eu também.

Acariciei seu rosto e ouvi um pigarrear vindo de dentro do apartamento.

— Vocês vão ficar de agarramento aí no corredor?

Mariana riu sem jeito, e quase mandei Kyra se foder e tomar conta de sua própria vida.

— Vai dormir aí? — perguntei, esperançoso por uma resposta negativa.

— Vou, pois amanhã bem cedo, Kyra e eu vamos visitar um fornecedor no interior. — Ela olhou para trás a fim de confirmar que minha prima já não

estava presente e sussurrou: — Estou com saudades de dormir com você.

Sorri mais aliviado.

— Só dormir? — Abracei-a pela cintura, apoiei minha mão em sua lombar e a trouxe de encontro ao meu corpo para sentir como eu já estava excitado apenas por estarmos perto um do outro. Mordisquei o lóbulo de sua orelha direita e propus: — Trago-a de volta junto aos primeiros raios de sol para se encontrar com Kyra e irem até o fornecedor.

Mariana gemeu lamentosa.

— Queria muito, mas ainda estou terminando a planilha para levarmos. — Suspirou. — Helena teve um probleminha em casa e não foi trabalhar hoje, então essas coisas acumularam.

Fiz um lamentável barulho de frustração, mas tentei sorrir e entender que ela estava trabalhando, assim como eu mesmo estive durante muitas noites em que ela dormiu só.

— Tudo bem, fico feliz que esteja gostando de fazer o seu trabalho. — Ela assentiu. — Eu... queria pedir desculpas pela confusão de segunda-feira de manhã.

Mariana transpareceu que não estava esperando isso, e o sorriso sumiu.

— Foi estranho, mas acho que é normal, afinal, combinamos que iríamos descobrir juntos e...

Franzi a testa.

— Do que você está falando?

Ela me olhou curiosa.

— Da sua falta de reação quando seu primo chegou e eu estava lá. — Riu nervosa. — Pelo que você estava se desculpando?

Minha falta de reação?!, puxei pela memória o que fiz quando Kostas entrou e... nada! Mariana ficou lá, na bancada da cozinha, sorrindo

constrangida e... *Merda! Eu nem ao menos os apresentei!* Estava tão perdido, pois nunca havia tido situação semelhante, que fiquei petrificado.

Os homens de nossa família ficam estúpidos quando apaixonados... Não seja estúpido! As palavras de Kostas me atingiram com força, e fiz uma careta.

— Por tudo — respondi ao questionamento de Mariana. — Eu agi feito um idiota naquela manhã.

Ela deu de ombros.

— Você não é obrigado a me apresentar a ninguém.

— Não sou — concordei. — Mas não foi o caso, Mariana. Eu gostaria de tê-la apresentado ao Kostas, mas fiquei perdido, sem saber o que fazer. — Mariana suspirou, e acariciei seu rosto mais uma vez, olhando dentro de seus olhos. — Não sou obrigado a apresentá-la, mas quero fazer isso. Eu não tive a intenção de ocultar você, apenas não sei como agir dentro de um *relacionamento*.

Ela concordou, uma sombra de um sorriso brincando em seus lábios.

— Temos um, então?

Gargalhei, sem acreditar que ela queria me fazer falar com todas as palavras.

— Parece que sim, Mariana. — Abracei-a bem apertado, contando que ela podia sentir a turbulência em meu peito, causada por essa admissão. — Temos um relacionamento.

Depois disso nos beijamos mais algumas vezes – *como em um namoro casto e comportado* –, e fui embora sozinho, deixando-a para trabalhar com Kyra.

Trabalhei hoje ansioso para o final do dia. Tinha certeza de que iríamos nos ver para fazer algum programa e acabar a noite trepando até cairmos de exaustão.

Ledo engano!

Mandei uma mensagem propondo outra ida ao cinema e depois um jantar em um dos melhores restaurantes da cidade, e ela me disse que havia saído com Sâmela.

Tremi ao ler a mensagem e quase não consegui digitar.

“Onde vocês estão?”

Mariana digitou rápido, mas eu estava tão nervoso que pareceu milênios!

“Vim conhecer o clube que ela frequenta, e estamos no bar, tomando um drinque. Que lugar!”

Quase tive uma apoplexia.

Tinha acabado de sair do banho quando mandei mensagem para Mariana, e mal me concentrei na roupa que vestia, apenas a enfiei sobre meu corpo, peguei minha credencial de sócio e dirigi como um louco até aqui.

Respiro fundo, tomando ar, antes de passar pela recepção, impaciente com toda a burocracia da casa.

— Quer que reservemos uma sala?

— Não — respondo seco, pego minha máscara e entro, como um anjo destruidor, no salão. Passo os olhos em todos os cantos, ignorando os jogos que já estão acontecendo no salão. Desvio-me de duas mulheres que vêm em minha direção, procuro Mariana e praticamente corro até onde Daniel está.

— Viu Sâmi?

Ele gargalha.

— Boa noite. Não, não vi. — Cruza os braços. — Não temos nada programado para hoje, vamos variar. — Enruga a testa ao me encarar. — O que aconteceu?

— Nada.

Afasto-me dele e sigo caminhando e olhando entre as pessoas acumuladas ao balcão do bar, porém não avisto nem Mariana nem Sâmela.

— Olá! — a administradora da casa me cumprimenta. — Algo errado com sua máscara? — Não entendo a pergunta, então ela ri. — Está de cabeça para baixo, é melhor arrumá-la antes que caia.

Dou risada feito um louco, percebendo o quão pirado estou. *Coloquei a porra da máscara ao contrário e nem me dei conta!* Posso entender agora o motivo do espanto na cara de Daniel Schneider, mas o filho da puta não foi capaz nem de me avisar.

Sigo em direção ao banheiro, pois não vou arrumar a máscara na frente de todos, porque precisaria tirá-la, mas, antes que alcance o corredor que dá acesso aos toilettes, avisto Sâmela sentada em uma poltrona, com uma roupa comportada, peruca azul e a máscara tradicional do clube em seu rosto.

Cadê Mariana?

— Ah, até que enfim! — Ela sorri, descruza as pernas e se levanta. — Achei que não ia chegar nunca!

Sinto meu sangue borbulhar, e uma mistura de raiva e decepção me consome. Controlo meu gênio, disposto a não dizer nada a ela neste momento, pois teremos tempo para conversar depois sobre o que fez.

— Onde ela está?

Sâmi sorri, percebendo meu estado de espírito.

— Bom... se você estiver se referindo à Mariana, ela está aqui.

Tento não me concentrar nas imagens que meu cérebro traidor cria, onde

Mariana está, em uma das salas do clube, experimentando coisas novas com pessoas novas.

— Que loucura é essa, Sâmi? Você enlouqueceu?

— Não. Mariana estava curiosa, e eu ainda tinha um convite para usar, então a trouxe. — Ela ergue um cartão magnético, e prendo o fôlego. — De nada, viu? Foi uma trabalheira conseguir tudo a tempo!

Pega minha mão, coloca o cartão e sai de perto, indo na direção da saída. Leio o número da sala, geralmente usada por visitantes convidados por sócios, um privilégio que poucos têm de trazer alguém que não seja seu parceiro sexual.

Marcho até o segundo andar para uma sala onde nunca estive e respiro fundo quando abro a porta usando o cartão-chave, que cai no chão assim que minhas pupilas se adaptam à luz do ambiente.

Mariana está de pé no centro do chão acolchoado, descalça e vestida somente com o conjunto que comprei para ela em Carrancas.

— Achei que você não vinha. — Sorri nervosa, torcendo as mãos.

Toda a raiva se esvai, tudo se concentra nela, em como está linda, desde a máscara branca – de visitante – em seu rosto até as finas cordinhas que enfeitam as laterais da calcinha e a frente de seu sutiã.

— Por que você está aqui? — questiono.

Ela suga o lábio, e imediatamente meu pau reage.

— Eu quero descobrir todas as coisas com você, Millos, e isso... — indica a sala com um gesto — é uma parte sua que ainda não descobri.

Estremeço, sem conseguir me mover, a porta fechada às minhas costas, meu corpo clamando para se aproximar do dela.

— E se não gostar?

Mariana sorri.

— E se eu gostar? Vê? Só saberemos quando o fizermos.

Ela dá dois passos em minha direção, mas depois para.

— O que eu devo fazer? — Percebo que ela mal respira, esperando minha resposta, então, quando solta o ar, abaixa o olhar. — Vou me trocar para irmos embo...

— Sente-se sobre seus calcanhares, logo abaixo das argolas.

Mariana faz o que peço, mas percebo que está um tanto nervosa com tudo o que iremos fazer. Sim, porque não há mais possibilidade alguma de eu sair desta sala sem que a tenha completamente atada e saciada.

Retiro meus sapatos, coloco-os num canto e caminho apenas usando as meias em volta do tatame acolchoado no qual ela está sentada. Mariana está curiosa, e sinto seus olhos seguirem cada movimento meu.

Estou nervoso também, não nego. A sensação é a mesma de quando pratiquei com minha primeira modelo, ainda sob supervisão do *nawashi*[92] com quem aprendi a técnica há alguns anos.

Vou até onde vejo uma mala como as que tenho e confiro o que Sâmi separou para meu uso. As cordas são novas e, diferentemente das que tenho, coloridas. Reconheço o padrão e a qualidade da fibra natural do mesmo importador com o qual compro as minhas.

Sâmi se esmerou!, penso ao perceber que as cordas já foram preparadas e enroladas de acordo com o meu gosto, um claro sinal de que Yoshiro foi cúmplice de minha amiga nessa pequena armação. Respiro fundo, ainda um pouco aborrecido por ela ter trazido Mariana até aqui pelas minhas costas.

Apenas um pouco!, devo admitir a mim mesmo, conferindo os itens de segurança que também vieram.

— Millos? — Mariana me chama, e eu a olho. — Tudo bem?

Assinto sem olhá-la ainda, tentando me conter para dar a ela a melhor experiência com o *shibari*, feito sem pressa, da maneira que aprendi quando

comecei, uma verdadeira conexão entre mim, as cordas e ela.

No meu celular, ligo uma playlist calma – como as músicas das quais ela gosta – de instrumentais japoneses apenas para que possamos entrar no clima. Tiro minha calça, as meias e, quando começo a ir em sua direção com dois jogos de cordas, percebo que ainda visto a camisa.

Isso realmente nunca me incomodou, pelo contrário! Sempre joguei com modelos usando camisa, até mesmo na hora de trepar. *Não com Mariana!*, admito para mim mesmo a mudança e retiro a peça, ficando apenas com a cueca boxer.

— O que eu devo fazer? — Mariana volta a me perguntar quando me vê com uma corda preta e outra dourada nas mãos.

— Sentir — respondo assim que me sento atrás dela. — Apenas sentir e se entregar. — Ela geme quando afasto seus cabelos – soltos – de sua nuca. — E me dizer caso algo a incomode. Quero que saiba que, no momento em que se tornar desconfortável ou que você não quiser seguir, iremos parar. — Beijo sua nuca, apenas um leve esfregar dos meus lábios sobre sua pele cheirosa. — O que eu quero aqui, neste *dojo*, não é relevante. O seu prazer é o meu prazer, entendeu?

— S-sim...

Esfrego a barba por sua coluna cervical, descendo lentamente e assisto à maravilhosa transformação de sua pele, antes tão lisa, agora toda eriçada.

— Você ficou linda nessa lingerie — confesso enquanto preparo as duas cordas, dobrando-as no meio perfeitamente, deixando suas pontas simétricas. — Ainda mais linda do que a imaginei quando comprei o conjunto.

— Eu quase não o usei — Mariana geme ao afirmar, pois volto a subir por sua coluna, porém com a língua. — Sâmi me deu um... *yukata*[93] de presente.

Sorrio, coração tamborilando, ao ouvi-la tentar falar as palavras em japonês. Eu adoraria tê-la visto em um *yukata*, mas não teria o mesmo

significado que tem o conjunto que usa agora. É uma peça especial para mim, pois comprei para ela, mesmo achando que nunca estaria em seu corpo, muito menos que eu pudesse vê-la vestindo-a.

— Eu preferi usar o presente que me deu — continua a explicar. — Fiz mal?

Levanto-me um pouco, colo meu corpo ao seu e a faça virar-se para trás a fim de me olhar.

— Não. Aqui o que importa é o que te faz bem, sempre.

Ela sorri, e beijo sua bochecha, arrastando minha língua até sua orelha, criando um rastro de umidade e calor.

Jogo o meio da corda preta sobre seu colo, pegando-a pelo lado contrário, segurando-a firme contra sua cintura. Praticamente a amarro a mim quando coloco meus braços atrás de meu corpo e a puxo firme. Mariana geme, e não consigo deixar meus lábios longe de sua pele, beijando seu ombro e o braço direito.

Solto a corda, mas a deixo caída em seu colo, e acaricio seus braços, apertando-a de leve, mordiscando sua orelha, enlouquecido já com o prazer que estou sentindo por tê-la aqui, por poder mostrar a ela uma parte do meu prazer.

Minhas mãos se entrelaçam nas suas, e, aproveitando esse movimento, elevo seus braços até a altura dos seu peitos e os cruzo. Mariana entende que é assim que quero que fique, na posição conhecida como *Jiai*, ou amor próprio, pois parece que ela mesma está se abraçando.

Pego a corda novamente e a passo logo abaixo de seus ombros, certificando-me de que não está passando por nenhuma articulação para não a machucar. Dou duas voltas e exerço pressão, apertando-a de forma a causar pequenos sulcos em seus braços, e faço um nó simples, apenas para mantê-la no local.

Acaricio suas coxas, a boca se movendo perto de onde passam as cordas, minha barba arranhando a pele sensível enquanto ela geme. Beijo seu

pescoço, sentindo a deliciosa pulsação de seu coração, o sangue correndo mais rápido, a pele excitada com os pelos loiros todos levantados.

Dobro levemente os dedos das mãos, e minhas unhas percorrem suas coxas fazendo finas linhas avermelhadas até próximo à virilha, onde mergulho para sentir a quentura que irradia de sua boceta, ainda tampada pela calcinha.

— Quero saber o que você sente — peço, contrariando meu jeito de jogar com as cordas, onde o silêncio é imperioso para selar o clima.

— Tesão. — Mariana é crua com sua descrição, objetiva, mas o som de sua voz denota que ela já está entregue à deliciosa sedução das cordas. — Eu quero você, Millos.

— Você me tem.

Subo por seu corpo, alisando-o. Mãos cheias, abertas, pressionam sua carne macia, passam pelos braços cruzados, percorrem o caminho feito pelas cordas, e desfaço o nó, deixando-as cair novamente.

Abro o fecho do sutiã de Mariana e, ao olhar suas costas completamente nuas, beijo-as, sentindo os relevos de suas vértebras uma a uma até chegar ao final de sua lombar.

Volto a me aprumar, abaixo os braços dela e enfio minhas mãos por baixo da frente do sutiã, tocando seus peitos cheios, segurando-os com força. As alças da peça íntima se soltam dos ombros, e Mariana a faz cair no chão, deixando-me com total liberdade para excitar seus mamilos.

Ela reclina a cabeça, deitando-a no meu ombro esquerdo, respirando forte, e tenho a deliciosa visão de seus seios em minhas mãos, o contraste entre nossas peles, os biquinhos deliciosos e duros entre meus polegares e indicadores. Pressiono-os, e ela geme. Brinco com eles sem nenhum pudor, sinto Mariana agitar-se, contorcer-se contra mim, os gemidos mais altos, a energia vibrante contagiando todo o ambiente, propagando-se, acertando-nos de forma ímpar.

Gemo com ela, meu pau tensionando o tecido da boxer, esticando-o,

comprimido entre nossos corpos. Já me sinto úmido, pingando de desejo, enlouquecido por ter Mariana em meus braços.

Tiro as cordas de si e percebo que minhas mãos estão trêmulas. Abro a corda dourada o suficiente para colocar a demarcação do meio em sua nuca e jogo as duas pontas para a frente de seu corpo. Ajoelho-me, erguendo-me acima da cabeça de Mariana para poder olhar melhor os nós. Faço o primeiro acima de seus seios, logo após outro abaixo do vale entre eles e, passando os braços por sua cintura, executo um nó sobre seu umbigo antes de fazer o último, pouco acima de sua pélvis.

— Levante-se — ordeno, e ela me atende, porém, mais uma vez, não ajo como de costume. Geralmente me coloco de pé antes e somente depois é que mando a parceira mudar de posição, quando inicio o jogo sentado como agora; com Mariana, no entanto, permaneço onde estou, de joelhos aos seus pés, completamente hipnotizado com a beleza de sua bunda.

Lambo-a descaradamente nas nádegas, passando a língua sobre o pequeno triângulo de veludo que se perde na fenda de sua bunda. Afasto suas pernas para beijar o interior de suas coxas enquanto busco a corda que pendurei em seu pescoço.

Puxa-a devagar, e Mariana se inclina, liberando o acesso que eu pretendia. Chupo-a por sobre a calcinha, sugando forte para retirar do tecido toda a umidade e o sabor de sua excitação. Suas coxas se contraem. Ouço seus gritos de prazer, mas não diminuo a pressão de minha boca sobre sua boceta, desejoso por deixá-la pronta para o orgasmo antes mesmo que eu termine a amarração.

Sigo com a língua a linha de tecido que passa exatamente sobre seu cu e consigo afastá-la sem usar a mão livre. Lambo o pequeno orifício, tateando a entrada apertada, inserindo-me devagar entre suas dobras. Deliro de vontade de afundar-me e sentir toda a tensão de seu cu virgem, mas me contento, por enquanto, em explorá-lo com minha língua, preparando-o para me receber todo um dia.

Estremeço só em pensar nisso, o tesão arrebentando todos os meus freios, incendiando meu corpo e dizimando minha sanidade. Puxo sua calcinha para

baixo, e a pequena peça sedutora cai aos pés dela. Então separo os dois lados da corda, segurando apenas um deles, e me levanto para ficar de frente para Mariana.

Sinto um frenesi intenso ao notar seus olhos nublados de tesão e sua face corada. Uno-me a ela, colando-me contra seu corpo, tomando sua boca com intensidade, procurando sua língua com a minha, bebendo sua saliva e absorvendo seus gemidos. Abaixo-me lentamente, friccionando meu corpo no seu, alcanço a outra parte da corda, que está solta, e a trago para frente.

Olho a perfeição criada pela trama das cordas que passam por sua virilha, apertando e ressaltando a beleza de sua boceta completamente depilada. Arrumo-as para que fiquem exatamente abaixo de suas nádegas, controlando a tensão para não a machucar e as coloco no meio dos nós que fiz entre sua pélvis e umbigo.

Ajo por impulso e beijo seu monte de vênus, a língua tentando alcançar a protuberância de seu clitóris, mas sem ainda querer mergulhar entre os lábios úmidos de seu sexo.

Ainda não! Acalmo-me, tentando voltar ao controle e terminar o *hishi karada* que comecei.

Abro as cordas paralelas fixas pelos nós, criando forma de diamante. Cruzo as pontas nas costas dela e entro no intervalo seguinte, entre seu umbigo e o vale dos seios e, depois de fazer mais um cruzamento em suas costas, crio o último diamante entre seus seios.

Mal consigo respirar, excitado com o deslizar das cordas em minhas mãos e na pele dela. Os lindos seios empinados parecem ainda maiores agora que estão pressionados pelas cordas.

Beijo o vale entre eles, exatamente no meio da forma geométrica. Contorno as cordas com a língua e depois balanço o mamilo direito com a ponta dela. Mariana estremece e, sem saber que deve se manter imóvel, enfia a mão nos meus cabelos, tentando puxá-los.

Meu corpo se rebela, quer mandar toda a preparação, toda a sedução do

shibari pelos ares, ao mesmo tempo em que deseja desesperadamente vê-la inteira em nós.

Chupo o bico rosado com força. O movimento de sucção aliado a pinceladas rápidas com minha língua a aquecem ainda mais. *Mariana ferve, borbulha, se expande!* E eu, exercendo controle sobre ela e sobre mim, sinto-me refém do seu tesão, como se me alimentasse dele.

Seu fogo me incendeia ainda mais, seus gemidos me impulsionam a perseguir urros e gritos de prazer. Necessito vê-la desfalecer de desejo, implorar pelo meu corpo como já suplico pelo dela.

Termino a amarração em suas costas, dando acabamento e fazendo um nó de emergência, caso necessite soltá-la rapidamente.

— Gire para que eu a veja — peço assim que acabo, e rosno, dentes cerrados, contemplando a arte indescritível que ela se tornou. — Algo a incomoda?

Mariana me encara e nega.

Pego a corda preta no chão e volto a me aproximar dela. Beijo seus ombros e acaricio sua boceta por trás, mergulhando meus dedos em sua umidade viscosa.

Junto seus punhos, cotovelos dobrados, em suas costas e os ato em nós elaborados e simétricos até o final dos antebraços. Uno o restante da corda na outra que usei em seu corpo, firmando os pontos de encontro de cada x e sustentando as partes que passam embaixo de suas nádegas e fazem sua bunda ficar ainda mais gostosa.

Nunca havia usado duas cores juntas, e, sinceramente, o resultado estético me deixou satisfeito e combinou bem com os desenhos criados com os nós.

Na mala há ainda alguns jogos extras para o caso de precisar suspendê-la nas argolas. Contudo, decido não os usar. Não quero Mariana longe do meu corpo, isso pode esperar outra oportunidade. Hoje, agora, quero-a comigo, desejo compartilhar com ela todas as sensações que tiver.

— Tudo bem? — checo pela última vez e a faço se ajoelhar novamente.

Preciso ajudá-la, pois, como não tem prática – *ainda* –, não consegue equilibrar-se bem estando imobilizada.

Livro-me da última peça de roupa que me restou e procuro por camisinhas na mala, satisfeito por achar as que prefiro usar. Mudo a música para algo mais agitado, porém sexy, e desligo as luzes de tom frio, deixando apenas as amarelas e vermelhas acesas.

É uma pena Mariana não ter brinquedos, porque hoje nós dois poderíamos experimentar outra coisa nova. Talvez eu tenha sido displicente com ela nesse sentido, mas, como ela não tinha muita experiência, acabei me descuidando do seu prazer individual. Sorrio ao imaginar como ela ficaria se recebesse alguns presentes desse tipo.

Tranço rapidamente uma corda menor, vermelha, e volto para perto de Mariana. Não costumo jogar com os cabelos das parceiras soltos, mas os dela são tão perfeitos que me permiti mais uma exceção. *Na verdade, tudo com ela é fora do comum!* Entretanto, gosto de atar cabelos também.

— Millos... — ela geme meu nome quando paro a sua frente, excitado, pau em riste, corpo tendo pequenos espasmos de prazer apenas por tê-la aqui. Não digo nada nem a repreendo por estar falando, pego seus cabelos, prendendo-os com a corda que trancei, e a amarro em meu próprio punho, segurando-a com a mão.

Tenho o total controle dos movimentos da cabeça de Mariana, e isso faz uma energia sexual poderosa se apossar do meu corpo, e meu pau se contrai tantas vezes que sinto que estou a um passo de um orgasmo intenso.

Com a mão livre, seguro meu membro e o esfrego no rosto de Mariana, vibrando com o contato delicado da cabeça com a pele de sua bochecha, o contorno de seu nariz e a maciez de seus lábios.

— Porra! — uivo quando ela abre a boca e me engole de uma vez.

Vou parar na entrada de sua garganta. Posso sentir o movimento de deglutição, e travo os dentes com o prazer que proporciona. Escapo de sua

boca gulosa e volto a esfregar-me contra seus lábios, molhando-os com meu tesão e sua saliva.

Sou invadido pelo canal da uretra por sua língua quente e depois lambido como um verdadeiro pirulito. Posso ver o brilho nos olhos de Mariana, que me encara enquanto desliza a língua em câmera lenta sobre a cabeça do meu pau.

Ela sabe que me tem nas mãos!, penso satisfeito, consciente de que causamos efeito igual um no outro, porque a tenho sob meu controle também.

Puxo a corda que prende seus cabelos para baixo, e Mariana desce com a língua de fora, resvalando sobre o corpo do meu pênis, até alcançar minhas bolas impacientes.

— Chupa! — exijo, e ela me obedece.

Fecho os olhos para desfrutar da viagem deliciosa que meu corpo faz enquanto Mariana toma, uma após a outra, minhas bolas em sua boca. Ela suga devagar, lambe e...

— Isso!

Puxo mais a corda quando sua língua safada atinge meu períneo, sua saliva escorrendo na direção do meu rabo. Caio de joelhos e ataco sua boca, chupo sua língua, prendendo-a com força, deixando que me foda a garganta como faço com ela.

Solto a corda vermelha, achando a distância muito longa, e enrolo os fios loiros em meus dedos. Já não me sinto no controle de mim mesmo, estou entregue ao tesão, e ele clama por entrar nela, ser parte dela de um jeito irremediável. Desamarro a corda do meu punho e me coloco atrás de Mariana.

Pressiono suas costas para baixo, e ela deita sua cabeça e parte do tronco no tatame. Sua bunda fica empinada na minha direção, a visão perfeita de sua boceta e cu emoldurados pela corda dourada.

Deito-me de costas e entro entre suas pernas, abocanhando tudo, abrindo

minha boca ao extremo para, então, fechá-la, sugando. Enfio a língua toda na boceta quente, entrando e saindo, depois a uso sobre o clitóris tenso e pronto.

Mariana grita e rebola quando meus dedos – dois de uma só vez – a penetram fundo. Sinto os músculos vaginais se dilatarem, os contornos e relevos do canal apertado. Giro, dobro e os faço estocar forte, exigindo ainda mais dela.

O cheiro inebriante de sua boceta parece me enlouquecer, faz-me salivar mais, inchar mais, e me sinto como se concentrasse todo o tesão na ponta do meu pau.

Vou explodir!, é a sensação que tenho ao ouvi-la gozar, encharcando meus dedos, ordenhando-os como se os quisesse ainda mais dentro de si.

Substituo a mão pela boca, saboreando o néctar precioso de seu orgasmo, e meto meu dedo médio empapado em seu cu apertado, que se contrai com a invasão inesperada.

Continuo lambendo e chupando. Mariana rebola em frenesi, meu dedo enfiado em seu rabo, enquanto inunda minha barba com mais um de seus orgasmos molhados.

Não dá mais!, penso ao sair de baixo do corpo dela, procurando como um desesperado o pacote de camisinha, colocando-a como se fosse morrer a qualquer momento.

Até o ato – considerado desagradável para a maioria dos homens – de desenrolar a proteção me causa arrepios, e tento voltar ao controle, respirando fundo e fechando os olhos.

Foda-se!, penso dois segundos depois da frustrada tentativa de meditação, então aproveito que Mariana ainda não se levantou, abro as nádegas dela e me perco em seu interior.

Travo a coluna, incapaz de me mexer, mergulhado até o talo em sua boceta. Tremo como nunca aconteceu antes, quase bato o queixo, e não sinto o mínimo de frio, mas fervo como se estivesse em ebulição. Seguro na corda na base de seu cóccix buscando apoio e me movimento devagar.

— Você me faz perder a cabeça — rosno, saindo e entrando em ritmo cadenciado. — Você vai me enlouquecer, Mariana.

Ela geme e ri.

— Eu já estou louca, Millos. — Abaixa-se ainda mais, e a visão de sua bunda me faz vibrar. — Foda-me, por favor!

O pedido dela, feito em tom de súplica, dispara uma potente descarga de energia em mim, e não penso nem um minuto em refutar seu clamor.

Coloco um pé no chão e me encaixo melhor nos seus quadris. A mão firma a corda, a outra aperta a nádega, e soco com pressão, as estocadas fazendo nós dois balançarmos em ritmo frenético.

— Delícia! — urro e, sem racionalizar, ergo-me um pouco, ficando agachado, estocando ainda mais fundo nela.

A força que me move transcende qualquer explicação lógica, não consigo descrever as sensações que me tomam, o desejo inalcançável de ter algo que nem ao menos sei do que se trata, mas sigo buscando-o, movendo-me à sua procura, esquecendo-me de qualquer coisa que não seja esse tesão filho da puta que parece me afogar.

Resfolego, minhas pernas queimam por causa da posição, e a dor envia estímulos ainda mais prazerosos ao meu corpo. Ouço os gemidos de Mariana, suas palavras ininteligíveis, murmúrios da incontrolável paixão que nos assola.

Quero gozar, explodir dentro dela, esvaziar-me completamente em seu interior e terminar essa desesperadora busca pela satisfação final. Meus músculos se retesam, meu abdômen vira uma pedra, e perco o fôlego, sem saber nem mesmo como respirar.

Tudo se vai, não importa mais o tempo em horas ou dimensões, tudo se mistura, concentra-se em um turbilhão de emoções desconexas que se chocam e fazem sentido.

Mariana grita meu nome, e seu gozo me faz cambalear, atingido, abatido diante da potência de seu prazer. Fecho os olhos, sinto uma lágrima rolar enquanto irrompo no orgasmo insano, quase metafísico, que expurga de mim qualquer sentimento que não o de entrega.

Estou entregue a ela, irremediavelmente entregue!

55

Love is great, love is fine
Out the box, outta line
The affliction of the feeling leaves me wanting more.[94]

Sinto tudo rodar e respiro fundo para tentar controlar minha respiração. As cordas apertam meus braços, dificultam minha mobilidade, e me deito de bruços no chão macio, incapaz de continuar de joelhos depois da explosão de prazer que senti.

Millos desaba em cima de mim, e posso ouvir a aceleração de seu coração, bem como que tenta achar ar assim como eu. *Deus, estou nas nuvens!* Sorrio com o pensamento, sentindo ainda resquícios de prazer pulsando em vários pontos do meu corpo.

Estava tão nervosa com tudo isso, pois sei que foi um risco. Não o *shibari* em si, porque confio em Millos e tinha certeza de que seria seguro ser amarrada por ele, mas ter vindo ao clube da forma que vim.

Recebi o convite de Sâmela logo depois que Kyra e eu voltamos da reunião que tínhamos marcado. Estremeci, fiquei em dúvida se devia realmente ir ou não, e o que me fez decidir foi a lembrança da noite passada,

de Millos ter ido atrás de mim no apartamento da Kyra e dissipado minha insegurança com relação a nós dois.

Nós temos um relacionamento!, ele disse, e sua frase foi fator fundamental para que eu dissesse sim ao convite e ao plano de Sâmela. Se realmente estávamos juntos, eu gostaria de conhecer cada faceta dele, seus gostos e, claro, descobrir se temos afinidades.

Eu tinha medo de não gostar e ter de dizer isso a ele, medo de que isso, de certa forma, nos afastasse e me fizesse sentir não estar à sua altura.

— Ninguém é obrigado a gostar do que o outro gosta — Sâmela me disse no caminho para o clube, quando tive coragem de expor meus receios. — Mas isso também não deve ser capaz de afastar um casal, amigos ou macular qualquer tipo de relacionamento. Somos pessoas diferentes, Mariana, nem sempre temos as mesmas opiniões, só que saber lidar com isso é o essencial para construir relações, aceitar o outro como é e respeitá-lo, ainda que não concorde.

— Eu concordo com isso, mas ainda assim temo.

— É natural! — Ela sorriu. — Você ainda não conhece o que ele faz, não sabe como irá se sentir. O único conselho que posso lhe dar nesse sentido é: seja sincera. Se não gostar, não faça mais e diga a ele por quê. Se achar que é uma primeira impressão ruim, tente a segunda, mas somente por você, não para agradar a ele. — Sâmi deu de ombros. — Sabe quando começamos a sabotar nosso relacionamento com alguém que gostamos? Quando deixamos de ser quem somos para nos encaixar no molde dessa outra pessoa. Perdemos o respeito, e a consequência é não sermos valorizados por isso.

As palavras dela me fizeram refletir no relacionamento de meu irmão com Kátia e perceber que tinha razão. Não era porque eu estava apaixonada por Millos que deixei de existir como pessoa. Eu não era “um casal”, era uma pessoa dentro de um relacionamento a dois.

Foi com esse pensamento que me senti mais forte para fazer o que havíamos planejado.

Sâmi encostou o carro e me passou uma série de recomendações sobre o clube, dizendo o que eu não podia fazer – que era bem pouca coisa – e deixando claro que, se eu tivesse qualquer dúvida, poderia perguntar diretamente a ela.

Fiquei impressionada com o controle das coisas na entrada, fiz meu primeiro teste rápido para HIV – confesso que deu um nervosismo, mesmo sendo infundado – e recebi uma máscara branca.

— Reservei um *dojo* para vocês — Sâmela me informou enquanto estávamos colocando as máscaras. — E te comprei um presente. — Riu. — Um quimono, um *yukata*.

Demonstrei que fiquei confusa com as expressões que ela usou e perguntei se ela também era praticante de *shibari*. Sâmi riu, negou e explicou que, como a técnica usada por Millos descende de uma arte marcial, o *dojo* era o local onde iríamos jogar. Sobre o quimono, agradeci-lhe, mas perguntei se era obrigatório o uso e me senti bem aliviada quando negou, porque eu havia colocado a lingerie com que ele me presenteou.

Eu tinha mais coisas a perguntar, porém, quando vi o clube por dentro, mal conseguia pensar!

Pensei que a parte social seria como um bar, mas me enganei. Embora, claro, tivesse os locais para beber e, até mesmo, se alimentar, as pessoas não precisavam estar totalmente vestidas.

Vi homens vestidos de terno com mulheres completamente nuas, usando coleiras ou não, sobre seu colo, enquanto conversavam uns com os outros. Vi homens também completamente nus, mascarados, amordaçados, andando de quatro, atrás de outros homens e/ou mulheres.

Sentia-me paralisada, analisando – um tanto assustada, porque nunca imaginei que seria assim – a interação tão natural entre aquelas pessoas presentes.

— Assustada?

Neguei e a olhei.

— Curiosa. — Sorri nervosa. — Acontecem jogos aqui também?

— Não, qualquer prática é feita nas salas, sejam elas públicas ou particulares.

Arregalei os olhos.

— Públicas?

Pensei imediatamente em como me sentiria se outras pessoas me vissem fazendo sexo com Millos, e, mesmo de máscara, não me agradou a ideia.

— A sua não é, não se preocupe. — Ela gargalhou. — Millos me mataria.

Sâmi perguntou, então, se eu queria um drinque. Concordei, achando que iria me dar uma acalmada, pois estava ansiosa para saber como iríamos contar ao Millos que estávamos em seu clube e, claro, se ele viria.

— Ele deve entrar em contato, Mari. — Ela olhou para seu telefone. — Às vezes nem saiu da Karamanlis.

Uma mulher inteiramente nua – usando apenas a máscara – passou por nós duas e parou para falar com Sâmela.

— Hoje não posso. — A policial se desculpou. — Mas vamos marcar para a próxima. — E cochichou algo no ouvido da outra, que gemeu e sorriu. — Promessa feita!

As duas se despediram, mas percebi uma olhada despeitada em minha direção, e Sâmela riu.

— Ela acha que vou comer você e que não quero dividir — comentou com naturalidade. — O que é um absurdo, porque todo mundo sabe que não sou nem um pouco egoísta.

Dividir? Pensei em Millos fazendo sexo com um monte de mulheres e até com homens e tentei analisar como me sentia sobre isso.

— Vamos nos sentar ali? — Sâmela apontou uma área mais calma, cheia

de estofados, onde nos sentamos e recebemos as bebidas. — Assim que Millos entrar em contato, você vai para a sala, e aí eu fico só para receber o primeiro impacto de sua ira.

Suguei o lábio.

— Acha que ele irá ficar muito bravo?

Ela riu.

— Tenho certeza, mas não se preocupe, a *putice* dele vai durar dois segundos depois que te vir. — Piscou. — Você é diferente, Mariana.

Fiquei constrangida, sem saber se isso era bom ou ruim na opinião dela nem por que ela achava isso. Sim, eu não tinha a experiência deles nem era tão moderna como Sâmi, e isso me fazia diferente, eu via, mas até quando essa novidade ia ser excitante para um homem como Millos?

Não tive como aprofundar essa questão, porque logo depois recebi uma mensagem dele me convidando para ir ao cinema e digitei a resposta com dedos trêmulos.

“Onde vocês estão?”

Olhei para Sâmela, sem saber se já deveria dizer ou se deixaria implícito.

— Diga a verdade e fale também sobre o que achou do lugar. Isso vai deixá-lo louco.

Riu, e fiz o que ela me aconselhou, mas sem muitos detalhes:

“Vim conhecer o clube que ela frequenta, e estamos no bar, tomando um drinque. Que lugar!”

Fiquei esperando que ele respondesse, mas não veio uma mensagem sequer. Olhei assustada para a Sâmi, mas a expressão dela me acalmou, pois tinha um sorriso enorme.

— Ele já deve estar vindo te resgatar. — Riu e me entregou um dos cartões de acesso que pegou na portaria. — Vou te levar até a sala. A mala que deixei na recepção tem uns itens que comprei do fornecedor do Millos e outras coisinhas, como o seu quimono, caso queira usar. — Acho que devo ter estremecido, porque ela tocou em meu ombro. — Vai dar tudo certo, não se preocupe.

E deu!, penso ao sentir os beijos de Millos em minha costas enquanto desamarra as cordas de meu corpo. Pensei que ele iria esbravejar, e teve um momento que achei que não iria mesmo me mostrar do que gostava, então, quando ele me pediu para me sentar, senti que toda a tensão até aquele momento tinha valido a pena.

— Você está bem?

Sua voz preocupada por eu ainda estar deitada de bruços, mesmo com os braços já livres, faz-me reter o fôlego, emocionada com a atenção e os cuidados dele.

— Estou ótima. — Olho para trás para que ele veja meus olhos. — Mais do que ótima, na verdade.

Ele sorri tão carinhoso, orgulhoso, talvez – não sei se de mim ou dele mesmo –, e me ajuda a levantar para desamarrar os nós que estão na frente do meu corpo.

— Teve algo de que não gostou?

Suspiro, lembrando-me de cada toque, cada olhar, cada movimento e, claro, do cuidado – mesmo firme – que ele teve com meu corpo e com minha pele. O prazer que senti com cada coisa, sexual ou não, não é algo que eu já tenha sentido antes.

— Nada.

Os olhos dele brilham com minha resposta.

— Você não precisa...

Calo-o com o dedo sobre seus lábios.

— Se eu não tivesse gostado, seria sincera. Foi único, Millos, eu pude te sentir em cada centímetro dessas cordas. — Ele respira fundo. — Senti-me como se estivesse toda abraçada por você, protegida, reverenciada, além das vibrações de prazer que parecia correr nelas, vindo de você para mim e indo de mim para você.

— Sim. — Millos fica sério, mas olha no fundo dos meus olhos. — Isso é o que se espera da prática, mas nem sempre acontece.

Sorri.

— Aconteceu conosco.

Millos acaricia meu rosto.

— Aconteceu, Mariana. Com ou sem as cordas, sempre acontece conosco.

Abraço-o depois dessa declaração, a confirmação de que não somente eu me sinto desta forma com ele, mas que está acontecendo conosco ao mesmo tempo. Isso me enche de esperança, faz-me ter mais e mais certeza de que o amo e que Millos pode vir a sentir o mesmo.

— O que vamos fazer agora? — pergunto quando estou totalmente livre das cordas. — Temos que ir embora?

— Apenas se você quiser. — Toca meu corpo, excitando-me novamente. — Que tal irmos para o banho e você vestir o quimono para eu ver como fica?

Sorrio, adorando a ideia, e, em seguida, Millos me ergue em seus braços e caminha comigo na direção de uma porta.

O dia hoje no bufê está agitado por conta dos preparativos de duas festas que vão ocorrer neste final de semana. A primeira é uma que já estava programada antes mesmo de eu sonhar em vir trabalhar aqui, mas que acabou vindo parar na minha mesa porque a segunda, inesperada, tomou todo o tempo de Kyra: o casamento de seu primo Kostas.

Vi minha chefe – e amiga – ficar horas no computador desenhando, programando, mandando fazer móveis especiais e tentando encontrar tudo o que precisava para um casamento ao ar livre no alto da serra.

Ontem eu acabei vendo o projeto 3D da cerimônia e da festa. As duas irão acontecer em um chalé, e fiquei maravilhada com os detalhes que Kyra programou. Muitas flores e uma tenda de tecido – parecendo de um linho bem fininho na cor creme, cuja estrutura também estará toda ornamentada – serão o local onde ficarão as cadeiras estofadas para os convidados durante a cerimônia. Não haverá nenhum tipo de representação religiosa, apenas uma cerimonialista – a quem Kyra teve que pagar uma taxa exorbitante para comparecer no local e no dia marcado, por causa da urgência.

Perguntei sobre os proclamas do casamento, afinal, isso leva mais tempo do que o usado para fazer o enlace, e Kyra me explicou que a parte civil será feita após a cerimônia, porque Kostas não queria que a noiva soubesse, e, sem o consentimento dela, ele não poderia dar entrada na burocracia.

Tudo está perfeito!

A decoração da festa, realizada em outra área do mesmo terreno, um local cheio de árvores, vai estar incrível, com iluminação de lanternas, fitas e, claro, a marca registrada dos enlaces da minha amiga: flores e velas.

Um quarteto de cordas irá fazer a entrada dos noivos, e, na festa, um DJ tocará as músicas favoritas do casal – bem diferentes entre si, como pude ver na relação de canções selecionadas.

O cardápio está esplêndido também, assim como a carta de vinhos,

espumantes e bebidas. A festa será pequena, mas nenhum centavo foi poupado nos detalhes e na qualidade.

Então, enquanto Kyra e as meninas responsáveis pela cozinha se desdobravam em mil para poder fazer tudo a tempo, Helena e eu ficamos encarregadas de uma convenção empresarial para duas mil pessoas!

A organização está sendo feita por uma empresa especializada nesse tipo de evento, mas a decoração das salas onde ocorrerão as palestras, bem como o *coffee-break*, ficaram conosco.

É por esse motivo que não conseguirei ver Millos no final de semana, o que lamento muito, pois nossos momentos juntos estão cada vez mais especiais depois da nossa noite no clube.

Suspiro e ouço a risadinha de Helena.

— Têm dias que escuto esse som — brinca. — É uma pena você não poder acompanhá-lo no casamento de Kostas.

Fico sem jeito, mas tento disfarçar, pois não recebi nenhum convite de Millos nesse sentido. Tudo bem que ele já sabia que eu teria que ir no lugar de Kyra para a convenção, ainda assim não disse nada sobre irmos juntos ao casamento.

— Eu tenho trabalho... — falo baixinho.

— Eu sei, mas com certeza você conseguirá ir ao jantar do avô dele! — Helena sorri, e a olho curiosa, porque também não estou sabendo de nenhum jantar. — Ontem Kyra me avisou que o avô pediu ajuda para conseguir pessoal para fazer e servir o jantar, já que ele ainda não está com equipe montada, pois acabou de se instalar na mansão.

Meu coração dispara, e tento não pensar na tal festa nem no motivo pelo qual Millos não disse nada. Ele é discreto, sempre foi, e talvez não queira expor nossa relação além do que já foi exposta. É o jeito dele, e devo tentar entendê-lo e não forçar a barra até que possamos conversar e eu avalie se isso não me machuca demais.

— Pode ser, ainda não estou sabendo.

Sorrio, mas Helena parece perceber que estou forçando. Levanto-me da mesa antes que ela questione algo, porque sei que se preocupa comigo, e desço até a cozinha para comer algo.

Vocês estão indo devagar, Mari, e é só um jantar em família, não pira!, aconselho a mim mesma, mas o aperto no peito não some.

56

I've been holding out so long
I've been sleeping all alone
Lord, I miss you.[95]

— Mas como você se sentiu, afinal?

Encaro Victor Messer, meu terapeuta, e penso na pergunta que ele me fez, ainda sem saber expressar com palavras tudo o que senti no clube com Mariana.

— Eu fiquei louco a princípio, muito puto com Sâmi, sem entender por que ela estava fazendo aquilo, por que, mesmo sabendo que eu não achava que era hora de Mariana conhecer o *shibari*, ela a levou ao clube.

O terapeuta assente, e me lembro da conversa que tive com Sâmela mais cedo neste dia. Eu estava na Karamanlis, e ela me ligou convidando-me para almoçar, e eu sabia que queria se justificar.

— Você nunca a teria levado, porque estava com medo — disse-me.

— Medo? — Fiquei puto por ela ter acertado bem no cerne da questão. — Medo?

Ela riu quando não tive argumentos e só fiquei repetindo a palavra.

— Sim. — Respirou fundo. — Mariana é importante, e já senti o quanto ela é diferente de tudo o que você viveu até aqui, por isso sentir medo de assustá-la e afastá-la é normal, Millos. Contudo, ela queria ir, estava louca para conhecer, e, caso não gostasse, seria apenas o caso de vocês dois conversarem e tentarem se adaptar um ao outro.

— Se ela não gostasse, eu a respeitaria, nunca a obrigaria a fazer o que não gosta! — rugi, sentindo-me bem puto.

— Sim, mas e você? Essa é a questão: você está preparado para renunciar ao seu estilo de vida? Por que, então, não era mais fácil já lidar com a situação de frente do que ficar remoendo conjecturas? — Sâmi deu de ombros. — Você me conhece, sabe que prezo a honestidade acima de tudo, e começar um namoro pisando em ovos não é bom presságio.

Namoro... Sâmi me vê em um namoro com Mariana! Fiquei mais pasmado com essa palavra do que com todo o discurso que minha amiga fez. Remoí o conceito de namoro o tempo todo, sentindo-me um tanto estranho com o termo, mas percebendo que, tivesse o nome que tivesse, era o que estava acontecendo entre mim e Mariana.

— Eu não gosto de joguinhos, Sâmi, muito menos que façam as coisas pelas minhas costas.

Ela riu.

— Você é o rei dos joguinhos e dos "empurrões", Millos! — Sâmi jogou essa verdade em minha cara, e nem pude refutar. — Olha o que você fez ontem, convidando Alexios para um chope e armando para que ele descobrisse a verdade sobre Chicão!

Concordei, mesmo não gostando nada de ter feito isso. Ainda não tive nenhuma notícia sobre a repercussão do encontro dos dois. Saí do bar, avisei à Mariana que iria para o apartamento dela e, em seus braços, consegui me desprender da apreensão sobre o que aconteceu depois que Chicão e Alexios conversaram às claras.

Será que Chicão contou a verdade sobre Madeline? E o que Alexios pretende fazer com a informação? Foras as duas perguntas que me acordaram no meio da noite.

— Eu sei que você faz isso para o bem de seus primos, sou testemunha de tudo o que já fez por eles. Agora fui eu quem fez por você, e espero que entenda o motivo: quero te ver feliz! Você se preocupa tanto com a felicidade dos outros, mas parece não achar que a merece também.

As palavras de Sâmi calaram fundo em mim, e apenas meneei a cabeça, aceitando o que ela fez, grato a ela por ter tirado o temor que eu tinha sobre a reação de Mariana ao que eu fazia no clube.

Ela sorriu quando percebeu, mesmo que eu não tenha dito, que eu não estava mais puto consigo e encerrou o assunto para começar a falar sobre a funcionária que vazou as informações da Karamanlis.

Volto a me concentrar na sessão de terapia e admito:

— Foi libertador em muitos sentidos — começo a explicar, fechando os olhos e trazendo de volta as sensações que tive naquela noite. — Eu descobri nas cordas um jeito de refrear o que achava que era um instinto violento com as mulheres, assim como meu pai e meu tio tinham, aprendi a ter prazer daquela forma, controlando-me antes, concentrado na minha parceira, em fazer as amarrações corretamente. Toda a preparação era necessária para acalmar meu gênio e assim eu ter encontros sexuais seguros. — Suspiro. — Com Mariana não foi assim.

Abro os olhos, e Victor está me encarando.

— Por quê? — questiona-me.

— Não fiz nada para me controlar ou controlá-la, queria apenas transmitir a ela tudo o que estava sentindo e sentir também todas as emoções dela. Das outras vezes, eu sentia como se me amarrasse antes de atá-las; dessa vez, eu estava livre. — Victor não pôde evitar um sorriso. — A conexão realmente aconteceu, algo que eu só havia ouvido falar. Eu senti, Mariana sentiu.

— Pensa em introduzi-la de vez nesse mundo?

Nego.

— Não. — Rio, achando engraçado o que vou dizer: — O que eu senti durante o tempo em que a amarrava era que não precisava mais daquilo, estava fazendo apenas para nosso prazer, não é mais uma necessidade. Mariana e eu temos algo tão forte que, com ou sem as cordas, estamos seguros. — Arregalo os olhos diante do que disse e refaço a frase como ela deveria ser: — Estamos seguros, confiamos um no outro, mesmo sem nenhum controle.

Victor sorri abertamente.

— Vai abrir mão do clube?

— Se ela quiser, sim, mas pretendo mostrar-lhe que pode ser interessante continuarmos sócios, ela e eu, para quando quisermos algo diferente.

— O clube era sua regra; agora é sua exceção.

Concordo com ele, sentindo-me bem com isso. Adoro praticar *shibari*, mas percebo agora, depois do que estou vivenciando com Mariana, que tê-lo como única forma de prazer, único jeito de me relacionar com alguém sexualmente, limitava-me demais.

— Eu realmente acho que, nesses meses, sua evolução com relação ao que sente tem sida extraordinária. Não é errado ter fetiches, a questão é como essas práticas são utilizadas — Victor continua. — Saber de sua compreensão quanto a isso é recompensador.

— É uma merda a menos no meu psicológico, talvez — faço graça, pois sei que ele vai vir com artilharia pesada.

— Talvez... ou a resposta que você tanto queria. — Pega seu irritante caderno e se concentra nele. — Somos frutos de nossas próprias escolhas, Millos, mas, independentemente das que fazemos, um dia teremos de encarar suas consequências, boas ou ruins. Fugir de decisões nunca foi boa resposta, procurar paliativos para disfarçar dores, menos ainda. Apenas quando você compreender que o que aconteceu no passado não define você para sempre é

que vai ter condições de seguir, e isso já está acontecendo.

Respiro fundo, porque nós dois sabemos que minhas questões vão muito além da violência da qual me escondi quando comecei a praticar o *shibari*.

— Eu temo viver um ciclo... — confesso, com dor em meu coração.

— Eu imagino. Tudo o que aconteceu, a forma como Mariana chegou a sua vida, dá a entender que você fez toda uma volta completa e retornou ao início, mas isso não significa que o percurso, dessa vez, tem que ser o mesmo de antes. — Respiro fundo. — Mariana e Allegra...

— Não, por favor, ainda não quero falar dela. — Levanto-me da poltrona e arrumo meu terno, pronto para ir embora.

— Como quiser. — Ele fecha o caderno. — Nos vemos na próxima sessão, mas qualquer coisa...

— Eu sei. Obrigado.

Saio do consultório do terapeuta um tanto frustrado por toda a evolução que ele mesmo admitiu ter visto em mim não ser suficiente para que eu supere tudo o que aconteceu há mais de 20 anos.

Compreendo que não tem mais volta, que me entreguei completamente a mim mesmo, aos meus desejos, à Mariana. Naquela noite no clube, percebi que minha vida deu uma guinada, chorei ao perceber que parte dos meus traumas e das barreiras que eu tinha, foram embora.

Mas será o suficiente para mim?

Suspiro, sem saber o que pensar, temendo dar um passo maior do que a perna e conhecer novamente a dor que senti tantos anos atrás. Mariana foi a única, durante todo esse tempo, que conseguiu transpor meus bloqueios e me faz ter esperança de esperar pelo melhor. Contudo, ela é uma mulher jovem, que não conheceu nada da vida e, em algum momento, pode querer mais do que estar comigo.

Eu não suportaria perder novamente!

Ajeito novamente minha gravata, olhando Kostas andar de um lado para o outro dentro do pequeno cômodo do chalé onde estamos confinados desde que chegamos.

— Vai abrir um buraco no chão — aviso-lhe sem conter um sorriso.

Pego meu telefone pela milésima vez e confiro se Mariana me mandou alguma mensagem.

— Por que ela não veio contigo? — Kostas pergunta, adivinhando de quem espero algum sinal de vida.

Dou de ombros.

— Kyra precisava dela em outro evento hoje. — Até mesmo aos meus ouvidos a justificativa me parece uma desculpa parva.

Kostas ergue a sobrancelha.

— Kyra não podia mandar outra pessoa?

— Kostas, não vamos falar sobre isso — corto-o e mudo o assunto: — Theodoros e Duda estão atrasados.

— Sim! Theo quer me matar de...

— Nem brinca com um assunto desses!

Olho para a porta e vejo surgir não só meu primo mais velho, como também Alexios. Fico aliviado ao vê-lo sorrir, brincar e não ter nenhuma expressão que demonstre que está mal depois do encontro com Chicão.

— Millos — ele me cumprimenta. — Está aguentando a fera desde quando?

Cruzo os braços.

— Vim com ele, não conseguia dirigir — debocho de Kostas, e ele ri.

— Acho que você terá de fazer isso para mim também em breve.

Sorrio feliz.

— Isso sim é uma boa notícia! — cumprimento-o. — Quando em breve?

Alexios faz careta.

— Ainda tenho que conversar com Bem Schneider. — Rola os olhos. — Família tradicional, sabe como é!

Bom, saber, nenhum de nós sabe, mas fazemos ideia!, penso, extremamente aliviado ao constatar que meu primo está bem e o que quer que tenha descoberto não atrapalhou seus planos com Samara.

— Seu sogro vem? — indago a Alexios, olhando para o Kostas, que conversa com Theo.

— Vem, mas ele não está muito confiante sobre Kika. — Uma sombra parece se colocar sobre seu rosto. — Tenho percebido cada vez mais que só ter laços de sangue com alguém não basta.

Decido aproveitar a deixa e pesquisar mais fundo sobre o que ele sabe sobre Leila.

— Alguma notícia sobre sua mãe biológica?

Alexios põe as mãos nos bolsos e abre um sorriso. *Ah, o famoso sorriso de anjo. Pena que não me engana!*

— Não estou mais preocupado com isso! A mulher que me gerou nunca foi minha mãe, Millos. — Concordo. — Assim como o homem que se diz meu pai não significa nada para mim. Minha família são vocês e Samara.

— Fico feliz em ser parte dela.

Uma batida à porta soa.

— Ei, meninos! — Kyra aparece. — Já está tudo pronto, vamos começar.

Kostas se apruma, e a escuto passar as últimas instruções para o noivo.

— Millos — Theo me cumprimenta. — Vamos todos levar Kika ao altar. — Saúdo-o de volta e assinto, pois sei que Theo me entregará Kika no meio do caminho para o altar e que Alexios irá recepcioná-la antes de entregá-la ao Kostas. — Kyra e suas ideias.

— Faz sentido — comento. — Ainda mais depois das últimas revelações.

Ele assente.

— Ah, fiquei sabendo sobre seu pai — Theodoros fala baixo. — É tão grave quanto me pareceu?

Respiro fundo, sem nenhuma vontade de pensar nesse assunto, principalmente depois de saber que Vasilis está com melanoma grau 4 e que foram encontrados indícios do câncer já no tecido cerebral.

Ficamos sabendo disso hoje de manhã, através de um comunicado oficial emitido por Cirillo Papadopoulos, CEO interino da Karamanlis enquanto Vasilis se trata.

Eu não esperava mesmo que ele me ligasse para contar o que estava lhe acontecendo, não temos esse tipo de comunicação pessoal, mas saber que o filho da puta estava doente nesse nível e só quando a coisa ficou pior é que resolveu contar, é, no mínimo, estarrecedor.

Pappoús não sabe, decidimos não contar ainda, mesmo porque o documento emitido solicitava o máximo de cuidado ao falar com o velho Geórgios. Conversei durante muitas horas com Cirillo, mas o homem estava tão perplexo quanto eu, não só pela doença, mas pela decisão de afastamento tão repentina.

— Sim, parece que sim. Conversei com Cirillo hoje, mas o homem sabe tanto quanto nós.

Theo franze a testa.

— Parece que ele estava usando as luvas para ocultar as feridas no dorso

das mãos. A coisa é séria. Seu pai não contou a você?

Rio da inocência de Theodoros.

— Theo, desde que me entendo por gente, o homem não age como meu pai, por que faria agora?

Ele respira fundo.

— Vocês sempre tiveram boa convivência, achei que...

— Trabalhamos cordialmente juntos, mas se limita a isso.

Ele dá de ombros.

— É mais do que posso dizer da minha *não* relação com Nikkós. O filho da puta nem para trabalhar cordialmente serve.

Concordo com ele, pois, apesar de ter muitas mágoas de Vasilis e, principalmente, culpá-lo por tudo de ruim que me aconteceu, não posso deixar de reconhecer que ele é um diretor executivo muito competente, ao contrário do que foi Nikkós.

Deixamos o assunto morrer, pois Kostas está pronto para sair e começar sua vida como homem casado. Acompanhamo-lo até a sala principal do chalé e o vemos pisar sobre a enorme estrutura de vidro sobre a piscina, debaixo de tendas de tecido iluminadas.

Kyra planejou o casamento sem a entrada de padrinhos em casal, separando o noivo com os padrinhos e as madrinhas com a noiva, no estilo americano.

Cumprimento Guilherme Medeiros, marido da ex-executiva da Karamanlis, Malu Ruschel, e Leonardo Paschoali, funcionário da Karamanlis e segundo no comando da gerência de *hunters*.

— Vocês, meninos, vão depois do noivo e podem se postar ao lado dele no altar — Kyra fala conosco. — Theo volta quando Kika estiver pronta para levá-la, e depois Millos e Alexios saem de suas posições, ok? Não conseguimos ensaiar, mas não é tão complicado quanto o que vocês fazem da

vida, não é? Não se embolem!

O som do quarteto de cordas soa, Kostas caminha sério até o altar e, logo depois, somos empurrados para andar sobre o tapete em cima da estrutura na piscina. Theo vai primeiro, seguido por mim, depois Alexios, Guilherme e Leo e nos colocamos ao lado do noivo, como Kyra instruiu.

— Ainda bem que Kyra reforçou bem essa estrutura — Alexios comenta comigo. —Senti o chão vibrando a cada passo que Kostas deu.

Rio e concordo, pois Kostas sempre foi o maior e mais pesado de todos nós.

Não demora muito, e todas as meninas surgem, cada uma usando um vestido florido com cores e flores diferentes, deixando o entardecer deste dia ainda mais bonito.

Penso em Mariana, em como ela ficaria linda no meio de Kyra, Duda e as outras mulheres que as acompanham, lamentando não ter podido, ao menos, trazê-la comigo.

Quando Theo sai de perto de mim, fico tenso, sabendo do meu papel de pegar a noiva no meio do trajeto, e percebo que Kostas está suando muito. Pego um lenço no bolso da minha calça e o ofereço a ele.

— Fica calmo, ela já está vindo!

Ele me olha, vejo lágrimas brilhando em seus olhos, e diz:

— Você deveria tê-la trazido, Millos, não seja burro como todos nós fomos!

Dito isso, com a maior desfaçatez do mundo, pega meu lenço, seca a testa e abre o maior sorriso do mundo ao ver sua mulher surgir dentro de um vestido branco de noiva.

Posiciono-me para recebê-la de Theo, mas a imagem de Mariana aqui, junto a mim, não sai da minha cabeça.

57

I'm feelin' sexy
I wanna hear you say my name boy
If you can reach me
You can feel my burning flame.[96]

Acordo sentindo todos os músculos do meu corpo doloridos e dou um pulo da cama quando olho para o lado e confiro que estou atrasada. Entro correndo no banheiro e tomo um banho quente, que ajuda um pouco com a tensão deixada em mim por conta dos dois dias intermináveis de convenção.

Nunca imaginei que conseguisse trabalhar tanto!

Sábado, por causa do casamento de Konstantinos, Helena e eu tivemos que supervisionar a equipe sozinhas, ajudando na decoração, na preparação das mesas com os alimentos e na limpeza após cada palestra. Foi intenso, cansativo, e nem vi as horas passarem.

Só consegui me sentar para aliviar as pernas tarde da noite, enquanto fazíamos o inventário das louças limpas para guardá-las nos caixotes para serem usadas no dia seguinte. Somente nesse momento é que pude pegar meu telefone e conferir se havia algo de Millos.

Nada!

Não havia nenhuma mensagem dele, mas várias fotos de Kyra, uma, inclusive, em que Millos aparecia rindo e conversando com várias pessoas e outra brindando junto aos noivos.

Suspirei, cansada, um tanto triste por não estar com ele, mas ainda tentando compreender que, além do meu trabalho, nós dois não falamos sobre nos assumir como um casal.

— Amanhã tem mais, Mari — Helena comentou, sentando-se ao meu lado. — É lindo ver um evento como esse, tão orquestrado, perfeito e organizado, mas ninguém sabe a trabalheira que dá.

— Nem eu imaginava isso! — confessei rindo.

Cheguei a casa às 23h e dormi feito uma pedra até 5h da manhã, quando meu celular despertou para eu me preparar para o segundo dia da convenção.

Havia várias ligações de Millos, mas não vi nenhuma, porque, depois do banho, desmaiei na cama, e as ligações foram feitas depois que eu já havia dormido. Conferi o *app* de mensagens e sorri com as mensagens de carinho e apoio que ele me mandou, dizendo o quanto estava orgulhoso de mim e que sentiu minha falta. Isso contribuiu para aliviar um pouco a sensação ruim que eu estava sentindo.

Pouco antes de Helena chegar para me buscar, liguei para ele. Millos estava com voz de sono, embora sempre tenha costume de acordar muito cedo, mas parecia animado por falar comigo.

— Cansada?

— Muito! — confessei. — Cheguei ontem e apaguei.

Millos riu.

— Percebi! Eu cheguei quase de manhã, fui um dos últimos a sair da festa.

Respirei fundo.

— Parecia estar animada pelas fotos que Kyra me mandou.

Millos ficou um tempo em silêncio, mas eu podia ouvir sua respiração.

— Mariana, eu...

Helena buzinou, sem local para parar, então eu disse a ele que depois nos falaríamos mais e desliguei, correndo para dentro do carro, pois havia uma garoa fina caindo.

Só voltei a falar com Millos à noite, deitada na minha cama, por mensagens, mas estava tão cansada que dormi antes que a conversa se desenvolvesse e acordei agora há pouco, dolorida e com o telefone jogado na cama.

Saio do banho e enrolo uma toalha em meus cabelos molhados, lamentando não poder secá-los antes de descer para o trabalho. Coloco a cafeteira italiana no fogo para tomar um café antes de descer para o bufê.

Escolho minha roupa, passo filtro solar – uma recomendação que sigo há pouco tempo por indicação da Helena – e pego o telefone para conferir minhas mensagens. Leio as de Millos da noite passada, que mandou depois que dormi, e rio por ele ter me chamado algumas vezes e depois me desejado bons sonhos.

“Bom dia!”

Mando a mensagem com uma piscadinha e abro a de Kyra.

“Bom dia, Mari! Dia de folga para você e Lena hoje, descansem!”

Começo a rir, porque me levantei em uma correria danada e agora não preciso descer para trabalhar. *Uai, agora eu vou!*

“Já estou pronta e daqui a pouco abro o escritório. Bom dia, chefa!”

Kyra imediatamente responde com uma cara brava.

“É uma ordem de sua *chefa*, descanse!”

A palavra destacada não me passa despercebida, e suspiro, sentando-me na cama para me conformar em passar o dia – em plena segunda-feira – em casa.

O cheiro do café pronto me faz ir até a bancada e desligar o fogo da cafeteira. Sirvo-me de uma dose generosa, pensando no que fazer para passar o dia, quando o interfone toca.

Sorrio instantaneamente, mas depois balanço a cabeça.

Calma, Mariana, pode não ser ele!

— Pronto?

— Encomenda para Mariana Valadares.

Encomenda?!

Ligo o aplicativo da câmera de segurança do portão, no meu telefone, e confirmo que é um entregador, segurando uma caixa de papelão de tamanho grande.

— Já vou descer.

Desço as escadas correndo e, assim que vejo o moço, pergunto quem enviou a entrega.

— Não sei, sou um motoboy de aplicativo, me chamaram, eu peguei a caixa e vim trazer. — Abro o portão e assino o recebimento no telefone dele. — Obrigado!

Despeço-me dele e subo com a caixa, que não é nada pesada, apesar do tamanho, tentando ler o remetente, porém sem sucesso. Estranho ter recebido algo assim e fico com receio de abri-la, imaginando que pode ser alguma coisa ruim.

Meu telefone notifica uma mensagem. Deixo a caixa de lado e pego o aparelho, abrindo um sorriso ao ver que é Millos.

“Bom dia! Não recebi minha foto diária.”

Suspiro, feliz, porque temos essa rotina de eu mandar foto de como estou indo trabalhar. Millos nunca interferiu no que visto, apenas diz que estou linda – gostosa é o termo mais exato – e que adoraria tirar minha roupa no final do dia.

“Estou de folga, Kyra me mandou descansar.”

Mando uma carinha com um sorriso arreganhado.

“Ela fez bem. Então ainda está de pijama?”

Rio com a pergunta, já imaginando que ele queira me ver.

“Não, infelizmente vi a mensagem tarde demais e me arrumei.” Envio a mensagem, mas decido provocá-lo com outra: “Já ia tirar a roupa, já que vou passar o dia em casa assistindo a séries ou lendo.”

“Hum... sabe que eu me lembrei daquele dia em que gozei para você no banheiro da minha sala? Adoraria repetir a experiência.”

Meu coração dispara, e fico animada, já pensando em arrancar o vestido e me deitar nua na cama, esperando-o aparecer na vídeo-chamada.

“Eu também.”

Espero alguma reação, mas Millos só responde depois de dois minutos.

“Acabei de ver aqui que você recebeu algo...”

Arregalo os olhos e olho para a caixa em cima da bancada da cozinha.

“Como sabe? Foi você quem mandou?”

“Foi. Ainda não abriu?”

Sorrio e corro para a pequena área da cozinha em busca de uma tesoura

para abrir a embalagem. Demoro um pouco, pois capricharam na fita, e, quando abro, franzo a testa ao ver outra caixa dentro, porém preta e daquelas de presente.

“O que é?”

Pergunto antes mesmo de abrir, porém Millos não está mais online.

Desfaço o laço de cetim preto, coração disparado, e, quando abro a caixa, sinto meu corpo inteiro se aquecer e arrepiar. Vejo um papel dobrado sobre os itens e o abro para ler o que Millos me escreveu.

Pensei nisso na noite em que estávamos no clube e achei que você gostaria de experimentar coisas novas sozinha. Este presente é para seu uso individual, para suas próprias descobertas, e apenas se desejar podemos usá-lo juntos.

Aproveite!

Millos.

Meu Deus do Céu! Deixo o bilhete sobre a pedra da bancada e pego o primeiro item da caixa preta. Um vibrador com vários níveis de vibração e movimentos. Olho a peça detalhe a detalhe, pois nunca vi um item de *sexshop* antes, embora sempre pensei em como seria usá-lo. Pego a embalagem com a pilha e dou risadas quando vejo o *bichinho* em movimento, girando e vibrando.

Desligo o vibrador e pego outro item curioso, um aparelho com um comando e uma esfera ligada a ele por um fio. Faço o mesmo que fiz com o primeiro e o testo, descobrindo que a pequena esfera vibra potentemente.

Preciso pesquisar na internet como se usa!

O outro objeto a me chamar a atenção também parece um vibrador, só que possui um formato diferente, cônico. Ele é rosa e bem macio, porém não consigo fazê-lo funcionar. Pego a instrução que veio junto e descubro que o *plug* anal – *meu Deus!* – é conectado via wi-fi e controlado por um *app* que preciso baixar.

Coloco-o de lado, embora seja o item que mais chamou minha atenção, e continuo a exploração da caixa. Lubrificante, gel de estimulação, gel antissensibilidade, bolinhas que fornecem sensações variadas de calor e frio e, por fim, uma venda de cetim.

Guardo tudo de volta na belíssima caixa cartonada preta, menos o *plug* com suas instruções detalhadas. Vou até o banheiro e o higienizo como manda nas instruções. Leio a parte que fala sobre o controle dele, baixo o *app*, conecto o aparelho via wi-fi e o sinto vibrar na minha mão, descobrindo vários e vários comandos diferentes, inclusive que eu posso programar o que mais gostar e deixá-lo fazer o trabalho sozinho.

Além de vibrar, o plug também se expande, fornecendo uma *massagem* para facilitar posterior penetração. Fico vermelha e excitada ao mesmo tempo, curiosa, louca para experimentar e ver se gosto.

Minhas próprias descobertas!

Na última página da instrução, vejo uma ilustração que me chama a atenção. Nela, há uma mulher deitada na cama e, em outro quadro, um homem no que parece ser um escritório, com o celular na mão. *Millos pode controlar o plug?!* Acabo de ler todos os detalhes com um enorme sorriso e uma formigação gostosa entre minhas coxas.

Posso mandar um link para o Millos baixar o mesmo aplicativo que uso e controlar, de onde estiver, o pequeno aparelho. Mesmo longe, podemos usar o brinquedo juntos!

Resgato meu telefone, que deixei na cozinha, e verifico se Millos voltou a estar online.

Leio as mensagens que me mandou e, como estava *distraída*, não li.

“Mariana?”

“Ei, está tudo bem aí?”

“Gostou?”

“Oi?”

Digito rápido, esperando que ele veja e que me responda.

“Adorei tudo! Obrigada pelos presentes.”

Millos voltar a ficar online, e sorrio.

“Se quiser ajuda para usá-los, basta pedir, que tiro suas dúvidas.”

Pego o link no aplicativo do plug e o envio para ele.

“Sabia disso?”

“Claro que sim! Estava ansioso para receber esse link!”

Penso em convidá-lo para testarmos juntos, mas acho difícil que aceite, afinal, está no trabalho. Porém, antes mesmo que eu decida pedir ou não, o pequeno plug em minha mão vibra forte.

“Funcionou?”

Millos pergunta, e meu coração passa a bater mais forte do que a vibração do brinquedo.

“Sim.”

Sugo o lábio, louca para usar os presentes, mas sem saber como dizer a ele. Millos escreveu que era para meu uso, para minhas descobertas, então não sei se já devo convidá-lo a participar comigo.

Mas quero! Quero muito!

“Já está testando?”

Ele questiona, e percebo que não escrevi mais nada por uns bons minutos.

“Ainda não... É que eu não queria fazer isso sozinha.”

Aguardo a resposta e, quando ela vem, sinto meu corpo tremer de antecipação.

“Só estou esperando o convite, louco de tesão aqui.”

“Agora?”

Indago, e, em vez de responder, Millos faz uma chamada de vídeo.

— Você está quieta desde que saímos do restaurante — Millos comenta assim que estaciona o carro em frente ao meu portão. — Tudo bem?

Suspiro, mas não respondo, pensando no restaurante chique a que fomos depois do convite incrível que ele me fez para termos novas descobertas.

— Meu primo é louco por artes, o Theo, e aprendi a gostar também. — Esfregou-se em mim, esmagando-me contra a bancada da cozinha, enquanto me falava de uma exposição de artes para a qual ele havia sido convidado. — Quer ir comigo?

— Claro que sim! — respondi animada.

Millos lambeu minha orelha, e eu podia sentir sua ereção contra meu corpo, mas sabia que não tínhamos tempo suficiente, pois já estávamos saindo para o trabalho.

— Depois vamos comer sushi em um restaurante que ganhou vários prêmios nessa categoria, cujo dono é meu conhecido e apreciador de minhas cervejas de arroz.

Ri nervosa, porque nunca havia sequer comido peixe cru e, só em pensar, sentia meu estômago revirar.

— Nunca provei — confessei.

— Minha cerveja de arroz? — ele perguntou, sem entender. — Provou, sim.

Assenti, pois me lembrava de quando ele me deu vários sabores diferentes de cerveja que produzia e deixava armazenadas na geladeira de porta de vidro do *loft*.

— Não, sua cerveja eu provei, estava falando do sushi.

Millos me olhou como se eu fosse um ET, e tive um acesso de riso. Foi a partir dali que marcamos mais um encontro – primeiro a galeria, depois sushi – de descobertas.

À noite, escolhi um conjunto de blusa e calça, coloquei uma linda echarpe e me senti pronta para entrar em uma galeria de arte. Estava nervosa, claro, nunca havia sequer pisado em uma, então me baseei no que via nos filmes.

Millos me buscou, e senti alívio ao ver que, assim como eu, ele também estava mais formal, embora não usasse seus elegantes ternos.

Adorei a galeria, fiquei impressionada com a habilidade do artista de se expressar não só com a tinta, mas também com suas esculturas, que pareciam vivas.

Observei que, embora Millos cumprimentasse uma ou outra pessoa, não parava para conversar, um sinal claro de que eram conhecidos, mas não a ponto de terem qualquer abertura para uma conversa mais longa do que um simples "olá" ou "boa noite".

Não demoramos muito, vimos toda a exposição, cumprimentamos o artista responsável pelo acervo e seguimos para a segunda fase do nosso encontro de descobertas.

Não sei o que esperava do sushi-bar, mas certamente não era o requinte todo com que me deparei quando paramos em frente a ele, um sinal claro de que era um lugar caríssimo, e eu nem sabia se iria gostar da comida.

— Eu não sei se vou gostar! — confessei nervosa. — E se eu não gostar?

Millos riu.

— Se você não gostar, não come, simples! Eu já te falei que não é obrigada a nada, estamos fazendo descobertas.

Fiquei vermelha, e Millos me abraçou apertado, parecendo entender que não pensei nos passeios que fizemos, mas em outros tipos de experiências que tivemos nessa semana.

Desde o dia em que a caixa das safadezas (apelido carinhoso que dei para ela) chegou, Millos e eu temos testado cada item dela. Começamos na segunda-feira com o plug, mas só o usei para estimulação – ah, descobri que o tal gel antissensibilizante era para eu não sentir desconforto *naquele lugar* – e não fomos muito fundo, mesmo porque ele me explicou que o ideal era eu já estar excitada com estimulação clitoriana.

Foi aí que descobri o vibrador *bullet*!

Gozei para a câmera, sob o hipnotizado olhar de Millos, usando a pequena bolinha sobre meu clitóris, e ele me explicou depois que tentou achar daquele modelo que fosse controlado também por aplicativo, mas, onde encomendou os itens, não tinha.

Naquela noite, ele apareceu para jantar, e brincamos juntos com o vibrador maior – o que gira como doido – e a venda em meus olhos.

Foi uma delícia!

Na terça-feira tive uma reunião noturna com Kyra e uma noiva que não tinha tempo para nos encontrar durante o dia e depois acabei saindo com minha amiga para comer uma pizza, então não me encontrei com Millos. Na quarta-feira foi ele quem teve uma reunião e não pôde me encontrar, e ontem acabamos não usando nada, pois ele foi resolver algo importante com seu avô e, quando voltou, notei que estava fechado e estranho.

— Não quer conversar?

— Não. — Apertou-me mais forte em seus braços e beijou meus cabelos, — Quero apenas ficar aqui, quieto e apertado a você.

Suspirei, pois não gosto quando ele se fecha desse jeito, mas respeitei seu momento, mesmo ficando magoada por sentir que ele ainda me excluía de sua vida, porém esse sentimento durou até hoje de manhã, quando ele me chamou para sair.

Entramos no badalado restaurante. Devo admitir que, como estava vendo várias decorações temáticas, principalmente no livro que Gegê me emprestou, fiquei admirada com a do restaurante, que traduziu a cultura japonesa em sua

forma tradicional, porém com toques modernos e minimalistas.

Como a entrada do restaurante era fechada na recepção, não conseguimos ver o salão, e somente quando as portas de correr japonesas se abriram é que consegui ter a dimensão da sofisticação de seu interior.

As mesinhas eram baixas, de madeira, cada uma sobre um tapete, e os clientes estavam sentados sobre futons ou sobre seus próprios calcanhares, direto sobre o tapete. Recebemos saquinhos e uma espécie de sapatilhas descartáveis e tiramos os sapatos para entrar.

— Já gostei de tudo! — sussurrei para Millos, completamente maravilhada.

— Bom sinal. — Ele riu, mas depois ficou sério e tenso. — Temos companhia.

Olhei para o fundo do salão e vi alguém acenar para nós. Millos falou com a moça – vestida como uma gueixa – que nos levava até nossa mesa, e apenas quando fomos na direção do casal que estava sentado ao fundo é que reconheci Alexios, o irmão da Kyra, e a melhor amiga dela, Samara, pois já tinha visto fotos dos dois.

— Millos — o rapaz se levantou para nos cumprimentar —, que coincidência!

Alexios me olhou sem esconder a surpresa e curiosidade sobre mim.

— Mariana, esse é Alexios, meu primo, e sua namorada, Samara — Millos nos apresentou, e cumprimentei os dois, ainda um tanto constrangida e sem saber como agir.

Eles acabaram nos convidando para ficar com eles. Millos me perguntou se estava tudo bem ficarmos, e concordei, temendo ser descortês com o casal, que estava comemorando algo.

— Podemos saber o motivo da comemoração? — Millos perguntou para Alexios, mas sorriu de um jeito tão conspiratório que parecia já saber a resposta.

— Falei com Ben hoje. — Alexios segurou a mão de sua namorada.

— E seu pai aceitou esse moleque como genro? — O tom de brincadeira estava claro na voz de Millos, e Samara sorriu, confirmando.

— Mas ele quer um noivado formal. — Alexios fez uma careta, e tive que rir, imaginando que não era bem aquilo que o rapaz tinha planejado.

Começamos a conversar, eles me incluíram no assunto e me contaram que eram amigos de infância, mas que só há poucos meses é que se declararam apaixonados. Achei a história linda, parabenizei Samara pelo casamento iminente e perguntei se, além do noivado formal, ela também se casaria com *pompa e circunstância*, o que foi rapidamente descartado pelos dois.

— E você, Mariana? Como conheceu meu primo? — Samara me questionou de volta, e em sua expressão estava claro o desejo de conhecer a *nossa* história.

Senti o clima descontraído deixar o homem ao meu lado. Um silêncio pesado se estabeleceu, e, como Millos não se pronunciou – mesmo porque a pergunta foi direcionada a mim –, decidi ser sincera, porém sem entrar em detalhes:

— Em uma viagem.

Samara sorriu animada e disse que achava muito romântico esses encontros promovidos pelo destino.

— Você é realmente muito linda, Kyra tinha razão — elogiou-me, e fiquei vermelha.

Olhei para Millos com o canto dos olhos e relaxei quando o vi sorrir e concordar com Samara.

A comida chegou, e me senti bem ali com eles, como se estivesse em um encontro entre casais. Claro que via a troca de carícias, os olhares e sorrisos entre Samara e Alexios e percebia que, mesmo estando com a mão sobre minha coxa, Millos era muito mais reservado.

— Kyra me disse que você não pôde ir ao casamento porque a estava substituindo em um trabalho com Helena. Eu queria te conhecer. Ainda bem que tivemos outra oportunidade — Samara comentou enquanto comíamos.

Fiquei sem jeito, porque ela não tinha como saber que nem ao menos recebi convite para acompanhar Millos à festa. Novamente senti que ele ficou tenso ao meu lado, mas logo mudou de assunto, conversando sobre a Karamanlis com Alexios.

A partir daí, a conversa girou em torno do trabalho deles, do meu sotaque – que Samara achou uma delícia de ouvir – e sobre locais mineiros que os dois já haviam conhecido.

Provei quase todas as iguarias do local, adorei os molhos, o gengibre, mas não gostei do peixe branco e não consegui comer meu cone. Nunca pensei que aquelas comidinhas tão pequenas pudessem me fazer sentir tão cheia quanto a lua!

Depois, enquanto nos despedíamos à porta do restaurante, Samara me abraçou com carinho e disse que estava muito feliz por me ver com Millos e que fazíamos um belo casal.

Foi ali que percebi que todos nos viam assim, ainda que Millos e eu mantivéssemos certa distância e não agíssemos como eles. Isso só contribuiu para eu ficar confusa e passar o caminho todo do restaurante até minha casa refletindo sobre o motivo pelo qual Millos sempre ficava tenso quando eu conhecia alguém de sua família.

— Mariana? — Millos volta a me chamar.

Respiro fundo e o encaro.

— Você acha que termos nos encontrado com seu primo e a noiva dele estragou nossa noite?

Ele franze a testa.

— Não, pelo menos não para mim. Ter ficado com eles a aborreceu? — Nego com um suspiro. — O que está acontecendo?

— Tive a sensação de que você não gostou de eles estarem lá também. — Abaixo os olhos. — De que mais uma vez ficou perdido, sem saber o que fazer comigo.

Millos segura meu queixo e me faz erguer a cabeça para encará-lo.

— Não, não fiquei. Realmente, quando vi Alexios e Samara, me senti um pouco frustrado, mas apenas porque não tinha planos de dividir você com outras pessoas durante o jantar. — Bufa. — Eu queria te alimentar, contar a história das comidas, beijar você... e, bem, ali com eles não dava.

Assinto, entendendo – em partes – sua explicação.

— Você fica tenso como se não gostasse que nos vissem juntos.

Millos ri.

— Fico? — pergunta pensativo, e confirmo. — Não é por isso a tensão. Ainda estou aprendendo a lidar com tudo isso, não sei quais regras devo seguir. Lamento muito que tenha passado essa impressão a você. — Pega minhas mãos. — Eu adoro ter você comigo, não duvide disso, por favor.

Ele me beija suavemente, uma carícia como um pedido de desculpas, e o abraço pelo pescoço, deliciada com o contato tão amoroso.

— Não quero que você ache que estou te escondendo, porque não é verdade. — Millos ri. — Se eu o fizesse, como poderia levá-la ao jantar do *pappoús* amanhã?

Arregalo os olhos.

— Você quer que eu vá com você à casa do seu avô?

Ele assente.

— Com toda a conturbada família reunida. — Faz careta. — Isso é quase um castigo, não um convite! — Rolo os olhos, porque sei que ele é completamente louco por seus primos. — Ia convidá-la no restaurante, mas... — Fica sério. — Nós somos um casal, Mariana, e, enquanto você me quiser ao seu lado, eu ficarei. Não quero nem vou esconder você de ninguém, está

entendido?

Suspiro, o coração alegre, a alma mais leve, e distancio de mim toda e qualquer insegurança sobre nosso relacionamento. Confio em Millos, sempre confiei e, mesmo que nosso relacionamento não tenha começado tradicionalmente com um pedido de namoro, sei que ele sempre será sincero comigo.

58

I feel wonderful
Because I see the love light in your eyes
And the wonder of it all
Is that you just don't realize
How much I love you.[97]

Olho para o relógio mais uma vez, ficando seriamente preocupado com a demora de Mariana em descer. Não estamos atrasados, não é isso, mas, como combinei com o *pappoús* de ser um dos primeiros a chegar para lhe dar suporte – na verdade o velho queria era um aliado na hora de receber Alexios –, já deveria estar chegando ao Morumbi.

Sorrio e aliso a barba, admitindo que a culpa é minha também, pois, quando fui ao meu alfaiate buscar o terno, acabei comprando uma gravata mais larga e longa – modelo que não uso – e acabei usando-a em Mariana.

Gostei muito mais da seda em sua pele do que da juta, principalmente porque, mesmo depois de uma foda generosamente longa com as mãos atadas, ela não tinha nenhuma marca em seu corpo.

Talvez seja a hora de eu comprar cordas feitas com materiais mais

suaves!

Enfim, demoramos na cama, demoramos no banho, e agora estou impaciente, mesmo não querendo estar, e culpando-me por ter insistido em trazê-la para o *loft* após seu trabalho, de meio-período hoje, para se arrumar aqui.

Tudo, claro, porque eu queria muito trepar antes do jantar!

— Mariana? — chamo-a olhando para cima, mas nenhuma resposta vem.

Como não tenho alternativa que não seja esperar, pego uma cerveja na geladeira e me sento no sofá para ler notícias no telefone. Uma delas, sobre uma quadrilha que foi desmantelada no Rio de Janeiro, que tentava enviar mulheres para fora do país, chama-me a atenção, e penso em Sâmi.

Minha amiga está trabalhando em um caso assim junto aos policiais do Rio. Quase não temos nos visto nesses dias, porque ela fica completamente concentrada na missão quando está para encerrar um caso.

Ainda me sinto extremamente frustrado por não saber nada a respeito do irmão de Mariana, nem sobre o homem que tentou estuprá-la. Só em me lembrar de tal situação, sinto meu sangue em ebulição e uma enorme vontade de socar alguma coisa.

Recebo uma mensagem de Theodoros avisando que já chegou à casa de *pappoús* e me perguntando se vou demorar muito. Quase lhe respondo, mas escuto o barulho de saltos sobre os degraus do mezanino e me viro para ver Mariana descer.

Puta que pariu!

Levanto-me quase em câmera lenta, pois preciso me controlar para não a abraçar e beijar tanto que possa destruir sua maquiagem e amassar seu vestido.

Confesso que, a princípio, fiquei preocupado por ela não ter comprado roupa para uma ocasião como essa – porque é claro que meu avô exigiu traje formal –, mas Mariana me disse que ela e Kyra compraram *todos* os tipos de

roupas e que tinha um vestido perfeito para a ocasião.

O vestido é comportado, na altura dos joelhos, soltinho e de mangas compridas. O tecido é bonito, azul-marinho, e há transparências da mesma cor na barra e nos punhos. Mariana calça saltos altos e leva uma bolsa – dessas que parecem uma carteira – na mão.

— Gostou? — pergunta-me com um sorriso.

Não respondo, caminho até ela devagar, mas não a toco, com receio de macular a elegância que vejo.

— Você está linda!

Ela sorri mais abertamente, seus olhos azuis combinando em perfeição com o vestido, os cabelos penteados bem lisos e presos atrás das orelhas. Passo a mão devagar sobre sua bochecha, lamentando sua boca estar com batom, pois minha vontade é beijá-la.

— Ele não sai. — Franzo a testa, sem entender o que está dizendo. — Você está olhando para minha boca com uma expressão faminta, mas não me beija, então achei melhor avisar que o batom não sai.

Sorrio e ligo o foda-se para nossa aparência, puxo-a para meus braços e devoro sua boca já cheio de tesão, contando as horas para estarmos de volta, mesmo que ainda nem tenhamos saído para a festa.

Separo-me dela e sorrio ao notar que ela tinha razão, o batom suporta minha boca faminta, e isso me anima. Um pensamento perverso me faz gemer e sussurrar no seu ouvido:

— Deve ser uma delícia te ver me chupar com esse batom.

Mariana gargalha.

— Podemos experimentar. — Beija meu pescoço. — Tenho de várias cores.

Meu pau se contorce, e preciso me lembrar mais uma vez de que estamos indo pela primeira vez como um casal até meus familiares e que essa não é a

ocasião para manter uma ereção só porque Mariana está ao meu lado.

Difícil, Millos!

Peço um momento a ela para ir ao banheiro, porque preciso escovar os dentes por causa da cerveja que tomei enquanto a esperava, e, em seguida, descemos juntos para o carro.

— Como ele é?

Paro no farol assim que saio do galpão e a encaro.

— Meu avô? — Mariana assente. — Ranzinza, arrogante, antiquado... — Ela começa a rir, nervosa. — Mas está mais calmo agora com o passar dos anos e sabe reconhecer uma beleza quando a vê. — Pisco para ela. — Ele ficará encantado com você.

Ela ainda não parece tranquila.

— Ele sabe que eu vou?

Ah, a pergunta!

Não falei de Mariana para meu avô, embora tivéssemos conversado sobre o assunto no dia em que fui conversar com ele, mas me perguntou se eu levaria alguém para o jantar, já que Kyra seria seu par.

— Sim, vou trazer alguém — respondi, esperando mais questionamentos, mas *pappoús* não seguiu com o assunto.

— Por que você veio aqui hoje, Millos? — foi direto ao ponto, como sempre fazia.

Foi então que contei a ele sobre a situação de Vasilis. Achei melhor contar, mesmo com a orientação de meu pai sobre meu avô não ficar ciente de sua doença, pois uma hora ou outra isso iria chegar aos ouvidos do velho. A conversa foi tranquila, embora tenha exigido muito tato, porque, por mais que *pappoús* não fosse um homem carinhoso, era seu filho.

— E ele escondeu isso de todos até agora?

— Sim. Meu pai sempre foi... — era difícil achar uma palavra que o descrevesse sem que o xingasse, mas tentei — estranho, e não ter compartilhado isso com ninguém da família não é novidade.

Pappoús pegou minha mão – senti que a sua estava gelada – e suspirou.

— Eu errei com todos eles, não foi? — Não respondi; sabia que era uma pergunta retórica e que ele mesmo sabia a resposta. — Quis formar homens fortes, coloquei muita pressão sobre eles e, talvez, muita expectativa por causa da morte de Geórgios.

— Eles são como são — disse cabalístico.

— É, são, mas ainda assim lamento. Dorothea não me perdoaria nunca se soubesse de todas as coisas que...

— *Pappoús* — chamei-o com firmeza, disposto a impedi-lo de ir por esse caminho. — Cada um é responsável pelas escolhas que faz. Preocupe-se com as suas.

Ele respirou fundo e concordou.

— Acha que ele virá mesmo?

Sorri, porque sabia de quem ele estava falando.

— Virá.

— O garoto não vai me perdoar, Millos, nem eu o faço! — Riu e se levantou para pegar um charuto. — Não posso voltar atrás ou justificar minhas atitudes.

— Não pode, mas pode dizer que sente por elas. Alexios é incrível, e, se ele permitir que o senhor faça parte da vida dele de agora em diante, só se sinta grato.

— Millos? — Mariana me chama, e respiro fundo, não querendo relembrar o resto da conversa.

— Ele sabe que eu estou indo acompanhado, mas não falei sobre você. —

Tento explicar: — Nós não somos o tipo de família que fica fazendo confidências e compartilhando coisas boas. Mas hoje ele vai conhecê-la e saberá que você faz parte da minha vida.

Mariana sorri, seu rosto rubro e o olhar demonstrando satisfação.

Dirijo por um tempo sem falar, mas com minha mão apoiada sobre sua coxa, acariciando-a sobre o vestido. Somente quando nos aproximamos de onde fica sua enorme mansão é que Mariana quebra o silêncio.

— Kyra contratou um serviço de primeiro mundo. Um chef, três auxiliares de cozinha, várias copeiras e garçons. — Sorrio, pois tenho certeza de que meu avô não esperava menos que isso. — Ah, um sommelier fez a escolha dos vinhos de acordo com o cardápio escolhido, muito chique.

Rio e concordo.

— E exagerado, afinal, é um jantar para 10 pessoas!

— 12, porque duas estão grávidas. — Ela ri. — Estou curiosa sobre Theodoros, Duda e Kika, ainda não os conheci.

— Nem a *pappoús!* Não se preocupe, todos vão se render a você. — Pego a mão dela e a levo aos meus lábios. — Impossível não fazer isso!

Ouço seu suspiro, mas não a olho, pois manobro o carro para entrar na mansão. Espero que o portão seja aberto, mas parece que não há ninguém na cabine de segurança da casa, por isso preciso descer e tocar o interfone.

— Pois não?

— É Millos Karamanlis, estou no portão e...

A pessoa nem fala mais nada, apenas aciona a abertura do portão eletrônico, e entro de carro. Respiro fundo, imaginando que seja alguém do serviço contratado por Kyra.

— Uau! Parece coisa de revista!

— Precisa de reformas, mas meu avô escuta alguém? Esta casa estava à

venda pela Karamanlis há quase um ano, mas estava cheia de dívidas, e o proprietário não queria negociar o valor.

— Mas seu avô a quis mesmo assim — ela chega à conclusão óbvia em se tratando de *pappoús*.

— Naturalmente.

Estaciono o carro no pátio próprio para esse fim, ajudo Mariana a descer dele e sigo para a frente da casa.

— Parece enorme — ela comenta, olhando para todos os detalhes. — É como um sítio no meio da cidade.

— Sim. — Tenho uma ideia e paro. — Quer conhecer a propriedade?

Ela sorri e assente, então ganhamos mais uns minutos a sós antes de termos todo o clã dos Karamanlis no nosso campo de visão.

Dou a volta na entrada principal da casa, passo pelo jardim lateral – que precisa ser refeito, pois virou uma selva – e desço os degraus que levam ao segundo nível do terreno.

A parte de trás da casa é linda, tem um enorme pátio, uma fonte no meio e muitas árvores que compõem um caminho calçado de pedras que leva para a área social e de lazer.

— Aqui embaixo tem uma enorme biblioteca, um escritório, um salão de jogos, e, para lá, tem uma edícula. — Aponto para a casa onde Madeline e Nikkós estavam hospedados. — Academia de ginástica à esquerda, quadra de squash — faço careta, porque o único que sei que joga essa porra é o Kostas – e, mais embaixo...

— Nossa, já estou cansada.

Paro.

— Quer voltar?

Mariana nega.

— Mas só me diz o que tem, porque, do jeito que é grande, só iríamos conseguir voltar quando o jantar acabasse.

Concordo e a abraço pela cintura.

— Aqui é bem isolado. É uma pena estar frio, porque tem uma enorme piscina olímpica — lambo seus lábios, lembrando-me de como é gostoso nadar com ela —, quadra de tênis com dois pisos – uma de saibro e outra de grama – e um campo de futebol.

— Dá para se perder num lugar deste!

— Eu me perco em você, Mariana. — Beijo seu pescoço, excitado, desesperado por ela. — Fico completamente perdido quando estou dentro de você.

Ela geme e joga a cabeça para trás, permitindo meus avanços.

— *Cof, cof...*

O som malfeito de uma tosse me faz soltá-la e procurar o desgraçado que invadiu um momento tão prazeroso como esse.

Theodoros e Duda estão parados – os dois tentando segurar as risadas – em frente à quadra de squash. Respiro fundo, puto, e tento me virar de frente rápido, ainda abraçando Mariana, usando-a para disfarçar minha ereção.

— Boa noite — cumprimento-os.

— Boa noite, Millos. — Theo olha para sua mulher. — Pelo visto, não fomos apenas nós dois que tivemos a ideia de explorar a casa.

Duda ri e fica vermelha.

— Theo! — Desvencilha-se dele depois de chamar-lhe a atenção e se aproxima de nós dois, olhando para Mariana. — Eu sou a Maria Eduarda, mulher de Theodoros. Tudo bem? — Beija Mariana e me olha.

— É um prazer — Mariana a cumprimenta de volta.

— Oi, Millos! — Duda me saúda, enquanto Theodoros continua parado e me olhando divertido.

— Não vai me apresentar à moça, Millos?

Duda volta a olhá-lo, e ele para de rir e se aproxima da esposa.

— Duda e Theo, essa é Mariana, minha namorada.

A cara de Theodoros é algo que nunca vou poder esquecer durante toda minha existência. Sei que o termo "namorada" é meio piegas para homens de nossa idade, mas é o que Mariana é, então não tinha por que eu não dizer. Porém meu primo faz uma cara de espanto tão grande que parece que xinguei a moça.

Saio de trás de Mariana, porque meu corpo já se acalmou, e pego sua mão, disposto a ir finalmente ao encontro de meu avô e acalmá-lo.

— Vim apresentar a mansão para Mariana. — Olho-a, mas ela está concentrada nas nossas mãos unidas. — Agora que todos se conheceram, podemos ir ver o velho?

Duda sorri amplamente e, quando percebe que Theo está petrificado, dá uma cotovelada nele, que se apruma e concorda, pegando a mão de sua mulher para irmos de volta para a mansão.

— Tudo bem? — sussurro para Mariana.

Ela sorri.

— Você nunca tinha dito que eu era sua namorada.

Gargalho, e Theo olha para trás com o cenho franzido. Ignoro-o.

— É meio idiota o termo, não é?

Mariana nega.

— Eu adorei ser chamada assim.

Ah, merda!, penso ao sentir o coração disparar pelo que ela disse. Nunca

tive uma namorada antes e, mesmo que ainda não tivesse usado o termo com Mariana, era o que ela era, afinal.

Entramos na mansão, e mais uma vez noto a cara de deboche de Theodoros e quase posso ouvi-lo me provocar como quando éramos mais novos na casa de *pappoús* em Atenas.

Millos está namorando!

— *Gamiménos*! — sussurro para ele.

Theo ri, mas não perdoa.

— *Ái gamísou*[98]! — murmura de volta.

Pappoús escolhe este momento para entrar na sala e já chega estalando a língua, recriminando-nos pelos palavrões – coisa que ele mesmo nos ensinou, só para constar.

— *Boua noitche* — saúda a todos em um português arrastado.

Duda, que já conhece o velho ranzinza, vai até ele e o cumprimenta, beijando sua mão e trocando poucas palavras em português.

— Tessa o está ensinando — Theo explica. — Toda vez que ele vai visitá-la, o velho toma aulas de português com minha filha.

Sorrio, imaginando que a velha raposa não queira ficar usando tradutores para falar com a bisneta e esteja se esforçando para comunicar-se com a menina.

Theo saúda *pappoús* e, como se o velho já não estivesse vendo, comenta algo sobre eu ter "finalmente desencalhado", e meu avô gargalha.

— *Pappoús,* boa noite! — cumprimento-o, mas o velho nem me olha, concentrado em Mariana.

— *Ávra*![99]

Mariana não entende, mas Theo e eu rimos, concordando que Mariana

pode, sim, ser a personificação da deusa do inverno, cuja estátua fica no jardim interno da mansão de meu avô em Atenas.

Explico então para ela do que *pappoús* a chamou, e Mariana sorri lisonjeada, saudando-o.

— Meu nome é Mariana, é um prazer conhecê-lo.

Começo a traduzir, mas o velho dispensa minha ajuda, afirmando que entendeu. Ele beija a mão de Mariana e se apresenta.

— Geórgios Karamanlis. — Ele me olha. — *Kalí epilogí*![100]

— *Efcharistó*.[101]

Pappoús volta a falar, mas o som da campainha o interrompe, e o vejo tomar fôlego, esperando que seja Alexios.

— Boa noite, *família!* — Kostas surge com Kika ao seu lado e é mais um que olha para minha mão na de Mariana com evidente interesse. — Estamos evoluindo! — comenta, mas finjo que não entendi.

Eles cumprimentam a todos, e apresento Mariana à Kika, que a abraça, agradecendo-lhe pelos bolinhos de chuva.

— Eu vou virar uma bola de tanto comer — diz à Mariana. — Mas aí ponho a culpa no Kostas, afinal, olha o tamanho dele. Não tem como eu ter um bebê pequeno!

As duas riem, e olho agradecido para a pequena mulher que dobrou meu primo mais cabeça-dura.

— Alexios? — Kostas pergunta.

— Ainda não chegou — Theo lhe informa. — Kyra está na cozinha.

— Kyra já está aqui? — Estranho que ninguém me tenha dito. — Algum problema com o jantar?

Meu avô gesticula e nega, alegando que a *menina* é mais perfeccionista

do que sua própria mulher o era. Concordo, lembrando que minha avó media a mesa para colocar os pratos todos com a mesma distância um do outro.

Um garçom aparece com aperitivos, e, enquanto todos se servem e Mariana está distraída em uma conversa com Kika e Duda, vou até a cozinha para falar com minha prima.

— Ah, olha quem chegou! — Kyra limpa as mãos em um pano de prato. — E eu achando que iria ter ajuda!

Olho para o bando de gente que está no enorme cômodo.

— Precisa?

Ela ri e nega.

— Eu gosto de cuidar da minha louça. — Mostra-me um conjunto de pratos belíssimos. — São da minha coleção pessoal, então eu mesma estou cuidando deles. — Balanço a cabeça diante de suas manias, e ela faz careta. — Não me julgue, sou virginiana!

— Sabe de Alexios? — Vou direito ao assunto que me fez vir sorrateiramente até ela. — *Pappoús* está uma pilha.

Kyra suspira e dá de ombros.

— Falei com Samara mais cedo, e ela me confirmou que viriam, mas você sabe como meu irmão é às vezes.

— Imprevisível!

— Sim, e, nesse caso, nem posso condená-lo. — Sua expressão facial muda. — Ninguém realmente gostaria de estar neste lugar, ainda mais sabendo que *ele* estava aqui antes de nós.

Sim, imagino que, para todos eles, seja muito difícil. Ainda que Nikkós não esteja presente, suas coisas estão aqui, e somente esse detalhe já é o suficiente para o clima ficar pesado.

— Mas cá estamos, e agora é esperar para ouvir o que *pappoús* quer de

nós.

Ela rola os olhos.

— Que seja feita a vontade de *pappoús!* — debocha. — Mariana veio?

Franzo a testa.

— Sim, está na sala. — Kyra abre um enorme sorriso. — Eu disse que iria convidá-la!

— Não, no planejamento de lugares está "Millos e convidada". — Ergue a sobrancelha. — Mas fico feliz que a *convidada* seja ela!

— Kyra...

— O quê? Não posso ficar feliz por vocês? — Abre os braços e vem até bem perto de mim, enquanto o serviço que ela contratou para o jantar trabalha. — Mariana era tudo o que você precisava, Millos. Ela é doce, delicada, mas é forte e inteligente. — Suspira. — E é completamente apaixonada por você.

Prendo a respiração ao ouvir isso, tendo sensações diversas dentro de mim se chocando. Não quero pensar nisso, não falamos de sentimentos, estamos indo passo a passo, não há por que atropelar tudo.

— É cedo ainda para...

— Ah, Millos! — Kyra me repreende. — Todo mundo vê o quanto ela te adora, e, vou te contar um segredo, você também está dando bandeira. — Ri. — E eu estou adorando ver vocês juntos e estou até ficando animada com essa história de fazer o casamento dos homens desta família!

Cruzo os braços, não entendendo esse romantismo repentino da mulher que se diz um "espírito livre".

— Como eu disse, é muito cedo! Mariana é muito nova, muito ingênua, viveu praticamente em cárcere privado, então é normal ela ficar deslumbrada com a nossa situação. — Kyra fica séria. — Você tem que concordar que ela não conhece nada, não viu nada e tem muito a aprender ainda. — Kyra

assente. — Então não coloque ideias na cabecinha dela sobre estar apaixonada por mim, não é justo.

— Você acha que, por ela ser nova, não tem condições de te amar?

A palavra me fere como uma adaga, ressuscitando todas as minhas inseguranças sobre este assunto. *Não quero ter nenhuma esperança!*

— Acho que ela é muito impressionável e pode confundir gratidão, tesão, admiração com um sentimento mais profundo. — Respiro fundo, puto por estar me justificando para Kyra, colocando em palavras tudo o que tem me assombrado e que me assombra cada vez mais desde quando percebi que eu, sim, estava totalmente envolvido com Mariana. — Não alimente isso, não a conduza ao erro.

Kyra assente.

— Acho que quem está errado é você, mas o que eu sei sobre isso tudo? — Dá de ombros e volta a cuidar de sua preciosa louça.

Retorno para a sala, mas, no caminho, as palavras de Kyra sobre Mariana me amar martelam a minha mente. *Ela nunca disse nada a esse respeito!*, lembro-me, achando impossível que, se ela se sentisse assim, me escondesse.

Esse é um assunto no qual venho pensando há algum tempo, mas cada vez mais tento tirá-lo da cabeça. *Eu não nasci para isso!* Olho para meus primos, cada um com sua amada, e bufo. Meu histórico não é bom, então nunca me permiti achar que poderia ir além dele, ser diferente.

— Boa noite!

A voz de Alexios faz com que eu me vire na direção da entrada da casa, e vejo *pappoús* surgir do corredor que leva à área privada de braços dados com Mariana.

Mais uma vez meu coração bate acelerado, gostando de vê-la com o velho, de saber que ele quis sua companhia e que não teve sequer uma só pergunta sobre sua origem, como ele fez com Duda, por exemplo.

Alexios e Samara entram na sala e cumprimentam a todos, mas meu avô não se mexe, apoiado no braço de Mariana, para ir falar com meu primo.

— Boa noite! — Kyra aparece e sorri ao ver Alexios. — Apenas para avisar que podemos todos passar para a sala de jantar, por favor.

Theo, Duda, Kostas e Kika a seguem, mas, antes que eu possa fazer o mesmo, meu avô me segura pelo braço e começa a falar com Alexios em inglês:

— Eu fico feliz que tenha vindo — cumprimenta-o, estendendo a mão, porém Alexios não a pega, é Samara quem o faz. — Samara Schneider.

Ela saúda o velho homem e lhe pergunta como se sente. Olho para Mariana, que acompanha toda a cena sem entender muito bem, e faço um sinal para que ela deixe *pappoús* e venha ficar comigo.

— Tudo bem? — pergunto assim que ela se aproxima, pois noto uma certa palidez em seu rosto.

Mariana assente, ainda olhando para a estranha interação – ou a falta dela – entre meu avô e Alexios.

— Ei, vocês, vamos à mesa! — Kyra reaparece.

O clima tenso é momentaneamente desfeito, e nos encaminhamos aos nossos lugares. Kyra fala algo com Mariana, e ela sorri, concordando, antes de sentar-se no canto oposto ao meu, perto de meu avô.

Kyra seguiu a tradição de uma mesa formal, e, como ela e meu avô estão funcionando como anfitriões, cada um está em uma cabeceira. Theo e eu nos sentamos próximos à minha prima; ao lado de Theodoros está Kika, e, ao meu lado, Samara. Na outra cabeceira, meu avô reina tendo Duda e Mariana mais perto de si, e, ao lado delas, Kostas e Alexios.

Bom, não era bem como eu esperava passar essa noite, deixando Mariana sozinha com a fera, mas não há como mudar sem quebrar todo o protocolo de minha prima virginiana perfeccionista.

Todos nos sentamos à mesa, e dois garçons começam a servir as bebidas. Olho para Mariana e sorrio encorajador, lamentando estar tão distante.

Meu avô se põe de pé, e então toda minha atenção se concentra nele.

— Millos — chama-me, e assinto, sabendo previamente que ele deseja que eu o traduza.

— Ele deseja agradecer a todos por aceitarem o convite para estar aqui — começo quando ele dispara em grego. — E diz que está muito feliz em ter, em tão pouco tempo, todos os seus netos aqui presentes já encaminhados para formarem suas próprias famílias. — Desvio os olhos dele para Mariana, mas ela está olhando para seu prato. — Menos a Kyra, infelizmente. — Rio, e minha prima chuta meu pé debaixo da mesa. — Palavras dele! — justifico-me.

— Eu entendi, mas não precisava traduzir!

Pappoús pigarreia, e volto a prestar atenção ao que diz.

— Diz que o motivo da reunião familiar é para dar uma notícia. — Fico ansioso, mesmo já tendo uma ideia do que seja. — Ele está se afastando definitivamente da empresa para fixar residência nesta casa.

Três pares de olhos masculinos me encaram, e respiro fundo, porque já imaginava essa reação. Theo pergunta por que ao nosso avô, e o velho responde diretamente para ele, porém, como nem todos entendem a língua, sinto-me na obrigação de traduzir.

— Quer acompanhar o crescimento da nova geração e quer fazer isso de perto dessa vez. — Engulo em seco, não querendo continuar a traduzir, porém sinto o olhar de Alexios sobre mim, questionando o que o velho continua a falar. — Ele pede perdão por ter negligenciado vocês três... — Kostas, Alexios e Kyra me encaram. — E diz que, se soubesse das loucuras de Nikkós naquela época...

Alexios se levanta.

— É tarde demais! — Encara meu avô e repete em inglês: — É tarde

demais!

Fecho os olhos, imaginando o que meu primo está sentindo. Não só ele, na verdade, como também Kostas e Kyra. Sinto uma mão gelada sobre a minha, abro os olhos e reconheço os anéis que Kyra usa.

— Eu sinto muito — falo baixinho.

— Todos nós sentimos.

Geórgios e Alexios conversam em inglês, meu avô se desculpando pela distância que impôs a ele e pedindo que Alexios concorde em conversar com ele em privado.

Desta vez, quando olho para Mariana, ela está parecendo assustada e me encara.

— Desculpa — sussurro. — Eu disse que era complicado.

— Chega! — Theo se coloca de pé. — Alexios, se você concordar, depois do jantar pode fazer todas as perguntas necessárias ao *pappoús*, mas, neste momento, vamos tentar comer, afinal, temos duas mulheres grávidas à mesa e uma recém-chegada à família.

Kyra ri alto.

— Ainda dá tempo, Mariana! — ironiza, e eu a encaro puto. — O quê? É só para descontrair.

Samara fala com Alexios, e ele volta a se sentar. *Pappoús* tenciona voltar a falar, mas faço um gesto negativo, e ele também toma assento. Foi precipitado, ele deveria ter conversado individualmente com cada um, e não exposto a todos dessa maneira, mas dizer o quê? Sutileza nunca foi o forte de meu avô.

— Vamos jantar, porque eu posso garantir que está uma delícia! — Kyra incorpora a anfitriã de novo, e o primeiro prato – a entrada – é servido. — Duda, depois quero sua opinião sobre esse chef.

— Até o momento ela é muito boa — a mulher de Theodoros afirma.

Comemos em silêncio, apreciando o delicioso consomê de legumes. Relaxo com a refeição quente e saborosa, ouvindo as conversas paralelas, principalmente entre Mariana e Duda, que falam sobre cozinha.

Apesar do furacão inicial que se formou, aparentemente conseguiremos terminar o jantar todos vivos.

— Ah, que cena emocionante, a família feliz reunida! — A voz irônica de Nikkós Karamanlis faz com que eu me engasgue.

Merda!

59

In my eyes, indisposed
In disguise as no one knows
Hides the face, lies the snake
In the Sun in my disgrace.[102]

Olho surpreso para a cara do homem responsável pela maioria dos traumas das pessoas à mesa e sinto o clima mudar imediatamente. A surpresa logo dá lugar ao ressentimento, e sinto vários pares de olhos se virarem na minha direção.

Droga!

Pappoús se levanta, encarando o filho, que mantém um sorriso idiota enquanto olha para cada um à mesa. Encontro-me com os olhos de Mariana, mais uma vez surpresos e confusos, e lamento tê-la trazido esta noite, pois ficará no meio do fogo cruzado.

— Ninguém vai me cumprimentar? — O sarcasmo de Nikkós é destilado como um veneno, e sinto meu sangue ferver ao perceber que ele se diverte com o mal-estar provocado por sua presença. — O cheiro da comida está ótimo! — Um garçom desavisado vai até ele com uma taça de vinho em uma

bandeja, enquanto outro fala com Kyra ao meu lado. — Ah, claro que isso tinha que ser serviço seu, não é, minha querida? — Ele brinda, levantando a taça, na direção de Kyra.

— Nikkós, ninguém o esperava. — Theodoros toma a frente, tentando controlar a situação. — Infelizmente não temos lugar sobrando para...

O homem gargalha e coloca as mãos sobre os ombros de *pappoús.*

— É claro que ninguém me esperava, não é, *bampás*[103]? Foi tudo muito bem planejado para se livrarem de mim. — Nikkós sorri malicioso e olha para Kostas. — Por que tanto ressentimento, afinal? Vocês não são meus filhos?

Vejo Kika fazendo sinal para Konstantinos, mas o rosto de meu primo está tão sombrio que temo que vá se levantar a qualquer momento. De onde estou não consigo ver o rosto de Alexios, mas imagino como está. Olho para a Kyra e a vejo pálida e trêmula na cabeceira da mesa.

Filho da puta!

Ergo-me puto, disposto a dar um basta na situação.

— Nikkós, como você percebeu, ninguém o deseja aqui esta noite, então... — Aponto para a saída.

Meu tio ri.

— Você entende bem isso, não é, Millos? Ser rejeitado, escorraçado, indesejado...

— *Arketá*![104]

O velho Geórgios se levanta da cadeira e retira as mãos de seu filho de seus ombros, exigindo que Nikkós saia da sala. A expressão de Nikkós se altera do sarcasmo à raiva, e ele me encara com verdadeira ira.

— Vá embora, Nikkós — reforço a ordem de *pappoús*, mas sem me alterar, tentando ainda manter alguma civilidade.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição, mas, em vez de sair, olha para Mariana.

— Ora, ora... Nem percebi que temos mais uma belíssima mulher à mesa. — Meu corpo gela ao vê-lo se aproximar de Mariana e abrir novamente seu sorriso demoníaco. — Millos, nunca pensei que, de todos esses imprestáveis, você seria o único a compartilhar meu bom gosto.

Não consigo descrever como saí do meu lugar, tudo o que posso dizer é que, de repente, sinto-me sendo agarrado por Alexios a meio caminho de socar a cara do filho da puta do Nikkós.

— Se acalma, é isso que o desgraçado quer! — Meu primo, o mais estourado de todos, tenta me trazer à razão.

O barulho de algo caindo no chão chama minha atenção, e olho para trás a tempo de ver Kyra sair da mesa, marchando para fora da sala de jantar como se estivesse sendo perseguida.

— Você vai sair ou necessita que eu mostre a saída? — Kostas caminha até seu pai.

Os dois gigantes se encaram, mas Nikkós logo reconhece sua desvantagem em relação ao filho e se afasta.

— Vocês são fracos e patéticos, lambendo as bolas de um homem que só teve um favorito a vida toda. — Aponta para Theodoros. — Acham mesmo que ele se importa com algum de vocês?

Ele faz menção de sair, porém nem mesmo dá dois passos, e Madeline aparece. Alexios ainda me segura, por isso sinto todos os seus músculos se petrificarem e vejo seu rosto ficar branco como papel.

Merda!

Madeline fala algo com Nikkós e depois, sem olhar para o próprio filho, vira as costas e sai da sala seguindo-o tão silenciosamente quanto entrou.

— Alexios... — Samara chama o noivo.

Vou até onde está Mariana. Todos parecem falar ao mesmo tempo, mas não foco nas conversas, percebendo o olhar assustado da mulher a quem prometi sempre proteger. *O desgraçado quase a tocou!*, penso irado, sabendo que, se ele colocasse as mãos em Mariana, nada me deteria até acabar com sua raça.

— Mariana, você está...

— Alexios!

O grito de Samara me faz olhar a tempo de ver meu primo sair correndo pelo mesmo caminho por onde Nikkós e Madeline saíram. Ajo rápido e vou atrás dele para impedi-lo de fazer uma loucura.

Não é hora de expor Madeline, principalmente na frente de Nikkós; pode ser muito perigoso!

Saio da casa, mas não vejo ninguém, porém sigo em direção à edícula onde os dois estão hospedados, arriscando que seja esse o caminho que Alexios tomou para confrontar a mãe biológica.

Passo correndo pelo jardim, mas não o vejo, e somente quando rodeio a fonte é que avisto Alexios, mãos nos joelhos e o corpo todo sendo sacudido por soluços. Desacelero, consciente de que terei que estar calmo para conversar com ele e levá-lo de volta para dentro da casa.

— Alexios...

— É ela, Millos. — Sua voz sai entrecortada pelo pranto. — Como ela pôde se casar com ele? — Balança a cabeça. — Eu não entendo!

Coloco a mão sobre seu ombro, e Alexios se levanta para me olhar.

— Vamos voltar, por favor, não faça nada de que...

— É a Leila, Millos. — Ele aponta na direção da edícula. — Madeline é a Leila, a mulher que aquele monstro engravidou!

Fecho os olhos, a dor dele refletindo em mim.

— Você precisa se acalmar. Samara ficou lá dentro sozinha e preocupada contigo. — Seguro-o pelos ombros, obrigando-o a me encarar. — Aquela mulher não é sua mãe, Alexios. Ela pode ter te trazido ao mundo, mas não é nem nunca foi sua mãe, entendeu?

Ele assente e seca o rosto com raiva.

— Ela enviou Chicão para ficar de olho em mim, sabia? — Alexios ri. — Nunca teve sequer vontade de me conhecer, mesmo sabendo que eu a procurava!

Porra!

Puxo-o para um abraço, e ele soluça. Tenho noção do quanto isso o magoou toda sua vida, principalmente por causa da tortura psicológica de Nikkós sobre esse assunto.

Alexios me aperta com seus braços, e percebo que nunca fiz isso antes, não o abracei quando precisou e, embora tenha tentado ajudá-lo de outras formas, faltei demonstrar a ele o quanto o amava, o que poderia ser feito como estamos fazendo agora.

— Vamos entrar — chamo-o de novo. — Lá dentro estão pessoas que se importam e amam você.

— Sim. — Alexios respira fundo. — Eu me descontrolei, mas isso não voltará a acontecer. Durante muitos anos deixei que esse assunto me desestabilizasse. Chega! Não sou mais um garoto.

— Quem perdeu e continua perdendo, Alexios, é ela. Você é um homem incrível, amado por uma mulher maravilhosa e com um futuro feliz à espera de vocês. Deixe o passado onde ele deve ficar, para trás!

Ele assente, sacode a cabeça e sorri constrangido.

— Vamos voltar e resgatar nossa família, esse jantar acabou!

Damos a volta na fonte e nos encontramos com Kostas vindo de outra direção, também do lado de fora da casa.

— O que faz aqui? — pergunto-lhe.

— Vim procurar Kyra, mas não a achei em lugar nenhum. — Dá de ombros. — Que noite do caralho! Senti vontade de fumar, mas lembrei que estou tentando parar. — Kostas ajeita seu paletó, demonstrando que acabou de vesti-lo. — Você está bem?

Alexios confirma.

— Eu sabia que era um erro vir. O velho nunca se importou conosco, nunca quis saber das merdas que nos aconteceram enquanto aquele sádico nos torturava.

— Alexios... — Kostas o repreende, mas seu irmão não está mais disposto a guardar segredo.

— O quê? Vai dizer que ele é inocente? Nós ficamos aqui com aquele capeta criando um inferno em nossas vidas, e ele nunca sequer tentou...

— Ele não sabia! — corto sua fala, e os dois me encaram. — *Pappoús*, Theo e eu não fazíamos ideia.

Kostas franze o cenho.

— Como você sabe? — Ele ri nervoso. — Do que você sabe?

Respiro fundo, a cabeça a mil, tentando consertar a merda que fiz ao tentar defender nosso avô.

— Eu intuí a maioria das coisas pelas conversas que tive com cada um, e *pappoús* ficou sabendo de algumas coisas este ano, através de Sabrina.

— Sabrina? — Alexios me encara pálido, e me lembro de que ela foi a mulher que o criou e deu nome a ele, embora seja mãe biológica apenas de Kyra.

— Sim, a ex-mulher de Nikkós apareceu em Atenas esse ano e deu um jeito de conversar com nosso avô.

— E como ela sabia de alguma coisa se a desgraçada foi embora com

Theo? — Kostas questiona nervoso, andando de um lado para o outro. — E por que ela se meteria nesse assunto depois de tantos anos?

— Dinheiro. — Rio. — Ela ofereceu as informações a troco de dinheiro.

— Filha da puta! — Kostas a xinga, e Alexios fecha os olhos. — O que o velho sabe?

Felizmente, não muito!, penso, aliviado com o fato de que a mulher interesseira não tinha muitas coisas a contar.

— Que Nikkós batia em vocês, usava drogas e os expôs a todos os seus vícios.

— Ele nunca se importou em vir aqui, não me diga que agora...

— Alexios, Nikkós não permitiu que eles os levassem para Atenas nem nas férias, como antes. — Ele gargalha e diz que nunca foi. — Eu sei, mas isso é um assunto entre você e ele.

Meu primo me olha desconfiado.

— Mas você sabe mais do que está nos contando, não? Afinal, ele te criou junto com Theo, debaixo de suas asas. Por quê, Millos?

Bufo, irritado com a pergunta, querendo deixar meus próprios problemas de fora desta conversa já tão difícil, mas sem saber como fazer, pois Kostas e Alexios me encaram exigindo respostas.

— Ei, vocês!

Olhamos para o lado oposto de onde cada um veio, e Theodoros aparece, sem paletó e com as mangas da camisa arregaçadas. Ele se aproxima de nós e respira fundo.

— Que noite! — Noto, então, que segura um copo de uísque sem nenhum gelo. — Deixei *pappoús* no quarto. O velho estava mal, e pedi para chamarem sua enfermeira. — Bebe um longo gole de sua bebida. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Nada! — Kostas responde. — Vamos entrar, porque, como estamos todos aqui fora, Duda, Kika, Samara e Mariana estão sozinhas lá dentro.

Todos concordamos e fazemos o caminho de volta ao interior da mansão em silêncio, cada um com suas impressões desta noite fodida.

Entro na sala e logo encontro Kika, que abraça Kostas e lhe pergunta se está bem. Olho em volta, mas não vejo Duda, Samara ou mesmo Mariana.

— Onde está Mariana? — pergunto à Kika.

Ela dá de ombros.

— Mariana e eu estávamos na sacada conversando, mas ela de repente me pediu licença e saiu. Não vi para onde foi. — Olha, então, para Alexios. — Samara não se sentiu bem, e Duda foi com ela ao banheiro.

Alexios sai correndo através do corredor em busca de sua mulher, enquanto Kostas convida Kika para irem embora.

— Boa noite! — ela me cumprimenta, sorrindo triste. — Pena que tudo acabou assim. — Suspira e acena para Theo.

Vejo Kostas a levar para fora da mansão e fico preocupado com o sumiço de Kyra e Mariana. Então deixo Theo à espera de Duda, Alexios e Samara e vou até a cozinha, esperando encontrar as duas.

— Boa noite, posso ajudá-lo?

Uma das funcionárias da casa, que trabalhou junto aos contratados na cozinha, vem até mim, mas não lhe presto atenção, observando cada canto do enorme cômodo à procura de Kyra ou mesmo de Mariana.

— Estamos querendo saber se o jantar irá continuar ou...

Nego.

— Kyra ou Mariana vieram aqui? — A mulher pergunta aos outros se as viram, mas a resposta é negativa. — Podem adiantar a limpeza e separar os alimentos para serem doados. Quem quiser, pode levar comida e bebidas para

casa.

Procuro pela casa, mas não há sinal de nenhuma das duas em lugar algum. Ligo para o celular de Mariana, esperando que ela o tenha colocado naquela bolsa pequena, mas, embora o aparelho chame, ninguém atende. Tento o de Kyra, mas dá fora de área.

Merda, onde elas estão?

Sigo para o estacionamento e encontro os dois casais restantes indo embora. Fico ansioso. Um sentimento desconhecido parece apertar meu coração com punho de ferro ao confirmar que o carro de Kyra não está parado no pátio.

Ligo novamente para Mariana, deixo uma mensagem em sua caixa postal e digito uma mensagem perguntando onde está e se Kyra está com ela.

— Doutor Millos? — a enfermeira de meu avô me chama na entrada da casa. — Fui ver seu avô, mas ele não está no quarto. — Rio, achando que todo mundo resolveu brincar de pique-esconde nesta noite. — Já o busquei em todos os cômodos da mansão, mas...

— Eu vou procurá-lo aqui fora.

Ela agradece e volta a entrar, e sigo para o lugar em que sei que *pappoús* adora se sentar no final da tarde para tomar chá ou fumar escondido. Sigo pelo caminho de árvores e entro em um pequeno coreto, onde encontro o velho com um charuto aceso na boca e olhos fechados.

— Sua enfermeira está à sua procura — aviso-lhe, sentando-me ao seu lado.

— Enfermeira! — Ri. — Tenho uma carcereira, isso sim!

Balanço a cabeça e confiro as horas no telefone.

— É quase meia-noite e está um frio terrível aqui fora. Por que não vai se aquecer e dormir?

— Eu odeio ter perdido minhas forças e, embora goste de estar vivo,

detesto reconhecer que virei um peso morto.

— Não diga bobagens, o senhor tem mais vitalidade do que todos nós juntos!

O velho dá uma risada debochada.

— Eu queria ter dado uma boa lição naquele desgraçado, isso sim! — A frustração é evidente em sua voz. — Não entendo como voltou a tempo, era para Madeline tê-lo segurado lá até a semana que vem.

Madeline...

— O senhor gosta muito dela, não é?

— Gosto, não tenho motivo para não gostar, Millos. Lamento que tenha se casado com aquele imprestável, mas reconheço que Nikólaos sabe como seduzir uma mulher. — O velho respira fundo. — Bom, nem todas, não é? — Olha-me, e vejo dor em seus olhos. — Eu fico pensando no que teria acontecido se ele tivesse feito minha vontade e se casado com...

— Não pense nisso — interrompo-o. — O que passou, passou, e, de qualquer maneira, daria no mesmo.

Pappoús concorda.

— Eu pensei que conseguiria consertar as coisas, ou, pelo menos, começaria. — Solta a fumaça do charuto antes de continuar: — Theodoros e Maria Eduarda me aceitaram bem, e a pequena Tessa conquistou meu coração. — Fecha os olhos. — Konstantinos me surpreendeu, e a Wilka é... — Ri. — Bom, ela não tem medo de dizer o que pensa, e eu gosto disso.

— Faltava somente Alexios — concluo.

— É... O garoto que eu mantive longe é o que encontrou o tipo de mulher que eu queria para todos vocês. — Ergue a sobrancelha, esperando meu comentário, mas não falo nada. — Samara é uma mulher de família tradicional, rica, mas tenho certeza de que nada disso foi relevante. — Nego e rio, sabendo que Alexios não pensou nisso como vantagem, pelo contrário.

— Eu percebi que era loucura tentar intervir em suas escolhas e que estava fazendo merda de novo.

— Ainda bem que percebeu.

— Não seja insolente! — ele me repreende, e gargalho. — Sua Mariana, por exemplo, é uma menina linda.

O jeito como ele se refere a ela me incomoda, e o corrijo:

— Ela é uma mulher.

Ele concorda.

— Não gostei do jeito que Nikólaos falou dela, embora não tenha entendido. — Encara-me. — Isso me lembrou de...

— SOCORRO!

Um grito de mulher ecoa na noite, e nós dois nos colocamos de pé ao mesmo tempo.

— AJUDA!

O pedido chega até meus ouvidos de novo, e não espero uma terceira vez, saio correndo na direção de onde veio.

— SOCORRO!

Desço as escadas pulando os degraus. O coração parece que vai saltar pela boca, a mente bloqueando todas as suposições, pois todas elas me causam muito medo.

Noto que as luzes da área da piscina estão acesas e, assim que me aproximo, vejo uma funcionária da casa chorando e tremendo. Esquadrinho a área, mas não vejo o que pode tê-la assustado.

— O que houve? — pergunto assim que a alcanço.

Ela fecha os olhos, soluçando e, com a mão tremendo, aponta para o quiosque onde fica a cozinha gourmet.

— Fique calma, sim? Vou ver o que é.

Ando devagar na direção que ela indicou e passo pelas portas de correr de vidro, que mantêm a área fechada à noite. Desvio-me de uma bandeja e muitas louças quebradas – provavelmente era o que a moça trazia para guardar – e paro em seco, sem poder acreditar em meus olhos.

— Millos?

A voz de *pappoús* faz meu coração – que deve ter parado de funcionar – acelerar, e volto em sua direção a fim de impedi-lo de entrar.

— O que houve? — o velho me indaga, usando sua bengala para descer até onde estou.

— É melhor o senhor subir e chamar sua enfermeira — digo, dedos trêmulos, enquanto digito uma mensagem para Sâmi. — Pode deixar que eu resolvo aqui embaixo.

Envio a mensagem e respiro fundo, relendo-a sem poder acreditar no que escrevi.

“Preciso de você na mansão do Morumbi. Alguém matou Nikkós.”

60

Mariana

I thought that I'd be all you need
In your eyes I thought I saw my heaven
And now my heaven's gone away
And I'm out in the cold.[105]

Ajudo Kyra a se deitar, preocupada com minha amiga, que veio o trajeto todo até sua casa sem dizer uma só palavra, apenas chorando silenciosamente. Estava tão quieta que, se não fosse pelas lágrimas que escapavam de seus olhos fechados, eu poderia supor que tivesse adormecido.

Santo Deus, o que houve com aquela família?

Saí do *loft* de Millos achando que seria uma noite inesquecível, que me divertiria, conheceria seus familiares, o que ajudaria a consolidar ainda mais nosso relacionamento.

Estava nervosa, claro, com a possibilidade de o avô dele não gostar de mim, mas fui tão bem recebida por todos, e, para minha alegria, Millos me apresentou como sua namorada, algo muito melhor do que eu havia fantasiado.

Estava tudo indo tão bem que parecia um sonho, e não pensem que o sonho se tornou pesadelo durante o jantar, não, pelo menos para mim, a transformação veio antes.

Eu estava conversando com Duda e Kika na sala de estar quando notei que Millos não estava mais conosco. Perguntei se alguém sabia onde tinha ido, e Theodoros indicou a cozinha.

— Deve ter ido falar com Kyra, ela chegou conosco.

Agradeci a informação e segui para lá, afinal, se minha chefe estava precisando de ajuda, eu poderia muito bem auxiliá-la. Cheguei à entrada da enorme cozinha, mas parei quando a ouvir dizendo:

— O quê? Não posso ficar feliz por vocês? Mariana era tudo o que você precisava, Millos. Ela é doce, delicada, mas é forte e inteligente. — Ouvi seu suspiro e sorri por ter uma amiga tão incrível quanto ela. — E é completamente apaixonada por você.

Arregalei os olhos, e meu coração passou a bater nos meus ouvidos com o que ela disse. Fiquei esperando a reação de Millos, porque não havíamos falado sobre sentimentos, e eu queria muito saber o que ele responderia.

— É cedo ainda para...

Prendi a respiração, mas Kyra o interrompeu antes que concluísse o que quis dizer com o tempo que estávamos juntos.

— Ah, Millos! Todo mundo vê o quanto ela te adora, e vou te contar um segredo, você também está dando bandeira. — Kyra riu, e senti uma pontada de esperança, porque ela perceber que eu estava apaixonada era fácil, pois sei que não escondo, porém, para ela dizer a Milos que ele também não conseguia disfarçar, era porque talvez ele realmente sentisse o mesmo por mim. — E eu estou adorando ver vocês juntos e estou até ficando animada com essa história de fazer o casamento dos homens desta família!

Não impedi que um sorriso tomasse conta do meu rosto, afinal, seria um sonho poder me casar com Millos, ter Kyra como minha madrinha. *Ter filhos!* Suspirei, viajando um pouco na fantasia.

— Como eu disse, é muito cedo! — Freei a minha imaginação com o que ele disse, mas não vi nada de mais, porque Millos sempre foi muito sensato e não era levado facilmente pelo que sentia. — Mariana é muito nova, muito ingênua, viveu praticamente em cárcere privado, então é normal ela ficar deslumbrada com a nossa situação.

Certamente eu não esperava por esse baque! Foi como se um soco me atingisse ao ouvir a opinião que Millos tinha de mim e o quanto desconsiderava meus sentimentos. Ele tinha razão sobre eu ser nova, ingênua, mas o que isso tinha a ver com o que eu estava sentindo por ele? Só porque eu não tinha números a mais na minha idade ou não era uma mulher como as da cidade grande, eu não servia para amá-lo?

Tentei ir embora e parar de ouvir aquela conversa, mas o argumento seguinte de Millos me pareceu uma adaga bem afiada entrando em meu peito.

— Você tem que concordar que ela não conhece nada, não viu nada e tem muito a aprender ainda. Então não coloque ideias na cabecinha dela sobre estar apaixonada por mim, não é justo.

Senti quando a primeira lágrima de dor rolou, tentei não soluçar, coloquei a mão sobre a boca para não fazer barulho. Nunca me senti tão insignificante, tão pequena, ridícula até, por pensar que um homem como Millos pudesse me amar.

— Você acha que por ela ser nova não tem condições de te amar?

Kyra pareceu estar lendo meus pensamentos, mas eu não tinha nenhuma esperança sobre a resposta de Millos. Porém, como se gostasse de sentir dor, fiquei parada no mesmo lugar, à espera do que ele diria.

— Acho que ela é muito impressionável e pode confundir gratidão, tesão, admiração com um sentimento mais profundo.

Não consegui ouvir mais nada depois disso e saí correndo pelo corredor, entrando pela primeira porta que encontrei. Chorei e pensei que teria que ficar a noite inteira naquela casa, sorrindo, fingindo que meu coração não estava em pedaços.

Eu nunca disse ao Millos como me sentia e naquele momento percebi que isso foi bom, porque certamente riria de mim ou tentaria me convencer de que eu estava confundindo as coisas, como se não tivesse condições de entender meus próprios sentimentos.

Era como se novamente eu estivesse sendo tratada como criança, como se não tivesse condições de decidir nem mesmo sobre minhas emoções.

Engoli as lágrimas, pois não poderia passar a noite inteira ali escondida. Era hora de agir como adulta, jantar, conversar e, quando voltasse com Millos, revelar a ele o que tinha ouvido e terminar tudo antes que ele me machucasse mais.

Lavei o rosto no lavabo onde entrei e, quando saí, encontrei-me com o avô dele. Não entendi uma só palavra do que tentou me dizer, mas aceitei acompanhá-lo quando me ofereceu seu braço.

Depois, durante o jantar, foram tantas situações estranhas que eu já nem precisava disfarçar minha tristeza. Todos estavam tensos e estranhos, e, quando o pai de Kyra apareceu, foi como se uma bomba tivesse explodido na sala de jantar.

O clima ficou tão denso que eu sentia dificuldade de respirar, não conseguia encarar ninguém, e, quando o homem me notou e falou sobre mim, meu estômago se revoltou, e achei que iria passar mal ali, à mesa.

Fiquei assustada com a reação de Millos, pois ele praticamente voou na direção do tio, e, se não fosse Alexios, acho que eu testemunharia uma luta a dois passos de mim.

Quis sair correndo quando vi Kyra se levantar da mesa, mas estava petrificada de medo, com uma sensação estranha a me corroer por dentro. Millos veio falar comigo, e eu ia pedir a ele que fôssemos embora, mas então todos os homens saíram da sala de jantar, cada um indo para um lado. Samara desmaiou, sendo amparada por Duda, e Kika sentiu falta de ar.

Fui com ela até a sacada, mas, assim que saímos na noite fria, vi Kyra correndo para o local onde os carros estavam estacionados e imaginei que ela

não tivesse condições de voltar para casa sozinha.

Não pensei muito, apenas me despedi de Kika e saí correndo atrás de minha amiga. Encontrei-a com a cabeça deitada sobre o volante, chorando copiosamente.

— Kyra? — chamei-a assim que abri a porta do carona. — O que foi?

— Eu quero ir embora!

Entrei no carro e me sentei ao seu lado.

— Eu vou com você!

Ela sorriu, o rosto molhado, e tentou sair da propriedade, mas mal conseguiu passar pelo portão.

— Você sabe dirigir, não é? — questionou-me, e assenti, mas aleguei que não tinha carta. — Não tem problema, qualquer coisa, eu resolvo.

Saímos do carro, do lado de fora do portão, e trocamos de lugar. Dirigi o tempo todo tensa, mas atenta à estrada e à mulher que chorava tão sentida ao meu lado que me fazia pensar no que havia acontecido àquela família para todos ficarem daquele jeito ao ver o pai.

Suspiro ao notar que Kyra dormiu e saio da cama dela, indo para a varanda, tentando não pensar mais nessa noite. Pego meu telefone e vejo duas ligações de Millos, bem como o ícone da caixa de mensagens indicando que há alguma gravada.

Ignoro-a, bloqueando a tela, sem condições de ter qualquer conversa com ele por telefone. Sinto-me tão estranha, como se estivesse em dormência, com o corpo tão dolorido que parece que fiz uma longa viagem desconfortável.

Sinto dor – dor física mesmo – no meu peito e penso em como irei seguir com minha vida daqui para frente. Não que eu pense que dependa de Millos para viver, mas também não posso ignorar que minha vida, de certa forma, está atrelada à dele. Trabalho com sua prima, sempre vamos ter esse vínculo, e será difícil esquecer tudo o que vivemos juntos.

Além disso tudo, há ainda Sâmi, com a investigação sobre meu irmão, a segurança de Kátia. Coloco a mão no rosto e choro por ter achado que tinha mesmo começado uma nova história, que tinha um emprego, um lugar para morar e um homem que me via como mulher, e não como uma menina sob sua responsabilidade.

Estava enganada!

Não há estabilidade ainda em minha vida, tudo é muito efêmero, transitório, e essa desilusão é triste de ser encarada.

Olho para dentro do quarto e confirmo que Kyra realmente dormiu depois do banho e do calmante que tomou. Talvez eu devesse fazer o mesmo, mas não consigo pensar em ter uma noite de sono tranquila depois de tudo o que vi e ouvi. Decido sentar-me no balanço que ela tem na sacada da sala e ficar lá até o dia clarear.

— Dormiu aí?

Olho para Kyra, na porta da sala, suas olheiras denotando que, embora tenha dormido, não descansou.

— Não, não dormi. — Sorrio. — Como você está?

Minha amiga desvia os olhos de mim.

— Com fome, e você?

Balanço a cabeça positivamente, saindo da varanda para tomar um café antes de pedir um Uber para casa. O dia amanheceu com céu claro e sem nuvens, sem combinar nem um pouco com meu humor, então tudo o que quero é poder chegar ao apartamento, tomar um banho e dormir o resto do dia.

— Não sei nem que horas são — Kyra comenta ao colocar o café para fazer. — Meu telefone está mortinho, acabei de ligá-lo no carregador.

Suspiro, pensando nas ligações e mensagens que ignorei.

— Eu vou tomar o café e pedir um Uber, se você estiver bem.

— Eu estou. — Dá-me um sorriso triste. — Não precisa ficar preocupada comigo. — Kyra me abraça. — Obrigada por ser minha amiga e não ter feito perguntas, embora eu ache que você tenha muitas.

— Não foi a noite que imaginei. — Suspiro, e ela concorda.

— Aquele homem tem o poder de perturbar a vida de quem nem o conhece! — Baixo os olhos, sem jeito, porque, muito embora o pai dela tenha destruído a festa, não foi ele quem me deixou triste diretamente. — Mari? O que houve?

Fecho os olhos, as palavras de Millos voltando à minha memória e transformando tudo o que estávamos vivendo em ilusão.

— Você já se apaixonou por alguém? — pergunto sem olhá-la, ainda com a cabeça abaixada e os olhos fechados. — Como saber se o que está sentindo é amor?

Os braços de Kyra me envolvem de repente, e respiro fundo para não chorar.

— Eu nunca me apaixonei, Mari, mas sei quando alguém está amando. Vi quando aconteceu com Samara, Helena, meus irmãos. — Ela pega meu rosto. — Vejo em você. Tem dúvidas?

Dou de ombros.

— Não, nenhuma dúvida sobre o que eu sinto. — Sou sincera. — Pode parecer bobagem, mas o sentimento está aqui desde a primeira vez que o vi.

Escuto-a suspirar, Kyra se afasta e me olha como se percebesse o motivo pelo qual estou lhe fazendo todas essas indagações.

— Millos é um homem complicado, todos nós somos, mas nunca o vi se envolver com alguém, apresentar para a família... — Sorri. — Talvez precise

de mais tempo para enxergar e aceitar o que sente ou o que você sente por ele.

Balanço a cabeça, mesmo não concordando muito com ela. Millos não é um homem inseguro, embora admita que está perdido com essa situação que estamos vivendo. Ele parece ser uma pessoa muito consciente, e o jeito que falou com Kyra ontem não demonstrou que ele estava em dúvida, mas sim que tinha certeza de que eu não sabia discernir o que estava sentindo.

— É bobagem minha — digo para mudar de assunto. — É tudo muito novo ainda, e eu sou muito inexperiente, por isso essa insegurança toda. — Sorrio, tentando parecer melhor. — Obrigada pela conversa.

— Sou eu quem lhe agradece, Mari, por tudo!

Ela me serve uma xícara generosa de café, e o bebo em silêncio, ainda digerindo o que estou sentindo e como devo agir daqui para frente.

Peço um Uber assim que termino o café, rejeitando qualquer coisa sólida para acompanhá-lo, e me despeço de Kyra assim que o carro chega. Sigo para casa muda, a cabeça deitada no encosto traseiro, os olhos fechados e ardendo com as lágrimas contidas. Quero apenas dormir quando chegar, colocar minha cabeça no travesseiro e acordar com a mente desanuviada e com pensamentos coerentes sobre o que fazer.

Conversar com Millos, expor meus sentimentos e aceitar o que ele me der de volta ou simplesmente abrir mão de qualquer relacionamento íntimo com ele? Qualquer uma das opções me machucaria muito, porque, ainda que eu o queira muito, sei que sofrerei se receber migalhas de volta, porque já recebi muitas durante minha curta vida para saber como é.

O Uber chega ao meu prédio, e desço do carro e pego as chaves dentro da *clutch*, agradecendo ao meu anjo da guarda que me fez levá-la para a festa.

— Mariana?

Congelo no lugar, a chave semiencaixada na fechadura, e sinto meu coração disparar. Viro-me devagar para a pessoa que me chamou pelo nome, reconhecendo sua voz, sentindo medo e esperança ao mesmo tempo, e,

quando finalmente o vejo parado a alguns passos de mim, o chaveiro vai ao chão.

— Mariana, ainda bem que te achei! Você não sabe a confusão em que se meteu!

61

Someone told me long ago
There's a calm before the storm
I know, it's been comin' for some time
When it's over, so they say
It'll rain a sunny day..[106]

— Isso aqui parece cena de filme. — Concordo com Kostas conforme descemos as escadas para o local onde o corpo de Nikkós jaz sem vida. — A polícia sempre faz muita bagunça, não sei como consegue se localizar. — Ele levanta a fita zebrada colocada para isolar o local do crime, e passamos por baixo dela.

Assim que encontrei o corpo de Nikkós caído dentro da cozinha gourmet, todo ensanguentado, minha maior preocupação foi manter *pappoús* longe do local, pois, por mais problemas que existissem nesta família, ele ainda era o pai do homem que estava morto naquele chão.

Não foi fácil; meu avô tentou lutar contra mim para poder ver o filho, mas o segurei o máximo que pude enquanto ligava para a emergência.

— Eu já chamei os médicos, fique calmo.

Tentei ganhar tempo, porque não tinha dúvida alguma de que Nikkós estava morto. A poça de sangue à sua volta não deixava muita esperança, mesmo que eu não o tenha tocado para saber se ainda existia pulsação.

A enfermeira de *pappoús* apareceu e, com a ajuda do pessoal que já trabalhava na casa, o levou para dentro. Pedi a ela que o medicasse e que chamasse o cardiologista que o estava atendendo no Brasil, porque eu imaginava que o choque pudesse fazê-lo passar mal.

Não voltei à cozinha gourmet e não deixei que ninguém mais se aproximasse de lá. Sâmi me retornou a mensagem, mas, como ainda não havia retornado a São Paulo, disse que entraria em contato com um amigo dela que trabalhava na Civil, e eu lhe avisei que o pessoal da emergência já havia acionado a polícia.

Estava tão tenso com a situação toda que mal tive tempo para racionalizar o que aconteceria dali para frente, até que vi Madeline aparecer, de roupão e aparentemente muito assustada.

— O que houve? Acordaram-me agora dizendo que tinha acontecido algum acidente e...

— Nikkós está morto — interrompi-a, sem nenhuma vontade de entrar em seu jogo de esposa preocupada.

Ela pareceu ficar pálida, mas, como eu não confiava nada nela, nem considerei a possibilidade de estar sendo sincera. Aproximei-me e disse bem baixo, para que as pessoas que ainda estavam ao redor não pudessem ouvir:

— Achei que sua ideia de vingança era fazê-lo pagar em vida, *Leila*.

Ela ficou séria, sua expressão se tornou fria e sem nenhum indício de preocupação ou tristeza, como estava minutos antes.

— E era. — Bufou. — Morte para aquele filho da puta seria uma bênção. Muitas vezes a desejei a mim mesma para poder livrar-me do sofrimento que passava, não seria tão misericordiosa com ele. Acredite ou não, Millos Karamanlis, eu não matei aquele demônio.

A convicção em sua voz me fez estremecer, porque, se realmente não fosse Madeline, quem poderia ter sido?

Tentei rememorar todos os acontecimentos daquela noite a partir do momento em que Nikkós saiu da casa e Alexios correu atrás dele. Kyra foi a primeira a deixar a sala, mesmo antes de Nikkós sair, e não sei ao certo para onde foi. Kostas e Theo apareceram no jardim depois de algum tempo em que Alexios e eu estávamos lá conversando.

Sabia que nenhum dos meus primos seria capaz de matar o pai, ainda que tivessem motivos de sobra para fazê-lo, mas, a partir do momento em que a investigação do homicídio começasse, poderíamos ter problemas.

Por que justo agora?, perguntei-me assim que peguei o telefone para ligar para Kostas. O telefone chamou várias vezes até cair na caixa postal. Deixei mensagem pedindo a ele que me retornasse e escolhi não mandar mensagens.

Resolvi não ligar para Theodoros por enquanto, porque queria realmente conversar com Kostas antes para saber como deveríamos agir, uma vez que a polícia certamente iria querer tomar o depoimento de todas as pessoas que estiveram na casa.

A sirene da ambulância do Samu anunciou sua chegada, e, instantes depois, os socorristas apareceram.

— Não há acesso ao terreno pela parte de baixo para a ambulância entrar? — perguntou-me o responsável.

— Só olhando a planta da propriedade, porque a casa está em uso há pouco tempo, e eu não moro aqui. É meu avô o proprietário — expliquei enquanto o encaminhava até a parte baixa do terreno, à área de lazer da mansão.

— A polícia já está vindo — ele disse assim que examinou o corpo no chão. — Ele está morto, não há o que possamos fazer aqui.

Assenti, e, logo em seguida, os policiais chegaram e me encheram de perguntas sobre Nikkós e como o corpo foi achado, bem como a todos os funcionários que estavam na casa.

— Nós vamos acionar o pessoal da delegacia de homicídios do DHPP — informou o policial. — É imprescindível que a área continue isolada.

Caminhei com ele até a parte alta da propriedade, enquanto seus outros dois colegas, que vieram juntos, ficaram guardando o lugar.

— Vou transmitir a ocorrência, e, em breve, eles virão com toda a equipe técnica para liberar o local.

Concordei com tudo o que me pediu, dentre outras coisas, que eu não saísse da propriedade, e o esperei ir embora antes de tentar falar com Kostas mais uma vez.

— Millos, você sabe que tem uma grávida nesta casa tentando dormir, não? — Kostas me atende com voz de sono.

— Desculpe por isso. Wilka acordou?

— Não. — Sua voz foi apenas um sussurro. — O que houve?

Ouvi quando ele falou algo para o cachorro, e em seguida uma porta foi fechada.

— Acharam o corpo de Nikkós perto da piscina — contei sem rodeios.

Kostas riu.

— Que palhaçada é essa, Millos?

— Ele foi assassinado, Kostas, múltiplas perfurações, e a polícia já está a caminho.

Meu primo xingou baixinho.

— Nós saímos daí há pouco mais de uma hora, Millos, e não ouvimos nada!

— Eu estava aqui o tempo todo e só ouvi quando uma faxineira começou a gritar em desespero.

Conseguia ouvir seus passos andando de um lado para o outro e a respiração ruidosa.

— Vou acordar Verinha e pedir a ela que fique aqui com Wilka. Estou indo para aí.

Desligou na minha cara mesmo antes de eu ter a chance de dizer a ele que não viesse ainda. Queria poder ter tempo para conversar com eles a sós, sem a polícia por perto, mas, com a minha permanência no local e com Kostas vindo para cá, a situação que se desenhava não era boa, pois não teríamos chance de saber a versão de cada um antes.

Os policiais da delegacia de homicídios chegaram, e o delegado foi o primeiro a falar comigo. Em seguida, respondi uma enxurrada de perguntas sobre Nikkós, o que havia acontecido na casa, quantas pessoas estavam no local, quando e como o corpo foi achado.

Conversei com os investigadores no escritório, enquanto outros agentes e os peritos analisavam o local do crime e o corpo. Madeline apareceu, apresentou-se e prontamente disponibilizou os documentos de Nikkós – que, por causa do tempo em que morou no país, era residente permanente – e o passaporte dela.

— Eu falo pouco português — justificou-se com um sotaque alemão digno de um Oscar. — Millos pode ajudar se não *entende* algo.

Minha vontade de expô-la só aumentou nesse momento, porém refreei meu gênio, exigindo toda paciência que tinha para não piorar ainda mais uma situação já complicada.

— Eu não *passar* bem na viagem e *foi* dormir — ela contou ao investigador com uma voz chorosa e um rosto retorcido de tristeza. — A moça da cozinha me *acordar*.

O investigador solicitou o nome da mulher que a chamou e continuou a conversa. Afastei-me, sem nenhum saco para entrar na encenação de Madeline.

Kostas chegou logo em seguida, apresentou-se ao policial, disse que era

filho da vítima e que estava no jantar daquela noite. O policial o questionou também, e tive que ver Kostas sendo solidário com a filha da puta da Madeline sem poder dizer nada.

— Nós vamos entrar em contato com seus outros irmãos e com todos que estiveram presentes aqui essa noite.

Kostas assentiu, informando os nomes.

— Eu gostaria de ver o corpo.

O pedido de Konstantinos me surpreendeu, e o investigador o atendeu, porém solicitou que ele esperasse que o pessoal da perícia acabasse o trabalho.

— Pensei que ele nunca iria nos deixar a sós — deixo de lado as lembranças desta noite interminável e comento com Kostas pouco antes de entrarmos no local do crime. — Precisamos conversar com todos antes de irem prestar depoimento.

Ele bufa.

— Eu sei, mas não estou gostando nem um pouco de saber que Wilka terá que ir a uma delegacia. Já não basta todo o processo contra Viviane Lamour, agora mais essa! — Ele ri. — Nossa família tem se tornado um caso de polícia, meu primo.

— Isso te surpreende? — pergunto seco, e ele fica sério. — A questão aqui é uma só, Kostas: quem fez isso? — Olho-o. — Porque, embora ele possa ter encoberto suas merdas, nós sabemos que muita gente tinha motivo para querer ver esse desgraçado morto, inclusive nós.

— A polícia não sabe, não tem como saber, então, mesmo que tenha sido um de nós, a questão estará toda baseada nas evidências.

Penso em Madeline e em tudo o que ela sabe sobre nosso passado e o que pode fazer com essas informações para livrar o próprio pescoço.

Cumprimentamos a equipe de policiais que ainda está no lugar,

preenchendo papeladas, e o que nos interrogou, Jorge Santos, autoriza nossa passagem para ver o corpo.

— O local já está liberado, e a possível arma do crime já foi encontrada.

Kostas mantém os olhos sobre o corpo do pai.

— Esfaqueamento? — pergunta.

O policial nega.

— O único item achado fora do lugar e com vestígios de sangue foi um picador de gelo.

Kostas me encara, e percebo que tenta não rir.

— Que clichê! — sussurra.

Vejo na fotografia do policial um decantador com uísque, um copo com a bebida, um balde com água resultante do gelo derretido, provavelmente, e, claro, o picador de gelo, sujo de sangue, jogado atrás do balcão.

A cozinha foi toda revirada, vasculhada de cima a baixo em busca de qualquer outra coisa que pudesse estar aqui e que ligasse o autor ao crime, porém o policial não me atualiza de mais nada e nos deixa a sós com o corpo, informando que teremos de esperar o carro do IML fazer a remoção.

Kostas se aproxima do pai. Sinto um arrepio gelado percorrer todo o meu corpo quando ele se abaixa, olhando detalhadamente cada estocada sangrenta no tórax de Nikkós e a boca suja de sangue seco.

— Você não merecia isso — conversa com o corpo em voz baixa, e vejo, pela primeira vez desde que chegou, que suas mãos estão trêmulas, apoiadas em seus próprios joelhos. — Mesmo que tenha se afogado em seu próprio sangue, foi pouco. — Aproximo-me dele, sua voz ganhando entonação mais grave e raivosa: — Você merecia mais sofrimento, seu porco miserável.

— Kostas... — interrompo-o. — Não faça isso.

Meu primo puxa o ar ruidosamente e se coloca de pé, assentindo. Seus

olhos estão cheios de lágrimas, sua mandíbula se contrai, e as narinas se expandem a cada respiração.

— Anos de inferno, Millos — desabafa. — Para mim, Kyra e Alexios.

— Acabou. — Coloco a mão em seu ombro. — Há muito tempo ele já não podia fazer nada contra vocês, e agora ele se foi de vez.

Kostas balança a cabeça e pisca os olhos algumas vezes para impedir que as lágrimas rolem.

— É um alívio saber que esse desgraçado não estará mais neste mundo vendo a nova geração nascer e crescer.

— Sim, é — concordo. — Precisamos conversar com os outros. — Tento ser prático. — Garantir que nada relacionado a Nikkós continue afetando a todos.

— Sim. Em breve todos serão chamados para falar. — Olha de relance o corpo. — Não sabemos qual a hora da morte, e se, por um azar, coincidir de estarmos todos na casa, passaremos a suspeitos até que surja alguma evidência sobre o autor.

— Bom, eu entreguei todas as plantas da propriedade, e os policiais andaram por todo o terreno. As câmeras estão todas sem funcionar ainda. — Balanço a cabeça, porque lembro que fui contra meu avô se mudar para esta casa sem antes fazer uma reforma. — Mas há algumas na rua, tanto na da frente quanto na de trás; se alguém entrou, pode ser que as imagens mostrem. Achei que *pappoús* havia contratado seguranças, mas, quando cheguei ontem, não tinha nenhum na guarita do portão.

— Também não tinha quando cheguei, quem abriu para mim foi a Kyra.

Mais uma vez acho tudo muito estranho, e a suspeita de que Madeline armou tudo aumenta ainda mais.

Saímos do local do crime e percebemos que os policiais técnicos deixaram a casa, restando apenas os investigadores, que ainda conversam com os funcionários contratados por Kyra.

— E *pappoús?* — Kostas me questiona.

— Dormindo. O doutor João Alberto Montenegro esteve aqui.

— Ah, sim, eu o conheci quando visitei *pappoús* uns dias atrás. — Olho para Kostas surpreso, pois não sabia que ele tinha vindo ver o velho. — Ele queria conversar sobre a ONG que Wilka e eu vamos montar no velho sobrado. — Dá de ombros. — Resolveu doar para ajudar.

— Nunca pensei que *pappoús* fosse dado a casos de caridade — debocho, mesmo sabendo que o velho ranzinza também está contribuindo anonimamente com o projeto de Alexios. — Acho que a idade o está amaciando.

— Sim, é o que parece. — Kostas me olha preocupado. — Vou ligar para os outros e marcar uma reunião.

— Faça isso. Vou instalar *pappoús* em um hotel; não acho bom ele ficar por aqui.

— E Madeline? — Kostas parece preocupado.

Droga!

— Vou conversar com ela. Cuide dos outros e, assim que tiver um local para conversarmos, me avise, por favor.

Kostas se despede, e suspiro, cansado pela noite insone e cheia de agitação, vendo o dia amanhecer.

Tomara que Mariana tenha conseguido descansar, porque mal conheceu minha família e já será arrastada para uma investigação criminal.

62

How do I
Get through one night without you
If I had to live without you
What kind of life would that be?
Oh I, I need you in my arms...[107]

Mais uma vez escuto o celular de Mariana desviar minha ligação direto para a caixa postal, e isso não me deixa tranquilo. Por mais que eu já saiba que ela foi embora e dormiu na casa de Kyra, não consigo deixar de pensar no porquê de estar com o aparelho desligado.

— Millos — Theo me chama. — Acho mesmo que é melhor começarmos sem sua amiga.

— Sim, porque acho primordial irmos todos para a delegacia juntos voluntariamente. — Kostas olha no relógio. — E já são quase 10h da manhã.

Kyra boceja.

— Eu ainda tenho que ter tempo de providenciar uma comemoração. — Olho-a sério, não gostando nada da brincadeira. — Como não? Quem despachou aquele lixo fez um serviço à humanidade.

Olho para Alexios, mas ele não emite nenhuma opinião; seu olhar está fixo na mesa, e sua cabeça parece estar cheia de pensamentos. Posso imaginar sobre o que são eles.

— Bom, ainda que Sâmela não esteja aqui, acho importante lembrarmos juntos toda a sequência de fatos da noite passada.

Kyra ri.

— Millos, relaxa, nenhum de nós iria ser tão passional a ponto de matar aquele ser com um picador de gelo. — Rola os olhos. — Essa história já foi contada e interpretada pela Sharon Stone, não seríamos tão óbvios.

— Kyra — Kostas a repreende. — Millos tem razão. Não sabemos quem foi nem mesmo qual a intenção da pessoa que o fez. Por que escolheu exatamente um dia em que estávamos todos reunidos?

— A convite de Geórgios Karamanlis, que nos garantiu que Nikkós não estaria — Alexios decide falar.

Theo ri da implicação feita por seu irmão caçula.

— Acha mesmo que *pappoús* teria força suficiente para partir para cima de Nikkós e matá-lo daquela forma? — Ele balança a cabeça. — O velho está um caco, Duda fez questão de que ficasse em casa conosco. Ele mal fala.

— Acho que estamos divagando demais. — Resolvo parar com as acusações antes mesmo que elas comecem. — O objetivo aqui não é descobrir quem fez, mas sim demonstrar que não fizemos.

— Eu fui embora perto das 22h45, porque ainda não tinha sido posto à mesa o prato principal, mas ele já estava servido quando passei pela cozinha, e essa era a programação — Kyra declara. — Fiquei um tempo no jardim, sem saber para onde ir, depois fui para o carro, e Mariana me encontrou lá. Fomos juntas para meu apartamento. Ela dormiu comigo e saiu da minha casa um pouco antes de vocês me avisarem sobre o que aconteceu.

— Depois que Kyra saiu, Alexios também foi para fora, e eu fui atrás — continuo a linha do tempo. — Ficamos conversando um tempo até que

apareceu Kostas, vindo do lado esquerdo do jardim.

— Eu fui tentar achar Kyra, mas ela já havia saído com seu carro do estacionamento. Tirei um tempo para pôr as ideias em ordem, porque já havia me condicionado a não ser mais atingido por Nikkós, mas, naquele momento, só pensei em meu filho e em como mantê-lo longe daquele homem. — Respira fundo. — Comecei a andar e me encontrei com vocês dois.

— E depois eu cheguei, vindo do outro lado da mansão, depois de ter deixado meu avô no quarto. — Theo fecha os olhos. — Eu sentia raiva de Nikkós, claro, mas nunca pude entender o que realmente aconteceu com vocês. — Ele olha para Kostas. — A reação ontem me mostrou que foi muito mais feio do que eu havia suposto.

— Você não tem culpa — Kyra declara enfática. — O único monstro desta família sempre foi Nikkós.

— Mas eu contribuí para que...

— Isso já foi superado — Kostas o interrompe. — Nikkós sempre foi um sádico e, em algum momento, cedo ou tarde, iria se manifestar contra nós, estando casado ou não.

— E Sabrina nunca foi boa mãe. — Kyra pega a mão do Theo. — Não pense nisso, Kostas tem razão, já superamos.

Alexios se levanta do meu sofá de couro e vai até a geladeira de cervejas pegar uma garrafa.

— Eu sei quem fez isso.

Três pares de olhos o fitam surpresos, e fecho os meus, sabendo que ele vai contar sobre Madeline.

— Eu descobri a verdade sobre minha mãe biológica. — Todos concordam, porque estavam cientes do resultado da investigação da caderneta e da conversa com Benjamin Schneider. — E descobri há pouco onde ela está.

— Alexios! — Kyra se levanta e vai até o irmão. — Por que não me disse nada? Já a conheceu?

Ele ri sarcástico.

— Todos vocês a conheceram antes de mim. — Bebe um longo gole. — Eu só a vi pessoalmente uma vez, de relance, ontem.

Vejo Kyra franzir a testa, ainda sem entender a que ele se refere.

— Eu não consigo...

— Madeline Bürki é a Leila, Kyra.

Minha prima fica lívida, e escuto Theo e Kostas xingarem ao mesmo tempo.

— Você tem certeza disso? — Kostas o interpela.

— Tenho. — Ele abandona a garrafa sobre o balcão e volta para o sofá, deixando Kyra totalmente paralisada, em pé na cozinha. — Chicão é cúmplice dela. Madeline o mandou para me vigiar e tomar conta de mim.

— Filho da puta! — Kostas ruge.

— Mas por que ela nunca voltou? — Kyra ainda parece em choque. — Por que se casou com Nikkós?

— Para matá-lo — Alexios pontua.

— Que loucura é essa? — Theodoros se levanta e roda pela sala. — Vou beber cerveja também!

Eu riria se não estivéssemos em um assunto sério.

— Theo, ainda temos que ir à delegacia. — Frustro-o e me frustro de vê-lo finalmente provando minhas criações. — Alexios, por mais que eu esteja tentado a concordar com você sobre Madeline...

— Ela tem motivo, teve oportunidade... — Kostas pondera.

— Assim como vocês — declaro, e todos arregalam os olhos. — Acham que ela não sabe tudo o que Nikkós fez a vocês? A mulher mandou um homem para ser o melhor amigo de Alexios.

— Eu o via quase como um anjo da guarda — Kyra sussurra. — Adorava o Chicão e o achava especial por cuidar de nós, de certa forma.

— Exatamente! Vocês confiavam nele. Acham que assim que apontarem um dedo na direção de Madeline, ela não apontará o dela na direção de vocês? — Sento-me, tentando não parecer tão ansioso. — Além do mais, não creio que ela tenha tido todo esse trabalho de se aproximar dele e se casar para matá-lo assim.

— Eu não o faria — Kyra concorda. — Picador de gelo nos lembra coisa de mulher por causa do filme, mas, sinceramente? Arrancar o pau dele, deixá-lo se esvair de sangue e sufocá-lo com o próprio...

— Kyra! — interrompo-a. — Enfim, esse é o ponto.

Kostas se levanta e anda como um gigante enfurecido pelo *loft*.

— Quem o matou daquele jeito não o fez de caso pensado — declara. — Ele se encontrou com alguém naquele lugar isolado, no escuro, e o encontro terminou mal.

— Com Madeline — Alexios volta a insistir. — Eles estavam viajando e voltaram sem avisar. E se Nikkós a descobriu?

O interfone toca, e, pelas câmeras, confirmo ser Sâmi.

— Bom, Sâmela chegou. Vamos conversar com ela e alinhar nossas versões para o depoimento. Não quero que nenhuma suspeita recaia sobre nenhum de nós, principalmente sem a análise das evidências.

— Vamos torcer para que, quem quer que tenha feito isso tenha sido descuidado o suficiente para deixar rastros.

Concordo com Kostas e vou atender Sâmi.

Desço do carro com Kyra ao meu lado e toco o interfone do apartamento de Mariana.

— O celular ainda está desligado. — Kyra deixa mais uma mensagem e desliga. — Mariana não dormiu essa noite. Tenho certeza, deve estar apagada.

— Foi uma noite muito confusa, principalmente para ela.

Toco novamente o interfone, nervoso com a falta de respostas.

Desde que saímos da delegacia, estou com essa inquietação em saber de Mariana. Liguei várias vezes, deixei recado na caixa postal, no aplicativo de mensagens e até no e-mail dela. Kyra achou exagerado e então me propôs virmos ao apartamento dela.

De qualquer maneira, era o que eu já ia fazer, mas achei boa ideia trazer minha prima, porque, caso Mariana não acordasse para nos atender, Kyra disse que tinha como entrar pelo bufê.

— Vamos entrar, Kyra. — Arrasto minha prima para a frente do prédio onde funciona o bufê. — Não estou bem com esse sumiço de Mariana.

Ela não contesta, abre sua empresa, e acessamos a parte de trás do prédio onde fica o pequeno apartamento.

Kyra bate à porta, e eu aperto a campainha, sentindo meu coração ficar cada vez mais apertado de angústia.

— Vou arrombar, Kyra — aviso-lhe, e minha prima se afasta.

A simples imagem de Mariana caída, desacordada, machucada e precisando de ajuda dentro deste minúsculo lugar é o catalisador que preciso para colocar toda minha força na perna e empurrar a porta.

— Mariana! — Entro correndo, passando por cima da porta de madeira

no chão, olhando cada canto do lugar, porém sem ter nenhum sinal dela. — Kyra, Mariana não voltou para casa.

Meu corpo parece entrar em colapso, e tremo tanto que preciso me agachar e me sentar contra a parede.

— Eu vou ver a notificação do Uber. — Kyra abre o telefone. — Ela sempre me manda as informações da viagem quando pede um carro.

Espero o que parece ser uma eternidade, a cabeça imaginando mil coisas terríveis, principalmente sobre o homem que a agrediu e tentou violentá-la tê-la achado.

Por favor, não!, imploro, tentando ter, pela primeira vez na vida, a fé que nunca tive.

— Aqui diz que a viagem foi completada e ela confirmou que chegou bem. — Kyra me olha, a preocupação evidente em seus olhos. — O endereço é o daqui.

Alguma coisa aconteceu, eu sinto, os tremores em meu corpo, o frio em minha barriga, a sensação já conhecida por mim, vivida há muitos anos. Fecho os olhos, e as lembranças dos meus passos apressados, o cheiro das rosas que esmagava com os pés enquanto corria, o tombo que tomei no piso sempre lustroso, até quando entrei no quarto e me deparei com as duas enormes poças de sangue. O último abraço.

De novo, não!

— Vou resgatar o cartão de memória da câmera do portão para ver se tem alguma coisa — Kyra fala apressada, saindo do apartamento. — Juro que vou modernizar esse sistema!

Levanto-me e exijo a mim mesmo que reaja. Não posso ficar intercalando lembranças do meu passado com o que está havendo agora, ou vou enlouquecer. Preciso encontrar Mariana custe o que custar!

Dou uma última olhada no apartamento, tentando ver se encontro alguma coisa, uma pista qualquer, mas, pelo jeito como as coisas estão arrumadas,

percebo que ela não voltou para casa. Nada está fora do lugar em que deixou antes de irmos para o *loft*.

Desço as escadas e vejo Kyra lutando para tirar o cartão de memória da câmera de monitoramento.

— Vamos torcer para que ainda tenha a imagem — ela fala assim que o tira. — Eu vou comprar câmeras que armazenam online as imagens, é uma promessa!

— Onde podemos ver? — pergunto, apontando para o pequeno objeto.

— No meu escritório tem um computador que ainda tem leitor disso. Vamos lá.

Sigo-a, tentando ser forte e não me desesperar. Percebo também que minha prima está nervosa. Suas mãos tremem, segurando o cartão como se fosse uma preciosidade.

— Eu deveria ter ido atrás de vocês ontem.

Kyra nega.

— Foi tudo muito confuso, Millos.

Entramos no escritório, e ela liga o computador.

— Eu liguei para ela assim que percebi que tinha ido embora, mas não me atendeu. O celular ainda estava funcionando.

Kyra suspira de um jeito estranho e me olha com uma expressão de culpa.

— Eu acho que ela estava triste. — A confissão dela me faz perder o fôlego.

— Por quê? Pelo que aconteceu no jantar?

Sinto-me mal por tê-la deixado sozinha e saído atrás de Alexios. Não deveria tê-la deixado só, estava assustada e confusa com todo o espetáculo armado por Nikkós.

— Não. — Kyra passa a mão pelos cabelos. — Eu acho que ela nos ouviu na cozinha.

— Nos ouviu na...

A compreensão do que ela acabou de me contar bate na minha cara como se fosse um punho de ferro. A conversa que tivemos antes do jantar sobre os sentimentos de Mariana e a forma com que falei, com que duvidei de que ela pudesse estar apaixonada.

— Ela me perguntou algumas coisas estranhas hoje antes de sair. Queria saber se ser inexperiente a impedia de amar alguém, algo assim. — Kyra faz careta. — Eu senti que estava magoada, tentei explicar um pouco e...

— Eu a machuquei com minhas palavras — concluo.

— A culpa foi minha, Millos, eu não deveria ter me metido no assunto entre vocês, mas... fiquei tão animada ao saber que você a tinha levado e tão feliz por saber que estava aceitando alguém que te amava de verdade que não mantive minha boca calada.

Engulo em seco, sem poder precisar o que realmente, e se, ela escutou e como escutou. Tento me lembrar de todas as palavras que disse, talvez as mesmas que eu mesmo vinha repetindo em minha cabeça, tentando não admitir que Mariana havia me conquistado, com medo de ser abandonado mais uma vez.

— Ela nunca me disse nada, Kyra — confesso, tremendo tanto que preciso me sentar. — Mariana nunca disse como se sentia.

Kyra assente.

— Não para você, com medo de estragar as coisas ou ser cedo demais. — Ela sorri. — Mas aquela garota é completamente apaixonada por você, Millos.

As imagens vão passando rápido na tela enquanto Kyra tenta voltar a gravação até hoje de manhã. Não presto a atenção em nada no monitor, pois minha cabeça está indo mais rápido do que o vídeo, implorando para que

Mariana não tenha ido embora porque a magoei.

Eu nunca me perdoarei se algo acontecer!

De repente, Mariana surge no vídeo. Kyra o adianta até quando o carro a deixa na calçada, em frente ao portão, e depois deixa a gravação seguir normalmente.

Mariana pega a bolsa, abre-a e tira as chaves, separa a do portão, mas, ao colocá-la na fechadura, vira-se para trás como se estivesse assustada e deixa o chaveiro cair na calçada.

Meu coração dispara ao perceber que ela fala com alguém, mas que essa pessoa não aparece na filmagem. Mariana se abaixa para pegar as chaves, aponta para o portão como se quisesse subir, mas então alguém a puxa, e ela some do vídeo.

— Puta que pariu! — Kyra me olha assustada.

Mal consigo respirar ou pensar.

— Volte de novo.

Ela faz o que peço, e, no exato momento em que o vislumbre de um homem aparece, peço a Kyra que congele a imagem.

— Quem é esse desgraçado? — Minha prima treme, e vejo lágrimas rolarem. — Millos, ele a achou?

Fecho os olhos e respiro fundo, negando, mas sem saber o que pensar direito.

— É o irmão dela — digo entredentes, sentindo meu corpo ferver só de imaginá-la nas mãos daquele filho da puta que a colocou em perigo. — Ele está vivo.

Pego o celular e ligo para a Sâmela, porque, se José Carlos voltou e veio atrás de Mariana, provavelmente irá atrás da mulher e das crianças.

Eu vou matar aquele desgraçado!

63

The world was on fire and no one could save me but you
It's strange what desire would make foolish people do
I never dreamed that I'd meet somebody like you
And I never dreamed that I'd lose somebody like you.[108]

— Como será que ele a achou, Sâmi?

Minha amiga me encara séria, e paro de andar em volta de sua mesa, no escritório da agência de investigações dela, ciente de que minha voz soa impaciente, alta e nervosa.

— Millos, se você não se acalmar, vou pedir ao Edu para tirar você daqui. — O irmão dela, Eduardo Ortega, dá uma risada, porque sabe muito bem que a própria Sâmela poderia me arrastar para fora da sala se quisesse. — Eu não consigo raciocinar com você bufando feito um touro numa arena. Se contenha!

Eduardo gargalha.

— Já posso morrer! — comenta, e o encaro. — Se alguém me contasse que um dia veria Millos Karamanlis soltando fogo pelas ventas, diria que era

um baita mentiroso. — Sinto um palavrão na ponta da língua, mas me seguro, porque, como eles bem sinalizaram, já estou passando dos limites. — *Senhor, se for da Tua vontade, Seu filho já está pronto...*

O filho da puta canta a frase no ritmo de uma oração, e decido me sentar para deixar Sâmi trabalhar e tentar descobrir para onde José Carlos levou Mariana.

— Avisei ao pessoal que está cuidando da segurança da Kátia e das crianças, e eles ficarão de olho. — Ela se vira para me olhar, ficando de costas para a tela do computador. — Ainda não tem nenhuma movimentação diferente por lá, mas, como nós não sabemos como José Carlos achou Mariana, pode ser que ele saiba também onde está a esposa.

Concordo com ela.

— E enquanto isso, o que faremos? Ele pode tê-la levado para aquele desgraçado que...

— Millos, não foi ele quem a ajudou? Por que ele iria entregá-la agora?

— Não sei, mas não posso ficar aqui esperando notícias do seu pessoal, que está lá no caralho do mundo!

Volto a ficar de pé e, para tentar não demonstrar todo meu medo e frustração, vou até a pequena área de café e me sirvo de uma dose generosa da bebida.

— Falei agora há pouco com um contato meu dentro do departamento de polícia — Edu começa a falar, pois pedi a ele que tentasse averiguar os avanços da investigação sobre o assassinato de Nikkós. — O corpo ainda está no IML, e deve demorar para sair o laudo da morte, mas a polícia técnica já está analisando as evidências achadas na cena do crime. — Ele cruza os braços, olha para a Sâmela e dispara: — Acharam digitais no picador de gelo.

— Além das do meu tio? — inquiro cheio de esperança de ter esse caso solucionado.

— Sim, uma parcial além de a da vítima.

Vítima! Sei que ele foi morto, mas não consigo simplesmente ver Nikkós como vítima de nada.

— Já conseguiram identificação?

Sâmi ri.

— Millos acha que nossos equipamentos são iguais àqueles que aparecem em seriados e filmes dos Estados Unidos. — Balança a cabeça. — Provavelmente jogaram em um banco de dados e...

O telefone de Sâmela toca, e ela faz uma cara estranha ao atender. Fico ansioso, deixo o café de lado e me aproximo na expectativa de que sejam notícias sobre Mariana.

— Vocês têm certeza? — Ela me encara, parece nervosa, e sinto meu coração parar de bater por um instante, temendo que tenha acontecido algo. — Não, pode deixar, chego aí o mais rápido que posso.

Ela nem termina de dizer essa frase e já pega sua arma e distintivo, que estão em cima da escrivaninha.

— O que aconteceu? — Percebo que minha voz falha ao questioná-la.

— A Civil cruzou com o nosso banco de dados quando jogou a digital parcial no sistema. — Eduardo abre a boca, sem entender, e eu, embora aliviado por não serem más notícias sobre Mariana, sinto que é algo muito sério. — Um dos homens a quem estávamos investigando na força-tarefa com o pessoal do Rio é um antigo conhecido da polícia e já foi preso por lenocínio. — Sâmi percebe que não sei do que está falando e resolve resumir: — O homem foi cafetão e esteve na cadeia, por isso temos suas digitais no sistema.

Eduardo arregala os olhos e se senta em sua mesa, mexendo no seu laptop, que parece daqueles de filmes de espionagem.

— O que está acontecendo, afinal? — inquiro irritado, sem entender a conexão que Sâmi e Edu já parecem ter entendido.

— O principal suspeito de matar seu tio é ninguém mais, ninguém menos do que o homem a quem tentamos pegar na operação que fizemos no Tom Jobim.

Começo a rir, nervoso, sem conseguir entender.

— Millos, raciocina! — Eduardo praticamente grita comigo. — Seu tio mandou sumir com sua ex-amante e a enviou para um bordel na Europa Oriental. — Ele ri como doido. — Achamos que isso tinha sido um caso isolado, mas...

— Parece que não — completa Sâmi, digitando como louca no celular. — Descobrimos que Romero dos Santos era o homem que possuía o contato direto das pessoas que cuidavam da demanda de mulheres brasileiras na Europa. Ele servia como ponte, recebendo os pedidos e, junto a Linete, selecionando as moças. Nós conseguimos identificar a maioria dos integrantes do lado brasileiro, mas não encontrávamos nenhuma pista sobre o lado europeu. — Minhas pernas ficam bambas ao ouvir isso. Minha mente, mais focada, começa a montar o quebra-cabeça de acordo com as peças que Sâmi vai me mostrando com suas informações. — Nós achávamos que era um brasileiro residente por lá. — Ela ri nervosa, balança a cabeça e sai da sala, deixando-me a sós com Eduardo.

— Estava na nossa cara o tempo todo! — ele comenta, ainda mexendo no computador. — Um empresário de sucesso, herdeiro de um dos maiores impérios da Grécia; quem iria suspeitar de algo assim?

Fico pálido quando começo a analisar todas as repercussões que isso irá causar não só à família, como também à empresa. E, mesmo que eu queira entrar em negação para evitar que essa bomba caia sobre nosso sobrenome, faz todo sentido do mundo!

Nikkós era o homem que, há meses, a Polícia Federal tentava rastrear.

— Mas por que matá-lo dessa forma? — Penso nos homens que, até então, agiram com tanta cautela que evitaram a prisão.

— Pelo que eu entendi, a operação que fizeram semana passada

desmantelou o último “carregamento” para a Europa e expôs esse tal Romero, que até então era uma incógnita. Deve ter havido algum desentendimento por causa dessa situação, e o tal homem se desesperou e matou seu tio.

— Nikkós recebeu essa gente na casa do meu avô... — divago, dando-me conta do perigo que todos nós corremos naquela noite, principalmente *pappoús*. — Provavelmente se valeu de a casa estar ainda sem monitoramento e estava fazendo suas reuniões lá. Não deve ter sido a primeira.

— Provavelmente não, e... — Edu me olha assustado. — Mariana entrou em contato com a Kátia pelo e-mail que as duas estavam utilizando.

Levanto-me apressado e praticamente corro até a mesa dele.

— O que ela disse? Onde está?

— Disse que está com José Carlos, que ele quer ir buscá-la e pede para que mande o endereço. — Edu franze o cenho. — Essa parte final do e-mail está confusa.

Ele vira a tela para eu poder ler.

“A mesma proteção que encontrei em Carrancas está com você, então tenha fé e a use. Com amor, Mari.”

— Ela está falando de mim. — Meu coração dispara. — Mariana deve ter comentado com a cunhada que eu enviei alguém para protegê-la e está pedindo que o avise.

— Ela não sabe que monitoramos a conta de e-mail que criamos para elas — Edu explica.

— Você pode retornar usando o e-mail da Kátia? — Edu confirma. — Então faça isso, retorne como se fosse a cunhada dela e pergunte onde eles estão e o que pretendem.

Eduardo digita o e-mail e o envia, fazendo-se passar por Kátia, falando sobre a preocupação pelas crianças, pois não sabia se os criminosos estariam atrás do marido.

— Vamos aguardar.

Mesmo nervoso, eu me afasto. A ansiedade por notícias de Mariana é tão grande que quase não consigo coordenar minhas ideias acerca do que fazer quando o nome de Nikkós vir à luz em uma investigação sobre tráfico de pessoas.

Madeline!, penso na mulher e nas provas sobre os desvios de dinheiro que Nikkós fez não só na Karamanlis, como também na fundação que a empresa mantém na Grécia e percebo que ela me mostrou apenas um aperitivo do que tinha e que deve ter muito mais contra ele.

A pergunta que ronda minha mente a todo momento é: por que ela não o expôs? Por que não o denunciou com o que já tinha e destruiu a vida dele assim como ele fez com a dela? Seria a vingança perfeita!

— Millos — Edu me chama novamente. — Sâmi me enviou um arquivo.

Respiro fundo, totalmente frustrado, pois achava que podia ser notícia de Mariana, mas fico atento ao download do arquivo de imagem que Sâmela mandou no *app* de mensagens do irmão.

— É a foto da tela de um computador — diz frustrado. — Está horrível!

Mostra-me a foto, e concordo, mal conseguindo ver alguma coisa.

Eduardo baixa a imagem no computador e, com um programa, começa a limpá-la devagar. Um carro se torna bem nítido, é preto, e há duas pessoas dentro dele.

— A Sâmi não facilita, podia ter me mandado a porra do vídeo! — resmunga.

— Se ela não o fez, é porque não podia. — Olho com mais atenção. — Esse lugar é a rua que dá acesso à casa do meu avô.

— Parece que sim — ele diz mais animado quando consegue mais nitidez na pessoa que vai no carona. — Eu conheço essa pessoa. — Ri e abre outro programa por cima. — Veja se não parece ser ela.

Imagens de tantas fotos que tenho dessa mulher, ano após ano, resultante das investigações de Sâmi, me vêm à mente, e confirmo, sentindo a bile subir pela minha garganta ao imaginar que Kika e ela estiveram no mesmo lugar ao mesmo tempo sem saber.

— Madame Linete!

Edu apenas meneia a cabeça, ainda concentrado em “limpar” o outro ocupante do carro, e, à medida que ele vai conseguindo alguma nitidez, minha boca vai ficando seca, o coração disparado e o desespero ameaçando me descontrolar novamente.

— Por essa eu não esperava. — Edu me olha assustado e percebe meu estado, porque logo se levanta e faz com que eu me sente em uma cadeira. — Millos, se acalme, ainda estamos esperando uma resposta dela.

— É o José Carlos! — Mal consigo respirar, tentando entender a teia complexa que está se construindo diante dos meus olhos. — O irmão de Mariana estava dirigindo um carro com Madame Linete no carona!

— Na rua onde fica a mansão do seu avô, no dia e no horário do jantar.

Fecho os olhos e tento entender a conexão de um falsificador de dinheiro do interior de Minas Gerais com Nikkós e uma das mulheres mais procuradas pela polícia de São Paulo.

— Ele faz parte da organização... — concluo.

— Pelo menos em uma das vertentes dela, é o que parece.

O irmão de Mariana conhecia e trabalhava para Nikkós!

Passei a noite em claro, principalmente porque Mariana não respondeu ao falso e-mail de Kátia. Minha preocupação com ela, que já era grande, começa a alcançar níveis temerários.

Sâmi não parou um segundo, atolada por conta dos desdobramentos que a morte de Nikkós estava revelando, então a localização de Mariana ficou a cargo do Edu, que infelizmente não conseguia rastrear o celular dela.

— O irmão deve tê-lo destruído e descartado, porque a mensagem não veio dele, senão eu teria conseguido rastrear.

Fiquei até altas horas da noite no escritório de investigações dele e, pouco antes de chegar a casa, Kostas me ligou para informar que a polícia havia encontrado digital no picador de gelo.

— Qualquer um poderia ter tocado naquele picador! — ele alegou nervoso. — Inclusive a Kyra, que estava trabalhando na cozinha da casa naquela noite, porra!

— Fique tranquilo, Sâmi está acompanhando o caso, Kostas.

Respirei fundo, fazendo algo que nunca pensei que faria: falar das minhas investigações privadas; não havia sentido algum esconder de Kostas, que, além de ótimo advogado, também era um dos diretores da empresa que teria o nome ligado ao crime internacional.

Contei sobre a digital encontrada na arma e da ligação que estava sendo investigada entre Nikkós e o homem e a grande possibilidade de o pai dele ter usado dinheiro desviado da Karamanlis para investir no negócio abjeto de exploração de mulheres.

Além disso, comuniquei que Madame Linete esteve na casa de *pappoús*, provavelmente junto ao assassino de Nikkós, no dia do jantar.

— Isso só pode ser um pesadelo! Se Wilka souber que... Millos, eu não quero aquela mulher perto da minha esposa! Preciso que achem Linete e a coloquem na cadeia.

— Isso será feito. Tenho convicção no trabalho da Polícia Federal,

especialmente tendo Sâmi lá dentro.

Conversamos mais um tempo sobre a empresa e possíveis planos de contingência para podermos nos desvincular dos crimes de Nikkós. Kostas se dispôs a conversar com Theo e Alexios, porque eu simplesmente disse que não tinha condições de pensar em estratégias no momento.

— Kyra me contou que Mariana foi embora.

Kyra e seus eufemismos! No entanto, diante de toda a situação, achei melhor a explicação que minha prima lhe deu ao fato de Mariana ter ido com o irmão.

— É... — Fechei os olhos, sentindo uma dor na boca do meu estômago tão forte que fez meus olhos lacrimejarem. — Eu acho que também sou estúpido — confessei, lembrando-me do conselho dele.

— É nossa sina, mas não desanime! Engula seu orgulho e rasteje aos pés dela. — Ele riu. — Funcionou comigo.

Ainda está escuro quando abandono as lembranças e caminho até o armário onde guardo os arquivos com as investigações de Sâmela. Pego a pasta de Mariana e a leio atentamente, principalmente sobre José Carlos.

Novamente, a ficha parece ser de um homem comum, não de um criminoso envolvido com tráfico de pessoas, falsificação de dinheiro e seja o que mais que descobrirem sobre o pacato mineiro.

Como ele se envolveu em um esquema desse?

Pego a pasta de Madame Linete, analisando sua ficha criminal, as fotos da mulher, seus documentos, e algo me chama a atenção.

Pode até ser irrelevante, mas Linete Pereira é natural da cidade de São João Del Rei, em Minas Gerais, assim como José Carlos. Pego a ficha do irmão de Mariana e confirmo que, além da cidade, os dois compartilham o mesmo sobrenome: Pereira.

Isso pode ser uma coincidência, claro, mas não é o que meu instinto diz.

O sobrenome Pereira vem da madrasta de Mariana, mãe de José Carlos, Generosa Pereira. Infelizmente, não tenho mais nenhuma informação da mulher, mas a ligação entre Zé e Linete faz algum sentido, se, de alguma forma, forem parentes.

Pego o celular para mandar minha teoria ao Eduardo, mas, antes que eu abra o aplicativo, Sâmela me liga.

— Oi! — atendo ansioso.

— Millos, o Edu está passando aí no *loft* agora para te pegar.

Meu coração acelera.

— O que houve?

— Estou indo buscar José Carlos, mas, antes, vocês vão pegar a Mariana.

O alívio que sinto é tão grande que não ouço mais nada do que ela ainda fala pelo telefone e saio apressado do *loft* para poder esperar Eduardo já do lado de fora do galpão.

Engula seu orgulho e se arraste aos pés dela! Funcionou comigo.

Fecho os olhos e, como vi Mariana fazer muitas vezes, faço uma prece de agradecimento a Deus por tê-la encontrado.

64

It took a long long time to get here
It took a brave, brave girl to try
It took one too many excuses, one too many lies
Don't be surprised, don't be surprised.[109]

Escuto o som do choro compulsivo ao ouvir Zé falar ao telefone. Sua voz, tão carregada de emoção, pedindo perdão à Kátia, faz-me pensar em como seria nossa vida se tudo fosse diferente. Ele e Kátia seriam um casal normal, com dois filhos pequenos, criando uma vida juntos. Eu estaria na faculdade, teria amigos, um emprego e, quem sabe, um namorado.

Não conheceria o medo, talvez nem mesmo o controle exagerado de meu irmão, seríamos normais dentro das anormalidades vividas por qualquer outra família.

Os soluços dele me fazem suspirar, e me afasto o máximo possível da porta do banheiro do pequeno quarto de hotel na beira de uma rodovia, onde estamos desde que paramos à noite para dormir.

Fecho os olhos e encosto a cabeça na vidraça da janela, sentindo o frio característico da neblina de mais um dia que começa. Há uma certa paz

dentro de mim agora, mesmo diante do desespero de meu irmão, algo totalmente contrário ao que senti 24 horas atrás.

Foi uma verdadeira surpresa encontrar-me com Zé no portão do meu apartamento. Quando ouvi sua voz me chamar, achei que poderia ser coisa da minha cabeça por ter passado a noite inteira em claro, magoada com as palavras de Millos.

Então, assim que me virei e o vi, foi como se alguma força sugasse todas as minhas energias. Não consegui mais segurar a chave e comecei a tremer.

— Mariana, ainda bem que te achei! Você não sabe a confusão em que se meteu! — Ele se aproximou do meio-fio da calçada. — Precisamos ir embora.

O choque pela surpresa dificultou meu raciocínio, mas, assim que comecei a coordenar meus pensamentos novamente, senti toda a revolta por vê-lo ali tão bem, enquanto eu passei esses meses achando que estava morto e enterrado em uma cova rasa.

— Como me achou? — foi a primeira coisa que resolvi perguntar.

— Isso não é importante, Mari. — Ele estendeu a mão. — Vamos, tenho um carro, e, se sairmos agora, poderemos...

— Não! — recusei-me com firmeza. — Não vou a lugar algum com você.

Ele fez um som que eu conhecia bem, um ruído apenas, um indício de que estava muito irritado e não queria mais conversa. Durante muitos anos, aquele pequeno bufar me fazia calar, só que eu não era mais a menina assustada que ele controlava.

— Mariana, realmente não temos tempo! A coisa toda vai desmoronar, e eu preciso levar você para longe e pegar a Kátia e meus filhos.

— Estamos seguras agora, estar perto de você é que...

Sem que eu pudesse prever, Zé me pegou pelo braço e saiu me arrastando até o carro preto que estava estacionado irregularmente na rua. Eu me debati,

pedi que me soltasse, mas não havia ninguém por perto, nenhuma só alma andava por ali naquele horário em pleno domingo.

Ele me jogou no banco do carona e rapidamente entrou no carro. Tentei sair, mas, pelo que percebi, não havia como abrir a porta por dentro.

— Zé, por favor...

— Você não quer me escutar, porra! — gritou antes de dar a partida no carro. — Tentei achar você e a Kátia, mas não consegui e, como ainda estava com *eles*, achei melhor não saber de vocês, porque Romero temia que você alertasse a polícia. — Zé Carlos tremia, seus olhos estavam vermelhos, e, embora não estivesse calor, ele suava. — Eu passei o diabo nas mãos daquele filho da puta e, se não fosse minha tia, não estaria mais vivo.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando, muito menos quem era a tia dele e como ela o tinha salvado. Tudo em que conseguia pensar era em como ligar para Millos ou Sâmi e pedir ajuda.

— Zé, nós estamos seguras e...

— Não estão, caralho! — Socou o volante tantas vezes que me encolhi no banco do carona. — Você, principalmente!

Franzi a testa.

— Como me achou?

Ele balançava a cabeça, dirigindo feito um doido pelas estradas vazias. Eu torcia para que isso chamasse a atenção do pessoal que monitorava a cidade por câmeras e alguma viatura nos abordasse.

— O que fazia na casa do Karamanlis? — Arregalei os olhos quando percebi que ele sabia de Millos. — Eu quase tive um infarto quando vi você lá. — Olhou-me enfurecido. — Teve sorte de eu tê-la visto quando estava sozinho no carro, porque, se Romero a tivesse visto... ou Linete... — suspirou — não teria nada que eu pudesse fazer por você.

— Do que você está falando? Quem são essas pessoas?

Zé parecia em transe, como se não me ouvisse, e se balançava no banco do motorista o tempo todo.

— Sabe o que eu pensei? — Soluçou. — Que eles a haviam achado e que não me falaram nada. Qual outra explicação para você estar na porra da casa do homem a quem iriam dar você de presente!?

Arregalei os olhos.

— Zé, se acalma! — Tentei tocá-lo, mas achei melhor não fazer isso. — Do que você está falando?

— Da sua ida a Carrancas! — gritou como se fosse óbvio. — Aquele filho da puta do Bart alertou o Romero que você era linda e jovem. Acha que eles te acharam lá ao acaso? Quando você entregou a porra do dinheiro, Bart ligou para o Romero, e seguiram você. — Seu rosto parecia estar coberto por uma máscara d'água, todo contorcido de raiva. — A exigência, quando eu voltei, foi te entregar. Romero estava puto porque você o tinha agredido, já nem pensava mais em enviar você ao chefe, mas sim para a Europa.

Ele falava tão rápido que eu não conseguia entender sua explicação.

— Acalme-se e preste a atenção à estrada. — Tentei ganhar tempo enquanto abria minha bolsa para tirar o celular sem que ele visse. — Eu sei que errei ao ir a Carrancas, mas o agredi apenas para me defender!

Zé assentiu, rindo.

— Bem-feito para o desgraçado! Só porque tinha acesso ao chefão, achava que era melhor do que os outros.

— Quem é o chefão?

Ele balançou a cabeça negando.

— É melhor você não saber. — Teve que parar em um farol e me olhou. — O que você fazia lá? Por que saiu com um deles?

— De onde, Zé?

— Da casa do Karamanlis, ontem. Foi assim que eu soube onde você estava, caralho! — Saiu cantando os pneus do carro, passando por um longo cruzamento. — Como chegou a São Paulo?

Nem passava pela minha cabeça a possibilidade de dizer a ele que vim atrás de Millos, mesmo porque a história de ele conhecer alguém da família, de ter estado ontem perto da mansão do avô de Millos me deixava completamente confusa e com uma sensação ruim.

— Eu não tinha para onde ir! Vim para cá procurar emprego.

Ele riu.

— Como se você soubesse fazer algo para conseguir um! — debochou, e senti o sangue ferver, porque desde muito novinha trabalhava como um burro de carga em sua casa. De repente, Zé me olhou com espanto. — Você virou puta? Foi por isso que estava lá com aquela outra mulher gostosona?

Franzi o cenho, sem saber de quem ele falava especificamente, e engoli minha revolta por ele achar que o único jeito de eu ter um emprego era com meu corpo.

— Eu não estou te entendendo. — Fingi-me de desentendida.

— Ontem, no casarão do Karamanlis, porra! — Ficou vermelho de raiva. — Você estava na sacada com uma mulher pequena, mas depois saiu da casa com uma morena gostosa. — Riu. — E, conhecendo o chefe e seus gostos, aposto que havia muito mais mulheres na casa.

Chefe... Deus, o chefe dele era um dos Karamanlis!

— Eu estava trabalhando em um jantar — expliquei, sem dizer a verdade. — Aquela mulher com quem me viu, era minha chefe.

— Sua cafetina?

Fechei os olhos.

— Não, minha chefe! Eu cozinho, Zé, não se lembra?! — gritei em sua direção, cansada de me sentir humilhada, inútil, como se nunca tivesse feito

nada para ele a vida toda. — Eu cozinhava para sua mãe, depois para você e seus filhos e ajudava a Kátia a fazer as encomendas. Não sou inútil, não tenho medo de trabalhar e não ganho dinheiro fácil como você!

Ele me olhou alarmado.

— Quer dizer que estava ali sem saber de nada? — Assenti, e o assombro tomou conta de seu rosto. — Deus, Mariana, você estava no covil do lobo! Se ele a visse, certamente iria querê-la.

— De quem você está falando? — tentei mais uma vez, e ele negou.

— Onde estão minha mulher e meus filhos? — perguntou-me em troca de responder.

— Eu não sei.

Zé me olhou enfurecido.

— Duvido que você iria ficar sem notícias dos meninos. — Colocou a mão na minha coxa e a apertou com força. — Eu nunca ergui a mão para você, mas, se for necessário para saber onde eles estão, irei.

Tentei me desvencilhar, e o movimento brusco fez com que meu celular caísse da bolsa. Tentei pegá-lo rapidamente, mas Zé foi mais rápido. Agarrou o aparelho e encostou no acostamento.

— Desbloqueie! — ordenou, segurando-me pela nuca. — Agora! Ligue para ela.

— Eu não tenho o contato dela e não sei onde está, Zé — respondi apavorada, vendo seus olhos vermelhos e temendo que meu irmão estivesse totalmente fora de si. — Eu juro que não tenho.

Ele apertou o botão de ligar do meu aparelho e, na tela de bloqueio, apareceu uma foto minha de biquíni, deitada na rede na praia dos Milagres. Senti meu coração tombar ao ver a expressão dele, porque eu sabia que, embora Millos não aparecesse, pois tirou a foto, suas pernas estavam em volta do meu corpo, pois estava deitado na posição contrária.

— Mentirosa! — Puxou meu cabelo com força. — Virou puta, sim! E está mentindo sobre não saber de Kátia!

— Eu não estou...

Tomado pela raiva, Zé abriu o vidro do carro e lançou meu celular para longe, para o meio da rodovia, onde seria esmagado por caminhões. Chorei, vendo a única chance de avisar alguém ir embora. Já nem me importava mais com sua agressão, seu descontrole, desanimada e cansada.

— Vamos voltar para Minas. — Colocou o carro em movimento. — Você não come nem dorme enquanto não me contar onde eles estão.

Passamos boa parte da viagem em silêncio, com o som do carro no último volume, sintonizado em uma rádio qualquer. Eu já havia percebido o desespero dele e sabia que não iria me soltar enquanto eu não dissesse algo sobre Kátia e as crianças.

Passei muito tempo pensando em como avisar alguém e então me lembrei de que, junto a Kátia, havia dois seguranças da Sâmela. Eu precisava mandar uma mensagem para minha cunhada, avisá-la do que estava acontecendo e pedir que ela alertasse os seguranças sobre minha situação.

— Eles estão bem — comecei a falar, e Zé me olhou. — Eu realmente não sei onde estão ou o telefone dela, mas temos nos falado por e-mail.

Torci internamente para que, de alguma forma, conseguisse transmitir uma mensagem que a Kátia pudesse entender e, enquanto Zé entrava numa cidade do interior de São Paulo em busca de uma forma de enviar o e-mail, eu tentava montar uma mensagem que ele não entendesse.

Achei que ele iria procurar uma *lan-house*, mas, quando o vi parar perto de uma loja de celulares, entendi que iria comprar outro aparelho.

— Me livrei do meu telefone, porque os desgraçados podiam me rastrear. Também preciso trocar o carro, porque o dono já deve ter dado falta do veículo e comunicado à polícia. — Arregalei os olhos ao entender que estávamos em um carro roubado. — Não vou demorar, fique aqui quieta. — Mostrou-me uma arma. — Qualquer merda que fizer pode ser tornar muito

maior, entendeu?

— Zé, você não é assim... — tentei chamá-lo à razão.

— Não sou, mas preciso ser para poder fugir e ter minha vida e minha família de volta. — Olhou-me rancoroso. — Isto tudo por sua culpa, não se esqueça.

Saiu do carro, e fiquei imóvel, esperando que algum policial aparecesse, qualquer um a quem eu pudesse pedir ajuda. Contudo, não tive tempo suficiente, porque ele logo apareceu com uma sacola e um telefone pré-pago.

— A moça disse que na praça da cidade tem wi-fi, então nem comprei chip. — Entregou-me o aparelho. — Mande a mensagem!

Tremia tanto que não conseguia nem mesmo cadastrar o e-mail no telefone.

— O que você quer que eu escreva?

— Pergunte onde está e diga que estou indo buscá-la para fugirmos.

Assenti, escrevi e lhe mostrei a mensagem. Ele a leu e concordou em enviá-la.

— Fique de olho no maldito e-mail, vou procurar um lugar para passarmos a noite.

Aproveitei que ele estava saindo com o carro, colei a mensagem que havia escrito, mas que tinha recortado do corpo do e-mail para mostrar-lhe, e a enviei.

Rodamos mais algum tempo até que ele achasse um hotel de beira de estrada, bem velho e caindo aos pedaços. Entrou direto, pois não havia portaria, escolheu um quarto com a garagem aberta e escondeu o veículo.

— Dê-me o celular.

Entreguei-o, torcendo para que Kátia não respondesse sem entender a mensagem estranha que lhe mandei e acabasse me denunciando sem querer.

Entramos no quarto. Ele, claro, trancou a porta e tirou o aparelho de telefone. Eu estava esgotada por estar há mais de 36 horas acordada, com fome porque minha única refeição foi um café antes de sair da casa de Kyra e com muita sede.

Zé pegou uma garrafinha de água do frigobar, tomou um gole e me deu o resto. Enquanto eu bebia, ficou olhando para o meu vestido, para os sapatos e minha bolsa.

— Tem um homem bancando você.

Não foi uma pergunta, e senti meu coração acelerar ao pensar em Millos, porque, muito embora ele não estivesse *me bancando*, o vestido e os sapatos visivelmente caros foram presentes dele.

— Zé, eu estou cansada...

Ele não insistiu e ligou a pequena e velha TV do quarto. O noticiário da madrugada já havia começado, mas nem ele nem eu prestávamos atenção, até que ouvimos um nome:

— Nikólaos Karamanlis, um dos herdeiros do magnata grego Geórgios Karamanlis, foi encontrado morto na madrugada de hoje, na casa recém-comprada pela família no Morumbi. — Fitei Zé com olhos arregalados e o vi tremer tanto que mal ficava de pé. — A polícia esteve no local e...

Meu Deus! Fui até meu irmão, que parecia em estado de choque, e o segurei pelos ombros.

— Zé, o que você foi fazer lá?

Ele mal conseguia respirar, tremendo como uma vara verde, a cara sem cor e os lábios roxos.

— Zé! — gritei, sacudindo-o com toda minha força.

— Eu não sabia que iam fazer isso! — balbuciou. — Devem ter ficado loucos quando não me acharam com o carro. — Seus olhos demonstravam puro terror. — Vão me matar, Mari, vão matar a todos nós se nos pegarem.

— Quem, Zé? Quem estava com você lá naquela noite?

— Romero e Linete — disse sem me olhar, parecendo pensar longe. — E eu os deixei a pé, porque fui atrás de você. — Fechou os olhos. — Mataram o chefe, agora vão nos matar.

Estremeci.

— Nikkós Karamanlis era o *chefe*?

Ele apenas balançou a cabeça confirmando, e me lembrei do homem estranho que invadiu o jantar e criou um clima de hostilidade e desconforto. O homem que fez Kyra sair correndo desesperada, que quase me tocou e...

Millos, nunca pensei que, de todos esses imprestáveis, você seria o único a compartilhar meu bom gosto. O jeito que Nikkós falou fez meu corpo inteiro se arrepiar com mau agouro, e então, sabendo que ele era o homem a quem iriam me dar de presente, senti-me apavorada.

Como poderia o pai de Theodoros, Kostas, Alexios e Kyra ser um homem envolvido com o crime?

— Eles o mataram, Mari. — Zé ainda parecia em choque. — Linete sabe onde nos encontrar, sabe de você, de Kátia, das crianças...

— Quem é Linete?

Ele chorou.

— Minha tia, irmã de minha mãe. — Soluçou. — Foi ela quem me convidou a entrar no negócio de falsificação, dizendo que ia melhorar minha vida e me levou para o inferno. — Encarou-me. — Foi por causa dela que não morri, mas agora... os outros chefes vão ficar loucos.

— Você não sabia disso? Quando me encontrou, disse que as coisas estavam desmoronando.

Zé soluçou alto e começou a chorar feito uma criança. Nunca o tinha visto assim.

— A falsificação de dinheiro era coisa pequena, Mari. Eu estava inserido no braço insignificante da organização. — Ele não teve coragem de me olhar. — A especialidade de Linete e Romero era enganar moças e mandá-las para fora do país para serem escravas sexuais.

Fechei os olhos em choque e entendi seu desespero quando seus comparsas me requisitaram. *Eu seria mais uma delas!*

— Na última remessa, a polícia descobriu e impediu que as meninas saíssem. Prenderam alguns peixes pequenos do esquema, gente que não sabia de nada, assim como eu não sabia até uns meses atrás. — Zé ficou gelado. — Romero e Linete escaparam e vieram para São Paulo se esconder. O chefe ficou sabendo e os chamou.

Uma ideia passou pela minha cabeça, e decidi arriscar:

— Você sabe onde eles estão escondidos? — Ele não me respondeu, e o sacudi de novo. — Zé, isso é importante!

— Se foram para o esconderijo onde estavam assim que chegamos à cidade, sei.

Isso era bom, mas não o suficiente.

— Sabe mais detalhes do esquema todo?

— Mariana...

— Zé, você sabe?

Ele assentiu.

Respirei fundo, sabendo que o que eu iria propor seria arriscado, mas talvez meu irmão enxergasse que era o único caminho.

— Eu conheço alguém da Polícia Federal que pode te ajudar. — Ele arregalou os olhos e tentou se desvencilhar de mim. — Zé, pense na Kátia e nas crianças! Acha que vocês estarão seguros fugindo? Pense!

— Se eu os denunciar, estarei morto.

Fechei os olhos e o abracei.

— Você estará morto de qualquer modo se não fizer, e não só você, mas toda sua família. — Ele chorou mais. — Eu confio muito na pessoa que te falei, ela me ajudou e tem mantido Kátia e as crianças em segurança. — Ele se afastou e me olhou. — Você tem informações que vão ajudar a polícia. Acho que isso pode ser usado a seu favor.

— Eu irei para a cadeia, Mari.

Engoli em seco e fui dura:

— É pior do que morrer você, sua mulher e seus filhos?

Ele começou a dar voltas pelo quarto, e eu rezava fervorosamente pedindo que visse que era o melhor caminho, que, sem a proteção da polícia, dificilmente iria conseguir fugir e se livrar dos bandidos com os quais estava envolvido.

Uma quadrilha internacional!

— Você tem certeza de que essa pessoa é confiável? A organização tem alguns policiais no bolso, Mari.

Pensei em Sâmela e, principalmente, em Millos e não tive dúvidas.

— Pode confiar. Eu confiaria minha vida a ela.

Ele assentiu, e senti uma centelha de esperança.

— Como você vai entrar em contato? Sabe o número dela de cor?

Neguei.

— Foi ela quem criou o e-mail que uso para falar com Kátia. Tem uma mensagem dela lá. Preciso do celular.

José Carlos, totalmente apático como nunca o vi antes, entregou-me o aparelho. Olhei as mensagens de e-mail e me senti aliviada quando vi o número de Sâmela na assinatura da mensagem.

Coloquei o telefone fixo no lugar e pedi à recepção do hotel que liberasse a linha para que eu fizesse uma ligação. Sâmi demorou a me atender. Foi necessário que eu tentasse pelo menos umas cinco vezes, mas, quando o fez, comecei a chorar.

— Sâmi... — chamei-a pelo apelido. — É a...

— Mariana? — Reconheceu minha voz. — Onde você está? Millos está louco atrás de você.

Tive que sentar-me na beirada da cama de tanto que tremia.

— Estou no interior de São Paulo, perto da divisa com Minas. — Solucei e olhei para meu irmão. Zé estava sentado numa cadeira, os ombros caídos, os olhos fechados. — Nós acabamos de ver no noticiário o que aconteceu ao Nikkós Karamanlis. Meu irmão esteve lá naquela noite, ele pode ajudar a encontrar os assassinos.

— Mari, o que está dizendo? Seu irmão está disposto a se entregar e cooperar com as investigações?

— Sim. — Suspirei. — Nós estamos...

— Já rastreamos sua ligação, sabemos onde estão. — Ela falou algo longe do telefone. — Você está bem?

Solucei.

— Sim. — Dei uma olhada em Zé e senti meu coração se apertar. — Sâmi, você poderia pedir a uma das pessoas que estão tomando conta da Kátia que ela ligue para cá?

— Mariana, eu não acho...

— Por favor... — falei baixinho. — Deixe-o ouvir a voz dela um pouco e saber das crianças.

Sâmi suspirou, mas concordou, dizendo-me que tentasse mantê-lo calmo, que eles viriam nos buscar o mais rápido possível.

A porta do banheiro bate forte. Afasto as lembranças dos acontecimentos e encaro meu irmão.

— Falou com as crianças?

Ele nega.

— Achei melhor não. — Sua voz está fanhosa, e ele tem o rosto inchado. — Eu a perdi, Mari, a decepcionei e não fui o marido que ela merecia. — Concordo, e ele suspira. — Ela achou que seria digno eu me entregar e falar com a polícia, que isso a lembraria o homem por quem se apaixonou. — Balança a cabeça. — Eu nunca deveria ter deixado de ser aquele homem.

— Não, mas...

Um barulho chama minha atenção, e Zé arregala os olhos quando ouve alguém esmurrar a porta.

— Nos acharam... — diz apavorado. — Nos...

— Mariana!

A voz de Millos me traz à vida de novo, e corro para deixá-lo entrar. Mal consigo vê-lo, pois, assim que a porta se abre, sou puxada para fora e envolvida em um abraço apertado.

Soluço tanto que não sei se sou eu quem sacode seu corpo ou se Millos também está chorando enquanto beija meus cabelos e passa as mãos pelas minhas costas.

— Eu quase enlouqueci de medo! — ele diz baixinho.

Afasta-se para me olhar, e confirmo que está chorando, seus olhos vermelhos, o rosto molhado, e as mãos que seguram meu rosto frias e trêmulas.

Nunca poderia imaginar vê-lo nesse estado. Millos sempre foi uma fortaleza, o homem que eu via como uma rocha, meu protetor. Olhar para ele e descobrir que compartilhamos o mesmo medo e aflição me faz voltar a abraçá-lo.

— Vocês têm que ir — um homem fala, mas não consigo ver quem é, pois Millos me mantém apertada contra seu peito. — Vou ficar com José Carlos até a polícia chegar.

Millos me solta de repente.

— Eu quero falar com ele antes. — Sua voz raivosa dispara um alerta em meu corpo, e o seguro pelo braço.

— Millos, não...

Ele não me escuta e marcha para dentro do quarto encarando Zé Carlos.

— Quem é você? — meu irmão pergunta, um tanto acuado.

Millos o olha de cima a baixo, avaliando-o e balança a cabeça.

— Você não vale a pena! — Aproxima-se de José Carlos, e meu irmão se encolhe contra a parede. — Mariana e Kátia nunca souberam nada sobre seus crimes, entendeu? Se eu souber que você citou qualquer uma delas nas suas merdas, pode ter certeza de que não haverá presídio ou policial que te livre de mim. — Ele assente, com medo. — De agora em diante elas estarão sob minha proteção.

— Quem é você? — Zé volta a questionar.

Millos lhe dá as costas sem responder e fala com o homem que veio com ele, mas mantenho minha concentração em meu irmão, que me olha sem entender.

Despeço-me dele apenas com um silencioso sorriso triste antes de Millos me pegar pela mão e me tirar do decadente quarto de hotel.

— Obrigada — agradeço-lhe, pois sei que se controlou porque eu estava presente.

— Não me agradeça, sou eu quem deve te agradecer. — Ele abre a porta do carro em que veio. — Se você não estivesse lá, eu não sei do que seria capaz, afinal, foi ele quem te colocou nisso tudo, quem expôs você ao perigo.

Millos se senta no banco do motorista, mas suspira alto antes de ligar o carro, vira-se para mim e me puxa pela nunca, beijando-me com evidente desespero.

— Me perdoe, por favor — suplica com a boca na minha.

— Você não teve culpa de ele ter me...

— Não. — Millos olha fundo dentro dos meus olhos. — Não por isso, mas pelo que falei antes de ontem, à noite. — Meu coração dispara. — Pelo que falei com Kyra.

Seguro um soluço, a lembrança das suas palavras me causando novamente uma dor aguda.

— Você não é obrigado a sentir por mim o que sinto. — Ele fecha os olhos. — Mas desconsiderar meus sentimentos apenas por você não sentir o mesmo foi cruel.

— Eu sei. — Ele passa a mão sobre meu rosto. — Acredite em mim, não desconsiderei seus sentimentos porque não sinto o mesmo. É complicado.

Sorrio triste e me afasto dele, colocando o cinto de segurança, sentindo-me magoada demais para continuar a conversa.

— Sempre é, Millos. — Fechos os olhos e deito a cabeça no encosto, sentindo-me esgotada. — Podemos falar disso outra hora?

— Mariana, eu...

— Outra hora, por favor — imploro, e uma lágrima escorre por entre meus cílios. — Eu estou muito cansada.

Ele bufa, mas em seguida liga o carro em completo silêncio.

Sou-lhe muito grata por ter vindo me buscar, por ter se preocupado comigo, mas não tenho forças, neste momento, para ouvir suas razões sobre não me amar ou mesmo suas dúvidas quanto à natureza dos meus sentimentos. Estou por um fio, e suas explicações racionais poderiam ser o meu fim.

65

When I look into your eyes
I can see a love restrained
But, darlin', when I hold you
Don't you know I feel the same?[110]

O silêncio dentro do carro é opressor, o clima, pesado, embora calmo, totalmente o oposto do que foi o trajeto de ida até o norte do estado de São Paulo, onde Mariana estava com o irmão em um hotel de beira de estrada.

Há algumas horas, quando passamos pela cidade de Ribeirão Preto, perguntei a ela se estava com fome, mas tudo o que me respondeu foi que queria ir para casa o mais rápido possível. Não questionei sua decisão, mesmo eu próprio estando com fome, pois saí de São Paulo no meio da madrugada para ir buscá-la. Se Mariana queria chegar a sua casa, era o que iríamos fazer!

Não sei dizer se ela dormiu ou se está apenas de olhos fechados, mas passou boa parte da nossa viagem desse jeito, e isso não está melhorando meu estado de espírito.

É complicado. Que porra de explicação e que pedido de desculpas mais

fajuto! Essas duas palavras me corroem a cada hora que se passa, prolongando um sofrimento desnecessário entre nós dois. Eu tinha consciência de que, dentro do carro, em frente àquela espelunca, não era o local ideal para termos uma conversa decente, mas não esperava que minha garganta travasse de tal forma e meu cérebro fosse reduzido a pó a ponto de me fazer dizer apenas que era *complicado*.

Suspiro aliviado ao ver as placas da capital paulista, embora esteja ciente de que vamos enfrentar um trânsito de uma segunda-feira e que isso pode nos fazer ficar quase o mesmo tempo dentro do carro do que ficamos nos mais de 400 km já percorridos.

Olho mais uma vez para Mariana, percebo sua pele pálida, as sombras escuras debaixo de seus olhos, e sinto arrependimento por não ter enfiado a porrada naquele irmão dela. A verdade é que tive de me controlar no último momento, porque fui a viagem toda querendo um pouco do sangue do filho da puta, que insistia em colocá-la em perigo. Só não o fiz porque Mariana segurou meu braço, e aquele pequeno toque me fez parar e raciocinar que, apesar de tudo, aquele homem era seu irmão, e ela não lhe queria mal.

Eu já estava me sentindo aliviado por vê-la a salvo, abracei-a como se nunca pudesse soltá-la, estava orgulhoso por ela ter conseguido convencê-lo a fazer um acordo e se entregar à polícia, ansioso para esclarecer a ela sobre o que ouviu no jantar e pedir que me perdoasse.

Balanço a cabeça, percebendo que a ansiedade foi tanta que me fodeu o cérebro e a língua, só pode!

Dirijo pela cidade, que, conforme o previsto, está com trânsito pesado, mas não tanto quanto seria se fosse no início da manhã ou no final da tarde.

— Millos — Mariana me chama —, quero ir ao meu apartamento.

— Não sei se é uma boa ideia. — Sou sincero, lembrando-me da porta que foi ao chão ontem. — Eu...

— Por favor, quero ir para minha casa.

A voz dela me corta o coração, pois sinto tanta tristeza e desânimo nela

que me lembro de todas as vezes que Mariana foi agredida e buscou ajuda em mim. Sinto um amargor na boca ao pensar que, dessa vez, boa parte dessa melancolia fui eu quem causou.

Concordo com a cabeça e me dirijo ao bairro onde fica o bufê de Kyra.

— Vou pedir comida assim que chegarmos ou eu mesmo vou preparar alguma coisa.

— Eu só quero um banho e ficar só.

Olho-a, negando.

— Não. Entendo que você queira descansar, mas não vou te deixar sozinha, Mariana, de jeito nenhum.

Ela não responde, volta a fechar os olhos e encosta a cabeça no vidro do carro. Respiro fundo para não dizer mais nada, tentado a fazê-la entender que não vou deixá-la sozinha, de preferência, nunca mais.

Chego a sua rua, mas, pelo horário, já não há mais vagas, então buzino em frente ao portão de carga e descarga do bufê e ligo para Kyra.

— Millos, eu estou tentando falar...

— Alguém poderia abrir o depósito para eu entrar com o carro? Estou com Mariana.

Kyra solta um palavrão de alívio, rindo, e diz que vai abrir. Encerramos a ligação, e não demora muito, o portão basculante se abre, permitindo nossa entrada.

— Mariana? — chamo-a, mas não responde, dormindo pesadamente.

Desço do carro e a pego em meu colo, alertando Kyra com o olhar quando ela vem correndo em nossa direção.

— Ela está esgotada — falo baixinho, e minha prima assente.

— O pessoal da manutenção acabou de sair daqui. — Mostra-me um

chaveiro. — Chaves novas para o portão e para a porta nova. — Sorri. — Precisa de ajuda?

Nego.

— Mariana precisa descansar e se alimentar. Vou ficar com ela.

Kyra se adianta à minha frente, abre o portão do apartamento e em seguida sobe as escadas correndo para fazer o mesmo com a porta. Quando chego onde está, entrega-me as chaves, sorri novamente olhando para Mariana e desce.

— Mariana? — chamo-a para avisar que chegamos e saber se deseja tomar banho, mas ela não responde, apenas balbucia algumas palavras.

Coloco-a na cama e tiro apenas seus sapatos, o vestido tão lindo que usou na noite do jantar ainda posto sobre seu corpo.

Fico um tempo olhando-a, tremendo ao pensar que podia tê-la perdido para sempre e choro baixinho, surpreendendo-me com minhas próprias lágrimas, que, desde que a encontrei hoje mais cedo, rolam com uma facilidade absurda.

Deixo-a dormir e vou para a cozinha a fim de preparar algo para que, quando acorde, possa se alimentar.

— Millos?

O chamado de Mariana me faz pular do sofá, e me dou conta de que acabei cochilando. Olho em volta, assustado, e percebo que não foi bem um cochilo que tirei, realmente dormi! O dia já se transformou em noite, e o apartamento está em total escuridão.

Um abajur é aceso, e pisco várias vezes ao ver Mariana, cabelos molhados e vestida com um conjunto de calça e casaco de moletom.

— Como você está? — pergunto-lhe, ainda me acostumando à claridade.

— Bem, mas tomei um susto quando saí do banheiro e percebi que você estava aí, dormindo. — Ela sorri.

Levanto-me e a abraço.

— Eu disse que não ia te deixar sozinha. — Aspiro longamente o delicioso cheiro de seu xampu. — Fiz um lanche para nós, mas já deve estar frio. Acho melhor preparar um jantar.

Ela nega.

— Um lanche está ótimo, não estou com muito apetite.

Concordo e, mesmo sem querer soltá-la, acendo a luz da pequena cozinha e coloco os sanduíches para aquecerem e pego a salada na geladeira. Pelo canto dos olhos, acompanho a movimentação de Mariana, vejo-a beber água e colocar sua toalha para secar no pequeno varal de chão.

— Eu também necessito de um banho — comento. — Foram dois dias tensos.

Ela suspira audivelmente.

— Eu fiquei sabendo de seu tio. — Encara-me. — Zé me contou que ele...

— Nós já sabemos — interrompo-a. — Nikkós nunca foi um homem confiável e, muito menos, bem visto, como você pôde notar durante o jantar. — Ela assente. — Era cruel, desumano, viciado em tanta podridão que...

— Era para ele que estavam me levando.

Paro de temperar a salada, sem compreender o que me diz. Mariana percebe minha confusão e esclarece:

— Em Carrancas, quando aquele homem, Romero, me levou à força. — Meus ossos gelam. — Ele tinha a intenção de me mandar para o seu tio.

Fecho os olhos, mal conseguindo respirar, lembrando-me do olhar de

Nikkós sobre Mariana naquela noite, o jeito que falou sobre nossos gostos serem iguais. Um barulho seco rompe meus pensamentos, e olho para minhas mãos, percebendo que apertei tanto os punhos que rompi o cabo de uma colher de bambu.

Mariana me olha assustada, e bufo de raiva por isso.

— Sinto muito. — Coloco o utensílio quebrado no lixo. — Eu... não fazia ideia de que ele estava envolvido...

— Ninguém sabia, Millos. — Dá de ombros. — Não é sua culpa, muito pelo contrário. No meu caso, você impediu que ele me tivesse.

Engulo em seco, pensando em Kostas, Alexios e Kyra, imaginando o que aquele desgraçado poderia fazer com Mariana se pusesse as mãos nela. Nunca fui um homem que acreditasse piamente no destino, sempre preferi acreditar que fazemos nossas escolhas e colhemos o que plantamos, mas saber que minha intervenção naquela noite em Carrancas livrou Mariana de Nikkós me traz uma gratidão imensa e a certeza de que algumas coisas estão destinadas a acontecer.

Eu tinha que ter estado lá! Susanna tinha que ter apresentado defeito exatamente naquela cidade, que nem estava na minha rota de estrada. Mariana e eu tínhamos que nos conhecer naquela cidade, daquele jeito, e essa constatação me faz apoiar as mãos sobre o balcão da cozinha e hiperventilar como se estivesse morrendo.

— Millos!

Mariana se aproxima de mim e me puxa para longe da bancada, rodeando-me com seus braços. Desabo feito criança, as lembranças mais dolorosas da minha vida retornando com força total.

— Eu... — puxo o ar, tentando me controlar — eu não duvidei do que você sente — confesso, abrindo pela primeira vez todos os compartimentos onde guardei minhas mágoas, as lembranças tão dolorosas que foram capazes de me levar à loucura em uma etapa da minha vida. — Eu duvidei que pudesse receber seu amor.

Mariana chora, e me sinto um monstro por fazê-la sofrer.

— Mas você pode, Millos, independentemente do que sente. Não poder me amar não muda o fato de que eu amo você.

Nego, mais uma vez percebendo que ela não entendeu o que eu quis dizer. Afasto-a do abraço, pois preciso ver seu rosto e quero que veja o meu.

— Não poder amar você nunca foi a questão, Mariana — começo. — Eu nunca tive chance contra isso. — Tento sorrir, mas não consigo. — Ainda que eu não quisesse admitir ou que buscasse mil justificativas para não o fazer, o sentimento está aqui. — Aponto meu peito, e a vejo prender o fôlego. — Amar você foi uma das coisas mais fáceis e naturais que já me aconteceram. Não adiantou minha racionalização, minha lógica, meu controle, simplesmente aconteceu. — Ela soluça. — Eu amei você desde que passei dias ao seu lado naquele hospital; amei você nos dias em que ficamos naquele quarto do Recanto das Andorinhas. — Mariana olha para meu abdômen, onde, por baixo da minha camisa, tatuei o pássaro. — Amei você mesmo longe, aqui em São Paulo, andando para cima e para baixo com uma calcinha e me sentindo meio louco. — Ela sorri. — Amar você nunca foi o problema, entende?

— O problema é a minha idade e...

— Não! — interrompo-a antes que repita as palavras mais idiotas que já disse na vida. — Isso era só mais um pouco das minhas desculpas. Eu... — Engulo em seco, seco o rosto e tomo coragem para admitir: — Eu tinha medo, Mariana. Verdadeiro pavor de acreditar que poderia ser amado por você e, depois, te perder.

Ela nega.

— Você não vai me perder! — Mariana tenta me abraçar de novo, mas recuo e saio de perto dela.

Preciso de espaço para explicar, necessito respirar a fim de poder remexer em situações tão bem guardadas que me sufocam apenas com o vislumbre delas.

— Eu preciso contar algo... Não faço isso para justificar meus medos, mas para que você conheça quem eu sou, para que avalie se pode me amar mesmo depois de tudo o que eu te disser.

Mariana assente, mas não diz nada.

— O primeiro amor de um menino, geralmente, é sua mãe. — Um bolo se forma em minha garganta, mas o obrigo a descer para liberar minhas cordas vocais. Por mais que as lembranças me doam, preciso colocá-las para fora. — Eu era apaixonado pela minha, me sentia capaz de qualquer coisa para protegê-la, pois era muito frágil, muito delicada, como um passarinho. — Sento-me no sofá, pois minhas pernas formigam, dormentes. — Mesmo pequeno, eu sabia que *mamá* era como um cristal. Ela era linda, sua pele suave, cheirosa... — Choro e abraço meus braços. — Rosas, ela amava rosas. Cultivava-as, extraía seus óleos essenciais e os usava em tudo, desde suas roupas até mesmo seus produtos de beleza. — Fecho os olhos e puxo o ar como se ainda pudesse sentir. — O quarto dela parecia um roseiral. Minha mãe era ruiva, mas não dessas com os cabelos bem vermelhos, eles eram claros, quase da cor de vinho *rosé*. Seus olhos eram verdes, era pequena, magra, e sua pele era tão branca que eu podia ver algumas veias por baixo.

Mariana se senta em uma banqueta alta perto do balcão, e tomo fôlego para continuar.

— Minha mãe era frágil, estava quase sempre de cama, mas, quando estava bem, me abraçava, beijava e cuidava de mim com muito carinho. Meu pai não foi muito presente, estava sempre na empresa ou recebendo amigos. — Começo a tremer, mas seguro minhas mãos para me controlar. — No porão da nossa casa, havia um espaço que ele usava para receber. Era enorme, tinha um bar gigante, mesa de bilhar, sofás de couro para todos os lados. Eu era proibido de ir lá, mas, às vezes, burlava as regras.

Fecho os olhos e deixo as lembranças virem enquanto conto a Mariana sobre a noite em que tudo mudou para mim.

Eu ouvi sons, como sempre ouvia quando papai estava em casa com seus convidados. Risos, música alta. Impulsionado pela minha curiosidade, desci para ver um pouco da festa dos adultos.

Desci as escadas pé ante pé e, silenciosamente, sentei-me no degrau em que podia ver o que acontecia, mas que me manteria escondido. Primeiro, vi meu pai, sentado na poltrona única de couro, bebendo uísque, pernas cruzadas e olhar fixo no que estava acontecendo à sua frente.

Ouvi sons estranhos, como se alguém estivesse sentindo dor, e então me inclinei para mais baixo a fim de ver do que se tratava, o que chamava tanto a atenção do meu pai.

Puxo o ar com força, ainda impactado com aquela visão. Mariana percebe, pega um copo d'água, mas nego, não querendo beber, temendo que o líquido não desça e que me impeça de continuar a falar.

— Millos, não precisa...

— Preciso — contradigo-a. — Mais do que ninguém, você precisa me conhecer.

Ela concorda e volta a se sentar.

Havia vários homens na festa. A maioria bebia ou jogava, mas dois estavam nus em pé, e, entre eles, estava minha mãe. A cena por si só me chocou. Eu tinha só seis anos de idade e não entendia bem o que era aquilo. Minha mãe não emitia um só som, mas os homens, sim, e eu quis tampar os ouvidos. Ela o olhava, ao meu pai, enquanto os dois homens a fodiam sem parar e com brutalidade.

Mariana segura um soluço, mas não a olho, perdido demais na lembrança.

Os olhos dela, cheios de lágrimas, tristes, não deixavam os dele. Implorava ajuda, eu quase podia ouvi-la gritar "socorro", mas não dizia nada, apenas o olhava, enquanto ele lhe assistia e bebia. Eu estava tão em choque que não conseguia me mover, respirar ou mesmo fazer qualquer coisa para parar aquilo.

Então, de repente, um dos homens a agrediu, um tapa bem na cara, e a chamou de vagabunda. Minha mãe chorou, meu pai sorriu, e acho que fiz algum barulho, porque ela me olhou, encarou-me sem expressão, derrotada,

morta, vazia, e subi as escadas correndo para me esconder debaixo da cama. Passei a noite lá, chorando e encolhido.

No dia seguinte, fui ao quarto dela, mas não cheguei a entrar, porque, pela fresta da porta, vi quando a mulher que cuidava dela, uma enfermeira, ajudava-a a se vestir.

Estremeço ao me lembrar do corpo de minha mãe coberto de hematomas e feridas e de como ela mal conseguia ficar de pé.

— Ela deixou de me abraçar depois daquele dia. — Olho para Mariana. — Deixou de me olhar, de falar comigo, e, durante muito tempo, estive totalmente só naquela casa, ouvindo seus sons.

Eu mudei. Era um bom menino, tinha muitos amigos, ia bem na escola. Passei a ser agressivo, a não respeitar regras. Nada mais me importava, e eu ia ficando sem limites. Foi aí que meu avô resolveu intervir.

Rio, balançando a cabeça.

Ele não a protegeu, apenas me tirou de lá, levou-me para sua casa, alegando que meus pais não tinham condições de cuidar da minha educação, porque seu filho era muito ocupado, e sua nora era doente.

Soluço, chorando tanto que sinto meu peito se rasgar.

— Eu não contei a ele, Mariana. Não pedi ajuda para ela. Eu não fiz nada!

Sinto quando ela se senta ao meu lado e passa o braço em volta do meu ombro.

— Você era um menino, Millos.

Nego.

— Eu deveria ter falado, mas estava tão mergulhado nas minhas próprias merdas, na minha revolta, cheio de tanta agressividade que não me importei. — Encaro-a. — Eu era como ele!

Brigava todos os dias e só me sentia vivo sendo violento. Cresci com a

fama de arruaceiro, levei *pappoús* ao desespero. Até os 11 anos de idade, eu batia nos meninos da escola, da rua, de onde fosse. Depois, comecei a trepar e a machucar cada menina ou mulher que passava pelas minhas mãos.

Mariana soluça ao meu lado, e tiro minha camisa, expondo minhas tatuagens. Pego sua mão e a faço sentir cada relevo debaixo delas.

— Você sentiu isso antes, não? — Ela assente. — Quando a violência contra os outros se tornou insuficiente para mim, comecei a me machucar. — Mariana chora ao acariciar minha pele. — Me rasgava inteiro, e meu avô me mandou para um psiquiatra.

Isso não me ajudou. Descobri os medicamentos e que, se os misturasse com álcool, eu ficava letárgico e acalmava o monstro dentro de mim. Fiquei viciado, saía de mim, comecei a alucinar. A maioria das minhas alucinações era com minha mãe.

Quando eram boas, eu sonhava em pular os muros de sua casa, lugar em que nunca mais pude entrar, passar pelos roseirais e estar com ela. Sonhava com seus carinhos, com seu amor, mas nunca podia ficar. Quando o efeito da droga passava, eu era expulso e precisava ir para longe dela.

Alucinei também com a violência que ela sofria, mas eu não tinha nenhuma pena dela, eu a culpava. Não entendia por que não fazia nada, achava que gostava, mesmo tendo visto seus olhos naquela noite.

— Eu estava enlouquecendo, Mariana. Sentia verdadeira atração pela violência e me drogava para viver uma realidade que não existia.

— Mas você melhorou e se tornou o homem que é hoje.

Nego, rindo de mim mesmo.

— Não foi assim. Quando comecei a melhorar, tive coragem de tentar falar com minha mãe. Fui até a casa dela, mas não me permitiram vê-la. Voltei outras três vezes e, na quarta, pulei o muro, como tinha feito em tantas alucinações. — Respiro fundo. — Ela estava sentada no jardim, pálida, magra, impassível como uma estátua de mármore. Olhou-me como se não me conhecesse e se levantou para entrar na casa.

Meu coração parece explodir no peito, e a dor se espalha por todo o meu corpo. Conto a Mariana a versão resumida do momento em que, revoltado por ela não ter ao menos me recebido, gritei e desabafei, mas, ainda que eu não conte cada palavra dita, elas não saem da minha cabeça:

— Eu sou seu filho! Não me reconhece?! — gritei, e minha mãe parou onde estava. — Provavelmente esqueceu que eu existo, não é? Eu tinha a ideia louca de chegar aqui e ver ainda a mãe da qual me lembrava, carinhosa, amorosa, mas isso faz parte apenas do imaginário de um garoto. Você se tornou um fantasma apenas para me assombrar, para foder minha vida.

Abandonei a casa, mas algo me fez voltar. A sensação era tão estranha, como se a escuridão me engolisse, que comecei a correr por entre as rosas, o cheiro bom da infância inocente que tive, fluindo para todos os lados enquanto eu atravessava o jardim.

Entrei naquela casa como se ainda a frequentasse, correndo pelos corredores, indo direto ao quarto de minha mãe.

Paro o relato, impedido pelas lágrimas, sufocado pela dor.

— Eu a encontrei no chão do banheiro. — Encaro Mariana. — Sua pele clara totalmente sem cor, duas enormes poças de sangue no chão, seus pulsos abertos. Corri até ela e comecei a gritar feito louco, tentando estancar o sangue, impedir que ela se fosse. — Mariana fecha os olhos, o rosto banhado de lágrimas. — Não consegui. Me encontraram abraçado a um corpo sem vida, sujo de sangue, e, em completo surto, fugi. Peguei um dos carros do meu pai e saí pela cidade. Entrei em qualquer motel barato, tomei banho, consegui companhia e passei dias apenas tomando remédio, bebendo e fodendo.

Em um dos surtos mais fortes, vi minha mãe nua, machucada, coberta de sangue, e ela dizia que eu a tinha matado.

— Millos, não!

Seguro sua mão com força e assinto, sentindo a culpa, que nunca me abandonou por completo.

— Foi a partir daquele dia que decidi buscar ajuda e comecei meu tratamento a sério, fazendo terapia, buscando estar ocupado. Antes de ingressar na universidade, pedi ao meu avô para fazer uma viagem pelo oriente. Conheci a china, o Tibet e o Japão, e cada um desses lugares me ajudou a controlar meus instintos violentos.

— Você estava doente, Millos, traumatizado — Mariana argumenta. — Era um menino, pelo amor de Deus!

— Eu deixei um homem em coma e só não fui preso porque era um Karamanlis — confesso. — Fiz tantas merdas, tantas coisas erradas que...

— Você estava ferido, e isso passou.

— Não! — Minha voz se altera. — Isso está aqui! — Aponto para a veia no meu braço. — Não vê? Vasilis a obrigava a fazer sexo com outros homens, gostava de ver sua esposa sendo estuprada e maltratada. Nikkós era um sádico desgraçado que fodeu a vida dos próprios filhos, e eu...

— Você não é assim! — Ela segura meu rosto e me faz olhá-la. — Millos Karamanlis, você não é como eles! Olhe para mim, por favor. Você foi minha fortaleza, me ajudou, me salvou tantas vezes que não sei o que seria de mim sem você naqueles momentos. — Soluço, olhando dentro de seus olhos azuis. — Você sempre me protegeu, mas nunca me aprisionou. Nunca me obrigou a nada, sempre zelou para que eu estivesse confortável e segura. Você não tem um pingo da violência deles em seu corpo.

— Eu me controlo, mas...

Ela ri.

— Quantas vezes você já perdeu o controle? Hoje mesmo, quando quis falar com o Zé, percebi que não seria uma conversa de palavras, mas sim de punhos. Você é dono das suas escolhas, Millos, não há nada no seu sangue ou escondido dentro de você. Era um garoto descontrolado, perdido e machucado, mas já não é mais. — Mariana põe a mão sobre meu peito. — É o homem mais incrível que conheci, preocupado, protetor, com um coração enorme. Não deixe que o que você passou nuble sua visão de quem se tornou.

— Encosta a testa na minha. — Tudo o que me contou só contribui para que eu te ame ainda mais.

Abraço-a com força, sentindo o impacto de suas palavras dentro do meu peito e se espalhando em mim, preenchendo cada lacuna, destruindo toda e qualquer dúvida, afastando o medo.

Seguro-a bem firme, garantindo a mim mesmo que é real, que não estou sonhando. Esvaziei meu passado, libertei meus demônios, e ela ainda diz que me ama.

— Sou eu quem não tem limites para te amar, Mariana. — Beijo seu rosto e encosto meus lábios nos seus. — Eu te amo infinito e muito mais!

66

You're never gonna be alone
From this moment on
If you ever feel like letting go
I won't let you fall.[111]

A fumaça sobe devagar, trazendo um gostoso calor a essa fria manhã, reconfortada com o cheiro do pão de queijo que estou assando e do café recém-passado. Suspiro, encostada ao balcão da cozinha do *loft* de Millos, ouvindo ao longe as vozes das pessoas que já chegaram e que, junto a nós, aguardam o restante.

Parece um sonho!, penso, achando impossível não me lembrar da noite passada.

Ouvir seu relato me fez perceber que Millos passou por muita coisa desde muito pequeno e, como eu, cresceu à margem de demonstrações de carinho e cuidados. Uma criança de seis anos que foi forçada a crescer, um menino imaturo que não sabia como aliviar a dor que sentia, um jovem perdido.

Abracei-o mais forte, agradecendo a Deus por, mesmo diante das circunstâncias, Millos ter se tornado o homem que é, o homem que eu amo.

Eu te amo infinito e muito mais!

Sorrio, lembrando-me das palavras que desejei tanto ouvir, mas que, quando saíram de sua boca, se mostram além do que imaginei. Cada letra pareceu carregar um sentimento que ia se depositando dentro de mim, avolumando ainda mais o que eu já sentia por ele.

Senti-me tão especial por ter seu amor, tão agraciada que, quando ele me beijou, eu flutuei. Parece exagero, mas não é. Os beijos de Millos sempre foram incríveis. Contudo, aquele foi inexplicável. Era como se ele me beijasse por inteiro, livre, sem nada que o contivesse. Senti o amor em seus lábios, a paixão em sua língua e o desejo em seus braços.

Completude!

Éramos como duas metades que finalmente se uniram e se completaram.

Não sei quanto tempo durou o beijo, segundos ou minutos, então ele me abraçou, e o senti soluçar feito uma criança que chorou muito. Sorri e imaginei quanto tempo fazia que Millos não se deixava tomar por essa emoção. Ele era uma fortaleza, era o apoio de todos à sua volta, como eu já havia percebido, e, geralmente, pessoas que são colocadas nesse lugar ou se colocam nele não se dão espaço para demonstrar suas vulnerabilidades.

Ali, comigo, naquele sofá, ele estava nu de tal forma que eu podia vislumbrar sua alma, ver o lado dele que esteve oculto por tantos anos, trancado. Quando ele aprisionou o “monstro” que achava que tinha, colocou junto a ânsia de um menino que só queria ser amado.

Senti quando cheirou meus cabelos, acariciou minha pele por baixo do casaco de moletom, beijou meu pescoço. Gemi, adorando o jeito que ele parecia não resistir ao meu corpo.

— Preciso de um banho — cochichou. — Era o que eu deveria ter feito em vez de ter cochilado no sofá.

Sorri.

— Vem para o banho comigo. — Passou a língua pelo lóbulo da minha

orelha. — Eu sei que não dá para fazer sexo naquele seu boxe minúsculo. — Ri, lembrando-me de quando tentamos e do desastre que quase causamos. — Só quero você comigo.

Ele não precisou pedir mais uma vez, e, mesmo tendo acabado de sair do chuveiro, voltei para debaixo d'água, ensaboei-o da cabeça aos pés, lavei sua barba, massageando-a com a ponta dos meus dedos, enquanto ele relaxava com os olhos fechados, e o fiz gozar com minhas mãos e boca.

Depois, claro, Millos fez o mesmo e também me levou aos céus.

Fizemos o lanche no sofá, minhas pernas esticadas sobre as dele, olhares trocados, beijos e carícias. Eu o sentia cansado, e, quando começou a falar sobre o que viria em consequência dos crimes de seu tio, interrompi-o com beijos e uma massagem gostosa nos ombros.

Deitamo-nos juntos, abraçados, como se não suportássemos estar um longe do outro. Os carinhos foram feitos enquanto ele e eu nos olhávamos, as cabeças deitadas nos travesseiros, sonolentos, cheios de amor e certeza.

— Obrigado — ele disse já de olhos fechados.

Sorri.

— Combinamos de deixar os agradecimentos para trás, lembra? — Beijei a ponta de seu nariz. — Eu amo você!

Millos sorriu, suspirou e se entregou ao sono negado a ele desde o início do final de semana, quando toda a confusão começou.

Meus dedos, que deslizavam entre os fios cheirosos de seus cabelos, ficaram mais devagar conforme meu corpo relaxava, o sono me fazendo transpor a realidade, menos, é claro, o contentamento de saber que eu tinha o privilégio de ser dele e de ele ser meu.

Dormi com um sorriso nos lábios.

— Tão bom te ver assim! — Kyra me abraça de repente, e afasto as lembranças da doce noite que Millos e eu tivemos. — Quando chegou ontem,

fiquei tão preocupada.

— Eu te amo, Kyra! — declaro e a abraço com força, ouvindo suas risadas. — Você é pessoa mais incrível que Deus já colocou no meu caminho. Muito obrigada por tudo.

— Ah, para, Mari! — diz, tentando disfarçar um fungar típico de quem está emocionada. — Você que é muito especial! — Aproxima-se de meu ouvido. — Tanto que conquistou o cabeça-dura do Millos.

Rio e o vejo entrar no nosso campo de visão.

— O café está com um cheiro bom, mas esses pãezinhos... — Ele se interrompe quando Kyra se vira de frente e põe a mão na cintura. — O que foi?

— Você ouviu e ficou com ciúmes? — Millos faz uma cara de quem não está entendendo. — A Mari diz que me ama, e você aparece para falar do cheiro da comida dela? — Kyra pisca para mim. — Que ciumento, Millos!

— Você é doida, Kyra — ele diz sério, e minha amiga nos deixa a sós.

Millos se aproxima, colocando seu corpo no meu, esfrega sua barba em minha nuca e dá uma leve mordida em minha orelha.

— Gostei do que disse a ela. Kyra ficou muito emocionada por saber que você a ama. — Cheira-me ruidosamente, e fico vermelha ao imaginar que Kostas e Kika, já aqui presentes, estejam vendo o arrocho que ele me dá. — Por isso veio cheia de brincadeiras comigo.

— Então você ouviu! — provoco-o.

Millos ri.

— Ouvi, mas não fiquei com ciúmes, pelo contrário. — Ele me vira de frente para si. — Você é maravilhosa, Mari, e é um privilégio para minha família ter você. — Ele me aperta em seu corpo, e o sinto excitado. — Não mais do que é para mim, claro.

Sorrio sem jeito, e ele se afasta, andando para os fundos do *loft*, bem

longe de onde estão seus familiares. Olho na direção das três pessoas sentadas no sofá, e todas têm um sorriso enorme, o que me deixa ainda mais vermelha.

O interfone toca, e vejo Sâmi pela câmera antes de liberar sua entrada. Ela nem bem entra, e novamente preciso abrir o portão para Theo, Duda e o avô de Millos.

— Faltam Alexios e Samara — Kyra diz pouco antes de seu telefone tocar. Ela conversa um momento e depois anuncia: — Alexios vai se atrasar, está levando a Samara para a casa dos pais. — Abre um sorriso enorme. — Vou ser tia de novo!

A comoção é geral. Todo mundo começa a falar ao mesmo tempo sobre as crianças crescerem juntas.

— Eu tenho certeza de que minha Pimentinha é menina! — Kostas declara, e Kika o olha com surpresa.

— Achei que queria menino.

Ele nega.

— Não, teremos tempo para fazer um menino. Eu não me importaria de ter outra garota para mimar. — Pisca para a esposa.

— E para ficar louco de ciúmes! — Kyra completa. — Kika, imagina o Kostas recebendo um garoto cheio de gírias, boné de lado e...

— Kyra! — Kostas a adverte. — Não quero ter de planejar as ameaças que usarei para atormentá-lo dede já, dê-me tempo! — Olha para Theo. — Além disso, Theo será o primeiro a ter essa experiência.

Seu irmão mais velho fecha a cara e não responde, o que causa uma explosão de risadas entre as mulheres.

Tiro outra fornada de pães de queijo do forno ainda sorrindo, gostando da brincadeira entre os irmãos, e os arrumo em uma bandeja junto ao café e ao chá. Millos aparece ao meu lado e me ajuda a organizar as coisas antes de

anunciar que o café da manhã está pronto.

— Soube de Madeline? — ouço Kostas perguntar a Millos em um sussurro para que ninguém mais ouça. — Estive na mansão, e ela não está mais lá.

— Não deve ter saído do país ainda, deve estar em algum esconderijo. — Respira fundo. — O que me preocupa é a repercussão disso tudo para a Karamanlis.

— Quanto a isso — Kostas clareia a garganta e mostra uma pasta ao Millos —, achei esses documentos no quarto dela. Estavam com seu nome na capa.

Vejo quando Millos rapidamente fica surpreso, mas logo reassume sua expressão normal.

— Abriu-a? — pergunta, e Kostas assente.

— Acho que ela estava juntando provas das merdas de Nikkós. — Sorri. — O que nos vem a calhar agora.

Millos assente e faz um sinal para a Sâmela.

— Mariana, quando nos conhecemos, fiquei encantado com seu sotaque. É de Minas, não? — Theodoros me pergunta, e deixo de acompanhar o que acontece entre os três, que conversam baixinho. — Só um mineiro para fazer um pão de queijo delicioso assim!

Sorrio agradecida.

— É uma receita antiga, da família da minha cunhada.

— E como eles estão? — Kyra questiona.

Suspiro, sorrindo, lembrando-me de que, antes de virmos para cá, Millos conversou com a Sâmi por telefone sobre a situação do meu irmão e a segurança de minha cunhada e de seus filhos.

— Será que não é melhor trazê-la para cá? — ele inquiriu a ela, e abri os

olhos, animada, adorando a ideia de ter Kátia e os meninos por perto. — Entendo, mas, se mudar de ideia, será muito bem-vinda conosco.

Meu sorriso murchou ao perceber que Kátia não viria, então, assim que Millos desligou, quis saber o que estava acontecendo.

— Sua cunhada prefere ficar onde está, e Sâmi concorda, pois é um local seguro, e ela tem suporte de vários familiares. — Assenti, mesmo me sentindo triste. — Ela vai receber segurança reforçada, não se preocupe.

Tentei parecer tranquila, mas a verdade é que estava morrendo de saudades dos meninos. Millos pareceu perceber e me prometeu conversar com Sâmela sobre a possibilidade de eu vê-los.

— Estão bem — respondo à pergunta de Kyra. — Meu irmão falou com ela antes de se entregar.

— Sobre isso — Millos me interrompe —, eu ia esperar Alexios chegar, mas, como ele está demorando, e Sâmi precisa voltar ao trabalho daqui a pouco, acho melhor conversarmos de uma vez.

Todos os Karamanlis concordam.

— Bom, com a prisão e o acordo de delação feito com José Carlos, nós conseguimos a confirmação das pessoas que foram se encontrar com Nikkós naquela noite — Sâmela começa, e Millos se aproxima do avô para ajudá-lo a entender o que a policial diz. — Ele dirigia o carro que levou Romero dos Santos e Linete Pereira. — Kostas pega a mão de Kika. — E, embora não tenha ficado para esperá-los, seu testemunho, as imagens da câmera da rua e as digitais no picador já nos fornecem indícios suficientes de autoria.

— E sobre Nikkós ser envolvido com o crime internacional? — Theodoros é quem indaga.

— José Carlos forneceu uma gama de informações importantes sobre esse assunto, contudo, como esse inquérito foi deflagrado na PF do Rio de Janeiro, ele será transferido para lá, e as investigações, bem como todo o processo, ficarão a cargo dos cariocas, mas continuaremos acompanhando por conta da força-tarefa envolvendo os dois estados.

Sâmela e Kostas continuam a conversar sobre onde será o julgamento pelo homicídio de Nikkós e outros pormenores jurídicos, enquanto Millos lê a papelada que Kostas lhe entregou há pouco.

— E sobre a empresa? — Theo parece preocupado. — Já houve tantos problemas na Karamanlis esse ano que, sinceramente, quase não dormi quando Kostas me contou sobre Nikkós e seu envolvimento com o tráfico de pessoas.

Millos entrega a ele documentos e diz que eles comprovam que Nikkós, além de envolvido no esquema internacional, desviava dinheiro da Karamanlis, das subsidiárias pelas quais estava responsável e também da Bürki, empresa de Madeline.

— Filho da... — Theo se interrompe a tempo, olhando para seu avô. — Como vocês conseguiram todas essas provas?

— Madeline — Millos responde, entregando a papelada para Sâmela. — Talvez, se conseguirem rastrear essas contas, poderão chegar a mais pessoas. — Ela assente, animada. — E sobre Romero e Linete, Sâmi?

— No começo da manhã, duas equipes saíram para estourar os dois esconderijos dos quais José Carlos tinha conhecimento, um aqui na capital, e o outro na região metropolitana. — Ela olha para o telefone. — Estou aguardando notícias, por isso preciso voltar para o escritório.

O interfone toca, e Millos libera a entrada de Alexios.

— Se não fosse a ajuda do seu irmão... — Kika comenta comigo, de repente. — Eu espero que eles consigam pegá-la dessa vez.

Franzo a testa, sem entender.

— Linete Pereira é mãe biológica de Kika e tia de Alexios — Kyra é quem esclarece, e arregalo os olhos, achando muito confusa a forma como nossas vidas são entrelaçadas.

— Linete era irmã da minha madrasta — revelo, e Kika arregala os olhos.

— Nunca havia ouvido falar dela, mas tenho uma vaga lembrança de ter conhecido uma *tia* quando ainda era pequena.

— Deus do Céu! — Duda se assombra, colocando a mão na boca.

Kika ri.

— Começo a acreditar que nossa família é a mais estranha que já conheci.

Kyra gargalha e a abraça.

— Por isso somos tão especiais!

67

Let's start over
Let's give love their wings
Let's start over
Stop fighting about the same old thing
Let's start over.[112]

— Que confusão! — Alexios passa a mão na cabeça quando o colocamos a par de tudo o que aconteceu. — E Madeline?

— Não sabemos — Kostas é quem responde. — Deixou essa pasta para trás e sumiu. Ontem voltei à mansão, quando Vasilis chegou ao Brasil.

Olho surpreso para Kostas.

— Ele está aqui?

Meu primo parece confuso.

— Sim, não sabia? Chegou ontem. Theo mandou alguém buscá-lo no aeroporto. Fui designado para o colocar a par de tudo o que estava acontecendo, porque os outros *tios* lá na Grécia começaram a bombardear-nos com perguntas. — Bufa, e Theo confirma. — Ele quis ir até a mansão,

então o acompanhei e por isso acabei achando a pasta.

— Vai ficar hospedado com você também? — pergunto ao Theodoros, sentindo uma terrível pressão no peito e um amargor na boca.

— Não, só *pappoús*. Seu pai fez reserva no Villazza. Queria levar o velho com ele, mas achamos melhor que fique conosco.

— Acho melhor também — digo, tentando não demonstrar o quanto a presença de meu pai nesta cidade me incomoda.

Vasilis não ter me avisado que viria não é nenhuma novidade, e, sendo ainda o CEO da Karamanlis principal, é normal que venha, afinal, a morte de Nikkós e suas circunstâncias impactam diretamente nos ativos da empresa, e isso é motivo suficiente para que interrompa seu tratamento e venha ao Brasil. Sinceramente, espero não ter que aturá-lo mais do que o necessário por aqui.

Olho para Mariana, que ainda conversa com Duda, Kika e Kyra, e suspiro, negando-me a pensar em apresentá-la ao meu pai.

— A polícia deve saber o paradeiro de Madeline, não? — Alexios volta ao assunto da mãe, perguntando diretamente para Sâmela.

— Sim, ela deixou endereço — é tudo o que minha amiga diz.

A pergunta de Alexios faz com que eu pense sobre promover um encontro entre eles, pois, apesar de correr o risco de Madeline revelar que eu sabia sobre Chicão, acho que é um direito de meu primo falar com sua mãe biológica, caso queira.

— Alexios, se você quiser, Sâmi e eu podemos...

— Não. — Ele sorri. — Persegui um sonho de menino, uma idealização de uma mulher que não *podia* estar perto de mim. Eu cresci, e, sinceramente, isso já não me machuca mais. Como ela mesma disse, Leila morreu. — Concordo, sentindo orgulho dele. — Madeline nunca teve um filho, e eu nunca tive uma mãe. Não sou o primeiro nem o último. Agora penso no futuro, na minha família com Samara, nos bebês que...

— Bebês? — Kyra se mete na conversa. — Ouvi a palavra no plural? É coisa de futuro ou de presente?

Rio quando Alexios balança a cabeça e sorri cheio de malícia.

— De presente, minha irmã enxerida. — Gargalha. — Samara vai me matar por eu ter te contado antes dela.

— São dois bebês?! — ela praticamente grita, eufórica.

— Sou construtor, não sou? Não faço obra pela metade! — Alexios declara brincando, sorrindo maliciosamente para os irmãos.

Kyra o abraça, pulando como uma louca, enquanto Theo ri, e Kostas resmunga que quantidade nunca significou qualidade. Sou obrigado a rir, contagiado pelo clima de brincadeira que se instaurou em meio ao caos que estamos vivendo nos últimos dias. Uma notícia como essa que Alexios acabou de dar certamente ajuda a termos esperança de que coisas boas irão nos acontecer daqui para frente.

Olho para Mariana, que sorri junto a Kika e Duda, assistindo à cena dos dois Karamanlis mais jovens comemorando feito duas crianças, talvez de um modo que nunca fizeram antes. Uma coisa estranha parece apertar meu peito, e tento não pensar muito sobre o que significa, principalmente levando em conta que Mariana apenas começou a viver sua vida.

Não pense nisso agora, Millos!, aconselho-me e pisco para ela, que imediatamente fica vermelha. Kika comenta algo, rindo, e Mariana e Duda gargalham, concordando.

Acho que nada pode ser comparado à alegria que vejo nos rostos das pessoas que amo. *Pappoús,* sentado em uma poltrona, assiste à cena sem disfarçar um sorriso. Vou até ele para colocá-lo a par do que aconteceu, temendo que não tenha entendido.

— Samara está grávida de gêmeos — informo-lhe, e ele arregala os olhos. — Por isso essa comoção toda.

Meu avô olha na direção dos dois irmãos, que agora estão apenas

abraçados, emocionados, e assente.

— Nada se compara à emoção de ter filhos.

Filhos!, a palavra que em vão tento bloquear, mas que preenche meu cérebro de tal forma que não sobra espaço para eu pensar em mais nada. Acho um absurdo que me sinta assim, tão vidrado pela ideia de também compartilhar dessa alegria, de dizer ao *pappoús* que mais um Karamanlis virá para completar a família.

Talvez eu esteja animado com isso porque Mariana é tão amorosa, tão doce, adora os sobrinhos que a ideia de ela ser a mãe de meus filhos é sedutora, é quase viciante.

Um dia, Millos, quem sabe!

— Millos — Sâmela me chama, e aproveito para desanuviar a mente da empolgante ideia de ser pai. — Preciso ir. Acabaram de invadir os esconderijos.

Assinto, afastando-me de todos sem chamar a atenção, e vou até a porta, acompanhando-a, enquanto Sâmi lê mensagens em seu celular.

— Merda! — resmunga.

Ela para na porta do *loft*, e meu coração dispara com a possibilidade de não conseguirem pegar Linete e, principalmente, o desgraçado que agrediu Mariana.

— O que houve? — pergunto tenso.

Ela respira fundo.

— Acharam Romero. — Olha-me, e um alívio enorme me toma

— Sâmi, eu sei que vai ser complicado, mas eu gostaria de ficar uns minutos a sós com esse filho da puta e...

— Acharam o corpo dele, Millos. — Ela percebe minha decepção, não por ele estar morto, mas por não ter sido eu a encaminhá-lo para o inferno. —

Foi melhor assim. — Digita no celular novamente. — Linete não estava no barraco onde o acharam, mas ainda temos outros lugares para procurar. Preciso ir!

Assinto e me despeço dela.

— Mantenha-me informado.

— Edu fará isso. — Sâmi olha para dentro do *loft*. — Dê tchau a todos, nem me despedi para não quebrar o clima de alegria. — Ela sorri de repente. — Agora só falta você!

Ela entra no elevador de carga e logo desce, enquanto continuo parado na porta raciocinando sobre as palavras dela. Rio quando consigo entender o significado e novamente sinto aquela estranha emoção esmagar meu peito, um desejo enorme de...

— Tudo bem?

Os braços de Mariana me rodeiam, e a sinto se aconchegar em minhas costas. A ansiedade que estou acumulando sobre ter uma vida com ela, formar uma família, se acalma um pouco, apenas com seu toque e a certeza de que pode não ser agora, mas vamos ter isso um dia.

— Tudo! — respondo-lhe e me viro para olhá-la e dar a notícia: — Acharam Romero.

Mariana arregala os olhos, mas a sinto estremecer. Seguro suas mãos.

— Ele nunca mais lhe causará medo, Mariana. — Abraço-a apertado, segurando-a pela nuca. — Foi achado morto.

Ela soluça, o alívio nessa pequena reação, o desespero após tudo o que passou nas mãos daquele filho da mãe tomando forma conforme ela se conscientiza de que realmente acabou.

— Eu não deveria me sentir feliz por isso, mas...

— Tudo bem, não se sinta culpada. — Beijo o topo de sua cabeça. — Você não está feliz, está aliviada.

— Eu te amo muito!

— Eu também, Mariana. — Beijo-a cheio de carinho, mas logo a carícia se torna mais exigente. Meu corpo reage, e tudo em que penso é no quanto gostaria de que a reunião familiar acabasse para tê-la só para mim.

— Eu preciso de um tempo para digerir — Alexios declara antes de sair do *loft*, batendo a porta.

Olho para *pappoús*, sentado no sofá com as mãos na cabeça, o peso de seus 90 anos parecendo ser uma grande carga.

— Ele vai pensar melhor — digo em grego, e o velho homem assente. — Quer que eu o leve até...

— Theodoros já deve ter mandado o motorista. — Ele se levanta com dificuldade, e o acompanho até a entrada do galpão, onde realmente um carro o aguarda. *Pappoús* coloca a mão em meu ombro. — Você é um bom filho, Millos.

Ajudo-o a entrar no carro e fico um tempo vendo-o partir em direção ao apartamento de Theodoros. Suspiro, cansado, mas cheio de esperanças de que Alexios consiga ver um pouco do arrependimento de meu avô. Sei que não muda nada, não apaga o que o garoto sofreu, a rejeição que sentiu a vida toda, mas pode ajudar a construir uma história daqui para frente.

A ideia da conversa entre os dois surgiu assim que Kostas e Kika se despediram depois da reunião familiar que tivemos. Não comentei com eles sobre Linete ou Romero, porque, logo que Sâmi confirmasse as informações, eles iriam saber. Decidi que era melhor esperar pelas notas oficiais.

Quando Theo e Duda fizeram menção de ir embora também, *pappoús* falou com o neto mais velho e depois comigo.

— Não sei se o momento...

— Eu tenho 90 anos, já esperei demais! — meu avô alegou, combatendo o argumento de Theodoros.

— Está certo — meu primo concordou e conversou um tempo mais com meu avô, depois se foi junto a Duda.

— Acho que também vou! — Kyra se levantou, e Alexios a seguiu.

— Alexios, eu gostaria que você ficasse.

Parei-o antes que acompanhasse a irmã. Kyra percebeu que o assunto seria sério, pois olhou para *pappoús* e arregalou os olhos antes de acenar despedindo-se.

— Millos, eu preciso me encontrar com Samara e...

— Eu sei, não vamos demorar muito. — Aproximei-me de Alexios. — Apenas o ouça, por favor.

Ele concordou e voltou a se sentar.

Mariana, que estava na cozinha, deve ter percebido a movimentação e subiu de fininho para o mezanino. Eu ri para ela quando chegou ao alto da escada e pisquei o olho, agradecendo-lhe por ter nos dado privacidade.

— Eu queria poder me desculpar pessoalmente com você — meu avô começou falando em inglês. — Não tivemos oportunidade antes de...

Alexios riu.

— Tivemos muitas, desde meu nascimento. — Suas palavras foram cheias de rancor.

— Eu sei, você está certo. — Meu avô me olhou. — Nada do que eu disser agora irá fazer voltar o tempo.

— Ainda bem que reconhece que nem o *poderoso* Geórgios Karamanlis tem esse poder.

— Alexios — repreendi-o. — *Pappoús*, diga.

O velho homem negou, soltou um longo suspiro e fechou os olhos. Praguejei mentalmente, vendo meu avô perder a coragem, então tive que me expor a Alexios, correndo o risco de que ele me odiasse por nunca ter dito nada.

— Nikkós quis usar você como barganha — disparei as palavras sem pensar muito, e *pappoús* se aprumou no sofá, assustado. — Eu realmente não sei qual foi a intenção dele enquanto Leila estava grávida, mas, assim que você nasceu, ele tentou negociar com seu avô.

— Negociar? — Alexios tremia. — O quê?

— Meu filho perdido — *Pappoús* declarou magoado. — Ele chegou com uma foto sua, e achei que Geórgios havia renascido. Vocês eram quase a mesma criança, tirando um detalhe ou outro.

Alexios riu.

— Isso não faz sentido!

— Na época, a sede da Karamanlis estava passando por reformulações, eu havia me afastado do cargo, e Nikkós queria minha indicação para ser o CEO — meu avô continuou. Levantei-me, peguei um copo d'água e o dei a ele. — Ele me ofereceu você para eu criar como se fosse meu filho, para substituir meu primogênito morto há tantos anos.

Alexios se levantou e começou a andar pela sala.

— Por isso ele me assumiu — chegou à conclusão óbvia. — Nunca entendi por que aquele homem tinha assumido o filho de uma puta!

Pappoús ofegou.

— Não o rejeitei por isso. Eu fiquei louco com seu pai, com a ousadia de ele tentar me comprar com uma criança, então o expulsei e garanti a ele que nunca teria meu apoio, e ele cortou qualquer ligação que eu pudesse ter contigo. — Suspirou. — Não vou me fazer de mártir aqui, Alexios, eu também não me esforcei, não dei importância. Nunca o proibi de ir a Atenas

passar as férias, mas, quando você não ia, não criava atritos por isso.

— Eu era filho de uma puta, afinal!

O rancor fez todas as palavras dele vibrarem.

— Sim, era. — *Pappoús* enfrentou seu olhar. — Eu sempre soube disso, mas não o teria proibido de ir à minha casa. Depois, quando vocês cresceram, tentei me aproximar, mas já era tarde demais. Eu já sabia de seu rancor, mas não imaginava as atrocidades que viveu com Nikkós.

Alexios balançou a cabeça.

— Isso acabou.

— Sim. — *Pappoús* me olhou. — Eu acompanhei parte de seus feitos de longe. Sua entrada na universidade tão novo, o jeito para engenharia e para os esportes... — Soluçou, e me sentei ao seu lado para lhe dar apoio. — Você realmente lembrava demais seu tio.

— Não. — Alexios não se comoveu. — Estou cansado de pessoas que acham que, porque seguiram minha vida de longe, eu necessito ter algum sentimento. Eu estive sozinho! Kyra e eu só contávamos com nós mesmos, então não venha agora...

— Eu não espero que me aceite como avô e que tenha carinho por mim. Reconheço meu erro, deveria ter conversado com você anos atrás, como fiz com Kyra. — A informação pega meu primo de surpresa, e ele demonstra isso em sua expressão facial. — Só quero que você saiba que sinto orgulho do homem que se tornou, Alexios. Mesmo vivendo com Nikólaos, sozinho, sem minha interferência, boa ou ruim, sinto muito orgulho de você.

Foi nesse momento que meu primo se colocou de pé e encerrou a conversa. Tenho certeza de que irá pensar no que ouviu e, mesmo não podendo perdoar *pappoús* por sua ausência todos esses anos, irá seguir em frente, sem que a rejeição doa tanto.

É o que eu espero!

Uma mensagem faz meu telefone vibrar no bolso da calça, e, quando o pego, sinto um alívio enorme, e o sentimento de gratidão me faz gargalhar.

“Acharam Linete, está sendo levada para a PF. Sâmi está em cólicas para falar com ela.”

Agradeço ao Edu pela notícia e entro no galpão. Porém, antes de subir para o *loft*, tenho uma ideia inusitada e muito sedutora. Mando uma mensagem para um contato e, quando entro em casa, grito para Mariana:

— Acha que Kyra pode ficar sem você uns dias?

Ela aparece no alto da escada do mezanino com a mão no peito, sinal de que a assustei.

Ogro!

— Do que você está falando? — pergunta rindo.

— Acho que precisamos de um tempo só para nós dois, e, se ficarmos aqui em São Paulo, isso não vai acontecer.

Ela fica vermelha, suga o lábio – movimento que adoro quando ela faz – e assente.

— Tem certeza de que podemos?

Sorrio malicioso.

— Devemos!

Mariana fica vermelha, mas não esconde o quanto gostou da ideia.

— Acho que posso negociar com minha chefe.

Perfeito!

68

Feels like
You're mine
Feels right
So fine
I'm yours
You're mine
Like paradise[113]

As mãos de Millos em meus ombros me guiam enquanto ando com cuidado, sentindo o relevo do caminho. Embora não veja nada, sinto um cheiro gostoso de relva. O clima está mais frio que o de São Paulo, e há uma certa umidade no ar.

— Sabe que, se eu fosse claustrofóbica, teria morrido, não é? — falo com ele ao passo que continuamos nossa marcha. — Primeiro você me assusta ao dizer que iríamos voar de helicóptero, e, para completar, me venda. Onde nós estamos indo?

Sinto-o se aproximar mais de mim, seu corpo quente aquecendo o meu, a barba macia fazendo cócegas no meu pescoço.

— Não confia em mim?

Rio da pergunta idiota e aponto – ou acho que aponto – para a venda.

— Cegamente.

Millos gargalha e beija minha nuca.

— Já estamos chegando. Infelizmente, não tinha uma área de pouso aqui em cima. — Andamos mais alguns passos, e ele finalmente me detém. — Pronta?

Assinto ansiosa, e Millos tira a venda. Pisco algumas vezes e, quando vejo o pequeno chalé, no alto de uma montanha, olho-o curiosa.

— Que lugar é esse?

— De um amigo meu. — Ele ri. — Meu primo Kostas comprou um chalé aqui perto há uns anos.

— Foi onde ele se casou, eu vi o projeto. — Olho em volta, admirando a beleza existente da pequena construção de madeira, isolada de tudo.

— Isso — Millos concorda. — O dele é um pouco mais ao sul, e esse aqui está à venda. — Olho para ele desconfiada. — Resolvi testar antes de saber se me acostumo a ficar tão isolado do mundo.

Sorrio e levanto a sobrancelha, porque sei muito bem que ele adora ficar cercado pela natureza. Vi como estava em Carrancas, como se comportou nas cachoeiras e, pelo seu estilo de vida, acho que ter um local assim seria ótimo para descansar a mente depois de trabalhar arduamente como ele faz.

— E como vai testar? — Aproximo-me dele.

— Com você. — Afasta meus cabelos dos ombros e brinca com sua língua na ponta da minha orelha. — Se você gostar daqui, compraremos.

Abraço-o.

— Ainda não sei... — Gemo quando ele morde meu pescoço. — O que o lugar oferece para entretenimento?

Ele ronrona, esfregando a barba em mim.

— Sala com lareira, cozinha montada para fazer seus bolinhos de chuva, um quarto pequeno e uma suíte desproporcional ao tamanho do chalé, mas que vale a pena por ficar bem na beira da encosta. — Gargalho e nego. — Achou pouco?

— Normal... Para eu ficar isolada aqui, sem telefone, sem internet, sem TV, preciso de algo para me dedicar além da cozinha.

— Hum... Acho melhor entrarmos, então.

Abraço seu pescoço, e ele me beija profundamente, a carícia carregada de promessas deliciosas e um tanto perversas.

— Está melhorando...

Ele ri e bate na minha bunda para entrarmos na cabana.

Quando ele disse que iríamos sair de São Paulo, eu logo quis saber para onde iríamos, mas, como daquela vez que me levou para São Miguel dos Milagres, não quis dizer.

— Apenas leve duas trocas de roupas de inverno. Usaremos minha mochila.

Arrumei minhas roupas na mochila dele, que já estava com suas próprias, e, antes de fechá-la, notando que havia um espacinho, coloquei umas “coisinhas” a mais.

Ainda bem que não pegamos um avião!, penso divertida em como seria passar pelo raio-x de embarque com aquela mochila.

O chalé é tão charmoso por dentro quanto é por fora, feito de toras grossas na horizontal, com janelas de persiana de madeira e vidro por dentro, o piso feito de tábuas corridas escuras, a lareira de pedra na parede de fundo da sala.

— Está mobiliado! — digo, admirada com os móveis rústicos, a maioria seguindo a linha de bordas orgânicas, sem acabamento, parecendo ter sido

feita a mão por um marceneiro experiente.

— Está. Daniel usou esse chalé uma vez antes do divórcio. — Ele ri. — Você não é supersticiosa, não é?

Gargalho e nego.

— Daniel é o irmão da Samara? — Ele assente. — Ele está na lista de desafetos de Kyra, junto ao Vincenzo. — Millos gargalha alto. — Por que você só escolhe amigos que sua prima detesta?

Ele dá de ombros.

— Difícil é saber de qual homem Kyra gosta, fora os da família, claro.

— Bernardo, Luti...

— Bernardo por causa de Helena, os dois não eram amigos antes. E Luti... posso dizer que ela já o *conheceu* bem.

— Millos!

Ele me arrasta para ver a cozinha, e suspiro encantada com os móveis e os eletrodomésticos, imaginando-me aqui, cozinhando com ele, em um dos finais de semana em que fugiríamos da selva de pedra.

É um espetáculo esse conceito de integrar a cozinha e a sala. O *loft* de Millos é assim, bem como o pequeno apartamento onde moro, mas, antes, eu nunca tinha entrado em uma casa que tivesse essa planta.

— É bom poder cozinhar e olhar as crianças na sala brincando — penso em voz alta e depois arregalo os olhos. — No geral, quero dizer. As pessoas que têm filhos devem gostar dessa comodidade...

Ele ri.

— Você não pensa em ter filhos um dia? — Millos pergunta como quem não quer nada, mas percebo uma ponta de ansiedade em sua voz. — Não agora, claro, daqui a alguns anos e...

— Eu adoro crianças, Millos, claro que quero ser mãe. — O alívio em seu semblante me faz sorrir. — Você também gostaria de ter filhos?

— Um dia, quando você achar que está na hora.

É impossível não o agarrar depois dessa resposta. Eu me sinto a mulher mais sortuda do mundo por Millos ter cruzado meu caminho. Acho que nunca teria encontrado alguém que me compreendesse tanto, que me entendesse e apoiasse.

Seguimos o tour pelo chalé, passamos pelo banheiro social, entramos no pequeno quarto, que, logo penso, será perfeito para crianças dormirem e, por fim, chegamos ao cômodo, nos fundos do chalé, que ele apelidou de *desproporcional*.

— Na época em que vi a planta, quando Daniel comprou a propriedade, comentei com ele que esse quarto era exagerado, mas então, quando vi as fotos... — Respira fundo e fecha os olhos.

O sol, com raios avermelhados de inverno, ainda brilha, seguindo seu curso para se pôr, banhando o quarto com uma luz perfeita daquela que todo fotógrafo amaria pôr em suas imagens.

As janelas panorâmicas dão à vista a ideia de ser um belo quadro pintado por um renomado artista. Como Millos já disse, toda essa parte da suíte foi construída na beirada da montanha, deixando o vale repleto de árvores ao fundo e outras montanhas ao longe.

— É lindo! — concordo admirada.

A enorme cama de madeira maciça é a peça central dentro do enorme ambiente, seguida de um roupeiro do mesmo material, uma pequena sala com duas poltronas e uma mesinha mais à frente e, claro, a banheira de hidromassagem beirando um dos cantos da janela panorâmica.

— Ali fica o banheiro. — Millos aponta para uma porta fechada. — Quer ir?

Nego, desabotoando meu casaco.

— Quero um banho quente.

Ele fica parado, apenas seus olhos se movendo, acompanhando cada movimento meu ao me livrar das peças de roupa. Paro quando fico de lingerie e me sento na cama para tirar as botas e a calça, embolada sobre elas.

Escuto o som de água e sorrio por ele ter ido encher a banheira.

— Até que aqui dentro não está tão...

Engulo as palavras assim que levanto o rosto e o vejo completamente nu, movendo-se como um felino silencioso enquanto a banheira enche. Meu corpo se conscientiza de cada ação que Millos faz, atento aos seus músculos, admirada com a beleza de suas tatuagens.

Eu já havia reparado que a maioria dos desenhos dele eram rosas, inclusive a caveira, conhecida como *king of pain*, ficava dentro de uma grande e vermelha. Achei que era uma questão estética, mas devia ter imaginado que não. As rosas eram uma lembrança da mãe dele, assim como a andorinha foi feita para se lembrar de mim.

Levanto-me da cama e, sem que ele preveja, abraço-o forte, desejando que sinta através desse carinho todo o amor que sinto.

— Eu também te amo! — cochicha, e eu sorrio. — E vou demonstrar isso em cada parte de seu corpo hoje.

— Cada parte? — Rio com malícia, mesmo sentindo meu rosto arder.

— Cada centímetro.

Millos me ergue em seus braços e me leva para a cama, coberta com uma colcha quente e macia, onde me deita, com os lábios colados nos meus, sua língua dentro da minha boca, e as mãos segurando firme em minha cintura.

Sinto seu peso sobre mim, sua pele aquecida pelo tesão, os músculos firmes estremecendo, enquanto abro as pernas para que se acomode entre elas.

Gemo ao sentir sua ereção tocar meu sexo e mexo os quadris para senti-la

melhor, perdida entre as sensações incríveis que ter meu corpo colado ao dele e sua boca na minha, me proporcionam.

Millos põe uma mão na base da minha coluna e me ergue um pouco, encaixando nossos corpos de forma perfeita. Sua respiração me faz ansiar por mais. O jeito que seus lábios brincam com os meus e sua língua explora minha boca me faz arder de vontade de senti-lo todo em mim.

Ondulamos juntos conforme ele abre o fecho do meu sutiã e desce esfregando a boca pelo meu pescoço.

— Toque-me... — imploro, então sinto suas mãos agarrarem meus seios.

— Você me deixa doido, Mariana — geme, as palavras abafadas pela minha pele.

Sorrio, contorcendo-me com o prazer que suas mãos me proporcionam. O toque dele em meus seios é delicioso, safado, dócil e bruto ao mesmo tempo. Deliro quando ele belisca meus mamilos de leve ou esfrega seus dedos sobre eles, deixando-os cada vez mais duros.

Porém, eu sei que nada se compara aos seus lábios, sua língua e seus dentes!

— Isso! — gemo alto quando ele parece ler meus pensamentos e chupa meu seio com força, intumescendo ainda mais o bico sensível, disparando pontadas de prazer que se espalham por todo o meu corpo. — Eu quero você, Millos. Preciso de você!

Minhas súplicas são ouvidas, quando sinto sua mão entrar na calcinha, descendo sobre minha pélvis, atiçando minha vontade ao contornar minha virilha, mas sem tocar no ponto em que o necessito.

Ele muda de seio, mordendo o mamilo esquerdo com pressão, fazendo-me arrepiar inteira à espera de seu toque íntimo.

— Ah, que delícia! — geme quando afunda o dedo em minha entrada. — Molhada como sempre.

Rio.

— Ela é safada! — brinco, rebolando em sua mão.

Millos me olha.

— Não, você é safada. *Minha* safada!

Gemo quando ele massageia meu clitóris com os dedos empapados pela minha excitação. A sensação é deliciosa, a lubrificação ajuda os movimentos, contribui para que eu sinta ainda mais prazer. Estremeço quando Millos agarra meu seio direito e volta a chupar o esquerdo ao passo que sua mão trabalha divinamente bem sobre meu ponto mais sensível.

O pouco do ar frio que eu ainda podia sentir, parece ter evaporado. Sinto-me em chamas, ardendo de desejo por esse homem, que parece conhecer meu corpo e minhas vontades tão bem. Um simples toque, um beijo casto ou apenas um abraço dele é combustível suficiente para que eu arda.

Seu olhar! Abro meus olhos assim que penso nisso e encontro os dele, observando-me enquanto me adora com mãos, lábios, língua e dentes.

— Amo você! — sussurro entre gemidos, e ele afunda outro dedo em mim, fazendo-me arquejar.

Volto a sentir sua boca sobre a minha, sua saliva abundante deixando o beijo molhado, saboroso. Cravo as unhas em suas costas e as desço no sentido de sua coluna, divertindo-me com o jeito que Millos se arrepia.

— Eu estava louco para ter você só para mim.

Ergue meus braços sobre a cabeça e prende minhas mãos com uma das suas. O sutiã que uso é sem alças e é facilmente descartado com um movimento dele, então sua língua molhada e quente passa a me lamber inteira.

Primeiro, ele a pincela sobre meu pescoço, desce em direção às axilas, fazendo-me rir com cócegas, até voltar a banhar meus mamilos. Estremeço quando segue o caminho do vale entre meus seios e chega perto do umbigo.

Millos larga minhas mãos para descer a calcinha enquanto enfia e tira a língua do pequeno buraquinho em minha barriga, levando-me à loucura com o movimento sugestivo.

Sinto sua respiração entre minhas pernas e, sem nem precisar me pedir, abro-as para acolhê-lo, acomodá-lo bem, enquanto me faz transcender de tesão.

Uivo quando sinto sua boca, não em um beijo ou um simples resvalar, mas inteira sobre meu sexo. Ele abre e fecha os lábios, sugando conforme faz o movimento. Dobro minhas pernas sobre ele, prendendo-o bem junto ao meu corpo, afogando-o em mim, tamanho o desespero que sinto para ter mais.

Millos enfia os dedos em mim e chupa meu clitóris, mamando-o como fez em meus mamilos, enviando centenas de fagulhas que se espalham em meu ventre com a sucção constante. Agarro a colcha sob mim, minhas pernas se contraem, e o ar parece me faltar.

A explosão do orgasmo é tão grande que saio do ar por um tempo, discernindo apenas sua boca em mim e meus gemidos altos ecoando pelo chalé.

Sento-me, impulsionada pela força do gozo, e Millos se levanta para me beijar, enfiando sua língua cheia do meu prazer em minha boca enquanto me segura pelos cabelos.

— Vamos para o banho! — ele determina e me ergue em seu colo, levando-me até a banheira, que já está cheia com água tépida.

— Que delícia! — Sorrio, relaxada, ainda curtindo a onda do orgasmo, quando ele me põe na água. — Vem! — chamo-o, mas nega, sorrindo malicioso ao caminhar até onde deixou sua mochila.

— Você acha que eu não vi? — pergunta-me, e fico vermelha no mesmo instante. — Tínhamos pouco espaço, e você abriu mão de trazer algumas outras coisas para que isto viesse. — Pega o pequeno plug e uma pomadinha. — Gosto quando você demonstra o quanto aprecia meus presentes.

Rio.

— Você disse que era para que eu os usasse sozinha, lembra?

— Claro, a ideia é essa. — Senta-se na borda da banheira. — São seus, assim como eu sou.

Passo as mãos sobre suas coxas fortes, molhando os pelos escuros que tanto amo, e sigo na perfeição que é seu pau. Arregalo os olhos de repente, notando algo que nunca tinha visto lá.

— É o...

— Piercing — completa. — Achou que só você pensou em surpreender?

Olho as pequenas esferas aparentes, tocando-as com reverência e cuidado.

— Não dói? — Millos nega, mas geme. — Posso chupar você com ele aí?

— Deve!

No mesmo instante da resposta, sou agarrada pelos cabelos e conduzida até bem perto dele. Encosto a boca, ainda fechada, na cabeça de seu pau, sentindo sua maciez e o calor que irradia dela. Olho-o nos olhos quando estico minha língua e toco levemente sua glande avermelhada, destacada pelo brilho do aço de seu piercing.

— Mariana...

Sorrio e continuo a lamber devagar, degustando o sabor levemente salgado que se desprende de seu interior.

— Chupa, não me tortura!

Afasto-me.

— Cadê o mestre do controle? — provoco-o.

Millos segura minha nuca com força.

— Deixou de existir desde a primeira vez que olhou para você. — Estremeço, pois sua voz cheia de tesão soa mais rouca, seus olhos verdes

ardendo de desejo. — Abre a boca e me engole.

Faço o que me pede e o meto na boca ao máximo, engolindo-o, chupando-o com vontade, adorando a textura das esferas do piercing em minha língua. Millos exige de mim, movimentando-se enquanto o tomo, segurando-me quando está bem próximo da minha garganta.

Adoro fazer isso. Nunca achei que iria gostar tanto antes de ter experimentado. Os sons que ele produz me mostram exatamente como prefere e o quanto gosta do meu boquete, e isso se traduz em mim em mais desejo, mais tesão e uma incrível sensação de dominação que me excita.

Millos está entregue ao prazer, a mim, sem nenhuma reserva ou barreira. Continua atento ao meu prazer, mas já não se trava mais com medo de me causar dor ou de se descontrolar, e isso é o que mais amo nele, sua confiança!

Sou erguida tão de repente que solto um grito quando ele simplesmente me põe sobre seu colo. Gemo ao rebolar sobre sua ereção pulsante, mas ele me detém, travando meus quadris para ajustar-se na minha entrada.

Desço devagar, sentindo cada centímetro de seu grosso pau me penetrando, alargando, exigindo tudo para si mesmo e, ao mesmo tempo, dando-se todo para meu prazer.

Consigo sentir o piercing em mim e não sei se é por isso, mas minha pele se eriça toda, os mamilos endurecem, e estremeço como nunca. Fecho os olhos, a cabeça voltada para cima, os cabelos ainda emaranhados na mão de Millos.

Ele devora meu pescoço, lambe, chupa, arranha com os dentes enquanto geme tanto quanto eu, mexendo seus quadris conforme me sento no seu pau com fúria, sendo guiada por sua mão cravada em minha bunda.

— Millos...! — grito à beira de mais um orgasmo, e ele prende meu lábio inferior com seus dentes, rosnando como um animal enfurecido. Agarro-me nele quando sou sacudida por espasmos de prazer, vencida mais uma vez pela onda de energia que me toma.

Ainda estremeço quando ele sai de mim. Sua mão explora o charco que se

formou entre minhas pernas, enquanto seus olhos permanecem vidrados em meu rosto.

— Quero chupar você — revela resfolegante.

— Você quer me matar.

Ele ri e me põe de pé dentro da banheira, perto da borda, levanta-se e se senta atrás de mim.

— Coloca um pé na borda. — Faço o que me pede. — Isso, agora se incline um pouco para frente.

Ouço barulho na água e olho para trás. Millos está de joelhos.

Abro a boca para perguntar o que irá fazer, quando segura meus quadris e mete a boca entre minhas nádegas. Arrepio-me de prazer ao sentir sua língua abrindo caminho, entrando apertada em meu ânus, fodendo e molhando tudo.

Percebo o que ele vai fazer, e isso me excita demais, pois há algum tempo nos divertimos com os brinquedos, mas nunca fomos além disso.

Percebo o momento exato em que o plug substitui sua língua. Sua mão procura meu clitóris, e me contorço de prazer.

— Vem aqui, Mariana, senão não vou aguentar.

Ele se senta na borda oposta e me puxa de costas para seu colo. O plug cai na água, e, em seu lugar, sinto uma macia e quente forma, que parece pulsar como meu próprio coração.

— Relaxa... — Volta a colocar a mão entre minhas coxas. — Vamos só começar, depois teremos tempo se quisermos mais.

Sento-me devagar, embalada pelas carícias, que já estão nublando minha mente. Prendo o fôlego quando ele consegue se encaixar. Sinto-o no meu interior, afundando, abrindo e...

— Mariana, apenas sinta minhas carícias. Não vou me mover mais.

Fecho os olhos e me deixo ser levada pelas incríveis sensações que estou tendo. O jeito que ele me toca parece estar ainda mais gostoso. Sinto-me mais sensível, mais receptiva, mais molhada. Involuntariamente rebolo, e Millos geme alto.

Só consigo sentir. Meu coração está tão acelerado, minha cabeça parece girar mais do que quando bebo, e percebo que a sensação é parecida. Estou inebriada, totalmente tomada, agitada por uma força tão nova que não consigo me controlar.

Gozo com seu pau todo dentro de mim, sentada em seu colo, minhas unhas cravadas em suas coxas e meu corpo todo sendo sacudido pela violenta paixão que acabo de experimentar.

Millos me ergue devagar, e eu, sem conseguir me sustentar de pé, sento-me na banheira, sendo recebida pela água morna e borbulhante.

— Mariana, olha para mim!

Abro os olhos, e Millos está de pé, sua mão agitando seu membro com força e velocidade, seus músculos pulando. Ajoelho-me diante dele quando explode em gozo, meio zonzo, parecendo ter sido acertado por algo tão potente que não consegue se firmar sobre suas pernas.

Fecho os olhos sorrindo, plena, relaxada, satisfeita e, quando ele me abraça, sinto que não há como ser mais feliz.

— Precisamos mesmo voltar? — Millos me pergunta, roçando a barba em minha nuca.

— Infelizmente sim, tenho consulta marcada para amanhã, e Kyra também deve estar precisando de mim no trabalho. — Suspiro, não querendo sair daqui também. — Já estamos no isolamento há três dias.

Millos concorda, e me aconchego mais a ele, a lareira crepitando,

enquanto estamos sentados no chão da sala sobre um grosso tapete depois de termos feito amor mais uma vez.

Sorrio ao pensar que perdi as contas de quantas vezes fizemos sexo nesses poucos dias que passamos aqui, isolados neste chalé delicioso.

Depois daquela vez na banheira, estreamos a cama com louvor de noite e de manhã. Depois, andamos no entorno do chalé, o cheiro delicioso dos pinheiros seguindo-nos por onde quer que fôssemos. Fizemos o almoço juntos, e ele me explicou por que tinha provisões à nossa espera.

— Falei com Daniel que viria, e ele pediu ao pessoal que toma conta daqui para vir antes, limpar tudo e abastecer a geladeira. — Piscou para mim. — Já te disse que penso em tudo.

— E eu já te disse que te amo por ser do jeito que é.

Experimentamos então a mesa grande, feita de uma lâmina de tronco, com as bordas ainda com o início das ramificações, e comprovamos que era feita *mesmo* de madeira maciça.

Os dias se seguiram basicamente assim, entre conversas, refeições, caminhadas e muito, muito amor. Fizemos trilha, ele me ensinou a jogar baralho – porque achou uma caixa de jogos no armário da cozinha – e dama.

— Você deveria ter trazido o violão — comentei. — Adoro te ver tocar.

— Querendo uma serenata à noite? — Falou no meu ouvido: — Sei tocar outras coisas...

Então deslizou a mão dentro da minha calça, e acabamos nus novamente.

Na verdade, acho que quase não usamos roupa, apesar do clima frio. A lareira aquecia bem o chalé, e, no quarto, sempre usávamos a banheira antes de irmos para a cama.

— Eu vou ficar mal acostumada com isso — confessei sonolenta enquanto estava deitada na água quente, e ele massageava meus pés. Fechei os olhos, mas os abri assim que senti que não eram mais suas mãos entre

minhas solas. — Sabia que vinha safadeza! — Sorri animada, masturbando-o com os pés. — Você é incansável!

— É uma reclamação?

Sorri.

— De maneira alguma!

Acho que nunca pensei que poderia ter alguém assim, com essa sintonia, que compartilhasse comigo todos os momentos, bons e ruins, e me fizesse arder de desejo com apenas um sorriso.

— Está suspirando tanto que fico me perguntando no que está pensando. — Millos interrompe minhas lembranças.

— Nesses dias, em nós, em como estou feliz.

Ele me abraça bem apertado.

— Eu também, Mariana. Nunca pensei que me sentiria desta maneira. — Cheira meus cabelos. — É você, sua companhia, seu amor.

Suspiro mais uma vez.

— Não quero ir embora! — confesso chorosa.

— Eu sei, também não, mas vamos voltar. — Olho-o sorrindo. — Gostei da experiência, acho que a compra vale a pena.

Concordo, animada por pensar em vir aqui mais e mais vezes.

— Eu estava pensando — Millos continua a falar. — Eu gostaria de ter você mais tempo comigo, mas entendo que queira ter seu próprio espaço e...

Sorrio.

— Podemos dividir. — Viro-me para olhá-lo. — Você podia deixar algumas coisas lá em casa.

— E você na minha. — Concordo, e ele sorri. — Não era bem o arranjo

que eu gostaria, mas acho que funciona.

— Claro que funciona! — Beijo-o. — Mesmo porque não quero morar junto!

Percebo quando ele para de respirar, mas depois disfarça e tenta sorrir.

— Por que não?

Meu coração dispara, pois sei que ele pode me achar boba, mas preciso ser honesta.

— Porque sempre sonhei em me casar. — Millos arregala os olhos, e rio. — É, pode achar estranho, mas eu sonhava. — Fecho os olhos. — Véu, grinalda, vestido branco e uma igrejinha.

— Igreja? — ele quase não consegue falar.

Dou de ombros.

— Sou religiosa, não percebeu? Eu gostaria de ter a bênção de Deus.

— Bênção de Deus... — Abro os olhos e encaro um Millos pálido, parecendo em choque. — Faz mesmo questão disso tudo? Não podemos só assinar umas folhas e pronto?

Respiro fundo e o abraço.

— Faço questão de você, seja como for.

Ele me beija, e percebo que é verdade o que eu disse. A menina Mariana sempre quis vestido de princesa, festa e bolo, mas a mulher que me tornei percebe que quer apenas uma coisa: o amor do homem que ama. Isso, eu sei que já tenho e que é bem mais do que poderia ter sonhado.

Mas foi engraçado fazê-lo suar frio ao imaginar um casamento religioso!

69

It's my life, it's now or never
I ain't gonna live forever
I just want to live while I'm alive.[114]
Três meses depois

Termino de escrever o memorando e olho para a tela do computador, revisando-o antes de mandá-lo para o diretor executivo interino da Karamanlis na Grécia e, claro, para Theodoros. Corrijo uma ou outra palavra – percebo que meu grego está ficando enferrujado – e respiro fundo.

É a decisão correta!, penso ao enviá-lo, sentindo um peso enorme sair das minhas costas. Levanto-me da cadeira e vou até o banheiro para lavar o rosto e aliviar um pouco a pressão que senti até o momento.

O homem no reflexo do espelho que me olha de volta não parece nem um pouco o mesmo executivo de meses atrás. Sorrio, ainda meio bobo, por estar usando minha argola, meus cabelos ao natural e, claro, por estar com as mangas arregaçadas dentro da minha sala.

Esses dias, saí assim para a sala do Theo, e Luiza arregalou os olhos ao ver meus desenhos nos braços. Foi no mínimo engraçado ver a surpresa nos olhos da assistente, que trabalha conosco há mais de 10 anos. Claro que ela

sabia que eu tinha as *tattoos*, mas acho que nunca me viu exibindo-as na empresa.

Mudei muito em apenas 90 dias e sei que esse feito se deve à liberdade que conquistei através do amor. Mariana chegou à minha vida e colocou todas as minhas amarras ao chão, lidou com todas as barreiras e os medos, e, embora eu ainda trabalhe alguns pequenos pontos em terapia, pela primeira vez em muitos anos me sinto ser apenas eu mesmo.

Nossa relação está cada vez melhor com o passar dos meses, e o arranjo que ela propôs no chalé da serra – que comprei de Daniel, diga-se de passagem – está funcionando para nós.

Ela continua a morar no apartamento em cima do bufê, e continuo no *loft*, porém, alguns dias da semana, vou para a casa dela, e em outros ela vem para a minha. Exige uma certa logística, é verdade. Levei duas malas para a sua casa e quase a matei de susto por isso. Não eram só roupas e sapatos, como também algumas cordas e brinquedos para usarmos lá.

Mariana também levou suas coisas para o *loft*, voltando a ocupar a mesma parte do closet que eu tinha destinado a elas uma vez e que ainda estava vazia.

Apesar do trabalho de saber para onde ir depois do expediente, nada se compara à delícia de poder dormir e acordar com ela. Nós compartilhamos tudo, desde o preparo de nossas refeições até a limpeza dos dois imóveis. Mariana reclama que sou desordenado no *loft*, mas organizado no apartamento dela, e percebo que ela tem razão.

A verdade é que nunca liguei muito para o meu lugar. Era um recanto para eu dormir e fazer minhas cervejas, com lugar e oficina para minhas motos em baixo. O *loft* nunca foi meu lar, ele se transformou em um quando Mariana chegou a São Paulo.

— Vocês estão parecendo adolescentes — Kostas comentou uma vez, enquanto almoçávamos. — Por que um não se muda para a casa do outro de uma vez?

Dei de ombros.

— Ela quer assim. — Kostas levantou a sobrancelha e fez aquele seu infernal bico debochado, e pude ler seus pensamentos, chamando-me de pau-mandado. — Como se você não fosse! — repliquei, e ele gargalhou.

— Mas é sério, Wilka e eu não vemos a hora de nos mudarmos para nossa casa. Eu tenho apressado o Alexios e a Samara de maneira vergonhosa. — Ri sem vergonha alguma. — Disse que, se minha Pimentinha nascer e eu não tiver uma casa para ela, vou cobri-lo de pancada.

Daquela vez, fui eu quem gargalhou.

— Até parece! Já sabe mesmo se o bebê é uma menina?

Ele nega.

— Não, mas vai haver uma festa surpresa de revelação aqui na empresa. O pessoal que trabalha com Wilka está organizando. — Ele olhou com sua cara mais convencida. — Mas eu já sei que é uma menina.

— Olhou o exame? — repreendi-o com a pergunta, mas ele negou.

— Eu apenas sei! Será uma garota, eu vou ensiná-la a ler, Wilka a ensinará a usar aquelas roupas que só ela usa, e você irá ficar responsável pela parte rebelde dela, quem sabe a ensinar a pilotar. — Deu de ombros e segurou o sorriso. — Padrinhos são para isso.

Acho que arregalei tanto os olhos que Kostas começou a rir e bater nas minhas costas como se eu estivesse engasgado. Eu bem que poderia ter ficado! Onde já se viu fazer um convite – se bem que, tratando-se de Kostas, não era um convite, era uma decisão – para apadrinhar uma criança assim, do nada!?

— Eu não sei se... — comecei a argumentar, porque sentia meu coração disparado ao pensar na responsabilidade.

— Não tem que saber nada, já está decidido, e Wilka concorda. — Kostas sorriu. — Theo, Alexios e Kyra já são tios dela. Eu sei que você também é

parente, mas queremos que seja como um segundo pai. Sinceramente, não vejo pessoa melhor para proteger minha Pimentinha.

Sorri, emocionado e agradecido pela consideração, e concordei em fazer esse papel. Eu andava com a ideia fixa de ser pai, pensando em como seria maravilhoso passar pela experiência de criar uma vida com Mariana, mas tentando ir devagar, sem falar nada que pudesse pressioná-la, porque tínhamos tempo. Então, ter a oportunidade de apadrinhar a pequena Olívia – sim, porque Kostas, aquele convencido, acertou o sexo, e Wilka e ele escolheram o nome – me trouxe uma alegria tão grande que eu também parecia um pai babão, segundo Wilka.

— Você também não, por favor! — ela reclamava quando, na empresa, eu ficava falando para ela descansar ou tirar uns dias de folga em casa. — Eu estou bem e cheia de energia! Por que você não fica em cima de Samara ou de Duda?

— Porque é minha afilhada aí dentro. — Apontei para a barriga dela e a vi sair bufando de raiva, marchando com aquelas botas que ainda insistia em usar, mesmo com a pequena barriga já denunciando seu estado.

— Coitada da Mariana... — ouvi-a resmungar antes de sumir do meu campo de visão.

Eu ri. Passou a ser mais um divertimento a só preocupação pegar no pé de Wilka. Mariana me repreendia, mas ria quando eu lhe contava à noite, na cama, sobre nossas discussões.

— Essa vai ser a criança mais paparicada da face da Terra. — Beijou minha cabeça. — Eu fico imaginando os padrinhos dos bebês de Theo e Alexios, se eles estão infernizando a vida de Duda e Samara como você faz com Kika.

— Ninguém é igual a mim! — disse, provocando-a. — Eu vou ser o *dindo* que vai ensiná-la a ser rebelde.

Ela gargalhou e disse que nunca deveria ter me contado que as crianças chamavam seus padrinhos de dindo.

Os momentos não poderiam estar mais especiais, tanto na empresa quanto na nossa vida em família.

Depois de *tudo o que aconteceu* com a morte de Nikkós, a descoberta de seu envolvimento com o crime organizado, a exposição de Laura como espiã dentro da Karamanlis, as coisas pareciam estar voltando aos eixos.

O irmão de Mariana, José Carlos, conseguiu seu acordo de delação, mas continuará preso por algum tempo – até mesmo por segurança –, isolado na carceragem da Polícia Federal do Rio de Janeiro, local onde se concentraram todos os elementos da investigação, já que o processo contra a organização havia sido instaurado pelo juiz Benício Maldonado.

Vivi uns momentos tensos por causa da minha amizade com o magistrado, e, apesar de eu querer muito conversar com ele e saber mais detalhes, Sâmi me pediu que eu me mantivesse afastado, temendo que alguém pudesse alegar a suspeição dele para julgar o irmão de Mariana.

O fato é que, embora a polícia tenha chegado a pessoas muito importantes de dentro da organização, ainda não conseguiram chegar até todos os envolvidos, por isso o cuidado com as informações que tinham coletado até então.

Entendi a posição da minha amiga e aceitei seu conselho, um pouco mais aliviado ao saber que, com as prisões, Benício estava um pouco mais aliviado em relação a sua segurança.

— O ideal seria termos pegado Nikkós vivo — Sâmi comentou durante nossa conversa. — Ele poderia nos fornecer os nomes dos outros grandões da organização. — Ela bufou, puta. — Aquela desgraçada da Linete é mais fechada que uma ostra! Não tiramos nada dela, nem com a proposta de acordo de delação.

— A vantagem é que, dessa vez, ela ficará um bom tempo atrás das grades — eu disse, pensando principalmente em Wilka.

— Ela conta com isso! — Sâmi me surpreendeu. — No último interrogatório, disse que prefere estar presa a cair nas mãos de seus colegas.

Senti um frio na coluna, um verdadeiro medo pelo irmão de Mariana. Contei meus temores à Sâmi, porém ela me garantiu que todos estavam em segurança.

— Sobre a espiã da Karamanlis. — Ela mudou de assunto. — Kostas já a processou?

Respirei fundo e assenti, lembrando-me da conturbada saída de Laura da empresa, demitida por justa causa, processada civil e criminalmente. A moça, que eu nunca tinha visto antes, fez um pequeno escândalo na K-Eng, atrás de Alexios, exigindo que ele a ajudasse, pois tiveram um caso.

Foi completamente desconfortável a situação toda, principalmente para meu primo, mas ele a acalmou, conversou com ela e conseguiu que a moça deixasse a empresa sem mais alardes.

— O que você lhe disse?

— Que ia tentar conversar com Kostas sobre o processo indenizatório. — Deu de ombros. — A garota não tem nada, vendeu as informações porque estava puta comigo.

— Sabe que Konstantinos não vai aceitar fazer nenhuma concessão, não é? Ela pode até ter feito o que fez por vingança, mas depois tentou fazer de novo, foi pega em flagrante.

Ele suspirou e concordou.

— Eu sei, mas sair daqui acompanhada de força policial seria muito pior para Laura. Prometi conversar com Kostas e o farei; não prometi resolver as coisas. — Deu de ombros. — Não está em minhas mãos.

Bati em suas costas, consolando-o, porque notei que estava chateado com tudo aquilo e lhe garanti que não era sua culpa. A mulher recebeu uma grande quantia da Dedalus para entregar as informações sobre a área no Rio de Janeiro, bem como um gordo adiantamento para outra remessa de dados que iria lhe passar.

Seco meu rosto, voltando a me concentrar no presente, e respiro fundo,

desejando ir logo para casa e conversar com Mariana. Hoje de manhã, ela percebeu que eu estava uma pilha com a decisão que precisava tomar e, depois de uma deliciosa e relaxante trepada matutina, aconselhou-me a ouvir meu coração.

— Você não tem que fazer nada do que não queira. Não adianta atender às expectativas de sua família e se sentir infeliz. — Colocou a mão no meu peito. — Ouça seu coração, Millos. Eu sei que gosta de racionalizar tudo, ir pela lógica, mas nem sempre esse é um bom caminho. Nesse caso, seu coração deve falar mais alto.

Beijei sua testa, sentindo o sabor salgado de seu suor pós-orgasmo.

— Meu coração é você. — Apertei-a. — Obrigado por suas palavras, me ajudaram a clarear alguns pontos.

Ela me beijou cheia de carinho, de um jeito que pareceu me fazer voar.

— Eu apoiarei qualquer decisão sua, mas quero te ver feliz acima de qualquer coisa.

E foi pensando nessa nossa conversa que cheguei à conclusão de que não quero assumir o cargo de CEO da Karamanlis na Grécia, não quero ser o *charmain* da empresa e, com o risco de desgostar meu avô, quero permanecer onde estou, trabalhando ao lado de Theodoros, junto às pessoas que amo.

É isso que me faz feliz! Estar aqui, com meus primos, ver minha família crescendo, acompanhar minha afilhada e ter meus próprios filhos neste país. É o que meu coração pede e o que escrevi no memorando, declinando a indicação feita ao Conselho Geral e oferecendo meu apoio a Cirillo Papadopoulos, o CEO interino que está no lugar de meu pai desde que se afastou.

Sorrio amargamente ao pensar que o velho Vasilis irá ficar louco por eu ter decidido ficar aqui no Brasil com Theo. *Sombra*!, já posso ouvi-lo me acusando. Penso em quanto tempo vai levar até que a notícia chegue a ele, na mansão do Morumbi onde está residindo enquanto acompanha a reforma do lugar.

Meu celular toca, e arregalo os olhos, pensando que invoquei o demônio mentalmente, mas depois rio ao ver um número desconhecido.

— Pronto.

— Millos Karamanlis? — A voz inconfundível de Madeline Bürki faz com que eu me arrepie da cabeça aos pés.

— Achei que tivesse saído do país — comento ao olhar o número local. — O que você quer, Madeline?

— Te deixar respostas. — Sua voz é fria. — Acho que chegou a hora de você saber da verdade, por isso deve chegar para você um envelope com uma pasta. Reuni essas informações sem querer, enquanto buscava provas contra seu tio. — Ela suspira. — Estou indo embora, embarco daqui a alguns minutos e deixo a decisão sobre o que fazer em suas mãos.

Sinto o suor escorrer pelas minhas costas, mesmo com o ar refrigerado da sala.

— Está indo de vez? E Alexios? — atrevo-me a perguntar, ainda engasgado com a história de ela ser sua mãe biológica.

— Alexios está bem, está feliz, constituindo família. Isso era tudo o que eu desejava para ele. Não caibo em sua vida, e, tenha certeza, é melhor assim. — Pela primeira vez, concordo com ela. — Não me julgue mal, eu amo aquele garoto, mas sei reconhecer quando somente o amor não basta.

Rio.

— Você não ama ninguém, nem mesmo o homem que te serviu todos esses anos! Você usa as pessoas, Madeline, assim como te usaram.

— Você não sabe de nada, Millos, embora ache que saiba de tudo. — Sua voz titubeia. — Ele me disse que a criança estava morta, e eu senti que morri junto. — Minhas pernas tremem ao ouvir a emoção na sua voz. — Eu queria aquele bebê, mesmo sendo filho de um monstro como Nikkós. O parto foi difícil, Alexios era muito grande para mim, e, quando acordei da cesariana, me avisaram que o bebê havia morrido. Fiquei meses presa dentro de um

quarto, chorando, desejando morrer, e então me enviaram para Istambul. Vivi o inferno durante anos, mas isso me fortaleceu. Aprendi a lidar com as mentiras, a mentir e consegui sair de lá. Mudei de nome, mudei de vida, mas o buraco ainda existia, a morte do meu bebê e, depois, a descoberta de que eles me impossibilitaram de ter outro filho. — Sento-me na cadeira, impactado com suas revelações. — Só descobri que Alexios estava vivo quando ele já era um adolescente. Vi uma foto de Nikkós em uma revista, comprei-a, querendo saber sobre o desgraçado que me matou e encontrei fotos de seus filhos.

— Então você mandou Chicão — concluí.

— Sim, mandei. Eu não podia ir, estava disposta a expor todos que faziam parte daquele jogo sujo de prostituição. Fui enviada sabendo o que me aguardava, mas as outras meninas chegavam lá enganadas. Você não tem dimensão do que é aquilo, e sei que Nikkós era só mais um braço, não era o cabeça. — Alguém fala algo em alemão perto dela. — Mas isso não é mais assunto para os Karamanlis, Nikkós já teve seu fim. Agora eu vou atrás dos outros.

Ouço o sinal de que a ligação foi interrompida no exato momento em que alguém bate à minha porta.

— Doutor? — Luiza aparece, e peço que entre, focado no envelope em suas mãos. — Entregaram na recepção, está com aviso de urgência, e seu nome especificado para abertura.

— Sim, eu já o aguardava. — Pego o pacote. — Obrigado.

Luiza sai da sala, e fico um tempo olhando para a pasta, sem saber se devo abri-la ou destruí-la como está. Lembro-me do mito de Pandora e sua caixa, que libertou todos os males no mundo, e estremeço ao concluir que, seja o que for que Madeline me mandou, irá revelar males.

Abro o envelope e desmorono com o que tem dentro dele.

70

Piece by piece I fell far from the tree
I will never leave her like you left me
And she will never have to wonder her worth
Because unlike you I'm going to put her first.[115]

Não sei como saí da Karamanlis, nem mesmo como entrei no carro e cheguei aqui. Fiz tudo no automático, a cabeça acelerada, cada letra do que li, cada documento martelando meu cérebro e me deixando zonzo.

Desço do carro munido com a maldita pasta de Madeline e aperto o interfone da mansão no Morumbi, ouvindo o inconfundível barulho de obra.

— Pois não? — uma voz estranha me atende.

— Sou Millos Karamanlis e vim falar com Vasilis.

— Um momento, que eu vou verificar se o doutor está em casa.

Espero uns momentos no portão até que ele é aberto e entro, deixando o carro parado na entrada, sem me preocupar em estacioná-lo.

Um homem vestido com uniforme de mordomo me atende.

— Boa tarde. O doutor Vasilis está no escritório. Queira me acompanhar. — Faz sinal para que eu o siga.

— Meu avô está aqui?

O homem nega.

— Não, o doutor Geórgios está na casa do neto. Veio aqui apenas de manhã. — Abre a porta do escritório depois de seguirmos pelo enorme corredor. — Deseja algo?

Nego e lhe agradeço, entrando no escritório, mas sem ver Vasilis em lugar algum.

— Tem certeza de que... — começo a falar. O mordomo sai, e escuto o barulho de uma porta se abrindo.

— Preciso mandar consertar essa coisa. — A voz inconfundível de Vasilis Karamanlis ressoa. — A que devo a honra de sua visita depois de três meses sem nem perguntar como estou?

Respiro fundo, segurando a pasta com força e me viro para olhá-lo. O homem à minha frente não se parece em nada com o que há em minhas lembranças. Vasilis Karamanlis sempre foi tão alto quanto seu irmão Nikkós, embora fosse mais magro e com os cabelos castanhos e não pretos como os de meu tio.

Os olhos azuis sempre me pareceram frios, talvez por conta da tonalidade, extremamente translúcida, como as águas de uma geleira, mas agora só parecem sem vida. Ele está grisalho, com enormes entradas, a pele seca, enrugada e acinzentada, e tão magro que é possível ver os ossos de sua face.

Vasilis está morrendo!, penso ao olhá-lo.

Sei que, desde que veio para cá, não tem feito nenhum tratamento e, quando questionei Theodoros sobre isso, ele me informou que os médicos disseram que todo tratamento seria paliativo, pois estava em estágio terminal.

Um enfermeiro tem cuidado dele, e há um médico o acompanhando, mas

tudo dentro desta casa. Um arrepio me faz tremer.

— Nikkós Karamanlis era meu pai? — pergunto de uma só vez e o vejo dar um passo para trás.

Ele se recompõe e se senta na poltrona perto da escrivaninha.

— Que pergunta mais idiota é essa?

Abro a pasta de Madeline com mãos trêmulas e coloco sobre a escrivaninha uma cópia de DNA feita há alguns anos. Vasilis fecha os olhos, como se olhar para a folha fosse demais para ele.

— Não. — Ergue a cabeça e me encara. — Ele não era seu pai.

Concordo, intrigado com tudo aquilo que vi nos documentos que recebi há pouco, sem entender boa parte daquela confusão e tentando não acreditar nas conclusões a que cheguei.

— Então como você explica isso? — Minha voz soa bem mais calma do que eu realmente me sinto.

Vasilis fica sério.

— Ela mandou para você, não foi? Aquela puta desgraçada fez questão de que você soubesse de tudo!

Ele olha a pasta e tampa o rosto com as mãos.

— Por quê? Aqui dentro têm umas cartas e os exames. — Tiro o outro e lhe mostro. — Qual é o verdadeiro?

— Esse. — Aponta para o que seguro. — Eu sou seu pai. — Seu tom amargurado não me passa despercebido. — Mas eu só soube há pouco tempo.

Arregalo os olhos, ainda sem entender como aquela história toda se formou, mas fazendo a ligação certa sobre uma coisa que questionei por toda minha vida.

— Era por isso que você a torturava? — Quase não consigo falar, e

Vasilis arregala os olhos. — Eu vi uma vez, quando ainda era pequeno, como você entretinha seus convidados na nossa casa.

O homem parece murchar diante do que digo. Seus ombros caem, e ele estremece.

— Eu não tinha ideia de que...

— Faria diferença? — Ando de um lado para o outro, agitado, querendo explodir, mas controlo a minha raiva. — Por muito tempo eu achei que ela aceitava, mesmo com seus olhos desesperados me assombrando todas as noites. Depois, quando ela se matou, percebi que o fez para se libertar de você.

— Por favor, não...

— Eu quero saber a verdade! — Bato na mesa, o corpo tremendo. — Olhe para mim e me diga por que fez das nossas vidas um inferno durante tantos anos!

— Eu não... posso! — Soluça. — Eu não posso encarar o que fiz!

Pego a primeira carta.

— Minha mãe foi noiva de Nikkós — digo. Vasilis desaba. — Aqui na carta ela fala com ele que precisa de um tempo para aceitar, que o arranjo entre as famílias a pegou de surpresa e que o via como amigo.

Ele concorda e estende a mão para pegar a carta. Vasilis passa a mão sobre a letra de minha mãe como se fizesse um carinho e soluça antes de dizer:

— Crescemos juntos. Aquiles Panagiotopoulos e meu pai eram parceiros de negócios, duas famílias ricas e tradicionais de Atenas. — Ele não para de admirar a carta, parecendo viajar no tempo. — Allegra era perfeita como um botão de rosa. Era divertida, carinhosa, extremamente protetora, engajada em obras sociais. — Respira fundo. — Era uma educadora, ensinava voluntariamente crianças a ler e escrever. Viajou para a África, passou meses por lá cuidando de crianças e mulheres.

— A esposa perfeita para um Karamanlis — concluo, e ele assente.

— Éramos da mesma idade, brincávamos juntos quando viajávamos de férias, mas Nikkós nunca nos deu atenção. Ele era o mais velho, o primogênito, sabia que Allegra seria dele querendo ou não. — Sorri de repente. — Quando o noivado foi anunciado, eu fiz questão de cumprimentá-la, mesmo sentindo um aperto no peito. Ela não estava feliz, mas achei que era somente medo do casamento, afinal, era muito jovem e sabia que, quando se casasse, sua vida iria mudar.

— Então Nikkós engravidou a mãe de Theodoros e foi obrigado a se casar.

Vasilis respira fundo, coloca a carta sobre a escrivaninha e concorda.

— Foi um escândalo! Meu pai quase morreu, principalmente por conta do compromisso com os Panagiotopoulos.

— Então você substituiu Nikkós?

Vasilis se levanta, vai até o aparador de bebidas e se serve. Ele não deveria beber, principalmente por conta do tratamento, mas parece não se importar.

— Não. Eu amava Allegra, sempre a amei, desde garoto. — Olha-me para que eu veja que diz a verdade. — E ela me amava também. — Fecho os olhos, sentindo-me ainda mais confuso. — Seu avô a princípio não gostou da ideia, mas acho que viu que realmente nos gostávamos e concordou. Aquiles foi mais resistente, mas não conseguiu ficar contra por muito tempo. Eu me casei com ela, com a mulher que eu amava, e achei que tinha encontrado a felicidade.

Penso em Mariana, em como me sinto com ela, e sinto como se garras frias congelassem meu coração ao pensar que meu pai e minha mãe já foram como nós dois. Já se amaram como nos amamos.

— O que aconteceu?

Ele bebe o uísque de uma só vez.

— Ela engravidou. Eu fiquei exultante, principalmente porque havia sofrido um acidente de equitação anos atrás e achava que seria difícil, porque perdi um dos testículos. — Ele se aproxima de mim. — A notícia de que você viria me deixou muito feliz. Eu a mimei, a amei ainda mais e...

— O que aconteceu? — volto a fazer a pergunta, sentindo dor ao ouvi-lo falar sobre meu nascimento. A mim já não importa saber se ele me queria ou se me amava, só preciso entender o que houve para que nossas vidas fossem daquele jeito.

Vasilis fica sério.

— Sua mãe me traiu com Nikkós. — Arregalo os olhos e o encaro sem poder acreditar no que diz. — Você tinha uns seis meses de nascido quando ele apareceu para uma visita. Allegra ficou estranha, não queria que ele chegasse perto dela. Não entendi o que estava acontecendo, porque, mesmo que ela não tivesse se casado com ele, sempre fomos amigos. — Vasilis soluça novamente e me olha implorando: — Não me faça continuar!

— Eu preciso saber. — Minha resposta é seca, mesmo que eu me sinta desmoronar a cada palavra.

— Antes de ir embora, Nikkós me parabenizou cheio de deboche e ressaltou que seria um milagre se você fosse meu. Não gostei do jeito dele e o enfrentei, e o desgraçado bateu nas minhas costas e me mandou relaxar, porque, mesmo sendo bastardo, você continuava sendo um Karamanlis.

Xingo, puto e soco a mesa.

— Você acreditou nele?! — grito. — Amava sua mulher, e ela te amava! Por que acreditou nele?!

— Porque Allegra não negou quando perguntei! — responde gritando também. — Eu perguntei se a criança era minha, e ela me respondeu com outra pergunta, querendo saber por que eu estava questionando seu nascimento! Então perguntei se você era filho do meu irmão, e ela não respondeu! — Vasilis se senta no chão, soluçando feito criança. Dou um passo em sua direção, temendo que esteja passando mal, mas ele nega ajuda,

balançando sua mão enluvada na minha direção. — Ela não sabia, Millos. — Sua voz falha. — Eu vi nos olhos dela que não sabia quem era seu pai. Acusei-a de ter me traído, mas ela alegou que Nikkós... — geme de dor — a forçou.

— Filho da puta, desgraçado! — Choro, sabendo que minha mãe disse a verdade, que o monstro que era meu tio a violentou e a deixou com a dúvida da paternidade do filho que concebeu.

— Eu não acreditei nela. Por mais que eu soubesse que meu irmão não valia nada, não acreditei que ele faria algo assim. Além disso, não entendia por que ela não me contou na época. Se ela realmente foi forçada, por que não me disse?

Pego a outra carta na pasta, entendendo agora tudo o que houve, o que as palavras de minha mãe queriam dizer, e a entrego a Vasilis.

— Você estava viajando quando aconteceu isso? — Vasilis assente, lendo a carta. — Quando você voltou, ela já estava grávida.

— Ela devia ter confiado em mim... — ele murmura quando termina a leitura.

— Isso não isenta o que você fez a ela. — Sou duro com minhas palavras. — Não justifica nem desculpa.

Vasilis fica sério.

— Acha que não sei disso? — Levanta-se e alisa a calça social como se conseguisse tirar os amassados da peça com a mão. — Eu vou para o inferno com essa culpa.

Engulo em seco e tiro o último item da pasta de Madeline. Vasilis vê o saco plástico em cima da escrivaninha e ri amargo.

— Eu sabia, desde o momento em que você entrou aqui e me perguntou sobre sua paternidade, que já tinha conhecimento.

Engulo em seco, decidido a não derramar sequer uma lágrima a mais por

ele.

— Eu não tinha, embora tivesse a desconfiança. — Respiro fundo e tomo um tempo para me acalmar antes de perguntar: — Há quanto tempo sabe de tudo?

— Não muito. — Pega o primeiro exame de DNA que mostrei, no qual consta que sou filho de Nikkós. — Ele mandou fazer o exame em você e fez questão de esfregar na minha cara. Você era adolescente, estava todo problemático. Ele ainda ressaltou que vocês se pareciam na rebeldia.

— Eu não me pareço com ele! — rosno puto.

— Eu sei, você é todo igual à sua mãe. — Vasilis pega o saco plástico e olha seu conteúdo. — Só descobri a verdade meses atrás, quando essas mesmas coisas que chegaram até você vieram até mim.

Madeline! O nome causa um gosto amargo em minha boca e faz meu estômago ferver. A mulher sabia bem o que fazia e usou todas as suas armas para conseguir o que queria.

— Quando você realmente chegou ao Brasil? — inquiro finalmente.

Ele ri.

— A resposta é meio óbvia, não acha? — Tira a luva ensanguentada de dentro do saco plástico. — Eu não tinha a intenção de matá-lo, queria apenas... — Suspira. — Eu queria dividir a culpa que estava sentindo. Se não fosse por ele, eu teria sido feliz ao lado de Allegra. — Olha-me, e vejo a raiva em seu semblante. — Eu teria sido seu pai.

— O que você fez à minha mãe é culpa única e exclusivamente sua. Ele pode ter plantado a discórdia, mas você a cultivou, a fez crescer, até que a fez se matar.

Vasilis grita de dor.

— Eu sei! Eu percebi isso no momento em que vi aquele desgraçado! Entrei na casa com uma facilidade absurda e descobri que a tinha acessado

pelo portão errado. — Assinto, porque, nas investigações, ficou provado que, embora tenham passado de carro pelo portão principal, Romero e Linete entraram pelo auxiliar, na rua lateral. — Estava destrancado. Segui pelo jardim e ouvi vozes. Quando cheguei perto da piscina, vi que Nikkós estava com mais duas pessoas. Ele estava puto, gritava, gesticulava. Eu não tinha ideia de estava havendo um jantar lá em cima, apenas sabia onde ele estava morando.

— Ele estava com os dois bandidos que trabalhavam para ele.

— Sim. O homem estava encolhido, sentado no balcão, brincando com o picador de gelo, enquanto Nikkós brigava com a mulher. Eles foram embora. Eu pensei em voltar, percebendo que meu irmão nunca iria sentir o peso do que nos fez, mas, quando me dei conta, já estava frente a frente com ele.

— Linete alegou no depoimento que ele estava vivo quando saíram. — Rio, percebendo que a velha cafetina não mentia, mas que sua palavra já não valia de nada. — Então você simplesmente o matou.

— Não. Não fui para isso. Eu o confrontei, disse tudo o que ele fez com minha vida, e ele apenas riu, arrogante como sempre, e se virou para se servir de mais bebida. Tomou seu uísque como se nada o abalasse e disse que fez o que fez somente para reafirmar sua posição, afinal, Allegra era para ter sido esposa dele, a mulher que nosso pai escolheu e que o ajudaria a se tornar o seu favorito. — Balança a cabeça. — Nikkós era louco e acabou me enlouquecendo! A raiva tomou conta de mim, e, quando percebi, ele estava no chão, sufocando com o próprio sangue. Tentava falar, mas não conseguia, o sangue saía ainda mais. — Volta a se sentar, trêmulo e pálido. — Fiquei em choque, paralisado com o picador na mão.

— Então fugiu.

Vasilis nega.

— Eu não conseguia me mover. — Fecha os olhos, sua face contorcida de desespero. — Madeline entrou e me puxou para fora da cozinha. Eu não entendia bem o que dizia, mas, quando saí no portão lateral, havia um homem à minha espera dentro de um carro.

— Chicão.

— Não, o nome dele não era esse, era Evandro. — Encara-me novamente. — Eles me colocaram em um escritório abandonado, e fiquei lá até que tudo se acalmasse. Achei que a qualquer momento a polícia fosse me buscar e, quando soube de tudo o que havia sido descoberto e que nem imaginavam que eu havia estado lá...

— Apareceu como se tivesse acabado de chegar.

Ele assente.

— O que você vai fazer, Millos?

— Nada — respondo com sinceridade. — Nikkós era seu irmão. Não vou fazer *pappoús* lidar com um fratricídio, não depois de tudo o que ele já passou. — Pego todo o conteúdo da pasta, coloco-o dentro de uma lixeira de inox, jogo uísque por cima e ateio fogo. — Não há punição humana que se sobreponha a toda a culpa que você sente pelo que fez à minha mãe. — Fecho os olhos, deixando de lado toda a dor que sinto. — Você está morrendo, Vasilis. Seu acerto de contas está mais próximo do que qualquer outra condenação. — Olho-o. — Eu não posso perdoar você, então rogue a Deus, caso exista, para que o perdoe.

Assisto em silêncio à pasta se reduzindo a cinzas e saio da casa sem olhar para trás, encerrando de vez todos os assuntos pendentes do meu passado, pronto para trilhar um caminho diferente e ver minha família fazendo o mesmo.

Mais do que nunca, a decisão de não aceitar o cargo na Grécia me parece acertada. Quero permanecer ao lado das pessoas que amo, quebrar essa maldita competição que os filhos de *pappoús* estabeleceram e ser o apoio de Theodoros em tudo o que precisar.

Entro no carro assim que uma mensagem de Mariana aparece no visor. Meu peito, tão pesado depois de todas as revelações, alivia-se, e sinto esperança de que, daqui para frente, eu possa amar e ser amado e ser feliz ao lado dela.

“Já encerrei o dia, estou indo para casa. Amo você!”

Respondo-lhe antes de dar a partida no carro, disposto a realizar todos os seus sonhos e garantir que nunca tenha dúvidas do meu amor e de minha confiança.

EPÍLOGO

Well, I found a man
Stronger than anyone I know
He shares my dreams
I hope that someday we'll share our home.[116]

Um mês depois

Estico-me na cadeira, alongando os músculos do meu pescoço e dos braços, e consulto as horas desanimada, sabendo que terei que enfrentar o trânsito da cidade com Helena para irmos até o ateliê da amiga de Kyra, Gabrielle, fazer a última prova do vestido de noiva de uma cliente.

Suspiro, pensando na beleza que está ficando a peça produzida com delicada renda chantili e seda pura. Eu nunca perderia esses momentos, mesmo que entenda que nem toda noiva tenha tempo para os detalhes que antecedem o casamento.

Vi Karina uma só vez durante as quatro semanas corridas que estamos tendo para seu enlace. Lembro-me bem de quando Kyra entrou aqui no escritório e me comunicou que uma amiga sua iria se casar e que teríamos um

grande desafio de programar o evento em apenas um mês.

Fiquei louca, principalmente porque eu mesma estava planejando meu casamento.

Ah, espera, deixa eu contar a história direito! Esqueci de dizer que estou noiva, não é? Suspiro e olho para o lindo anel no meu dedo.

Eu estava em casa, no apartamento em que moro aqui em cima, e mandei uma mensagem boba para Millos, perguntando se comeríamos no apartamento ou se sairíamos, e ele me mandou uma mensagem sem responder, mas que me fez sorrir como boba.

"Já encerrei o dia, estou indo para casa. Amo você!"

Adoro o jeito que ele diz que me ama, e Millos faz muito isso. Sei que também não economizo nas declarações – sou romântica, fazer o quê? –, e é uma delícia saber que ele me corresponde até nisso.

Millos chegou ao meu apartamento ainda vestido com o terno da Karamanlis e só então revelou que iríamos jantar fora. Tomamos um banho juntos no boxe apertado e nos trocamos para ir até o Villazza SP.

Adoro comer no Vincenzo's, e, desde que ele superou os ciúmes que sentia do chef de cozinha, temos ido muito lá. Mesmo com as reservas esgotadas, Millos sempre consegue uma mesa, vantagem da amizade entre eles, mas acabei sendo surpreendida quando não subimos para o terraço, e sim entramos na presidencial do hotel.

— O que nós vamos...

Minha pergunta morreu ao ver a maravilhosa suíte decorada com flores e com uma mesa posta para duas pessoas.

— Vincenzo fez a comida especialmente para nós dois hoje. — Levou-me até meu lugar e abriu um champanhe. — Eu queria um lugar reservado.

Ri nervosa, sem saber o que, de fato, estava acontecendo.

— Conseguiu. — Olhei em volta, admirando a suíte, que dava uns três apartamentos meus dentro, no mínimo. — Há quanto tempo planeja isso?

Millos riu.

— Falei com Frank faz duas horas e, logo depois, com Vincenzo.

Aquilo me deixou ainda mais desconfiada.

— Por quê?

Ele sorriu.

— Você não facilita para mim, não é? — Neguei, coração disparado. — Bom, eu não queria propor em um local público.

Minha boca secou, e tomei quase a taça inteira da bebida borbulhante.

— Propor o quê?

Foi então que vi Millos fincar um joelho no chão, fazer sinal para os garçons que entraram na suíte saírem e respirar fundo.

— Eu tinha pensado em fazer isso depois do jantar, mas não quero te deixar ansiosa. — Pega uma caixinha. — Eu estava esperando o momento certo para te entregar isso e implorar *de joelhos* para que seja minha esposa.

Gargalhei.

— O momento certo chegou?

Ele assentiu.

— Chegou. Não quero perder tempo em te fazer minha. Não há sentido nisso, a não ser que você precise de mais tempo para...

— Só preciso de você.

Ele soltou o ar, aliviado.

— Eu nunca vou duvidar do seu amor, da sua honestidade e peço que faça o mesmo por mim. — Concordei já com olhos marejados. — Eu espero que, quando tiver dúvidas, possamos conversar, e que, se algo nos perturbar, consigamos encontrar um jeito de arrumar. Eu entendo que nem sempre vamos estar felizes, mas espero que você nunca se esqueça do quanto te amo. Espero que consigamos resolver nossos problemas, sempre visando o bem-estar um do outro, e que eu nunca vá dormir magoado contigo e você comigo, que a gente sempre possa conversar. — Pegou minha mão, e eu já estava soluçando. — Espero que confiemos tanto um no outro a ponto de um mal-entendido não passar disso, e que essa confiança e esse amor sejam necessários para enfrentarmos juntos qualquer tribulação.

— Eu tenho certeza de que serão.

Millos sorriu, fungou bonitinho, tentando controlar a voz embargada e abriu a caixinha.

— Mariana Valadares, hoje eu estou aqui de joelhos, suplicando que me aceite permanentemente em sua vida e que, daqui a algumas semanas, você possa carregar não só meu anel e sobrenome, mas meu coração junto ao seu. — Olhou-me ansioso. — Você aceita se casar comigo?

Limpei as lágrimas e tentei não pensar em como eu devia estar toda borrada, uma vez que Millos parecia nem se tocar disso. Respirei fundo e estendi minha mão direita.

— Amo você. Ter seu coração junto ao meu é um privilégio. — Solucei, sorri e assenti: — Aceito se você aceitar cuidar do meu para sempre.

— Aceito!

Millos então colocou o anel no meu dedo. Esquecemos o jantar – óbvio – e fomos comer alguma coisa do serviço de quarto já de madrugada.

Não fiz questão de um casamento pomposo, como o havia provocado certa vez no chalé. Seriam apenas nós dois e dois padrinhos no cartório diante do juiz de paz. Tudo o que eu queria – e ainda quero – era estar com ele, ser a sua esposa pelo resto de nossas vidas.

No dia do aniversário dele, quando completou 40 anos, anunciamos aos nossos amigos e família sobre o casamento e que, logo depois de assinarmos os papéis, iríamos viajar e só retornaríamos ao Brasil no ano seguinte.

— Mari? — Helena me chama, e me estico mais uma vez na cadeira em minha estação de trabalho. — Vamos?

— Vamos! — Pego a chave do carro. — Eu dirijo!

Ela ri, pois, desde que tirei a carta de motorista, não vou no banco do carona mais. Preciso de prática, e isso só se aprende, segundo meu noivo, dirigindo.

— E a moto? — Helena me pergunta assim que saímos do bufê.

Suspiro.

— Ainda com medo, mas aprendendo devagar. — Rio. — Ainda bem que não segui o conselho do Millos e tirei as duas licenças juntas, porque, senão, não tinha pegado a de carro até hoje.

— Eu morro de medo — Helena confessa. — Mas gosto de andar na garupa.

— Eu também, mas estou começando a apreciar pilotar. Millos é muito paciente, porque, a essa altura, até eu já tinha desistido de mim mesma.

Ela ri e pega o portfólio da festa que estamos organizando.

— Estou tão animada para esse dia chegar! Acho que, tirando o casamento de Kostas e Kika, nunca fiz um enlace tão rápido.

— Desse porte, certamente nunca mais iremos fazer! — comento.

— Ah, é um casamento pequeno, para 100 convidados, mas sim, tem muitos detalhes, ainda mais que serão em locais separados a cerimônia e a festa.

— Adorei a ideia de um luau — confesso. — Ainda que ache que isso não combina bem com São Paulo.

— Ah, só porque não temos praia na cidade? — Helena balança a cabeça. — Espero que a Karina consiga vir hoje.

Olho-a assustada.

— Ela tem que vir! É a prova final do vestido, e ela não fez as outras.

— Pois é, mas, pelo que ela me falou, estava difícil sair do trabalho para vir aqui.

— Meu Deus! Tomara que ela consiga ir pelo menos à cerimônia de casamento!

Helena ri, e estaciono o carro no prédio onde funciona o ateliê de Gabrielle Dupont, a linda amiga que ajudou Kyra a escolher minhas roupas assim que cheguei a São Paulo.

— Nada da Karina? — pergunto a Helena pouco antes de entrarmos no ateliê.

— Ainda não. — Ela sorri e cumprimenta a Gabi.

— Mariana, que prazer revê-la! — cumprimenta-me. — A noiva vem hoje?

Helena olha no celular.

— Não, acabou de desmarcar. — Faz uma careta. — Mari, você terá que fazer a prova de novo.

Bufo, porque, desde que começamos com os croquis, a noiva só aprovou tudo o que mandamos, e isso me assusta um pouco.

Vou com Gabi até o provador e coloco o vestido mais uma vez, deslumbrada pela delicadeza da peça e todos os acessórios.

— Véu ou sem véu?

A assistente dela pergunta, e rio nervosa, pois não faço ideia do que a noiva iria preferir.

— Só vamos saber provando! — Gabrielle chama outra moça, e ela arruma meu cabelo rapidamente em um coque e coloca o véu. — Ah, meu Deus, *magnifique!*

Olho-me no espelho e concordo, sentindo meus olhos marejarem de emoção por estar vestida de noiva.

— Parece um sonho! — Suspiro. — Ela vai amar.

— Tenho certeza de que sim, será a noiva mais linda que eu já vi.

Concordo e me recomponho, tentando não sentir uma pontinha de inveja da noiva workaholic.

— Está pronta? — Millos me pergunta, e paro de olhar para a aliança em meu dedo.

— Estou. — Levanto-me da cadeira onde estou sentada, animada para começar nossa viagem. — Vamos de jatinho?

— Sim. Nessa primeira etapa, não vamos muito longe. — Beija minha testa. — Está pronta para começar nossa aventura, senhora Karamanlis?

Gargalho pela forma como ele me chama, achando incrível que já estejamos casados.

Hoje de manhã foi meu último dia de trabalho no bufê antes de minha lua de mel. Passei lá rapidinho, apenas para conferir se estava tudo certo para o casamento da minha noiva *fantasma* no sábado, e Kyra quase me expulsou, dizendo que eu já deveria estar indo para o cartório.

Fomos juntas, já que ela seria minha madrinha, e, quando cheguei lá, encontrei meu noivo nervoso, andando dentro do pequeno espaço da sala onde iríamos assinar os papéis.

— Ah, até que enfim! — Abraçou-me com carinho e me olhou cheio de

amor. — Você está linda!

Agradeci com um beijo, pois, embora não estivesse de noiva, escolhi um conjuntinho branco, com saia lápis e blusa de seda e prendi os cabelos em um coque baixo.

Millos estava de terno, e Sâmi – acho que nunca a tinha visto com outra cor que não preto – estava com um vestido verde, da cor de seus olhos. Kyra também usava um vestido, na cor azul, e tinha uma linda trança nos cabelos.

O enlace não demorou muito, apenas uns 15 minutos para declararmos nossa vontade de estar ali e assinarmos os papéis. Nossas duas testemunhas também assinaram o termo, e pronto, estávamos casados!

Depois disso saímos quase correndo, porque tínhamos um horário apertado para embarcar. As malas, que arrumamos ontem, já estavam no carro de Millos, e me despedi das duas amigas que fiz e que presenciaram esse meu momento especial.

— Você vai ser ainda mais feliz, Mari! — Kyra disse com um sorriso enorme.

— Felicidades e boa sorte! — Sâmi declarou com os olhos rasos d'água. — Eu sei, não combina, mas choro em casamentos.

Deixo as lembranças incríveis de lado quando entro no jatinho e afivelo o cinto de segurança, ainda tensa por voar. Já me acostumei com o helicóptero, pois, sempre que podemos, voamos até nosso chalé, mas em avião é minha segunda vez.

— Pronta? — Millos pega minha mão.

— Sim! — Estico a boca, apertando os dentes, e ele ri. — Tentei falar com Kátia e as crianças enquanto esperávamos, mas não consegui.

— Depois que chegarmos ao hotel, você tenta de novo.

Assinto.

— Acho que vou dormir. — Olho meu relógio e pego uma pílula que

Kyra me deu para eu me acalmar no voo. — Quanto tempo de viagem?

— Não muito, mas dá tempo para um cochilo. — Ele se aproxima de mim e sussurra: — Ontem à noite você não dormiu nada!

Rio.

— Culpa de quem? — Ele faz cara de inocente. — Já tinha te visto animado, mas ontem você me surpreendeu!

— Despedida de solteiro. — Dá de ombros. — Estava dando adeus à vida de fornicação.

Gargalho, e ele começa a rir também.

— Então, agora que somos casados, podemos diminuir o ritmo, é isso? — provoco-o, e ele arregala os olhos.

— Não, pelo contrário, agora temos autorização legal e divina para fornicar.

— Divina, não sei, mas legal, com certeza!

Ele me mostra a língua, numa brincadeira só nossa, e lhe mando um beijinho, fechando os olhos para relaxar.

— Ei, dorminhoca, chegamos!

Abro os olhos para descobrir que estou deitada na cama de um hotel.

— Uau! Aquele negócio que Kyra me deu me derrubou.

Millos ri.

— Eu vou matar a Kyra! — Beija minha testa. — Acorda, que não temos muito tempo, tá bom?

Bocejo e me estico na cama.

— Muito tempo para quê? — Bocejo de novo. — Pensei que estávamos de férias.

— Estamos! — confirma, pegando uma mala de mão. — Mas temos um compromisso antes.

Sento-me na cama.

— Aonde você vai? — Esfrego os olhos, ainda admirada por ter dormido tanto.

— Para outro quarto. — Sorri. — Vou te dar privacidade.

Enrugo a testa, sem entender.

— Privacidade para quê? Ficou doido, Millos?

Ele se aproxima de mim, esfrega o nariz no meu, fazendo-me ronronar, e me beija suavemente.

— Você tem uma hora para se tornar a noiva mais linda do mundo. — Arregalo os olhos, totalmente desperta. — Uma hora!

Ele abre a porta do quarto, e vejo Kyra entrar com Helena, Gabrielle e dois rapazes que logo transformam o quarto em um salão, abrindo suas enormes maletas.

— O que está...

— Oi, noiva fantasma! — Kyra ri e me puxa da cama. — Nunca pensei que conseguiríamos enganar você do jeito que conseguimos. — Começa a desabotoar minha blusa. — Vai para o banho enquanto ajudo a Gabi com o vestido.

A estilista pendura o cabide no armário e abre a capa, então entendo o que está acontecendo.

— Eu planejei meu próprio casamento! — Olho assustada para Helena,

que assente. — Por isso a noiva nunca aparecia, e eu tinha que ficar escolhendo por ela!

— Exato! — Kyra ri. — Vai logo e lava os cabelos, porque não temos muito tempo.

Acho que nunca tomei um banho tão rápido na minha vida, excitada, com o coração disparado e emocionada ao mesmo tempo. *Que safado!*, penso sobre Millos ter armado aquilo tudo para realizar meu sonho de entrar em uma igreja vestida de noiva.

Saio do banho e já sou sentada em uma cadeira para que um dos rapazes seque meus cabelos, enquanto o outro começa a preparar minha pele.

— Ainda bem que eu fiz as unhas! — falo, olhando para Kyra.

— Eu sabia que faria, bem como todas as outras coisas, afinal, você se casou no civil de manhã. — Entrega-me uma taça de champanhe. — Eu sou um gênio.

— Você é malvada, isso sim!

Fico olhando pelo espelho conforme Gabrielle desamarrota o vestido com um vaporizador, e Kyra e Helena cuidam do lindo buquê de noivas que eu mesma escolhi.

Quem diria! Sorrio feito criança em época de Natal.

O penteado que escolho é simples, porque é o que o vestido requer. Embora de seda e renda chantili, ele não é armado, estilo princesa, mas sim estilo sereia, ressaltando cada curva do meu corpo.

Suspiro ao me olhar pronta e então, passada toda a surpresa, decido questionar:

— Afinal de contas, onde vou me casar?

Kyra abre as portas duplas que dão acesso à sacada, e vejo um mar inesquecível sendo iluminado por uma lua cheia espetacular.

— São Miguel dos Milagres!

Nada poderia competir com esta realidade, e me sinto a mulher mais feliz do mundo, percebendo que irei me casar na pequena igrejinha que visitei com Millos meses atrás e que se tornou cenário de todos os sonhos em que ele e eu uníamos nossas vidas.

Eu nunca contei a ele, mas Millos sabia!

BÔNUS

I found a love for me
Darling, just dive right in and follow my lead
Well, I found a girl, beautiful and sweet
Oh, I never knew you were the someone waiting for me.[117]

Um ano depois.

A risada de Olívia contagia qualquer lugar em que ela esteja, e acabo me virando para olhar onde ela está, no acolchoado estendido no gramado do jardim, brincando com as outras crianças sob o olhar atento de Tessa.

Petrus, o filho de Theo e Duda, ensaia seus passinhos ao redor, mas, a cada vez que se desiquilibra, agarra-se às pernas da irmã mais velha, arrancando mais risadas de Olívia, que, como seu pai, já mostra ser a mais debochada de todas as crianças.

Davi e Tiago, os gêmeos de Alexios e Samara, brincam juntos com blocos de montar, balbuciando palavras ininteligíveis, vestidos apenas de fralda, aproveitando o sol da manhã.

É, a família cresceu mesmo, e *pappoús* parece o mais empolgado com a algazarra das crianças, pois escuto suas gargalhadas se misturarem às deles a todo momento. O velho homem está sentado numa poltrona, com sua bengala ao seu lado e um boné do Corinthians na cabeça, coisa de Kostas, com certeza.

— Tudo bem aí? — Mariana aparece ao meu lado, e tiro os olhos da cena deliciosa, que me emociona sempre.

Olho para minha esposa, tão linda com sua face corada, os olhos brilhando em tons incríveis de azul, e seus cabelos, um pouco mais longos agora do que quando a conheci, soltos e esvoaçando pelas suas costas.

Assinto em concordância à sua pergunta, e ela volta a falar, resfolegando um pouco:

— O fotógrafo chega em meia hora. — Apresso-me para acender a churrasqueira. — Você acha que vai estar apresentável até lá?

Rio, olhando minhas mãos sujas de carvão.

— Podemos inovar nas fotos, o que acha? — Esfrego os dedos na cara, formando duas linhas de carvão abaixo dos olhos. — Duvido que haverá um ensaio como esse!

Ela ri, divertida.

— Nosso ensaio já não será comum, Millos. — Beija-me, e coloco a mão sobre sua enorme barriga, quando o bebê se mexe. — Parece que sabe quando você está perto.

Concordo, emocionado por sentir a pequena vida que fizemos juntos reagir ao meu toque.

— Ela reconhece minha voz — respondo antes de me ajoelhar e beijar o volumoso ventre. — Ei, pequena, papai também está louco para te conhecer.

Mariana ri.

— Quero ver se for um *pequeno*.

Respiro fundo, cansado já de discutir esse assunto com ela. Eu *sei* que vem uma menina, senti isso desde quando pegamos o teste positivo do exame de gravidez.

Depois do nosso casamento surpresa, orquestrado por ela mesma sem saber, decidimos viajar por um tempo. Mariana ainda não tinha saído do país – mesmo porque nunca nem tinha saído de Minas Gerais antes de vir para São Paulo –, e eu queria mostrar o mundo para ela.

Fiquei muito emocionado com o casamento religioso que ela tanto sonhava, realizado em uma pequena capela em São Miguel dos Milagres, tendo nossos amigos e parentes por testemunha. Mariana estava uma noiva linda e, quando viu que Kátia e os meninos estavam na igreja, chorou feito criança antes mesmo de chegar ao altar, levada por *pappoús*.

A festa foi incrível, na areia da praia, em um luau diferente e muito animado. As esposas dos meus primos, todas barrigudas, divertiram-se com os maridos quando a pista de dança sobre a areia da praia foi aberta, após nossa valsa.

Tudo correu conforme mandava o *figurino*, casamento na igreja, vestido de noiva, festa com valsa, champanhe e bolo de cinco andares. Fiz tudo por ela e para ela, só não esperava gostar tanto quanto gostei. Foi importante para nós dois ter a família reunida, ter a bênção do Deus em que ela tanto crê.

Viajamos para a Europa, direto para a Grécia, e pude desfrutar minha lua de mel num dos iates de *pappoús*, viajando pelas ilhas gregas. Eu não navegava havia muito tempo, e relembrar como era bom estar no mar, assistindo à alegria da minha esposa, foi perfeito.

Levei-a para conhecer a casa do *pappoús*, onde fui criado a maior parte de minha vida, em Atenas, e – não sei por que – até a casa dos meus pais. Fui recebido pela mesma governanta que tínhamos desde que nasci, e ela me deixou mostrar o jardim de rosas da minha mãe, que, apesar dos anos, continuava bem cuidado e vivo.

— Como você se sente? — Mariana perguntou abraçada a mim.

Respirei fundo o aroma tão familiar e sorri.

— Como se ela ainda estivesse aqui, viva, entre suas flores favoritas.

— Ela está. — Minha esposa se aconchegou mais em mim e tocou meu peito. — Aqui, para sempre.

— Ela morreu achando que eu era...

— Não, Millos — Mariana me interrompeu. — Não pense nisso, não foque nisso, lembre-se apenas dos momentos bons que tiveram juntos.

Assenti, sorrindo, aliviado por ter contado a ela sobre o que descobri acerca do casamento dos meus pais e dos motivos que o levaram a agir daquela forma monstruosa com minha mãe.

— Ele enlouqueceu de ciúmes e desconfiança — falei, olhando as rosas. — E se esqueceu da mulher que sempre o amou.

Mariana não respondeu, apenas ficou parada, admirando os roseirais, enquanto o sol se punha ao longe, derramando a noite sobre o jardim.

Depois da Grécia, fomos para Paris, onde passamos o Natal. Mariana sempre estava atenta a tudo, como se tivesse sede de conhecer o máximo que pudesse de cada lugar que visitávamos.

— Um dia, numa próxima viagem, vamos à África. Você vai enlouquecer no Egito, há muitas histórias e lugares históricos.

Passamos o Réveillon em Londres, assistindo aos fogos de artifício sobre o Tâmisa, acima da London Eye, onde Mariana tremeu e se agarrou em mim por causa da altura.

— Nunca andou de roda-gigante? — indaguei divertido.

Ela negou, olhos fechados, com medo de olhar para baixo.

— Temos que cuidar desse seu medo de altura — voltei a falar.

— Vou discutir quando voltar para a terapia — disse rindo, mas sem abrir

os olhos.

Passamos o início de janeiro no interior da Inglaterra, num frio tão grande que quase não saímos da cama – o que não lamentei nem um pouco –, e, quando estávamos chegando a Madri, recebi a notícia do falecimento de Vasilis.

— Vamos voltar — Mariana decidiu. — Eu sei que vocês não se davam, mas *pappoús* precisará de seu apoio.

Concordei com ela, e interrompemos a lua de mel para voltarmos a São Paulo. Assim como Nikkós, meu pai foi cremado, e meu tio Stavros levou suas cinzas de volta para Atenas.

— Você não vai mesmo assumir a empresa? — ele me perguntou antes de voltar ao nosso país.

— Não, minha decisão foi tomada, e confio no Papadopoulos à frente da Karamanlis.

Ele assentiu e se despediu de mim antes de embarcar.

Mariana e eu decidimos deixar as férias para outro momento e voltamos ao trabalho. Ela estava estudando com afinco, ainda que não tivesse escolhido uma graduação. Matriculou-se em um curso de idiomas para aprender inglês, treinava grego comigo, o que era muito divertido, e ia às aulas com a tia doida da Helena.

Um dia, depois de horas exaustivas de trabalho na Karamanlis, cheguei a casa e a encontrei chorando. Aquilo me assustou de tal forma que pensei logo em coisas ruins.

— O que houve? — inquiri, apertando-a levemente para saber se estava machucada.

— Os exames que fiz... — soluçou — não mostraram melhora.

Meu coração se comoveu por ela, porque sabia que tinha esperança de que, tomando anticoncepcional, pudesse estacionar os focos de endometriose

que achou quando fez suas primeiras consultas com a doutora Tânia.

Mariana sempre sentiu muita dor quando menstruava, mas achava que era normal ter cólicas. Somente quando foi se consultar com a ginecologista, com o único propósito de evitar uma gravidez, é que descobriu que as cólicas tinham motivo.

Tânia lhe deu opções para retardar o avanço, mas deixou claro que não havia cura e que, se os focos não parassem de aumentar, ela teria que fazer uma cirurgia para limpar o útero, senão correria o risco de ficar estéril.

— O que você quer fazer?

Ela sorriu sem jeito.

— Eu não sei se você vai querer, porque sempre diz que isso é coisa para daqui uns anos, para o futuro e...

Retive a respiração por um momento.

— Ter um filho? — Ela assentiu, sem coragem de me olhar. Peguei em seu rosto e levantei sua cabeça, rindo como um imbecil. — Você quer isso agora?

— Eu amo crianças...

— Eu sei, mas você é tão jovem, fez 20 anos há pouco, e eu pensei que gostaria de aproveitar mais a vida antes de dar esse passo.

— Não podemos aproveitar junto a um bebê?

Sorri e dei de ombros.

— Não sei, acho que sim.

— Você acha melhor eu tentar outros tratamentos e...

— Mariana, você quer ser mãe agora?

Ela me olhou de um jeito que, mesmo antes de falar, eu já sabia sua resposta.

— Quero.

Está bem, vou contar aqui o que eu fiz primeiro e depois como me senti. Prestem atenção!

Eu a abracei, beijei e garanti que também gostaria de termos um filho. Isso foi o que eu fiz! Por dentro estava virando cambalhotas e soltando fogos, já imaginando meninas loiras e, quem sabe, uma ruivinha como minha mãe correndo pela casa – que eu teria que mudar, porque o galpão era um lugar perigoso – e gritando *papai* por todos os lados.

Fomos juntos à médica e comunicamos nossa decisão. Mariana parou com o anticoncepcional poucos dias antes de Olívia nascer.

Ah, minha Pimentinha!

Ter aquela pequena bonequinha nos meus braços acendeu em mim ainda mais a vontade de ter um filho. Kostas entregou-a a mim assim que nasceu, quando a apresentou à família. Fiquei babando na perfeição de seu pequeno nariz, nas mãozinhas fechadas e nos cílios delicados batendo em suas bochechas enquanto dormia quietinha e confortável.

Entreguei meu coração àquele pequeno pacotinho e prometi que iria lhe dar priminhas para brincar.

Quando fomos à consulta com a doutora Tânia, Mariana e eu sabíamos que seria difícil ela engravidar logo no primeiro mês sem o uso do medicamento. Estávamos cientes de que, talvez, teríamos que fazer um tratamento auxiliar. O que não esperávamos, é claro, foi o resultado positivo quando a menstruação dela atrasou.

Ainda consigo lembrar a cara de espanto que fiz quando Mariana saiu do banheiro com o teste na mão e lágrimas nos olhos.

— Tem certeza? — Peguei o objeto de sua mão. — Não é melhor fazermos o de sangue?

— Eu vou fazer, mas já não tenho dúvidas. — Riu. — Nós vamos ser

pais!

Peguei-a no colo e a ergui, rodando-a no ar.

Explodi de felicidade, ansioso por já conhecer esse bebê, ansiando, mês a mês que se passava, saber se teríamos um menino ou uma menina.

— Você se importa se eu não quiser saber o sexo?

— O quê? — Olhei para ela como se estivesse louca no dia em que fomos fazer a ultrassonografia morfológica. — Por que não?

Ela sorriu.

— Queria que fosse surpresa e que escolhêssemos seu nome apenas quando conhecermos seu rostinho.

Concordei, claro. Concordaria com qualquer coisa que ela quisesse, mas não foi fácil. Eu dormia e sonhava com menininhas e acordava com medo de que toda essa expectativa influenciasse depois do nascimento. Se fosse um menino, eu sei que o amaria igual, mas todos os meus sonhos revelavam minha verdadeira vontade.

Os meninos de Alexios haviam nascido e eram lindos também, mas eu me desmanchava todo com Olívia nos braços. E, de acordo com que minha afilhada ia crescendo, eu ia ficando mais e mais apaixonado por ela.

— Vou te dar uma priminha de presente, Lili. — Eu a chamava assim bem baixinho, porque seus pais não queriam que ela tivesse apelido. — Pode contar que, em sua próxima festa, terá uma bonequinha viva para brincar.

— Ei! — Mariana me sacode com sua barriga e me faz perceber que estou há alguns minutos já ajoelhado aos seus pés, com minha orelha colada em seu ventre. — O fogo pegou. Vai se arrumar!

Assinto, confirmo que o fogo pegou debaixo do carvão da churrasqueira, beijo-a e ando rapidamente para nossa casa.

— *Di, Di!* — Olívia engatinha atrás de mim, e rio por ela ter aprendido a me chamar logo após ter aprendido *mamã e papá*.

— Lili, o dindo está correndo. — Abaixo-me e bagunço seus cabelos escuros, lisinhos, presos no alto da cabeça. — Daqui a pouco volto para te pegar, viu?

— Olívia! — Kika pega a filha no colo. — Deixa o tio Millos se trocar, e vamos fazer o mesmo para tirar foto! — Ela faz bagunça com a filha, que gargalha, e aproveito para entrar em casa.

É bom ter um lar!, penso ao subir as escadas para meu quarto. Comprei esta casa quando Mariana estava com dois meses de gravidez e fiquei muito feliz por ter conseguido na vizinhança, dentro do mesmo condomínio, onde moram Kostas e Kika.

A mudança foi cansativa, porque descobri que eu tinha *muita* coisa inútil guardada no *loft*. Levei muito tempo decidindo o que levaria, onde colocaria na casa nova e o que fazer caso deixasse algo para trás. Levei, claro, todo meu material de cervejaria amadora para colocar em um cantinho no porão da casa, – um espaço que apelidei de *o refúgio do guerreiro* por ser totalmente masculino –, mas me livrei *finalmente* de todas as pastas com informações que juntei ao longo dos anos.

— É a melhor escolha — Sâmi me incentivou, enquanto eu colocava fogo dentro de um grande tonel de metal. — Agora, cada um segue seu curso, sem nenhuma interferência ou empurrão.

Ri e concordei.

— Mariana concorda com a decisão de queimar tudo. — Olhei para a minha esposa, ao meu lado. — Ela não quis ver as pastas, nem mesmo a que montei sobre ela.

— Só salvei minha calcinha — confessou para a Sâmi, e as duas riram. — Eu sei que Millos montou esses *dossiês* com a melhor das intenções, mas mantê-los é como deixar lenha para atiçar uma fogueira mais tarde.

— Entendeu por que me apaixonei por essa mulher? — perguntei à Sâmi, e ela concordou.

E foi assim, juntos, que assistimos a todas as pastas arderem no fogo, reduzidas a cinzas como se nunca tivessem existido.

Depois de superada a questão das minhas *bugigangas* – como Mariana apelidou minhas coisas –, passei um tempo, depois da mudança, com obra na casa. O imóvel é grande, espaçoso, tem um jardim maravilhoso e uma garagem enorme, mas que teve que ser expandida, porque, além do meu carro e do de Mariana, eu trouxe todas as minhas meninas – minhas motos – para cá e precisava de uma oficina.

Pappoús nunca mais voltou para a mansão do Morumbi, que, assim que acabou a reforma, vendemos. Ele se reveza entre minha casa e o apartamento de Duda e Theo, e nós amamos tê-lo conosco.

O velho tem ficado cada vez mais ranzinza, é verdade, mas as crianças o fazem ficar tão mole quanto gelatina. Tessa é sua professora de português e sua parceira de aventuras, e os pequenos são aqueles que o fazem gargalhar e se sentir criança de novo.

O relacionamento dele com Alexios melhorou, embora ainda não seja tão afetuoso. Samara o adora, e os meninos fazem a alegria do *pappoús*, que os confunde sempre e nunca sabe quem é Davi e quem é Tiago, matando a todos de rir.

Tomo um banho rápido, coloco a roupa escolhida para começar o ensaio fotográfico, uma camisa social branca, com calça e suspensórios, e pego a outra troca – mais feliz com ela –, com *black* jeans e camiseta preta.

Chego ao jardim e encontro Mariana linda, em um vestido vaporoso, transparente e aberto logo abaixo do peito, até o chão. Fico excitado ao vê-la desse jeito, como uma ninfa grávida, cheia de flores em seus cabelos.

— Uau, você está linda, *agapi mou!*

Beijo-a, e ela sorri, encantada com o jeito que falo dela em grego: “meu amor”.

— Você também está — diz e desabotoa os punhos da minha camisa, enrolando as mangas de modo às tatuagens aparecerem. — Agora está ainda

mais!

Beijo-a cheio de tesão, sem me importar com os assobios e os gritos dos meus primos, que assistem ao meu descontrole.

Todo meu controle está nas mãos dela!

— Vamos iniciar a contagem regressiva! — Theo grita, com a taça de champanhe na mão.

Olho para todos os lados do jardim enfeitado para o Réveillon, com tochas acesas pelo gramado, lanternas iluminadas com velas penduras nas árvores e, claro, para a alegria das crianças, muitos balões flutuando em cachos.

— Alguém viu a Mariana? — pergunto, sem encontrar minha esposa entre meus familiares.

— Ela tinha ido tomar banho, estava com muito calor — Kyra é quem responde. — Mas isso já faz um tempinho.

Fico pálido, assustado por tê-la perdido de vista enquanto arrumava os fogos para estourarem à meia-noite, e saio correndo em direção à casa.

— Mariana?! — grito assim que chego a nosso quarto. — Mariana?!

— Millos... — Arrepio-me ao ouvir sua voz ofegante. — No banheiro.

Entro no cômodo e a encontro nua, deitada na banheira vazia, segurando a barriga.

— Eu... tentei avisar...

Fico zonzo ao perceber que está em trabalho de parto e ligo imediatamente para sua médica enquanto me sento ao seu lado na banheira.

— A bolsa... estourou enquanto eu estava no banho. Não senti. — Respira

fundo. — Estava me secando quando senti a primeira pontada forte, mas achei que não era nada, afinal, já vinha sentindo cólica o dia todo.

— Por que não me falou nada? — Olho-a apavorado. A médica atende. — Tânia, minha filha está nascendo dentro de uma banheira vazia! — grito com ela, e Mariana ri, pelo menos até gemer de dor novamente.

— Acalme-se, Millos — ela fala alto, e escuto conversas e risadas à sua volta. — Estou indo para sua casa agora, devo chegar aí em 30 minutos. — Gemo, temendo não dar tempo. — Conte o tempo entre uma contração e outra e...

— Diga a ela que estão mais rápidas, quase não tenho conseguido monitorar — Mariana responde.

— Millos, se prepara para fazer o parto, então. Estou a caminho!

Fico em choque, o celular grudado em minha orelha, a respiração suspensa. *Eu vou fazer o parto?!*

— Mariana? — ouço a voz de Kyra.

— No... banheiro! — minha esposa grita.

Kyra entra, mas, ao vê-la na banheira, fica pálida como um papel.

— Que merda!

Rio da expressão apavorada dela, e isso parece me despertar.

— O que devo fazer, doutora? — pergunto à Tânia, que me passa todas as instruções necessárias para deixar Mariana mais cômoda.

Kyra a ajuda a se levantar e a faz andar pelo banheiro enquanto encho a banheira com água morna. A médica continua ao telefone, no viva voz, conversando com Mariana.

Quando a banheira enche, ajudo-a a se deitar nela e escuto seu gemido de alívio.

— Melhor?

— Muito! — Sorri. — Estou um pouco apavorada — confessa rindo.

— Eu também! — Beijo-a. — Mas vai dar tudo certo.

Ela assente e depois se contorce, sentindo nova contração.

— Peguei toalhas limpas — Kyra avisa. — Onde encontro tesoura?

Viro-me em sua direção, sem entender do que fala.

— Quando o bebê nascer, precisaremos contar o cordão umbilical!

Deus do Céu! Fecho os olhos em uma prece, clamando por tempo para que a médica consiga chegar.

Mariana segura minha mão com força, tentando me consolar, e sorrio, achando um absurdo ela pensar em me acalmar enquanto sofre com as dores.

— Vai dar tudo certo!

Concordo com ela.

— Eu sei.

Os fogos começam a estourar, enquanto ouvimos os vivas e as felicitações de um novo ano que acaba de se iniciar. Beijo Mariana, ajudando-a a se sentar e alisando suas costas.

— Feliz Ano Novo! — desejo a ela.

— Feliz... ai... — Ri. — Feliz Ano Novo!

Olho a todo momento para a porta, esperando que a médica chegue antes que a dor de minha esposa piore mais. Mariana já começa a respirar feito um cachorrinho, igual ao que nos foi ensinado no curso de parto.

— Kyra! — grito por minha prima, mas não a vejo por perto. — Fica calma, Mariana.

Ela ri.

— Eu estou, é você quem está gritando.

Respiro fundo e, só percebo depois, começo a imitar sua respiração. Tiro minha roupa, ficando apenas com a cueca, e me sento na borda da banheira, atrás dela, como fiz no curso, massageando suas costas e seguindo sua respiração.

— Ainda bem que as ruas estavam... — A doutora Tânia para de falar, entrando no banheiro ao lado de Kyra. — Ah, vejo que aprenderam direito. — Ri e lava as mãos. — Vê se é dia de esse bebê nascer! Festa de aniversário junto à de Ano Novo! — Ri. — Como você está, Mariana?

— Mor...rendo! — responde. Fico com o coração apertado e olho suplicante para a doutora a fim de que a ajude.

— Millos, ajude-a a se sentar de cócoras. — A médica me pede depois de examinar Mariana, ouvindo os batimentos do bebê. — Vamos começar a empurrar.

Arregalo os olhos e faço o que ela me pede, apoiando Mariana na banheira. Travo os dentes a cada grito que dá, fazendo força junto a ela como se pudesse ajudá-la a colocar nosso filho para fora.

— Ah, está vindo! — Ela apalpa Mariana com as mãos enluvadas, e fico tonto, percebendo que a barriga de minha esposa está tão baixa que faz um formato estranho. — Um pouco mais, Mariana, e já poderá relaxar.

Ouço-a rugir como uma leoa e então vejo Tânia aparar o pequeno bebê em suas mãos. Mariana se senta, encostando-se em mim, e sinto as convulsões provocadas pelo choro quando a médica põe o bebê em seus braços.

— É uma menina! — Tânia revela me olhando. — Te devo uma caixa de cerveja!

Não consigo rir nem brincar com a médica sobre a aposta que fizemos. Estou completamente hipnotizado pela pequena menina que Mariana tem

sobre seus seios.

— Ela é linda, Millos! — minha esposa diz emocionada.

— É, sim! — concordo, beijando seus cabelos. — É nossa!

Mariana balança a cabeça, sem conseguir tirar os olhos de nossa pequena.

— Eu preciso que se levante — a doutora a chama. — Kyra ajeitou sua cama, vamos terminar lá.

Ajudo a médica a transportar minha esposa e minha filha para a cama e lhe assisto atendendo as duas, enquanto Kyra sai do quarto para controlar a multidão de parentes e amigos que descobriram sobre o parto e estão no corredor em busca de notícias.

Enquanto a médica retira a roupa de cama e toalhas sujas, sento-me ao lado de Mariana na cama, olhando para minha filha limpa e aquecida com roupinhas e uma manta, tentando sugar o seu primeiro leite.

— Acha que ela tem cara de quê? — Mariana me questiona.

Analiso minha pequena com o coração disparado, percebendo fios avermelhados em sua cabeça careca. Seus olhos parecem ser azuis como os da mãe, e ela é tão calminha que, embora tenha resmungado durante o parto, não berrou como eu havia imaginado.

— Sofia — digo, achando que é um bom nome. — Significa sabedoria e acho que combina com ela.

Mariana ri e concorda.

— Sim, nossa Sofia! — Olha-me, seus olhos rasos d’água. — Agora estamos completos.

Beijo-a.

— Obrigado por isso. Foi tudo lindo, nunca vou me esquecer. — Toco o rostinho de minha Sofia, que mama preguiçosamente. — Pronta para descobrirmos juntos mais essa experiência?

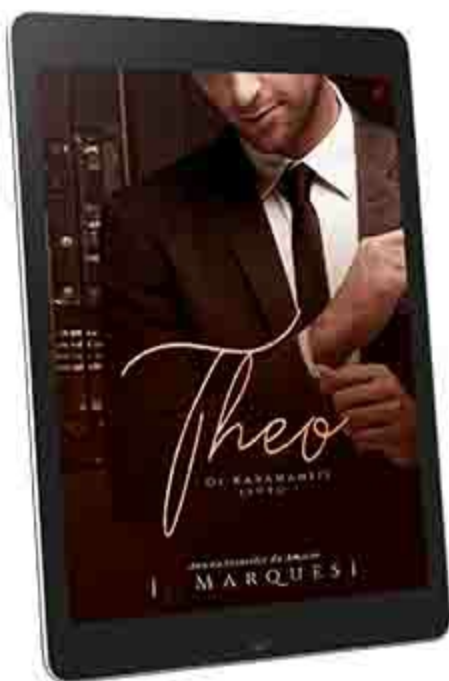
Mariana chora.

— Com você, estou sempre pronta para descobrir todas as coisas!

Fim.

SOBRE A AUTORA

J. Marquesi sempre foi apaixonada por livros e, na adolescência, descobriu seu amor pelos romances. Escreveu sua primeira história aos 13 anos, à mão, e desde então não parou mais. Só tomou coragem de mostrar seus escritos em 2017, tornando-se uma das autoras bestsellers da Amazon e da Revista VEJA.

OUTRAS OBRAS

THEO

Os Karamanlis, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Uma família separada pelo ódio...

Criado pelo avô, renegado pelo pai, odiado pelos irmãos, Theodoros Karamanlis recebeu o cargo de CEO da empresa da família. Sua principal

meta é provar a todos que é mais competente do que o homem que sempre o renegou, seu pai. Para isso acontecer, falta apenas comprar o imóvel onde funciona um pequeno pub na Vila Madalena e assim fechar uma conta aberta há mais de dez anos.

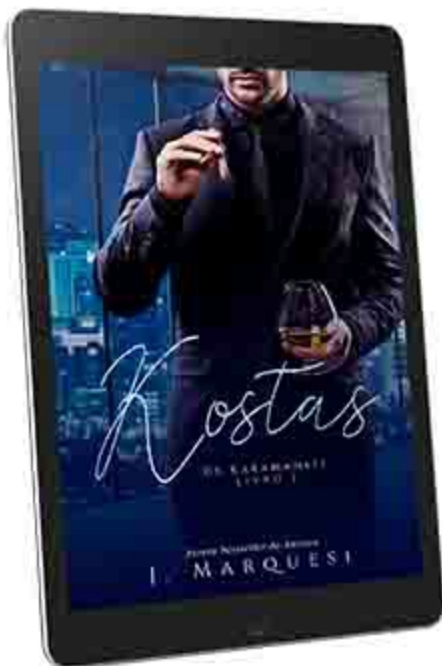
Uma família mantida pelas lembranças...

Maria Eduarda Hill sempre teve o sonho de ser uma renomada chef de cozinha, mas, por circunstâncias do destino, acabou assumindo o antigo boteco de seu pai na Vila Madalena. Ela trabalha duro para manter o negócio e preservar a memória de sua família e luta bravamente contra o assédio de uma empresa que quer comprar e demolir o lugar.

Uma noite, um bar, e uma química explosiva...

Depois de cair em uma armadilha e conhecer a irritante cozinheira que o impede de fechar o maior negócio de sua empresa, Theo se vê dividido entre essa forte atração, conquistar o que seu pai não foi capaz e uma promessa feita ao avô. Por mais que resista, o grego não consegue ficar longe de Maria Eduarda, então começa uma implacável sedução para tê-la em sua cama.

Theo e Duda têm tudo para se odiarem. No entanto, mal sabem eles que a paixão não se conduz pelo óbvio!

Atenção: esse livro não tem continuação. O próximo da série é de outro Karamanlis: Kostas.

KOSTAS

Os Karamanlis, livro 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Confiança: palavra inexistente no dicionário de Konstantinos Karamanlis.

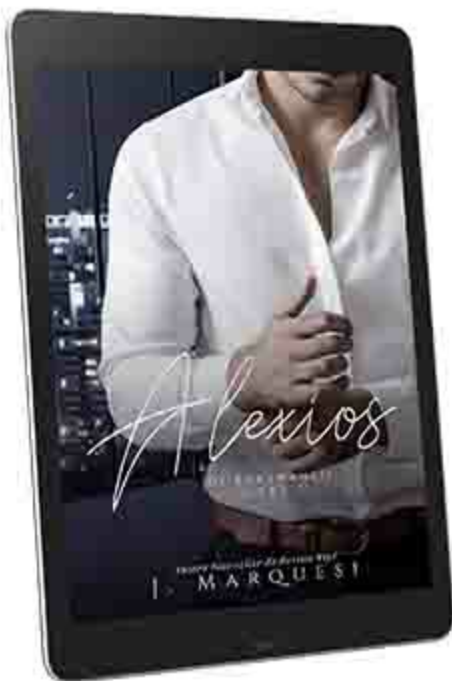
O segundo filho de Nikkós Karamanlis é um homem duro e frio, que prefere a sinceridade de umas notas deixadas na cama após o sexo à falsidade de carinhos e beijos interesseiros. Arrogante, seguro de si, um brilhante advogado, dirige sua vida como quer e não precisa de ninguém ao seu lado, nem da família e muito menos de uma mulher!

Disposto a ir até às últimas consequências para tirar seu irmão mais velho da presidência da Karamanlis, Kostas não se importa em ser solitário e faz questão de esconder seus medos e traumas do passado. Contudo, há uma pessoa capaz de arranhar suas defesas e causar reações que ele achava não serem possíveis: a irritante e debochada Wilka Maria Reinol.

Kika Reinol vive intensamente!

De personalidade esfuziante, é querida e amada por todos que a cercam. Focada, objetiva, competente, líder nata, é gerente da Karamanlis e odeia intromissões em seu trabalho, principalmente as do diretor jurídico Kostas – ou Bostas, como o apelidou. Embora seu jeito vibrante esteja presente em cada palavra, sorriso ou gesto, Kika esconde algo que pode abalar o que construiu em sua vida, por isso, fará tudo para proteger o seu futuro.

Os dois se detestam; não sabem, no entanto, o quanto já estão envolvidos.

Atenção: Contém SPOILER do livro Theo - Os Karamanlis 1.

ALEXIOS

Os Karamanlis, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Com um passado nebuloso, marcado por traumas, rejeições e violência, há anos Alexios Karamanlis busca entender a si mesmo e, para isso, começa uma caçada sem fim pelo destino de sua mãe biológica, junto a sua melhor amiga, Samara Schneider.

Amigos desde tenra idade, Alexios sempre tentou não a notar como mulher por temer perder sua amizade e apoio, e Samara sempre sonhou com o dia em que o garoto problemático e rebelde se apaixonaria por ela.

Juntos em busca de respostas sobre a verdadeira história do nascimento de Alexios, os dois mergulharão no sujo passado do pai dele, Nikkós Karamanlis, revelarão segredos muito bem guardados e, por fim, descobrirão que não há como reprimir mais a paixão e o desejo que sentem um pelo outro.

ATENÇÃO!
Contém spoilers dos livros: Theo - Os Karamanlis 1; e Kostas - Os Karamanlis 2.
A história de Alexios não depende dessas anteriores, porém sugiro a leitura delas caso não goste de spoiler.

QUÍMICA PERFEITA

Disponível em e-Book

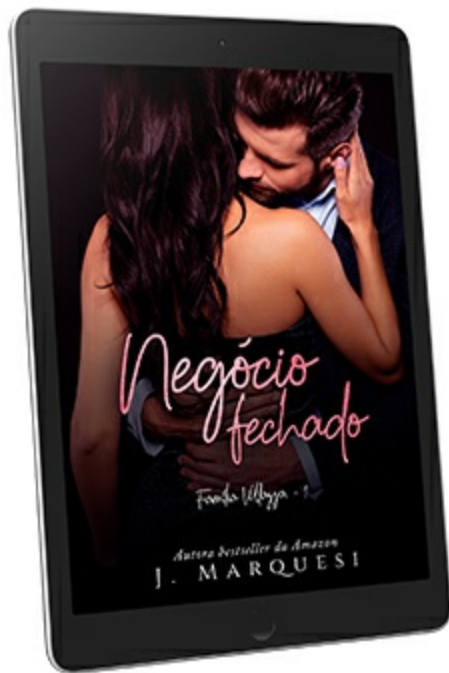
Compre aqui!

SINOPSE

Raffaello Ferrero conquistou fama e prestígio no mundo dos vinhos, tornando-se um dos enólogos mais disputados pelas vinícolas europeias. Obcecado por achar a química perfeita capaz de produzir um vinho perfeito, Raffaello é informado da morte de seu único parente vivo e precisará retornar ao Brasil, após 20 anos longe, para decidir o que fará com a herança que nunca quis e que estava reservada ao seu amado irmão mais velho, falecido há alguns anos.

Disposto a vender a vinícola e retornar à Europa, Raffa será surpreendido pela notícia de que tem um sobrinho, um garoto de pouco mais de dois anos, fruto de um relacionamento do irmão com uma ruiva de quem nunca ouviu falar, e que só apareceu após sua morte, com o pequeno herdeiro a tiracolo.

Poderá ele confiar naquela mulher? Como impedir seu coração de se apaixonar pelo guri tão esperto?

E a mais complexa questão: como impedir-se de sentir a química perfeita que parece pulsar entre ele e a mãe do garoto?

NEGÓCIO FECHADO

Família Villazza, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Marina, com apenas 24 anos, carrega marcas profundas causadas pela perda dos pais e pela saudade. Sozinha, sem formação e experiência, ela vê a oportunidade de reconstruir sua vida trabalhando como camareira num luxuoso hotel do Rio de Janeiro.
Porém, a chegada de um misterioso hóspede e a atração irresistível entre eles desperta nela sentimentos nunca antes conhecidos.

Antonio é um italiano que mora no Brasil desde criança e já se considera um brasileiro. Ela carrega dentro de si um sofrimento que esconde de todos, embora essa dor norteie a sua vida, e nem todo o dinheiro que tem é capaz de amenizá-la.

Poderiam pessoas de mundos tão distantes viverem uma grande paixão?

Atenção: livro para maiores de 18 anos.

LEGALMENTE ATRAÍDO

Família Villazza, livro 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Frank Villazza é conhecido como CEO playboy.

Satisfeito com a vida que leva, charmoso, rico e bem-sucedido, ele não quer compromisso, e seus casos costumam não passar de uma noite. As únicas coisas que lhe importam são sua família, sua guitarra e suas amadas motos... e todas as mulheres gostosas que, como ele, queiram apenas diversão. Só que o destino traz uma advogada sexy e temperamental para trabalhar em sua empresa, deixando-o louco pelo desafio de torná-la mais uma em sua cama. O que o playboy não sabe é que ninguém pode controlar o destino (ou o coração).

Isabella Romanza sempre batalhou para se tornar a melhor advogada em sua área.

É vista como uma mulher independente, capaz e determinada, mas por trás disso se esconde uma garota que foi magoada por um segredo que envolve a sua família e pela rejeição do homem que amava. Quando conhece Frank “Cafa” Villazza, teme que venha a se apaixonar e se dar mal novamente, portanto resolve não entregar seu coração, apenas seu corpo, ao sedutor cafajeste.

Terá ela sucesso na empreitada de curtir sem se apaixonar?

ATENÇÃO:
1) Contém Spoiler de NEGÓCIO FECHADO - Família Villazza 1 (disponível em e-book);
2) Livro indicado a maiores de 18 anos;
3) Pode conter gatilhos sobre relações familiares.

SEGREDO OBSCURO

Família Villazza, livro 3 – Parte 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Ela não fazia parte dos planos dele.

Ele poderia pôr tudo a perder.

Porém como resistir a uma atração tão intensa?

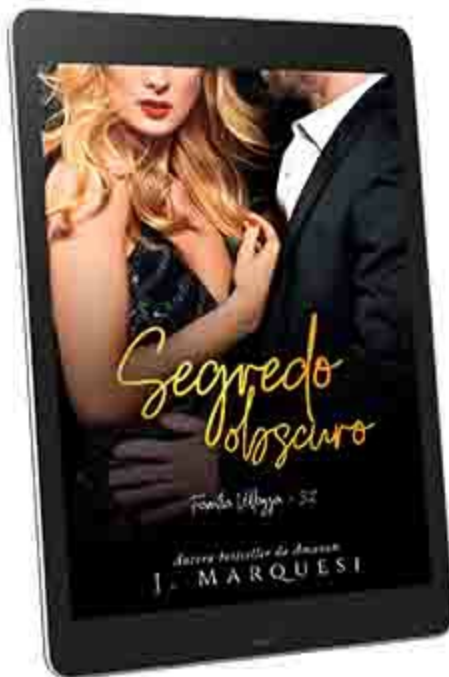
GIOVANNA VILLAZZA desistiu de tudo para perseguir uma meta, e ela iria até o fim!

Rica, mimada, herdeira de uma das maiores redes hoteleiras do mundo, ela carrega um segredo capaz de mudar sua vida para sempre. Decidida a ir atrás do que quer, pede demissão do cargo de diretora da empresa de sua família, na Itália, e se muda para São Paulo a fim de trabalhar numa empresa

de publicidade. Sua família pensa que ela quer independência, fazer o próprio nome, mas o que não sabe é que ela apenas está tecendo uma teia para alcançar seu objetivo.

NICHOLAS SMYTHE-FOX é um engenheiro premiado, com obras em vários países e fama internacional. Há 50 anos, seu avô fundou a NOVAK Engenharia, que se tornou a maior holding do Brasil, e, por causa da pretensão política de seu padrasto, ele assume o cargo de CEO da empresa, um trabalho do qual não gosta tanto quanto o de projetar e acompanhar construções, mas que é parte do seu legado.

Os dois sentirão os efeitos de um Segredo Obscuro.

ATENÇÃO: ESSE LIVRO TEM CONTINUAÇÃO!

SEGREDO OBSCURO

Família Villazza, livro 3 – Parte 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

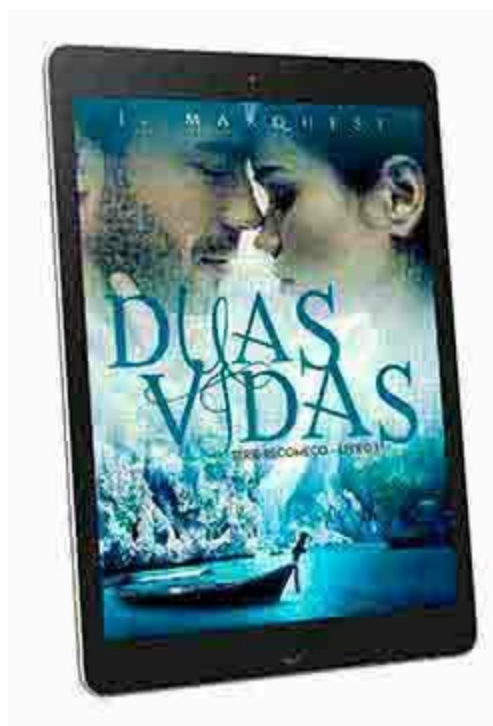
Com a revelação do segredo obscuro de Giovanna Villazza, Nicholas Smythe-Fox não consegue perdoá-la por suas mentiras e, três anos após o término do relacionamento, ele se sente mexido com a volta da mulher que encheu seu coração de alegria, mas também de dor.

Giovanna não queria voltar ao Brasil nunca mais, porém, como seu irmão mais velho não poderá passar o Natal com sua família na Itália, ela decide passar um tempo com ele em São Paulo, onde ele mora atualmente. Mesmo depois de três anos, ela ainda conserva todos os sentimentos intactos por Nicholas. Entretanto, mais um segredo a faz querer estar longe dele.

Uma tragédia ocorre, tirando a paz dos Villazzas, trazendo os Novaks de Toledo de volta à convivência dessa família, reaproximando Giovanna e Nicholas, que precisarão unir esforços para se defender de um inimigo

disposto a ir até as últimas consequências para ter o que quer: vingança.

Muitos segredos serão revelados, muitas máscaras cairão nesse último livro da série Família Villazza.

ATENÇÃO: É necessário ler a parte 1 antes desse para a melhor compreensão da história.

DUAS VIDAS

Série *Recomeço*, livro 1

Disponível em e-Book

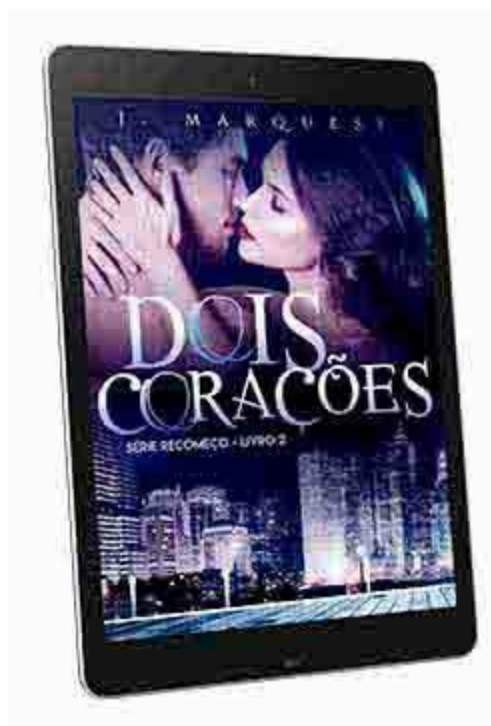
Compre aqui!

SINOPSE

Dois homens iguais, duas vidas marcadas por um jogo do destino.

Eric e Thomas Palmer são gêmeos e possuem uma relação conturbada. Após um grave acidente a vida dos dois é colocada em xeque e um só tem uma segunda chance. O sobrevivente precisa reaprender a viver, a lidar com sentimentos confusos, culpa e com as limitações físicas que o acidente lhe deixou.

Analiz Castro é uma mulher independente e segura. Ela batalhou até se formar em fisioterapia, o que ama de paixão, e após ser despedida do hospital onde trabalhava, Liz recebe a oportunidade de cuidar da reabilitação do homem que, no passado, a machucou muito, fazendo-a voltar à ilha que prometeu nunca mais pisar.

O destino os reúne novamente, dando a possibilidade de um recomeço para ambos. Um romance sobre perdão, recomeço e segunda chance.

DOIS CORAÇÕES

Série *Recomeço*, livro 2

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Cadu Fontenelles tem fama, dinheiro e mulheres, mas trocaria isso tudo por apenas uma coisa: a oportunidade de criar sua filha.

Depois de perder a mulher que amava, ele se vê totalmente perdido, afundando em drogas e álcool, sendo impedido de ficar com Amanda, que está sendo criada por seus ex-sogros. Decidido a mudar de vida para ter a menina, ele enfrentará uma enorme batalha contra o vício. Contudo, irá descobrir que o destino ainda guarda muitas surpresas para o seu coração.

Lara Martins mudou-se para São Paulo para estudar e acabou se tornando babá de Amanda Kaufmann, uma menina solitária e infeliz que perdeu a mãe ainda bebê e cujo pai é limitado a vê-la sob supervisão. Lara entende o que é uma infância triste, pois nasceu com um problema cardíaco que a restringiu de ser como as outras meninas e cresceu sob a superproteção de seus pais. Disposta a tudo para fazer sua pupila feliz, ela bola um plano para aproximar

pai e filha e, no percurso, acaba se apaixonando por Cadu.

Ele, um homem quebrado, cheio de marcas do passado, que insiste em viver um eterno luto sentimental. Ela, querendo viver intensamente, aberta a sentir o amor pela primeira vez. A paixão entre os dois é intensa, mas Lara sabe que Cadu não pode amá-la, uma vez que continua ligado à falecida mãe de Amanda.

Há chance de dois corações tão sofridos serem finalmente felizes?

DOIS DESTINOS

Série *Recomeço*, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

No coração do Pantanal, dois destinos tão diferentes se encontram...

Guilherme é peão pantaneiro que gosta das coisas simples: seu cavalo, sua viola, um bom churrasco e um tereré após o trabalho duro. A verdade é que nem sempre sua vida foi assim. Misterioso, o peão guarda dentro de si uma dor que tenta esquecer, mas a culpa o impede. A fazenda e os tios são tudo o que mais preza, seu porto seguro, e ele não deixará ninguém atrapalhar isso.

Até que uma dondoquinha da cidade grande aparece...

Malu Ruschel é uma executiva de sucesso disposta a trabalhar sem parar para atingir seu objetivo: ser a primeira mulher na diretoria da Karamanlis. Sua obsessão pelo trabalho a faz ficar doente, e ela é obrigada a tirar férias (acumuladas há 10 anos) e, assim, embarca para um SPA no Mato Grosso do Sul. Acontece que o tal SPA nunca existiu, e Malu se vê no meio de uma fazenda de gado no coração do Pantanal Sul, sem nenhum meio de se

conectar com a civilização, com apenas uma ordem: descansar!

Como ela conseguiria relaxar com um peão xucro – e muito gostoso – provocando-a a todo momento, levando-a ao limite da raiva e do desejo? Guilherme não gosta dela por trazer de volta lembranças amargas de seu passado e Malu não entende por que esse homem a atrai tanto. Os dois resolvem curtir uma aventura de férias sem saber que isso é apenas o início de um verdadeiro recomeço.

DOIS DESTINOS, o terceiro livro da série RECOMEÇO, vem recheado com humor, erotismo e, claro, um segredo de tirar o fôlego!

PODEROSO DESTINO

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Depois de ser publicamente humilhado pela alta sociedade de Londres, o Conde de Hawkstone precisará provar que é capaz de reerguer-se e ter de volta a fortuna de sua família, completamente arruinada pelo falecido pai do Conde. Com a chegada de Joaquim, seu primo português, Hawk vê a possibilidade de ser rico novamente por meio de um arriscado negócio: investir no comércio de café. Com o sucesso dos negócios e sua volta ao topo da aristocracia, Hawkstone está pronto para reenvidicar o amor de Lady Gwendoline, que lhe fora negada no passado, porém, uma viagem de negócios ao Brasil faz com que ele conheça o verdadeiro amor nos braços da jovem e misteriosa garota de cabelos castanhos-avermelhados.

CONTATO

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Fanpage | Instagram
Wattpad | Grupo do Facebook

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Notas

[←1]

Nota da autora: *Oh mãe, diga a seus filhos / Para não fazerem o que eu fiz / Desperdiçar suas vidas / em pecados e miséria/ Na casa do sol nascente.* **(**The House of the Rising Sun. **The Animals.** 1964).

[←2]

Nota de revisora: "vovó" em grego.

[←3]

Nota da revisora: "vovô" em grego.

[←4]

*Nota da autora: A estrada não secará suas lágrimas/A estrada não precisa de você aqui/A estrada não se importa se você está vindo para a casa/Mas eu sim, eu sim. (*Highway don't care. **Tim McGraw.** 2013)

[←5]

Nota da autora: *A raiva me corrói por dentro / E eu não vou sentir os pedaços e os cortes / Eu quero tanto abrir seus olhos / Porque eu preciso que você olhe nos meus.* (Open Your Eyes. **Snow Patrol.** 2006)

[←6]

Nota da revisora: uma união entre as mulheres apoiada na empatia e companheirismo, que busca alcançar e manter relacionamento e atitudes positivas entre elas. Dessa forma, as mulheres se juntam e se apoiam sem julgamentos a favor da igualdade de gêneros.

[←7]

Nota da autora: *Eu não quero mais dor / Há tantas coisas nesse mundo / Que me fazem sangrar / Fique comigo, você é tudo o que vejo.* (Just Breathe. **Peal Jam.** 2009)

[←8]

Nota da autora: *Ninguém sabe como é ser o homem mau / Ser o homem triste, por trás de olhos tristes.* (Behind Blue Eyes. **The Who.** 1971)

[←9]

Nota da autora: arte marcial japonesa no manejo da katana (espada).

[←10]

Nota da autora: *Eu cuspi como um buraco de esgoto / Ainda, assim recebo seu beijo / Como posso me comparar com qualquer um / Depois de um amor como este?* (Who Are You. **The Who.** 1978)

[←11]

Nota da autora: expressão grega para "Maldição!" "Cacete!".

[←12]

Nota da autora: *Eu posso bater sua máquina de rua / Estou correndo riscos, mas é isso que quero*
Pois eu sou o homem da motocicleta / Nós nos divertimos assim que podemos / Assim que podemos.
(The Motorcycle Man. **Saxon.** 1979).

[←13]

Nota da autora: é o equivalente grego para "porra!".

[←14]

Nota da autora: *Sempre que eu digo seu nome / Sempre que eu digo seu nome / Eu já estou orando, eu já estou rezando / eu já estou cheio de uma alegria que não posso explicar.* (Whenever I Say Your Name. **Sting.** 2003)

[←15]

Nota da autora: *Eu te seguraria / Eu precisaria de você / Eu ficaria de joelhos por você / E faria tudo ficar bem / Se você estivesse nestes braços*. (In These Arms. **Bon Jovi.** 1992)

[←16]

Nota da autora: *À noite eu acordo com as fronhas ensopadas / E um trem de carga passando / Pela minha cabeça / Só você pode saciar o meu desejo / Estou em*

chamas. (I'm On Fire. **Bruce Springsteen**. 1984).

[←17]

Nota da autora: o palavrão grego correspondente **a "foda-se"**.

[←18]

Nota da autora: *Acordei com o som da chuva torrencial / O vento sussurrava e eu pensei em você / E em todas as lágrimas que você derramou, elas chamavam meu nome / E quando você precisou de mim, eu correspondi.* (I Remember You. **Skid Row**. 1989)

[←19]

Nota da autora: espada de treino de Kenjutsu, geralmente feita em bambu ou madeira.

[←20]

Nota da autora: proteção (armadura) que protege a cabeça (men), o antebraço (kote), a barriga (do), os quadris (tare).

[←21]

Nota da autora: vestimenta tradicional japonesa composta com calças bem largas que lembram uma saia.

[←22]

Nota da autora: frase do filme "O Mágico de Oz", dita pela personagem principal, Dorothy.

[←23]

Nota da autora: *Estou pronto, estou pronto, estou pronto, estou pronto / Para que alguém me ame*
Estou pronto, estou pronto / Estou pronto, estou pronto / Para que alguém me ame, para que alguém me ame. (I'm Ready. **Demi Lovato e Sam Smith**. 2020)

[←24]

Nota da autora: *Correntes, a minha garota me acorrentou / E estas não são do tipo / Que você pode ver / Uh, estas correntes do amor / Me aprisionaram, sim.* (Chains. **The Beatles.** 1963)

[←25]

Nota da autora: *O que aconteceu com isso tudo? / Loucura, alguns diriam / Onde está a vida que eu reconheço? / Foi embora.* (Ordinary World. **Duran Duran.** 1993)

[←26]

Nota da autora: “caminho” em japonês.

[←27]

Nota da autora: “mestre” em japonês.

[←28]

Nota da autora: expressão que descreve “aquele que domina, que amarra”.

[←29]

Nota da autora: expressão japonesa para “escravidão nas cordas” – *bondage*.

[←30]

Nota da autora: *Se eu pudesse mudar o mundo / Eu seria o raio de sol em seu universo / Você pensaria que meu amor realmente é algo bom / Querida, se eu pudesse mudar o mundo.* (Change The World. **Eric Clapton.** 1996)

[←31]

Nota da autora: *Traga-me para a vida / Eu tenho vivido uma mentira. Não há nada por dentro / Traga-me para a vida.* (Bring me to life. **12 Tones feat. Evanescence.** 2003)

[←32]

Nota da autora: *Metade da minha vida está escrita em páginas de livros / Vivi e aprendi dos tolos e dos sábios / Você sabe que é verdade / Todas as coisas que você faz / Voltam para você.* (Dream On. **Aerosmith.** 1973)

[←33]

Nota da autora: expressão comumente usada para atrasar processos dentro de uma repartição pública.

[←34]

Nota da autora: *Levanto a cabeça e o mundo está em chamas / Há pavor em meu coração e medo nos meus ossos / E eu simplesmente não sei o que dizer / Talvez eu ore, ore...* (Pray. **Sam Smith.** 2017)

[←35]

Nota da autora: *Envie alguém para me amar / Eu preciso descansar nos braços / Que me mantenham longe da dor / A salvo da chuva.* (Better Man. **Robbie Williams.** 2000).

[←36]

Nota da autora: *Eu estarei com você / Eu estarei com você / Não deixarei ninguém te machucar / Eu estarei com você.* (I'll stand by you. **The Pretenders.** 1994).

[←37]

Nota da autora: *Como isto pôde acontecer comigo? / Eu cometi meus erros / Não há para onde fugir / A noite continua / Enquanto estou desaparecendo / Eu estou cansado dessa vida / Eu apenas quero gritar / Como isto pôde acontecer comigo?* (Untitled. **Simple Plan.** 2004)

[←38]

Nota da autora: *Ela / Pode ser a razão pela qual sobrevivo / O porquê e o motivo de eu estar vivo / A única que que eu vou cuidar prontamente ao longo dos anos durante as adversidades*. (She. **Elvis Costello.** 1999)

[←39]

Nota da autora: *Lex Taliones* se refere à Lei de Talião. Tal lei previa que teria que haver reciprocidade entre crime e pena, ou seja, a pessoa que causou dano deveria receber como punição o mesmo dano que causou.

[←40]

Nota da autora*: Eu estarei lá por você / Estas cinco palavras que eu te juro / Quando você respira eu quero ser o seu ar / Eu estarei lá por você.* (I'll be there for you. **Bon Jovi**. 1988)

[←41]

Nota da autora*: Olhe, olhe para mim / Eu não tenho nada a esconder / Olhe para mim / Eu não tenho nada a esconder / Olhe para mim.* (See Me. **Roxette.** 2002)

[←42]

Nota da autora: *Sento aqui nas escadas / Pois prefiro ficar sozinho / Se eu não posso te ter agora, eu esperarei, querida / Às vezes fico tão tenso / Mas não posso acelerar o tempo / Mas você sabe, amor, existe mais uma coisa a se considerar.* (Patience. **Guns N' Roses.** 1987).

[←43]

Nota da autora: *O mundo vem à vida e tudo fica bem / Do início até o fim quando você tem um amigo ao seu lado / Que te ajuda a encontrar / A sua própria beleza quando você abre seu coração / E acredita na dádiva de ter um amigo*. (Gift Of a Friend. **Demi Lovato**. 2009)

[←44]

Nota da autora: *Meu bem, não vou aguentar por muito tempo / Este desejo está ficando cada vez mais forte / E eu sinto esta emoção.* (Sexual Healing. **Marvin Gaye.** 1982)

[←45]

Nota da autora: *Porque eu estou tão apaixonado por você / Você sabe que eu não posso controlar isso, agindo como um idiota / E eu estou tão apaixonada por você / Aqui está a desejar, e esperar, e esperar para ouvir de você / Deixe-me ouvir de você / Você.* (I'm so in love for you**. Jill Andrews**. 2015).

[←46]

Nota da autora: lê-se "agápi". *Αγάπη*, para os filósofos gregos, é a equivalência do amor fraternal, de forma totalmente assexuada e livre de "páthos" – paixão. A palavra amor usada com sentido romântica é "eros".

[←47]

Nota da autora: *Minha garota, minha garota, não minta para mim! / Diga-me onde você dormiu à noite passada / Nos pinheiros, nos pinheiros / Onde o sol quase nunca brilha / Eu tremi a noite toda.* (Where Did You Sleep Last Night. **Nirvana.** 1994)

[←48]

Nota da autora: acústica.

[←49]

Nota da autora: nome artístico de Huddie William Ledbetter (1889 —1949), um dos pioneiros músicos do blues acústico (ou rural), nos Estados Unidos.

[←50]

Nota da autora: interjeição grega para “foda”.

[←51]

Nota da autora: *Quando eu fui conduzida até você / Eu soube que você era o único para mim / Eu juro que o mundo inteiro podia sentir meu coração batendo / Quando eu coloquei meus olhos em você / Ai ai ai / Você me envolveu toda / Na cor do amor.* (Kiss of Life. **Sade**. 1992)

[←52]

Nota da autora: *Bem, todo mundo se machuca / Às vezes, todo mundo chora / E todo mundo se machuca, às vezes / Mas todo mundo se machuca, às vezes / Aguente firme.* (Everybody Hurts. **R.E.M.** 1992)

[←53]

Nota da autora: Mas eu verei você como você realmente é, brilhando / Eu vejo você como realmente é, e é por isso que te amo / Então não tenha medo, de mostrá-las / Suas cores verdadeiras, cores verdadeiras / São lindas, Ohh como um arco-íris.
(True Colors. ***Phil Colins****. 1998)*

[←54]

Nota da autora: Por estes campos de destruição/Batismos de fogo/Assisti a todo o seu sofrimento/Enquanto a batalha se acirrava/E apesar de terem me ferido gravemente/Em meio ao medo e ao pânico/Vocês não me desertaram/Meus companheiros de batalha.
(Brothers in arms. ***Dire Straits****. 1985)*

[←55]

Nota da autora: Eu só quero te abraçar forte/Sinto o seu coração bem perto do meu/E só ficar aqui neste momento/Por todo resto do tempo.
(I don’t wanna miss a thing. ***Aerosmith****. 1998)*

[←56]

Nota da autora: Eu amo o jeito que você age essa noite/Gotas de suor caindo de sua pele/Eu aqui, e você lá/Nossas sombras na parede e nossas mãos em todo lugar.

*(Let’s make a night to remember. **Bryan Adams**. 1996)*

[←57]

Nota da autora: ninfas, na mitologia grega, são espíritos naturais femininos, ligados a um local ou objeto particular da natureza.

[←58]

Nota da autora: sátiro, na mitologia grega, é um ser da natureza com o corpo metade humano e metade bode que tem frequentes relações sexuais com as ninfas.

[←59]

Nota da revisora: hors-concours (pronuncia-se ór concur) significa fora da competição, fora do concurso. O termo é usado para algo excepcional que vai ser apresentado numa exposição, num concurso, sem estar competindo com os demais, sendo, apesar da subjetividade, considerado de qualidade superior.

[←60]

Nota da autora: Eu vou sair esta noite - estou me sentindo bem/Vou deixar tudo de lado/Quero fazer um pouco de barulho- Realmente levantar minha voz/sim, eu quero gritar e berrar.
*(Man! I Fell Like a Woman. **Shania Twain**. 1997)*

[←61]

Nota da autora: Ela me disse pra vir, mas eu já estava lá/Pois as paredes começaram a tremer/A terra estava tremendo/Minha mente estava doendo/E nós estávamos fazendo.
*(You Shook Me All Night Long. **AC/DC**. 1980)*

[←62]

Nota da autora: “manobrista” em inglês.

[←63]

Nota da autora: em grego, é o equivalente para idiota.

[←64]

Nota da autora: E então eu acordo pela manhã e vou lá para fora/E eu inspiro profundamente/E eu fico muito chapada/E grito com toda a força/O que está

acontecendo?
*(What’s Up?. **4 Non Blondes**. 1992)*

[←65]
Nota de autora: Tarde demais pra evitar a minha queda/Eu arrisquei e mudei seu modo de viver/Mas você me entendeu mal quando te conheci/Fechou a porta e deixou-me cego pela luz.
*(Don’t Let The Sun Go Down On Me. **Elton John.** 1993)*

[←66]
Nota da autora: equivalente para “merda”, em grego.

[←67]
Nota da autora: agora todo mundo me pergunta por que eu estou sorrindo/De orelha a orelha/
*Dizem que o amor machuca, mas eu sei/Que vai dar trabalho/Não é perfeito, mas vale a pena/Depois de lutar contra as lágrimas/ finalmente você me colocou em primeiro lugar. (Love On Top. **Beyoncé.** 2011)*

[←68]
*Nota da autora: Então por favor não, por favor não, por favor não/Não precisa complicar/Porque nosso tempo é curto/Esse é, esse é, esse é nosso destino, eu sou seu! (I’m Yours. **Jason Mraz.** 2011)*

[←69]
*Nota da autora: Se acalme e prepare seus lábios/Sinto muito interromper, é que apenas estou constantemente à beira/De tentar te beijar. (Do You Wanna Know? – **Arctic Monkey.** 2013)*

[←70]
Nota da autora: o equivalente grego para “foder”.

[←71]
*Nota da autora: Ao redor do mundo, garotas lindas/Limpam o chão com todos os garotos/Sirva os drinks, traga o som/Nós somos tão lindas. (Pretty Girls. **Britney Spears.*** 2015)

[←72]

Nota da autora: “continue” em italiano.

[←73]

*Nota da autora: Porque/Quando o sol brilhar, nós brilharemos juntos/Te disse que estaria aqui para sempre/Disse que sempre seria sua amiga/E o que eu jurei eu vou cumprir até o fim. (Umbrella. **Rhianna**. 2008)*

[←74]

*Nota da autora: Seu corpo é o país das maravilhas/Seu corpo é uma maravilha (vou usar as mãos)/Seu corpo é o país das maravilhas. (Your Body is Wonderland. **John Mayer.** 2001)*

[←75]

Nota da autora: gíria usada para hora extra.

[←76]

Nota da autora: Millos aqui se refere ao personagem do livro “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll (1865), quando ele explica para Alice sobre o tempo (Cap. VII – Um chá maluco).

[←77]

Nota da autora: Te desafio me deixar ser sua, primeira e única/Prometo que mereço/ estar nos seus braços... (Only and One. **Adele.** 2011).

[←78]

Nota da autora: “o casal” em italiano.

[←79]

Nota da autora: Fique comigo/E eu serei seu guardião, você será minha dama/Eu fui feito para manter seu corpo aquecido/Mas eu sou tão gelado quanto o vento que sopra/Então me envolva em seus braços. (Kiss Me. **Ed Sheeran.** 2011)

[←80]

*Nota da autora: Bem, às vezes eu saio sozinho por aí/E olho pela água/E eu penso em todas as coisas que você está fazendo/E, na minha cabeça, eu pinto uma imagem. (Valerie. **Amy Winehouse.** 2006)*

[←81]

Nota da autora: O nome dela é Jenifer. Gabriel Diniz. 2019

[←82]

Nota da autora: Amor, amor/Você está ouvindo?/Me pergunto por onde você andou toda minha vida/Eu acabei de começar a viver/Oh, amor/Você está ouvindo? (Adore You. ***Miley Cyrius.*** *2013)*

[←83]

Nota da autora: Deixe-me levá-la a um lugar agradável e silencioso/Onde não haja ninguém para interromper/Não precisa de pressa/Eu só quero levar isso agradável e lento. (Nice & Slow. ***Usher.*** *1997)*

[←84]

Nota da autora: *Não dou a mínima!* (grego).

[←85]

Nota da autora: Depois me mergulhe onde você pode sentir meu rio fluindo/Me abrace até eu gritar por ar para respirar/Não me lave até meu poço secar/Envie todos seus pecados em mim, querido, em mim. (*Rocket.* ***Beyoncé.*** *2013)*

[←86]

Nota da autora: E enquanto seguimos pela estrada/Nossas sombras maiores do que nossas almas/Lá anda uma senhora que todos nós conhecemos/Que emite uma luz branca e quer mostrar/Como tudo ainda vira ouro. (Stairway to Heaven. **Led Zeppelin.** 1971)

[←87]

Nota da autora: *Há uma mulher que acredita que tudo que reluz é ouro e ela vai comprar uma escada para o céu.* (Stairway to Heaven. **Led Zeppelin.** 1971)

[←88]

Nota da autora: *hishi* é um tipo de amarração que cria forma de diamantes pelo corpo da modelo.

[←89]

Nota da autora: Todo esse silêncio e paciência/Apreensão e antecipação/Minhas

*mãos estão tremendo de resistirem à você. (Dress. **Taylor Swift.** 2017)*

[←90]

Nota da autora: Eu sou o homem encaixotado/Enterrado em minha merda/Você não vai vir e me salvar, me salvar? (Man In The Box. **Alice in Chains.** 1990)

[←91]

*Nota da autora: Sussurrei algo em seu ouvido/Foi uma coisa pervertida para se dizer/Mas eu disse mesmo assim/Fiz você sorrir e desviar o olhar/Nada vai te machucar, meu bem/Enquanto você estiver comigo, você vai ficar bem. (Nothing's Gonna Hurt You Baby. **Cigaretts After Sex.*** 2012)

[←92]

Nota da autora: "artista das cordas", uma pessoa com alto padrão no trabalho com elas.

[←93]

Nota da autora: quimono japonês de verão.

[←94]

*Nota da autora: O amor é ótimo, o amor é bom/Com criatividade e sem limites/A aflição do sentimento me deixa querendo mais. (S &M. **Rhianna.** 2010)*

[←95]

*Nota da autora: Eu tenho esperado tanto tempo/Eu tenho dormido sozinho/Deus, eu sinto falta de você. (Miss You. **Rolling Stones.*** 1978)

[←96]

*Nota da autora: Eu estou me sentindo sexy/Eu quero ouvir você dizer meu nome, garoto/Se você pode me alcançar/Você pode sentir meu desejo pegando fogo. (Naughty Girl. **Beyoncé.*** 2003)

[←97]

*Nota da autora: Eu me sinto maravilhoso/Porque vejo a luz do amor no seu olhar/E o mais incrível disso tudo/É que você simplesmente não percebe/O quanto eu te amo. (*Wonderful Tonight. **Eric Clapton**. 1977)

[←98]

Nota da autora: o termo pode ser equivalente a *foda-se você*.

[←99]

Nota da autora: Ávra (Aura), uma das lendas de Aura na mitologia grega diz que era a deusa responsável pela estação do inverno.

[←100]

Nota da autora: “boa escolha” em grego.

[←101]

Nota da autora: “obrigado” em grego.

[←102]

*Nota da autora: Em meus olhos indispostos/Disfarçados como ninguém sabe/Esconde-se a face em ondas de mentiras/Sob o Sol da minha desgraça. (*Black Hole Sun. **Soundgarden.** 1994)

[←103]

Nota da autora: “papai” em grego.

[←104]

Nota da autora: *Basta!* (grego).

[←105]

Nota da autora: Eu pensei que eu era tudo o que você precisava/Em seus olhos pensei ter visto meu paraíso/E agora meu paraíso se foi/E estou fora dele, no frio. (Blue Eyes Blue. ***Eric Clapton*****.** 1999).

[←106]

Nota da autora: Alguém me falou há muito tempo/Que há uma calmaria antes da tempestade/Eu sei, vem vindo há algum tempo/Dizem que quando terminar/Choverá num dia ensolarado. (Have You Ever Seen The Rain. ***Creedence Clearwater Revival****. 1971)*

[←107]

*Nota da autora: Como eu posso/Passar uma noite sem você/Se eu tivesse que viver sem você/Que vida seria essa?/Oh, eu preciso de você nos meus braços... (*How Do I Live Without You. **Trisha Yearwood.** 1998)

[←108]

*Nota da autora: O mundo estava em chamas e só você poderia salvar-me/É estranho como o desejo manipula os tolos/Eu nunca sonhei que conheceria alguém igual a você/E eu nunca sonhei que perderia alguém igual a você. (*Wicked Game. **Chris Isaak.** 1989)

[←109]

*Nota da autora: Foi preciso muito tempo para chegar até aqui/Foi preciso que uma garota corajosa tentas/Foram necessárias desculpas demais, mentiras demais/Não fique surpreso, não fique surpreso. (Brand New Me. **Alicia Keys.** 2012).*

[←110]

*Nota da autora: Quando olho nos seus olhos/Posso ver um amor reprimido/Mas, querida, quando eu te abraço/Você sabia que eu sinto o mesmo? (*November Rain. **Guns N' Roses.** 1991)

[←111]

Nota da autora: Você nunca vai estar sozinha/De agora em diante/Mesmo que você pense em desistir
*Eu não vou deixá-la cair. (Never Gonna Be Alone. **Nickelback.** 2008)*

[←112]

*Nota da autora: Vamos recomeçar/Vamos dar asas ao amor/Vamos recomeçar/Parar de brigar pela mesma coisa/Vamos recomeçar. (*Start Over. **Beyoncé.** 2011)

[←113]

Nota da autora: Sinto como se/Você fosse meu/Parece que é certo/Tão bem/Sou sua/Você é meu
*Como o paraíso. (*Paradise. **Sade.** 1988)

[←114]

*Nota da autora: É a minha vida, é agora ou nunca/Eu não vou viver para sempre/Eu só quero viver enquanto eu estou vivo. (*It's My Life. **Bon Jovi.** 2000)

[←115]

Nota da autora: Pedaço por pedaço, eu caí longe da árvore/Eu nunca vou deixá-la como você me deixou/E ela nunca terá que questionar seu valor/Porque diferente de você, eu a colocarei em primeiro lugar. (Piece by Piece. **Kelly Clarkson.** 2015)

[←116]

Nota da autora: Bem, eu encontrei um homem/Mais forte que qualquer um que eu conheça/Ele compartilha meus sonhos/Eu espero que um dia compartilhemos um lar. (Perfect. **Ed Sheeran feat Beyoncé.** 2017)

[←117]

Nota da autora: Eu encontrei um amor para mim/Querida, apenas entre de cabeça e me siga/Bem, eu encontrei uma garota, linda e doce/Oh, eu nunca soube que era você quem estava esperando por mim. (Perfect. **Ed Sheeran feat Beyoncé.** 2017)